

BEM TRAÇADAS LINHAS

A história do Brasil em cartas pessoais



Meu caro Trifido

Entao me escreva sobre a Revolucao
e aqui nos poderes de 2 ou 3
nos mais de 2 ou 3
Certo com a terra e a energia
a mais no sentido
a Revolucao





BEM TRAÇADAS LINHAS

A história do Brasil em cartas pessoais

RENATO LEMOS



Copyright © 2004 by Renato Lemos

Direitos de edição para a língua portuguesa no Brasil reservados à Bom Texto Editora e Produtora de Arte Ltda.

Av. das Américas, 500 – bloco 23 – sala 302 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22640-100

Tel./fax: (21) 2176-0606 / 2494-6658

e-mail: bomtexto@bomtextoeditora.com.br

<http://www.bomtextoeditora.com.br>

Proibida a reprodução total ou parcial.

Coordenação editorial:

Patricia Mafra

Pesquisadores:

Demian Bezerra de Melo

Eduardo Lima

Felipe Demier

Patricia Mafra

Capa e projeto gráfico:

Fernanda Abranches

Revisão:

Tereza da Rocha

Sandra Freitas

Ana Lúcia Gusmão Machado

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

B392

Bem traçadas linhas : a história do Brasil em cartas pessoais/
Renato Lemos (org.). – Rio de Janeiro : Bom Texto, 2004
480p; 16 x 23 cm

ISBN 85-

1. Brasil – História. 2. Brasil – História – Fontes. 3. Correspondência
brasileira. I. Lemos, Renato, 1951-.

CDD 981
CDU 94(81)

Sumário

Introdução	7
1ª Geração: nascida até 1840	23
2ª Geração: nascida entre 1840 e 1870	121
3ª Geração: nascida entre 1870 e 1900	255
4ª Geração: nascida entre 1900 e 1930	337
5ª Geração: nascida a partir de 1930	403

Introdução

“Eu vos escrevo estas mal traçadas, que vos levam um carinhoso abraço de toda a família.”¹

Um dos dicionários da língua portuguesa mais consultados no Brasil apresenta 45 expressões em que o vocábulo “carta” está presente.² Tal presença, que certamente é ainda muito mais generalizada do que os lexicógrafos conseguem captar, incorpora tanto referências nobres – “Carta magna”, “Carta régia” etc. – como prosaicas – “carta branca”, “carta aberta” etc. Nada mais trivial do que a carta pessoal, veículo de comunicação individual e restrito, que não é redigida para o conhecimento geral ou publicação. Por ela, comenta-se, informa-se, explica-se, interpreta-se, elogia-se, ofende-se, apresenta-se, cobra-se, enfim, conjuga-se a infinidade de verbos que exprimem a riqueza contida no amplo arco que vai da trivialidade à nobreza da vida.

Perscrutar cartas alheias constitui, a um só tempo, *voyeurismo* e curiosidade intelectual, mas é, antes de tudo, ato que resulta de um poderoso fascínio exercido também por “outros papéis pessoais, desde os mais estritamente privados, os diários e os cadernos de notas, até os que se destinam à publicação, como memória e autobiografia”.³ O mercado editorial, repleto de coletâneas de cartas pessoais de escritores, políticos, cientistas etc., atesta a procura por esse tipo de registro íntimo: “Não

¹ Érico Veríssimo para Clarice Lispector, 9 de dezembro de 1958. In: LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Organização de Teresa Monteiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 238.

² *Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI*. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lexikon Informática, novembro de 1999.

³ CARDOSO, Marília Rothier. “Carta de leitor. Reflexões a partir de uma seção do arquivo de Pedro Nava”, In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella (orgs.). *Presado senhor, presada senhora*. Estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, p. 333.

resta dúvida de que a atitude tão caracteristicamente vitoriana do *voyeur* ainda tem lugar na cena contemporânea, pois, se a psicanálise vai desfazendo a ilusão da profundidade interior, enquanto a mídia simula o desnudamento dos corpos e das almas, permanece insistente o desejo de desvendar o segredo do outro.”⁴

Entretanto, esse quadro pode estar sofrendo uma significativa inflexão, resultante da concorrência entre os meios de comunicação. Um bibliófilo colecionador de cartas constata, revoltado, que a carta foi imbatível como meio de comunicação:

(...) Até o momento de ser inventado o que eu considero seu principal adversário – O TELEFONE! É realmente lamentável a quantidade de textos de grande interesse que certamente se perderam desde essa infernal invenção (infernal, mas um mal necessário), pois as conversas telefônicas, efêmeras por definição, não registraram informações ou pensamentos cuja leitura poderia ter sido uma fonte preciosa de conhecimento.⁵

8

O ritmo das transformações recentes que atingem o uso de cartas é de fato alucinante. Durante muito tempo, a substituição da carta por outros meios de comunicação foi explicada por fatores quase invariáveis desde as últimas décadas do século XIX. Ainda há pouco mais de vinte anos, os vilões da história eram o telegrama e a “conversa telefônica”.⁶ Agora, há “adversário” mais moderno e bem equipado, que combina, a partir da informática, a experiência dos correios e do telefone, mas também da comunicação via satélite: o e-mail, ou correio eletrônico, “que, ao que tudo indica, fará cair em desuso a carta...”.⁷ O movimento da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (EBCT) já traduz a tendência. Em Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense,

⁴ *Idem, ibidem.*

⁵ MINDLIN, José. “Cartas, para que vos quero?”, *In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádía Battella (orgs.). Op. cit., p. 35.* Maiúsculas no original.

⁶ MONTELLO, Josué. “O espelho das cartas”, *In: FREIRE, Gilberto. Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro.* Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1978, pp. 7-8.

⁷ GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádía Battella. “Apresentação”, *In: ____ e ____ (orgs.). Op. cit., p. 10.*

a estatística das correspondências pessoais é sintomática. Na década de 1980, cerca de 70% das cartas ligavam amigos e parentes. A proporção, 12 anos depois, é de 25%, com as cartas comerciais ocupando o espaço das pessoais.⁸ O casamento das telecomunicações com a informática parece estar tornando a carta escrita à mão uma forma de comunicação inadequada às necessidades impostas pelos novos tempos: “A concorrência da internet e das ligações telefônicas, agora mais baratas, que permitem a comunicação em tempo real, está criando uma nova geração que cresceu na era digital e, por incrível que pareça, jamais fez uso dos Correios.”⁹

A carta, no entanto, tem resistido como meio de comunicação pessoal. Os primeiros tempos telefônicos,¹⁰ talvez pela força da tradição epistolar, talvez pela lentidão com que a nova tecnologia se desenvolveu em nossas terras, não impediram que se fizesse uma expressiva troca de cartas. Até tempos bem recentes, a precariedade dos serviços prestados pelas concessionárias do setor telefônico levava os brasileiros a apelar para as cartas. Tudo isso gerou uma grande massa de correspondências pessoais.

Para o interessado em cartas pessoais, existe um outro problema: o acesso a elas no mercado editorial. É suposta a existência de um acervo de cartas tão volumoso quanto rico em arquivos pessoais, que estão sob a guarda de particulares ou de instituições públicas. Tal universo é, porém, terreno para pesquisadores profissionais, que sabem localizá-lo, entender caligrafias quase indecifráveis etc. O levantamento em livrarias e bibliotecas parece indicar uma tendência declinante na edição de coletâneas de cartas particulares. Do grupo tratado neste livro como primeira geração de missivistas até o contemporâneo, terá havido uma diminuição do trabalho editorial ou da própria produção de cartas.

É preciso considerar que as editoras são apenas a ponta final do circuito de acesso a cartas pessoais. Na base está o procedimento de preservação do material por remetentes, destinatários ou terceiros. Alguém que publicou cartas que contam sua biografia acusou os

⁸ MUNIZ, Keliâne. “As cartas resistem”, *Vivafavela de Duque de Caxias*, 23 de abril de 2002.

⁹ *Idem, ibidem.*

¹⁰ MINDLIN, José. *Op. cit.*, p. 38.



coleccionadores de imprevidentes, de não se preocuparem com as cartas da juventude – “as cartas de amor, sim; não as de simples afeto.”¹¹ No entanto, as próprias cartas por ele conservadas sugerem que remetente e destinatário podem atuar em sentidos opostos, limitando a preservação da correspondência antes mesmo que o colecionador possa intervir: enquanto um conservava as cartas que recebia, o que lhe permitiu publicar vários volumes, seu correspondente o informava em um P.S.: “Sempre rasgo suas cartas.”¹²

Portanto, o hábito de guardar cartas recebidas e cópias das enviadas também condiciona o circuito editorial. Clarice Lispector “preservou sua correspondência pessoal em detrimento dos originais dos romances e contos...”¹³ Aquilo que eventualmente descartou não se saberá jamais. Do seu próprio critério de seleção, o autor mencionado mais acima comentou:

Notar-se-á o fato de só dar-se à publicidade a carta de amigos. Em geral, a não ser algum desprezível anônimo, ninguém recebe outras. A diferença única é a de nem sempre serem verdadeiros amigos os autores das cartas que recebemos. Estes, porém, comigo, podem ficar tranquilos: não lhes publicarei as cartas que me dirigiram em várias épocas, embora as conserve em meu arquivo.¹⁴

A questão muda de figura quando quem decide a publicação não é o remetente nem o destinatário, mas um terceiro na posição de editor. Roland Barthes, Franz Kafka e Walter Benjamin são alguns dos escritores que, contra a sua vontade expressa, tiveram diários íntimos publicados postumamente por “amigos-guardiões”: “Editores/traidores ou interlocutores privilegiados? Leitores capazes de perceber o verdadeiro e mal disfarçado desejo dos amigos, incapazes, por razão facilmente

¹¹ JACEGUAI, Almirante Artur. *De aspirante a almirante, 1858 a 1902*. Rio de Janeiro, Tipografia Leuzinger, 1910, t. 3, p. 137.

¹² Francisco Alvim ao Barão de Jaceguai (Artur Silveira da Mota) em 16 de junho de 1868. In: JACEGUAI, Almirante Artur. *Op. cit.*, t. 3, p. 439.

¹³ MONTERO, Teresa, “Nota prévia”. In: LISPECTOR, Clarice. *Op. cit.*, p. 12.

¹⁴ JACEGUAI, Almirante Artur. *Op. cit.*, t. 2, p. 378.

percebível, de realizar eles próprios o gesto que recomendam aos outros”, opina uma crítica literária.¹⁵

Enfrenta-se, dessa maneira, a antinomia privado-público que a publicação de cartas de caráter pessoal pode sugerir. De uma perspectiva que reconheça a natureza social do indivíduo, trata-se de um falso problema: a produção particular transcende em significação e interesse o universo do autor, respeitados princípios éticos estabelecidos pela própria sociedade em seu tempo. Combatendo a tese de que publicar cartas particulares sem a autorização dos autores seria um ato abusivo, alguém que o fez se defendeu:

(...) não me conformo com a doutrina de que as peças de correspondência particular são sempre propriedade de quem as escreveu. Seria o sistema mais cômodo para os levianos e irrefletidos, mas não tem apoio na moral. Esta impõe meditação e lealdade a todo aquele que confia seus pensamentos ou sentimentos a uma folha de papel, cujos trâmites futuros a ninguém é dado prever.¹⁶

11

Subjacente a esta discussão está o sentido das cartas para as pessoas. Um homem é o que são as suas cartas, sentenciou Alceu Amoroso Lima.¹⁷ O que se expressa na extrema valorização da carta manuscrita: “P.S. – Peço-lhe desculpas se esta vai a máquina: ligeiro incômodo de um dos dedos não me permite escrever a mão.”¹⁸ E por serem mesmo muito pessoais, assemelham-se às vezes a diários, como as trocadas entre o imperador D. Pedro II e a condessa de Barral ou as da poetisa Ana Cristina

¹⁵ RESENDE, Beatriz. “Ah, eu quero receber cartas”. In: _____. *Apontamentos de crítica cultural*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002, pp. 117-118.

¹⁶ JACEGUAL, Almirante Artur. *Op. cit.*, t. 1, p. XI.

¹⁷ Carta a Jackson de Figueiredo, 4 de fevereiro de 1928, In: LIMA, Alceu Amoroso e FIGUEIREDO, Jackson de. *Correspondência. Harmonia dos contrastes (1919-1928)*. Organização geral de João Etienne Filho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1991, t. 1, p. 320.

¹⁸ Epitácio Pessoa a Aarão Reis, 16 de abril de 1925, In: PESSOA, Epitácio. *Miscelânea*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965, p. 84.

César, que tinha consciência disso: “Preciso acabar com essa mania de transformar carta em diário íntimo, pesado, minucioso.”¹⁹

Do ponto de vista estético, as cartas íntimas são escritas que se valorizam “ao marcar, mais do que em outros textos, a peculiaridade da escritura do artista e o reconhecimento dos espaços de circulação pretendidos – espaço privado ou espaço público – como espaços igualmente possíveis à criação literária”.²⁰ Mas, também, pelo que indicam, para além do diretamente expresso, “por subentendidos, omissões e vazios significativos”.²¹ Porque sua marca é o máximo de sinceridade – “um imaginário de segundo grau”²² – possível em “uma conversa a dois, sem testemunha presente”.²³ Dizia uma correspondente à madame de Sévigné: “Suas cartas são conversas; eu falo e você responde.”²⁴ Para Alceu de Amoroso Lima, a correspondência era “a mais agradável das conversas, a única conversa mesmo que me agrada (...)”.²⁵ Conversa que reflete o ritmo íntimo do autor: “Esta é a quarta carta que inicio para responder a sua. A primeira eu deixei no Brasil, só trouxe a primeira página, que vai junto. A segunda eu rasguei. A terceira eu não acabei, vai junto também.”²⁶

¹⁹ CÉSAR, Ana Cristina. *Correspondência incompleta*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 1999, p. 116, citado em RESENDE, Beatriz, “Ah, eu quero receber cartas.”, In: _____. *Op. cit.*, p. 101.

²⁰ RESENDE, Beatriz, *Op. cit.*, p. 109.

²¹ RABELO, Sílvio, “Introdução”. In: Freire, Gilberto. *Op. cit.*, p. 20.

²² BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Lisboa, Edições 70, 1987, p. 304, citado em RESENDE, Beatriz. “Ah, eu quero receber cartas”, *Op. cit.*, p. 116. Observa, ainda, a autora: “Torna-se, também, mais evidente que sinceridade e insinceridade são conceitos complexos quando falamos de arte e artistas, jamais ingênuos, sempre comprometidos com a questão da representação, afastados, por ofício mesmo, de compromissos com *sinceridade*”. *Op. cit.*, p. 94. Grifo da autora.

²³ RABELO, Sílvio, “Introdução”, In: FREIRE, Gilberto. *Op. cit.*, p. 19.

²⁴ Citado por AMARAL, Glória Carneiro do. “Sévigné em ação: sévignações”, em GALVÃO, Walnice Nogueira Galvão e GOTLIB, Nádia Battella (orgs.). *Op. cit.*, p. 22.

²⁵ Carta para Alcântara Machado. In: BARBOSA, Francisco de Assis. *Intelectuais na encruzilhada: correspondência de Alceu Amoroso Lima e Antônio de Alcântara Machado (1927-1933)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001, p. 104.

²⁶ Fernando Sabino para Clarice Lispector, 10 de junho de 1946. In: SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração: dois jovens escritores unidos ante o mistério da criação*. Fernando Sabino, Clarice Lispector. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 82.

A “carta-conversa” está tomada pelos temas da vida, de que pode ser fator e registro simultaneamente. Trazendo a notícia da morte de uma pessoa querida, por exemplo, é para Raimundo Correia “um poemeto de dor”.²⁷ Enviadas ou recebidas por um prisioneiro no cárcere, “se rendem forçosamente ao seu sentido primeiro: o de abolir distâncias”.²⁸ Há conversas que parecem não ter fim e, então, as cartas não esgotam sua missão quando lidas pelo destinatário. O remetente as quer ao alcance da mão, por razões não explicitadas – “Devolva a carta, porque não tenho cópia”²⁹ – ou por uma possibilidade de desdobramento futuro – “como lhe remeto em original, sem rascunho, peço-lhe me envie uma cópia. É trabalho feito, que, em caso de necessidade, me poupará novo esforço”.³⁰ O próprio autor pode ter consciência disso, tomando a iniciativa de retê-las: “Guarde as cartas que lhe mando para me devolvê-las quando eu voltar a Milão.”³¹ Qualquer que seja o tema da prosa, é certo que a carta causa impacto no destinatário, podendo mesmo desnordeá-lo: “Sua última carta foi tão interessante que me emudeceu. Deixei-a aqui diante de meus olhos, na mesa do escritório, onde até hoje se encontra para responder com demora e cuidado.”³²

Tanta intensidade não elimina, contudo, reservas. O *postscriptum* é o lugar por excelência dos pedidos de reserva, total ou parcial: “P.S.: Peço a você que não dê publicidade a esta carta. Não foi escrita para esse fim, senão para manifestar-lhe particularmente a impressão que

²⁷ Carta a João Batista da Mota Azevedo Correia, 8 de fevereiro de 1897. In: VAL, Waldir Ribeiro do. *Vida e Obra de Raimundo Corrêa* (correspondência). Rio de Janeiro: Cátedra/Instituto Nacional do Livro, 2ª ed., 1980, p. 230.

²⁸ MORAES, Eliane Robert de. “A cifra e o corpo: as cartas de prisão do marquês de Sade”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella (orgs.). *Op. cit.*, p. 55.

²⁹ Oneida Alvarenga a Mário de Andrade. In: ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade—Oneida Alvarenga: cartas*. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 87.

³⁰ Rui Barbosa a Afonso Pena, maio de 1907. In: BARBOSA, Rui. *Cartas políticas e literárias*. Bahia: Livraria Catilina de Romualdo dos Santos, 1919, p. 85.

³¹ Carlos Gomes a Eugênio Tornaghi, 30 de setembro de 1878. In: GOMES, Antônio Carlos. *Correspondências italianas*. Organizado por Gaspare Nello Vetro. Rio de Janeiro: Cátedra/Instituto Nacional do Livro/Fundação Nacional Pró-Memória, 1982.

³² Aleeu Amoroso Lima para Antônio de Alcântara Machado, 5 de janeiro de 1931. In: BARBOSA, Francisco de Assis. *Op. cit.*, p. 104.

me causou o seu belo artigo (...).”³³Já Rui Barbosa produziu uma carta de acesso restrito, mas não muito, iniciada com a expressão “Reservada” e fechada com um P.S. onde ele diz: “Podes mostrar esta carta ao conselheiro L. Viana.”³⁴ A exceção e a regra da reserva atestam deferência e amizade. Em resposta a um amigo em dificuldade, o barão de Mauá não economizou expressões de apreço:

A reservadíssima carta de V. Ex.^a me patenteou o quanto V. Ex.^a tem sofrido e me comove *profundamente*. Diante de prova tão simples de fina amizade que confia ao *amigo* tudo que há de mais íntimo e reservado, faltam-me expressões para significar a V. Ex.^a tudo quanto eu sinto a seu respeito.³⁵

Fina amizade que satisfaz tanto aos amigos que a carta se torna o prenúncio do perpetuamento da relação afetiva: “Recebi a tua carta com o meu pequenino Sólon ao colo e ao lê-la acudiu-me ao espírito a idealização de uma amizade futura entre ele e o teu, amizade tão sólida que pudesse recordar a velha amizade dos pais.”³⁶ Ainda assim, é preciso cuidar para que a amizade não seja abalada por mal-entendidos epistolares, como a demora em responder: “Todos os meus amigos sabem que em matéria de cartas sou sempre o homem da – última hora, – e dos adiamentos. É defeito de que nunca me pude corrigir inteiramente.”³⁷ Ou o silêncio que decorre da dificuldade em iniciar a carta: “Nem sei como começar esta carta... Deves ter acreditado que eu me tenha

³³ Raimundo Correia a Alfredo Pujol, 14 de setembro de 1888. In: VAL, Waldir Ribeiro do. *Vida e Obra de Raimundo Corrêa* (correspondência). *Op. cit.*, p. 218.

³⁴ Carta a Carlos Viana Bandeira, 18 de março de 1897, em BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui (1876 a 1923)*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1960, p. 203.

³⁵ In: BESOUCHET, Lidia. *Correspondência política de Mauá no Rio da Prata (1850-1885)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943, p. 148. Grifos no original.

³⁶ Euclides da Cunha para Porchat, 23 de maio de 1893. In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GALLOTTI, Oswaldo (orgs.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 49.

³⁷ Barão do Rio Branco para Rui Barbosa, 28 de dezembro de 1889. In: LACOMBE, Américo Jacobina. *Rio Branco e Rui Barbosa: monografias*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1948, p.14.

esquecido dos amigos e etc. graças a este silêncio incompreensível que tenho mantido.”³⁸

É assim, de conversas registradas em papel, que se vai compondo a “autobiografia fragmentada” do autor, sem que ele disto se dê conta.³⁹ O estilo dessa autobiografia varia de acordo com outros estilos. Joaquim Nabuco e Machado de Assis escrevem cartas que exalam solenidade e cerimônia. São missivistas que não abandonam a condição oficial para escrever: “Em cartas íntimas se mostravam de sobrecasaca, jamais de pijamas e chinelos.”⁴⁰ Estilo que talvez tenha predominado na epistolografia brasileira até a década de 1920, para ser subvertido pela atitude modernista:

Antes, com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam “estilo epistolar”, oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeito a excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuetos sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura.⁴¹

Forma espiritual que sempre precisou defrontar problemas demasiadamente concretos. A começar por aqueles inerentes ao próprio serviço organizado para viabilizar a correspondência em um estágio superior ao do mensageiro ou moleque de recados. As limitações e os progressos do serviço de correios estabelecem as condições materiais para a troca de cartas, bem como perspectivas e expectativas dos correspondentes.

O desvio de correspondência, por exemplo, é tão freqüente que chega a gerar “tédio” em Machado de Assis. Ele reclama com o diretor

³⁸ Euclides da Cunha para Porehat, 7 de abril de 1893. In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GALLOTTI, Oswaldo (orgs.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. Op. cit., p. 44.

³⁹ MONTELLO, Josué. “O espelho das cartas”, In: FREIRE, Gilberto. Op. cit., p. 8.

⁴⁰ RABELO, Sílvio. “Introdução”, In: FREIRE, Gilberto. Op. cit., p. 20.

⁴¹ SOUSA, Eneida Maria de. “A dona ausente: Mário de Andrade e Henriqueta Lisboa”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella (orgs.). *Prezada senhor, prezada senhora*. Op. cit., p. 297.



dos Correios – com certeza, uma das instituições prestadoras de serviços públicos recordistas em reclamações –, que reconhece a “facilidade que há em desvios de cartas, apesar do cuidado”.⁴² Diante da escassez de cartas do correspondente, Magalhães de Azeredo afirma estar convicto de que ele lhe terá escrito, mas terá sido “vítima das negligências e perversidades do correio, como todos somos não raro”.⁴³

Também a lentidão e o atraso na entrega das cartas amofinam os que se escrevem: “E para aumentar a minha tortura, temos um correio que é pior que égua velha.”⁴⁴ Mudam as imagens de comparação, mas a queixa é a mesma: “Recebi há pouco tua carta do dia 8, o que prova que os correios estão cada dia mais parecidos com trem da Central.”⁴⁵ Igualmente identificados, na cultura popular carioca, com lentidão e atraso.

Os problemas se agravam com a contribuição dos meios de transporte: “Confesso, não há dúvida, que não esperava carta tua tão depressa; mas é preciso dizer-lhe que os mensageiros atrasam muita vez as mensagens. (...) Assim que toda a sua solicitude encontrou os obstáculos naturais dos correios e vapores.”⁴⁶ Compreensão e boa vontade ajudam a isentar de culpa o correspondente, mas não eliminam o mal-estar: “Zangado, zangado não estava, pelo seu silêncio; mas impaciente, sim, aborrecido, e, segundo o costume (aliás bem justificado as mais das vezes) ia lançando todas as culpas ao correio da nossa terra. Vinham vapores e mais vapores – e da sua carta nada!”⁴⁷ Anos mais tarde, em

⁴² Machado de Assis a Lúcio de Mendonça, 3 de março de 1905. In: _____. *Correspondência*. Coligida e anotada por Fernando Nery. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937, pp. 346-347.

⁴³ Carlos Magalhães de Azeredo para Machado de Assis, 17 de janeiro de 1893. In: VIRGÍLIO, Carmelo. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1969, p. 20.

⁴⁴ Iberê Camargo para Mário Carneiro, 7 de dezembro de 1953. In: CAMARGO, Iberê e CARNEIRO, Mário. *Correspondência*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Centro de Arte Hélio Oiticica/RioArte, 1999, p. 88.

⁴⁵ Mário Carneiro para Iberê Camargo, 23 de novembro de 1953, In: CAMARGO, Iberê e CARNEIRO, Mário. *Op. cit.*, p. 85.

⁴⁶ Machado de Assis a Magalhães de Azeredo, 2 de fevereiro de 1895, In: _____. *Memórias póstumas de Machado de Assis*. 2ª ed. Coligidas e ordenadas por Josué Montello. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 551.

⁴⁷ Magalhães de Azeredo para Machado de Assis, 23 de dezembro de 1895. In: VIRGÍLIO, Carmelo. *Op. cit.*, p.69.

um meio de transporte bem mais avançado residiria a esperança de Luís Carlos Prestes, preso, comunicar-se com sua mãe: “te escrevera pelo avião”.⁴⁸

No entanto, meio de transporte algum serve para ultrapassar um obstáculo criado exatamente para controlar as expansões pessoais – a censura. Prática autoritária de exercício de poder, a censura é adotada sem distinção de regime político. Durante o governo de Floriano Peixoto (1891-1894), constitucional porém autoritário, o escritor Euclides da Cunha manifesta a um amigo a insegurança que sente em relação ao sigilo da correspondência: “Eu não quero confiar à descrição oficial do correio o meu modo de pensar e por isto interrompo uma longuíssima série de amargas considerações que me acodem agora.”⁴⁹ Ex-presidente da República (1918-1922), Epitácio Pessoa, em plena “democracia oligárquica”, se queixa da censura das correspondências como uma forma de pressão do governo sobre a oposição na disputa eleitoral que resultaria na Revolução de 1930.⁵⁰

Por necessidade prática ou subjetiva de comunicação, gosto pelo ato de escrever ou por qualquer outro motivo, as cartas pessoais ocupam um lugar especial na vida em sociedade. São nomeadas de tantas maneiras quantos são os correspondentes: “duas linhas”,⁵¹ “estas linhas”,⁵² “estas linhas de amizade”...⁵³ E lhes sugerem imagens que dão conta da riqueza que veiculam: “Recebi a tua carta e o teu retrato,

⁴⁸ Luís Carlos Prestes a Leocádia Prestes. In: PRESTES, Anita Leocádia e PRESTES, Lygia (apresentação, seleção e notas). *Anos tormentosos. Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2002, v. 1, p. 46.

⁴⁹ Carta para Porchat, 25 de outubro de 1892, In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GALLOTTI, Oswaldo (orgs.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. Op. cit., p. 42.

⁵⁰ Carta a João Pessoa, 22 de setembro de 1929. In: PESSOA, Epitácio. *João Pessoa - Aliança Liberal – Princesa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

⁵¹ Aureliano Tavares Bastos a José Antônio Saraiva, 20 de novembro de 1860. In: BASTOS, A. C. Tavares. *Correspondência e catálogo de documentos da coleção da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: 1977, p. 19.

⁵² Luiz Carlos Prestes a Leocádia Prestes. In: PRESTES, Anita Leocádia e PRESTES, Lygia. Op. cit., v. 1, p. 100.

⁵³ Rodolfo Dantas a Rui Barbosa, 21 de maio de 1885. In: LACOMBE, Américo Jacobina (org.). *Correspondência do Conselheiro Manuel P. de Souza Dantas*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1962, p. 53.

o que quer dizer que te recebi todo em corpo e alma.” (Machado de Assis);⁵⁴ “Tive imenso prazer com a sua carta de fevereiro, e porque ela me trouxe outra cartinha, à maneira de uma cheirosa parasita arruinada a um tronco: agradeço mil vezes.” (Araújo Porto Alegre);⁵⁵ “Recebi (...) suas duas cartas, a pequena mensagem amiga, o fogo rasteiro que realmente nos incendiou em saudades de você (...)” (Fernando Sabino);⁵⁶ “Ela foi escrita na esperança (...) de que pudesse chegar às tuas mãos no dia do teu aniversário ou pouco antes; foi o meu presente (...)” (Luís Carlos Prestes);⁵⁷ “Creio que somente um namorado romântico aguarda com igual ansiedade uma carta como eu aguardo as tuas.” (Iberê Camargó).⁵⁸

Como fonte, as cartas interessam pelo que contêm de indicativo sobre a pessoa, na posição de remetente ou de destinatário, e suas circunstâncias. Em relação a estas, há pessoas que desfrutam de perspectiva privilegiada, em decorrência de atributos particulares, por estarem no lugar certo na hora certa etc. O mercado editorial de cartas, depoimentos, biografias e autobiografias indica que segmentos da nossa sociedade têm demonstrado interesse nessas individualidades, embora as considerando privilegiadas segundo um conceito demasiadamente subordinado a manipulações de mercado: dotes físicos, esperteza oportunista, volúpia competitiva etc. Mesmo assim, sempre resta algum espaço para o elogio da criatividade, inteligência, sensibilidade, argúcia, enfim, propriedades daquilo que o filósofo espanhol Ortega y Gasset definiu como “sensibilidade vital”.⁵⁹ É por reconhecer que tais qualidades estão presentes em parcela significativa das correspondências publicadas entre nós que este livro propõe uma aproximação do processo histórico

⁵⁴ Carta a Salvador de Mendonça, 24 de dezembro de 1875. ASSIS, Machado de. *Correspondência*. *Op. cit.*, p. 353.

⁵⁵ PORTO ALEGRE, Manuel de Araújo. *Correspondência com Paulo Barbosa da Silva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 79.

⁵⁶ Carta a Clarice Lispector, 17 de setembro de 1946. In: LISPECTOR, Clarice. *Op. cit.*, p. 100.

⁵⁷ Carta a Leocádia Prestes. In: PRESTES, Anita Leocádia e PRESTES, Lygia. *Op. cit.*, v. I, p. 44.

⁵⁸ Carta a Mário Carneiro, 7 de dezembro de 1953, In: CAMARGO, Iberê. CARNEIRO, Mário. *Op. cit.*, p. 88.

⁵⁹ *El tema de nuestro tiempo*. Madrid: Alianza Editorial, 1987, p. 77.

brasileiro por meio de cartas pessoais, de nacionais e estrangeiros, em que surgem momentos, temas, personagens que sintetizam linhas fundamentais da nossa formação social.

Reunir material expressivo de como pessoas “especiais” se colocam diante da história é uma forma de oferecer ao leitor elementos que podem significar novas informações, bem como instrumentos de comparação do seu modo de ver e viver com o de outras gerações. Para Ortega y Gasset, cada geração tem um tema proposto por seu tempo. Sua geração tinha como tema e missão “elaborar um enérgico ensaio para ordenar o mundo do ponto de vista de vida”.⁶⁰

As cartas são apresentadas neste livro em ordem cronológica, conforme a data em que foram escritas a partir dos últimos anos da década de 1840. Nessa época, o Brasil se preparava para viver amplas e profundas transformações, como a proibição do tráfico internacional de escravos, em 1850.

Para sugerir ao leitor uma forma de contrastar as informações contidas nas cartas, os autores são agrupados em gerações, com base no critério usual que as identifica com períodos de trinta anos. Assim, em cada século temos três gerações interagindo. É uma classificação arbitrária, como de resto qualquer outra, mas a organização do material dessa forma permite, de um lado, a visualização dos contatos entre gerações contemporâneas, e, de outro, que se percebam os temas e/ou a missão de cada uma, como sugere o depoimento do escritor Alcântara Machado:

Nossa geração ainda não se definiu. É de revoltados do gênero dos que protestam na rua: não pode. É depois da República a primeira que protesta. Não se definiu portanto no sentido da realização. Mas é muito já (com relação à pobreza intelectual das outras) sendo realista. A realizadora virá em seguida. (...) Em matéria de conhecimento exato do Brasil que houve antes de nós? Nós é que para marcar a geração atual devemos iniciar o contato direto e anti-romântico com o problema brasileiro.⁶¹

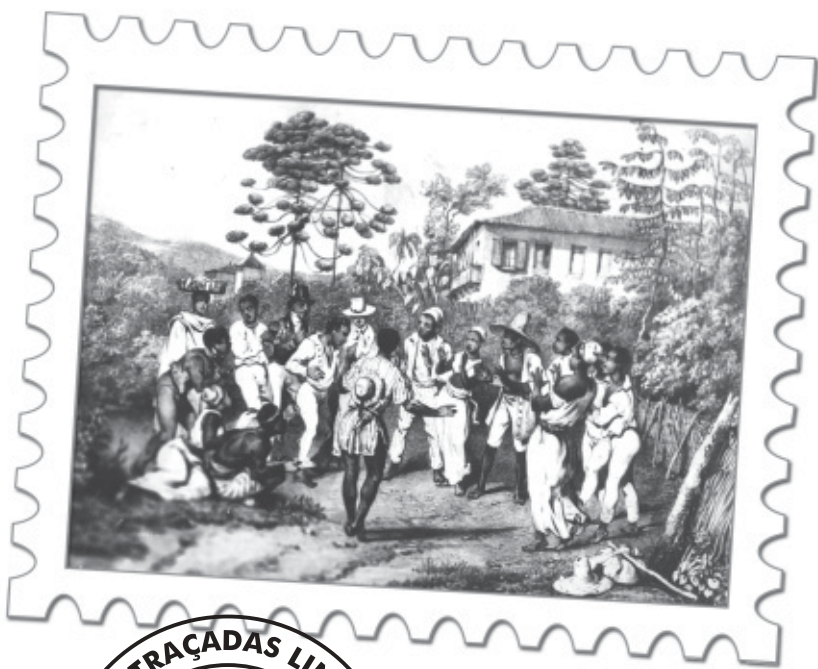
⁶⁰ *Idem*, p. 119. Tradução minha.

⁶¹ Carta a Alceu Amoroso Lima, *In*: BARBOSA, Francisco de Assis. *Op. cit.*, p. 102. Sobre a idéia de que cada geração tem uma “missão histórica”, ver Ortega y Gasset, *Op. cit.*, p. 82.



As informações factuais e onomásticas não são objeto de notas explicativas. São tantas e tão variadas que deixariam o texto desequilibrado. O afã explicativo poderia fazer com este conjunto de cartas o que acontece com correspondências como as de Mário de Andrade, “tão repletas de notas de edição que quase nos fazem esquecer as belezuras que por lá passeiam”.⁶² Ademais, não há, aqui, a pretensão de que o leitor, ao menos em um primeiro momento, tome as cartas em sua função de fontes a serem contextualizadas e criticadas interna e externamente, como procederia um pesquisador profissional. Pretende-se, isto sim, que as cartas sejam fatores desencadeantes de interesse em prosseguir a leitura, pesquisar em algum outro nível materiais ligados às pessoas e informações presentes. As notas ficaram, portanto, restritas a esta introdução. Elas remetem às referências editoriais dos aspectos das cartas destacados. O leitor que desejar pode, contudo, ignorá-las sem prejuízo da fruição do texto.

⁶² RESENDE, Beatriz. “Ah, eu quero receber cartas.”, *In*: _____. *Op. cit.*, p. 95.



1ª Geração: nascida até 1840

Esta geração de correspondentes representa uma vivência que cobre todo o século XIX e a passagem para o XX – o primeiro nasceu em 1799; o último morreu em 1912. Trata-se de um período crucial para a conformação do mundo contemporâneo. Tanto que o historiador Eric Hobsbawm prefere datar o seu fim em 1914, início da Primeira Guerra Mundial.

Da invenção do estetoscópio, em 1816, à do hidroavião, em 1911, os integrantes desta geração assistem ao surgimento de novidades como a fotografia, a teoria da seleção natural, o socialismo, o telefone, a psicanálise, a máquina de escrever elétrica e o avião. Vertiginoso desenvolvimento técnico-científico vivido como garantia de grandes mudanças rumo ao progresso.

Os brasileiros acompanham o ritmo mundial de uma forma que combina a recepção das inovações com a administração de elementos radicados na condição colonial rompida em 1822: escravidão, economia dependente de capitais e mercados externos, estrutura política conservadora etc. Por outro lado, é com base nessa organização que começam, a partir da década de 1850, a cumprir uma agenda de reformas modernizadoras que têm forte impacto sobre a vida dos indivíduos.

Pode-se considerar como marco desse processo a extinção do tráfico internacional de escravos (1850), cujas energias econômicas passam a dinamizar outros setores da economia nacional – ferrovias, casas bancárias, atividades manufatureiras etc. É poderoso o efeito irradiador dessa reorientação econômica na vida urbana: crescimento das cidades, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, e dos problemas das populações residentes – saúde, habitação etc.

Enquanto novas idéias – materialismo, socialismo, anarquismo, positivismo, evolucionismo, cientificismo etc. – chegam para ilustrar e revigorar o repertório de artistas, escritores, políticos, filósofos, técnicos

e cientistas, o país vive, no período, duas experiências bélicas radicais: a Guerra do Paraguai (1865-1870) e a Guerra de Canudos (1893-1897). Na base da sociedade, correntes migratórias externas modificam lentamente a composição da população brasileira, contribuindo para a substituição do trabalho escravo pelo livre e para o surgimento de um movimento operário cuja liderança é disputada por anarquistas e socialistas.

Constituindo rupturas nas instituições fundamentais do Estado, o fim da escravidão e a implantação da república estabelecem as novas condições de vida no Brasil: um território em que uma parcela francamente minoritária da população exerce direitos garantidos por uma legislação “liberal” enquanto outra, majoritária, vive em posição subalterna, alijada dos apregoados benefícios do regime. A cidade do Rio de Janeiro, capital federal, é a síntese da partição da sociedade. O crescimento urbano-industrial multiplica o contingente dos excluídos, enquanto os donos do poder a reformam para espelhar uma condição modelada nos centros europeus. A ilusão do progresso conecta o país aos fluxos mundiais. Arguto observador da cidade, Machado de Assis fecha este bloco de cartas manifestando estranhamento diante de mudanças que o fazem sentir-se estrangeiro em sua própria terra.

(De Odorico Mendes¹ para Antônio de Araújo Ferreira Jacobina)

Paris, 25 de novembro de 1860.

Amigo e senhor Jacobina,

A sua de 23 do passado contém coisas para mim tão interessantes, que passo a responder miudamente. Posto que mais folgara de que o lugar de guarda-mor fosse antes para Alfredo que para o meu Reinaldo, não posso deixar de agradecer o despacho e a boa vontade do Sinimbu e do Ferras: inclusas achará cartas para um e outro; peço-lhe que as leia e as remeta ao seu destino. Como lhe falei no meu Alfredo, quero pô-lo ao alcance do seu caráter, a fim de que o avaliem devidamente. Alfredo é um moço honrado e brioso que nunca me deu desgostos. Destinei-o para o comércio; mas os companheiros de estudo, como outras pessoas que escuso nomear, começaram a chamá-lo *calicot*, apodo que em Paris costumam lançar aos caixeiros. O rapaz com isto se desgostou, e foi daqui indisposto contra a vida comercial; de sorte que fez a asneira de deixar bruscamente a casa do Mauá, crendo poder-se de outra maneira empregar no Rio de Janeiro. Se ele tivesse ficado no Rio e mesmo em Montevideu, é provável que se habituasse; mas vendo-se num país longínquo fora de amigos e parentes, sucumbiu à tentação de voltar para o Rio, onde tem parentes e talvez cria ter amigos. Não aprovo o passo que deu; mas torno a asseverar que ele tem brio e bons sentimentos. Se fosse ainda possível passar-se para ele o lugar de Reinaldo, eu seria mais contente; tanto mais que, falando o inglês é mais próprio para guarda-mor do que o irmão. Vamos à Senatoria. Preparar mais dois filhos, pagá-lhes a passagem; ter casado minha filha e ter-lhe dado o pequeno fruto das minhas economias aqui em Paris: tudo isto fez que eu ficasse empenhado em uns cinco mil francos, dívida que vou diminuindo todos os quartéis. Poderei sair de Paris sem me desempenhar? E quando mesmo o fizesse, pondo a honra e a vergonha de parte, onde iria eu achar dinheiro para ir já para o

25

¹ Manuel Odorico Mendes (1799-1864) – poeta, tradutor e jornalista maranhense.

Maranhão? Eu não podia fazer, a não ter ao menos uns cinco mil francos, para comprar roupa e pagar as viagens minha e de minha irmã, daqui para Pernambuco e de Pernambuco para o Maranhão; e dizendo eu cinco mil francos, faço a coisa pelo menos possível. Chegado ao Maranhão, depois de gastar o que não tenho, e de me endividar ainda mais, faziam-se as eleições e ficava logrado. A expectativa não é das melhores. Ouça mais: nunca pedi um voto para as quatro legislaturas em que fui deputado e agora que estou velho, julgo indigno do meu constante caráter o ir mendigar sufrágios ao meu país natal, onde sofri mil vilipêndios e donde quase que fui constringido a emigrar para o Rio de Janeiro, país em que tive melhores amigos e tenho ainda alguns. Se os maranhenses me quisessem, bem ocasiões têm tido de o mostrar; mas eu nunca lhes hei de suplicar que me elejam: demais, eles têm lá pessoas de muito maior merecimento. Assim, meu amigo, pagas as minhas dívidas, irei a Lisboa, e de lá para o Maranhão; irei, não pedir votos, mas alguns palmos de terra da pátria para cobrir os meus ossos. Perguntar-me-á porque desejo ir para Lisboa: respondo que por ser muito mais barato que Paris, e por que lá pretendo imprimir a minha tradução da *Ilíada*, que em dois anos cuido que será concluída; e, se a ambição de ser senador se apossar de mim, ficarei sem o ser e sem acabar a minha *Ilíada*, a qual espero que faça honra a mim e à nossa literatura, se não me ilude o amor-próprio. Vamos agora ao conde de Áquila. A notícia que deu ao público de que o queriam para rei das hoje repúblicas do Sul, foi uma baforada de gabolice. Recordo-me de que no tempo em que estive no Brasil, onde fez péssima figura, correu o boato de que os emigrados de Buenos Aires ou de Montevideú (disto não estou bem certo) queriam empenhá-lo na sua causa, prometendo-lhe mundos e fundos, e alguns dos nossos homens, com raiva da Joana, o embalaram com esta idéia. Ora, bem vê que isto não é só contar com o ovo na galinha, porém sim nos testículos do galo. A este oferecimento asno feito por pessoas incompetentes e por emigrados, é que o nosso conde de Áquila chama enfaticamente oferta de uma coroa. Fique certo de que tópico tal do quase manifesto não passa de uma asneira. Se refletir no que ele diz no tal manifesto verá que é um homem inconsiderado. Pode um democrata, pode um liberal, sem espanto de ninguém, desejar fora o rei de Nápoles e pugnar pela reunião da Itália, mas não concebo como é

que um príncipe, tio do rei, dá à luz um escrito, onde acusa o mau governo do seu sobrinho, conformando as queixas e argüições públicas. O seu escrito desagrada a todos, aos unitários e aos amigos do rei, e aqui em França o atacaram os jornais legitimistas. Luís Napoleão nem mandou um seu cocheiro saber dele e nesse desprezo foi envolvida a nossa princesa, o que muito me tem doído. Agora anda aparecendo onde quer que vá o imperador dos franceses, que dele não faz o menor caso. Que voltas dá este mundo! A filha dos Afonsos, dos Césares da Alemanha, dos Bourbons, da Casa de Sabóia e de todas as grandes casas reais, não tem aqui as honras que despense Luís Napoleão com qualquer principote que por aqui se apresenta! Ele comprou um palácio e está residindo em Paris, quando lhe era mais decente morar, ou onde lhe fizessem as honras do seu grau, ou onde se sumisse e não se prestasse a uma comparação humilhante. Mas basta do conde de Áquila.

Tornando ao meu Alfredo, peço-lhe que o mande chamar e que o anime; continuo a asseverar que é honrado e moço com quem se pode contar em casos de honra e nos perigos, por ser de uma coragem decidida. É porém desleixado, quando um motivo não o põe em efervescência. Ficou com medo de aparecer ao compadre, e fugiu para evitar uma repreensão: isto não me espanta, porque está no seu caráter. Dê saudades à comadre e ao compadre a quem agradeço, como verá da carta ao Sinimbu. Diga-me, que fim levou seu pai?

27

Amigo e criado

Manuel Odorico Mendes

P.S.:

Diga ao compadre que a 2 de dezembro, se eu não estiver doente, pretendo ver a nossa princesa; e então lhe direi que o compadre lhe agradece o ter se lembrado dele, quando me falou a primeira vez.

Não repare na falta de ordem em que vai esta carta: foi escrita *currente calamo*.²

² MENDES, Manuel Odorico. *Cartas de Manuel Odorico Mendes*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1989, pp. 76-79.



(De Édouard Manet³ para sua mãe)

Do porto do Rio de Janeiro.

Querida mamãe,

Contei-te na minha última carta que tínhamos chegado ao Rio de Janeiro. A baía, como disse, é encantadora. Tivemos, enfim, condições de apreciá-la devidamente, pois pudemos desembarcar no domingo seguinte. O tempo de espera pareceu-nos bastante longo, sobretudo porque o comandante, os oficiais e o passageiro – de quem me tornei amigo íntimo – desembarcavam a todo instante, aguçando ainda mais o nosso desejo de colocar os pés em terra firme. Todos enviaram suas cartas de recomendação; enviei aquela que me deu Reboul. No domingo após a missa, missa que havia sido proferida a bordo, desembarquei em companhia do senhor Jules Lacarrière, um rapaz da minha idade. Ele conduziu-me à residência de sua mãe, uma modista da rua do Ouvidor, que possui uma pequena casa de campo, bem brasileira, a cinco minutos da cidade. Almocei e jantei em companhia de sua família, que é formada pelo filho mais velho, por um rapazote e por uma filha de 13 anos. Fui recebido por todos de braços abertos. Melhor, impossível!

Após o almoço, eu e meu novo amigo saímos para percorrer a cidade, que é de tamanho considerável, mas conta com ruas muito estreitas. Para um europeu com o mínimo de senso artístico, o Rio de Janeiro tem um aspecto bastante peculiar. Pelas ruas vêem-se somente negros e negras, pois os brasileiros saem pouco, e as brasileiras, menos ainda. As mulheres podem ser vistas somente quando vão à missa ou depois do jantar, ao entardecer, quando aparecem nas suas janelas. Nessas ocasiões, é possível olhá-las sem nenhum impedimento. Durante o dia, ao contrário, se por acaso alguma delas é avistada na janela e percebe que está sendo observada, imediatamente se retira.

³ Édouard Manet (1832-1883) – pintor francês.

Neste país, todos os negros são escravos e têm um aspecto embrutecido. O poder que os brancos exercem sobre eles é extraordinário. Tive a oportunidade de visitar um mercado de escravos: espetáculo bastante revoltante para nós. Os negros vestem, em geral, uma calça e, por vezes, uma blusa curta de pano grosseiro, não lhes sendo permitido, dada a sua condição de escravos, o uso de sapatos. As negras andam nuas da cintura para cima, portando algumas vezes um lenço atado ao pescoço, que cai sobre o peito. Em geral são feias, ainda que tenha visto algumas bem bonitas. A maioria se arruma com muito gosto: umas usam turbantes, outras arranjam os cabelos crespos com muita arte e todas vestem umas saias decoradas com enormes folhos.

As brasileiras são, em geral, muito bonitas. Seus olhos e cabelos são magnificamente negros. Todas penteiam-se à chinesa, saem às ruas descobertas e, tal como nas colônias espanholas, vestem-se com uma roupa muito leve, que não estamos acostumados a ver. As mulheres aqui nunca saem sós, mas sempre acompanhadas de suas negras ou de seus filhos, já que se casam com 14 anos ou menos. Visitei várias igrejas. Nenhuma delas é comparável às nossas: são cobertas de dourado e totalmente iluminadas, mas sem qualquer gosto. Há, na cidade, diversos conventos, entre os quais um convento italiano, onde os religiosos usam capuz e uma longa barba. Nesta cidade, utiliza-se somente papel-moeda ou moedas de cobre, e tudo é terrivelmente caro.

As brasileiras do Rio fazem-se transportar em palanquins, mas há também carros e ônibus puxados por mulas, que aqui fazem as vezes dos cavalos. Ia me esquecendo de comentar que o palácio do imperador é um verdadeiro casebre, bastante mesquinho. De resto, o governante quase não ocupa esse prédio, preferindo antes residir num castelo de nome São Cristóvão, situado a pouca distância da cidade.

A milícia local chega a ser cômica; os brasileiros contam também com uma guarda nacional. A lei do recrutamento forçado existe neste país e atualmente está em vigor, pois houve tumultos na Bahia e tropas estão continuamente sendo enviadas para lá.

Gostaria que escrevesse uma carta muito amável à senhora que me hospeda, agradecendo-lhe pela maneira como me recebeu. Todos os domingos a família me leva para passear. Não te



rales com a sua condição de modista. Trata-se de uma pessoa de primeira linha, e seu filho, um rapaz encantador, é aluno da Pension Jouffroy e, asseguro-te, mais bem-educado do que muitos jovens do nosso meio. Confesso que, no meu primeiro domingo em terra, me pareceu esquisito ficar hospedado numa loja, mas agora já estou acostumado. Caso vejas o Reboul, agradece-lhe em meu nome e dize-lhe que levarei, ao retornar, uma carta de seu amigo.

Ainda não ouvi falar do senhor Pinto, mas já tenho o seu endereço. É português e irei visitá-lo um dia desses. Se, por acaso, me enviases uma carta aos cuidados desse senhor – creio que papai tenciona fazê-lo –, toma o cuidado de colocar o seguinte: Manuel Ferreira Pinto, 39, rua Direita, porque todos os portugueses desta cidade atendem pelo nome de Pinto.

Enfrentamos, atualmente, chuvas medonhas, chuvas que caem quatro, cinco dias ininterruptamente; e não há nada mais aborrecido do que chuva a bordo. Não encontramos um único professor de desenho no Rio de Janeiro, e o comandante pediu que eu me encarregasse de ministrar as lições aos meus camaradas. Eis-me, pois, erigido em professor de desenho. Devo dizer que, no decorrer da travessia, conquistei uma boa reputação, a ponto de todos os oficiais e professores me pedirem que lhes fizesse as caricaturas. Até mesmo o comandante me pediu que fizesse a sua como lembrança de boas-festas. Felizmente, saí-me bem e contentei a todos.

Todas as quintas-feiras, temos saído às quatro horas da manhã e embarcado em direção à margem da baía oposta à cidade, onde realizamos excursões pelo campo, tomamos banho, almoçamos e jantamos. Levamos conosco um cozinheiro, um despenseiro e todo tipo de provisões. Os passeios são encantadores, desfrutamos da mais bela natureza que se pode imaginar e temos à mão tantas frutas quanto desejamos. Diariamente, uma chalupa de terra vem a bordo carregada de bananas, laranjas, ananases etc; e tudo a excelentes preços.

O carnaval do Rio tem características muito especiais. No domingo gordo, durante todo o dia, passei pela cidade. Às três horas da tarde, todas as mulheres brasileiras saem ou às janelas ou aos balcões de suas casas e atiram, em todos os homens que passam pela rua, umas bolas de cera coloridas, a que dão o nome de

limões. Em várias ruas por onde passei, seguindo o costume do país, fui atacado. Trazia os meus bolsos cheios desses limões e respondi da melhor maneira possível aos assaltos, o que é muito apreciado. Tal brincadeira dura até as seis horas da tarde, quando tudo volta à perfeita ordem. Começa, então, um baile de máscaras, copiado dos nossos bailes da Ópera; baile onde somente os franceses se destacam.

Fizemos, na terça-feira gorda, um passeio delicioso. Fomos conduzidos numa longa excursão pela região que tenho apreciado cada vez mais. Infelizmente, há no lugar uma enorme quantidade de cobras e, ao caminhar pelo mato, é necessário estar constantemente em alerta. Pude, nessa ocasião, ver lindos beija-flores.

No sábado, dia 24, recebi tua carta, querida mamãe. Fiquei bastante contente, pois há muito não tinha notícias tuas. Acabo de passar três dias no campo, em companhia de três solteirões e de três camaradas. Fomos à caça pelos verdes bosques daqui etc.

Adeus, querida mamãe. Encerro esta carta, pois vai partir um pacote inglês. Abraço-te ternamente, assim como a papai, a meus irmãos, a vovó, a Jules etc. Manda lembranças minhas a titia, a Edmond e a Marie.

Teu filho respeitoso.

*Édouard Manet*⁴

⁴ MANET, Édouard. *Viagem ao Rio: cartas da juventude, 1848-1849*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, pp. 72-88.



(De Édouard Manet para Jules)

Do porto do Rio de Janeiro, segunda-feira, 26 de fevereiro.

Meu querido primo Jules,

Tua carta trouxe-me muita alegria; eu estava mesmo aguardando-a. Penso, como tu, que quem está longe dos seus aprecia muito essas pequenas demonstrações de apreço. Mas conseguirás decifrar os meus rabiscos, as minhas impressões. Confesso que, nos primeiros tempos, tudo me pareceu muito difícil e cheguei a pensar que as dificuldades ocasionadas pelo mau tempo e pela doença tinham definitivamente me incompatibilizado com a vida de marinheiro. Disse a mim mesmo mais de uma vez: *que diabo estou fazendo nesta galera?* Os dias ruins, porém, ficaram para trás e hoje somos todos marinheiros aguerridos. O Rio de Janeiro fez-nos esquecer os pequenos aborrecimentos, a brutalidade com que habitualmente éramos tratados e as reiteradas explosões de cólera de um comandante déspota.

Passando, caro amigo, ao Rio de Janeiro, mais não farei do que repetir o que já contei a mamãe. A cidade, ainda que feia, tem, aos olhos de um artista, um caráter particular. Cerca de três quartos da população são compostos por negros e mestiços, os quais são muito feios, salvo exceções encontradas entre as negras e as mulatas. As mulatas, a bem da verdade, são quase todas bonitas.

No Rio, todos os negros são escravos e o trato é aí vigoroso. Quanto aos brasileiros, são preguiçosos e parecem não ter muita energia. No tocante às brasileiras, são muito distintas e não merecem a reputação de levianas que têm na França. Ninguém pode ser mais recatada e mais tola do que uma brasileira. São mulheres que quase não saem às ruas e com as quais só é possível flertar livremente às cinco horas da tarde, quando se metem todas à janela.

O carnaval decorre aqui de uma maneira bem engraçada. Fui, como todos, vítima e algoz. Por volta das três horas da tarde, as mulheres da cidade posicionam-se nas suas janelas e atiram *limões* – bolas de cera cheias de água – em todos os homens que passam pela rua. Os tais limões, quando atingem o seu alvo, partem-se e

deixam o indivíduo encharcado. É permitido aos homens revidarem. Eu, de minha parte, fiz pleno uso de tal direito. À noite, tem lugar um baile de máscaras à maneira parisiense.

Os arredores da cidade são incomparavelmente bonitos, nunca vi uma natureza tão bela. Ontem, em companhia de alguns solteirões, fiz um passeio por uma ilha situada no fundo da baía. Divertimo-nos deveras. A casa em que nos hospedamos por três dias é encantadora e tipicamente *crioula*. Excursionamos por uma floresta virgem. É uma experiência interessante, exceto pelas cobras, que tornam o passeio menos prazeroso.

Procurei dois correspondentes, um dos quais, recentemente. Ambos receberam-me muitíssimo bem. Vão acabar me estragando!

Agora que já conheço o Rio a fundo, anseio ardentemente retornar à França e, o mais cedo possível, reencontrar os meus. Talvez visitemos ainda a Bahia ou um outro porto qualquer da costa.

Por que esta mudança de residência? Isso me surpreende. Os teus receios de perder o emprego são reais? E o que me dizes, como *grande conhecedor de política*, da nomeação de Luís Napoleão? Espero que não o nomeiem imperador, seria demasiado cômico.

E o pobre Eugéne, que anda meio desanimado! Que rapaz esquisito, chego mesmo a surpreender-me com ele. Logo este ano, quando ele tinha tudo tão bem organizado! Creio que o início do estudo das matemáticas pareceu-lhe demasiado árduo e entediante. Gustave, pelo que parece, tornou-se aplicado.

Gostaria de continuar a conversa, mas estão nos apressando, pois as cartas serão levadas por um pacote inglês que parte às três horas. Fomos avisados da partida em cima da hora.

Adeus, querido primo. Manda lembranças minhas a nossos amigos, especialmente a Jules Munich. Quando o vires, mandalhe também lembranças da parte do jovem Crémieux, um de meus amigos.

Teu amigo dedicado

Édouard Manet⁵

⁵ *Idem*, pp. 89-95.



(De Édouard Manet para Eugène)

Na baía do Rio de Janeiro, a bordo do *Havre et Guadeloupe*, em 11 de março de 1849.

Meu querido irmão Eugène,

Aproveito a partida de um navio com destino ao Havre para escrever-te umas poucas linhas. Sei que uma carta minha te causará tanta alegria quanto uma carta tua causaria a mim. Estamos quase no fim da nossa campanha. Deixaremos o Rio de Janeiro no dia 10 de abril, levando conosco oito passageiros e doze novos alunos brasileiros. Asseguro-te de que ficarei muito feliz quando vir o porto de Havre novamente, ainda que já tenha me acostumado de tal modo com a vida no mar que estou com a sensação de sempre ter vivido num navio. A carreira marítima agrada-me muito, malgrado os numerosos inconvenientes. Por sorte dos alunos, a aprendizagem exigiu muito de todos, pois, a partir do terceiro dia de navegação, tivemos um tempo horrível até Tenerife, tempestades etc., e executamos em dois meses uma travessia que normalmente leva quarenta dias.

E veja bem, estou mais enfastiado no Rio de Janeiro do que estava no mar. É duro ver a terra diante de si e só poder nela desembarcar às quintas-feiras e aos domingos. Até o momento em que te escrevo esta carta, já lá vão duas semanas que não deixo o navio. Durante um passeio que fiz pelo campo, com algumas pessoas da cidade, fui picado por um réptil qualquer e meu pé ficou horrivelmente inchado. Passei por um verdadeiro martírio, mas agora estou melhor. Quanto a este belo país da América, prefiro nem comentar, pois, não obstante sua bela natureza, chove continuamente, por vezes chuvas prolongadas que duram quatro, cinco dias. Em poucas palavras, não estou encantado com a minha estada neste porto. Fui atormentado, brutalizado e, mais de uma vez já pensei em *dar uma guinada* – pergunta a Paul o que isso significa.

Há muitos franceses no Rio de Janeiro, o que não torna muito difícil se fazer entender. Quanto aos portugueses e brasileiros, são gente mole, lenta e, creio, pouco hospitaleira. Pela rua só se

vêm negros escravos, que constituem mais de três quartos da população da cidade.

Não espero me matricular este ano. Fica-se mais atrapalhado a bordo de um navio do que em terra, e essa medida estúpida que tomaram torna a entrada na escola quase *inabordável*.

Pelo que me conta mamãe na sua carta, as matemáticas causaram-te um certo desgosto. Não desanimes! Os começos são difíceis para todos. Encarrego-te de mandar lembranças minhas aos amigos do Colégio Rollin e de lhes dar por mim bons apertos de mão.

Espero, no meu retorno, encontrar Edmond no St. Cyrien. O primo querido trabalhou duro? Teve ele, neste inverno, todos os prazeres que esperava? O pai deu-lhe permissão para ir ao baile da Ópera? Pensei nele durante os dias de carnaval. Nosso carnaval, a propósito, não foi muito divertido. Tu leste na carta de mamãe acerca do estranho costume local de lançar bolas cheias de água. Eis, pois, como transcorrem os três dias.

Fala-se muito de nós na cidade. Apareceu, recentemente, num jornal local, um artigo sobre o navio-escola francês, no qual muitos elogios foram feitos aos alunos e professores.

Tornamo-nos hábeis nas manobras a bordo. Ferramos as velas, se não melhor, ao menos tão bem quanto os navios de guerra ancorados próximos a nós, pelo que temos recebido cumprimentos.

Jules escreveu-me, como deves saber, e contou-me que vai deixar a rua Guénégaud. Ele não parecia estar bem lá? Espero, a despeito de Luís Napoleão, encontrá-lo, ao retornar, *substituto*.

Há, atualmente, no Rio de Janeiro uma grande agitação. Foram descobertas minas consideráveis na Califórnia, uma região nova. Todos os navios se dirigem para lá. Uma garrafa de cerveja é aí vendida a 150 francos, e o resto segue a mesma escala de valores. As tripulações dos navios e até mesmo os seus capitães desertam para ir rumo ao interior, procurar ouro. É inacreditável! As coisas necessárias ao dia-a-dia são vendidas a preços exorbitantes, tamanha a quantidade desse metal. É uma ocasião única para se fazer fortuna.

Fui recentemente ao teatro português. Nada pode ser mais enfadonho e imbecil. Assisti a um espetáculo de dança sobre a corda bamba muito mal executado. É costume pagar ao sair, mas,



infelizmente, não é possível deixar de pagar quando o espetáculo não agrada.

Quando fores à casa de senhora Baudoin, manda lembranças minhas a ela e muitas recomendações ao grandalhão do Jules e, caso o encontres por lá, ao Le Hellaco.

Espero levar-te um macaco que me prometeram. Todas as vezes que vou caminhar em algum bosque ou floresta virgem, penso em papai e ponho-me a procurar paus para bengala. Já arranjei algumas madeiras razoáveis.

Caso, durante as aulas, encontres meu amigo Caqué, manda lembranças minhas.

Adeus, meu querido Eugène, abraça por mim a mamãe, a papai, a vovó e a Gustave. Recomendações a Jules, a Paul, a Edmond, a titia e a Marie.

Teu irmão dedicado

Èdouard Manet

P.S.:

Terça-feira, devem celebrar, na cidade, o nascimento da imperatriz do Brasil. Prometem-nos grandes festejos.⁶

(De Álvares de Azevedo⁷ para sua mãe)

São Paulo, 7 de julho de 1849.

Minha cara mãe,

Dona Brígida pediu-me para fazer-lhe a encomenda de uma *pelerine* (creio que assim se chamam esses casacões de senhora

⁶ *Idem*, pp. 95-102.

⁷ Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852) – poeta paulista.

que se enfiam sobre o vestido) de lã de malha, de cor escura (inclui ela nas cores escuras azul, verde etc.) tudo entregue *ad libitum* do seu bom gosto.

Quanto a mim quero lhe fazer duas encomendas também – um exemplar da *Democracie en France* de Guizot e do *Raphael* de Lamartine – que aí nos jornais se anunciarão um a 200 réis e o outro a 800.

Na carta a papai contei que fui no dia de são Pedro jantar em casa da marquesa de Santos (onde está morando o conde de Iguassu) por ocasião dos anos do *nobre conde*.

Quanto a outros divertimentos – *nichts* – só andar pelas ruas dando topadas nas pedras – coisa em que nada se ganha à exceção de calos e roturas nos sapatos. – Reduzido a ficar em casa, por não ter sequer aonde ir, e não achar prazer em andar correndo ruas, acho-me na maior insipidez possível ansioso de deixar essa vida tediosa do mal ladrilhado São Paulo.

Muitas lembranças à Nhanhan.

Tem-me dado agora a mania para tirar retratos. Aqui tenho uma pasta cheia deles, mais ou menos caricaturizados. – Como a boa justiça começa por casa e no outro dia com dois espelhos alcancei tirar este que os meninos aqui deram logo por meu – aí vai.

Adeus minha cara mãe. Dê a todos muitas lembranças. – Muitos abraços a meus manos e irmãs e muitas saudades a todas as pessoas que lá pelo Rio ainda se lembram de

Seu filho do coração

*Manuel Azevedo*⁸

⁸ AZEVEDO, Álvares de. *Cartas de Álvares de Azevedo*. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1976, p. 114.



(De Araújo Porto Alegre⁹ para Francisca de Paula Barbosa)

Rio, 6 de julho de 1850.

Minha Ex.^{ma} e boa comadre,

Ao chegar a esta desgraçada cidade recebi a sua muito longa e preciosa carta, que agradeço cordialmente, pois foi lida duas vezes por mim, e uma por minha mulher: parece-me que esta grande revolução será favorável ao senhor Paulo, e lhe dará maior número de anos de vida. A vinda dele só produzirá efeito aqui no dia em que desembarcar e dois dias depois: habitamos o fundo do rio Letes, e não no Rio de Janeiro.

O casamento do nosso bom Riberioff fez alguma impressão pela riqueza da noiva, e por mais nada: não temos o menor sentimento de elevação, nem apreciamos qualidade alguma que não seja material e corporeamente sentida, mormente nesta época, governada por tudo o que há de mais curto e imprevidente.

Fui passar 15 dias de verão no Tinguá, com toda a minha família, e lá ficamos cinco meses: – todos doentes, e o pobre Paulo, que teve 11 ataques de febre intermitente, sofreu muito: adoeceram mais de quarenta pessoas na sadia fazenda de São Pedro, e à roda dela houve mortes continuadas. A cidade, como já saberá, perdeu para mais de 8 mil pessoas livres, e calcula-se a mais de 5 mil a perda total do Império.

Estamos muito abatidos, e muito desmoralizados: somos a última plana das nações. Ah! Meu Deus, que cinismo, que deplorável sistema de encarar as coisas, e que gente que não olha um palmo, e não vê o dia de amanhã.

Estimo a vinda dos meus amigos porque o senhor Paulo é amigo do Brasil, é homem do futuro, e há de fazer grande bem ao imperador, que é uma menina inexperiente, entre mulheres

⁹ Manuel de Araújo Porto Alegre (1806-1879) – pintor, escritor e caricaturista gaúcho.

devassas, ou um moço rico jogando as cartas com o Paca, José Manuel Ferreira e Câmara.

Não tenho visto ninguém, nem mesmo o general Gusmão, cuja esposa, *melancólica e tristonha*, parecia tolerar-me em sua casa.

O senhor Werna Magalhães fez uma rutura áulica comigo por causa de Mr. Taunay, mas eu não fiz caso, pois quanto o estimo, quanto desprezo aquele homem vil, cujo mérito único é ter entrada particular nos salões internos do Paço, e aí gozar de toda a privança imaginária. Ainda não estou cortesão, e parece-me mesmo que lhe vou perdendo as esperanças: acho-me com negação para o ofício: tenho o coração *bourgeois*, e com raízes profundas: – *En amour, j’aime la canaille*.

Ninguém se há de divertir mais do que eu, com a chegada do senhor Paulo: sinto que tenham morrido o Macaé e o Sequeira Velho, porque desejaria vê-los *abraçar* o senhor Paulo, e admirar o seu grande talento cômico: – ainda temos por cá alguns.

O Paço vai indo com suas ventanias internas: ultimamente tomou um laxante, e lançou para fora a Senhorinha, que era o sargentão da Companhia Belmonte, em guerra com a cidade de Maceió, que se retirou e está em plena paz, gozando de uma vida isenta de ciúmes baixos. O senhor Velho, vice-mordomo, vai sofrendo suas desfeitas, do... e também por sua parte fazendo o que pode para alcançar a bem-aventurança: fez-me duas picardias, bem jesuíticas, que em breve me pagará.

Estou com dupla família, pois perdi meu sogro: espero que Deus me ajudará a auxiliar esta pobre gente.

O grande e incomparável *ator* Finfim acaba de ter um filho; e para coroar a sua estupidez, disse na Secretaria: Não sei, agora, onde minha mulher foi buscar aquele filho; ao que lhe respondeu o filho do Andrada: Se o senhor não sabe, menos eu; e logo acrescentou o Laços: – Se o caso é assim o senhor Moncorvo será sempre o último a sabê-lo. Como não estarão graciosos o grande sapador de barbas e voz grossa, com o seu filhinho no colo a trazer mimos; e o marido o pífano de suas finíssimas carícias?!

A sogra do meu amigo Magalhães foi para Roma! O seu instituto religioso e católico para lá a levou onde em larga escala poderá santificar-se, e beijar o barrete cardinalesco.



Aí lhe remeto os cinco números do nosso jornal literário: é bom refrescar a mente com coisas da pátria, que, por muito descuidada que seja, é sempre a pátria. O doutor Araújo lhos mandará e se se perderem cá temos mais.

Não recebo notícias do senhor Odorico, que por aqui corre que vai casar com sua sobrinha viúva: não sei até que ponto de veracidade vai esta notícia.

Aceite, minha boa comadre e senhora, os meus profundos sentimentos pelos seus incômodos, que sei avaliar, pois cá tenho um hospital em casa; e receba as nossas saudades e as nossas esperanças.

De V. Ex.^a

Compadre e amigo gratíssimo

*Manuel de Araújo Porto Alegre*¹⁰

(De Araújo Porto Alegre para Paulo Barbosa)

Rio, 6 de julho de 1850.

Compadre amigo e senhor,

Tem se passado algum tempo, inclusive os cinco meses que estive fora da cidade, que lhe não escrevi; e desejaria antes receber uma boa reprimenda da sua mão do que ver-me privado de sua afetuosa carta pelo triste e doloroso motivo que teve. Nós por aqui vamos vivendo como Deus é servido, e furando pelo meio deste vaivém, e tripúdio dos amáveis saltimbancos, que dançam agora com um desembaraço extraordinário, e mais extraordinário des-caramento. Estamos à espera que o governo mude a bandeira

¹⁰ PORTO ALEGRE, Araújo. *Correspondência com Paulo Barbosa da Silva*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1995, pp. 50-53.

nacional, que segundo dizem é de um novo padrão na ordem dos pendões, e passa a fazer uma revolução no mundo: é um pano-da-costa, com uma carapuça vermelha em cima da haste: há de ser bonita, e é poética, pois simboliza verdadeiramente a época atual.

As nossas Câmaras estão como a famosa *introuvable* de Luís XVIII, pois até o Azambuja é um dos seus maiores e mais brilhantes oradores, não se falando no altíssimo Pereira da Silva cujos discursos acadêmicos, não têm o ranço do óleo de lâmpada, como diria Cícero, mas sim o almíscar da amável e gloriosa catinga africana. Tudo vai às mil maravilhas e tudo vai num mar de rosas.

Mas coisa estupenda nesta época de torpor, e do mais bolorento indiferentismo! Crescem os poetas e os literatos, e coisas se preparam para em breve verem a luz da imprensa, que são obras de primeiro plano: dois poemas: um intitulado *Os timbiras*, por Gonçalves Dias, é obra que se equipara às de Ossian, pois há nela a mesma elevação, e aquela sublimidade patriarcal e guerreira do homem primitivo. O segundo, que é do doutor Macedo, cuja heroína se intitula *A Nebulosa*, é uma obra no gênero do Oberon, e de uma frescura, viço e mimo que encanta: há grande analogia na maneira de ver deste moço, e na sua delicada sensibilidade, com a de Chateaubriand: o Macedo é talvez o maior artista da época atual, e o que possui maior delicadeza de pincel.

Os elementos estão prontos, falta-lhe o – *Fiat* –! Algumas fábricas aqui vão indo; e uma que será muito útil é a que se está fazendo em Pelotas para *louça branca*: é empresa inglesa.

O Cunha que é seu amigo, se recomenda com sincera saudade, assim como o Pettrich, o Ruque D. Carajo, reitor, vice-reitor e toda a concomitante caterva.

Nada sei do Paço, nem mesmo de D. Gusmão del Microscópio; só sei que o D. Werna está frio um tanto comigo, por causa de umas verdades que disse a Mr. Taunay, sem saber das insolências que ele me dirigiu pela *Sentinela*. Bendito seja Deus com a nossa fidalguia, que é de respeitar pelos quatro costados. Senti, e sinto muito isto da parte do Werna, que é um homem estimável por muitos lados: a corda quebra pelo lado mais fraco: não tenho privança semanal, diária e horária. Espero que ele ainda volte, pois farei o que estiver no meu alcance para isso.



O particular dos teatros, Manuel Vicente, e Cordovil se lembram muito de V. Ex.^a e se recomendam sempre.

Tenho tomado minhas precauções, assim como todos na Secretaria dos Estrangeiros, para que o Finfim não nos veja as cartas, porque semelhante monstro é capaz de todas as torpezas, e há nele mui grandes suspeitas.

O senhor seu mano estava bom em março, pois recebi uma carta dele, e aqui o vi, em minha casa.

Na sua convalescença lembre-se do seu velho obrigado e amigo

*Porto Alegre*¹¹

(De Álvares de Azevedo para sua mãe)

Santos, 1º de novembro de 1850.

Minha mãe e senhora,

As razões por que não sigo na barca que daqui sai amanhã, vê-las-á a senhora na carta que escrevi a meu pai – o resultado de meu ato, e a confidência das minhas saudades, eis o objeto desta.

Até hoje, não sei se é graça de Deus, ou amor de minha mãe, que tudo é o mesmo, a felicidade me tem acompanhado. Parece que as dificuldades só se me apresentam, para que maior seja o prazer de tê-las vencidas. A banca de meu ano era terrível. De 30 estudantes, só 22 fizeram ato, e desses, só 19 saíram plenamente: um foi aprovado simplesmente, e os outros dois foram reprovados: todos os três com injustiça clamorosa. O doutor Manuel Dias, no dia de meu ponto, disse a alguém em confiança que eu me segurasse muito porque o doutor Furtado tinha dito que me punha seu R. Foi com esta notícia, à vista de duas reprovações injustas

¹¹ *Idem*, pp. 47-49.

da véspera, e vendo a debandada de meus colegas que fui fazer ato. Contudo como já lhe disse, fui feliz ainda uma vez e obtive-o plenamente.

Foi um dos reprovados de meu ano um sobrinho do conselheiro Honório, o que saiu simplesmente foi o filho de dona Maria da Conceição. No primeiro ano que começou há dias, saíram reprovados, o filho do José Maria Velho da Silva, que é decerto o rapaz que tem trazido melhores e mais numerosas cartas de recomendação, a um filho do Airosa da rua do Rosário: no quinto ano saiu um rapaz da Bahia reprovado com 3 RR.

Adeus minha querida mãe, espere-me pela barca de oito horas que no dia 9 lhe hei de dar um abraço muito apertado de seis meses de saudades – ouviu?... e lance desde já sobre

Seu filho do coração

*Manuel Antônio*¹²

43

(De Araújo Porto Alegre para sua comadre)

17 de dezembro de 1850.

Minha boa comadre e senhora,

Parece-me que a tempestade declina, pois há 54 dias que não sou acometido da minha terrível febre intermitente, que [por] sete meses não me quis largar. Deus queira que meu casco se remonte, e sobretudo o meu estado nervoso.

Muito estimo as melhoras reais do meu compadre, e muito lhe agradeço a história de toda a terrível enfermidade que sofreu: eis a frágil humanidade, eis a realização dos nossos belos sonhos e a coroa de nossas esperanças.

¹² AZEVEDO, Álvares de. *Op. cit.*, p. 173.



O Ribeiro há de sentir a perda de sua mãe, pois ele a amava, e ele foi um bom filho.

Por aqui correm tantas versões acerca do seu casamento, que o negócio está no domínio do ridículo: feia, velha, filha natural sem ser reconhecida, e com 6.000 francos de renda. Outros o pintam com ar de boiardo, e se cuidando um legítimo Riberioff; e alguns, dominado por profunda melancolia, à vista de uma velha, a quem deve por força amar e acariciar, sem compensação áurea, que tanto ilustre e prazer dá às almas que vivem nas aspirações aristocráticas, que Deus guarde por muitos anos.

Confesso-lhe, minha comadre, que se ela é como dizem, irmã da viscondessa de Olinda, eu só poderia amá-la ardentemente por meio de um telégrafo galvânico, ou lhe antepondo uma bela estátua, tivesse ela a fortuna de um lorde ou de alguns desses Boiardoffs de Moscou, que têm mais de 10 mil servos, e terras correspondentes: antes cadeia, do que ser galé, e preso a semelhante cepa.

O nosso atual mordomo está por teias de aranha e diz que dá um conto de réis a quem lhe der notícias que o senhor Paulo entrou pela barra e vai tomar conta da Mordomia. O filho dele, que é muito seu amigo, quis meter a chibata no Sodré, por causa do senhor Paulo, e o rapazinho o faria na loja do Masset, se não entrasse o pai, e se as pessoas que ali estavam o não contivessem.

O Fortuna vai fora da administração das obras, e não sei se com ele mais gente dela; sei-o de quem pode e porque me abri com ele, dizendo-lhe que mude tal administração, pois que não haverá dinheiro no mundo para acabar as obras pelo preço que custam.

Doutor Gusmão está mais humanizado, e ontem me honrou com sua visita, que irei pagar, e agradecer, pois eu o estimo apesar de suas pequenas tolices e fofices, que hão de passar com o tempo, e quando ele se convencer que os corredores do Paço não são mais grandes que o Brasil.

Atribuo estas mudanças a umas longas conferências de três e de quatro horas e meia na biblioteca, e mais que tudo às sessões do Instituto. Creio que aquele que se assenta em *tête-à-tête avec le souverain, dans son cabinet*, pode também ser saudado pela legião áulica, que recebe inspirações do céu, por meio de augustíssimo veículo.

Nada sei, porque ando retirado do mundo, e morando no fim da cidade nova; mas como me impus o dever de encher estas oito páginas, irá saindo o que houver.

A irmã de Vasconcelos está acabando a casa, que levanta no terreno do Senado: o irmão testou para cima de quinhentos contos e ordenou que se não gastesse mais de 200 mil réis com o enterro, o que fez enfurecer o Furta-Galinhas, e brigarem mana e Freitas com o Papeleta Inácio. Ninguém mais fala de Vasconcelos. Dizem que, concluída a casa, haverá casamento, e que este é com um doutor Feital: louvo a coragem do homem que esposar dona Dioguina.

O Jobim e João Antônio de Miranda estão de lanças enristadas, estes dois filhos do Espírito Santo brigam pela Senatória, não sei quem vencerá.

O Pettrich está ansioso pela sua volta, e com um belo busto de mármore pronto: vários ingratos que falaram mal do senhor Paulo, já dizem bem dele apenas se vai escutando o tempo do regresso.

Espera-se o Marques Lisboa aqui, e o Varnhagen de Madrid: *deux désappointements!*

45

A cidade não se ocupa com a guerra iminente com os Rosas; não se ocupa com as gentilezas dos ingleses nos nossos portos; é indiferente à repressão do tráfico: ao novo Tribunal do Comércio, e mesmo às ameaças da volta da febre amarela!!! Está ocupada com o Teatro de São Pedro, e com saber se a prima-dona vai ou fica; ou mesmo com quem vive neste momento, e quanto gasta em jantares.

Estou vendo touros de palanque: chovem as correspondências contra o Taunay: o homem criou as serpentes que o devem matar. Espero que o senhor Werna se humanize mais comigo, logo que veja declinar a sorte do muito alto e poderoso Taunay. Todos os jornais repetem o que eu disse no *Guanabara*.

Grande caso!

Porque o vice-reitor do Colégio de D. Pedro II tivesse a ousadia de dizer que não estava em estado de fazer bom exame um sobrinho do visconde de Abrantes, este grande fidalgo jurou dar com o colégio em terra, e perseguiu-lo de todas as maneiras. Depois de muitas indignidades, e de amedrontar os meninos com grandes



RR nos exames, pois na qualidade de comissário imperial nos exames também votava, assentou S. Ex.^a de proteger a dois professores e mudar o colégio para Petrópolis, fazendo ali outro e espantando os pais com as reprovações. Mandou aliciar a vários lentes e estes não quiseram, e não contente com isso foi aos criados do colégio, os quais fugiram, furtando cada um mais de dois urinóis e passando a morar em casa do nobre visconde à espera da abertura do novo colégio, que deve ser em janeiro. Os criados estão arrependidos, e dizem que morrem de fome; querem voltar ao Colégio de D. Pedro II, mas o reitor não quer. Que fidalgo, senador e conselheiro de Estado! *A melhor*. Este ano, em que ele se preparava para afugentar e reprovar mais gente, foi somente um dia ao colégio, e lá não voltou por quebrar a cara em uns andaimes, e ficar de cama todo o tempo dos exames. Cândido Batista o foi substituir. Que alegria no colégio: perguntaram os meninos uns aos outros: não quebrou a cara, não quebrou as pernas etc... etc... E os criados, e os urinóis? Para que se furtam estes últimos? Vergonha das vergonhas.

46

Basta: Cunhas, reitor, vice-reitor, Pettrich, Criado dos Teatros, criado do despacho, Pamplona e mais bicharia se recomendam saudosos.

O imortal Brito mora em palácio, e continua a dar funções, e pouco desejo terá do regresso, assim como Fortuna e Antônio Pedro.

Aceite as nossas saudades, assim como o senhor Paulo a quem desejo completo restabelecimento, e bom regresso. Creio que todos os seus incômodos se desvanecerão aqui, pois o cônsul da Suíça, em idêntica circunstância, ficou bom em três meses de Petrópolis.

Saudades e saudades
de V. Ex.^a
Amigo obrigadíssimo

*Manuel de Araújo Porto Alegre*¹³

¹³ PORTO ALEGRE, Araújo. *Op. cit.*, pp. 54-58. Intervenção da presente publicação.

(De Araújo Porto Alegre para sua comadre)

Rio, 12 de dezembro de 1851.

Minha boa comadre,

Por uma carta do Riberioff tive a certeza de que o senhor Paulo tem melhoras reais, assim como de que já escreve por próprio punho: estimo.

Causou grande sensação, e contra o ordinário da terra, a demissão do senhor Paulo; e tal foi o ruge-ruge, que os governistas andaram de porta em [porta] dizendo que ele a havia pedido!

Com esta linda ação começa a renascer-me a esperança de cá os ver talvez para o ano. Venham, venham, que a pátria também cura radicalmente; venham porque o imperador precisa de um amigo, venham porque o país pede um homem de vistas largas, e que avalie devidamente o tempo e o futuro.

Nesta vida retirada e longe do mundo, já apaguei a lanterna de Diógenes, porque não estou tão cego como dantes.

A mania da quadra ainda é dança e teatro: dançamos e representamos a ridícula paródia de uma nação, enquanto se engrandece e se acaba o hospital dos doidos que é o panteão do Brasil.

Previno a V. Ex.^a que se não fie em um Loureiro que aí está, que é um traidor de primeira ordem; e tenho razões para dizê-lo: é baixo, adulator, talentoso, mas falso como Judas.

Creia na afeição do
Seu velho admirador e obrigado

*Porto Alegre*¹⁴

¹⁴ *Idem*, pp. 68-69. Intervenção da publicação original.



(De Francisco Otaviano¹⁵ para Francisco Inácio Carvalho Moreira)

Rio de Janeiro, 13 de maio de 1852.

Meu caro Moreira,

Já tive dois dias de verdadeiro prazer, posto que de saudade, depois que daqui te partiste. Foram os dias em que recebi as tuas cartas da Bahia e Pernambuco: com os olhos arrasados em lágrimas, pensando em ti e nos teus, supus que te apertava ainda a mão e que te dava o embora da viagem. Deus te acompanhe, meu amigo; sê feliz, como mereces, como tens direito a ser, por tua bela alma, por teus talentos, por teu coração; e quando nos momentos do quebranto e da saudade volveres os olhos para os cantos que deixaste, para o país de que te foste, lembra-te que nesse canto e nesse país, bem longe sim, mas na terra da pátria, tens um verdadeiro amigo, uma lealdade que se não mareia com o tempo e com a distância, e que só não resistirá ao frio do cemitério.

Em má quadra te escrevo. Tenho-me deixado dominar há dias por um *spleen* que talvez se explique por um fato que referi hoje a dona Carlota na carta que lhe escrevi, mas que me parece, conexo com outras causas. Sinto-me cansado da jornada, sinto-me sem forças para ir além, e sem ânimo para as recobrar: não é exageração de romance, não é exaltamento poético dos 27 anos, não é uma frase literária para acompanhar o espírito do século; não. Desde menino embalavam-me com lisonjas e cresci com aspirações fora do comum: erradamente obtive nos colégios e nos primeiros círculos da vida uma nomeada e atenções que me pressagiavam um futuro sem limites. Esse erro e essas lisonjas não estragaram somente a inteligência; estragaram também o coração; moças fúteis, belezas sem animação e sem espírito, conquistas fáceis dos 18 anos, predispueram-me à idéia de que nada resistiria aos meus desejos, e de que muito feliz se reputaria a mulher que eu cortejasse. Veio depois a idade em que a inteligência pede

¹⁵ Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825-1889) – jornalista e poeta carioca.

provas positivas e materiais de que é apreciada; e em que o coração se entrega exclusiva, verdadeira e francamente ao culto de uma paixão. Onde as provas desse apreço? Onde o eco dessa paixão? Sem importância no mundo, atirado no vasto redemoinho das mediocridades inúteis, sem valor para com as mulheres, sem encontrar uma só que me entenda por defeito seguramente meu, tenho de amargar o desapontamento de tantas ilusões da infância, da puerícia e do alvorecer da mocidade; e de acostumar-me a uma vida, para a qual me deviam ter preparado e que entretanto me era totalmente desconhecida.

Talvez me engane, porém julgo que é muito tarde para essa aprendizagem. A mão da atualidade cai sobre mim tão brutalmente que acho pesada a ponto de esmagar-me. Viver assim, só é possível para os corações resignados; mas não para o meu que fraqueia na luta do sofrimento.

Mas deixemos a minha autobiografia e vamos ao que pode interessar. O Ministério modificou-se. Dizem que o Eusébio declarara terminantemente que não continuava. Foi chamado a São Cristóvão o Pimenta Bueno, que teve o bom senso de se escusar da organização de um novo Ministério, não tendo o organizador assento, nem alianças nas Câmaras. Foram então incumbidos dessa tarefa o Torres e o Paulino, como ministros que deviam contas de si. Às 11 horas da noite de 10 a crise terminou, ficando o Torres presidente do Conselho, o Paulino e o Felizardo nas duas pastas respectivas, o Gonçalves Martins no Império, o Sousa Ramos na Justiça e o Zacarias na Marinha. Ninguém contava com semelhante combinação: se os ministros demissionários se retiravam para evitar desgostos de fracionamento do partido, parece que o nome de Gonçalves Martins e o do Sousa Ramos não eram sedativos para a irritação de Pernambuco, e muito menos para conciliação de ânimos, se atendermos ao modo por que a imprensa do Norte trata o Martins. Se porém a nova combinação teve em vista reforçar um Ministério cansado, não serão as tretas e a ronha de uma raposa velha e de um rábula de aldeia que servirão de tônico, mormente substituindo eles a um homem do talento e energia de Eusébio, e a outro da consideração e respeito do visconde de Monte Alegre. Nada se pode conjeturar, porém eu creio que os atuais ministros são passageiros de viagem costeira e não de longo curso. Em maio de



1853, o Limpo, o Honório, o Eusébio e alguns moços têm de despir a estes inquilinos sem fiança.

As Câmaras foram abertas com um discurso frio e chocho, onde a míngua de idéias anda a par dos vícios de locução. Ainda nada fizeram que mereça menção: o Sousa Ramos, subindo ao Ministério, deixou vago no dia 10 o lugar de presidente da Câmara, que tem sido preenchido pelo vice-presidente Maciel Monteiro. A comissão de resposta à Fala do Trono ficou composta de Aprígio, João Manuel e Vítor. No dia 10, tratando-se da entrada do Títara como teu suplente, o Morais Sermento impugnou o parecer da comissão e censurou o governo por ter nomeado um deputado, não se dando o caso constitucional de circunstâncias extraordinárias, e por não haver ainda participado à Câmara esse seu ato. O Zacarias respondeu-lhe; e suscitou-se um pequeno debate, que o Eusébio aclamou declarando que realmente nada disse a teu respeito em menoscabo, mas teve a pequenez de aproveitar um ensejo destes para atacar o governo.

Ainda a mais pequena coisa serve à oposição: assim, depois do teu incidente, o Melo Franco na sessão de ontem reclamou contra o Martins porque remeteu com um ofício o relatório do visconde, que o não havia podido ler antes da retirada.

Ontem foi lida na Câmara a participação de teu despacho. Foi remetida à Comissão de Constituição e Poderes.

Notícias do novo círculo, crônica do Rio, novidades femininas, já as escrevi na carta de dona Carlota, que tas dará a ler.

Sua Majestade ainda não regressou definitivamente de Petrópolis, mas o fará brevemente. A febre amarela continua a fazer estragos; mas acredita-se que a entrada do inverno nos livrará desse hóspede maldito.

Já não há à venda nem uma só das 40 mil ações da companhia de estrada de ferro provincial, do porto de Mauá no Rio de Janeiro para a serra da Estrela, nem se chegou a anunciar a venda das ações; todas as companhias e bancos estão com vento em popa como verás dos jornais; tudo isto prova a abundância de capitais e a vantagem do crédito público comparado com o estado da praça e das rendas há bem poucos anos.

Ainda não te posso mandar dizer dos tratados com Montevidéu. Hoje, para mim, será mais vantajoso o não-reconhecimento deles pela honrada sala, do que o reconhecimento com as modificações

que o governo montevideano propõe, entre as quais avulta a navegação em comum da lagoa Merim, coisa a que até os reis portugueses se opuseram sempre com grande despesa e sangue derramado.

O Rodrigues te escreverá os pormenores do processo Reese. A tua estrela embaciou de longe a do Luís Fortunato.

O velho Martini e família, e o José Caetano e família, mandam-te e a dona Carlota mil saudades.

Meu amigo, escreve-me largamente e manda tuas ordens ao teu

*Francisco Otaviano*¹⁶

(De Francisco Varnhagen¹⁷ para D. Pedro II)

Madrid, 29 de junho de 1852.

51

Senhor!

É ainda o venerável príncipe de Wied quem hoje me proporciona outra vez a fortuna de apresentar-me ante o trono. À Vossa Majestade Imperial remeto a cópia da nova carta que ele me dirige, e cada vez crescem mais em mim os desejos de promover em favor dele a outorga da alguma lembrança do Brasil, embora esta se limite à coleção completa das publicações do Instituto, que lhe são devidas como sócio honorário desde a sua fundação. Assim, neste sentido, escrevo ao Instituto. Porém esta mesma coleção, Meu Senhor, centuplicaria de valor, se Vossa Majestade Imperial

¹⁶ OTAVIANO, Francisco. *Cartas de Francisco Otaviano*. Coligidas, anotadas e prefaciadas por Wanderlei Pinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1977, pp. 75-78.

¹⁷ Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) – barão e, depois, visconde de Porto Seguro; historiador e diplomata paulista.

Se Dignasse Ordenar que ela lhe fosse oferecida em Seu Imperial Nome. Creia Vossa Majestade Imperial que estimo muito o príncipe, mas que no pedido que faço tenho antes em vista o conquistar de todo mais um coração em favor de Vossa Majestade Imperial. E o meu desejo, Meu Senhor, seria que o mundo todo apreciasse e apregoaasse como eu Suas Altas Virtudes.

E aqui não devo dissimular, Meu Senhor, que alguma vez tenho tido que combater a errada idéia de que Vossa Majestade Imperial agasalha pouco aos estrangeiros, começando pelos indivíduos do corpo diplomático acreditados em Sua Corte, com os quais não usa das atenções a que estão acostumados em outras cortes, começando pela maior generosidade de certas graças, quando se mostram polidos e agradáveis. Por minha parte ignorando o que haja a tal respeito, tenho começado por duvidar e negar até onde posso estes boatos; mas informando deles a Vossa Majestade Imperial creio que cumpro como seu leal servidor. Como amo demasiado a Vossa Majestade Imperial para poder adulá-lo, ousarei acrescentar que há gente em quem certas graças não se entendem como recompensa de serviços, e a quem às vezes é até político penhorar com dádivas que obriguem pela gratidão a calar murmuragens. Ouso ser tão franco, Meu Senhor, porque creio que Vossa Majestade Imperial faz a devida justiça aos meus sentimentos de amor e dedicação à Sua Pessoa.

Desta vez posso ter a consolação de dizer afoitamente a Vossa Majestade Imperial que a *História do Brasil* avança a passos largos. Comecei-a toda de novo em limpo, dando a alguns pontos mais desenvolvimento, sobretudo na parte descritiva, ajudado pelas impressões que adquiri ultimamente, e as quais consegui inculcir, sobretudo ao descrever as fundações de São Vicente, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Vão escritos 26 grossos cadernos todos numerados e em estado de se poderem imprimir se me sucedesse alguma desgraça. Compreendem a parte mais importante e mais *desorganizada* até agora da nossa história, a qual espero poder ter daqui a ano e meio completa. Dou uma suficiente idéia da cultura, língua e legislação portuguesa na época da colonização para melhor se apreciar o primitivo regímen municipal das nossas capitanias. Nunca pensei que me veria obrigado a folhear tanto os cinco livros das ordenaçõesmanuelinas, que para esse fim

trouxe agora comigo, e confesso a Vossa Majestade Imperial que hoje sinto o maior prazer em o haver feito, pois dão elas lugar a muita reflexão, e estou certo que Vossa Majestade Imperial Passaria horas muito agradáveis correndo-as pelos olhos, se é que já o não Fez. E tenho mesmo para mim que uma tal leitura lhe faria, ou terá já feito nascer desejos de prestar ao país uma dádiva análoga à do primeiro rei D. Manuel, um código civil pelo menos. Não concebo como nossos jurisconsultos não se tenham balançado à grande empresa de reformar para o Brasil a parte das ordenações ainda vigente entre nós, apesar das penas ridículas que contem de degredos *para o Brasil*, para a África e para Castro Marim; ordenações que até por infelicidade se chamam *Filipinas*, quando os jurisconsultos do reinado castelhano pouco mais fizeram do que aditar, e algumas vezes *modernizar* a redação do Código Manuelino. Para colaboradores duma nova recopilação, que as Câmaras previamente autorizassem, teríamos os senhores Pimenta Bueno, Figueira de Melo, Taques, Campos Melo e outros não menos trabalhadores e entendidos.

No prosseguimento da minha *História*, algumas vezes me tenho visto embaraçado com a falta de um que outro livro ou documento dos que vinham no barco *São Pedro*, do qual apenas sei que na latitude 1^o4' havia sido socorrido de algum mantimento que pediu a um navio francês que encontrou. Também tenho algumas vezes sentido que não esteja impresso o segundo tomo do Jaboatão, e só a Vossa Majestade Imperial posso recorrer para ver acabado o trespasso que tem havido em tal impressão.

Da coleção dos *Reis contemporâneos* que aqui se está publicando, remeti para Lisboa a parte já impressa e talvez por esta ocasião seja dali enviada ao senhor Mordomo. Estão agora desenhando na pedra com todo o esmero o retrato de Vossa Majestade Imperial, que remeterei apenas esteja pronto.

Vai de uniforme, servindo-se o litógrafo de vários que tenho, preferindo, porém, para a fisionomia o que mandei litografar em Lisboa. Os empresários pedem com a maior instância o de Sua Majestade a Imperatriz e o da princesa imperial. Infelizmente eu não os tenho, apesar de que do primeiro obtive do intendente do Palácio promessa de me consentir que mande tirar uma cópia do que para aqui veio, haverá um ano, – cópia que eu destinava a



inaugurar em uma das salas desta Legação a par do de Vossa Majestade Imperial. Porém a estada da corte no campo e o melindre que devo guardar não instando por um pedido que tanto depende da vontade alheia, me tem obrigado a estar privado da honra que me havia proposto e talvez nem poderei satisfazer ao lisonjeiro pedido que me fazem, se por alguma outra forma não for socorrido. Escuso dizer que de Vossa Majestade Imperial, confio muito para tal socorro.

Por este pacote creio que Vossa Majestade Imperial receberá o tomo 2º do Ticknor, que se acaba de publicar traduzido e anotado. Na *Revista de Ambos os Mundos* de 15 de maio li um artigo sobre as pretensões de socialismo nas repúblicas do Pacífico e em Venezuela que muito me interessou, e que teria traduzido se não estivesse decidido a não abrir mão, para coisa nenhuma, da empresa em que estou comprometido.

Continuo a fazer ardentes votos pela saúde e venturas de Vossa Majestade Imperial, de Sua Majestade a Imperatriz e das Augustas Princesas, cujas mãos respeitosamente beijo.

De Vossa Majestade Imperial
O mais submisso e leal súdito

*Francisco Adolfo de Varnhagen*¹⁸

¹⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência ativa*. Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961, pp. 184-187.

(De Francisco Otaviano para Francisco Inácio Carvalho Moreira)

13 de fevereiro de 1854.

Meu Moreira do coração,

Como te estimo verdadeiramente, como sou teu amigo sincero, lendo como leio sempre as cartas que ao nosso Rodrigues escreves, depreendi de tua última que estavas em um momento de *spleen* quando deixaste cair no papel uma censura geral, que em teu coração não estava, relativamente aos amigos que a ausência obscurece. Se soubesses, Moreira, que vivo de grilheta ao pé a servir a tantos senhores desencontrados, ao meu presidente, ao meu ministro; ao meu jornal, aos meus patronos eleitorais e por fim às minhas namoradas, não suporias que o teu Otaviano se esquece de ti só porque não te escreve regularmente. Sois, além daqueles encargos, o correspondente do Machado e do Cansansão, que me atropelam, quer nas suas missivas aos ministros, quer na sua defesa perante a imprensa. Assim, amigo meu, toma como regra de uma vez para sempre que a minha irregularidade de correspondência pode ser às vezes efeito de descuido ou de preguiça, mas nunca quebra do vivo e constante sentimento que nos prende há nove anos.

Nada de importante te posso noticiar que pelo jornal não saibas mais detalhadamente. Hoje os olhos de todos os que pensam dirigem-se para as negociações de Montevideu e de Washington. Em relação às primeiras, as últimas notícias são extremamente favoráveis e verás da circular do Limpo de Abreu, que foi publicada em todas as folhas, que o gabinete resolveu intervir franca e decisivamente. Quanto às de Washington, a fala do presidente ao Congresso encerra um tópico que nos causou alguma apreensão acerca da navegação do Amazonas. O que se estará fazendo? Como o nosso ministro junto daquela república terá apreciado esta questão? Eis o que não se sabe; porque a política do Brasil relativamente à América do Norte nunca é sabida, nem [se] faz objeto da discussão dos jornais.



Pelo que diz respeito ao interior, continua a durar a lua-de-mel do Ministério Paraná, e creio que ainda tem de atravessar mais alguns períodos, como toda a lua, quando encontra sóis que lhe emprestem luz. Demais, o país estava cansado; as lutas haviam enfraquecido os partidos; a energia partidária do Eusébio havia acabado com as aspirações dos caudilhos liberais. Estes suspiravam por qualquer pinguela que os fizesse passar para o campo do festim. O Paraná tem-lhes dado alguns madeiros que atirados por cima do abismo os têm salvado. *Ergo rosas.*

A sessão deste ano nada promete quanto à política; promete porque, como sabes, em um país novo e sem cidadão, como o nosso, muito quanto à organização do poder e conseqüentemente do país, a vida real está em que o governo viva folgadoamente, sem peias, e sem medo.

Adeus.

Teu

*Francisco Otaviano*¹⁹

(De Nísia Floresta²⁰ para Auguste Comte)

Paris, 19 de agosto de 1856.

Senhor,

Uma leve indisposição que me acometeu no dia seguinte àquele em que tive o prazer de vê-lo e o estado de saúde de minha filha querida, que depois se agravou, me impediram de ir, tão logo quanto o desejara, exprimir-lhe, de viva voz, minha gratidão pela felicidade de que o senhor me fez desfrutar ao me enviar sua fotografia.

¹⁹ OTAVIANO, Francisco. *Op. cit.*, pp. 86-87. Intervenção da publicação original.

²⁰ Nísia Floresta Brasileira Augusta (1809-1885) – escritora potiguar.

Oferecida pelo senhor mesmo, ela se torna duplamente preciosa à estrangeira que guardou religiosamente, a duas léguas de distância, a lembrança das palavras que o ouviu pronunciar há cinco anos no púlpito da igreja.

É doce aos corações como o meu encontrar simpatia em um coração como o seu. E se atualmente algo existe em França que possa de alguma forma atenuar a dupla chaga que trago comigo, desta vez de meu país, ao perder a mais terna das mães, são sem dúvida os instantes em que o senhor me concede sua companhia.

Desculpe-me, por favor, interromper por um momento seus estudos sérios, mas para meu coração era urgente transmitir-lhe este esboço de meus sentimentos pelo senhor.

Receba, senhor, a expressão de meu profundo respeito e de minha sincera afeição.

*Brasileira Augusta*²¹

57

(De Auguste Comte²² para Nísia Floresta)

Paris, sábado, 24 de Arquimedes de 69.²³

Minha senhora,

A senhora não precisava, de modo algum, explicar-me o adiamento da sua visita, espontaneamente motivado pelos cuidados excepcionais de que está presentemente preocupada. Simpatizo tanto mais com os seus embaraços quanto me parece terem-se tornado não menos morais que materiais, pela fixidez sempre

²¹ FLORESTA, Nísia. *Cartas: Nísia Floresta & Auguste Comte*. Organização de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002, pp. 63-64.

²² Auguste Comte (1798-1857) – filósofo francês, fundador do positivismo.

²³ Corresponde ao 17 de abril de 1857 no calendário gregoriano, conforme FLORESTA, Nísia. *Op. cit.*, p. 81.

desejada das almas normais, naturalmente dispostas a se prenderem aos domicílios, quaisquer que eles sejam. Ainda mesmo que tivesse de ficar por muito tempo privado da preciosa visita que me reserva, esta demora seria de antemão justificada.

Prevaleço-me da oportunidade para testemunhar-lhe quanto me sensibilizou a sua participação espontânea no meu fatal aniversário. Uma tal simpatia me é tanto mais preciosa, pelo fato dessa manifestação decisiva ser, depois de 11 anos, a primeira comemoração feminina da angélica inspiradora da única religião na qual mulher é tratada dignamente.

Respeito e simpatia

*Auguste Comte*²⁴

P.S.:

Minhas afetuosas homenagens à sua digna filha.

(De Francisco Varnhagen para D. Pedro II)

Madri, 14 de julho de 1857.

Senhor,

Chegou a hora de poder humildemente comparecer ante o Tro- no de Vossa Majestade Imperial com o segundo volume concluído da *História geral do Brasil*, depois de haver trabalhado às vinte horas por dia, de forma que quase sinto que estes últimos seis anos da vida me correram tão largos como os trinta e tantos anteriores. Ao ver afinal concluída a obra, não exclamei, Senhor, cheio de orgulho, “*Eregi monumentu aere perennius*” a minha triste peregrinação pela terra. Porém caí de joelhos, dando graças a Deus não só por me

²⁴ *Idem*, pp. 81-82.

haver inspirado a idéia de tal grande serviço à nação e às demais nações, e concedido saúde e vida para o realizar (sustentando-me a indispensável perseverança para convergir sobre a obra desde os anos juvenis, direta e indiretamente, todos os meus pensamentos), como por haver permitido que a pudesse escrever e ultimar no reinado de Vossa Majestade Imperial, Cujo Excelso Nome a posteridade glorificará, como já o universo todo glorifica a sua sabedoria e justiça.

Enlevado em tão lisonjeiros pensamentos, ia eu, quicá, a desvanecer-me com a idéia de que também a *História geral*, por um súdito seu, amparado por Vossa Majestade Imperial, viria a ajudar ao universal aplauso, quando não sei por que mau pressentimento, caí no presente; pus-me a pensar na dádiva que sem ter honras, nem deveres de *cronista mor*, ia, depois de tantos sofrimentos, de tantos suores, de tanto duvidar, de tanto errar e corrigir, de tanto arrepender, de tanto cortar e riscar, de tanto colocar e deslocar, ia, digo, fazer as turbas invejosas e geralmente daninhas... e então, Senhor, sem vergonha o digo, desatei a chorar como uma criança, apesar das cãs que já aparecem... E falo só de trabalhos, porque ao lado deles são nada mais de cinco contos de réis pela impressão e gravuras, dos quais não espero cobrar nem metade, ainda quando Vossa Majestade a mande adotar nas escolas de direito e militares e nos colégios, que será a melhor maneira de fazer que no seu Império não só todos leiam e conheçam a pátria história, como lhe dêem mais importância e haja maior número de aplicados a esclarecê-la, ainda quando, dado uma vez o impulso, o soberano deixe de assistir às sessões do Instituto.

Senhor! Permita-me Vossa Majestade Imperial que, aproveitando-me entretanto dos méritos que devo haver contraído perante o Seu espírito justiceiro com a conclusão da *História geral* da civilização da Sua e minha pátria, eu lhe abra de todo o meu coração, e Lhe descubra até os mínimos refolhos e rugas (boas e más) que nele se achem. Com Vossa Majestade Imperial, de Cuja alta discrição e bondade tenho provas, nem necessito guardar essas modéstias de forma, que principalmente se recomendam para com o vulgo, a fim de não despertar neste sentimentos de inveja e de ciúme, que Vossa Majestade Imperial, pela muita elevação do seu caráter e de posição, nem sequer conhece quanto são rasteiríssimas paixões. Porém antes de abrir-me com Vossa Majestade Imperial



Lhe rogo encarecidamente pela alma de Seu honrado Avô, e pelas de Seu heróico Pai e chorados Filhinhos, desditosamente malogrados, que não revele a ninguém as minhas expansões, rasgando pelo contrário esta, quando se haja inteirado de quanto vou expor-Lhe.

Não haverá faltado quem tenha pretendido fazer crer a Vossa Majestade Imperial que eu me acho plenamente recompensado pelos serviços que a consciência me diz que tenho feito ao Império e a Vossa Majestade Imperial. Em verdade assim fora, Senhor, se considerassem, como eu, que são de tão subido quilate que chegam a não ter preço os favores especiais que Vossa Majestade Imperial Tem sempre Dignado dispensar-me, todos tanto mais de apreciar, quanto menos direito tem a inveja para neles morder. Mas se querem referir-se a que, ao cabo de 15 anos de aturados trabalhos e em serviço efetivo do Império, além de perto de outros 15 de anterior freqüência na Europa de estudos regulares (acabados os quais em 1840 passei logo ao Brasil a beijar a mão de Vossa Majestade Imperial), por cujos exames alcancei sempre os primeiros prêmios e postos, e nos últimos quatro publicava já inclusivamente obras acerca do Brasil; – se querem referir-se, digo, a que ao cabo de tantos anos de aturados estudos, de freqüentes vigílias de horas e horas roubadas ao descanso e aos divertimentos, de que outros em idênticas circunstâncias têm gozado, – se querem referir-se, repito, a que, com mais de quarenta anos de idade, eu – tão respeitador das hierarquias sociais, e não meio socialista (como *verbi gratia* em Portugal o senhor Herculano, que nem quis ser empregado do Estado), estou mui elevado com o modesto tratamento de Vossa Mercê do cargo de encarregado, e o hábito de Cristo, que é tudo quanto possuo de honras, creio que se enganam; ou muito a mim me engana a consciência, que me diz que tenho prestado mais relevantes serviços que outros contemporâneos meus que se acham muito mais elevados... Estas considerações dão-me por vezes horas de grande tristeza... E confesso, Senhor, que sobretudo quando haverá pouco mais de dois anos se publicaram umas grandes listas de despachos, e vi nelas generosamente contemplados com títulos do Conselho, com crachás, com fidalguias a tantos que eu cria terem feito pelo país e por Vossa Majestade Imperial menos do que eu, gemi e calei; lamentando a quem não quisera entre tantos nomes propor também a Vossa Majestade Imperial o meu, e pedindo a Deus que me não fizesse

sucumbir e alquebrar o espírito, ao menos até haver ultimado, no reinado de Vossa Majestade Imperial, a grande obra a que principalmente sacrificara a minha tranqüilidade passada, presente (então) e futura, se Vossa Majestade Imperial me não valer...

Dirá Vossa Majestade Imperial que sou ambicioso. E por que não, Senhor?! – A maior glória e honra do homem é ser ambicioso, diz Guizot. Não é também Vossa Majestade Imperial ambicioso de glória? Mal do Brasil, se o não fora, como é, mercê de Deus. Nós *os pequenos* temos alguma coisa mais que ambicionar além da glória: temos que ambicionar o *ser menos pequenos*; pois, contentando-nos só da glória literária, todos preferiríamos deixar obras póstumas e memórias de ultratumba. E meu Senhor, mal daqueles que não forem ambiciosos dentro de certos limites; pois, ou terão sentimentos baixos, ou desprezarão já, à força de orgulho e de desenganos, as honras sociais, e estarão neste último caso na pendente para o socialismo... Se eu fora ambicioso, – fora de razão, – revolucionariamente, – houvera começado por adular a multidão, em vez de combater suas opiniões erradas; houvera tratado de lhe pregar os seus direitos e não os seus deveres; houvera pregado o subversivo *caboclisto*, que por fim tinha de contender com Vossa Majestade Imperial; e houvera por último, como certo réptil, dito que o Brasil ainda intelectualmente está escravo de Portugal etc. etc.

Sei que não falta gente que insistindo em considerar-me como *meio literato*, meio empregado diplomático de cortesias (como dizem) fingem não saber tudo quanto eu, politicamente, além do grande serviço desta *História*, tenho trabalhado em favor de Vossa Majestade Imperial e do Império; afora os serviços extraordinários nos próprios cargos por mim exercidos: *verbi gratia* na Espanha em 1847 e depois no Rio em 1851 o exame dos documentos concernentes aos nossos limites e as três memórias que a tal respeito escrevi; além de quanto publiquei no *Memorial orgânico*, declarando cruamente em 1849 que o Império não tinha *fronteiras terrestres*, o que em grande parte provocou os exames sobre tal assunto e as negociações dos tratados desde 1850 em diante, – assim como certas observações que aí fiz acerca do tráfico contribuíram a converter alguns incrédulos inveterados, a quem remeti o *Memorial* antes das famosas sessões secretas; ponto este sobre que da mesma forma que sobre outros nada tenho querido reclamar,



para que assim esses pseudocorifeus defendam mais afincadamente idéias de que se julgam autores, só porque alvissareiros primeiro as proclamaram ante as Câmaras, onde começo a acreditar que dificilmente terei entrada. Sobre este ponto nada mais digo quando Vossa Majestade Imperial sabe tudo, e quando não desconhece que o empenho principal que me guiou a pena do *Memorial orgânico* foi o de promover desde já com a maior segurança possível a unidade e a integridade do Império *futuro*, objeto constante do meu cogitar. A possibilidade e a conveniência de tal unidade, ainda na época do porvir em que o Brasil possa chegar a contar mais de 100 milhões de habitantes, quando o espírito público se forme pela história de um modo idêntico, foi por mim sustentada tenazmente em 1851 em muitas discussões com os meus amigos deputados pelo Norte, e não perco ocasião de a pregar na *História geral*, que por si só, se for adotada nas academias, há de contribuir e muito a elevar o patriotismo e a harmonia do espírito nacional, fomentada pela igualdade de educação de todos os súditos. E aqui repetirei de novo a Vossa Majestade Imperial o que já Lhe disse em 1851, que o motivo principal por que eu empreendera o *florilégio* e escrevia biografias de brasileiros de todas as províncias era para ir assim enfeixando-as todas e fazendo bater os corações dos de umas províncias em favor dos das outras, infiltrando a todos nobres sentimentos de patriotismo de *nação*, único sentimento que é capaz de desterrar o provincialismo excessivo, do mesmo modo que desterra o egoísmo, levando-nos a morrer pela pátria ou pelo soberano que personifica seus interesses, sua honra e sua glória. E pela minha parte, Senhor, me limito a dizer que o que dá tantas fianças e garantias de honra, de patriotismo e de dedicação como as que se encontram nesses dois tomos, sacrificaria por Vossa Majestade Imperial mil vidas, se Deus lhe concedesse mil.

Não poderia aqui explicar uma a uma todas as razões que tive para dar certos toques, para empregar tais ou tais frases na *História geral*. Assim *verbi gratia* na página 412 (do tomo II) há duas palavras que parecem desfavorecer, e sem embargo estão aí de intento e depois de muita reflexão. Era necessário começar por não me constituir adulator, para melhor encaminhar comigo o leitor a crer o que logo depois digo em tópicos mais melindrosos e essenciais à *heroicidade*. Como *cronista* poderei ser mais

adulador ou panegirista, como historiador produziria efeitos negativos. Creio que faço justiça ao Senhor D. Pedro I.

Em geral busquei inspirações de patriotismo sem ser no ódio a portugueses, ou à *estrangeira* Europa, que nos beneficia com ilustração; tratei de pôr um dique a tanta declamação e *servilismo à democracia*; e procurei ir *disciplinando* produtivamente certas idéias soltas de nacionalidade; preguei quanto pude, a par da tolerância, a unidade religiosa, agora que é moda ser-se irreligioso e ter de molde, como Herculano, meia dúzia de dictérios contra o papa, os bispos e os frades... e já me diz a consciência que, tranqüilo, baixará o meu corpo à terra, quando Deus me chame deste mundo.

Ah! Senhor... Encontro agora o espírito muito mais aliviado do que quando comecei a escrever esta. Usei do desafoço que a própria Igreja reconheceu profícuo quando instituiu a confissão. Quanto acabo de revelar a Vossa Majestade Imperial é tão solene que quase poderei intitular esta carta como testamento da minha glória de hoje avante, se Vossa Majestade Imperial me não levanta o espírito da prostração, em que vai cair, depois do grande esforço que venceu, quase galvanizando-se, para não desfalecer antes de ultimar a obra...

Em sua Mão tem Vossa Majestade Imperial o decidir da minha sorte, e de levantar-me o espírito, ou deixá-lo sucumbir; amargurado até pelos desfavores do próprio Instituto... Do Instituto!...

Porém, Senhor, seja qual for o ardor do espírito para as lides e trabalhos mentais, o coração e o braço hão de ser de Vossa Majestade; e esta boca, em quanto a ela assome o alento da vida, não deixará de pedir a Deus mil bênçãos sobre toda a Imperial Família, que respeita e ama profundamente.

Senhor,
De Vossa Majestade Imperial,
O mais submisso e leal súdito

*Francisco Adolfo de Varnhagen*²⁵

²⁵ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Op. cit.*, pp. 242-248.



(De Francisco Varnhagen para D. Pedro II)

Montevideú, 16 de julho de 1859.

Senhor!

Aqui me acho detido por ordens superiores, primeiro esperando o senhor Taylor, e agora as instruções, tudo o que há de vir por um barco da Marinha nacional. O que mais sinto é que não me tivesse também sido permitido esperar para vir nele, com o que houvera ganho que um ministro do imperador se não tivesse apresentado aqui vindo *a frete*; e por certo que bem contra os desejos do senhor Pimenta Bueno manifestados ao senhor Paranhos. Mas enfim o que está feito, está feito: e razões teria para tudo o senhor ministro da Marinha que tanto nos favorece.

Quanto mais me aproximo do meu destino mais me querem meter horror dele os que por lá têm andado.

Porém eu sempre impávido, e resolvido a afrontar tudo, enquanto Deus por lá me for dando saúde. E mais ainda a isso me animo quando ouço que Taylor, que é adido moderno, vem com esperanças ou quase promessas de passar ao posto imediato se cometer a proeza de conservar-se algum tempo na Assunção, e nesse caso Vossa Majestade Imperial, que é justo, por certo não quererá que o exemplo do bem comece de baixo, sobretudo se o bem do serviço exigir que o senhor Joaquim Amaral tenha mais graduação, como parece que exige.

Desta demora tenho entretanto aproveitado para estudar isto por aqui. Não em bibliotecas, nem em livros, que nada escrevem com jeito. Não em organização ou legislação, que nada possuem. Não finalmente, na originalidade do aspecto do país, que se reduz a campos com um ou outro *umbú*. Esta árvore conhecia eu já na Europa, com o nome de bela-sombra, e longe estava de imaginar que era o afamado *umbú* destes gaúchos. Tenho, porém, procurado estudar o país *nos homens*, sobretudo ouvindo-os quando de suas coisas conversam no *hotel* em que vivo. Das 100 mil almas em que se orça a população da República, só umas 20 mil são orientais: um número maior que este do Rio Negro ao Uruguai consta

de brasileiros sobretudo rio-grandenses, que ainda seguem emigrando para cá e para Entre-Rios aos centenares por ano. Os orientais puros, quer *blancos*, quer *colorados*, são nossos inimigos do Brasil, e todos nos chamam *macacos*. Se por um lado blazonam de que a respeito deles, longé de termos tido política de iniciativa, não temos feito mais do que satisfazer os planos do senhor Lamas, por outro pregam que devem hostilizar qualquer medida pelo mero fato de ele a desejar. Assim desaprovam a última convenção que tanto nos prende os braços, e a tal ponto que, para evitar algum desar, nos convenha retirá-la já. E creio que com estes países, quanto menos contratarmos e quanto menos interviermos, tanto melhor. Atualmente, porém, pedia a prudência ter um Exército nos campos de Bagé, pronto a manobrar de um dia a outro. E com esta simples providência se evitaria o ter que manobrar. Pela mesma razão, com respeito ao Paraguai e a Corrientes parece-me que todos esses gastos militares que se estão fazendo lá no alto Cuiabá são perdidos. Além da distância de muitos dias de viagem, as cavalhadas por lá não resistem às pestes e aos morcegos; ao passo que, se metade desses gastos se fizessem nos amenos e saudáveis campos das cabeceiras do Mondego e do Ivinheima, acima de Miranda e perto de São João de Antonina, mandando para lá eguadas dos campos de Guarapuava, aí se formaria em breve uma grande colônia militar para a qual emigrariam até muitos rio-grandenses que hoje passam a Entre-Rios. Dizem-me que no Cuiabá até o armamento e pólvora que tem ido, se acha tudo deteriorado com a muita umidade etc. Se a tal respeito o senhor ministro da Guerra tomasse algum acordo, eu da Assunção mesmo poderia talvez ser-lhe útil; e até, se me fosse concedido, lá para daqui a um ano eu me prestaria a ir com gosto ao próprio local, subindo até a ele, se me fosse possível, através das cabeceiras do Apa. A propósito deste rio, creio que terá sido pelo meu ministro apresentado a Vossa Majestade Imperial o ofício confidencial que, em favor de uma linha pelas águas vertentes, lhe dirigi a ele, quando aí me achava.

As notícias mais importantes que destas águas levará este vapor se reduzem aos feitos do vapor *Pinto*, a sua passagem para Urquiza, à inexplicada perseguição do companheiro deste, pelo nosso vapor *Araguaá*, com o senhor José Maria do Amaral dentro, e



por fim aos boatos, vindos de Buenos Aires, de que o dito vapor *Pinto* encalhou logo depois, e de que o Paraguai já não intervém a favor de Urquiza. A todos estes respeitos as nossas duas legações informarão por certo melhor.

As notícias que daí nos chegaram, e por vias estranhas aos partidos, são tais que confesso a Vossa Majestade Imperial que fico em sérias apreensões. Dizem que apesar de ter passado a lei bancária em primeira discussão, o país ainda não está bastante esclarecido acerca dos proveitos que da mesma lei resultarão, e que por conseguinte, não seria imprudente deixá-la primeiro madurar um pouco mais. O certo é que a questão se torna mais grave pela circunstância de estar a capital numa tão grande praça comercial. E digo isto independentemente da minha idéia fixa de suplicar sempre a Deus que doe o Império com uma capital não marítima.

Adjunto encontrará Vossa Majestade Imperial um livro, conhecido sim, mas raro, apesar disso, que por cá encontrei. É o que foi traduzido pelo senhor Acioly.

Sigo fazendo votos aos céus para que cubra de bênçãos e de prosperidade a Vossa Majestade Imperial e a Imperial Família, pois sou de Vossa Majestade Imperial.

Senhor,
O muito humilde e leal súdito

*Francisco Adolfo de Varnhagen*²⁶

²⁶ *Idem*, pp. 268-271.

(De Francisco Otaviano para Francisco Inácio Carvalho Moreira)

Rio, 23 de dezembro de 1862.

Meu caro Moreira,

Soube pelo Pais Barreto que estavas rijo e toda a tua família de saúde. Pois que te gozes por muitos anos.

É provável que por este paquete a casa bancária Teixeira Leite & Carvalho te escreva pedindo os teus bons ofícios junto dos Rotschids. Como me interessa muito por essa casa e o Otôni também a reputa a mais sólida desta corte, peço-te licença para te dizer o seguinte.

Os membros da firma são:

1º O doutor José Teixeira Leite, que, como sabes, é o fazendeiro mais honesto, inteligente e respeitado da província do Rio de Janeiro. A sua fortuna que é de cerca de 2.000 contos, não está hoje, senão parcialmente, em bens territoriais: consiste mais em fundos públicos e dinheiro de contado. Além disso tem o doutor Joaquim Teixeira, como filho do rico Barão de Itambé, uma bela perspectiva de pingue herança.

2º Manuel Gomes de Carvalho, filho do finado Barão do Amparo: possui para mais de 900 mil cruzados em dinheiro; tem a perspectiva de herança de sua mãe, que já é adiantada em anos: antes mesmo de sócio da firma mencionada, já gozava nesta praça de crédito ilimitado, não só pelo que possui, como por ser homem seguro e discreto nas suas transações.

3º João Evangelista Teixeira Leite; tem uma bela fortuna, talvez de 1 milhão de cruzados e perspectiva da bela fortuna do sogro, rico capitalista.

Esta casa bancária, que começou em janeiro deste ano, teve em seu favor a experiência das outras e o haver-se tornado muito conhecida a situação íntima de todas as casas comerciais daqui, de sorte que a sua carteira é a melhor e a mais segura que se conhece: os títulos, que ela desconta, são todos receptíveis no Banco do Brasil, segundo informação que me deu o Otôni, que sabes é hoje o diretor mais importante e influente desse banco.

Creio que o negócio que a firma Teixeira Leite & Carvalho querem com os Rotschild é o mesmo que tem o Faria e outros com o Union-Bank: negócio de câmbio por meio dos saques desta praça. Para isso oferecem boas garantias, com fundos públicos e ações garantidas de estradas brasileiras. Preferem a casa Rotschild, porque aqui não se costuma sacar contra essa casa e assim eles supõem que acharão vantagem em ser os únicos.

Agora que te transmito todas as informações que reservadamente pedi, rogo-te que faças quanto estiver a teu alcance para que se realize o desejo dos homens. Tu conheces o doutor Teixeira Leite: bastaria esse nome para te tranquilizar; mas eu quis ainda mais e por isso te mando todas essas informações.

Teu do coração

*Francisco Otaviano*²⁷

(De barão de Mauá²⁸ para Lamas)

Londres, 20 de março de 1865.

Meu querido amigo senhor Lamas,

Tenho o prazer de comunicar a V. Ex.^a que minha boa companheira teve mais uma filhinha, sem a menor novidade, o que ela me pede para V. Ex.^a fazer ciente a Ex.^{ma} senhora dona Telesfora. Era bem dispensável este aumento de família em ocasião em que meu futuro se me apresenta tão cheio de incertezas, por causa da maldita invasão de Flores no seu país, e ultimamente pela intervenção do governo imperial na República do modo por que há

²⁷ OTAVIANO, Francisco. *Op. cit.*, pp. 129-130.

²⁸ Barão de Mauá (Irineu Evangelista de Sousa, 1813-1889) – industrial e político gaúcho.

realizada, quando tudo aconselhava que ele tivesse lugar no começo para impor a par aos partidos, agora se o Brasil não conservar um Exército em Montevideu, o que aliás excitará desconfianças e receios de absorção, que eu creio firmemente não estão na mente de nenhum homem de governo no Brasil, e nem na do povo brasileiro, com a exceção de um número de *gaúchos* rio-grandenses, não vejo que se possa sustentar o governo que se estabelecer, debaixo da impressão de que ele é imposto à República pelas armas do Brasil o que basta para o tornar *odioso*! Enfim meu amigo estou inquieto, e consternado mesmo ao contemplar o que me está reservado em presença de tão medonhas complicações.

Enquanto ao Brasil suas finanças vão ficar arruinadas por uns *vinte anos*! Ainda supondo que triunfem de modo mais completo as armas do Império. Receba V. Ex.^a e toda sua família nossas saudades amistosas e disponha

Do amigo afetuosíssimo

*Barão de Mauá*²⁹

69

(De Benjamin Constant³⁰ para Cláudio Luís da Costa)

Paraguai Itapiru, 23 de janeiro de 1867.

Meu pai e bom amigo,

O portador desta é o capitão do 6º Batalhão de Voluntários, que vi aqui hoje pela primeira vez, posto que já o conhecesse de nome por seus atos de valor e patriotismo. Tem entrado em todos os combates e tem sido mencionado com distinção. Foi ele quem

²⁹ In: BESOUCHET, Lidia. *Correspondência política de Mauá no Rio da Prata (1850-1885)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.

³⁰ Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1837-1891) – professor de matemática e militar fluminense.

no dia 16 de julho tomou uma boca-de-fogo e uma trincheira inimiga. Diz ele que me conhece muito da corte.

Meu bom pai, há pouco tempo escrevi-lhe pelo tenente-coronel Esaltino e pelo major Pinheiro Guedes e agora mando-lhe uma longa carta pelo correio; quis porém aproveitar o portador para escrever-lhe mais esta cartinha para saber de sua saúde, de dona Olímpia e dona Mariquinhas. Já deve ter atravessado a pior quadra de seus trabalhos do Instituto, que é a de fins de dezembro até meados de janeiro. Muito estimorei que tenha sido bem-sucedido como sempre em todos os seus trabalhos e que, em seu louvável amor pelos seus ceguinhos, não se esqueça de que já não se deve fatigar com tanto excesso, que deve atender à sua saúde, não só por seus filhos que o estimam muito, como também pelos próprios ceguinhos que com tanta dedicação e amor dirige, servindo-lhes de bom pai. A guerra aqui continua nas mesmas bases, com pouca diferença. É verdade que já não se pode, com rigor, repetir a mofina velha e enjoativa: – o Exército ocupa as mesmas posições –, porque anteontem duas companhias do 6º Batalhão entraram pela mata no Potreiro Pires e tomaram duas pequenas trincheiras inimigas. Avançamos pois mais um bocadinho. Agora vamos descansar e dar tempo ao inimigo que se fortifique para avançar depois mais um bocadinho (cavalheirismo brasileiro). O que me parece mau é que neste passo de *tartaruga* os nossos soldados e oficiais vão desaparecendo debaixo do fogo das guerrilhas e tiroteios das avançadas, pois os paraguaios ocultos na mata atrás dos paus vão zombando da bravura com que os atacamos a peito descoberto. Mas quem sabe se nisto não entra algum plano importante e transcendente? O conde d'Eu está tratando da organização do Exército e vai acabar com a forma (realmente má) de nosso sistema de recrutamento e substituí-la pela conscrição – realmente a conscrição é atualmente incompatível com a organização deste nosso Exército, talvez que por isso procurem acabar com ele atirando-o gloriosamente ao combate. Na verdade tenho visto e sabido por aqui de tanta coisa que nada me pode causar admiração. Manda-se tocar retirar quando o Exército tem transposto as trincheiras inimigas (16 e 18 de maio). Veja que é a coluna cerrada a disposição mais predileta para atacar os pontos fortificados, avançando-se sobre bocas de fogo que vomitam bombas, granadas, cachos de uvas,

lanternetas etc. (brilhante feito de Curuzu e Curupaiti), que a infantaria foge espavorida ao grito de – aí vem cavalaria – que substitui o grito aterrador que o conde de Lipe imaginou (vê-se disto todos os dias) (tática em ação), o acampamento de um corpo de uma divisão com o flanco ou a retaguarda voltada para o inimigo (castrametação!), um exército invasor que não quer que se provoque o inimigo, recebendo sempre em primeiro lugar o fogo do inimigo invadido, e respondendo com acanhamento por ordem superior (energia!), um marasmo completo nas operações de uma guerra ofensiva; porém um imenso rebuliço de paradas, formaturas quando passa o general, cortejo no dia de gala a S. Ex.^a o Imperador de Comissão (adulação? não! tributo ao mérito!), dois exércitos que saíram dos povos que mais se odeiam, que se hostilizam no mesmo campo de batalha, negando pão e água um ao outro em presença do inimigo comum (exércitos aliados!), ordem para que os oficiais não usem de suas divisas em dias de combate (bravura!), um fornecedor vendendo os gêneros ao Exército por um preço excessivamente maior do que se poderia obter de qualquer outro e até dos pequenos comerciantes que acompanham o mesmo Exército... (economia!), navios que navegam muitos dias de um ponto para outro sem saber ao certo onde devem deixar o carregamento que afinal se estraga, ou não chega a tempo (previdência!), encarregados de depósitos de fardamento e material que vivem descansados e à larga deixando que tudo apodreça ou leve descaminho (atividade e zelo!), oficiais que se escondem atrás dos paus e até fazem buracos no chão para esconder-se nos dias de combates e bombardeios (temos muitos aqui entre nós, Drago por exemplo) outros que nem vêm cá (condenados por serviços prestados à guerra) e outros que praticam atos de verdadeiro heroísmo completamente esquecidos (atos de justiça!), comandantes os mais bravos, os mais pichosos censurados e desmoralizados (oficialmente) em frente a seus comandados só porque um soldado não estava com as calças bem engomadinhas (como acontece aqui com alguns comandantes da 1^a Divisão, os mais distintos do Exército) (animação!) etc. etc. etc.

Doutor. Parece-nos que por aqui as coisas andam com os nomes trocados?!... Ou então estou no mundo da lua (como se costuma dizer). Dizem que S. Ex.^a (o Imperador de Comissão) vai dar



agora um ataque estrondoso! Bom vento lhe sopra. As más línguas porém dizem que o que ele quer é – *embromar* – como dizem os castelhanos, que o que se projeta é um novo e formidável ataque à boa-fé do país que está *embasbacado* com os olhos voltados para o Paraguai, mas que nada *capisca* do que vai por aqui nesta casa de marimbondos. Enfim o que for soar! Conforme lhe participei já, deixei a 1ª Divisão quando o general Argolo foi comandar o 2º Corpo de Exército; fui nomeado engenheiro do 1º Corpo de Exército e fui logo encarregado de dar um balanço geral nos depósitos de Itapiru e Passo da Pátria e formar um regulamento para estas repartições. Por estes dois dias dou-a por finda e vou para Tuiuti. A sua segunda netinha, minha filha, será tão bonitinha e brejeira como a primeira? Já mandei pedir o retrato dela à Nanhã, de quem tenho ultimamente recebido muitas cartas e muito longas (das que eu gosto que me escreva). O Tibúrcio lhe manda recomendações. Este distinto militar torna-se cada vez mais distinto e caminha a passos agigantados para os mais brilhantes papéis que o futuro sorrindo lhe oferece. Somos cada vez mais amigos. Peço-lhe que dê de minha parte muitas lembranças a dona Olímpia, dona Mariquinhas, dona Maria Marcelina, dona Maria Teixeira, senhor Rocha e sua mulher e aos meus bons amigos Guimarães, Veíga, Honório, Coimbra (quando falar com eles). O portador parte já e por isso vou terminar aqui. Adeus, meu bom pai e verdadeiro amigo, aceita um apertado abraço e o coração saudoso de seu filho

Benjamin Constant Botelho de Magalhães

N.B.:

Peço-lhe o favor de ir com minha mulher quando puder à casa do Malaquias e Tibúrcio para que ela por mim lhes agradeça os imensos favores que me têm feito.

Talvez que ainda os nossos batalhões façam fogo uns contra os outros para ver se assim acabam com os paraguaios!³¹

³¹ In: LEMOS, Renato (org.). *Cartas da Guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999, pp. 90-93.

(De Benjamin Constant para Cláudio Luís da Costa)

Corrientes, 2 de abril de 1867.

Para aproveitar o portador seguro que é o senhor primeiro-tenente da nossa armada Pedro Antônio do Monte Bastos, a fim de dar-lhe notícias minhas escrevo-lhe esta ligeira cartinha. Muito estimo que esteja de perfeita saúde, assim como a dona Olímpia e dona Mariquinhas. Eu, como lhe disse na carta que lhe escrevi em 23 de março, estive de cama e muito mal com as febres intermitentes, no fim de [4] dias levantei-me da cama quase bom e no dia 27 fui mandado em comissão a esta cidade. Tive aqui dois acessos muito fortes em casa do Tibúrcio, com quem estou; mas felizmente estou bom. Da data em que lhe escrevi para cá nada tem havido de novo no Exército, é sempre o mesmo marasmo, tiroteios, bombardeios, mas não se adianta um passo e cada vez há menos esperança de que isto se acabe cedo. Os nossos generais dormem indolentemente surdos aos gemidos e às agonias das vítimas que vão fazendo esterilmente. Os hinos que os lisonjeiros cantam-lhes aos ouvidos dão-lhes sonhos agradáveis e por isso parece-me que querem ficar indefinidamente nesta miserável e vergonhosa situação em que temos estado em frente a um inimigo já desmoralizado e já abatido. Já não há mais auxílio de forças por que se deva esperar, as cadeias já estão vazias de criminosos, já transformaram em soldados incumbidos de defender os brios e a honra da nação aos criminosos e facínoras condenados a galés! Não sei por que é que se espera. Enfim não tenho tempo para falar-lhe das misérias que por cá têm havido com o necessário desenvolvimento e por isso termino aqui este nojento assunto. Outra vez lhe falarei com toda a extensão. Só lhe digo que o cólera está em Corrientes, onde tem feito já bastantes vítimas e já se vai aproximando de Tuiuti onde já também deu começo à sua devastação. Eis por que se esperava; mas não, isto ainda não basta, é preciso levar mais longe a nossa vergonha e as nossas desgraças. Por que não se ataca o inimigo? É uma pergunta que todos fazem e a que os generais que dispõem dos exércitos não querem responder. Mas todos sabemos a razão, que é a seguinte: não se ataca porque não



temos generais que prestem para coisa alguma, não se ataca porque os generais têm medo. Esta é que é a verdade embora procurem mil estúpidos rodeios, desgraçadas evasivas para ocultarem-na ao país. Esperar situação mais propícia quando as febres vão [fazendo] numerosas vítimas, quando o número de doentes vai aumentando cada vez mais, havendo já 12 mil doentes nos hospitais, quando o cólera aí está para aumentar a devastação? Quando o inverno que aqui é fortíssimo se aproxima para paralisar os nossos movimentos? Esperar indolentemente quando a situação é momentosa e desesperadora? Esperar o quê? Quando é certo que, com os recursos que ainda temos, uma operação enérgica e decisiva levava-nos à completa vitória. Isto é mais que indolência, mais do que um crime, mais do que falta de patriotismo, é uma traição ao país. E estes miseráveis que tão desajeitada e estupidamente nos dirigem, e que andam sempre vergonhosamente bem abrigados dos perigos não são responsáveis por estes crimes. Hão de ser recebidos com aplausos e vivas. Hão de ser julgados os únicos mártires da pátria! Miseráveis!...

74

Doutor, mudemos de assunto. Por estes quatro dias volto a Tuiuti, tendo de construir duas baterias para morteiros na esquerda de nosso acampamento. A direita já eu a cobri completamente com um entrincheiramento geral e fortifiquei com algumas baterias. Vou agora acabar a fortificação das avançadas da esquerda. Dizem que feitas estas baterias ataca-se; mas é falso, o que querem é procurar algum pretexto embora frívolo para continuarem no marasmo. E eu a falar outra vez em guerra! Como lhe disse não há novidade que mereça menção especial a não ser a chegada do cólera. O seu filho João está bom, continua empregado e vai procedendo muito bem (anda bichento; os bichos-de-pé têm-lhe dado um (...) formidável, quase que está cambaio; mas já vai menos bichento e está gordo e bem-disposto). Adeus, meu bom pai e amigo, dê muitas lembranças à dona Olímpia, dona Mariquinhas, senhor Rocha e sua senhora, dona Margarida, ao cônego Lira, doutor Almeida, dona Maria Marcelina e aos meninos e meninas cegas. Aceite o coração e um apertado abraço de seu filho e verdadeiro amigo

Benjamin Constant Botelho de Magalhães

N.B.:

O senhor Monte Bastos é meu conhecido de poucos dias, porém tem-me mostrado muita afeição. O Tibúrcio e outras pessoas de respeito dão-me dele muito bonitas informações. No dia 28 em que fez anos veio convidar-me e ao Tibúrcio para jantarmos com ele a bordo do Recife e tratou-nos excelentemente. É muito considerado por aqui.³²

(De Benjamin Constant para seu pai)

Corrientes, 5 de abril de 1867.

Meu pai e bom amigo,

[À margem:] A carta da Nhanhã que me veio aberta foi de 29 de março.

Com data de 3 do corrente escrevi-lhe uma carta (...) que foi pelo primeiro-tenente de nossa armada Pedro Antônio do Monte Bastos: ao entregar-lhe a carta, disse-me que era muito seu conhecido e de seu irmão Jeremias. No dia 23 escrevi-lhe também uma pequena carta que mandei pelo correio; dentro ia uma para sua filha, minha mulher. Não tem havido, da última data em que lhe escrevi para cá, nenhuma novidade senão a continuação de nossos males, de nossas misérias, que vão em sua crescente progressão. A fim porém de dar-lhe notícias minhas e receber suas e de toda a nossa família aproveito o portador que é o senhor capitão Leônidas José de Cerqueira Lima, meu conhecido e afeiçoado, para escrever-lhe mais esta cartinha. Vai, como acontece a todos os que por cá têm vindo, revoltado contra tudo isto. Foi o diretor de nossos hospitais em Corrientes e pediu a reforma e obteve, a fim de voltar ao seio de sua família, pois é casado e tem quatro filhos a quem a farda não só não dá futuro, nem amparo

75

³² *Idem*, pp. 141-143. Intervenções da publicação original.

algum como priva-o de obtê-lo por outros meios enquanto estiver com ela. Não faz idéia a intensidade com que o desânimo vai lavrando em nosso Exército. A palidez do desânimo pinta-se em todos os semblantes mesmo dos mais bravos e mais fanáticos pela farda. É a conseqüência natural da calma podre com que aqui encalhou a nau do estado. É a conseqüência lógica da criminosa inação em que temos estado, há quase um ano, em frente às insignificantes muralhas de Tuiuti e Curupaiti. Não obstante a falta de fé sobre os boatos que por cá se espalham, corre como certo que até o dia 16 do corrente há-de haver o ataque em que há tanto tempo se fala. Deus o traga a fim de ver se acabamos com esta porcaria que é mais um padrão de nossa vergonha. Espero voltar por estes três dias ao Exército; parece-me que vou ser incumbido de completar as fortificações de nossa esquerda nas linhas avançadas, construindo duas baterias para morteiros. Já fortifiquei a direita, é justo que vá agora para a esquerda. Posso-lhe afirmar que tenho trabalhado muito desde que cheguei a este Exército e sempre nas avançadas, isto é, sempre nos pontos mais perigosos. Não lhe digo isto, senão para dizer-lhe a verdade. Não tenho pretensão alguma na vida militar: só o que desejo é voltar (quando isto se acabar) e bem com a minha consciência. O cólera continua a sua devastação, os hospitais regurgitam de doentes e o número de doentes de diversas epidemias aumenta espantosamente. O quadro que por aqui se apresenta não pode ser mais desanimador. Talvez me julgue um exagerado, um descrente, um pessimista? Antes o fosse. O dinheiro continua a gastar-se abundantemente e sem necessidade. Para dar-lhe uma pequena idéia, já que não posso entrar agora em longos desenvolvimentos, vou contar-lhe um fato, que é oficial. Há aqui um contrato com um correntino para efetuar, com chalanas suas, os embarques e desembarques de nossos navios que aqui chegam carregados de tropas, materiais etc. O nosso governo paga todos os meses a este tratante oito, dez contos de réis. Pois bem, o Tibúrcio, que aqui veio para comandar o Batalhão Provisório, combinado com o major Peres, encarregado dos depósitos, com quatro chalanas nossas e um contingente de 12 praças fornecido diariamente pelo batalhão, tirando-o dentre os muitos soldados que ficam de folga, fizeram durante seis dias todo o serviço, tornando inteiramente desnecessário o pernicioso auxílio do tal tratante correntino. Neste pouco tempo

realizaram uma economia de perto de três contos de réis, como consta dos mapas de embarques e desembarques durante esses seis dias. Pois bem, as chalanas foram distraídas para um serviço insignificante e não voltaram. O Tibúrcio oficiou pedindo que lhe mandassem algumas das muitas chalanas que estão apodrecendo no Passo da Pátria e até hoje não foi atendido. Eu officiei ao chefe da Comissão de Engenheiros, que é também o quartel-mestre-general, pus-lhe bem claras as vantagens que havia e quanto era pernicioso o infeliz contrato feito com o tal correntino e até hoje as coisas continuam na mesma. Destes fatos há por aqui muitos. Adeus, meu bom pai e amigo, mande-me notícias suas, de dona Olímpia, dona Mariquinhas e de todas as pessoas de nossa amizade. Mande-me também notícias de minha mulher e minhas filhas e aceite um apertado abraço de seu filho e amigo sincero

Benjamin Constant

N.B.:

Os acessos de febre não me têm voltado.³³

77

(De Álvaro Joaquim de Oliveira³⁴ para Benjamin Constant)

Parecuê, 28 de maio de 1868.

Meu caro Benjamin,

É a primeira vez que te escrevo. Mas bem sabes que a falta de cartas não indica falta de amizade. Tenho-te sempre na lembrança; tenho saudades tuas, como se ontem tivesses saído daqui. Não te tenho escrito, não sei por quê: será por preguiça, por falta de ocasião, por cinismo; mas não por falta de amizade.

³³ *Idem*, pp. 147-150. Intervenções da presente publicação.

³⁴ Álvaro Joaquim de Oliveira – militar e professor de matemática cearense.



Tenho sabido pelo Marciano e pelo João que continuas a sofrer das malditas febres. Sinto-o de todo o coração; e faço votos para que fiques livre dessa lembrança deste maldito Paraguai.

Não tenho estado com o Marciano, que acha-se no Chaco. Há talvez vinte dias que não o vejo: mas sei que ele está bom. Teve um elogio no combate do Chaco, onde comandou uma bateria de quatro, depois que foi ferido o capitão Fialho.

Com o João tenho estado sempre, e todos os dias falo com ele pelo aparelho, para o Taií. Já não tem aquelas idéias guerreiras, e, o que é mais, já não é admirador da Aimée; e até diz que não há de ir mais ao Alcazar. Ele está bom, e continua a ser sempre aquele mesmo menino sisudo e amável.

Quanto à guerra, não sei o que te hei-de dizer. Humaitá está, deveras, sitiado; mas ninguém sabe ainda quando se renderá. Pode ser daqui a um mês; mas pode ser também daqui a um ano, conforme os recursos que os paraguaios tiverem acumulado. Ora, se não é possível saber com segurança quando cairá Humaitá, como se há-de saber quando terá fim esta guerra? Eu não vou perguntar ao Caxias quando supõe que isto se acaba, porque estou convencido que ele sabe tanto como eu; e se não me faz a mesma pergunta, é porque não lhe fica bem. Ah! Meu caro! Eu quando leio esses jornais daí, que se ocupam já dos festejos para o fim da guerra, tenho vontade de chorar, por ver como esse povo está iludido! Povo criança, que passa todos os dias por novas decepções, e sempre crê! Do que acabo de dizer-te, verás que não é invejável a sorte de quem aqui está. Quanto a mim, já me falta a paciência. Não tenho esperanças de voltar ao Brasil; e esta idéia me horroriza. Hoje é absolutamente impossível obter uma licença; de sorte que não há saída possível para aqueles que estão nesta prisão.

Eu aqui levo uma vida solitária. De dia ando quase sempre ocupado; mas às noites não saio de casa. O Fialho é o meu companheiro constante. Somos vizinhos; mas já não armamos urupucas. Faltas-nos aqui; mas não te desejamos: Deus te conserve aí pelo Rio, e permita que aí te vamos fazer companhia. O Cloro é sempre o mesmo: eu não sei o que seria de mim, se ele me faltasse aqui no Paraguai, onde é tão fácil morrer de *spleen*. Depois que daqui saíste, a minha vida tornou-se mais monótona e triste; e então depois da morte do Bernardo, não há palavras para exprimi-la. Às vezes parece-me um sonho, quando me lembro da morte do pobre

Bernardo! O Jardim é que está cada vez mais idiota: e até parece-me que ele começa a convencer-se disto. Está lá para o Taií.

Não quero deixar de falar-te no *amável* Argolo. Está comandando o 2º Corpo de Exército, no Curupaiti, e continua cada vez mais maçante e cínico, principalmente com a Comissão de Engenheiros, que é composta, ali, do Sebastião de Sousa e Melo, Vilela, Lassane e Paulo José Pereira. Pobres cristãos, que estão condenados a suportar aquela peste!

Ainda não te falei na tua carta que recebi há tempos. Andei com ela nos bolsos durante muitos dias, como faço com as de minha família, e li-a mais de cem vezes. Ah, meu Benjamin! Eu às vezes tenho necessidade de que me console, e me dê forças para suportar esta cruz!

Vou dar fim a esta. Ainda tenho de escrever à minha mãe, e já é tarde.

Adeus, meu Benjamin.

Desejo que fiques completamente livre das tais febres e que gozes de perfeita saúde no meio dos teus. Tuas filhinhas estão sempre galantinhas, como eram nos retratos?

79

Adeus. Recebe muitos abraços e saudades do
Teu amigo do coração

Álvaro

N.B.:

Escreve-me, sempre que puderes.

Lembranças ao Honório, Bicalho, ao Antônio, Veiga etc.

Já sabes que sou teu superior agora? Meu amigo, há certas coisas...

Um senhor capitão de Comissão já tem uma certa importância...

Vejam só se a importante *Repartição dos Telégrafos* não vale nada!...

Hein!?³⁵

³⁵ In: LEMOS, Renato. (org.). *Op. cit.*

(De conde de Gobineau³⁶ para D. Pedro II)

Castelo de Trye (Oise), 2 de agosto de 1870.

Majestade,

Acabo de receber a carta de Vossa Majestade com data de 8 de julho e não sei como agradecer ao Imperador todas as atenções dispensadas a mim e aos meus. Continuo, com efeito, com um pouco de febre. Espero que com o tempo tudo passará; mas estou tão atarefado que queria bem não ter que me preocupar com isto.

Já enviei a Vossa Majestade os dois manuscritos e a carta do senhor Renan. Não tornei mais a ver este desde sua viagem interrompida ao Spitzberg e não sei se, nas circunstâncias atuais, ele iria retomar o seu curso. Em todo caso, não me parece que isto possa tardar muito.

Terei em breve a honra de vos enviar, Senhor, algumas notas para o *Prometheu* que eu bem quisera ver terminado e *em versos*. Seria um lindo monumento e a ele dou grande importância.

Nada me causa maior alegria do que a palavra *até logo* que me diz ainda Vossa Majestade e penso já no próximo ano com entusiasmo. O Imperador tinha já motivos de grande interesse para animar seu espírito com esta idéia. Mas parece-me que agora o exame da vida européia será ainda mais atraente e instrutivo do que teria sido há três meses. Os fatos que se produzem neste momento não deixarão de anunciar resultados bem graves e de fazer subir, à superfície das coisas, tantas verdades essenciais que haverá um estudo bem importante e já pronto sob as vistas, e grandes conclusões a tirar de tudo o que se vir. É chocante no mais alto grau, ver como esta nação encara a questão com a seriedade que merece e, se é difícil à gente mostrar-se indiferente a esta manifestação do espírito público que acaba de dar ao Exército mais de 100 mil voluntários alistados em poucos dias, creio que não se pode ficar menos impressionado presenciando-se com que união

³⁶ Joseph Arthur Gobineau (1816-1882) – diplomata e escritor francês.

se esforçam os não combatentes preparando subscrições, ambulâncias, socorros de toda espécie para os exércitos.

Ouso citar ao Imperador um fato completamente oposto que se presencia na Alemanha. É notório que as populações do Sul, bavieros, wurtembergos, caminham com a maior repugnância em socorro da Prússia, e é preciso levar à força os *landwehrs*. O que é muito significativo e constitui o ponto sobre o qual eu queria chamar a atenção de Vossa Majestade, é que a emigração sempre importante nos países que indico e nas margens do Reno manifesta-se e vai manifestar-se cada vez com maior intensidade, visto os meios de subsistência escassearem. Não acha o Imperador que o Brasil teria um grande interesse em tomar medidas para chamar a si a emigração dessas populações católicas, para a ativar, a prender, a seduzir? Parece-me isto uma boa partida que, jogada convenientemente, tiraria o Brasil de seu grande isolamento no ponto de vista da emigração geral e lhe daria o que há de melhor e de mais desejável, isto é, colonos agrícolas. Eu veria nisto o corolário muito feliz do grande trabalho de emancipação que ocupa tão justamente o pensamento do Imperador. Ainda uma vez parece-me que esta questão conduzida com firmeza, decisão e, o que é essencial, uma grande honestidade, poderia ser como uma graça providencial nos destinos do Brasil...³⁷

81

(De Francisco Varnhagen para D. Pedro II)

Viena, 26 de janeiro de 1874.

Senhor!

Creio poder já felicitar a Vossas Majestades Imperiais, pela feliz notícia que nos vem de Paris, e que oxalá de todo se realizem.

³⁷ In: RAEDERS, Georges. *D. Pedro II e o conde de Gobineau: correspondências inéditas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938, pp. 20-22.



Ao senhor Itajubá remeto para mandar a Vossa Majestade Imperial, com a possível brevidade, um magnífico livro, aqui acabado de publicar, sobre tudo quanto concerne ao Exército e Marinha da Áustria-Hungria. É o seu título *Wehrmacht* etc., e o seu autor o conselheiro Jurhitseheck. Também mando o caderno 45 dos relatórios oficiais da Exposição (cuja coleção já no nº 47 mando ao senhor ministro da Agricultura) que se refere às invenções acerca da artilharia e armas que na mesma Exposição se apresentaram. De cada uma destas obras vai outro exemplar ao senhor ministro da Guerra.

Todos vemos, mesmo cá de longe, eminente o desfecho dos conflitos com Buenos Aires. Se eles, apenas prontos e tripulados os seus encouraçados, rompem as hostilidades, não escolherão para principal teatro delas, nem o Paraguai, nem o Rio da Prata, nem o Estado Oriental nem o Rio Grande do Sul; mas sim o Norte do Brasil. E se é certo que o Peru e a Bolívia simpatizam pelo menos com a sua causa, é que lhes terão prometido que atacando com os seus encouraçados o Pará, o Maranhão ou a Bahia, e efetuando desembarques, e proclamando a emancipação dos escravos, se formarão por aí novas repúblicas que farão diminuir o formidável colosso do Império, inveja de todos os vizinhos.

Propendo a estas idéias, ouvindo que os encouraçados que eles aprontam são mais para o mar, e não como os nossos, exceto o *Brasil*, de fundo raso, só próprios para rios. Provavelmente procurarão tripulá-los com *yankees* destemidos e até desalmados; e se assim for, darão entre nós sinal de si apenas declarada a guerra e antes de se apresentarem em Buenos Aires.

Para lhes fazer frente não temos mais que um meio: o de passarmos quanto antes a comprar quantos encouraçados encontrarmos prontos, armando-os da mesma maneira, e oferecendo grandes recompensas a todos no caso de vencedores. Batidos os encouraçados argentinos e também os peruanos se vierem a meter-se na contenda, só o Brasil dará a lei; mas aí de nós, se as forças navais *marítimas* (não fluviais) inimigas fossem superiores e destruíssem as nossas!...

Só em pensá-lo o coração se me aperta e a pena me cai das mãos... Em todo caso, Senhor, antes fazermos gastos de sobejo com muitos encouraçados que virmos a ficar à mercê dos argentinos.

Dizem que o governo italiano vai vender vários encouraçados. Se não são muito bons serão baratos e servirão nos portos de baterias flotantes, tendo boa artilharia.

De Vossa Majestade Imperial
O seu muito humilde súdito

*Barão de Porto Seguro*³⁸

(De conde de Gobineau para D. Pedro II)

Estocolmo, 13 de fevereiro de 1874.

Majestade,

Enviei ao *Correspondant* o artigo sobre o Brasil. Ele é um tanto longo. Mas esforcei-me por fazer entrar o mais possível a substância contida na Estatística. Foi feito sob o ponto de vista da Emigração e queria aí poder contribuir com alguma coisa. Agora, tenho pressa em ver o artigo publicado e saber se Vossa Majestade o aprovará. Consegui também finalmente ver coroados meus esforços quanto aos operários mineiros. Arranjaram-me quatro e creio que poderíamos conseguir ainda mais. O major Mursa disse-me que precisava de quatro. E assim fiz. Escrevi ao cônsul-geral de Vossa Majestade, em Copenhague, para pedir-lhe que enviasse ordens ao vice-cônsul que está aqui. Ele respondeu-me que já o tinha feito. Mas este último parece-me que não se julga suficientemente autorizado, pois nada decide com os operários. Receio que estes se desencoragem e tomem outro partido. Em geral, julgo que se Vossa Majestade deseja ter, seja operários ou emigrantes suecos e noruegueses de diferentes categorias, é possível arranjar-se. Mas seria bom facilitar os meios criando agentes consulares

83

³⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Op. cit.*, pp. 415-416.

em diferentes pontos e escolhendo gente ativa. Se o Imperador acha que tenho razão, achará também que aquilo que posso fazer, eu o faço tanto neste ponto como em qualquer outro. Parece-me que seria interessante procurar atrair para o Brasil uma emigração que se compõe, em geral, de gente forte, laboriosa e que em absoluto não tem idéias revolucionárias.

Temos aqui a dieta aberta, há uns quinze dias, e tudo se faz com calma e de modo tão pacífico que nela nada há a censurar. Não sei, no entanto, se, com o tempo, a alta sociedade, não acabará por estragar esta situação. Pois o erro não virá por certo de baixo, o primeiro pelo menos.

Vossa Majestade segue certamente com interesse a crise religiosa da Alemanha. O senhor de Bismarek predisse uma vez que cairia por uma tolice cometida sem necessidade. Receio muito que sua discussão com o episcopado alemão não seja essa tolice. Ele tem a honra, neste momento, de ser o aliado e o amigo de tudo o que existe de jacobinos no mundo. Não sei se o Imperador conhece um livro intitulado *An Szepter und Krone*, assinado Gregório Samarou. Atribuíram-no ao príncipe George da Prússia e parece decididamente ser do conselheiro íntimo hanoveriano, o senhor de Meding. Como romance, é mais que medíocre; mas o assunto principal do livro, os acontecimentos de 1866, são narrados com uma precisão, um conhecimento dos homens, dos fatos e dos detalhes, que lhe dão um interesse dos mais surpreendentes. Todos os homens importantes desse tempo, da Alemanha, França, Rússia são retratados com o maior conhecimento de causa. Como é de se ver, o trabalho produz uma sensação enorme em todo o Norte da Europa.

Em França, o grande sucesso atual são as cartas à *Incógnita* de Mérimée. Trata-se da senhorita Dacquin, pessoa de muito espírito e que conheço bastante. Não é menos verdade que custo a compreender a razão pela qual ela terá sido levada a publicar sua correspondência com um homem que tanto a amou e a vender suas cartas a um livreiro que lhe deu quarenta cêntimos por um volume vendido. São essas imaginações modernas que me parecem ser perfeitamente aviltantes. Mas, é possível que me engane.

As *Pleiades* acabaram por ser enviadas a Paris onde serão impressas; esse infeliz livro continuando seus infortúnios, perdeu-se em caminho. Encontraram-no em Colônia um mês depois; agora,

ele está nas mãos protetoras de Plon. Logo que esteja pronto, será enviado a Vossa Majestade...³⁹

(De Francisco Varnhagen para D. Pedro II)

Viena, 17 de fevereiro de 1874.

Senhor!

Perdoe-me Vossa Majestade Imperial que eu vá outra vez tão sem demora a Seus Pés; mas tenho dormido apenas, cavilando na audácia com que nos ameaçam os nossos fiéis aliados e nas esperanças com que sem dúvida contam. Acabo de receber o último número do *Brazilian Times* e alegrei-me de ver que não sou o único a opinar que devemos quanto antes tratar de ter toda a superioridade naval, pois, do contrário, ai da integridade do Império!

Acode-me porém hoje ainda outro remédio, muito mais fácil e mais barato: a de uma lei preventiva, proposta às Câmaras com urgência, autorizando o governo (ou aos presidentes de província, em caso de ser cortado o cabo telegráfico) a, havendo guerra, declarar livres a todos os escravos que tomem armas contra o inimigo nos *municípios* que ele ameaçar.

Creio que apenas fosse promulgada uma tal lei, veríamos mais circunspectos na ameaça os novos Rosas; visto que faríamos de antemão nossos e contra eles essas *forças* dormentes em que por ventura tanto fundamentam suas esperanças.

Sempre de Vossa Majestade Imperial
O muito leal e humilde Súdito

*Barão de Porto Seguro*⁴⁰

³⁹ In: RAEDERS, Georges. *Op. cit.*, pp. 156-158.

⁴⁰ *Idem*, p. 417.



(De Francisco Otaviano para Salvador de Mendonça)

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1878.

Meu querido Salvador,

Pelo tremido da letra verás que é de enfermo: hoje me levantei da cama onde me prostrou uma febre furiosa que se apossou do meu corpo como touro desesperado e o malhou a bem malhar com seus cornos por toda a parte onde encontrou sinal de vida. Não sei por que acidente, o primeiro livro que peguei foi o que me mandaste do maluco do Schlieman, que se mete neste tempo de realismo a desencavar ossadas de cidades que a ciência tinha declarado não haverem existido. Com aquele maluco, veio-me logo a do outro sonhador que me mandara o livro, e então senti remorsos de te não haver respondido há mais tempo. E como estamos morrendo todos os que nesta terra nos temos querido elevar pelo culto do grande, do justo e do belo, não devo espaçar para amanhã... quem sabe se amanhã não serei “pasto de vermes”.

Meu querido, os nomes que viste luzir na aurora liberal te deviam, com razão, iludir a respeito da influência que eu poderia ter...

Mas, juro-te, à fé de cristão, nunca na minha vida pude menos! Pouco tem transpirado, pela minha paciência. Não quero jamais que por ato meu esta situação baqueie, porque, meu Salvador, não nos iludamos! Se os liberais não puderem fazer o bem, agora depois dos nove anos de balbúrdia conservadora, se eles caírem para subirem os conservadores, o país entra em convulsão: a luta não será mais entre liberais e conservadores, será entre republicanos e monarquistas; ou os republicanos se preparam com talento para serem os fortes, e então a monarquia cairá; ou os ambiciosos precipitam as coisas, e os monarquistas vencem, atrasando por muitos anos o progresso desta nossa pátria.

E ouve aqui no teu ouvido, meu republicano da minha escola; se acaso houver luta armada e os monarquistas vencerem, a única garantia de moderação será o imperador! Nesse caso é pedir por sua vida.

Porém voltando a teus assuntos: mandei mostrar ao governo por gente mais chegada a tua carta. Infelizmente o Vila Bela veio de Pernambuco com as algibeiras cheias de requerimentos, tudo lhe serve, desde meirinho até capitão-mor. Além da vaga de Espanha, quis de abrir vaga em Paris para outro afilhado! Naufragou, porque o Gaspar quis o posto, para um seu; e assim teve de voltar o Rocha.... Do meu pobre amigo de infância, o doutor Barbosa, nem se cogitava; eram esquecidos seus bons serviços como vice-cônsul e gratuitamente sempre!

Dou-te uma boa notícia que te compensa em parte. O Sinimbu reuniu um Congresso Agrícola aqui na Corte, que nestes há quatro dias tem dito mais baboseira, e aquele que mais desarrazoza é mais aplaudido. O tal Congresso foi uma capa com que o Sinimbu se quis cobrir para introduzir o serviço chim. Hoje é idéia *régia*. Ora em tais circunstâncias o teu livro é um tesouro, se tiveste o cuidado de referir tudo quanto é verdade sobre o assunto.

Mandarei lembrá-lo ao Sinimbu para te escrever e assim teres entrada. Já me cansa a mão. Adeus, meu amigo, não sejas cruel soprando-me ao ouvido as palavras de sonhos de glórias literárias. Ai! Tarde e bem tarde, sonharia eu agora, quando nada mais posso empreender, nem realizar. Quando quero fitar o horizonte e o céu, já encontro sombras: não me engano: são as da asa da morte que adeja entre mim e a vida.

Eu estou te entristecendo e a mim também. Adeus, meu amigo. Beija teus filhos e cumprimenta a senhora por minha parte, de minha mulher e de minha filha, que já me fez avô. E vou carregar o neto para me asserenar.

Teu

*Francisco Otaviano*⁴¹

⁴¹ OTAVIANO, Francisco. *Op. cit.*, pp. 255-257.



(De D. Pedro II⁴² para conde de Gobineau)

Rio, 8 de setembro de 1878.

Gobineau,

Recebi ontem a vossa carta de 14 de agosto. Espero que possais concluir o negócio de Trye na altura dos vossos desejos.

Quando receberei a *Histoire d'Ottar-Jarl*? Compreendo vossa paixão pela subjetividade, sobretudo com a sociedade atual, mas o que posso eu fazer na minha posição senão suportar mais ou menos o que é exterioridade? Como sinto falta das nossas palestras domingueiras!

Terça-feira, irei com minha senhora até São Paulo. Espero ver lá os trabalhos de estradas de ferro e tudo que interessa os progressos dessa província muito mais ativa do que as outras.

Muito me sensibilizam os pedidos de condecorações dos quais sois o natural intermediário, mas devo dizer-vos a conduta que preferi, em relação a esse assunto, visto o que se passou depois de minha primeira viagem. Durante a mesma, eu disse em todos os lugares onde havia legações brasileiras que elas poderiam propor, para serem condecorados, todos os que julgassem dignos de as possuir, por causa de minha viagem, pois quanto a mim não recomendei ninguém junto ao Ministério brasileiro. Em Atenas, não há legação, mas qualquer outra poderá agir. Quero conservar-me fora desse negócio. Após minha viagem, não se fez o que eu queria e por causa disso tive ainda outras contrariedades. Falo-vos com toda franqueza pois faço justiça aos vossos sentimentos para comigo.

Como não sei onde se encontrará a condessa de La Tour na chegada de minha carta, peço-vos a façais chegar às suas mãos.

Proximamente, após minha pequena viagem que me fará muito bem, escrever-vos-ei uma carta melhor.

⁴² Dom Pedro II (1825-1889) – segundo imperador do Brasil.

Adeus! Contai sempre com o
Vosso muito afeiçoado

*D. Pedro de Alcântara*⁴³

(De D. Pedro II para conde de Gobineau)

Petrópolis, 10 de janeiro de 1879.

Gobineau,

Se não vos escrevo mais amiúde, é porque tenho sempre muito que fazer. Felizmente aqui, sobra-me mais tempo para ser um correspondente mais assíduo. Sobre os negócios daqui, só tenho a dizer-vos que o estado das finanças é assaz difícil, mas havemos de remediar o mal com economia e medidas que favoreçam a produção.

89

A reforma eleitoral excita um pouco os espíritos, mas como as duas partes julgam-na necessária, é preciso que ela se faça. No entanto, não tenho confiança senão na educação do povo. Prefiro todavia ocupar-me de questões que não sejam políticas.

O mundo europeu está ainda pouco estável e a situação do socialismo reclama medidas enérgicas mas que tenham em vista o futuro.

Dentro em breve haverá aqui uma exposição de belas-artes. Dir-vos-ei alguma coisa a respeito, ainda que vivais numa atmosfera toda artística. É muito natural, isto vos anima e sinto-me extremamente satisfeito por causa de vossa saúde.

Espero com impaciência o resultado de vossos labores artísticos e literários, e estou certo de que eles trarão à minha lembrança os tempos em que eu gozava da vossa companhia.

⁴³ In: RAEDERS, Georges. *Op. cit.*, pp. 264-265.



Liszt enviou-me a nova edição de seu livro sobre Chopin e, lendo-o, lembrei-me de Bayreuth onde pela primeira vez o ouvi tocar, sentindo não poder passar, com ele e convosco, algumas horas na vila de Este em casa do simpático cardeal Hohenlohe.

O vapor só parte no dia 15 e acrescentarei talvez algumas palavras a esta carta. Adeus!

Vosso muito afeiçoado

D. Pedro de Alcântara.

P.S.:

Já li todos os vossos artigos sobre o *Royaume des Hellènes*. Falar-vos-ei a respeito mais tarde. Que se fará por eles, os helenos, em virtude da promessa do famoso congresso?⁴⁴

Rio, 18 de agosto de 1879.

Gobineau,

Eis vossa carta que é sempre um acontecimento feliz para mim que vos estimo sinceramente e como a estátua tarda a chegar, apresso-me em responder e dar-vos também notícias minhas. Sim, tive ultimamente aborrecimentos, mas é o estado econômico do país que me faz pensar seriamente, ainda que a prudência política, coisa pouco vulgar nos homens que se dizem políticos, consiga, com um pouco de constância o que não é fácil obter, pois os partidos são muito mal organizados, vencer as dificuldades.

Felizmente, o Norte do Brasil sofre bem menos com a seca, as chuvas não foram suficientes, e aqui já há mais de dois meses que não chove. O povo começa a sofrer com a falta de água. O céu está

⁴⁴ *Idem*, pp. 276-277.

de uma limpidez que dá para desesperar, o verão aproxima-se e é preciso pensar com muito zelo na salubridade da cidade.

Continuo a ocupar-me como sempre, mas sinto falta de boas palestras como aquelas dos domingos, e, no tocante às belas artes, quase não há o que falar. Neste ponto estais no vosso meio e conto com o vosso parecer sobre o que souberdes e principalmente sobre o que tiverdes visto.

Que me dizeis das pinturas antigas descobertas recentemente perto da Farnesina?

Peço lembrar-me ao excelente cardeal e à sua escolhida sociedade e crede que se não vos escrevo tantas vezes como quisera, é porque estou continuamente ocupado, e não é possível conversar senão com um pouco de sossego.

Adeus! Até uma outra folga que, espero, será longa. Vossa estátua será o assunto de uma carta que vos agradecerá, mas virá ela?

Que notícias tendes de vossa filha Diane?...⁴⁵

(De Francisco Otaviano para barão de Cotegipe)

Mariz e Barros, 28 de novembro de 1879.

Meu querido Cotegipe,

Recebe um sincero abraço do teu velho amigo e admirador pelo discurso de ontem. Falaste (o que é raro nos nossos dias) como homem de Estado. Atacaste o touro pelos cornos e disseste à nação a verdade nua e crua. Por uma singular coincidência e ao mesmo tempo contradição, nossos pensamentos se harmonizaram neste modo de encarar a questão. Digo contradição singular, ou coincidência singular, porque desgraçadamente o nome com que politicamente se condecoram os nossos homens públicos não é “uma voz que dá a conhecer as coisas”. Há liberais à Metternich, como há conservadores à Cavour; e tu és um conservador que em

⁴⁵ *Idem*, pp. 293-294.



nada te pareces com o programa que se entendeu dever traçar de um conservador brasileiro. Nascido em país sem aristocracia territorial ou de família, sem privilégios, sob o influxo das idéias de 89, consagradas na nossa Constituição, o conservador do Brasil não devia ser senão um liberal moderado para refrear os movimentos de um partido mais audaz em suas concepções e vistas. O Ato Adicional, que emancipou as províncias que lhes deu um pouco de respiração para cogitarem de sua sorte sem imediatada dependência do poder central; essa lei, que tornou tolerável a monarquia, porque tirou-lhe parte da responsabilidade do nosso viver administrativo; custa crer que seja pedra de escândalo para estadistas conservadores, quase todos filhos das províncias e que se dizem amigos da monarquia.

O teu discurso tem pontos sobre os quais eu pensei também ter de me pronunciar, e dir-se-ia que tínhamos combinado idéias sobre esses pontos!

A razão? É porque ambos queremos sinceramente a reforma e não essa comédia com que o nosso imperador zomba de nossas aspirações, tomando por instrumentos liberais cegos ou ambiciosos que se prestam a deixar na história que a responsabilidade de termos uma Constituinte castrada é do Partido Liberal. Para o futuro, Sua Majestade mandará escrever outras “Páginas de história constitucional do Brasil”, nas quais diga com a sua semcerimônia habitual que chamou os liberais e estes não pediram mais do que o tal projeto, com seus barbicaços, e com sua desconfiança da nação constituinte!

E assim vamos de sofisma em sofisma até... não sei mesmo onde: conservadores a fazerem de liberais no governo, liberais a se fazerem absolutistas e tudo de turíbulo em punho a cantar o *ad majorem gloriam Domini*.

Recebe o abraço e desculpa a letra do semicego e teu leal camarada,

Francisco Otaviano⁴⁶

⁴⁶ OTAVIANO, Francisco. *Op. cit.*, pp. 261-263.

(De D. Pedro II para a condessa de Barral)

1º de janeiro – Meia-noite. Agora! Receba tudo o que também neste novo ano será de Você. Ainda! Boas noites.

O dia foi de desordens e infelizmente durante quase quarenta anos que não foi preciso empregar a força como tal contra o povo. Muito me aflige isso; mas que remédio. A lei deve ser respeitada. Creio que houve prudência da parte das autoridades. Receio que ainda dure a agitação por alguns dias. Já lhe dei boas noites e vou descansar o que puder. Adeus!

2 – O dia foi melhor porque não houve mortes. Os diários lhe referirão tudo. Pelas horas a que principiaram as desordens vê-se que elas são feitas por gente jornaleira. Outros impostos se criaram entram-lhe mais na bolsa; mas como não vêm quando os pagam não se incomodam. Talvez se deva, mesmo porque não seja preciso para equilibrar o orçamento, revogar o imposto de trânsito nos bondes; mas pelos meios legais. Há trabalhadores que pela facilidade de locomoção em bondes moram mais barato longe do centro da cidade, e se por comerem em casa que é mais barato pagarem pelo menos quatro passagens ainda vão oitenta réis, que em 26 dias úteis do mês importam em 2.080 réis que fazem falta a um pobre. Por estas razões creio que as desordens não têm caráter político por ora. Eu necessariamente hei de ter andado à baila. Difícil é a posição de um monarca nesta época de transição. Muito poucas nações estão preparadas para o sistema do governo para que se caminha, e eu decerto poderia ser melhor e mais feliz presidente da República do que imperador constitucional. Não me iludo; porém não deixarei de cumprir como até aqui com meus deveres de monarca constitucional.

Fui assistir aos primeiros exames finais do Colégio de D. Pedro II no externato. Os bondes andaram livremente. Apenas ouvi um passageiro, mal-encarado, dizer olhando para mim – não, não se há de pagar o vintém – e creio que numa esquina alguns homens do povo dirigiram-me palavras que não percebi. Não cesso de aconselhar moderação e energia. Veremos em que isto tudo dá. Receavam-se maiores distúrbios de noite; porém até agora – quase meia-noite – nada me tem constado. Vou descansar. Boas noites! Adeus!



3 – Tenho ido sempre ao banho e tudo está então quieto. Talvez hoje menos haja do que ontem, mesmo para descansarem até amanhã, que é dia de salário. Hoje não há despacho porque os ministros carecem de estar na cidade. Só à noite fecharei esta carta.

Quase nada hoje. O Sinimbu pensa que tudo está acabado ou prontamente terminará. Chegou hoje vapor com notícias de Paris até 11. Adeus! Tome meu abraço e creia que as saudades são muitas da parte do

Sempre seu

*Pedro*⁴⁷

(De D. Pedro II para conde de Gobineau)

Rio, 3 de janeiro de 1880.

Gobineau,

Tendes lido notícias do Rio? Esses acontecimentos afligem-me profundamente. É esta a primeira vez que isto sucede no Rio, desde 1840. Há quase quarenta anos que aqui presido o governo sem que jamais fosse preciso atirar contra o povo. Felizmente, parece que tudo volta ao seu estado normal.

Eu vos escrevo uma carta mui curta e quase que só para augurar-vos um novo ano como o desejais. Como sinto não poder falar-vos acerca de vosso livro tão interessante! A *Mima* já está colocada sobre o seu pedestal. Ela muito me agrada. A sua fisionomia representa alguma recordação, ou mesmo um retrato? Ela exprime bem a ação. A magreza de seus braços e de suas pernas indica a sua

⁴⁷ In: MAGALHÃES JÚNIOR, R. D. *Pedro II e a condessa de Barral: através da correspondência íntima do imperador, anotada e comentada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

condição, mas eu acharia talvez os seios um tanto desenvolvidos. Eu a contemplo amiúde, sobretudo do lado direito que prefiro.

Não disponho de tempo para dizer-vos agora a minha impressão completa.

Obrigado por vossa boa carta. Sim, eu nunca me esqueço de tudo o que juntos admiramos e das nossas palestras que tanto me interessavam.

Adeus! Que notícias sabeis de vossa filha em Atenas?

Vosso muito afeiçoado

*D. Pedro de Alcântara*⁴⁸

(De conde de Gobineau para D. Pedro II)

Roma, 7 de janeiro de 1880.

95

Majestade,

Como nunca leio jornais, só hoje fiquei sabendo do alarme que houve no Rio. Espero que esse fato não tenha tido conseqüências deploráveis e que se tenha conseguido vencer prontamente o movimento. As coisas na América não estão no mesmo ponto que na Europa e aí se pode ter uma certa confiança no restabelecimento da ordem, o que aqui seria apenas fictício. Vossa Majestade ouviu falar da miséria que se agrava muitíssimo em todos os países europeus? Em Paris morre-se de fome, em plena rua; as coisas aqui não estão melhor; na Irlanda, é ainda pior; na Alemanha, não se sabe o que fazer; as finanças russas vão de mal a pior e por toda a parte fala-se com afetação. Quanto a mim, não confio na continuação de um estado de paz que possa atingir 18 meses e, em todo o caso,

⁴⁸ In: RAEDERS, Georges. *Op. cit.*, pp. 319-320.



que se prolongue muito além. Enquanto os governos temporais sentem-se cada vez mais sacudidos pelas necessidades de toda espécie, o próprio Vaticano parece também atingido pela miséria e começa a ver esgotarem-se todas as fontes de renda. Começa-se a não mais saber o que será feito do dinheiro de São Pedro. Receio que daqui a pouco tempo, não se façam grandes esforços para os expedientes e as conseqüências de tais esforços.

O discurso do senhor Taine foi lido por pessoas de meu conhecimento e, segundo ouvi dizer, parece que foi muito apreciado. Vejo que o de Henri Martin agradou a Vossa Majestade. Mas dele não tenho idéia alguma. Vou procurar os artigos de Bersot. Mas tudo isto não é do meu gosto. Renan vai à Inglaterra no mês de março para fazer conferências sobre a Igreja primitiva. Ele foi chamado e penso que o decano senhor Stanley é um dos que pediu para que ele fosse. Blunt envia-me um discurso por ele pronunciado na Sociedade de Geografia. Remeto-o junto a esta pensando que Vossa Majestade se interessará pelo grave acidente de que quase foi vítima a senhorita Anne. Blunt esteve prestes a sofrer um pior, pois era para ele juntar-se à missão do coronel Cabagnari e teria sido massacrado sem dúvida nenhuma. O livro acerca da nova viagem ainda não foi publicado e Blunt apressar-se-á em enviá-lo a Vossa Majestade.

Suponho que Vossa Majestade está ao par dos progressos em que se acham os trabalhos destinados a fazer com que Oxus volte novamente ao seu leito. Parece que os reservatórios de água e os diques de Bokhara já foram destruídos. Como o resultado destes melhoramentos é tornar novamente cultivável o lado oriental do Cáspio e, por conseguinte, reabrir este caminho às armadas do norte e de leste, por mim considero esta questão como uma das mais importantes entre todas as que o mundo atual possa apresentar. Não posso dizer a Vossa Majestade o quanto me sinto feliz com a atenção que dais ao *Ottar-Jarl*. Recebi a esse respeito algumas cartas que me causaram grande satisfação e prevejo a segunda edição que conterà informações já prometidas, as quais me darão ensejo de aprofundar-me mais em pontos que ainda não vejo claramente, e que não esperava poder fazê-lo. Como ele significa para mim a grande preocupação de meu espírito e de meu coração, Vossa Majestade pode imaginar como estou contente. Mas

como vou de encontro ao espírito moderno! É decididamente irreconciliável e isto alegra-me como tudo o mais. Por outro lado, as pessoas de bom pensar estão escandalizadas com o pouco de consideração que eu mostro para com as categorias; positivamente eu deveria ter me contentado em viver no X^o século, mas não tenho qualidades próprias ao XIX^o...⁴⁹

(De Antônio Tibúrcio de Sousa⁵⁰ para João)

Porto Alegre, 5 de março de 1880.

Meu caro João,

Acabo de ler a tua carta de 11 do passado. Já a imprensa da terra me havia dado a terrível nova da falta de chuvas no infeliz Ceará! De longe essa desgraça assume as proporções de um sinistro! Parece-nos que não é somente uma calamidade o produzir os lentos efeitos de uma consunção, e sim um pavoroso e interminável incêndio a devorar brutalmente uma geração. A falta de conformidade com o infortúnio nos leva sempre o argüir a alguém ou a alguma coisa daquilo que sofremos; no caso vertente, porém, o autor do mal é a ignorância em que ainda estamos, de certas leis meteorológicas, não nos sendo dado prever os fenômenos atmosféricos, como prevemos os eclipses, as conjunções lunares, a passagem de certos planetas pela projeção das órbitas de outros etc. A ciência vai pouco a pouco aniquilando o empirismo dos tempos idos e dirigindo com tal ou qual segurança a atividade humana, na luta pela existência, mas ainda estamos mui distanciados desse estado-livre em que toda a sorte de conhecimentos realizados tenha por caráter distintivo a previsão.

Salvaguardar o Ceará da seca há de ser ainda por muito tempo um problema transcendente.

⁴⁹ *Idem*, pp. 320-322.

⁵⁰ Antônio Tibúrcio de Sousa (1837-1937) – militar cearense.



No conflito vital triunfam e perpetuam-se as naturezas dotadas das maiores energias, mas é necessário que no mundo racional essas energias sejam postas em jogo à vista de um plano, e não a esmo e por palpite, como quem faz uma parada de jogo de azar. O maior defeito dos jornais é a ingenuidade; eles crêem que o prestígio das altas posições supre a falta dos métodos políticos, e daí uma série de desatinos, que nem sequer aspiram à classificação de crimes porque derivam todos eles da cândida intenção de um homem que não estava preparado para a tarefa. Há outros que dizem como Prudhomme: *C'est mon opinion, et je la partage*.

... Quanto à política duas palavras só: Faça o que entender, sem preterir-se a si (desculpe a acumulação pronominal) e em a alguém que esteja melhor ensaiado. A meu respeito você anda desde muito tomado de tal sincretismo que dir-se-ia – um namoro. Tenho receio de que no ato de exhibir-se fique você *dévoilé* e diga: pensei que este animal era menos comum.

Adeus. A política de cá é um saco de gatos (conceito do falecido Osório).

Abrace o Tomás Pompeu e os irmãos. Um aperto de mão ao metafísico Catunda.

Sempre o teu ex corde

*Antônio Tibúrcio*⁵¹

⁵¹ In: SOUSA, Eusébio de. *Tibúrcio. O grande soldado e pensador*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1938, pp. 94-95.

(De Carlos Gomes⁵² para Giulio Ricordi)

Maggianico, 16 de julho de 1884.

Caro Giulio (Ricordi),

Peço a sua atenção para o que lhe exponho.

Do Brasil, pedem-me uma peça *popular* para banda e também para canto. Creio também ser desejo do Imperador, por isso não duvido que irá imprimir o manuscrito que lhe envio hoje por carta registrada.

A peça é dedicada à primeira das províncias brasileiras que libertou os escravos: o *Ceará!*

Deve ser feita uma vinheta representando o mar visto da terra; duas jangadas libertadoras de escravos tornadas célebres por um feito patriótico ocorrido em 25 do março deste mesmo ano; o dia em que foi aclamada a liberdade de todos os escravos da província do Ceará!

O esboço que encontrará junto ao manuscrito dará uma idéia aproximativa ao bravo Ebel, que perceberá o assunto sem outros detalhes.

Do outro esboço, separado do manuscrito, gostaria de ver a figura de uma mulher representando a liberdade; ponha depois do oceano infinito o sol, surgindo no horizonte inflamado!

Tudo isto emoldurando as jangadas, já lendárias no Brasil.

Desejo que a edição seja de pequeno formato, pois desta peça popular serão impressas milhares de cópias.

Peço-lhe para me mandar duas cópias das provas de impressão, devendo o bravo maestro Mariani reduzi-la imediatamente para banda.

Espero que não tenha nada em contrário quanto ao que exponho, como também tenho certeza que fará sair a peça com a máxima solicitude.

⁵² Antônio Carlos Gomes (1836-1896) – compositor paraense.



Entretanto, peço-lhe uma palavra a propósito.

Sempre o seu fiel amigo

Carlos Gomes⁵³

(De Carlos Gomes para De Anna)

Maggianico, 25 de novembro de 1885.

Meu caro De Anna,

Deve ter recebido a minha última carta de Maggianico, onde transcrevia e traduzia o telegrama do Rio, o qual tem data de 26 de outubro.

Agora recebo diversos jornais do Rio com as notícias que lhe mando em folha separada e copiada do próprio jornal pelo amigo Paranhos. A notícia do concerto é verdadeira, tendo eu lido em vários jornais do Brasil.

Compreende-se que o imperador, como chefe do Estado, não pode me *favorecer diretamente*, porém faz aparecer a princesa imperial. Este fato é para mim do mais alto valor.

Mas eu até hoje (25 de novembro) não tenho outras notícias, exceto o telegrama do Rio com a data de 26 de outubro e a confirmação de todos os jornais do Brasil.

Você, enquanto isso, me recomenda *calma e tranqüilidade...* Pudera! 9 de dezembro está aí, aí, perto do meu portão... Mais atrás do portão estão os senhores do Banco de Lecco preparando as espingardas para vir a mim dar 31 *espingardadas*, enquanto eu gostaria de, antes do dia fixado, fazer Pum! Pum! Pum!!! na cabeça deles!

⁵³ GOMES, Antônio Carlos. *Correspondências italianas*. Organizado por Gaspare Nello Vetro. Rio de Janeiro: Cátedra/Instituto Nacional do Livro/Fundação Nacional Pró-Memória, 1982, pp. 186-187.

Infelizmente, porém, prevejo que em 9 de dezembro (por causa da distância entre Rio e Maggiano) me encontrarei como me encontro no momento em que lhe escrevo! Na época, ao invés de fazer Pum! Pum!! levantando a cabeça e com um *havana* na boca, abaixarei a cabeça e sentirei os Lecheses caírem sobre mim fazendo Pif! Paf!! etc... etc...

Ficarei em casa quietinho, quietinho, e assim que puder irei à adega fazer Um! Um!!

Você ri, hem? Mas...

Enquanto isso, o tempo passa, e eu quase adoço de impaciência! Não sei, por outro lado, entender o silêncio do amigo Castelões até hoje! Porém, dizem os franceses: “*Pas de nouvelles bonnes nouvelles*”.

Portanto, esperemos; esperemos!

Estou felicíssimo por seus triunfos no Trovador, Lucia e Africana. Triunfará sempre – eu lhe disse inclusive antes!

Tendo obtido da Real Companhia de seguros de vida um empréstimo de 1.500 libras (como de meu direito) posso continuar até... até quando puder. Por isso, eu o advirto de que aguarde uma outra minha, que lhe levará melhores notícias, mas sempre à espera de cartas do Rio de Janeiro.

Assim que tiver notícias, eu lhe escreverei.

Até logo, meu caro; receba um beijo de todo coração do seu sincero amigo

Gomes

N.B.:

Falei *mais uma vez* com Masini, apenas *para compreendê-lo*, e nada mais!⁵⁴

⁵⁴ *Idem*, pp. 224-225.



(De Francisco Glicério⁵⁵ para Quintino Bocaiúva)

Rio, 5 de março de 1888.

Quintino,

Minha intenção era vir do Rio da Prata em direção ao Rio, mas não me foi possível dirigir assim a minha viagem. Então conversaríamos à vontade. Não sei o que terá acontecido no Rio, por causa da questão militar. Pois bem, o que eu venho dizer-te é que o tempo está chegando. Você deve agora dirigir qualquer movimento militar no nosso sentido, e dar o golpe decisivo, logo que contarmos elementos de sucesso. Vibre o golpe aí, que São Paulo e o Rio Grande respondem imediatamente. O resto é sorte e da sorte da República eu não tenho medo. Tens companheiros? Não sei nem quero saber, porque acho que é bastante a tua pessoa. Em seguida *ao fato*, vêm os homens. Jamais serão tantas correntes favoráveis como no momento atual. Não perder o novo ensejo que surgir no Rio de Janeiro, eis tudo. Esta vai registrada, para segurança na entrega. Fico aguardando as tuas comunicações e adeus.

*Amigo Francisco Glicério*⁵⁶

⁵⁵ Francisco Glicério Cerqueira Leite (1846-1916) – político paulista.

⁵⁶ In: SILVA, Eduardo (org.). *Idéias políticas de Quintino Bocaiúva*. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, v. 2, p. 597.

(De Quintino Bocaiúva⁵⁷ para Francisco Glicério)

Rio, 21 de março de 1888.

Meu caro Glicério,

Sobre o contexto da tua primeira carta, só agora te direi que a ocasião não era oportuna. Ninguém mais do que eu deseja e promove pelos meios ao meu alcance a realização do único *desideratum*, da única esperança que nos resta hoje como partidários e como patriotas. Sem jactância, creio poder dizer que tenho espreitado todas as ocasiões e tenho aproveitado todas as circunstâncias e elementos para o fim de tornar possível o grande fato de que depende o futuro da nossa causa e o futuro da nossa pátria. Mas o momento ainda não chegou. Há de chegar, talvez mais brevemente do que se supõe. Saber esperá-lo é também dar prova de sagacidade política. E essa é entre outras uma das minhas pretensões.

Quanto ao assunto da tua segunda carta, ele tem menos importância do que parece. Os nossos correspondentes telegráficos não comprometem nem podem comprometer a responsabilidade editorial da folha. O de São Paulo achou razoáveis os fundamentos da não-sanção do projeto relativo ao imposto dos 400 mil-réis; mas eu hei de ainda declarar que eles foram absurdos e contraditórios. Não o fiz ainda porque isso envolve a questão geral do programa atribuído ao governo e porque a próxima eleição do primeiro distrito desta capital tornará necessárias as explicações do Ferreira Viana. Presumo que os meus correligionários vão obrigarme ainda uma vez a ser candidato. Sobre isto há divergência entre os nossos amigos. Entendem alguns que se deve votar no Ferreira Viana por pertencer a um gabinete que vai proclamar a Abolição; entendem outros que os republicanos devem abster-se... A maioria, porém, do Congresso Municipal decretou que se pleiteasse a

103

⁵⁷ Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiúva (1836-1912) – escritor, jornalista e político carioca.



eleição que eu penso que continuamos no regime das embaçadelas e dos pulhas. A reserva e as meias palavras do gabinete têm por fim evidentemente enganar a alguém. A quem? A nós ou aos escravistas. *That is the question*. O que é certo é que terei de suportar novos desgostos por parte dos amigos. Até aqui só eles me têm incomodado: dos adversários não tenho queixa. Do que ocorrer te darei parte.

*O correligionário afetuoso*⁵⁸

(De Carlos Gomes para De Anna)

Milão, 13 de maio de 1888.

Meu caro De Anna,

Não pode imaginar o susto que levei há dias, vendo o estado gravíssimo do meu estimadíssimo imperador. Imagine que, além da *pleurite* e do diabetes, ele teve uma congestão cerebral!

Mercê, depois de Deus, dos tratamentos do médico imperial e do doutor Semola, o imperador pôde superar também esta tremenda crise.

De modo que, havendo a natural fraqueza, o soberano-artista deverá permanecer em Milão talvez até depois do mês de maio, até que as forças lhe permitam prosseguir para o Brasil, onde sem dúvida será esperado de braços abertos pela princesa regente.

O imperador volta à terra brasileira, *não mais ao país da escravidão*, mas sim à terra civil pois, deve saber, as Câmaras votaram *pela imediata libertação de todos os escravos do Império!!* É justamente o caso de dizer, como na ópera *O escravo*:

⁵⁸ In: SILVA, Eduardo (org.). *Op. cit.*, pp. 597-598.

Viva D. Pedro!
Viva o Brasil,
Terra civil,
De liberdade!

Por enquanto não lhe posso dizer mais, mas lhe falei sobre o ponto mais bonito do amor-próprio do imperador e de seu povo.

Eu ainda estou confuso com o susto, sem contar com a insônia, minha companheira de desventura...

Até logo, amigo; até breve.

Dê por mim muitas afetuosas saudações à exímia senhora Sacconi.

Os meus filhos o beijam e eu lhe envio o abraço amigo do seu

Gomes⁵⁹

(De Sousa Dantas⁶⁰ para Rui Barbosa)

105

Friburgo, 13 de março de 1889.

Meu Rui,

Tenho lido desde 7 até ontem o *Diário de Notícias*, com um cuidado, com um interesse e até com um *receio* só comparável ao do pai que sabe que um filho vai dar um passo dos mais difíceis e delicados pelas circunstâncias que o cercam!

É certo que, pelo conhecimento perfeitíssimo que tenho de ti, sei que és talhado para todas as mais arriscadas empresas e cometimentos dependentes do talento, do estudo e do caráter; mas, neste meio, em que vivemos, nem sempre basta tudo isso que tens inexcelsivelmente!

⁵⁹ GOMES, Carlos. *Op. cit.*, p. 184.

⁶⁰ Manuel Pinto de Sousa Dantas (1831-1894) – político baiano.



Felizmente, meu Rui, posso dizer-te que foste bem inspirado desde o primeiro dia, e tudo me convence que te aguardam longos dias, meses e anos de muita glória colhida aí nessa tribuna da verdade, que em tão boa hora te foi franqueada.

Havia, não há [como] negá-lo, um *claro* na imprensa da capital do Império; tu o preencheste, exatamente quando tudo assim o exigia!

E tens a prova no acolhimento que tens tido, a partir da própria imprensa: neutra e não neutra.

Mantém-te assim: isento, justo, coerente, firme e digno, que prestarás às idéias democráticas e à pátria o maior dos serviços que se lhes pode prestar.

Os que nessa faina estiverem contigo e a teu lado deverão trabalhar dia e noite para tornarem o *Diário de Notícias* interessante sob todos os pontos de vista, e por isso mesmo, procurado por todos aqui e fora daqui. Este é um *lado* da questão para o qual devem convergir os esforços dos teus companheiros de trabalho.

Que te direi do estado desolador aí da Corte?!

É imperdoável a incúria dos que, aliás, deviam ter dado todas, *todas* as provas do interesse que tomam pela população sofredora! Quanto abandono!

Nem água! Entretanto lembras-te (e já a isso aludiste) do que eu e outros dissemos no Senado quando se tratou de passar o abastecimento de água a uma companhia particular, e quando se quis adotar a célebre razão ou medida para cada casa?

Coisa não menos estranhável é o que se tem dado na grande capital do Império com relação à condução dos mortos para os cemitérios, aos enterramentos e à falta de caixões!

É crível tudo isso?

Era caso do próprio governo (inclusive o soberano) pôr-se à frente de tudo até organizar-se prontamente um serviço completo para que tais fatos não se dessem!... Em vez disso é melhor divertir-se...

Adeus, meu Rui, saudades de todos nós a Cota e aos netos.
Teu do coração

Dantas

P.S.:

Com certeza, a tua tribuna na imprensa não diminuirá antes aumentará o teu trabalho no escritório. É o que desejo e o que acontecerá.⁶¹

(De Carlos Gomes para Eugenio Tornaghi)

Chicago, 9 de outubro de 1893.

Meu bom Tornaghi,

Você deve ter acompanhado os acontecimentos revolucionários do Brasil... A guerra civil, ou melhor *incivil*, porque entre militares, está arruinando as poucas esperanças que tínhamos para o futuro. Os homens sensatos parecem ter enlouquecido!

Eis realizada a profecia do imperador D. Pedro!

Nem preciso falar sobre a péssima impressão que todos os componentes da comissão brasileira tivemos. Surpresa, incerteza, confusão... *tablau!*

Aqui, por enquanto, ignora-se a *verdade* sobre o ocorrido e o progresso da revolução, que talvez se estenda pelo continente...

Mas todos já podemos calcular a ruína que isso acarretará...

Não cuido de política, nem da do meu país, mas infelizmente conheço Melo e Peixoto de perto, e receio que isso é apenas o começo!

Gostaria de estar enganado. Amém!

Mudando de assunto, a apresentação do *Guarani*, em Chicago, foi por água abaixo, pois o governo brasileiro não deu a subvenção esperada. No dia 7, houve apenas um concerto *convidando* o mundo oficial daqui. Portanto, entrada *grátis*. Mande o programa para você.

⁶¹ LACOMBE, Américo Jacobina (org.). *Correspondência do Conselheiro Manuel P. de Sousa Dantas*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1962, pp. 75-76. Intervenção da presente publicação.

Confirmo meu telegrama dizendo que responderei à Casa Ricordi pelos direitos autorais dos trechos executados naquele concerto. No dia 12 do corrente, a comissão italiana dará um *concerto* vocal, com acompanhamento de piano. Também terá *entrada grátis*, pois se trata da Comemoração Colombiana. Tomo parte no programa, pois fui convidado a executar a Sinfonia do *Guarani* a quatro mãos, em quatro pianos. Todo programa foi organizado pelo barítono Carpi.

Esperava fazer aqui um mundo de *negócios*, mas depois percebi a triste realidade! Neste país, caro Tornaghi, a arte é um mito. Os americanos não se interessam por nada que não seja uma *novidade da vida prática*, ou seja, o meio mais fácil de ganhar dólares! Para você ter uma pequena idéia de uma grande verdade, os editores daqui não têm a música italiana nos seus magazines empoeirados. É provável que nem se encontre a partitura inteira do *Trovatore*, por aqui. Por curiosidade, perguntei pela *minha música*, e em Nova Iorque encontrei a *Piccirella* traduzida em inglês, que estou enviando pelo correio para você. Espero estar em Milão em dezembro.

Dói-me muito ter perdido a amizade de Giulio Ricordi.

Não me lembro de ter-lhe causado mal ou prejuízo algum. De nada me acusa a consciência.

Seu velho amigo, sempre

Gomes⁶²

⁶² GOMES, Carlos. *Op. cit.*, pp. 317-318.

(De Carlos Gomes para Francisco Braga)

Milão, 3 de janeiro de 1896.

Braguinha,

A pouca saúde minha e de meu filho, a tristeza que domina no meu pobre santuário, tudo tem concorrido para a demora involuntária em responder à tua última. Para aumentar os meus desgostos há cinco meses que não recebo do Pará notícia alguma, nem uma linha, nem aviso; tudo é silêncio! Creio portanto que a estas horas já se esqueceram de mim e da promessa formal que me fizeram!! (?) Imagina se eu posso andar alegre e cuidar de música – causa principal da minha incômoda velhice. Em todo caso quero cumprir a promessa que fiz a ti como colega e amigo deveras.

A tua última de dezembro, além da suíte *Odalea* e romance do tenor no 2º ato do *Escravo*, me falas de uma minha *Overture*. Fiquei incerto neste ponto, por não me teres dito se queres ou não, e qual delas. A não ser a do *Guarani* acho melhor não bulir com outras. Resolve pois e manda imprimir o programa – certo de que eu te remeterei a música que pedires, encarregando de obter permissão da Ricordi para o *Schiavo* e *Guarani*. Entretanto, informa-me do seguinte: o tenor poderá cantar o romance *no tom* da partitura original, ou *meio tom* abaixo, como verás no avulso que te mandei há tempos?

Duas partes são precisas dos seguintes:

Primeiros violinos

Segundos violinos

Violas

Violoncelos

Contrabaixos

A suíte da *Odalea*, tendo ficado entre outras músicas minhas na Bahia, tenho aqui de mandar tirar outra cópia. Espero tuas determinações.

Sempre teu amigo sincero

Carlos Gomes



N.B.:

Na suíte *Odalea* entra o canto de soprano no 3º ato (página 185). Espero que terás quem dê a interpretação do ritmo indicado – tempo e capricho. O tenor quem será?⁶³

(De Quintino Bocaiúva para Jovino Aires)

Santa Helena, 10 de março de 1897.

Meu caro Jovino,

Agradeço-te a solicitude com que procuraste defender-me contra a minha suposta negligência. Felizmente as coisas harmonizam-se. Tu escreveste e eu também escrevi: de modo que o Valadares deve ter recebido uma e outra. Como sabes, o telégrafo esteve interdito por 24 horas. Somente por carta podia eu dirigir-me ao presidente do clube, além de que moro longe da cidade e só tardiamente recebo a minha correspondência, como é natural, dada a distância em que resido.

Fora destes motivos não tenho tampouco nenhum empenho em manifestar *empressement* por nenhuma demonstração de caráter político. Estou cada vez mais resolvido a retrair-me e a esgueirar-me do cenário. Aplacado o ardor que manifestam os republicanos – mas em verdade o que nos compromete e o que está pondo em risco a República – é a falta de um governo republicano inteligente e cômico da sua missão.

É isso o que alenta os adversários ao ponto de os deixarmos congregarem-se e fortificar-se em toda a parte.

Diante desta suprema inépcia convencionalmente acatada por todos e não havendo possibilidade de manifestar nem mesmo os receios sem correr o risco de passar por especulador ambicioso,

⁶³ In: HORA, Mário. *Francisco Braga através de 40 cartas*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953, pp. 82-84.

promotor de conspirações, tenho entendido que o melhor é ficar quieto e evitar toda e qualquer exibição.

É o meu caso. Se eu aí estivesse não faltaria quem dissesse e quem acreditasse que eu era o provocador da agitação e o responsável pelo empastelamento das tipografias *monárquicas* e pela morte do célebre Gentil e tudo isso (já se vê) para depor o presidente e encastelar-me no poder. Não te lembras que, estando eu *aqui*, fui eu o promotor da moção célebre do Clube Militar e o *único paisano* que assistiu a essa memorável reunião? Já vêes que tenho razão para ser, mais do que outrora, comedido e discreto. Se, por falta de gente, for preciso ir a Canudos (não a Canovas), estou pronto. É tudo quanto a República pode exigir de mim. Mas para dar vivas e fazer discursos patrióticos, há por aí muita gente mais apta do que eu, que já estou meio rouco e com peito fraco. Na República já sou um velho; quero dizer um inútil. Não o sou ainda entretanto para cuidar da família e do futuro dos filhos. Não creio que a República esteja *ameaçada seriamente* pelos restauradores. O que lhes dá força e prestígio é a nossa incapacidade, é o culto que prestamos às mentiras convencionais, é a influência e a autoridade que emprestamos aos nulos, aos dúbios, aos indiferentes, aos próprios inimigos, aos quais fornecemos armas e dinheiro para nos guerrearem, incumbindo-nos nós mesmos da obra da nossa recíproca demolição. Pretendo comparecer ao Senado, logo às primeiras sessões, para cumprir o dever de apressar a sua Constituição pelo reconhecimento dos poderes dos novos eleitos. Mas, provavelmente, cumprido esse dever, voltarei para a minha Tebaida, aonde sou quase feliz pela tranquilidade do meu espírito.

111

Saudades aos companheiros

*Teu amigo e colega*⁶⁴

⁶⁴ In: SILVA, Eduardo (org.). *Op. cit.*, pp. 160-161.



(De Quintino Bocaiúva para Rodolfo de Abreu)

Santa Helena, 12 de março de 1897.

Meu caro Rodolfo,

Compreendo a angústia e a inquietação de que você se sente tomado – compreendo-as porque compartilho as mesmas desagradáveis sensações. Na tragédia de Canudos tudo me parece por ora muito obscuro e ainda não pude, nem sequer, figurar ação no meu espírito. Para um general como eu e para um coronel como você o caso é muito intrincado e muito duvidoso. O que não pode pôr-se em dúvida é a enormidade do desastre, a gravidade da situação. Se ainda não estamos traídos e vendidos, estamos, pelo menos, desmoralizados. E é isto o que me dói e o que me irrita. Contudo não estou acabrunhado. A República é ainda muito forte para resistir a este abalo. O perigo está em que nos falta governo e do governo é que tudo depende. O que se está passando é o resultado da política *prudencial*. A consolidação da República, a sua força, dependia da continuação, do seguimento da política viril e resoluta do marechal Floriano que deixou ao seu sucessor o caminho franco e desassombrado. Essa política, porém, como você sabe, foi não somente abandonada, mas contrariada nos seus intuitos e nos seus efeitos. Desde então paralelamente produziram-se estas duas correntes – o desalento e a discórdia dos republicanos e a confiança e a audácia dos restauradores. Estes compreenderam que, se o governo não era deles, também *não era nosso*, mas que, em todo o caso, era *mais por eles do que por nós*. Era natural que, assim alentados, as suas esperanças redobrassem e que se lançassem à luta ativamente, agitando a opinião e reunindo elementos para darem o combate na ocasião oportuna. O *interreino* Manuel Vitorino pareceu-lhes um embaraço dilatatório – porque ele, pelo menos, teve a habilidade de chamar para o seu governo o concurso do pessoal florianista. Daí o duplo trabalho – de desmoralizar o governo do vice-presidente, promovendo a volta de *D. Sebastião*, e acelerando o seu movimento bélico com o concurso de todos os correligionários e *aliados* – próximos futuros *aderentes*.

O caso da Bahia é um caso típico. Quem conhece o sertão (como eu conheço), sabe que não há uma localidade, cidade ou

vila, que tenha elementos de subsistência para um núcleo numeroso de população. Excetuadas raras fazendas aonde se pode encontrar algum gado, só a criação do bode fornece a alimentação quase exclusiva dos sertanejos. A farinha e a rapadura escassamente são fornecidas pelos regatões do rio São Francisco. Por armas só conhecem e só usam a faca de ponta, a espingarda de caça (a antiga) e um ou outro bacamarte ordinariamente nobre por pertencerem aos chefes das quadrilhas.

Como é que de repente em um arraial podem aglomerar-se, abastecer-se e viver milhares de bandidos supridos de víveres, de armamento, de dinheiro, organizados e capazes de bater, pelo número ou pela estratégia, uma brigada militar bem composta, bem apercebida e bem comandada? E como é que as autoridades estaduais não podem informar com segurança ou só podem informar falsamente sobre o número e sobre as condições de semelhante núcleo de bandoleiros? Como é que sendo Canudos somente notável pela sua posição topográfica, parecendo inacessível ou de difícil investimento por uma força atacante, se tornou fácil de ser retomada depois de ocupada a posição pelas forças que a investiram? Todas estas interrogações pontilham o meu espírito com dúvidas e conjecturas que me deixam perplexo. Fora destas dúvidas há certas realidades esmagadoras. Não temos governo, não temos administração. O nosso exército é mal composto, sem organização alguma, sem nenhuma instrução no manejo das armas, sem unidade tática, estando os batalhões armados com diversos tipos de armamento, cada um deles do seu sistema, com calibres e alcances diversos, Comblain, Manulicher, Mauser de diferentes remendos, Chassepots, que sei eu? Um verdadeiro mosaico. Acrescente você a possibilidade do suborno, a infiltração da intriga *canônica*, o ressentimento dos descontentes por diversos motivos e dos que já foram vencidos por um governo republicano, e pode fazer idéia dos perigos que nos rodeiam e que só podem ser conjurados por um homem enérgico e resolutamente *republicano*, que queira *antes de tudo* a salvação da República, despertando o entusiasmo e pondo-se à frente daqueles que querem deveras morrer pela República.

Esse homem não é o Prudente, que já abriu o guarda-chuva da *carta branca* aos ministros militares para abrigar-se do aguaceiro, se ele vier, e que, digo-o agora porque se me oferece a ocasião, retomou o poder como os jagunços retomaram Canudos – isto é, por traição, de modo indigno, avistando o poder público, desmo-



realizando a República perante o mundo e reptilmente dando depois aquelas explicações satisfatórias que todos aceitamos, adubadas pelo apertado e comovido abraço no Manuel Vitorino na missa de sétimo dia por alma do pai.

Já vê que foi uma fortuna ter eu estado ausente. Sou um republicano resignado e resignado a tudo. Posso receber mas não devo dar opinião sobretudo quanto ocorre porque sou um suspeito como ambicioso vulgar, como um pretendente à sucessão, como um eterno conspirador que não acata, como deve, a respeitabilidade e o patriotismo do ilustre presidente da República. Hei de ir às sessões preparatórias do Senado para auxiliar, como devo, a composição dessa Câmara; mas provavelmente depois disso, recolho-me à minha Tebaida. Aqui ao menos sou feliz ao meu modo. *E mais nada* – como disse o outro.

*Amigo e companheiro*⁶⁵

114

(De Machado de Assis⁶⁶ para Joaquim Nabuco)

Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1905.

Meu caro Nabuco,

Recebi a sua carta escrita das Montanhas Brancas. Há dias escrevi-lhe uma agradecendo a generosa e afetuosa lembrança do carvalho de Tasso. A *Renascença* reproduziu a sua carta e a do *syndaco* de Roma, e deu as palavras do Graça e os versos do Salvador de Mendonça e do Alberto de Oliveira. Lá verá como o nosso Graça correspondeu à indicação que lhe fez, dizendo-me coisas vindas do coração de ambos.

Os nossos amigos da Academia, a par daquela fineza, quiseram fazer-me outra, pôr o meu retrato na sala das sessões, e confiaram a obra ao pincel de Henrique Bernardelli; está pronto e vai

⁶⁵ *Idem*, pp. 162-164.

⁶⁶ Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) – escritor carioca.

primeiro à exposição da Escola Nacional das Belas Artes. O artista reproduziu o galho sobre uns livros que meteu na tela. Todos me têm acostumado à benevolência. Valha esta consolação à amargura da minha velhice.

Sobre o voto da Academia recebi as suas indicações, não podendo cumpri-las por não ser candidato o Jaceguai nem o Artur Orlando. Já lá há de saber que os candidatos são o padre Rezende, o Domingos Olímpio e o Mário de Alencar. Na Academia não há nem deve haver grupos fechados.

Venha o livro que medita; é preciso que o embaixador não faça descansar o escritor; ambos são necessários à nossa afirmação nacional. Dei aos amigos as lembranças que lhes mandou, e eles lhas retribuem. As minhas saudades são as que você sabe, nascem da distância e do tempo. Ainda agora achei um bilhete seu convidando-me à reunião da rua da Princesa para fundar a Sociedade Abolicionista; é de 6 de setembro de 1880. Quanta coisa passada! Quanta gente morta! Sobrevivem corações que, como o seu, sabem amar e merecem amor. Adeus, meu caro Nabuco, não esqueça

O velho amigo, admirador e companheiro

115

*Machado de Assis*⁶⁷

(De Machado de Assis para Joaquim Nabuco)

Rio de Janeiro, 14 de maio de 1907.

Meu caro Nabuco,

Dei conta aos colegas da Academia de seu voto na vaga do Loreto em favor do Artur Orlando. Para tudo dizer dei notícia também do voto que daria ao Assis Brasil ou ao Jaceguai. A este contei também o texto da sua carta, e instei com ele para que se

⁶⁷ ARANHA, Graça. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco: correspondências*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1923, pp. 158-159.



apresente candidato na vaga do Teixeira de Melo (a outra está encerrada e esta foi aberta), mas insistiu em recusar. A razão é não ser homem de letras. Citei-lhe, ainda uma vez, o seu modo de ver que outrora foi dito, já verbalmente, já por carta; apesar de tudo declarou que não. Quanto ao Assis Brasil, foi instado pelo Euclides da Cunha e recusou também. A carta dele que Euclides me leu parece-me mostrar que o Assis Brasil estimaria ser acadêmico; não obstante, recusa sempre; creio que por causa da *non réussite*. Sinto isto muito, meu querido Nabuco.

Para a vaga do Teixeira de Melo apresentam-se já dois candidatos, o Virgílio Várzea e o P. Barreto, que assina João do Rio. O secretário Medeiros já lhe há de ter escrito sobre isto. Sabe que o Rodrigo Otávio está agora na Europa.

Estas são as notícias eleitorais. Dos trabalhos acadêmicos já há de ter notícia que, por proposta do Medeiros, estamos discutindo se convém proceder à reforma da ortografia. Ao projeto deste (tendente ao fonetismo) opõe-se logo o Salvador de Mendonça, que apresentou um contraprojeto assinado por ele e pelo Rui Barbosa, Mário Alencar, Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Lúcio de Mendonça. Este propõe que a Academia cuide de organizar um dicionário etimológico, fazendo algumas emendas segundo regras que indica. O João Ribeiro opõe-se ao contraprojeto, e as nossas três sessões têm sido interessantes e são acompanhadas na imprensa e no público.

Adeus, meu caro Nabuco, desculpe esta letra que nunca foi boa e a idade está fazendo pior, e não esqueça o velho amigo que não o esquece e é dos mais antigos e agora o mais triste.

*Machado de Assis*⁶⁸

⁶⁸ *Idem*, pp. 170-171.

(De Machado de Assis para um amigo)

Rio de Janeiro, 1º de agosto de 1908.

Meu querido amigo,

Não respondo a toda a carta grande; já não posso. A demora – porque houve demora – proveio justamente de querer dar resposta completa e ir adiando. Depois adoeci. Chegou mesmo a correr que tinha morrido, e o nosso Mário me mostrou a carta que você lhe mandou pedindo notícias minhas. Ainda vivo, meu amigo, mas pode imaginar de que maneira, ou antes, não pode; estas coisas não se imaginam; é preciso senti-las diretamente, e tal não é o seu caso.

Este pacote leva-lhe o meu *Memorial de Aires*. Leia-me, e diga se não é lamparina de madrugada. O Mário, que escreveu um artigo no *Jornal do Commercio*, diz que não é. Creio nele e na afeição que me tem; mas quero também a sua opinião. Como já lhe disse, este livro é o último; já não tenho forças para me sentar à mesa e começar outro. Veja a letra; a minha letra, que nunca foi bonita, está pior, mais irregular e frouxa.

A sua grande carta é deliciosa de tudo o que me diz dos bárbaros e dos cacetes, e excelente e verdadeira nas reflexões que faz acerca do caso de D. Carlos. Li-a duas vezes quando a recebi, e agora reli-a ainda uma vez. Aqui fico esperando o livro de que me fala; agora é não afrouxar. O pós-escrito fala-me da carta que recebera do Mário; ele é ainda o mesmo seu amigo, e meu também. É um dos que me tem valido nestes dias de solidão e de velhice.

Quando estive doente – e ainda agora o estou, posto que menos –, ele foi dos que me acompanharam com carinhos de amigo certo. Aqui me vinha ver a este recanto do Cosme Velho, onde passei tantos anos felizes e onde recebi o grande golpe.

O Mário tem um trabalho de poesia em mãos, o caso de Prometeu. Como sabe, é tímido; quero dizer que tem grande respeito à arte, e receia sempre não lhe dar toda a perfeição. Já isso mesmo é musa; trabalha devagar e põe consciência clara no que faz. A mim parece-me que a obra responda à intenção, e ele tem a



paciência necessária para a não precipitar. O assunto é dos que, através do espírito moderno, convidam à ênfase, mas o nosso amigo é tudo, menos enfático. A simplicidade grega é a sua musa constante; ele o diz e sente.

Li com muito prazer o que me diz do Ferrero e das suas impressões de cá. As que ele deixou foram boas. Naturalmente estimo que ele me esteja lendo com interesse. Todos ficamos apreciando muito o que ele vale e a sua autoridade. Agora anuncia-se o Ferri, que está em Buenos Aires, mas não é provável que eu figure nestas outras festas, se as houver. Já não dou para noitadas nem banquetes.

Aqui estamos em vésperas da Exposição, que abre a 11. Ainda não vi as construções; ouço dizer coisas maravilhosas. Quando me lembro que as outras exposições nossas eram confinadas em um edifício público – Casa da Moeda ou Escola Politécnica –, distribuídas por meia dúzia de salas e corredores, e as comparo a esta que se estende por todo um bairro, vejo que efetivamente saímos da crisálida. Há já muita gente do interior aqui e do exterior também.

O nosso Rio mudou muito, até de costumes. Aquele cajuí que nós tomávamos numa casa da rua do Ouvidor agora provavelmente toma-se na rua (avenida), plena calçada, entre as pessoas que passam de um lado para outro. Há mais senhoras a passeio; há um corso em Botafogo, às quartas-feiras.

Adeus, meu querido amigo. Ainda bem que a sua amizade dura há tantos anos, e eu posso ir da vida sabendo que deixo a sua entre outras saudades verdadeiras. Não repare na nota fúnebre que corre por esta carta; é música do crepúsculo e da solidão. Vá ler o *Memorial* e escreva-me. Recomende-me a todos os seus, e creia-me sempre o mesmo velho amigo.

Machado de Assis

P.S.:

Recebi também o seu cartão-postal perguntando se recebera a carta e prometendo outra. Espero que as duas se cruzem no mar.⁶⁹

⁶⁹ *Memórias póstumas de Machado de Assis*. 2ª ed. Coligidas e ordenadas por Josué Montello. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, pp. 589-591.



2ª Geração: nascida entre 1840 e 1870

As datas-limite dessa geração de correspondentes criam uma zona de interseção com a anterior, delimitada pelas cartas escritas entre 1868 e 1912. São registros de quem vive a experiência da superação da monarquia escravista e implantação da ordem republicana.

Os brasileiros aprendem que os centros mundiais de poder fazem exigências para apoiar um novo regime, algumas delas muito familiares às gerações seguintes – por exemplo, a continuidade administrativa como condição para a concessão de empréstimos. A distância entre a república com que os propagandistas sonhavam e a que se edifica surge em temas como o cangaço, o coronelismo e a federação. Na direção contrária da democracia oligárquica hegemônica, irrompem na cena política as massas rurais e urbanas, vistas pelos grupos de elite como fator de desordem e prenúncio do espectro do socialismo.

A nação ainda é um valor em construção. Passa pelo estabelecimento das normas cultas da língua, discutidas na Academia Brasileira de Letras, no bojo de uma reforma ortográfica. Implica a definição de uma atitude em relação aos Estados Unidos da América, síntese de paradigma e ameaça que vem do Norte. Inclui a discussão de políticas demográficas que desvelam a fantasia de um povo branco, europeizado.

A grande questão que emerge das cartas desse período é a intervenção dos militares na política. Em especial, o “tenentismo”, que já marca presença nas eleições para a sucessão do presidente Epitácio Pessoa (1921-1922). A grave crise social e política que então se abre não impede, contudo, que o olhar sensível de um historiador registre com nostalgia loucuras de carnavais passados.

(De Castro Alves⁷⁰ para Augusto Guimarães)

São Paulo, 8 de abril de 1868.

Meu caro Augusto,

Eis-me em São Paulo, na terra de Álvares de Azevedo, na bela cidade das névoas e das mantilhas, no solo que casa Heidelberg com a Andaluzia...

Nós, os filhos do norte, (consente este *norte*; sabes que é palavra relativa) sonhamos São Paulo o oásis da liberdade e da poesia plantado em plenas campinas do Ipiranga... Pois o nosso sonho é realidade e não é realidade... Se a poesia está no envergar do poncho escuro e largar-se campo fora a divagar perdido nestes *gerais* limpos e infinitos como um oceano de juncos; se a poesia está no enfumaçar do quarto com o cigarro clássico, enquanto lá fora o vento enfumaça o espaço com a *garoa* (é uma névoa espessa como nuvem que se arrastasse pelas ruas), com a garoa ainda mais clássica; se a poesia está no espreitar de uns olhos negros através da rótula dos *balcões*⁷¹ ou através das rendas da mantilha que em amplas dobras esconde as formas das moças, então a Paulicéia é a terra da poesia.

Sim! Porque aqui não há senão frio, mas frio da Sibéria; *cinismo*, mas *cinismo* da Alemanha; casas, mas casas de Tebas; ruas, mas ruas de Cartago... (por outra) casas que parecem feitas antes do mundo, tanto são pretas; ruas, que parecem feitas depois do mundo – tanto são desertas...

Isto quanto à poesia. Quanto à liberdade, ela, se está mais desenvolvida em certos pontos, em outros acha-se mais restrita. Entretanto inclino-me a preferir São Paulo ao Recife. Mas... basta de descrições.

Ocupemo-nos de nós. Antes de tudo uma queixa – não me tens escrito, apesar de ser esta a terceira carta que te faço.

⁷⁰ Antônio Frederico de Castro Alves (1847-1871) – poeta baiano.

⁷¹ É para dar-lhes um caráter espanholado. (N. do A.)

Depois permite que te pergunte se recebeste o livro sobre a escravidão. Mande-o levar pelo Hasselman que foi para a Bahia no dia posterior ao do recebimento de tua carta.

A propósito do livro, conversemos. Devo dizer-te que os meus *Escravos* estão quase prontos. Sabes como acaba o poema? (Devo a São Paulo esta inspiração.) Acaba no alto da serra de Cubatão, ao romper da alvorada sobre a América, enquanto a estrela da manhã (lágrima do Cristo pelos cativos) se apaga pouco a pouco no Ocidente. É um canto do futuro. O canto da esperança. E nós não devemos esperar? Sim, e muito e sempre... Mas dar-te-ei a explicação deste enigma das minhas crenças. Entretanto, trabalha! Talvez em breve possas fazer muito pela *nossa idéia*. Escreve o teu livro.

É verdade! Devo dizer-te que houve aqui um brilhante sarau literário. Pianistas, cantoras, oradores, valsadoras etc. etc. Foi uma bela reunião, quase um baile. Aí achei-me, e, entre amigos, se algum dia obtive um triunfo, não foi noutra lugar.

Recitei uma poesia logo no princípio da sessão e... fui extremamente feliz. Muitos lentes da Academia aí se achavam, o Saldanha Marinho etc., e todos receberam-me da maneira mais lisonjeira.

Imagina que até a senhora do cônsul inglês (uma inglesa, meu caro!) veio entusiasmada dizer-me: "*Mim gostar muita da sua recitativa!*"...

E depois fizeram-me recitar *As duas ilhas*, e depois *A visão dos mortos*, todas bem acolhidas. Os jornais de São Paulo, se quiseres ler, de 30 ou 29 de março, publicaram-nas precedidas de algumas palavras.

Que queres? Em toda parte tenho encontrado uma pátria...

Passemos adiante.

Então V. Ex.^a tomou a palavra na Assembléia, brilhou, e nem sequer mandou-me a sua eloquência em letra redonda? É demais! Entretanto fique sem exemplo.

A preguiça, que para mim é uma couraça contra as argüições dos amigos, para ti de nada serve. Agora devo concluir. Escrevo-te à noite. Faz frio de morte. Embalado estou embuçado no capote, e enganado no *cache-nez*... Homem feliz, que tu és, Augusto! A estas

horas suas à fresca nos lençóis de linho, enquanto eu estou gelado com as meias de lã....

Olha, se leres poesias nebulosas, germânicas, tiritantes, híbridas, acéfalas, anômalas... não critiques nunca antes de ver se são de São Paulo, e se forem... cala-te.

São Paulo não é o Brasil... é um trapo do pólo pregado a goma arábica na fralda da América (como diria o Tobias).

Adeus, meu caro Augusto, recebe um abraço do teu do coração

Castro⁷²

(De Castro Alves para Joaquim Augusto)

São Paulo, 25 de setembro de 1868.

Meu caro e ilustre artista,

125

Escrevo-lhe, antes de tudo, para dar-lhe os meus parabéns entusiásticos, e manifestar-lhe o prazer que sinto por ter podido enfim conhecer o mais glorioso artista da cena brasileira, cujo nome de há muito chegara a mim coberto de aplausos, mas não de tantos quantos merece e de alma neste instante lhe dou.

Agora conversemos sobre o nosso *Gonzaga*, nosso, sim! Porque ele amanhã será tão seu quanto meu, seu pelo direito da criação artística, meu apenas pelo direito de invenção dramática... Mais seu ainda porque há-de dar-lhe alma, ao passo que eu apenas dei-lhe corpo (permita a expressão).

Leu-o? Julga-o digno de si?

Não o creio; mas conheço também que o olhar do artista descobre no mais insignificante tecido dramático coisas que os profanos não enxergam; e depois, quem sabe lá (mesmo o autor) se o

⁷² In: ALVES, Castro. *Correspondência e crítica*. Rio de Janeiro: Livraria Editora H. Antunes, 1956, pp. 158-162.

gênio, aí onde há muita vez um chão liso e vulgar, não descobre uma arena brilhante onde o seu poder se ostenta? Deve haver mesmo estes orgulhos do talento. Fazer do nada – tudo. Do pequeno – grande. Do insípido – sublime.

Como quer que seja, inclino-me a crer que honrará o meu *Gonzaga*.

Nesta hipótese pois conversemos um instante.

Sabe que o meu trabalho precisa de uma platéia ilustrada. Preciso talvez mesmo de uma platéia *acadêmica*. O lirismo, o patriotismo, a linguagem, creio que serão bem recebidos por corações de vinte anos, porque o *Gonzaga* é feito para a mocidade. Mesmo talvez este desnortear-me do trilho e estilo seguidos lhe seja mérito perante tal público. Por que não o levaremos já? O 15 de outubro está a bater às portas, e a chamar os espíritos para os sonhos das férias, a dar cabo dos jornais acadêmicos, a mandar-nos pensar nos malditos ATOS.

Aproveitemos o nosso público. Há talvez porém dificuldade para a empresa. Se esta é a razão, eu me incumbirei de montar o drama. Demais acresce que, julgo, breve terei de ir ao Rio tratar de um negócio meu. Quanto não perderei então não ouvindo-o no meu trabalho.

Enfim, concluindo, devo confessar-lhe que tenho mesmo impaciência de apreciá-lo, impaciência de vê-lo dar vida e alma a esta pálida sombra que um dia criei de coração, e cuja caricatura na cena da Bahia, deu-me ímpetos de atirar ao fogo como as mães da China o fazem com os filhos-monstruosos.

Aperto-lhe aqui a mão, contando desde já que meu pedido não seja indiscreto; se o for, porém, a culpa é do seu talento que me encheu de desejos de que me emprestasse um pouco da sua glória para o meu escrito.

Creia que sou
seu muito admirador

Castro Alves⁷³

⁷³ *Idem*, pp. 145-147.

(De Pedro Pinto da Veiga⁷⁴ para Mota)

Bordo do *Taquari*, no Alto Paraná, em 10 de setembro de 1869.

Meu caro Mota,

As comissões sucessivas que fiz a Mato Grosso me privaram de escrever-lhe e só agora posso responder a tua carta de junho. Não posso porém deixar de notar que não continuaste a dar-me notícias tuas, e por quê?

Creio que entre nós não existe condição alguma de mais ou menos letras. A distância e o tempo não me fazem esquecer as amizades sinceras mormente aquelas que são originadas dos bancos escolásticos. Julgaste-me, talvez, atirado em Mato Grosso, sepultado naquelas brenhas indígenas, a que são reduzidos todos os que infelizmente são obrigados a servir em semelhantes regiões?

Fui a Corumbá com instruções muito independentes e em magnífico transporte, e hoje aqui estou pelo Alto Paraná pensando no que devo fazer. O viver em Mato Grosso é pouco melhor do que o do índio selvagem. A indolência, a inação e finalmente o sensualismo são os característicos dos habitantes dessa porção de terra, que constitui um verdadeiro ônus ao Brasil. O homem vive em completo isolamento, e como que abdica todo o espírito social buscando uma consolação, que infelizmente encontra na perversão de costumes!

A peste e a guerra assolaram a província, que hoje luta com a fome e a miséria.

Corumbá, que antes da invasão florescia, está hoje reduzida a ruínas.

A situação da guerra ninguém sabe, pois que ela muda-se de momento. Lopez foge, corre, salta de um lado para outro, sem que seja fácil capturá-lo.

Depois dos últimos combates nenhum encontro tem havido, entretanto o conde d'Eu insiste nas operações, e persuado-me

⁷⁴ Pedro Pinto da Veiga (1843-1875) – militar maranhense.



que ele vai internar-se consideravelmente pelo norte, contornando porém os lugares que possam servir de abrigo a Lopez.

Apesar da grande perda última de material e pessoal de Lopez e a hipotética dissolução de seu exército, entendo que o príncipe faz bem em prosseguir nas operações até que evidentemente nada se tenha a fazer. Só uma fatalidade permitirá agarrar-se Lopez, condição indispensável infelizmente para o repouso do Brasil.

A Esquadra vive em sua proverbial pasmaceira, se bem que em movimentos constantes e estéreis, nos quais se exaure todo o combustível que daí se remete.

O Elisiário está fazendo descer alguns navios, e outros preparam-se para esse fim.

A polícia e bloqueio do rio hoje me parece uma burla com a existência do governo provisório, a menos que não queiram nos converter em seus agentes armados. Nada me admira porque tudo entre nós se vê e observa.

A nossa Esquadra ou Marinha vai indo de mal a pior, pois vão se dando fatos desagradáveis os quais devem ter um paradeiro, opondo-lhes um corretivo exemplar a bem da disciplina e subordinação. Os nossos marinheiros já se sentem de mau humor, e a mão armada pretendem fazer exigências e imposições a respeito de soldos e rações.

Acaba-se de dar um fato desses na Araguari, cuja oficialidade inclusive o chefe que se achava a bordo cumpriram seu dever e evitaram cenas desagradáveis, e conseguiram prender em ferros os cabeças que respondem a Conselho.

As nossas guarnições sempre foram moderadas e resignadas pela sua índole dócil e pacífica, não sei como descortinar a causa desses fatos, que precisam ser estudados com critério. Não relevo e sou inexorável em meu juízo a respeito de atentados desses subversivos de toda disciplina e subordinação, mormente não tendo eles abrigo em lei alguma, que autorize sublevações.

Alguns navios estacionados em pontos longínquos e isolados levam quatro e cinco meses sem soldos: os fornecedores satisfazem mal e pouco. Serão causas justificáveis, não, mil vezes não!

A oficialidade é moderada e de bons costumes, tanto que não proferiram nada contra ela.

Será a guerra que tenha concorrido para o afrouxamento da disciplina, não creio porque o chefe Elisiário *veio incumbido de restaurá-la*.

É a crise precoce anunciada pelo senhor ministro que entregou a Marinha ao abandono julgando-a menos elevada? Creio que S. Ex.^a com suas idéias desanimadoras, e que embargam os passos da mocidade cheia de aspirações, enquanto os velhos ainda dormem tranqüilos, mormente depois do famoso elogio que fez-lhes S. Ex.^a. Essa mesma mocidade está hoje descrente, e só trata de melhor futuro, que lhes dê garantias, e não esse precário que hoje se nos proporciona. Eu aqui estou cumprindo esse dever, ou antes, um sacrifício, e por isso me conservo aqui bem a meu pesar. As minhas ilusões desfolharam-se, não tenho hoje aspiração, como as que em épocas passadas me animavam.

A despeito de meus esforços e dos sacrifícios a que me submeti, nada avancei: o que me resta, pois, do meu obscurantismo? Um recurso a que vou apelar em outra estrada menos espinhosa e mais lisonjeira. Entretanto, tu estás coberto de glórias, homenagens e honras, cheio de prestígio e o que mais é, real e próprio, não podes e nem deves consentir silencioso que passem desapercibidos fatos que merecem ser condenados e destruídos pela verdade.

O que quer dizer o chefe da Fazenda estar aqui a legislar sobre os oficiais combatentes, impondo-lhes e prescrevendo-lhes obrigações a pretexto da reforma de escrituração.

Porém, fazendo recair todo trabalho no oficial combatente? Estuda essa matéria e outras, e vê como vai a nossa Marinha em decadência. Os oficiais beneméritos que recolhem-se à corte depois de uma campanha são reduzidos a simples meio soldo e etc.

Sê reservado nessas minhas razões que me despertaram o *spleen* em que estou.

Tenho um couro de tigre que te trouxe de Mato Grosso, e quando se oferecer um portador seguro, mandar-te-ei.

Adeus: sê feliz e dispõe – Do amigo dedicado

Veiga⁷⁵

⁷⁵ In: JACEGUAL, Almirante Artur. *De aspirante a almirante, 1858 a 1902*. Rio de Janeiro, Tipografia Leuzinger, 1910, t. 2, pp. 305-309.



(De Rui Barbosa⁷⁶ para Antônio de Araújo Ferreira Jacobina)

São Paulo, 11 de abril de 1870.

Meu primo,

Só agora é que me veio ter às mãos a sua carta que entretanto traz a data de 2 do corrente!

Espantou-me, logo que principiei a lê-la, a notícia de já me haver escrito muito antes, remetendo-me até uma carta para o senhor senador Queirós. Digo que espantou-me, porque declaro-lhe desde já que não recebi absolutamente nenhuma carta sua. Infelizmente nestes admiráveis correios tenho sido sempre vítima de uma perseguição incansável do acaso. Ainda agora acaba de dar-se entre mim e meu pai um extravio de cartas, que me tem desassossegado o espírito continuamente. Logo que cheguei à corte, conquanto ali me tivesse demorado apenas vinte horas, escrevi para a Bahia, conforme havia prometido, deixando a minha carta entregue aos cuidados do primo Zuza que ficou de enviá-la no mesmo dia. Entretanto no fim do mês passado manda-me dizer meu pai que até essa data não tinha tido uma notícia minha. Imagine o primo o sobressalto em que não estava ele quando sabia que a febre amarela continuava a grassar no Rio com tanta força! Ora, que a carta foi posta no correio para seguir é indubitável, é certo, é matemático, pois que o primo Zuza era incapaz, mil vezes incapaz de um descuido. Como estes inúmeros casos têm se realizado comigo, enchendo-me muitas vezes da mais profunda inquietação. Não é, portanto, de estranhar esta nova perda. O que me dói, porém, é que ela se desse com uma carta do primo e em tais circunstâncias. Quanto a esta parte estou, pois, justificado, segundo me parece.

Não acontece, porém, assim com a falta em que estou para com o primo por não lhe ter escrito até agora. Aqui reconheço e confesso a minha má posição. Era um dever para mim o fazê-lo

⁷⁶ Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923) – escritor, advogado e político baiano.

tanto que aqui chegasse, dever rigoroso, dever de amizade que a gratidão aumentava ainda. Não há, por conseguinte, desculpa a tal omissão. Só me resta apelar para a sua generosa estima e para essa vontade constante de obsequiar-me pela qual o primo tem-me coberto de tantas e tão delicadas finezas. É nisto que confio unicamente, certo de que, indulgente como costuma ser sempre a amizade, não deixará de cativar-me por mais uma vez, esquecendo-me esta falta.

Agradeço-lhe os parabéns que me dá pela minha boa vinda, bem como a comunicação das ordens que me havia mandado para o senhor senador Queirós, ordens que não me podiam ter chegado às mãos visto como também não me tinha chegado a carta em que vinham inclusas. Pelo que toca a este último ponto, cabe-me participar-lhe que meu pai resolveu conservar como meu correspondente o major Sebastião de Azevedo. Todavia, como pode reproduzir-se o mesmo fato ocorrido no ano passado, ficando eu em dificuldades para ter dinheiro, não fica de todo dispensado o favor do senhor senador Queirós. Neste sentido tenho eu agora uma carta de meu pai para ele, e peço-lhe que, se for possível, faça-me também o obséquio de falar-lhe a este respeito.

Quanto ao seu amável e instante oferecimento para que eu vá passar a Semana Santa na sua fazenda, agradeço-lhe de todo o meu coração. É mais uma fineza que guardarei sempre como prova do interesse que me dedica. Sinto, porém, não me ser possível gozar por esses dias tão invejável companhia como a do primo e de toda a sua ótima família. Seria para mim o maior dos prazeres, mas infelizmente alguns trabalhos urgentes e sérios que tenho de desempenhar durante estas férias não me permitem semelhante felicidade. Rogo-lhe pois que aceite a minha justificação, como sincera que é, recebendo ao mesmo tempo mil agradecimentos pelo seu obsequioso convite.

Lamento que o primo chegasse a afligir-se com a notícia dos meus sermões. Acredite que eu não disse inconveniências, pois que a verdade nunca pode ser inconveniente. Quanto à política pode meu primo crer que tenho-lhe horror, isto é, a política mesquinha e interesseira que têm exercido todos os partidos em nosso país. A política que eu posso e desejo seguir está ainda muito longe; por ora é apenas uma esperança; ainda não meti medo aos



figurões. Todo aquele pois que, apartando-se de ambos os partidos existentes, comete a loucura de pregar teorias de que hoje todos riem, o que os competentes denominam utopias, esse é uma espécie de animal inofensivo, que não assusta a ninguém e que portanto não pode provocar o ódio nem a vingança.

Remeto-lhe inclusa uma carta do meu pai, que eu já dava por perdida, pois durante a viagem tinha me desaparecido... (fato que já tinha comunicado a meu pai para que ele de novo lhe escrevesse), mas que felizmente apareceu de novo.

Adeus, primo; peço-lhe que transmita muitas lembranças minhas à prima dona Isabel e a toda a sua família, e que aceite um abraço

Do primo e amigo obrigadíssimo.

Rui⁷⁷

(De Albino José Barbosa de Oliveira⁷⁸ para Rui Barbosa)

Fazenda do Rio das Pedras, 15 de abril de 1870.

Meu primo,

Anteontem, 13 do corrente, recebi a sua de 11 dito, contendo outra de seu pai para mim.

Sinto que você não quisesse vir aqui passar alguns dias, como permitiam as férias: talvez gostasse de ver lavouras em ponto grande, como de certo não teve ainda ocasião de ver; e talvez modificasse a exageração dos seus sentimentos acerca da escravatura, quando visse a humanidade com que é tratada essa gente, que

⁷⁷ BARBOSA, Rui. *Mocidade e Exílio*. 2ª ed. aumentada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940, pp. 54-58.

⁷⁸ Albino José Barbosa de Oliveira (1775-1889) – magistrado português.

aliás não pode prescindir de tutela. Toco nisto porque dizem-me que você tem aí escrito uma gazeta exageradamente abolicionista. Deus nos dê juízo a nós todos! Quanto à inconveniência dos seus sermões por ocasião da morte do Lopez, foi-me ela asseverada por duas pessoas de alta posição, e uma delas extremado liberal, mas não republicano. Pense, como quiser; não lho levo a mal; mas peço-lhe que guarde para depois de formado a manifestação dessas idéias.

Faço-lhe esse pedido, somente por ser seu amigo, e pelo desejo de evitar desgostos, que essas imprudências provocam.

Quanto ao seu esquecimento em escrever-me, uma vez que você confessa o pecado, está absolvido, mormente sendo hoje dia de perdões pela Paixão do Salvador.

Ágora saiba que no dia 29 do corrente devo sair de Jundiaí para Santos, por trem de ferro, e não paro em São Paulo; portanto, se lhe for possível, e você nos quiser ver, esteja na Estação da Luz, à hora da chegada do trem de Jundiaí. O dia 29 é santo, por ser a festa de são Pedro e são Paulo, e por isso desimpedido para você. Apareça portanto, e lhe entregarei a segunda carta de ordens para o senador Sousa Queirós, visto ter-se extraviado a primeira. E não a mando já inclusa, porque as cartas volumosas ordinariamente se extraviam nos correios.

Eu continuo a sofrer dos ouvidos e do atordoamento, apesar de mil remédios; estou persuadido de que nunca mais melhorarei: são já os efeitos da velhice.

Suas primas agradecem os seus cumprimentos e lhos retribuem, e eu sou com sinceridade

Seu primo e amigo

Albino José Barbosa de Oliveira

P.S.:

Responda-me, somente para eu saber que esta carta chegou às suas mãos. Dirija a sua carta para Campinas.⁷⁹

⁷⁹ BARBOSA, Rui. *Op. cit.*, pp. 113-114.



(De Castro Alves para Eunápio Deiró)

Fragmento⁸⁰ – Bahia, 1871.

Meu ilustre e estimado doutor,

Com que alvoroço li a sua carta! Como vi nela a franqueza espontânea deste seu coração de artista – que corre a dar um grito de animação a todo espírito que luta neste pedregulho sáfaro da literatura!

É que ao invés do nome de *estéreis* que dá aos críticos eu vejo neles, nesta abstinência de produzir – uma coisa a que se podia comparar a castidade do Cenobita. Olhe, creia, são de invejar essas almas que nunca deturparam o seu ideal no amesquinhamento da fórmula (...) que jamais amassaram um pensamento de luz no gesso lodoso da prosa ou do verso (...) e que ao invés de Cellini, depois das horas de um labor insano, nunca viram transformada a taça que idearam no pote de barro da realidade.

Não se lembra daquelas palavras do seu Lamartine: “Entre o que se sente e o que se diz vai a mesma distância que entre a alma e o alfabeto – o infinito! Do que está escrito nada é belo. O que há de divino fica no coração. O instrumento é tosco – a nota é de fogo!”

Pois é o que eu penso quando vejo espíritos elevados, imaginações brilhantes como a do meu ilustre amigo, preferirem o silêncio do Raphael à turbulenta ansiedade do trabalhador que luta e cansa e sua (...) e depois (...) pede a Deus coragem para não quebrar a pena.

É também o que eu sinto quando atiro a este mar os esboços incompletos de meu pensamento, à espera que eles voltem-me um dia (para meu estudo), torcidos ou moldados pelas vagas da opinião.

Mas aqui, bem o sabe, o público não é mar, é poço, não se mata por tempestade, é por estagnação, e o escritor parece menos com o

⁸⁰ Observação da publicação original.

rei que atirava a jóia ao pélaço... do que ao criado dos mosqueteiros que divertia-se em cuspir no Sena. Aqui ninguém pensa em voz alta. A espaços somente a sua voz autorizada e clara denuncia ao Brasil um livro, ou um nome – como protesto a nossa (...) não-literatura.

Mas vou me fazendo longo e devo concluir de tudo isto duas coisas. A primeira que sua carta foi para mim um motivo de prazer. A segunda que não há público que excite ao trabalho. E como, meu amigo, quer o folhetim – esta intimidade do pensador com o leitor – numa terra onde as relações espirituais não chegam sequer à etiqueta?

Como pode rir e conversar, fazer confidências e tratar por tu, passear de braço dado o folhetinista com uma sociedade onde ele não tem o direito a uma cortesia?

Nesta cidade onde as ladeiras cavam profundas divisões entre os corpos, há também ladeiras entre as almas: cada homem vive aqui num raio desta estante que se chama Bahia (...) e cada alma numa prateleira (...) ou vice-versa, se quiser.

Não crê como eu na dificuldade do folhetim entre nós? (...)

Mas tudo isto pouco importaria. E o desejo, assaz lisonjeiro, que me manifestou, de ver-me entrar aí seria para mim uma ordem, se força maior não me obstasse.

Sabe que há muito soffro constantemente, e poucos momentos me permitem os padecimentos para escrever. Agora, principalmente, talvez com este maldito inverno, têm eles aumentado, de sorte que a qualquer momento vejo que partirei para o Rio ou para o Sertão – como quer a medicina.

Depois eu penso que ao folhetinista é indispensável esta ubiquidade, esta vida ativa, este roçar de vestidos de seda, estes risos que se cruzam, estas mulheres que se encontram, estes amigos que inspiram a vida, o movimento, a mocidade, a cidade com o seu bulício, o camarim com o seu almíscar, muito dos tetos, pouco do céu, muito de flores, pouco de florestas, os tapetes em vez das relvas, a fantasia em vez da meditação.

E bem sabe, meu amigo, quanto vai esta longe da minha vida. Nem Henrique Heine pode ficar folhetinista no leito da paralisia. A minha vida isolada pede mais a poesia, que às vezes é um



monólogo (...) pede mais o verso (...) que é uma cristalização. Os riscos correm à luz do sol (...) as gotas petrificam-se nas grutas (...).⁸¹

(De Francisco Alvim⁸² para Silveira da Mota)

Rio de Janeiro, 22 de junho de 1872.

Amigo e senhor Silveira da Mota,

Com muito prazer recebi sua apreciada carta de 26 do passado, dando-me notícia de sua chegada no Tejo e acusando o recebimento da carta que lhe dirigi a 12 de abril.

Muito folguei em saber de sua chegada a salvamento. A viagem foi um tanto longa, devido à pouca marcha da corveta como diz em seu ofício.

Fico ciente de tudo quanto me diz, e não posso deixar de manifestar-lhe o meu sentimento pelo pobre do primeiro-tenente Madeira. Ele aqui chegou antes de ontem no *Lusitânia*: o seu estado é bastante lastimoso.

Tenho recebido seus ofícios, e de tudo terá oportunamente resposta, pois como sabe tenho de submetê-los à consideração do ministro, que é novo, como já deve saber.

Já declarei ao ministro que acho mui justo o seu pedido de passar a força do inverno em um dos portos da Itália, mas não no golfo de Nápoles que é exposto.

Consegui afinal, fossem substituídas as velhas tabelas de rações diárias por outras que organizei, como sabe. Não pretendo que as novas tabelas sejam perfeitas e completas, mas o que afianço é que são indubitavelmente melhores que as antigas.

⁸¹ ALVES, Castro. *Op. cit.*, pp. 183-187.

⁸² Francisco Cordeiro Torres e Alvim (1822-1883) – militar catarinense.

As coisas lá pela Confederação Argentina vão se tornando um pouco negras. Aqueles amigos nos estão provocando, e tudo faz crer que a guerra tem de vir. Eu não a desejo por bem de nosso país; mas se é ela necessária vamos a isso e quanto antes melhor, e seja guerra de extermínio, acabemos, se for possível, com aqueles amigos que constantemente nos incomodam. Dói-me dentro da alma ver o jornal *A República*, publicado aqui, e *A Democracia* no Rio Grande, advogarem a causa dos argentinos, e este último jornal até declarou já que desejava ver-nos derrotados!!! Que brasileiros!!!!!!

A *Reforma* tem se portado bem, e já declarou que antes de tudo os seus partidários eram brasileiros. Seu pai, com quem estive há dias lá na ilha, lhe dirá o que vai por cá, e assim julgo dispensável massá-lo.

Goze saúde, continue a ter o seu navio naquele estado de asseio e disciplina de costume, para honra sua e nossa, recomende-me a todos os camaradas e disponha deste seu amigo sincero e camarada obrigado

137

*Francisco Alvim*⁸³

(De Salvador de Mendonça⁸⁴ para Machado de Assis)

New York, 30 de outubro de 1875.

Meu Machado,

Quero apenas pedir-te notícias tuas, e dizer-te que estou quase, senão totalmente bom de saúde. Aqui cheguei a 23 de setembro já melhor, e se o governo nomeia-me definitivamente cõsul-

⁸³ JACEGUAÍ, Almirante Artur. *Op. cit.*, 443-444.

⁸⁴ Salvador de Meneses Drummond Furtado de Mendonça (1841-1913) – escritor fluminense.

geral, cargo que já estou exercendo interinamente desde 28 do passado, é fora de dúvida que fico são como um pêro, e como um pêro norte-americano; que são coradíssimos e de fina polpa. Espero que desta vez se lembrem de te mandar até cá: vejo que admirarias aqui muita coisa. Por mais que conheçamos esta terra, dos livros, das impressões dos amigos, da imprensa, dos seus homens de letras, reserva-se aqui ao estrangeiro boa dose de pasmo para as novidades. É um país que possui cidades inteiras de palácios, de tijolo, de pedra e de mármore. E serão os donos alguns fidalgos? Qual! Gente de mão grossa e coração fino, movendo-se como agitados por contínua febre, dizendo que se movem porque o país é frio, e possuindo o raro dote de amontoar milhões. Querres ver? Um fabricante de pianos, o Chickering, que já possuía um grande estabelecimento à rua 14, manda construir um palácio para a sua fábrica, para os seus armazéns e para uma sala de concerto, onde os seus instrumentos sejam exibidos. Pois bem: só alguma coisa assíria te poderia dar idéia da mole assombrosa que é tal construção. Não creio que mais atrevido edifício se levante em ponto algum do globo. Chickering de manhã ainda empunha a mangueira da sua bomba e lava a frente da casa da rua 14 com as mãos milionárias. No entanto, fica sabendo mais, Chickering é apenas, na escala dos fabricantes de pianos, o terceiro dos Estados Unidos, e está longe de ser aqui considerado muito rico. Se do privado passamos ao coletivo, vemos por exemplo erguerem-se cinco monstros com o nome de palácios para a Exposição do Centenário. Palácio da Agricultura, Palácio da Horticultura, Palácio das Máquinas, Palácio Central, Palácio da Comemoração. O Central tem 365 pés de largo e 1.876 de comprimento. Se estiveres de pachorra mede um dia as dimensões do nosso belo edifício da Agricultura e faz a comparação. E para coroar tudo isto, meu Machado, há aqui as mais formosas e amáveis moças do mundo, está visto, excetuadas as brasileiras. Vale a pena vir ver; faz por isso.

Escreve ao
Teu do coração

Salvador

P.S.:

Outra observação: o inglês, nuns lábios que há aqui, parece suavíssimo italiano. É tão perigoso que só lhe dou ouvidos porque preciso estudar a língua.⁸⁵

(De Júlio de Castilhos⁸⁶ para Honorina)

Reserva, 12 de fevereiro de 1883.

Honorina,

Acabo neste momento de chegar do “Itapevi”, onde fui assistir à remoção do gado que lá tínhamos. Fui dolorosamente torturado durante a única tarde e a única noite que ali passei!

O que eu via não era mais aquele risonho e florido “Itapevi”, onde tantos e tão róseos dias deslizaram-se docemente para nós! Não, não era mais aquele abençoado lugar, onde perenemente dimanava de ti o doce encanto que me povoava a alma – cheia de claridades luminosas – junto a ti; onde, vendo-te e ouvindo-te, sentia de contínuo cá dentro as sonoridades triunfantes do coração, amplamente aberto às ondas tumultuosas do grande sentimento que tu me acendeste na alma!

Em vez dele, fui enfrentar com um montão de ruínas, de ruínas desolantes! Faltavam-lhes apenas as madressilvas, as heras e as violetas para povoá-las! Minha imaginação, intensamente excitada por uma poderosa recordação, as cobriu com essas flores, cheias dos eflúvios da íntima gratidão que devo àquele lugar.

Em face dessas ruínas, que saudade funda eu tive de ti! Que saudade eu tive de um tão curto quanto abençoado passado! Ao contemplá-las – com dolorosa tristeza –, não cessava de monologar

⁸⁵ In: ASSIS, Machado de. *Correspondência*. Coligida e anotada por Fernando Nery. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938, pp. 346-347.

⁸⁶ Júlio Prates de Castilhos (1860-1903) – político gaúcho.

os expressivos versos do poeta, que espontaneamente me assaltaram à memória:

*Dias volvidos, por que
Olhar todas estas coisas,
Que o seu olhar já não vê?*

Em verdade, para qualquer lado que volvesse o olhar contristado, via-te, encontrava-te sempre.

Cada objeto, cada móvel, cada lugar, tudo, enfim, me falava de ti; e, com avidez insaciável, ouvia de contínuo o teu nome harmoniosamente soando aos meus ouvidos!

Senti, então, trêmulo de comoção, erguer-se, instantaneamente reconstruído em meu espírito, um passado – vivido, animado, palpitante; um passado tão recente quanto inolvidável, tão rápido quanto banhado da intensa luz de uma recordação vivíssima! Através dele, bem como através da minha constante lembrança, vi rutilar, como sempre, o teu vulto exuberante de expressão, artístico, rubenesco!...

Abandonei o “Itapevi” decidido a não mais voltar. E chegando hoje aqui, foi minha primeira lembrança escrever-te para – em rápido trânsito – dizer-te o que vi e o que senti ali. Imagina a realidade (quão bem o podes fazer!) e supre com o teu poder imaginativo as imperfeições do meu tosco esboço sem arte.

Vim encontrar aqui um telegrama de dona Aninha – transmitido da Cachoeira. Fiquei satisfeitíssimo com saber que até ali tinham feito feliz viagem.

Meu grande desejo é que assim seja até o seu termo.

Presumo já te achares hoje em Pelotas. Felicito-te por te veres temporariamente restituída ao teu estimado pai (a quem me recomendarás) e à tua terra predileta.

Estou muito ansioso por carta tua, como podes avaliar.

Oxalá que pelo próximo correio seja satisfeita a minha justa ansiedade. Espero que sê-lo-á, visto que prometeste escrever da Cachoeira.

A família ainda se acha em Santa Maria. Não passarei, entretanto, aqui só, porque pouco me demorarei. Tenho muitas ocupações e muitas viagens a fazer durante este pouco tempo que resta

de permanência em Cima da Serra, como sabes. Durante os próximos três ou quatro dias conservar-me-ei na “Boa-Vista”, onde tenho necessidade de pôr em dia (linguagem comercial, não?) todos os meus negócios, que ainda estão em certa complicação. Depois, percorrerei este município para despedir-me dos amigos e companheiros políticos e dar um impulso final para o crescimento do partido republicano daqui, que quero deixar, ao partir, solidamente organizado, a fim de que em minha ausência nenhum incidente embarace a sua marcha.

Consecutivamente te irei transmitindo notícias dos meus trabalhos e do que tiver feito.

Escreve-me, e escreve-me sempre. Não tenhas constrangimento, nem embaraços; como te disse muitas vezes, desejo mesmo que escrevas em linguagem livre, inteiramente espontânea e fluente. Deixa a pena correr livremente sobre o papel, e o que escreveres eu lerei com imenso júbilo – como o transunto fiel do que sentes, do que pensas e do que fazes. Sendo assim, ser-te-á muito fácil escrever-me sempre com a máxima freqüência e minuciosidade.

Adeus. Não te esqueças nunca, no seio das alegrias da tua cidade, do

Teu

*Júlio*⁸⁷

⁸⁷ CASTILHOS, Júlio de. *Cartas*. Edição comemorativa dos 90 anos de criação do Museu Júlio de Castilhos. Porto Alegre: IEL, AGE, 1993, pp. 21-23.



(De Júlio de Castilhos para Honorina)

Reserva, 22 de fevereiro de 1883.

Honorina,

Foi com imensa satisfação íntima que recebi a tua mais que muito apreciada cartinha, escrita da Cachoeira. Li-a com avidez febril, como se nela me estivesse reservado um tesouro inexaurível de inefável delícia para o coração e de luz fecundante para o espírito!

Já havia terminado a leitura da última frase, e ainda me soavam aos ouvidos, como um doce murmúrio musical deliciosamente encantador, as tuas poucas palavras, poderosamente consoladoras!...

Nem podes saber o bem infinito que elas me fizeram, os efeitos venturosos que me vieram causar! No meio do isolamento em que estes ermos de Cima da Serra me obrigam a viver e da incalculável intensidade das minhas saudades sem termo, foram-me elas a fecunda fonte em que hauri a longos sorvos a ventura de um lenitivo suavizante!

Oxalá não cometes o culposo esquecimento de deixar de proporcionar-me sempre esses momentos do único júbilo real para os meus sentimentos afetivos!

Acredito confiadamente, como me dizes, na realidade da tristeza que se apossou de ti nos primeiros dias de viagem, na perspectiva desconsoladora de uma longa separação, através de tão grande distância. Por mim sei imaginar o que te vai pela alma entristecida.

Há apenas uma diferença nas condições físicas que nos rodeiam: é que eu ainda permaneço nos mesmos lugares em que, acompanhando teu passo musical, passeava sempre a teu lado, em que as horas deslizavam-se-me mansamente naqueles longos diálogos deliciosos, de que nunca me esquecerei, nos quais o nosso futuro era delineado nitidamente pela tua lúcida percepção de vidente inspirada; revejo de contínuo todos os objetos que via eu sempre junto a ti, outrora sorridentes e saturados do perfume e da luz que

o teu vulto artístico derramava prodigamente em torno, mas hoje tristonhos e lacrimosos após a partida de quem lhes infundia a vida e a alma; encaro os horizontes que meu olhar fitava seguindo a luminosa direção do teu, que eram tão belos e límpidos, e que agora me aparecem nevoentos e cobertos de tristeza!...

Recebi um telegrama da dona Aninha com data de 12, noticiando a feliz chegada a essa cidade. Antes de recebê-lo, já havia transmitido um pedindo notícias. É supérfluo dizer-te que folguei imenso com saber que chegaram com felicidade, achando-se todos fruindo boa saúde.

Já te suponho novamente habituada na tua cidade predileta; mas dentre as variadas distrações que ela te poderá proporcionar, não deverás esquecer as muitas ocupações que pesam sobre ti, concernentes aos teus estudos.

É agora ocasião de lembrar-te a promessa solene que fizeste de estudar esforçadamente. É curto, como sabes, o tempo de que dispões aí; por isso mesmo é mister que o aproveites bem. Se me permites, farei de novo a resenha dos teus trabalhos – adaptados aos meus desejos.

A música e o canto. Dedicai-lhes todo o esforço possível. Como sabes, em consciência, tens uma bela voz harmoniosa, bem timbrada e puríssima, cheia de qualidades notáveis; mas ainda não está perfeitamente educada. Busca, pois, completar-lhe a educação. Quando esta for tal que permita aproveitar todos os fecundos recursos naturais que tua voz possui, então, sim, ela atingirá o máximo grau de desenvolvimento, de energia, de beleza e de expressão. É a educação o único elemento que lhe falta ainda, porque o elemento natural, aquele que não se adquire, aquele que é um dom artístico – a intuição musical – tu a tens, por assim dizer, genial para interpretar com talento e com expressão admiráveis as grandes páginas da música moderna, da majestosa e ardente música do século!

Muitas vezes te disse isso, e repito-te-o agora. A *expressão* é tudo na arte.

Há algumas músicas de canto cujo estudo te recomendo mais especialmente e ao qual deves dedicar predileção. São as seguintes: “Ária do Somureo” da *Africana*, a ária “A qual sorte serbata-uo” da *Fosca*, a “Romanza d’Alice” do *Roberto*, “Roberto, ó tu che



adoro”, a “Ballata” do *Guarani*, *Barbeiro de Sevilha*, a ária de Margarida no *Mephistopheles* e *Mignon*. Isto não quer dizer que desprezes as outras.

A *pintura*. Não a abandones. Desejo pouco, mas bom. Se durante o tempo que vais estar aí, pintares uma tela só, mas que tenha realidade, palpitação de vida, expressão do real, enfim, terás conseguido um triunfo, e eu ficarei contente. Uma tela só que seja. É o que eu desejo.

Peço-te mais uma vez que não copies nunca mais; trabalha só com concepção tua. A cópia não é mais própria de ti; compromete o talento.

Permite-me agora um conselho que debes ouvir com atenção: não pintes sem *comoção*, sem *inspiração*. Quando não as sentires, não empunha o pincel. Mas quando, em face de um quadro, de uma paisagem da natureza, te sentires animada, comovida, inspirada, na posse plena do assunto, então, sim, toma logo o pincel, e transporta para a tela o quadro, a paisagem que te *impressionou* o espírito, que te *comoveu* intimamente, que te *inspirou*. Mas, se quiseres pintar sem ter previamente o espírito preparado, sem te sentires dominada pelo objeto da tela a pintar, sem estares apoderada do assunto, sem teres chegado ao momento da inspiração, enfim, não conseguirás fazer – em tal estado de espírito – uma bela tela; simplesmente porque não poderás – nesse estado – transmitir força, vida, expressão, em suma, ao teu quadro. Traçado um sentimento, sem comoção real, ele não viverá; será frio e monótono.

Estas verdades são incontestáveis, e tu as conheces perfeitamente, melhor do que eu; todavia, peço-te que leias e releias a *Estética* do Neron para as aprenderes de um modo lúcido. Assim, tenho certeza de que meu conselho, aliás pretensioso, há de ser atendido.

E para terminar sobre a pintura, dir-te-ei que tens um ótimo assunto para uma tela, tal como eu desejo; porque é assunto que te provoca *agrado*, *simpatia* e, portanto, *inspiração*. Refiro-me ao assunto da tela que prometeste pintar para o nosso quarto. Seja qual for o assunto que imaginares e escolheres, o que é certo é que a ocasião será ótima para uma belíssima tela, visto que, repito,

o assunto análogo te será naturalmente uma fonte de inspiração. Pois não é assim?

Estudos filosóficos. Embora te pareçam um pouco áridos e sem atrativos, esses estudos devem te merecer demasiada atenção e muito trabalho. Tua leitura deve ser meditada, refletida e feita metodicamente, sendo mister que, à medida que fores finalizando a leitura de cada uma das obras, busques resumir mentalmente todos os princípios expostos e desenvolvidos.

Procedendo assim, quando chegares ao termo da leitura total, conhecerás de modo lúcido o que é a filosofia moderna, positiva, a única verdadeiramente científica, porque compreende a universalidade dos conhecimentos demonstrados e positivos. E então compreenderás conscientemente o incalculável proveito que tirará o teu espírito desses estudos, que são a *única* base do saber positivamente científico.

Nestes tempos de revolução e de movimento dos espíritos, em que todos os departamentos dos conhecimentos humanos têm sofrido verdadeiras transformações radicais em virtude dos maravilhosos trabalhos dos pensadores deste século, é preciso ler muito, estudar muito para não se ficar aquém do movimento geral e complexo que se opera harmonicamente na ciência, na religião, na arte, em tudo, enfim. Ora, eu que tenho alguma ufanía de não andar muito aquém do meu tempo, quero que tu, a minha futura companheira de todos os momentos e de todos os transes e lutas da vida (e quão agitada e tempestuosa vai ser a minha vida de rebelde e indisciplinado!), quero, digo, que tu tenhas o espírito preparado identicamente ao meu; de forma que ele seja sempre para mim uma fonte perene de sugestões fecundas, de inspirações providenciais!...

Essa preparação consiste, por enquanto e preliminarmente, no estudo das obras que te proporcionei. Posteriormente terá ela o seu complemento indispensável em estudos que terei a satisfação vivaz de dirigir pessoalmente, conforme já te havia prevenido.

Sobre a ordem da leitura não tenho nada a acrescentar, visto que decerto conservas a indicação dela – por escrito – que te forneci. Não deves alterá-la, nem esquecê-la.

Eis aí a resenha dos teus trabalhos. Não desconheço que eles são numerosos e que hão de absorver-te muito tempo; mas o teu



talento excepcional e o teu esforço os vencerão, com método e ordem.

Tenho ainda tanto que conversar contigo na presente ocasião; entretanto esta já vai tão longa e fastidiosa para ti, que, com constrangimento do meu desejo, me vejo forçado a terminar, sem ter dito nem a metade do que desejara dizer hoje.

Resigno-me a um adiamento para o próximo correio. Nessa ocasião reencetarei a conversação agora interrompida.

Temo muito tornar fatigante e monótona para ti a leitura de minhas cartas! Não devo abusar da tua bondade.

Pelo próximo correio, pois, escrever-te-ei de novo.

Vou partir para São Martinho, e dali para Santa Maria, onde irei encontrar o A. Brasil, que vem visitar-me. Logo depois que ele chegar, partiremos para Porto Alegre. Entre 1º e 6 de março.

Tenho recebido de ti apenas uma cartinha lacônica; entretanto, é esta a terceira que te escrevo, e extremamente longas têm sido as três. Quem é que está ganhando a *aposta* que fizemos? Sou eu – sem dúvida. E o que me pagas em virtude de haveres perdido?

Depois que receberes esta, não dirige mais para Santa Maria tuas cartas, que não me encontrarão mais aqui. Logo que chegue a Porto Alegre, te prevenirei. Adeus. Que eu viva sempre na tua imaginação como tu vives na do

Teu

Júlio

P.S.:

Já esta estava escrita e fechada, quando chegou o Salustiano, que me trouxe uma carta tua e minuciosas notícias. Foi dia de satisfação para mim. Imagina! Nem sei dizer-te!...

Conforme o que combinamos aqui, espero que nada deliberes sobre as tuas testemunhas. Desejo muito convidar o dileto amigo A. Brasil.⁸⁸

⁸⁸ *Idem*, pp. 25-29.

(De Júlio de Castilhos para Honorina)

Porto Alegre, 27 de março de 1883.

Honorina,

Não te escrevo somente para cumprir a promessa de escrever-te por todos os vapores, mas porque tenho verdadeira satisfação em fazê-lo. Não faço como tu que, tendo prometido o mesmo, não te lembraste de enviar-me nem duas ligeiras linhas sequer pelo último vapor. Não foi sem mágoa que vi realizar-se esse fato, do qual, aliás, não me queixo, porque sei bem que entendes que o direito de queixa só a ti compete. E como para mim tua vontade é soberana, assim seja.

Aqui vou vivendo como é possível viver, ausente de ti. Imagina! É bastante que te diga que no meio dos variados assuntos que me preocupam o espírito e das preocupações de toda a ordem que me envolvem atualmente, a tua lembrança está sempre presente, e, pairando acima de tudo, é tão viva e poderosa, como fora no próprio dia em que nos separamos. Se é possível, cresce mais e mais a ansiedade por ver-te, parecendo-me que o curto espaço de tempo que nos separa vale por uma série de anos!

Encerrou-se já o “Congresso Republicano”. Do que nele ocorreu comunico-te apenas o que mais te pode interessar. Fui efetivamente eleito redator da futura *Folha Republicana*, mas, apesar das maiores instâncias dos meus amigos, recusei esse cargo terminantemente. Essa recusa não foi mais do que resultado de uma deliberação anterior, profunda e maduramente meditada. Tive de ser insensível aos delicados e insistentes pedidos dos meus amigos e do meu partido, que queria confiar-me a honra de representá-lo na imprensa. Razões poderosas moveram-me a manter inalterável minha recusa; de viva voz te as exporei. Em meu lugar foi eleito o Venâncio Aires.

Ainda não estou habitando a nossa futura casa; acho-me por enquanto hospedado com o Sebastião Barros, mas dentro de poucos dias efetuarei a minha mudança. Por esta razão ainda não entrei na normalidade, nos meus hábitos regulares; não tenho



podido até hoje abrir um livro para estudar, o que muito me desagradava, como podes calcular.

É tu, o que me dizes de ti, das condições atuais do teu espírito? Está ele bem preparado para a nova fase da tua vida? Tens meditado assaz a meu respeito e acerca da nossa próxima vida comum? Através das tuas poderosas recordações já *me reconstruíste* – virtude por virtude, defeito por defeito – integralmente, enfim, em teu espírito?

É o que eu desejo, é o que eu espero confiadamente, nas aproximações do decisivo momento, do momento solenemente grave, que há de envolver-me no seio da eterna felicidade. Fala-me a esse respeito. Tenho também curiosidade de saber o que dona Aninha tem resolvido com relação ao modo de efetuar-se o casamento. Iremos para a *Serra*, ou ficaremos aí em alguma chácara? Esta já foi encontrada nas condições desejadas? Responde. Quanto ao próprio ato religioso, ele se há de realizar na forma já combinada entre nós, sem alteração alguma; e dentre todos os lugares lembrados presumo ser preferível sempre a capelinha de que me falaste algumas vezes. Não concordas? Entretanto, combinaremos aí, definitivamente. Antes dessa combinação, pois, é conveniente que, deixando de ceder a certos usos gerais, não te preocupes com superfluidades, como, por exemplo, o *toilette de noivado* etc. por cuja supressão *eu dou a ti o meu voto*. Desde que o ato tenha a forma que desejo, esse vestido do costume torna-se uma verdadeira inutilidade. Desculpa-me essas minudências de que me ocupo, aliás autorizado por ti e certo de que guardarás reservas a respeito.

Infelizmente, ainda não posso ter a satisfação de designar-te o tempo certo da minha partida, como era meu desejo. O que posso asseverar com segurança é que em menos de um mês me verás ao teu lado. Não poderás jamais avaliar o heroísmo de vontade que me é preciso ter para poder conservar-me aqui estes dias sem ir ver-te. Só mesmo o desvelado cuidado pelo nosso futuro inspiraria esse heroísmo. Acredita que é mesmo pensando em ti que eu me demoro. Mas esse curto espaço de tempo há de passar, e então... então não me atormentarão mais as saudades que, de envolta com estas linhas, te envia o

Teu

Júlio⁸⁹

⁸⁹ *Idem*, pp. 33-35.

(De Joaquim Nabuco⁹⁰ para o barão de Penedo)

Rio, 1º de setembro.

Meu caro barão,

Acabo de receber a sua carta contendo o seu *paper* sobre instrução. Vou fazer uso dele.

Está se procurando em casa do Lobo a poesia.

O Jaceguai (ele ia ser Aracuan, mas nós preferimos que seu novo nome rimasse com Paraguai e Uruguai) tomou o Alfredo para seu ajudante de ordens (ainda que sem nomeação efetiva).

O Fialho publicou no *Jornal* um artigo em que se resume o folheto-bomba que ele lançou ao partir de Londres nas pernas da Companhia. É um auto de corpo de delito. Ele mesmo dá o preço pelo qual vendeu (só em ações) a concessão, e conta a *chantage* de que se serviu para obter os seus fins. É uma completa inconsciência moral.

Ouçõ que o Ewbank (que trouxe muito boas impressões de Londres, da sua pessoa) será o diretor de Pedro II.

Ontem fui com o Artur à casa do Dantas que o acolheu *muito bem*. Não há porém vaga nenhuma.

Agora acabadas as notícias dos outros dar-lhe-ei minhas. Estamos neste momento em negociações para localizar-se a minha candidatura em Pernambuco, e também na corte. Eu conto partir para Pernambuco a 24 deste e ficar até a eleição. O sistema de distritos tira quase toda a força ao governo. Que revolução, meu amigo, a da Lei Saraiva! Estamos num país onde, em muitos pontos, em províncias inteiras, a eleição é mais livre do que na Itália, na Espanha, em Portugal. Todavia não desanimo ainda, e julgo dever ficar até ao fim. A eleição hoje é coisa muito diversa do que era antes de 1881, acredite-me, e daí a probabilidade do seu triunfo nas Alagoas se alguma vez se apresentasse. Se o Artur não estivesse na diplomacia e tivesse acordado mais cedo, ele seria um excelente candidato em seu lugar.

149

⁹⁰ Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910) – político, diplomata e historiador pernambucano.

Tenho esperança de vê-lo, eu forte e robusto, quando voltar. Minha saúde está quase de todo restaurada.

Muitas e muitas saudades à baronesa, a quem beijo as mãos. Lembranças aos *íntimos* de Grosvenor Gardens, não esquecendo a bela Mrs. Schlesinger.

Aceite, meu caro e saudosíssimo amigo, um apertado abraço do seu

Muito dedicado amigo

Joaquim Nabuco⁹¹

(De Joaquim Nabuco para Correia)

Radley's Hotel, Southampton, 14 de dezembro de 1887.

Meu caro Correia,

Sua carta foi tão amável, com o convite que me trouxe para ir passar com você o Jubileu do Papa que, até Lisboa, eu estava incerto se devia ou não ir a Roma. Em Lisboa desfiz-me dessa indecisão por falta de tempo. *Não devo* estar mais de mês no máximo (até o fim de janeiro, mês e meio) na Europa e ir e vir de Londres a Roma a galope é aumentar a aflição de não poder demorar-me. Você, porém, compreende o que isto me custou, principalmente pela companhia que aí teria sua e do Artur. Fica para outra vez. A sua estrela agora está acesa no mais alto do céu e é possível que mais cedo do que possa esperar, eu também seja iluminado por ela e que então estejamos muita vez juntos. Se em qualquer tempo eu lhe puder ser útil conte comigo como nos tempos da nossa íntima convivência de Londres que tão grata recordação me traz sempre.

⁹¹ NABUCO, Joaquim. *Cartas a amigos*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, s.d., v. 1, pp. 118-120.

Como não tenho mais papel na carta que escrevi ao Artur, pode você dizer-lhe que me mande a discussão havida no Parlamento italiano sobre a Exposição de 89?

Agora outro assunto entre nós somente. Você sabe que todos os bispos, exceto o do Pará e o do Rio, nas pastorais, por ocasião do Jubileu, recomendaram como o melhor presente a oferecer ao Santo Padre a abolição da escravatura. Para o abolicionismo seria um imenso auxílio se o Papa, aceitando aquela dádiva, recomendasse por sua vez aos católicos a extinção completa do cativo em que ainda são cúmplices. Essa recomendação toda moral não teria, está visto, alcance ou efeito partidário, satisfazendo somente o que hoje é a aspiração geral do país. Se eu tivesse possibilidade, indo aí, de conseguir sujeitar a questão ao próprio Papa, eu iria sem falta alguma. Não quero dizer que eu mesmo interviesse nisso, mas sim que conseguisse interessar no meu propósito alguma pessoa a quem Sua Santidade preste ouvido e que quisesse auxiliar uma grande obra de humanidade e religião, como é aquela. O Papa de alguma forma deve manifestar-se sobre o modo pelo qual os bispos brasileiros unanimemente julgaram que devia ser celebrado o Jubileu no Brasil. Não fazer menção desse movimento do nosso Episcopado é não prestar atenção às nossas coisas. O que nós desejávamos é que nessa menção Sua Santidade pusesse alguma coisa de sua alma de sacerdote e do seu coração de pontífice em advogar a causa dos mais infelizes dos seus filhos. Não haveria meio de eu aí conseguir de alguém que chamasse a atenção do Santo Padre, tanto para as pastorais dos bispos como para a importância incalculável do apoio que ele lhes desse?

Seria um imenso serviço à boa obra que nós estamos quase concluindo obter essa palavra que ferisse a consciência dos católicos brasileiros que ainda possuem escravos. Você não se pode envolver nisso, mas eu posso, e o que lhe pergunto é se é escusado pensar nisso, ou se poderia achar algum auxiliar que me ajudasse a conseguir o meu fim.

Todo seu

*Joaquim Nabuco*⁹²

⁹² *Idem*, pp. 163-165.



(De Raimundo Correia⁹³ para Lúcio de Mendonça)

Vassouras, 24 de maio de 1888.

Meu caro Lúcio,

Escrevo agora, afinal, a ti, ao Valentim e ao Henrique de Magalhães, agradecendo os versos com que festejaram o meu aniversário.

Os teus e os do Valentim saíram no *Vassourense*; não os do Henrique, por falta de espaço.

Não me foi possível ir à corte para assistir às grandes festas da Liberdade. Tantas coisas boas o meu caiporismo me faz perder. Aproveitaria o ensejo para estarmos juntos, alegres e satisfeitos. Agora, até outra vez.

Nenhumas novidades mais, que te interessem.

Recomenda-me à família, e dispõe do teu

*Raimundo Correia*⁹⁴

(De Joaquim Nabuco para barão de Penedo)

Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1889.

Meu caro barão,

Um feliz 1889 é o que sinceramente lhe desejo. Recebi sua carta em resposta à que lhe escrevi. O Dantas está em Friburgo, mas eu lhe comunicarei os trechos que a ele se referem.

⁹³ Raimundo da Mota Azevedo Correia (1860-1911) – poeta maranhense.

⁹⁴ In: VAL, Waldir Ribeiro do. *Vida e Obra de Raimundo Corrêa* (correspondência). Rio de Janeiro: Cátedra/Instituto Nacional do Livro, 2ª ed., 1980, p. 199.

O Correia, que está morando comigo, tem agora mais esperança de ir para Roma. Ele foi portador anteontem de uma carta que escrevi ao Rodrigo sobre o Artur, e o Rodrigo deu-lhe alguma animação de que iria com efeito para a Cidade Eterna. Eu não me esqueço do Artur, mas não valho muito. O Correia de Araújo está ministro residente e amanhã plenipotenciário por força do seu parentesco com o Camaragibe, que ainda depois de morto faz milagres. O Cesarino vive em casa de João Alfredo, o Guimarães Jr. tem por si a antigüidade e o nome literário, o Artur tem ainda contra si o Vieira Monteiro, protegido pela *coterie* de Paris. Como vê, é uma luta em que sucumbe o mais fraco. Eu tenho entretanto confiança no Rodrigo para que, dadas certas eventualidades, ele promova o Artur. Pode haver mais de uma vaga e ele até hoje tem mostrado certo espírito de independência e uma maneira toda sua. Quem sabe se não lhe mandarei ainda alguma boa notícia?

O Rodrigues foi para ali investido de toda a confiança do Prado, tratar do resgate de caminhos de ferro. O Jaceguai pretende seguir breve com dois contratos no bolso avaliados em muitas centenas de contos.

Tenho visto o Justiniano Rodrigues que vai melhor, coitado!

Fui obrigado a sair do *Paiz*, pelo seu republicanismo. O fato de ser esse republicanismo um tanto intermitente não diminuía, antes aumentava, a dificuldade de minha posição. Não sou hoje senão deputado, amanhã talvez nem isso seja. Estamos num tempo de muita incerteza para quem, sem ter uma conta corrente do banco, tem uma coisa que se chama convicção. Eu sou um monarquista convicto e recomeço com a monarquia a vida de sacrifício que tive com a abolição. Minha única esperança de descanso é perder um dia o fogo sagrado, e achar que já fiz bastante. Quando virá esse dia?

Muitas saudades à baronesa e Carlotinha, a quem desejo um 89 cheio de tudo que elas mais desejem – à baronesa a sorte grande de Espanha, à Carlotinha uma feliz colocação, depois da formatura, para o Artur José.

Tenho visto o Alfredo. Fala em ir para a Europa com o Mota, não o achei tão doente como o haviam pintado. Essas coisas não



se vêem, é certo, mas a aparência é de quem tem ainda muita vida e só precisa descanso e moderação.

Pelos jornais verá que tivemos um combate republicano no dia 30. Não lhe posso dizer se a república saiu mais forte ou mais fraca. Ela não virá *mais* sem guerra civil. É exato que a república tem feito imenso progresso em pouco tempo por efeito da lei de 13 de maio, mas a monarquia *começa a ter amigos* e os dois partidos terão, contra toda a vontade, que se unir contra o inimigo comum. Eu vejo tudo isso com imenso pesar porque a agitação republicana me parece um retrocesso e um perigo para a liberdade e para a tolerância de que até hoje temos gozado.

Muitas saudades do seu
Sincero amigo

Joaquim Nabuco

P.S.:

Estou pensando em ir neste intervalo de sessão passar dois meses no Norte. Não poderei porém ir até a Europa por falta de tempo e de *tudo mais*. Lá verei o Artur José.⁹⁵

(De condessa de Barral⁹⁶ para a imperatriz Teresa Cristina)

Grande Garenne, 30 de novembro de 1889.

Minha Imperatriz,

Dominique parte hoje para Lisboa e será portador de meus respeitos à Vossa Majestade. Não sabendo para onde Vossas

⁹⁵ NABUCO, Joaquim. *Op. cit.*, v. 1, pp. 180-181.

⁹⁶ Condessa de Barral, Luisa Margarida Portugal de Barros (1816-1891) – dama da corte de D. Pedro II, baiana.

Majestades vão, acharam melhor que eu esperasse Suas ordens aqui sem ter o consolo de ser a primeira a lhe beijar a mão na terra do exílio!!

Mas fique Vossa Majestade certa que pode dispor desta Sua dedicadíssima criada *quando e onde* quiser Lhe fazer a honra de a chamar. Nada digo do ocorrido porque me parece impossível fazer o menor comentário e mal posso acreditar em tamanha ingrati-dão!

Para mim não há mais pátria, perdi-lhe todo o amor que lhe tinha e cubro-me de vergonha quando me falam no Brasil.

Estou persuadida que Vossas Majestades nos darão o exemplo da resignação Cristã, mas eu não o poderei seguir.

Criada cada vez mais dedicada

*Condessa de Barral*⁹⁷

155

(De Capistrano de Abreu⁹⁸ para barão do Rio Branco)

Rio, 25 de janeiro de 1890.

Ex.^{mo} amigo senhor barão,

Antes de tudo devo dizer-lhe que tenho-lhe escrito algumas cartas que me parece não lhe chegaram às mãos.

Tenho feito pouco do que tem me recomendado, por uma circunstância tristíssima: desde abril ou maio do ano passado nosso amigo Vale Cabral começou a dar sinais de desarranjo cerebral. Hoje, apesar de ter estado mais de dois meses no Eiras, julgo que se pode considerá-lo definitivamente perdido, irremediavelmente

⁹⁷ BARRAL, Luisa Margarida Portugal de Barros, Condessa de. *Cartas a Suas Majestades, 1859-1890*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977, p. 317.

⁹⁸ João Capistrano Honório de Abreu (1853-1927) – historiador cearense.

idiota. Não lê, não escreve, não quer ir mais à biblioteca, de sorte que muito provavelmente será demitido por abandono do emprego, atrás do qual já anda esfaimado o Moreira Pinto; esta coisa tão simples, ir receber o dinheiro no Tesouro, não faz senão com dificuldade. Imagine uma campanha elétrica, cujas comunicações estão interrompidas, e que não dá som, por mais que se calque o botão: terá uma idéia do estado a que se acha reduzido o meu excelente companheiro de trabalhos e velho amigo de tantos anos. Não o tendo mais para auxiliar-me, tenho tido que lutar com as maiores dificuldades.

Recebi sua última carta no dia 15 de novembro! Vinha do Campo de Santana impressionado, como pode imaginar, depois de ter visto uma revolução. E que revolução! Só há uma palavra que reproduz o que eu vi: *empilhamento*. Levantou-se uma brigada, chegaram os batalhões um a um, sem coesão, sem atração, sem resolução e foram-se encostando um a um, como peixe na salga. Quando não havia mais batalhão ausente ou duvidoso, proclamou-se a República, sem que ninguém reagisse, sem que ninguém protestasse.

No ponto em que as coisas estavam, era a única solução razoável. Antes uma Deodorada do que uma Saldanhada. Todo o Brasil aderiu; apenas em Pernambuco José Mariano levantou um grito separatista que não ecoou. Digam o que quiserem, a República hoje é a pátria unida; a restauração seria a secessão.

A impressão geral que hoje existe a respeito do governo parece-me a da indiferença. A Constituinte, pela qual tanto se brada na Europa, deixa-nos aqui perfeitamente frios. Tem-se confiança que Deodoro chegará pelo menos até novembro, e Deodoro, segundo se diz, declarou que não dará demissão a ministro algum. A cabeça dos ministros pertence-me, e a minha pertence ao povo, são palavras que lhe atribuem. Esta segurança relativa, esta certeza que não havia crises ministeriais por estes meses tem tido bom efeito, e será um bem para o futuro. Poderá, porém, o generalíssimo conseguir que o ministério chegue inteiro à Constituinte? Duvido muito: Rui Barbosa parece-me que só está de acordo com Benjamin Constant. Demétrio e ele não se podem ver; dizem que Campos Sales também está zangado com o decreto sobre bancos de emissões, em que se segou em seara que lhe pertencia; Quintino

parece que também está descontente. E dizem que Rui está descontente com Quintino, porque a viagem de Riachuelo não há de custar menos de mil contos, com as festas que se têm de dar em Montevidéu e Buenos Aires e agora parece que também no Paraguai. Na sua última carta, fez-me duas recomendações: uma sobre o livro dos óbitos da Sé em 1710, outra sobre a cópia da devassa da tomada do Rio. Graças à intervenção de monsenhor Brito, já consegui que me mostrassem um livro de óbitos, mas pouco tem relativo a 1710; começa em 1702 e vai seguidamente até 1709, com algumas espécies de 1710 até março. A continuação ainda não se encontrou. Depois de amanhã, segunda-feira, prosseguirei nas buscas.

A cópia da biblioteca está encarregada a Simões, mas ainda nada se pode fazer por causa da aposentadoria forçada do bibliotecário Saldanha da Gama, nomeação de B. Sampaio, farras etc. Não lhe dê, porém, cuidado que a cópia irá com brevidade.

Há tempos mandei para o Carranza um documento cuja cópia me recomendou. Não sei lhe ele comunicou-lho.

Recebi e lhe agradeço muito os três retratos que me mandou de Francisco Barreto, Pedro Jaques de Magalhães e Salvador Correia de Sá. Como os descobriu? Quando Varnhagen fazia qualquer descoberta destas, escrevia ao Instituto, dizendo-lhe como a fizera. Bom exemplo para ser imitado.

Encontrei um folheto do barão do Rio da Prata que talvez não possua, e que tem algumas coisas interessantes para a biografia: é uma resposta ao Maciel da Costa, mais tarde marquês de Queluz, se não me engano. Mandá-lo-ei na primeira ocasião.

E aqui fico, meu caro senhor barão, como sempre a seu dispor, desejando apenas uma de duas coisas: ou que apareça pelo Rio em um destes passeios infelizmente tão rápidos e tão raros, ou que afinal resolva-se a publicar a sua *História da Marinha* e a sua *História militar*. Por que não dá uma edição preparatória? Deixe para mais tarde o definitivo; não é justo que quem tem feito tantas descobertas e achado tantas novidades, continue com elas trancadas.

Ia terminar esta sem lhe dar os parabéns pela sua *História do Brasil*. É esplêndida, e quanto aprendi nela! Veio-me a idéia de traduzi-la, acrescentando-lhe alguns capítulos e notas. Como lhe



comuniquei, já estou traduzindo o artigo do *Brasil* para o Garnier, e parte já está impressa.

O tempo não deixa mais espaço do que para repetir-lhe que continuo o mesmo amigo admirador e grato.

Bien à vous,

João Capistrano de Abreu

P.S.:

Rui Barbosa mandou chamar Demerval para incumbi-lo de uma comissão à Europa. Ficou tudo assentado, e Demerval devia partir no dia 28. Agora, porém, desmanchou-se tudo, porque – é, segundo me consta, a explicação de Rui – a *Gazeta* está em oposição.

Há de lhe parecer extraordinário que em um só dia se tomasse o milhão de ações exigido pelo Banco dos Estados Unidos do Brasil. Disse-me Araújo que foi tudo fantasmagoria. Só Mayrink ficou com 600 mil – o que quer dizer que mais de metade não encontrou saídas. Consta que pessoa que não possui nada tomou dois mil contos.

Não sei se pelo fato de Rui ser essencialmente um homem de livros, o certo é que não inspira a maior confiança a sua gestão financeira.

Felizmente não entendo destas coisas.⁹⁹

⁹⁹ ABREU, Capistrano de. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues. 2^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1977, v. 1, pp. 126-129.

(De condessa de Barral para D. Pedro II)

Grande Garenne, 22 de fevereiro de 1890.

Meu senhor,

Recebi esta manhã os dois livros de que Vossa Majestade nos fez mercê, a Dominique e a mim. Agradecemos principalmente o que encontramos escrito na primeira página, e no próximo mês a *Revista* tratará com muita especialidade dos tupis.

Partem neste momento alguns vinte cavaleiros para a caçada do Chevreuil, e até Jean vai com sua mãezinha seguir os cavaleiros.

Gostei menos de receber esta manhã, dentro da *Revista Ilustrada* do Rio, um imenso retrato do general Manuel Deodoro da Fonseca, que se é parecido me lembra o Tamandaré moço.

Estimo ver que vão todos bem e que os conflitos entre hotéis e vilas pararam. Assim cada um faz o que quer, coisa mui rara neste mundo.

O José Paranaçuá escreve que parte a 7 de abril para cá, teremos muito prazer em tornar a vê-lo.

A revolução do Brasil só nos trouxe a consolação de ver os amigos... Não se passa dia que, quando eu acordo, não cuide ter tido um pesadelo, lembrando-me da ingratidão com que trataram Vossa Majestade! O que vai decidir a Constituinte?

Meus planos são sempre os mesmos e tomara que os de Vossa Majestade não sofram modificação quanto a dar um ar de Sua graça a Voiron!...

Permita a meus filhos de respeitosa e lhe beijar a mão e a sua velha criada de se assinar sempre

Sua dedicadíssima amiga

*Condessa de Barral*¹⁰⁰

¹⁰⁰ BARRAL, Luisa Margarida Portugal de Barros, Condessa de. *Op. cit.*, p. 324.



(De Euclides da Cunha¹⁰¹ para seu pai)

Rio, 14 de junho de 1890.

Meu pai,

Desejo-lhe muitas felicidades e saúde bem como a Adélia, da qual até agora ainda não recebi carta alguma em resposta a muitas que já lhe tenho escrito. Recebi uma carta sua, um dia após a um telegrama, em que o senhor dizia não poder vir agora por se achar com os trabalhos da colheita de café e esperava o senhor Claudiano. Espero pois o senhor e Adélia em princípios de julho e não posso dizer com que alegria espero o momento de vê-lo abraçar aquela a quem já chamou de nova filha e que verdadeiramente é em tudo digna disto.

Disse o senhor que, tendo o casamento de se realizar em setembro, havia muito tempo para os aprestos dele: me parece, porém, e será mais conveniente para mim, que ele poder-se-á realizar antes, em agosto, por exemplo, e já acordaram neste ponto comigo a dona Túlia e o coronel Solon.

Assim eu terei tempo de harmonizar essa brusca mudança de estado com a quadra trabalhosa dos meses de outubro, novembro – sem o menor prejuízo para os meus estudos. Já agora eu sinto – e confesso ao senhor com a maior sinceridade – que me seria penosíssimo esperar, pois é muito difícil afastar a preocupação constante que alimento e prefiro, antes do que pensar nas grandes responsabilidades do futuro, senti-las e desempenhá-las. A conselho do Solon, desliguei-me inteiramente de algumas ligações políticas que começava a ter: não escrevo de há muito para a *Democracia*. Parece-me que fiz bem: desconfio muito que entremos no desmoralizado regime da especulação mais desensofrida e que por aí pensa-se em tudo, em tudo se cogita, menos na pátria. As minhas aspirações acham-se contudo de pé: retraio-me agora: estudarei, tratarei de formar melhor o meu espírito e o meu

¹⁰¹ Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866-1909) – escritor e jornalista fluminense.

coração e mais tarde, passada essa febre egoística e ruim que parece alucinar a todos, quando sentir-se necessidade de homens e os que atualmente escalam cegamente as posições, conscientes da própria fraqueza, delas abdicarem voluntariamente – aparecerei então, se puder, se quiserem. Sei que o senhor aprova esse proceder, pelo menos porque assim procedendo eximo-me à decomposição geral que por aqui parece visar o aniquilamento das mais sólidas individualidades. Imagine o senhor que o Benjamin, o meu amigo ídolo, o homem pelo qual era capaz de sacrificar-me, sem titubear e sem raciocinar, perdeu a auréola, desceu à vulgaridade de um político qualquer, acessível ao filhotismo, sem orientação, sem atitude, sem valor e desmoralizado – dói-me dizer isto – justamente desmoralizado. Eu creio que se não tivesse a preocupação elevada e digna que me nobilita, teria de sofrer muito, ante esse descabro assustador, ante essa tristíssima ruína de ideais longamente acalentados... Eu sinto-me feliz considerando que o senhor se acha aí, longe, bem longe do ambiente corrupto que nos envolve aqui.

Peço-lhe que me responda com brevidade. Não posso dar notícias de amigos e conhecidos porque não tenho descido à cidade.

Peço-lhe que dê por mim um apertado abraço em Adélia e abençoe ao seu filho e amigo

*Euclides*¹⁰²

161

(De Joaquim Nabuco para Rodolfo Dantas)

Londres, 8 de janeiro de 1891.

Meu caro Rodolfo,

Antes de tudo muito boas-festas, que a sua brilhante estrela continue a não ter uma só intermitência no ano novo. Você, porém,

¹⁰² In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GALLOTTI, Oswaldo (orgs.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 29-30.



já está bem recomendado à sua fada madrinha e não precisa de meus votos.

Recebi a sua carta e felicito-o por você querer sair do seu retiro para tomar parte na vida pública. Você seguramente está em condições excepcionais para prestar ao país o serviço de dar-lhe uma verdadeira imprensa. O meu receio é que você faça música clássica e se mova, entre todas as patotas que pululam no caminho da imprensa, como um habitante de Júpiter.

Eu sempre desejei também ter um jornal. Com a minha alma de missionário ele teria sido uma decepção para mim; com muito trabalho eu talvez desse algum prazer aos meus amigos que me lessem. Consolo-me de o não poder ter, pensando que você terá a decepção por mim e eu o prazer por você. Veja se sou egoísta! É isto próprio dos bons amigos.

É muito amável tudo o que você me diz, a sua reminiscência de nossa convivência e a sua oferta de ajudá-lo de Londres. Aceito francamente o seu convite, mas sob uma inteligência que eu escreverei o que puder e donde puder. A retribuição que me oferece será *very welcome* para a minha pequena bolsa.

Estamos indecisos se ficaremos em Londres ou se vamos para algum lugar do continente. Isto dependerá em grande parte de achar eu o que fazer em Londres bastante para contrabalançar o custo da única vida que é agradável levar aqui. A não ser essa, a vida do menor pedaço de aldeia com luz e sol seria preferível.

Você sabe que o *Jornal do Commercio* quase me matou e eu não quero que você tenha o remorso de ter acabado de matar-me sem o saber. Eu escrevia muito no *Paiz* e, apesar da retribuição ser o mesmo ordenado daquele, eu não sentia o peso do *Paiz* quase nada, porque tinha a livre escolha do assunto e da ocasião e a liberdade de mover-me. Para o seu jornal a começar dos primeiros dias de março eu escreverei regularmente e *con amore* porque, além da consciência com que servi ao *Jornal* e ao *Paiz*, tenho neste caso mais a afeição que nos liga e que me liga também a seu ilustre pai, e à redação que você me cita. Não me forçarei porém para escrever sobre motivos que eu não possa assinar. Escreverei uma correspondência pessoal (em política bem entendido) que tanto poderá ser datada de Londres num dia como de Roma ou de Jerusalém no outro. Tenho mesmo medo, à procura do assunto, de

fazer sozinho a visita ao Partenon e Tebas, e até ao Japão que devia fazer com dona Alice. *Je ferai de mon mieux* para que você não ache meu o lado fraco do seu jornal; vou porém dizer-lhe, a importância de um correspondente em Londres é de tal ordem, para um jornal que se funda com amplos recursos e ambicioso de ser o *leading journal* para os interesses permanentes do país, que uma correspondência de Londres de primeira classe bastaria para dar reputação e autoridade à nossa imprensa naquelas condições. Como eu entendo porém a correspondência de Londres não é o que eu fazia para o *Jornal do Commercio*. A política inglesa perdeu o interesse que tinha para o parlamentarismo monárquico que a imitava e seguia, e quanto às singularidades inglesas, sempre tão curiosas para o estrangeiro inteligente, quase não se pode escrever nada daqui verdadeiramente ao alcance da nossa massa de leitores.

A esse respeito aí com um bom tradutor (eu lhe aconselho que faça o seu jornal forte em tradutores, um tradutor capaz vale dez escritores sem idéias ou fantasistas de imitação) você faria maravilhas. A importância excepcional da correspondência de Londres está na finança e no movimento político universal, que se reflete diariamente em Londres, o primeiro centro telegráfico do mundo.

Por circunstâncias diversas, os anos que começam agora para o Brasil são exatamente aqueles em que começa também a dúvida e a ansiedade deste mercado pela nossa marcha e, pelo nosso lado, a maior necessidade de recorrer a ele e de saber o que ele pensa de nós e de que modo nos acolherá. São anos mais ou menos análogos aos últimos da República Argentina, e o jornal no Brasil que tiver melhor em mão o pulso da *City* estará em posição superior a qualquer outro. Uma correspondência de Londres assim, tanto telegráfica como desenvolvida em cartas, seria a meu ver um dos maiores serviços que a imprensa do Rio podia prestar ao comércio, aos bancos, aos estrangeiros, aos particulares interessados na marcha do crédito e dos acontecimentos que a afetam. Eu sinto-me capaz de planejar uma tal correspondência e certo de que ela seria uma feição única em todo o nosso jornalismo. Estou porém indeciso, como lhe disse a respeito, da nossa demora aqui, e semelhante tarefa eu só a empreenderia se tivesse alguma expectativa de desenvolvê-la em um modo completo de vida, porque importaria muitas sérias obrigações de tempo, atenção e trabalho.



Seria uma tarefa ingente, no princípio pelo menos, e envolveria despesas pessoais até de representação. Essas coisas só as pode fazer o *Times*. De minha parte seria preciso fazer dessa ocupação única um *verdadeiro casamento*, imagem que a você expressará bem a dedicação, absorção e exclusivismo da vida que eu teria de levar. Estou porém convencido que semelhante serviço daria logo a um jornal discretamente conduzido no interior uma posição excepcional no comércio.

A propósito da crise argentina, quanta notícia falsa se tem publicado aí e em Buenos Aires! Não li uma notícia exata, precisa, completa; as únicas sobre as quais se pode fazer negócio. Admirame que J. C. R. não tenha montado esse serviço, ainda que talvez o Eduardo Prado faça de Paris o possível para melhorar a correspondência do *Jornal*. A razão é talvez que os compradores do *Jornal* empataram imenso capital na compra e não precisarão de fazer melhoramentos nem de dar-lhe feição nova para manter a sua posição à frente da imprensa.

Havia um meio prático, imagino eu (e lhe comunico muito confidencialmente esta idéia porque talvez eu ainda precise levá-la por diante), de um grande jornal ter esse serviço de Londres como o acabo de descrever sem grandes sacrifícios e seria entram em combinação com ele para pagar o serviço dois ou três estabelecimentos interessados no movimento monetário, bancário e comercial deste mercado e das outras praças ligadas com ele tão intimamente como com as próprias cidades onde funcionam. Nesse caso se eu merecesse confiança estaria pronto a pôr-me às ordens das combinações. Acabo de escrever-lhe, meu caro Rodolfo, com inteira franqueza. Chegou o momento do descrédito na Europa das finanças de todas essas repúblicas e o Brasil não tem mais nada que o diferencie dessas pátrias de anarquia. Acompanhar em Londres a pulsação do crédito brasileiro e, por simpatia, a do descrédito dos nossos vizinhos, não seria só por si uma distração, mas se eu fosse colocado por acaso em tal posição de responsabilidade, procuraria compensar-me da sua monotonia *vivendo*. Estamos entendidos que eu desde março (primeiro vapor) lhe mandarei uma carta. Até lá espero ter outros detalhes sobre o seu jornal. O meu endereço telegráfico é simplesmente Nabuco

– Londres. Escreva para Frederick Youle – Merchant Banking Co. ou Legação.

Recomende-me muito a dona Alice. Eu não sei se ela vê com prazer você adotar um gênero de vida noturno e uma carreira que o novo imperador alemão excluiu severamente da corte sem exceção alguma. Eu desconfio que seus artigos serão escritos de manhã sobre os fatos da véspera porque você não terá a liberdade de ir passar a noite na rua do Ouvidor. E aí quem sabe! Recomende-me também a seu pai. Como ele deve estar olhando para tudo isso! Não sei se ele ainda conserva a mesma esperança no futuro. Breve lhe mandarei uma coisa que acabo de escrever... no entanto, a não curvar a cabeça a esses déspotas presentes e futuros o que resta ao brasileiro? Morrer de nostalgia? Aqui nos falta a pátria, lá nos falta a liberdade, *comment faire?*

Seu do coração

Joaquim Nabuco¹⁰³

165

(De Euclides da Cunha para Porchat)

Rio, 26 de agosto de 1892.

Porchat,

Saúdo-te e à Ex.^{ma} família.

Escrevo-te ainda sob a dolorosa impressão que me causou a extinção da mais bem modelada e corretíssima figura de herói dos últimos tempos da nossa pátria; vi, imóvel e rígido pela morte o general Deodoro e estou certo que por muito tempo guardarei a lembrança da sua feição notável e extraordinária, aureolada por

¹⁰³ NABUCO, Joaquim. *Op. cit.*, v. 1, pp. 193-197.



uma serenidade olímpica e profundamente comovedora. Ante o cadáver do herói senti remorsos de haver um dia conspirado contra o ditador – e compreendi então, meu digno amigo, o quanto é frágil e insignificante em si essa majestosa justiça da história que explui por aí na boca dos sonhadores como nós, essa justiça incorruptível da história, que assusta a tanta gente, que é a suprema vingadora dos povos, a grande niveladora dos heróis – mas que no entanto corrompe-se escandalosamente em troca de uma emoção mais ou menos intensa e tem lágrimas como uma mulher, ante a dolorosa mortalha daqueles mesmos que terá mais tarde de fulminar despedadamente! Afastemo-nos porém das questões tristes.

Estou resolvido, embora violentando-me, a não inquirir mais acerca das mágoas que te oprimem e à tua família: quero que as notícias venham daí – boas e animadoras.

Passo agora uma existência soberanamente monótona, uma vida marcada a relógio, mecânica e automática, como de uma máquina, oscilando indefinidamente, sem variantes de casa para a escola e da escola para casa – com escalas pela rua do Ouvidor, aonde apanho um golpe de ar da existência comum, o qual porém pouca impressão me faz. Acredito porém que isto durará pouco, não dou para a vida sedentária, tenho alguma coisa de árabe – já vivo a idealizar uma vida mais movimentada, numa comissão qualquer arriscada, aí por estes sertões desertos e vastos de nossa terra, distraíndo-me na convivência simples e feliz dos bugres. Se o meu velho for, agora como intenta, à Europa, irei com ele: eu sinto necessidade de abandonar por algum tempo o meio civilizado da nossa terra: assim ou aspiro os sertões desertos ou as grandes capitais estrangeiras – hei de seguir para um destes destinos daqui a alguns meses.

Bato aqui palmas estrepitosas à acumulação de trabalhos que tens tido porque sei que os desempenharás galhardamente: o que eu não quero é que o meu estimado irmão de idéias e aspirações, deixe de ser um forte pela carência de obstáculos e reveses. Que eles nos assaltem, assim, em plena mocidade, já que somente assim podemos chegar à velhice cansados, mas vitoriosos!

A Saninha tem passado muito mal com uma sucessão contínua de nevralgias cada qual mais dolorosa e persistente – manda muitas lembranças a todos os teus.

Depois de amanhã, teremos aqui, no Congresso, uma sessão fúnebre em homenagem ao marechal Deodoro, que para se tornar imortal, parece que precisa do apêndice obrigado dessa verbiagem sentimental do Parlamento. Lá irei, vou observar os homens e as idéias e acerca deles e delas conversaremos na próxima carta.

Recomende-nos muito, a mim e a Saninha, a dona Maria Júlia, assim como a toda a Ex.^{ma} família.

Desejo que abrace por mim aos bons companheiros que aí tenho e recebas muitas saudades do amigo

Euclides da Cunha

N.B.:

Participo-te que estou morando agora no Campo de São Cristóvão n^o 1H, onde tens uma casa às tuas ordens e para onde podes enviar as tuas cartas.¹⁰⁴

167

(De Rui Barbosa para Maria Augusta)

10 de setembro.¹⁰⁵

Minha Cota,

Vejo ainda pela tua carta de ontem a aflição, o desconsolo de teu espírito. Coragem e resignação, minha Maria Augusta. Não te entregues ao sofrimento, que trará consigo a doença e, portanto para teu marido, o desânimo e o desespero. Meu conforto, nestes longos dias insuportáveis, é pensar em ti, considerar que, ao menos, não te falta a saúde, a companhia dos filhinhos, a afeição de alguns amigos. Se adoeceres, não me contarei: irei, a despeito de todos os perigos, estar a teu lado. Isso, infalivelmente. Já necessito

¹⁰⁴ In: GALVÃO, Wálnice Nogueira e GALLOTTI, Oswaldo (orgs.). *Op. cit.*, pp. 37-39.

¹⁰⁵ Provavelmente de 1893. Nota da publicação original.



de forças quase sobre-humanas, para reprimir a minha impaciência e a minha indignação, ao ver-me encerrado como criminoso, como suspeito, quando (tu bem o sabes, minha Maria Augusta) sou absolutamente estranho a este movimento, de que apenas tive, na véspera e no dia, comunicação por pessoas que recebavam ver-me injustamente colhido pelas vinganças do governo. Ainda te terá falado a mulher desse Azer, essa indigna criatura, que fez-se à minha sombra como um réptil à de uma árvore benígna, para ir armar agora o meu inimigo com o instrumento de perseguição, cuja primeira vítima ele bem sabia que devia ser eu?

Dize a Dedélia e Chiquita que guardo, e releio de vez em quando, cariciosamente as cartinhas, com que elas me visitam. Se não lhes respondo a cada uma, é porque não tenho bastante serenidade, para fazê-lo. Se eu fosse culpado, facilmente me acomodaria à minha posição. Mas, inocente, como quem mais o for, em tudo isto, essa minha vivíssima sensibilidade à injustiça, que me inflama na defesa dos outros, revolta-me agora contra essa miserável condição, a que descemos, de ter a liberdade, a propriedade e a vida entregues nas mãos de um déspota mais completamente do que os nossos antigos escravos, cujos dias ao menos não corriam perigo, estavam entregues ao arbítrio dos senhores. Dize a Dedélia que muito agradáveis me são os bons sentimentos para contigo, que a sua cartinha me revela. A de Joãozinho deu-me muito prazer, e bem podes calcular com que ternura a li e a amimei. Parecia-me ter-lhe entre as mãos a cabecinha loura, e beijá-la, como eu fazia ainda há pouco. Eles que me continuem a acompanhar com estes carinhos.

Estou-te escrevendo, sem saber ainda quem te levará esta carta. O nosso portador assustou-se, e disse-nos ontem que não voltaria mais. Não havia razão nenhuma para esse medo. Mas seria indelicadeza de minha parte insistir num caso destes. De agora em diante nem mais este consolo terei: o de estar com alguém, que pouco antes tivesse estado contigo, com os nossos filhinhos, e me trouxesse alguma coisa do contacto teu e deles. Mais amarga, mais triste vai tornar-se a separação. Seja! Aqui onde nos achamos qualquer pessoa de confiança, especialmente de noite, mas mesmo de dia, guardadas certas cautelas, poderia vir sem o mínimo risco. É uma tolice do nosso antigo mensageiro o ter-se

amedrontado, fazendo-me tamanho mal ao coração. O T., que aqui está comigo, também nenhuma razão tinha para se julgar ameaçado como eu, e refugiar-se, quando lá fora poderia estar prestando bons serviços. Mas ele diz que o faz por minha causa, e eu por delicadeza emudeço. Não sei se poderei tolerar por muito tempo o suplício deste isolamento. Muito mais fácil me seria sofrê-lo, se me achasse longe.

Se tiver portador seguro, mandar-te-ei as chaves dos dois cofres, para, se julgares conveniente, mandares buscar as tuas jóias. Faze-o, porém, se entenderes, com todas as precauções.

Acho bom guardares estas minhas cartas. Não as rasgues.

Agradece sempre por mim aos bons parentes, que com a sua companhia te mitigam o desgosto, e recomenda-me aos amigos que não nos abandonaram neste transe. Acarinha e abençoa os nossos filhinhos, e recebe, minha Cota, tu também, as bênçãos e os carinhos do teu

Rui¹⁰⁶

169

(De Euclides da Cunha para Porchat)

Capital Federal, 15 de dezembro de 1893.

Porchat,

Saúdo-te – desejando-te o que mais me falta atualmente, a paz carinhosa e alentadora da família. Li a tua carta, como leio todas as cartas que me chegam de São Paulo, com a imensa tristeza dos que escutam a voz dos amigos ausentes, sem a esperança de os tornar a ver. Além disto a tua carta transuda a melancolia que devem realmente sentir os bons, na fase desastrosa que

¹⁰⁶ BARBOSA, Rui. *Cartas à noiva*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Civilização Brasileira, 1982, pp. 232-234.



atravessamos. Pelo menos sobre mim a feição última dos acontecimentos refletiu-se da pior maneira. Não que o manifesto Saldanha me fizesse desanimar a mim, republicano feito nas asperezas da propaganda – mas sim porque a rosnadura do nostálgico molosso, que ora mostra os colmilhos perigosos, ladrando à República, faz-me conjecturar num prolongamento da luta, inevitavelmente desastrosa para a nossa terra.

O que haverá pelas bandas do futuro? Esta interrogação, perene no meu espírito, já se me tornou em perigosa obsessão; todos os meus atos, sinto-os em função dela, de sorte que vivo num constante oscilar – do desânimo maior às maiores esperanças. O que nos reserva o futuro? A nossa grande pátria cindida pelas paixões decompor-se-á em minúsculos estados? Resistirá, forte, amparada pela República, à sinistra conspiração, dos velhos devassos imperiais, emudecidos a 15 de novembro e rugidores hoje? O que traduz a feição dúbia das potências estrangeiras e, sobre todas, a dessa perene inimiga do gênero humano – a Inglaterra – que realiza o fato assombroso de criar dentro de uma alma tão estreita os maiores homens do mundo, os Newtons, os Byrons e os Parnells?

Não vês a maneira pela qual as gentes pseudocivilizadas tratam os selvagens de todo mundo? A França, a Inglaterra, a Alemanha, exercendo miseravelmente o banditismo mais torpe, roubando pátrias, saqueando os lares tranquilos dos *bárbaros* na África e na Ásia. E ultimamente a Espanha, tão ciumenta da própria liberdade e tão cavalheira para defendê-la, investindo covardemente contra os cabilas seminus e incultos? Suporão esses países gastos e fúteis, com a sua civilização ridícula de bulevares repletos de boêmios infecundos e desprezíveis, que somos nós uma variedade qualquer dos bôeres ou dos cabilas? Todas estas interrogações, meu amigo, acodem-me de chofre e com tumulto ao meu espírito. Tenho-as sempre, vivíssimas e insolúveis. Nunca senti tão violento como hoje o que dantes era para mim um sentimento mau, traduzido por uma palavra que eu entendia não dever existir na linguagem humana – o nativismo. Tenho-o hoje, exageradamente. O estrangeiro, o estrangeiro que se diz civilizado – considero-o inimigo. É o inimigo pior e covarde, de luvas de pelica e sorridente, que nos mata e ao mesmo tempo avilta-nos. E eu pressinto que ele tem hoje o olhar cobiçoso sobre a nossa terra. O século

XIX porém não testemunhará o desastre do aniquilamento de uma nacionalidade. As usinas do Krupp, Schneider, Bange e tantos outros (...) do progresso não impedirão a majestosa evolução do espírito democrático confiado à política americana.

Já vai longa esta carta; escrevi rapidamente, de propósito, como que para *apanhar em flagrante* a minha maneira de sentir. Encarrego-te da missão de abraçar a todos os bons companheiros daí. Recomenda-me a toda a família e escreva sempre ao amigo seguro

*Euclides da Cunha*¹⁰⁷

(De Joaquim Nabuco para barão de Penedo)

9 de agosto de 1894.

Meu caro barão,

171

Há muito que estou para escrever e matar saudades, o estado de incerteza do dia seguinte em que vivemos me tem feito porém adiar de dia a dia a resposta devida à sua última carta. Tenho querido mandar-lhe alguma notícia melhor e sempre continua a mesma incerteza do que há de vir. O Floriano tem estado por vezes em sério perigo, mas agora parece ter debelado os seus inimigos com a astúcia que todos lhe reconhecem e as artes de corrupção que tão caro nos custam. A pior campanha para ele não foi a do Rio Grande, foi a da Marinha, que parece ter vencido afinal, dispersando os navios e exercendo sobre a armada a mais vergonhosa espionagem e seleção que se possa imaginar. A anarquia que temos, porém, é do caráter da de 1789 em França que Taine qualificou de espontânea, e essa anarquia irrompe de tudo. Não há meio de consertá-la senão por pouco tempo, verdadeiramente de dia a dia. Caminhamos além do mais para a bancarrota

¹⁰⁷ In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GALLOTTI, Oswaldo (orgs.). *Op. cit.*, pp. 56-57.

se os empréstimos ingleses falharem como o último. O Gaspar tem representado nesta fase desgraçada do nosso país um grande papel e o Gumerindo tornou-se alvo da esperança de todos, mas com os recursos de que dispõe o governo, se ele puder fazer da Marinha o seu capacho, o Rio Grande poderá quando muito debilitar financeiramente a União por mais algum tempo. É verdade, porém, como lhe disse, que vivemos em estado de anarquia permanente e que onde mais pareça haver ordem é aquela que está por baixo em estado latente. Se a família imperial tivesse achado meios aí de sustentar o Gaspar, a revolução teria tido outra força. O que é difícil de criar, um exército entusiasmado por uma grande causa própria, está feito; o que falta é o que é menos fácil de levantar, dinheiro. Infelizmente sem ele não há guerra possível e o entusiasmo tem que passar pelas forças caudinas. Em suma, perde-se a mais bela oportunidade possível, e eu diria que outra igual não nos volta mais, se realmente o esfacelamento do país não estivesse aumentando cada dia, não fosse uma decomposição galopante, de modo que o dia de amanhã será, em todo tempo, mais favorável momento para a ação do que o dia de hoje, desde que haja por parte da dinastia convicção do seu direito, de sua necessidade, e do acolhimento que ela havia de receber de todo o país.

Agora, meu caro amigo e mestre, que lhe falei de política, deixe-me agradecer-lhe o favor de sua intervenção a meu favor junto ao *Board* paulista. Infelizmente a designação de árbitro veio acompanhada do aviso de que o arbitramento não teria lugar, o que aprovo inteiramente pela minha parte, de modo que só me trouxe a nomeação o prazer de ver o amigo que tenho em sua pessoa e o da confiança que mereço a Mr. Martin Smith. O engenheiro Fox procurou-me e expôs-me as razões pelas quais o arbitramento lhe parece inútil e talvez prejudicial e eu concordei com ele, pensando que a questão atualmente é toda de diplomacia e da mais hábil que seja possível empregar no meio essencialmente corrupto em que hoje se vive, sobretudo em São Paulo. Para essa tarefa eu era o menos capaz, por isso não me ofereço. Se porém a Companhia precisar de quem a informe lealmente sobre os seus interesses e perspectivas e o melhor modo honesto de conciliar os seus interesses com as pretensões rivais, e de acautelar o seu futuro, eu estarei pronto para qualquer incumbência

dentro da minha esfera. Espero que não me abandone se se apresentar alguma ocasião de me ser útil em Londres. Já não escrevo ao Correia, nem incomodo o Youle, de modo que o último elo dessa saudosíssima cadeia que me prende à Inglaterra é a sua pessoa. A mim me agradaria mais viver desse lado de lá, se pudesse fabricar uma pequena posição independente em Londres, mas eu mesmo reconheço com as minhas incompatibilidades políticas, a minha pouca utilidade para posições ostensivas nas Companhias. Um dia porém Deus permitirá que eu quebre a cadeia que tenho aos pés e que me desligue inteiramente de tudo que é política para somente cuidar de minha vida. Nesse dia creio que ninguém me perseguiria mais e que me deixariam tratar de criar os meus filhos como qualquer outro botocudo.

Não tenho esperança de que o Artur seja nomeado. Parece-me que vivem a enganá-lo com meias promessas indiretas para não dizer-lhe a verdade assentada nos altos conselhos. Carlotinha vai bem, o Artur José está metido numa tipografia em falta de melhor colocação (está aí um a quem muita falta fez o pai, morrendo antes de encaminhá-lo), o Alfredo está muito bem cotado no Lloyd, mas é suspeito de Wandenkolkismo em palácio. O Fenelon prepara-se para digerir duas ou três reclamaçõeszinhas, depois do que irá fazer a apresentação do filho nos salões de *Mayfair*.

Evelina recomenda-se muito saudosamente à baronesa e ao senhor, e eu com as mais constantes e gratas saudades de ambos, mando-lhes um apertado abraço. Creia-me sempre, meu caro barão,

Seu muito dedicado amigo

Joaquim Nabuco

P.S.:

Roço-lhe por favor destruir a parte política desta carta, porque os enredos de *torna-viagem* chegam aqui muito aumentados e são capazes de inventar que eu lhe propus levantar aí um empréstimo para Gaspar fazer a monarquia, se souberem que aludi às vantagens que a dinastia teria se pudesse auxiliar a reivindicação dos brios rio-grandenses com o *nervo da guerra*. O meu ponto de



vista é que a liberdade será sempre em proveito da monarquia e que o governo livre desejado hoje pelo Rio Grande tomaria mais cedo ou mais tarde a forma monárquica se o militarismo sucumbisse no duelo em que está empenhado com os rio-grandenses, os *brasileiros livres*.¹⁰⁸

(De Joaquim Nabuco para André Rebouças)

Rio, 13 de novembro de 1894.

Meu querido Rebouças,

Há muito tempo não tenho notícias suas diretas, mas as indiretas que me tem dado o nosso amigo Taunay me têm muito suavizado essa falta. Suas cartas são terrivelmente impessoais, do que temos sede é dos seus menores gestos e emoções, o que se quer saber é como você vai sofrendo a fricção de cada dia, de cada trivialidade, se no seu desterro há nada trivial, e você só nos manda epístolas, como São Paulo – com a boa doutrina. Desse modo não nos vemos nem sabemos verdadeiramente de você senão que tem o mesmo cérebro, o mesmo caráter. Por que nos roubar assim o seu *coração*?

Vejo que um sobrinho seu distinguiu-se muito no campo florianista pela coragem que mostrou. É um estudante ao que parece muito estimado. Eu dou-lhe os parabéns. Das idéias ele há de curar-se, o que é essencial é que tenha o estofo viril dos Rebouças. Seu mano mais moço é um personagem na engenharia de São Paulo, de modo que seu velho pai (cuja figura encontrei agora nos Anais de 1843 de modo a poder copiá-la) teria grande prazer na semente que espalhou se pudesse ver a florescência. No dia de finados lá estive em seu lugar.

Sim, senhor, meu caro amigo. Ontem inaugurou-se a estátua de Osório e parece que foi um sucesso, aparecendo pela primeira

¹⁰⁸ NABUCO, Joaquim. *Op. cit.*, v. 1, pp. 238-241.

vez depois de 15 de novembro o povo de 13 de maio. É isto pelo menos o que dizem os jornais. Depois de amanhã entramos em nova presidência e o país começa a respirar do regime do terror vendo um civil à espera do penacho. *Hélas!* Ainda temos que passar por muita coisa antes de termos o governo civil que será a fase de esfacelamento da República ou do país. A luta entre a Marinha e o Exército há de reproduzir-se com caráter mais acentuado ainda para terminar de outra forma. Não é difícil concluir isto do estado em que são conservados os navios ocupados por uma guarnição de confiança de praças do Exército, dizem-me mesmo que é o oficial de terra e não o comandante que tem a disposição do armamento. Isto quer dizer que mesmo a armada florianista está humilhada e é suspeita e daí a probabilidade de unir-se ela ainda para reconquistar a sua dignidade de classe distinta e separada do Exército. Se na nova presidência a Marinha for restaurada ao estado antigo isto trará complicações. Ao Exército não convém o pronto levantamento da Marinha, porque a sua melhor gente é a que combateu contra ele, e uma vez a Marinha recomposta e igual ao Exército, a influência daquele elemento se faria sentir para apagar os vestígios da luta e os efeitos da vitória. A situação militar é assim forçosamente má e um presidente civil terá muita dificuldade em harmonizar classe com classe. O partido militar é florianista e Floriano fora do poder pode inutilizar qualquer política e de fato subverter o Prudente ou qualquer outro no momento que quiser.

Até quando se prolongará esse seu desterro, meu querido amigo? Até o fim? Por toda a eternidade? Eu desde que veja o perigo do terremoto afastado lhe escreverei também sobre a sua volta, por enquanto não me atrevo, o Rodrigues e o Patrocínio ainda julgam prudente estar escondidos, a nova ordem de coisas é extremamente precária e a reação pode ser ainda mais cruel do que foi o último estado de sítio. Você terá tido notícias de tudo que nem se pode escrever.

Adeus, meu querido Rebouças. Vivas saudades nossas.

Do seu do coração

*Joaquim Nabuco*¹⁰⁹

¹⁰⁹ NABUCO, Joaquim. *Op. cit.*, v. 1, pp. 250-252.



(De Francisco Braga¹¹⁰ para Vilaça)

Dresden, 28 de maio de 1896.

Meu caro Vilaça,

Obrigado pela tua amável de 22 do corrente. Se vais bem de saúde procura os necessários meios para que este estado de coisas persista, mesmo porque nem sempre és favorecido da sorte, no que concerne ao estado físico, apesar de que as meninas não dão também muito tempo para que o teu psicológico estado não sofra as conseqüências.

Eu vou, com a graça de Deus, regularmente satisfeito: já estou me habituando aos (...) deste povo, embora não esteja bastante familiarizado com a língua germânica.

Ça viendra, je l'espere.

Já tenho muito visto da cidade que é um *bijou*. Não podes calcular como são bonitinhas as ruas de Dresden e com que limpeza traz a municipalidade esta cidade. Há passeios magníficos, destacando-se o Belvedere, onde se acha a Academia de Belas Artes, que é um monumento moderno, de um estilo bastante nobre, com linhas mui graciosas. O Teatro da Ópera é soberbo simplesmente. Basta dizer-te que, nas coisas mais insignificantes, esta gente introduz a arte. Tudo é interessante, e demais Dresden é uma cidade de *rentiers*, onde se vem passear ou viver tranqüilamente, muito contribuindo para isso a excelente situação da cidade e a importância que tem as artes (a música principalmente), o que a torna um centro modesto, barato, mas elevadíssimo como cultura intelectual. É o que se pode denominar *ouro sobre azul*.

Que história é esta que você me conta sobre a saúde do nosso tão bom mestre Gomes? Caí das nuvens, como se costuma dizer. Um homem tão robusto e parecendo não ter preocupações

¹¹⁰ Antônio Francisco Braga (1868-1945) – compositor carioca.

dessa ordem, prejudicado, é verdade, com outras muito mais desagradáveis. Deus permita que isto não passe de um susto sem conseqüências. Agora me recordo que, quando estive em Milão, estranhei não ver o nosso maestro fumar. E perguntando-lhe, respondeu-me não mais usar do vício, acrescentando que muito lhe custara, mas que era necessário para a conservação dos seus dias. Talvez já houvesse sintomas nesta ocasião. Que caiporismo cruel. Já escrevi-lhe uma carta para o Pará, pedindo-lhe notícias de sua saúde, e participando-lhe a minha mudança de residência. Se souberes, ou por jornais, ou por carta, ou mesmo por ouvir dizer alguma coisa concernente ao estado do Gomes, manda-me dizer. Não calculas como me dói o coração uma notícia dessa ordem?! Confie-mos em Deus e que ele prolongue a existência tão útil à sua pátria, de um dos seus mais diletos filhos e de um dos nossos mais caros amigos.

Manda-me dizer quanto é que eu devo ao *coiffeur*, que eu quero enviar-te o dinheiro, e me mandares os objetos que lá estão, assim também as botinas. Informa-me também se o Azevedo e o Otávio darão o dinheiro suficiente a pagar 30 francos dos bilhetes do Le Vasseur. Não os obrigue a dar, somente quero saber se é necessário que envie daqui, pois os bilhetes serão apresentados em tua casa no dia 5 de junho.

Adeus, com lembranças aos nossos companheiros, particularmente ao Otávio e ao Azevedo, que tiveram a gentileza de acompanhar-me à gare. Muitas saudades da família Vergonnet. Aí vai um abraço que te envia o amigo certo

Braça¹¹¹

¹¹¹ In: HORA, Mário. *Op. cit.*, pp. 22-24.



(De Francisco Braga para Vilaça)

Dresden, 13 de outubro de 1896.

Caríssimo Vilaça,

Acabo de ler a tua carta de 11 do corrente e com prazer vejo que continuas entusiasmado com o projeto que rende homenagem à memória do nosso tão chorado mestre e amigo Carlos Gomes. Deus queira que sejas bastante protegido e que recompensem, como o esperas, esse teu signficante trabalho. Imediatamente após esta, escrevo aos amigos Lafayette e Cesar Bierrembach, ambos arden-tes admiradores do nosso glorioso maestro. Portanto, podes esperar receber as cartas por envio a esses bons companheiros e que seguem por teu intermédio, amanhã. Li também na tua amável missiva o que se refere à direção do Conservatório do Pará, o que fez-me refletir imediatamente nas coisas bizarras desta vida: o pobre maestro Gomes que, durante os últimos meses de sua vida não pensava, não comia, não dormia, senão com as idéias no Conservatório da bela capital do Norte brasileiro, sempre em dúvidas, receoso, combinando mil coisas de sua vida ilustre de saltimbanco não menos ilustre... Zás! vai-se o homem quando partia para assumir a direção do sonhado monumento de arte, sem realizar o que naturalmente tinha em mente. Fica o distintíssimo futuro governador doutor Pais de Carvalho embaraçado para substituir o nosso imortal amado mestre. Não é fácil, amigo Vilaça. Eu sou brasileiro e músico; dois títulos bastantes para curvar-me ante a soberana proficiência do grande músico brasileiro e render-lhe a homenagem que devo ao seu talento criador da ópera nacional.

Vês, portanto, o quanto sou pequeno diante do gigante que sucumbiu cheio de glórias; mas o meu patriotismo faz-me servidor do Brasil. E se os meus préstimos em matéria de arte podem ser aproveitados, estou à disposição do governo do Estado do Pará, sempre que ele precisar. Bem conheces as minhas idéias. Já há tempos recebi jornais ilustrados que me mandaste sobre as questões italianas. Igualmente recebi os que sobre a recepção do imperador da Rússia me enviaste. *Grand merci.*

Adeus. Saudades e até breve, em Paris ou... no Pará. Com um bom abraço do amigo

Braga

P.S.:

Não fales destas coisas a ninguém.¹¹²

(De Euclides da Cunha para João Luís)

São Paulo, 14 de março de 1897.

João Luís,

Saúde e felicidades. Desejamos eu e a Saninha que você, a dona Fernandina e toda a família estejam de perfeita saúde e felizes.

179

Apesar de um longo silêncio de que não sou culpado, porque fui o último a escrever-te, lá vai esta carta dizer-te que não me esqueço do digno correligionário e amigo. Além disto, nesta aterrador quadrado de desastres é necessário que procuremos os irmãos de crença, únicos que nos podem compreender. Creio que, como eu, estás ainda sob a pressão do deplorável revés de Canudos, aonde a nossa República tão heróica e tão forte curvou a cerviz ante uma horda desordenada de fanáticos maltrapilhos...

Que imensa, que dolorosa, que profunda e que esmagadora vergonha, meu caro João Luís!

O nosso belo ideal político – estes fatos o dizem eloquentemente – continua assim sacrificada pelos *políticos* tontos egoístas que nos governam.

¹¹² *Idem*, pp. 35-36.



O que diz de tudo isto o nosso incorruptível e sincero correligionário, o doutor Brandão? Eu imagino, senão o desalento profundo, a tristeza enorme que o assalta.

Felizmente a geração heróica de 15 de novembro está ainda robusta e, ao que parece, pouco disposta a deixar que extingam a sua mais bela criação.

Procurando ser otimista (difícil coisa nestes tempos maus!) vejo nesta situação dolorosa um meio eficaz para ser provada a fé republicana. Não achas que ela resistirá brilhantemente – emergindo amanhã, rediviva dentre um espantoso acervo de perigos? Eu creio sinceramente que sim.

Adeus. Dê por mim um abraço em nossos amigos doutor Brandão e Bernardo Veiga; um aperto de mão em todos os correligionários – e dispõe de quem é com estima real amigo e admirador.

Euclides da Cunha

P.S.:

Quando vens até cá?¹¹³

(De Francisco Braga para Vilaça)

Dresden, 7 de setembro de 1897.

Amigo Vilaça,

Prepara-te bem; assenta-te bem confortavelmente e reúne toda a calma que puderes que o que te vou dizer nesta carta. Vais levar uma caceteação como nunca levaste em toda vida. Na tua carta de 27 de agosto, depois de diversas observações sobre o senhor Cighera, me dizes de enviar-lhe cem francos, que o homem entregaria a

¹¹³ In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GALLOTTI, Oswaldo (orgs.). *Op. cit.*, pp. 103-104.

tradução, e que o resto depois se arranjará pagando no mês seguinte. Em meu poder já tenho cinquenta francos, que por graça de Deus recebi do Rio, de um amigo que me devia; parece mesmo que foi uma inspiração divina.

De toda maneira e por mais que eu ponha de boa vontade, não poderei ir a Paris tão cedo; e demais não há tanta necessidade assim, a menos que não seja para passar alguns momentos agradáveis em tua companhia. Se tu pudesses ler as cartas que eu tenho recebido do Rio e mesmo o que têm dito sobre mim e a minha futura ópera certos jornais do Brasil, verias que a minha impaciência e mesmo aflição têm motivos bastantes imperiosos para assim ser. Como já te disse em outras cartas, tenho bastante dinheiro garantido no Rio, com amigos meus que depositam grande confiança no meu trabalho e são capazes dos maiores sacrifícios para verem a minha primeira obra em cena, aí em Paris. Mas, todos eles pensam que o meu trabalho já está quase pronto. Quanto ao *Rêve de princesse*, já é coisa morta com que eu não conto mais. No Brasil, hoje em dia, as obras nacionais têm tido um impulso considerável, como tu não imaginas. Todos os meus amigos me aconselham a trabalhar para obter grande sucesso etc., mas todos desejam que o assunto seja nacional; e eis por que escolhi a *Jupira*, que, estou certo, dará um drama lírico em dois atos excelentes e terá aplausos patrióticos em profusão.

Já notei nas cartas que me tens escrito que confundes o trabalho do senhor Cighera, que é, apenas, uma tradução do português para o francês, com o trabalho poético do libretista; e é por esta razão que te pedi que, por intermédio desses amigos que tens agora e que se ocupam de coisas de teatro, me arranjasses quem se encarregasse de fazer o libreto de *Jupira*. Compreendes? Se eu estivesse em Paris não arranjará nada sem o teu auxílio, principalmente agora, que tens essas excelentes relações. Enquanto não houver uma pessoa que possa fazer o libreto, a tradução pode ficar com o senhor Cighera. De que me serve a tradução sem o libretista que se encarregue de versificá-la?

Só disponho de seis meses aqui na Europa, tendo imediatamente depois de partir para o *Brasil*, porque a minha pensão acaba em abril. Se eu não tiver a ópera, sou um homem perdido. Tu não podes calcular o meu desespero. Eu agarro-me contigo. Desde que



tenhas o libretista, os cinqüenta francos para completar os cem do senhor Cighera, tenho esperança de arranjá-los. A coisa é mais séria do que pensas. E dizer que há meios de se arranjar tudo isto, tal é a confiança que os meus amigos depositam em mim.

Caro Vilaça, entre nós, quando a ópera ficar pronta, posso contar com 5.000 francos para montá-la aí em Paris. Imagina tu o que é preciso que eu empregue de força para conseguir a realização de todo esse sonho? Estou aqui, entretanto, só com 150 marcos por mês. Como queres que possa ir a Paris? Quando eu for a Paris para levar o trabalho pronto ao meu mestre Massenet e depois entrar em assuntos relativos à montagem é porque terei meios suficientes; de outra maneira, nada. Ou a ópera, a felicidade e a glória, ou nada, o desespero e a desonra.

Hoje, no Rio, dia da Independência, executa-se uma marcha (hino-marcha-solene) que compus e que intitulei *Brasil*, com quatrocentos músicos. Vamos a ver que efeitos produzirá, Deus queira que ainda dessa vez eu seja feliz. Espero uma confortável resposta, pois conto sempre com a tua amizade, que podes contar com a minha. Recomendo-te muito segredo sempre, principalmente com os patrícios.

E mais um abraço do teu amigo

Braga¹¹⁴

(De Raimundo Correia para Assis Brasil)

6 de setembro de 1898.

Meu caro Assis,

Respondendo à tua de 28 de julho, faço-o receoso de que a minha carta já te não encontre aí, a crer-se nos boatos que correm.

¹¹⁴ In: HORA, Mário. *Op. cit.*, pp. 50-52.

Dizem, por exemplo, que foste chamado ao Brasil pelo governo para negócio urgente de alta política; que para o teu lugar irá o Amaro Cavalcanti, atual ministro do Interior; que tu virás brevemente ocupar a pasta das Relações Exteriores etc. etc. Ouvi mesmo dizer a alguém, que já estavas de viagem para cá. Eis aí por que chego a hesitar em escrever-te, temendo algum desencontro. O que há de verdadeiro em tantos boatos não sei, nem tenho procurado melhor informar-me acerca dessas coisas todas. O certo é que estamos em vésperas de ter governo novo, e com este se verá a contradança geral de sempre no pessoal que não é inamovível. Esperam-se grandes transformações e mudanças de alto a baixo, e como bolem também com os peixes que estão menos à tona da água, é possível que eu venha então a ter por minha vez alguma colocação. Bulir comigo será só para colocar-me, não para descolocar-me, porque descolocado já estou eu. Obter um emprego aqui agora tem-me parecido bem mais difícil, do que me parecia ao princípio. Como sabes levei a tua carta ao presidente da República, que me tratou admiravelmente, assegurando-me que bastaria indicar-lhe eu o lugar que me conviesse para ser logo nomeado. Apesar disso, tendo vagado um lugar de pretor e apressando-me eu em pedir-lho, não pôde ele nomear-me. Não era uma coisa do outro mundo o que eu lhe pedia, mas um lugar modesto de magistrado, de pequeno vencimento, e para o qual me acho habilitado por ter sido até juiz de direito, que é muito mais do que isso. Se não foi possível conseguir esse lugar sequer, é que acima de toda boa vontade do presidente da República e dos direitos de qualquer pretendente, há sempre complicados motivos, pequeninos ou grandes, de interesse político, que quem está de fora, como eu, muita vez não compreende bem. Depois disso tenho ido ao Palácio cinco ou seis vezes sem ter podido mais estar com o nosso homem. Ele depois da festiva chegada de Campos Sales, tornou-se mais invisível do que os antigos reis da Pérsia, isto para aqueles que como eu, não passam de simples incômodos pretendentes. Com quem esbarro à porta sempre é com o secretário, uma espécie de *cérbero* que me não deixa passar... Nestas condições, como falta pouco para o Prudente deixar o governo, não terá ele ensejo para cumprir a promessa que me fez, coisa de que ele em qualquer tempo se poderá justificar facilmente, aliás.



Assim, creio que me resta apenas a esperança de voltar à Diplomacia se o Congresso restabelecer os lugares suprimidos. Mas no Congresso o que se discute atualmente são as tranquiabérbias políticas do Amazonas. Conheces já os fatos? Um estelionato político, falsificação de um documento em que o presidente do Amazonas renunciava ao seu cargo. O orçamento ficará a ser votado à última hora, como de costume, às pressas, sem estudo, nem discussão. É de supor, porém, que os lugares serão restabelecidos e que o Campos Sales nomeará as mesmas pessoas que os ocupavam. Ora, desde que peguei nesta pena quase que foi só para tratar de mim mesmo. É importunar-te muito com coisas de que absolutamente não tens culpa nenhuma. Só tenho a dizer-te é que, se os políticos de hoje me faltarem, eu não desanimarei ainda porque conto contigo e tu não me faltarás, isto é, mais cedo ou mais tarde, quando estiver em tuas mãos o poder de o fazeres, tu me darás uma colocação decente. Já é uma grande felicidade para mim contar com um amigo da tua ordem. O que muito de coração agradecemos são os teus generosos oferecimentos. É o mais que um amigo poderá oferecer a outro amigo, como aceitá-lo seria a maior prova de confiança e amizade que este poderia dar àquele. Por ora não sofremos dificuldades e não há absoluta precisão de recorrer senão a nós mesmos nesse delicado assunto, mas a nossa gratidão é tão sincera como teu oferecimento e a nossa dívida contigo está de há muito contraída, pelas muitas bondades de que tenho sido objeto por parte de uma das pessoas que mais estimo e admiro no mundo. Também estima e admiração é o que a todos inspiram o teu caráter, o teu talento e toda a tua honra e brilhante história, isto está muito mal expresso talvez por mim, mas como o verdadeiro reconhecimento melhor se traduz por atos que por palavras, é preciso uma oportunidade para traduzir melhor o meu.

Para a vaga existente na nossa Academia de Letras dizem que se apresenta o Rio Branco. Apresenta-se também o Fontoura. Creio que há outros candidatos ainda. Nenhum se apresentou ainda, porém. A proposta deve ser feita diretamente pelo candidato, não admitindo os estatutos da Academia, que este o faça por intermédio de outrem, nem que os membros da Academia proponham candidaturas. Se acaso te apresentasses agora, sei que terias, além

do meu voto, o do Valentim, do Lúcio e do Araripe Júnior, mas não sei se poderias contar com um número de votos mais suficientes para triunfar, uma vez que um certo número de acadêmicos já se acha comprometido a votar no nome do barão do Rio Branco. Todos sentem que é uma honra para esta corporação o fazeres tu parte dela, e se a tua candidatura tivesse sido há mais tempo discutida, não há dúvida que seria unanimemente aceita, mas na próxima eleição, ainda que seja possível mesmo triunfares, não terás unanimidade. Sei que o barão do Rio Branco é um brasileiro muito distinto e tu mesmo muita vez mo disseste, mas não sabia que ele fosse literato. Enfim, ninguém sente mais do que eu não ver a nossa Academia honrada já com o prestígio do teu nome, suposto que não te apresentes como candidato. O Lúcio está ausente hoje, foi a Belo Horizonte assistir à posse do novo presidente, Silviano Brandão; mas quando voltar te escreverá sobre estas coisas talvez com melhores informações que as minhas. Estou morando agora mais longe – rua de Haddock Lobo nº 122 (avenida Vila Ítala nº 8). O lugar é muito mais saudável do que o Catete e em todos os sentidos melhor para mim. As meninas estão no colégio, exceto a Xandi. Vamos bem de saúde. A temperatura é agradável agora. Se isto fosse sempre assim, a gente seria outro neste país e trabalhava-se melhor; mas este ar fresco e estes dias amenos de hoje são raros e não duram muito, brevemente voltará o calor abrasador e com ele o mal-estar, a preguiça e a tristeza a que nós sucumbimos neste clima sob a ação enervante do nosso cruel sol. Apesar disso (se assistisses às festas pomposas com que foi recebido o Campos Sales!) aclama-se, dança-se, banqueteia-se, canta-se, pula-se, grita-se, fala-se, soltam-se bombas retóricas e imagina cada um, soberbo e cheio de si, que o resto do mundo se preocupa conosco, com o que pensa, com o que faz, com o que diz o “gigante do sul, que vai do Rio Grande ao Pará”, como diz o poeta. A nossa gente é bem feliz porque ama a vida e está muito confiada nos seus destinos! Valha-nos isto ao menos!

Então teremos a ventura de ver-te breve por aqui? Oxalá, mas para bem de todos. Quanto ao meu livro não sabes? – faleceu o editor, o Pereira, repentinamente. Que caiporismo! Não tenho outras notícias. Peço-te recomendar-nos à Ex.^{ma} esposa, a quem apresentamos os nossos respeitos e homenagens. Beijos às interessantes



meninas Maria e Carolina. Saúde e felicidades é o que te desejamos. Adeus. Até breve ou não.

Um abraço do teu velho amigo e admirador muito grato

*Raimundo*¹¹⁵

(De Raimundo Correia para Assis Brasil)

Capital Federal, 23 de outubro de 1898.

Meu caro Assis,

Respondo à tua última, dizendo-te que continuo na mesma situação. Faltam 22 dias para terminar o mandato do atual presidente da República, e este, que até agora nada pôde fazer por mim, não sei se terá ensejo para isso em tão curto lapso de tempo. A minha situação não lhe deve preocupar e pouco lhe importa hoje o que ele próprio me prometeu no dia em que apresentei a tua carta. Tudo me diz, enfim, que ele se irá para a sua fazenda sem deixar nada para mim no seu testamento. Com o novo governo serei mais feliz! Há contra a minha pretensão de voltar à diplomacia uma coisa ainda: é que o Congresso não está bem disposto a restabelecer todos os lugares suprimidos. Se acaso o segundo secretariado de Lisboa for um dos lugares restabelecidos, nem por isso me deve ser dado por não ser eu dos mais antigos entre os mais *jovens* diplomatas. Muitos há com mais direito do que eu a serem nomeados, e que o serão sem que eu nada possa alegar em contrário. Tu me podes talvez acudir nas condições em que os negócios vão ficar, se escreveres ao doutor Campos Sales pedindo-lhe com urgência uma colocação conveniente para mim, ou na diplomacia (seja aí para que lugar for, pois já não faço questão

¹¹⁵ In: VAL, Waldir Ribeiro do. *Op. cit.*, pp. 233-236.

disso) ou na magistratura federal (uma pretoria na capital), onde não há motivo para me não aproveitarem. Preciso muito do teu prestígio e apoio agora com o Campos Sales, que estou certo dará a devida importância ao teu pedido, por ser homem mais inteligente e ativo do que o Prudente, o qual nem sei se respondeu ao menos à tua carta. Respondeu-te ele? Pois se não te respondeu, muito menos tratou de me dar qualquer lugar, não obstante o haver prometido e saber que estou há quase dez meses desempregado, depois de 15 anos de serviço público assíduo e honesto. Consta que vão ser ministros dele: Epitácio Pessoa (do Interior), Olinto de Magalhães (Exterior), Murтинho (Fazenda) e Severino Vieira (Indústria). Disseram-me que ele desejou muito chamar-te para o ministério também, mas certo grupo de políticos rio-grandenses o dissuadiram disso por motivo que melhor do que eu conheces porque dizem respeito à política do teu estado. Sinto muito isso, mas com franqueza acho bem melhor para ti não te vires meter já nestas coisas daqui, que não julgo ainda boas nem seguras. Antes afastado por ora. Não achas? E a propósito do Rio Grande, consta que o general Carlos Teles assumiu ali uma posição ameaçadora para o governo do Estado. Receia-se por lá algum sério barulho e os jornais jacobinos lançam a responsabilidade dos fatos sobre o Prudente de Moraes. Creio que ao novo governo não caberá ainda fazer-nos entrar num período de calma, ordem e garantias, e que muitos desgostos lhe estão reservados infelizmente.

A nossa Academia de Letras elegeu unanimemente o barão do Rio Branco, de quem tantos louvores tenho ouvido da tua boca. Ainda em tua última carta a ele te referes e folgo em acreditar, segundo as tuas palavras, que é uma excelente aquisição para a Academia. Só isso me consola de não seres tu o eleito. Ele tinha autorizado o Joaquim Nabuco a apresentar a sua candidatura por meio de telegrama que foi presente à Academia em sessão ordinária; nesta mesma sessão designou-se dia para a eleição, e a esta eleição concorreram quase todos os acadêmicos aqui residentes. Quando houver outra vaga, sei que a Academia fará questão do teu nome, pois nomes como teu e o do Rio Branco é que poderão dar-lhe brilho e crédito. Explica-se por que na primeira eleição não foram contemplados; é porque àquela eleição presidiu mais a camaradagem e o contato pessoal do que a questão de maior ou



menor merecimento. As associações dessa ordem principiam quase sempre assim: os seus primeiros membros, que se dizem os *fundadores*, não são todos os melhores homens de letras. Como há só quarenta lugares sucede que muitos dos mais distintos escritores ficam de fora. Depois de constituída, porém, a escolha é mais apurada, não é qualquer pessoa que poderá ser aceita, de modo que as eleições começam a ser muito mais honrosas. Eu sei que há alguns membros da Academia, que se já lá não estivessem, lá não entrariam jamais. E falando-te com franqueza quanto a mim: eu sinto bem que devo estar no número desses, com a diferença de que nem sequer aspiraria a semelhante honra, se a afeição de alguns companheiros daqui não me tivesse dela investido quando eu menos pensava em tal.

Dei ao Lúcio o teu recado, ele recebeu a tua carta, disse-me, e responderá. Anda ele aborrecido, e com razão, pelo que fizeram ao Salvador, tanto mais quanto o Lúcio adora, ama com verdadeiro estremecimento aquele irmão. É deplorável isso. Pois que o governo não o feriu talvez com franqueza ao menos, ou às claras, a oposição chamou a esse ato “*golpe pelas costas*”. Minha mulher e as meninas vão bem. Muitas lembranças dela a ti, à tua senhora e filhinhas. Desejamos-lhes muita saúde e todas as venturas possíveis. Com as nossas saudações à tua senhora, enviamos muitos beijos às meninas, e um abraço aceita tu do

Velho amigo muito grato sempre

*Raimundo*¹¹⁶

¹¹⁶ *Idem*, pp. 236-238.

(De Raimundo Correia para Assis Brasil)

Rio, 20 de dezembro de 1898.

Meu caro Assis,

Já respondi à tua última carta. Foi isto antes de 15 de novembro e, portanto, antes da posse do Campos Sales. Muitos fatos têm ocorrido, daquela data até hoje, de mais ou menos importância em nossa política, e deles deves ter notícia, se lês os nossos jornais. A mensagem do novo presidente agradou muito. O câmbio melhorou um pouco, acalmaram-se as dissensões partidárias e o aspecto das coisas é mais animador agora. Parece que tudo vai mudar de rumo. O jornal jacobino *A Tribuna* (sucessor da *República* que foi destruída por ocasião do atentado de 5 de novembro do ano passado) suspendeu a sua publicação. Em compensação, apareceu *A Imprensa* do Rui Barbosa, jornal de luta, mas de caráter diverso. Como quase sempre sucede, o governo não tem oposição ainda. Por ora só flores, festas, aplausos e banquetes sobre os bons desejos de trabalhar para melhorar a sorte da pátria. A promessa de fazer economias para reparar os prejuízos causados pelo esbanjamento anterior vai ser estritamente cumprida. Neste intuito o governo tem por si o Congresso que tem cortado à larga no orçamento de cada um dos ministérios, como deves saber. Os cortes não têm deixado de provocar clamores, porque da noite para o dia ficará muita gente sem emprego, mas vão-se fazendo, apesar de tudo. Do que o Congresso ainda se não lembrou é de fazer, ele também, algum sacrifício a bem da nação, senão reduzindo o número de representantes (para que tantos deputados?), dos quais muitos não comparecem às sessões durante meses inteiros, sem deixarem contudo de receber integralmente os seus subsídios; ou então lançando a carga dos respectivos estados as despesas com a sua representação. A União seria assim bem mais aliviada. Quando se sabe, além disso, que tais deputados não são pela maior parte eleitos regularmente, e ninguém mais se ilude a respeito do que aqui se intitula pomposamente “uma eleição”, indigna deveras pagar-se tão caro esse luxo de tamanha representação, se com



um número muito menor deles tudo correria melhor. Outras notícias. O partido dominante no Rio Grande do Sul estava um pouco inquieto com a posição agressiva em que lá se mantinha o general Carlos Teles, que tencionava dar ali um *golpe de Estado*, derrubar a Constituição positivista e mudar a situação da política rio-grandense. Esse general foi porém chamado a esta capital (depois de um telegrama que de lá expediu ao ministro da Guerra, em que havia palavras insultosas contra o senador Pinheiro Machado) e ontem cá chegou. Consta que sairá definitivamente do Rio Grande, para o que lhe confiará o governo uma comissão importante em qualquer outro ponto da República. Parece-me enfim, pelos atos primeiros do atual presidente, que o seu desejo é o de estabelecer a maior conciliação possível entre os partidos extremos, não intervir de modo algum nos negócios políticos de qualquer estado e remover todos os obstáculos que se ofereçam à execução dos planos que tem em vista e constam da mensagem, que dirigiu ao país quando tomou posse do governo.

Aqui se acha o Salvador de Mendonça. No *Jornal do Commercio* podes ler a série de artigos por ele publicados defendendo-se de acusações que lhe foram feitas. É uma boa defesa. Brevemente, dizem os jornais, haverá nomeações no corpo diplomático, para preenchimento de algumas legações ultimamente restabelecidas pelo Congresso. Não espero com toda a certeza ser nomeado, mas não será talvez impossível em vista das boas recomendações que tenho e das boas disposições do governo a meu respeito, o que devo sobretudo a ti, pois a carta que me escreveste em Lisboa foi o melhor atestado e o mais recomendável que eu podia ter para apresentar ao Campos Sales ao solicitar-lhe uma colocação. Apresentei-o com um memorial, e estou informado de que produziu bom efeito. Assim, não será surpresa a minha nomeação. Não recebeste a minha última carta, aquela em que eu te contava o motivo por que não foste chamado para ministro, apesar dos desejos do Campos Sales, e em que te pedia uma carta para este? Dize-me se a recebeste, ou não. A carta que te pedi, já não é preciso, creio; não a escrevas pois. Não sei mais que notícias dar-te. No dia 17 último, houve sessão solene da Academia para recepção do novo membro João Ribeiro, que pronunciou um esplêndido discurso a que respondeu o José Veríssimo. Foi uma bonita festa. Para *New*

York partiu, há pouco, o Fontoura Xavier; mandou cartões de despedida a todo o mundo, menos a mim que aliás o visitei e gostava dele. Dias de calor insuportável! Com dificuldade escrevo-te estas linhas. Que horror!

Apresento à tua senhora os nossos cumprimentos; às interessantes meninas muitos beijos. Minha mulher muito se recomenda. Ela e as crianças vão bem. Adeus, meu bom amigo. Abraça o teu sincero amigo admirador e grato

*Raimundo*¹¹⁷

(De Raimundo Correia para Assis Brasil)

Rio, 8 de janeiro de 1899.

Meu caro Assis,

191

Há poucos dias, tendo descido à cidade para pôr no correio umas cartas, tive a boa idéia de procurar na seção dos registrados o que ali houvesse para mim acaso; e tão boa idéia foi essa, que aí achei a tua carta de 18 de novembro com as duas outras de recomendação para o Campos Sales e para o Olinto de Magalhães. Foram ambas entregues: esta por mim pessoalmente e aquela pelo deputado Rodolfo Miranda, íntimo amigo do Campos Sales, por me não ter sido possível nesse dia falar com o presidente. Sei que as cartas produziram muito boa impressão nos destinatários, enchendo-os de excelentes disposições a meu respeito. Embora isto não baste, não quero, à espera do êxito desejado, demorar por mais tempo a manifestação dos meus agradecimentos pelo interesse de verdadeiro amigo que tens em me ver afinal colocado. Crê que ninguém, de perto, tem feito mais por mim, do que tu, de longe, só com as tuas duas cartas, porque nada melhor me

¹¹⁷ *Idem*, pp. 238-240.



recomendou do que elas; o que é uma prova do prestígio de que aqui merecidamente gozas. De coração, muitíssimo obrigado! Vejo que atualmente é difícil obter aqui uma colocação qualquer que ela seja, e de modo tal que não sei até se tu mesmo, estando aqui, poderias em pessoa conseguir para mim muito mais do que as tuas próprias cartas. Quero dizer que se estas não conseguirem, é que a coisa é quase impossível. Na verdade é tremenda a época. O Congresso que, com relação aos seus próprios negócios e interesses, nenhuma prova soube dar de verdadeira abnegação, exigiu das demais classes sociais toda a espécie de sacrifícios a bem das finanças do país. Suprimiram-se muitos empregos, diminuíram-se os vencimentos de tantos outros, cortou-se à larga enfim. Com os pequenos, então, com os que se não podem defender, nem sabem protestar, não houve piedade. Muita pobre gente, da noite para o dia, ficou sem pão para a família; o que não impediu que, ao mesmo tempo, alguns felizes, que já tinham grossos vencimentos, os vissem aumentados, sobretudo na classe dos militares e dos potentados do dia. Tais são os sentimentos de justiça desse Congresso, que à sombra da lei corteja os fortes e esmaga os humildes. Não há maior covardia que a do que ferem impunemente ao abrigo da legalidade ou de qualquer dessas ficções em que a ordem social assenta. Nos consulados e legações (embora restabelecessem as da Áustria e da Rússia) houve novas supressões, e de modo que já há pelo menos algum pretexto para se poder dizer lá por fora que o Brasil é um país miserável. A última pasta em que se deveriam fazer reduções é a das Relações Exteriores, porque o país necessita de representação fora maior do que tinha até, e não deve produzir no estrangeiro muito boa impressão o licenciamento de tantos diplomatas só pela razão de os não podermos pagar. Demais, era apesar de tudo a pasta menos dispendiosa, isto é, cujo orçamento era sempre menor. Pois foi justamente a que maiores reduções sofreu! Já vêes que assim as portas da carreira diplomática estão para mim trancadas. Já não sou criança, e, a esperar que o Congresso restabeleça o que suprimiu, ou que haja lugar para mim, ficarei velho. Os tempos andam maus. A par dos cortes dados nas despesas, os meios de aumentar a receita oneraram muito todas as classes sociais. O comércio, a indústria e a maior parte das profissões gemem sob novos pesados

tributos. A maneira de arrecadar certos impostos foi em alguns pontos tão estupidamente decretada, que já vai provocando protestos e sérios conflitos. Há pouco, os negociantes de calçados fecharam as suas portas e estiveram em *greve*. Felizmente, graças à moderação do governo, tudo se acomodou da melhor forma possível. Pela leitura dos jornais da terra acompanharás bem a corrente dos acontecimentos que se vão desenrolando por aqui. Oxalá que não tenhamos de lamentar brevemente muitos males, muitas desgraças em nossa pátria.

Nestas condições, meu caro Assis, não é só difícil; quase que excede mesmo as forças humanas obter alguma coisa para mim agora. Se as tuas cartas o não conseguirem, somente Deus, se há Deus. Mas eu não perdi de todo a esperança. Esta, ao contrário, foi reanimada por ti. Sei que o Campos Sales te estima e venera muito. Este não é como o *outro*, em cuja época, entretanto, teria sido mais fácil arranjar-se-me um emprego. Também, se agora eu obtiver alguma colocação, a ti a devo. Então, imediatamente to participarei. Assim, não serás decerto o primeiro amigo que o venha a saber, mas serás o primeiro a quem eu o participe. Fui buscar ao Banco Nacional o teu livro – *Cultura dos campos*. Já alguns jornais deram notícia dele, muito lacônica embora. Não li dele ainda senão a introdução. Quanto os meus versos, já mandei pedir à Casa Editora de Lisboa que remetesse para cá alguns volumes, pois aqui não há mais à venda. Os poucos que tinham vindo, uns oito ou dez, venderam-se logo. Encomendei novamente a remessa de livros para as livrarias de cá, e pedi que a mim diretamente remetessem um exemplar (este será para ti), pois nenhum recebi, tendo saído eu de Lisboa antes de irem os livros para o encadernador. Tem havido, como vês, muita incúria da parte dos editores. A culpa não é minha, se não há livros aqui para comprar. É por isso que não te tenho remetido ainda o exemplar a que tens direito. Nessa ocasião remeterrei outro, por teu intermédio, para o doutor Martim Garcia Mérou. Estimo que te dês bem de saúde aí. É um grande e forte país esse. Quanto a mim, o que mais sinto é não poder dar às minhas filhas uma sólida educação aqui. Tive de tirá-las do colégio, e nas condições em que me acho, terão de ir para Santa Cruz do Rio Pardo, onde mora meu sogro, em companhia de minha mulher, pois não tendo emprego até março, não



poderei aqui viver com a família. Muito me custará separar-me dessa minha boa e santa amiga, tão dedicada a mim e que tudo faz por me poupar desgostos; mas não haverá remédio: viverei só aqui, suportando o que suceder, até conseguir alguma coisa com que possa manter mulher e filhas com a decência de um remediado com que as tenho mantido até hoje. Estou fraco, triste e doente, mas não desanimado, como vês.

Não sei se a vida aqui poderá ser menos cara que a de lá. O certo é, porém, que aqui não há compensações. Paga-se com muito dinheiro muito pouco conforto. Já te mandei dizer que saímos do Catete, há muito, isto é, desde setembro, por serem naquela banda da cidade muito elevados os aluguéis das casas. Desde setembro que nos achamos aqui, em Haddock Lobo (nº 122), bairro onde o aluguel das casas é mais barato. Mas ainda assim, não podemos mais agüentar. Se eu tivesse no governo, não pessoas indiferentes a mim e que por fim de contas não me conhecem, mas um amigo que estivesse bem a par da minha verdadeira situação, eu ficaria salvo. Mas, assim, é difícilimo. Na impossibilidade de voltar já à Diplomacia, pedi ao Campos Sales um lugar de pretor, a que tenho direito por ser juiz de direito antigo. Ele disse-me que não se podia comprometer já pelas vagas que de futuro se dariam, mas repetindo-me que estava muito bem disposto a meu respeito. Isto não basta, que de esperanças vãs não posso viver, mas de certezas.

Na verdade, vai longa a minha caceteação. Tu, que não tens culpa dessas coisas, é que a aturas no entanto. Já fizeste o que estava em tuas mãos fazer. Não poderíamos exigir mais nada. Somos-te muito gratos. Conta sempre com o nosso reconhecimento em qualquer lugar onde estejamos. Eu e minha mulher enviamos-te muitas saudades e as nossas saudações à tua Ex.^{ma} esposa. Muitos beijos às meninas. Mil venturas a todos desejamos.

Adeus. Abraça o
Velho amigo certo e obrigado

*Raimundo*¹¹⁸

¹¹⁸ *Idem*, pp. 241-244.

(De Joaquim Nabuco para Magalhães de Azeredo)

Rio, 14 de fevereiro de 1899.

Meu caro amigo,

Realmente estou em grande falta, mas se não lhe tenho escrito é porque falamos tanto sempre a seu respeito que suponho lhe estar de contínuo escrevendo por intermédio dos nossos amigos comuns. Eles lhe terão dito a impressão geral causada pelas preciosas lembranças que constantemente nos está a remeter ou pelo correio ou pelos jornais. A sua bela *Ode a Portugal* foi lida em voz alta na *Revista* por um de nós e todos a acharam um primor. *Procelárias*, já Machado de Assis disse o que é, ou o que são, porque não é o conjunto só que é belo, são todas as partes; tanto que ele pôde, o que raro se terá visto em crítica, escolher na *Revista* uma série de espécimes e no *Jornal do Commercio* outra, como sendo o que a obra tem de mais perfeito, o que era um modo de citar tudo.

Por outro lado causa-me grande satisfação ver a simpatia com que todos falam e escrevem a seu respeito como diplomata. Há tempo o Tobias Monteiro dizia-me que havia de fazer tudo que lhe fosse possível para avançá-lo. Como o doutor Campos Sales, segundo me dizem, já o quer para seu secretário, está claro que breve vê-lo-emos promovido. É um prazer para todos nós contar com essa segurança.

Fico à espera das suas *Baladas e fantasias* e depois dos seus ensaios críticos. Seu talento, apesar de ter amadurecido cedo, está sempre a desenvolver-se, e eu espero viver bastante para vê-lo dar o fruto, o fruto da vida, que lhe transmita as sementes às novas gerações. Infelizmente sou dos que estão convencidos de que nossa decadência nacional começou; que entramos na órbita americana, como Cuba ou as Filipinas, o México ou Nicarágua; que nossa evolução far-se-á no mesmo sentido que a dos outros satélites de Washington, e que só poderemos valer, ter vida própria, intelectualmente, se produzirmos alguns brilhantes espíritos que elevem nossa literatura acima das contingências da absorção ou da eliminação política e material.



Meus respeitos a madame Magalhães de Azeredo (Carlos) bem como à senhora sua mãe e me creia sempre muito afetosamente seu

*Joaquim Nabuco*¹¹⁹

(De Raimundo Correia para Assis Brasil)

Rio, 9 de março de 1899.

Meu caro Assis,

Há muito tempo que não te escrevo; há muito mais tempo, porém, que não recebo cartas tuas. Estimo que nenhum acontecimento desagradável tenha influído nisso, e que a Ex.^{ma} senhora e interessantes meninas estejam de perfeita saúde e em tudo mais haja, para ti, só prosperidade e boas venturas. Devo participar-te que arranjei afinal emprego. É em Petrópolis, no Ginásio Fluminense, onde me foram dados os lugares de vice-diretor e lente de história universal e do Brasil. Garantem-me esses dois lugares os vencimentos de 600 mil-réis mensais, o que, decerto, não é bastante na época atual para quem, como eu, tem filhos a educar. Em todo o caso é preferível ao estado de eterna expectativa em que me achava, sem meios de subsistência e sem a certeza de consegui-los por qualquer outro modo. Continuo, entretanto, como pretendente a lugar mais seguro e mais próprio para mim, e persisto na minha pretensão de voltar à magistratura, que é a carreira em que iniciei a minha vida prática e para a qual tenho mais pendor. Fui forçado a pedir o lugar que hoje ocupo no Estado do Rio, por não ter podido conseguir nada ainda do governo da União, posto que o Campos Sales se mostre bem inclinado a favorecer-me, graças à tua recomendação, visto que ele te estima e considera muito,

¹¹⁹ NABUCO, Joaquim. *Op. cit.*, v. 2, pp. 4-5.

como verbalmente me declarou. O Epiácio prometeu-me também dar-me um lugar de pretor, quando houvesse oportunidade para isso. Tem havido vagas depois dessa promessa, mas não a tal oportunidade. Faço do Epiácio Pessoa muito bom juízo; parece-me ser um moço honestíssimo, sincero (o que é raro entre os políticos) e disposto a proceder com justiça. É preciso que eu te diga, porém, que os ministros do Campos Sales não têm nas suas respectivas pastas toda a autonomia que talvez desejaras. As nomeações são feitas pelo presidente, a vontade devem eles ceder, segundo as normas do “presidencialismo” puro, em que o presidente é o único responsável. Aos ministros só compete a parte técnica, a execução do que o chefe supremo dispõe. É por isso que o Olinto Magalhães, resolvido embora desde o princípio a respeitar a antigüidade na diplomacia para a reintegração dos funcionários exonerados em consequência da lei do orçamento de 1897 (de que resultou a minha exoneração), já nomeou, contra o que resolvera, um dos mais novos na diplomacia: o Lima e Silva. Este, por vontade exclusiva de Campos Sales, foi nomeado, ou reintegrado na legação de Paris, sendo contudo tão novo como eu na carreira e tendo acima de si outros mais antigos. Já vês pois que é impossível contar com a justiça em governo algum. Em governo algum? Em ato algum humano! Apesar de muito atrapalhado com a mudança para Petrópolis, não quis deixar de escrever-te, participando-te a minha nomeação e nova residência. O livro de poesias (parece incrível que não haja aqui ainda nenhum volume à venda!) já o mandei buscar de Lisboa. Quando chegarem os dois exemplares que encomendei, um será para ti e outro para a pessoa que indicaste. A *Cultura dos campos* teve algumas notícias e elogios da imprensa; mas não tanto quanto merece é o acolhimento que tem tido. Também a época é má; ninguém lê, nem se preocupa com assuntos mais graves e sérios, que o da politicagem de todo o dia. Sobre coisas políticas, creio que as vais acompanhando pelos jornais da terra. O câmbio não tem melhorado, e os pobres, isto é, a maioria dos brasileiros, é que mais sofre com a terrível crise. Na nossa Academia há uma vaga com o falecimento do Taunay. Seria bom que, por intermédio de nosso Lúcio, te propusesses a esse lugar. Escreve-lhe a esse respeito, e o teu nome será geralmente acolhido, porque todos, crê, te estimam,



consideram e admiram muito aqui. Meus respeito à Ex.^{ma} senhora, beijos às lindas filhinhas e muitas saudades nossas, além de um abraço do teu

Velho amigo, colega, admirador obrigado

Raimundo¹²⁰

(De Joaquim Nabuco para Jaceguai)

Rio, 15 de abril de 1899.

Meu caro Jaceguai,

Deixe-me felicitá-lo pela sua patriótica idéia de reunir os que ainda restam da campanha paraguaia, os nossos *reduci delle patrie battaglie*, das três gerações, de 1860 a 1890, os que tiveram incomparavelmente a mais bela parte. A honra de ter servido no Paraguai é a única verdadeira auréola que hoje tenham brasileiros; é a glória indisputada, aquela que tem cicatrizes e promoções no campo de batalha para contrastar as mutilações da calúnia e as baixas da inveja. Todos esses foram, pelo menos, em sua vida, anos (o que os outros não conseguiram nem sequer em um momento de alucinação) brasileiros, por inteiro, na integridade do seu ser, das suas aspirações, do seu sangue. A união dos que fizeram juntos aquela campanha, dos que conservam o traço indelével dessa camaradagem patriótica, figura-se-me no dia de hoje a evocação do espírito que fez grande e digna a nossa pátria, para conjurar a inércia, a apatia, o entibiamento de todo ideal, com que a atual geração a está vendo morrer... Podem os partidos na luta política achar-me em contradição com eles; ainda não me acharam, porém, incoerente comigo mesmo, com meus próprios sentimentos, que

¹²⁰ In: VAL, Waldir Ribeiro do. *Op. cit.*, pp. 244-245.

são os ideais a que servi. Foi assim que, no primeiro documento, de 1890, em que me recusei a aderir à República, em plena ditadura militar, depois de dizer: “Não pretendo desinteressar-me de nenhum dever de brasileiro (...) Não é preciso ser republicano sob a república, como não era preciso sob a monarquia ser monarquista, para cumprir os deveres de um bom brasileiro: basta ter clara a noção de que nunca se tem o direito de prejudicar a pátria para prejudicar o governo (...)”, eu acrescentava: “Eu julgo descobrir a Providência especial que protege o nosso país contra a Nêmesis Africana”, (referia-me à insurreição do escravagismo contra a lei de 13 de maio tomando a forma republicana), “no fato de ter sido a revolução feita pelo Exército de modo que nem um instante estremecesse a unidade nacional, e o meu mais ardente voto é que se mantenha acima de tudo a unidade do espírito militar que considero equivalente àquela.” E pese bem, meu caro Mota, lembrando-se dos acontecimentos posteriores, essas palavras escritas em 1890: “Para mim não era objeto de dúvida que no dia em que abandonássemos o princípio monárquico, permanente, neutro, desinteressado e nacional, teríamos forçosamente que substituí-lo pelo elemento que oferecesse à nação o maior número daqueles requisitos, e esse era exatamente o militar (...) Ninguém mais do que eu respeitou nunca a farda do nosso soldado. Ainda o ano passado subi o Paraguai até Assunção levado pelo desejo de fixar minha imaginação nos próprios lugares da sua glória e recolher vinte e tantos anos depois o bafejo imortal de patriotismo que se desprende daquele imenso túmulo para vencedores e vencidos igualmente (...) Por isso ninguém mais ardentemente do que eu deseja que a revolução de 15 de Novembro não atinja o único substituto *nacional* possível do prestígio monárquico, o militar, o qual depende antes de tudo da união das duas classes, depois da unidade da disciplina, e por último de abnegação, isto é, de colocar o Exército, a pátria, acima de toda e qualquer superstição política, e de não abdicar sua responsabilidade em nenhuma classe, muito menos na classe política, exploradora de todas”. Exploradora de todas, dizia eu, lembrando-me do apoio que ela prometera à lavoura e da posição a que reduzira o Exército... Isso era escrito em 1890. Que é que respira essa página? O dever de colocar a pátria acima de toda e qualquer superstição política,



como eu dizia, e está claro que eu não pediria aos republicanos que elevassem a pátria acima da República sem mostrar-lhes que eu, pela minha parte, sabia também elevá-la acima da monarquia... É nesses sentimentos que me inspiro em tudo quanto escrevo desde então, sentimento condensado nos belos versos que uma vez repeti do poeta da Gália devastada:

*Securos levius crimen conten nere cives:
Privatam repetunt publica damna fidem.*

“É crime menor esquecer os seus concidadãos na tranqüilidade; o infortúnio público reclama, porém, a fidelidade de todos.”

Ainda uma citação far-lhe-ei, meu caro amigo. É do meu livro *Intervenção estrangeira durante a Revolta*; eu digo que a revolta não foi o encontro face a face das duas opiniões, a monárquica e a republicana, e acrescento: “A verdade é que as duas opiniões não se encontraram ainda, e se elas têm um dia que se encontrar, pode-se ter certeza de que não será num campo de batalha; não serão inimigas, nem armadas: serão cobertas do mesmo luto, feridas pelo mesmo golpe, prostradas pelo mesmo infortúnio, apelando sinceramente, desinteressadamente, corajosamente, uma para a outra, talvez infelizmente tarde demais, como os patriotas italianos que só ouviram a voz de Dante e de Petrarca, pregando a união, quando já os franceses e os espanhóis tinham invadido o país e as tropas alemãs se haviam apossado de Roma.”

Como vê, meu caro Jaceguai, não foi à última hora, foi logo desde a primeira que continuei minha marcha sob a república pela mesma estrada, a cavaleiro dos partidos em que andei sempre sob a monarquia, única estrada que o imperador trilhou em seu reinado, posso dizê-lo perante veteranos do Paraguai. É por isso para mim um verdadeiro regozijo assistir a um movimento como este, a este ressurgir da religião da pátria, no momento em que o fogo sagrado se ia apagando e com ele talvez a defesa dos lares nacionais... Nobres, grandes objetos se lhe deparam... Mas para isso é preciso que o espírito de pátria se mostre inacessível às invasões, à corrupção da política; é preciso que em torno das relíquias da bandeira do Passo da Pátria de Humaitá, de Lomas Valentinas, da Cordilheira, se possam todos reunir... “Receio muito, disse eu uma vez, num

panfleto, que um dia, no futuro distante, quando se descobrir no estrangeiro o túmulo emprestado ao último representante da nossa Monarquia, se reconheça que ele foi sepultado, à moda dos heróis antigos, com o que mais caro lhe fora em vida: a liberdade e a unidade de seu país.” À margem o imperador, que hoje seria dos vossos, se vivesse, escreveu a lápis: “Não! Nunca!” Pois bem, para que esse *nunca!* venha a triunfar dos meus receios, é preciso que a voz da pátria abafe em nosso país todas as outras... Esse é o papel da associação, gloriosa, antes mesmo de nascer, que afinal agora se constitui... Só ela quase tem o direito de invocar o nome de pátria; só ela provou ter o sentimento que parece a todos o mais belo, mas pelo qual verdadeiramente bem poucos fazem o sacrifício de si mesmos... É assim com os meus sentimentos de sempre que saúdo os heróis do Paraguai reunidos ao seu aceno. Cabia a honra de os convocar àquele de cuja estrela dependeu a mais arriscada talvez de todas as ações daquela campanha, e cuja figura a posteridade brasileira verá sempre através da fumaça e sob a chuva de balas de Humaitá... Compararam-me a Bazaine por ter aceitado do governo da República o encargo de pleitear o direito do Brasil numa questão de fronteiras nacionais, isto é, uma causa como Chateaubriand teria aceitado das mãos de Luís Filipe, Thiers ou Berryer das mãos de Napoleão III, o duque de Broglie das mãos do atual governo republicano... Bazaine, porém, exprime na história militar a hesitação do patriotismo sob a influência do partido, isto é, o estado de espírito dos que me acusam, e não o meu que está resumido na resposta do duque de Aumale, quando Bazaine lhe dizia não saber ao serviço de quem pusesse a espada por não ter ficado nada de pé: “Havia a França, senhor.” A salvação do nosso país dos transeis mortais em que entrou está exclusivamente na formação de uma corrente patriótica irresistível... Só o patriotismo pode fazer esse milagre; tudo mais são alternativas políticas sem alcance, que só satisfariam os próprios partidários... Uma corrente patriótica que leve de vencida todas as estreitezas e exclusivismos das fórmulas opostas, das seitas contrárias, todos os antagonismos partidários ou pessoais, é a única, a última esperança de salvação nacional... Estamos no momento supremo, aquele que vai decidir do futuro da nação, e é em tal momento, e não depois de proferido o *consummatum est*, o *tudo está cumprido*,



que a energia moral que nos reste pode reagir contra o desfecho provável. Não são muitos ainda os que estão convencidos, como eu, de que o país está sendo arrastado insensivelmente para um centro de perturbações de que só a intensidade de patriotismo podê-lo-á tirar incólume... Daí a importância que dei sempre ao espírito de tolerância e à supremacia do instinto de pátria sobre as dissensões partidárias...

Tudo mais figura-se-me estéril, insignificante, bizantino, perante o perigo nacional iminente. O que me traz algum conforto, alguma esperança, são afirmações como esta de que ainda não morreu entre nós o ideal de pátria, não de pátria política, mas de pátria territorial, isto é, de pátria composta de um corpo, que é o território, de uma alma, que é a raça... Quanto à nova Associação, meu caro Jaceguai, para que ela preste a esse ideal o mais assinalado serviço, basta que ela avive as suas lembranças e reminiscências e as reproduza para exemplo das novas gerações... No seu seio, se se puderem todos reunir, o país encontrará alguns dos seus nomes mais ilustres... O espírito que os há de animar quando reunidos será o espírito que dominava a Caxias, a Osório, a Porto Alegre, a Tamandaré, a Barroso, a Inhaúma. Eu, pela minha parte, tendo passado anos ultimamente a estudar essa mais bela página da nossa história nacional, vejo com inexprimível satisfação esta tentativa para não deixá-la de todo esquecer. Pudesse vir daí o alento à energia patriótica de que o país precisa para salvar-se, e cada um desses veteranos do Paraguai teria prestado à própria existência nacional um serviço igual aos maiores que registra a sua fé de ofício.

Creia-me, sempre, meu caro Jaceguai, muito afetuosamente seu

*Joaquim Nabuco*¹²¹

¹²¹ NABUCO, Joaquim. *Op. cit.*, v. 2, pp. 12-17.

(De Raimundo Correia para Assis Brasil)

Petrópolis, 25 de dezembro de 1899.

Meu caro Assis,

Tinha eu já sobrescrito a inclusa e ia levá-la ao correio, quando recebi a tua de 4 do corrente, que me deu muito prazer. Por ela soube que recebeste os volumes de poesias que te remeti; e deveras me felicito pelas expressões que te mereceram. O que dizes, bastante me anima, reabilitando a meus olhos essas poesias, que para mim valiam bem menos por si mesmas do que pelo que me custou fazê-las. A crítica não se ocupou com elas, porque já eram, em sua maioria, conhecidas. Por isso não me incomodou o silêncio da imprensa, quanto me incomodaria ele se se tratasse de uma obra nova. Mas as lutas e dificuldades da vida prática me têm distraído tanto ultimamente das preocupações puramente literárias, que para os críticos me desbancarem não haveria talvez melhor ocasião do que agora. Mas a tua impressão geral sobre o meu livro, boa como foi, é o único elogio que este tem merecido e também dos maiores e mais honrosos que o autor poderia receber. Eu não tinha, aliás, grande confiança na obra; e a admiração que me inspira o teu talento bastaria para fazer esmorecer em mim o desejo de que a lesses, se àquele sentimento não se aliasse o da nossa velha estima, que é muito mais seguro sem dúvida. Deste-me a impressão do conjunto; mas, se desceres a detalhes e particularidades, a tua apreciação mais proveitosa será. Em tudo que nos parece mais perfeito (e o meu livro não está neste caso) há sempre muitas coisas a melhorar ou a corrigir. Eu não me incomodarei em nada com os reparos que fizeres; pelo contrário, procurarei não perder o ensejo, que se me deparar, para aproveitá-los, sobretudo no que não for simples questão de gosto que varia de indivíduo a indivíduo, segundo o temperamento literário de cada um. Mas, por hoje, basta sobre o meu livro o que aí fica. Sobre a política, meu caro amigo, não há nada de novo a dizer-te. Nenhum acidente que valha a pena referir na marcha triste e monótona dos acontecimentos. Sente-se a impressão de



um mal-estar geral. Sente-se que não somos felizes. Não sou eu só quem sofre; sofreremos todos. Vem esse mal da instabilidade de tudo aqui, ou da completa falta de confiança nos governos? Não sei; mas parece-me que o não se tomar nada a sério entre nós arruína e desmoraliza tudo. O que há todos os dias são *eleições*, que enchem os jornais de notícias e telegramas que só aos eleitos interessam, porque já ninguém toma a sério nem as eleições, nem os eleitos. Aquelas são feitas a bico de pena (já ninguém vai às urnas) e estes não querem senão fazer jus aos seus subsídios. É verdade que, de vez em quando, aparece um telegrama em que se afirma não ter o governo de tal ou tal Estado intervindo com força na eleição de tal ou tal indivíduo; e esta afirmação, que desperta recordações do tempo em que muita vez os deputados eram feitos a cacete, pode ser crida, porque hoje já não é preciso isso para se vencerem eleições. O meio moderno de vencermos é completamente incruento, mas para mim ainda é pior que o do cacete, porque não só desacredita como anula de todo a instituição, porque ninguém mais vê em cada *eleito* senão um empregado de nomeação dos respectivos diretórios e presidentes. É tudo uma farsa, mas que nos desanima e nos faz descer de tudo. A vida, de dia em dia, se torna mais difícil; não se olha para o bem-estar do povo; a justiça é cara e tão demorada que não vale mesmo a pena recorrer nunca a ela; o trabalhador, o bom e o pacífico não têm proteção; não há segurança pessoal em parte alguma, e para onde quer que voltemos a vista tudo nos aborrece e nos leva até a ter vergonha e profundo desgosto de pertencer a semelhante raça ou de ter nascido em semelhante país. Isto não se pode confessar, mas crê que é o que sinto às vezes. Sim, a gente por fim se revolta quando se vê enganado todos os dias com as mentiras douradas dos jornais, das leis, dos governos e de todos os que, entre nós, falam e aparecem. Pensei que uma guerra seria ao menos útil para sacudir as fibras à nossa gente e acordar-lhe algum sentimento enérgico; vejo, porém, que, hoje, nem já com tal remédio se poderá contar. E o *fim do mundo* anunciado para o dia 15 de novembro? Muito tolo acreditou na profecia, que eu receberia talvez com secreto prazer. Mas a profecia falhou; e lá se foi com ela a esperança de ao menos acabarmos todos juntos e de uma só vez, sem deixarmos saudades, nem nenhum desgraçado mais atrás de nós. Estamos perdidos, meu bom amigo. Não somos felizes, nem

o seremos nunca! Tiraram-nos tudo, tudo! Sobre a vida que aqui levamos, aí tens tu a minha impressão geral. E como esta já vai longa, nem mais palavra. Sobre a nossa saúde e condições atuais, na outra carta eu te falo. Meus respeitos a tua Ex.^{ma} senhora, a quem minha mulher cumprimenta e envia boas-festas. Beijos às meninas e um abraço e os agradecimentos do teu

*Raimundo*¹²²

(De Raimundo Correia para Assis Brasil)

Petrópolis, 7 de abril de 1900.

Meu caro Assis,

Há bastante tempo que eu não recebo uma carta tua; notícias, porém, tenho-as continuamente a teu respeito. Quando for possível, volta a escrever-me.

Continuo em Petrópolis, e desde que aqui moro ainda não desci uma só vez à capital. Também tenho grande inclinação para o isolamento, e a minha misantropia cada vez me vai afastando mais da sociedade. Não tenho gosto nenhum em tratar com os homens. Quem me dera poder passar sem eles!

As notícias que tive ultimamente a teu respeito coincidiram com a da ridícula conspiração de que deves ter já conhecimento pelos jornais e a que darás a importância que merece, isto é, nenhuma importância. Com efeito, são nonadas que, em falta de outra coisa, servem aos da polícia para mostrarem que a República tem neles os melhores defensores, e se recomendarem assim aos próceres do atual regímen, como homens indispensáveis, sem os quais ai do Brasil! Ai da fortuna pública! Ai da felicidade que

205

¹²² In: VAL, Waldir Ribeiro do. *Op. cit.*, pp. 248-250.



gozamos com *inveja* e *admiração* das demais nações do planeta. Há, enfim, agora, um largo tema para borrar papel, encher colunas de jornais, discutir, arengar, chicanar, palavras, palavras, eis só o que nos dão todos os dias.

Apesar de tudo, essa capital que cada vez mais me enoja, e pela qual se regula, entretanto, todo o resto do Brasil, é aos olhos do estrangeiro o mais eloqüente testemunho da deplorável situação moral e material em que nos achamos. A imundície da cidade tem aumentado com o aumento da população composta pela maior parte de tudo o que de mais torpe o velho continente expulsa do seu seio. Parece que as cadeias e calabouços da Europa se arrombaram, vazando sobre nós o seu conteúdo infame e todas as negras fezes que a civilização repulsa com asco. Na cidade imunda e pestífera, tapetada de lixo, cacos, arcos de pipa, cães mortos e ratazanas esmagadas, floresce o crime, folgadoamente, à sombra das imunidades constitucionais, do *habeas corpus*, das rabulices e da tolerância da polícia e dos governos ocupados com coisas mais sérias como sejam as chapas oficiais para a *eleição* dos seus amigos, as bambochatas políticas e a descoberta de *conspirações* em que ninguém acredita. A estatística criminal do Rio de Janeiro aterroriza. Todos os dias são portas arrombadas, assaltos em pleno dia, roubos, assassinatos! Nunca se viu tão grande falta de segurança pessoal, de justiça e de moralidade pública. Os cidadãos precisam andar armados para se defenderem, já que a polícia os não defende, e fazer mesmo justiça por suas próprias mãos, já que não podem contar com a dos tribunais do país, que é demorada e tão cara e dispendiosa, que só os ricos a poderão obter. A advocacia é um negócio; o jornalismo, um negócio; a política, um negócio; o civismo, o patriotismo, o republicanismo, o monarquismo... (quem crê nisso?) tudo são negócios. De que profissão se faz realmente ainda um verdadeiro sacerdócio? De ensinar? De aliviar as dores? Qual! Não há uma boa ação com que se não especule. Tudo isto para mim não é mais que uma terrível quadra de transição por que passamos. Uma raça degenerada que se mistura e que se transforma, talvez, fermentando ao calor do nosso sol implacável. Quando a operação química estiver pronta, que sairá daí? Uma combinação monstruosa talvez. Nem sei! O melhor é não esperar pelo resultado, que felizes serão os que

já não tiverem vida para ver o que então se verá. Não duvido que possas qualificar de meros desvarios o que aqui escrevo. É que não posso explicar-me melhor e tenho bastante confiança em ti para mandar-te assim mesmo, neste *descosido*, os meus sentimentos de ocasião. Mas se são desvarios, de fato, conto que mos desculparás em todo o caso. A família vai sem novidade. Agora há vagas na diplomacia, mas nenhuma de secretário será para meu bico. Já nem ousa solicitá-las. Tenho vergonha de ter pedido ao Prudente e ao Sales. Se eu imaginasse que eles eram tão insensíveis ao meu pedido, eu não me teria abaixado a tanto. Eles me devem desprezar, suponho eu. Uma verdade do coração humano é que não há maior, nem mais pesado ressentimento que o que nutrimos naturalmente contra aquele a que solicitamos qualquer coisa e que nos engana com esperanças ou promessas apenas. Então é que se considera um verdadeiro abaixamento o termos nos dirigido a semelhante indivíduo com solicitações, e muito maior quando ele não nos pareça de todo puro, nem tenha título algum à nossa gratidão e à nossa estima. Quanto a um lugar na magistratura federal, também não tenho esperança de obtê-lo, senão depois que o presidente tiver colocado nela todos os filhos dos seus amigos de São Paulo, ainda que nascidos antes de ontem. Lançou-me à margem ele, carregado com as minhas razões, documentos e direitos, que não tem tempo para examinar agora, nem terá nunca. Nem falemos mais nisto.

207

Dá-me notícias particulares tuas, da senhora e das filhinhas. A minha mais velha está aqui no Colégio Sião, onde vai fazendo progressos. As outras duas continuam em casa por não podermos lá metê-las ainda. Mas gozam todas boa saúde e minha mulher também, pois, não há dúvida, este clima de Petrópolis é dos mais saudáveis que conheço no Brasil.

Como vai o trabalho histórico que projetavas fazer? Naturalmente já puseste mãos à obra. Penso que, para trabalhos desta ordem, é a melhor direção do teu espírito. Há bem pouco tempo tive ocasião de reler a história, ainda incompleta, da república rio-grandense, isto para estudá-la, por dever de profissão (como professor de história); e colhi dessa leitura algum proveito. Uma obra escrita há muitos anos e quando era ainda tão moço, tem notáveis qualidades entretanto: estilo vigoroso e colorido em



quanto à forma, e, em quanto mais, independência no sentir e no pensar, justa aplicação de princípios morais e sociais, pesquisa criteriosa dos fatos, do meio em que sucedem e da proporção e equivalência das suas causas e a pintura do sítio e das personagens principais que o caráter apologético e os fins a que se destinava esse trabalho não prejudicam de todo. Defeitos... há de tê-los o livro; mas não dão na vista, nem necessidade temos de nos darmos ao trabalho de procurar o que é congênial a toda a obra que não é de deuses. E pensar-se que o autor tem vinte anos só. Vinte anos! Que bela idade já tivemos nós! Quantas saudades, meu caro Assis.

Não deixes de me escrever. Nunca mais recebi uma carta sequer, depois daquela última em que falavas do meu livro. Nem me fales mais nisso, que nada me assegura que, atentando bem nele, não o aches abaixo de ruim. Não o quero ver perto de mim e parece-me que ninguém o poderá reabilitar a meus olhos. Quantos anos tenho eu já vivido até hoje? Nem desejo saber. Só sei que nada tenho feito. Olho para atrás, e (é triste!) nada vejo! Nada! Nada! Muitos outros também nada têm feito, mas são ao menos alguma coisa; e eu não sou nada, nada, nada.

Mas já vai longa esta. Vou fazer ponto aqui. Antes porém, peço-te recomendar-nos à senhora e transmitir às meninas muitos beijos nossos.

Abraça o

Amigo velho muito grato e saudoso

*Raimundo*¹²³

¹²³ *Idem*, pp. 250-253.

(De Euclides da Cunha para Araripe Júnior)

Lorena, 27 de fevereiro de 1903.

Amigo doutor Araripe Júnior,

Recebi o seu cartão e aguardo – nem imagina com que ansiedade! – o seu juízo sobre os meus *Sertões*.

Na véspera havia lido o seu último artigo sobre os “Comentários” da nossa Constituição Federal, do doutor João Barbalho, e, francamente, ali notei, sob um aspecto inteiramente novo, ajustado ao destino dos povos americanos, a doutrina, sem número de vezes discutida e falseada, de Monroe.

Mas o que sobretudo me impressionou foi o desassombro, a magnífica rebeldia de um espírito em plena insurreição contra o nosso sentimentalismo mal-educado e estéril. Considero o paralelo, ou melhor, o contraste lucidamente exposto, entre as duas expansões, a teutônica e a ianque, como raio de uma visão que nos últimos tempos mais se tem dilatado no perquirir o destino superior da civilização.

Sou um discípulo de Gumplowicz, aparadas todas as arestas duras daquele ferocíssimo gênio saxônico. E admitindo com ele a expansão irresistível do círculo singenético dos povos, é bastante consoladora a idéia de que a absorção final se realize menos à custa da brutalidade guerreira do “Centaurio que com as patas hípicas escarvou o chão medieval”, do que à custa da energia acumulada e do excesso de vida do povo destinado à conquista democrática da terra.

Não calculo até que ponto se possa aceitar o seu otimismo sobre a hegemonia norte-americana. Mas, dado mesmo que ele falhe por completo, e que o malsinado imperialismo ianque se exagere até a posse dos países estranhos, de que nos valeriam lamúrias de superstições patrióticas?

Vi no seu artigo um significado superior, sugerindo uma medida prática; subordinados à fatalidade dos acontecimentos, agravados pela nossa fraqueza atual, devemos antes, agindo inteligentemente, acompanhar a nacionalidade triunfante, preferindo o papel voluntário de aliados à situação inevitável de vencidos.



É o pensar dos que não desejam ser amigos ursos da pátria, embora atraindo a pedrada patriótica dos que por aí, liricamente, a requestam, numa adorável inconsciência de perigos que a rodeiam. E julga-se feliz com esta perfeita uniformidade de vistas, o seu patricio admirador

*Euclides da Cunha*¹²⁴

(De José Veríssimo¹²⁵ para Machado de Assis)

Rio, 13 de fevereiro de 1904.

Meu caro Machado,

Estimo que você, segundo parece de sua boa carta de 4, assim como sua senhora, esteja finalmente de boa saúde. Acho, entretanto, que você precipita a sua viagem, vindo a 25 ou 26, e que muito melhor andaria demorando-se mais. É verdade que eu não tenho pelo serviço público o mínimo interesse; acho você e a sua saúde infinitamente mais interessantes. O meu mal foi, se não mais grave, mais demorado do que eu esperava; reteve-me em casa e quase sempre na cama uns quatro dias. Só ontem fui à cidade e sinto-me ainda abatido. De você falamos sempre, com saudades, no Garnier, aliás pouco freqüentado agora. Gostei da história do quarto do banho (Como esta frase se presta a más interpretações!), e compreendo as suas saudades, eu que não sou carioca. Aqui todas as preocupações vão ao Carnaval. Já mais de uma vez lhe disse, o Carnaval é a coisa mais importante do e para o Rio de Janeiro. É como uma dessas solenidades que faziam na antigüidade parte da vida da cidade. Todos se preparam para ela, ocupam-se dela, interessam-se por ela, pensam nela, falam dela,

¹²⁴ In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GALLOTTI, Oswaldo (orgs.). *Op. cit.*, pp. 151-152.

¹²⁵ José Dias de Matos Veríssimo (1857-1916) – escritor paraense.

vivem um momento nela e por ela. Está organizada, tem os seus padres, os seus oráculos, as suas sacerdotisas, os seus ritos consagrados, o seu programa obrigado. Por nada aqui vejo o povo tomar tamanho interesse. A mim me aborrece positivamente e estes três dias fico em casa. E o Lyoui – se é assim que se lhe escreve o nome –, esse católico certo não é Jesus Cristo, expulsando os vendilhões, é antes um mercador indignado pela concorrência que outros lhe fazem; mas não importa, algumas das suas vergastadas são merecidas e caem bem. Cumprimentos e abraços do

*José Veríssimo*¹²⁶

(De Joaquim Nabuco para Machado de Assis)

Londres, 8 de outubro de 1904.

Meu caro Machado,

Há tempos recebi a sua boa carta sobre a Sentença, carta verdadeiramente primorosa e uma das que mais vezes hei de reler, quando tiver tempo para voltar ao passado e viver a vida das recordações. Por enquanto sou um escravo da atualidade que passa, e cada dia a tarefa que ela me dá parece calculada para me impedir de olhar para os lados, para o passado e para o futuro. Mas que vivacidade, que ligeireza, que doçura, que benevolência a do seu espírito, eu ia dizendo que beatitude! E pode cultivar a vesícula do fel para a sua filosofia social, em seus romances, mas suas cartas o traem, você não é somente um homem feliz, vive na beatitude, como convém a um papa, e papa de uma época de fé, como a que hoje aí se tem na Academia. Agora não vá dizer que o ofendi e o acusei de hipocrisia, chamando-o de feliz.

¹²⁶ In: ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*. Coligida e anotada por Fernando Nery. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, Américo Badeschi Editor, 1932, pp. 215-216.



A propósito de papa vou contar-lhe um sonho que tive há tempos. Via-me em Roma, no Vaticano, e quando me aproximei do trono estava nele uma mulher, com rosto de Madona, cercada dos cardeais em toda pompa. Não sabendo o tratamento que devia dar à papisa, perguntei-lhe como a devia chamar, e ela respondeu-me: “Chame-me Vossa Dor.” Vossa Dor! Não seria um tratamento mais sugestivo para a encarnação da Igreja do que Vossa Santidade, ou Vossa Beatitude? Para a encarnação viva de qualquer ideal? Não é da Igreja a mais bela das imagens sobre o nosso mundo: “Este vale de lágrimas”? Confesso-lhe que, acordado, nunca me teria ocorrido semelhante resposta: “Chame-me Vossa Dor.”

Quer eu deva também chamá-lo Vossa Beatitude ou Vossa Dor, aceite, meu caro amigo, meus sinceros agradecimentos pelas bondades largamente derramadas em sua carta. Não estou certo de que não teríamos perdido tudo sem o esforço que fiz para coligir e deduzir a nossa prova, e por isso me vou desvanecendo de ter reivindicado a melhor parte para nós da divisão feita pelo árbitro. Não foi uma partida vencida, foi uma partida empatada, e isto quando o outro jogador era a Inglaterra, é por certo meia vitória. Você um dia ouvirá mais sobre este assunto.

E a nova eleição? Não falo da eleição do futuro presidente, da qual parece já se estar tratando aí, mas da eleição do novo acadêmico. O Bandeira escreveu-me e eu teria prazer em dar-lhe o meu voto, mas o meu voto é seu, você aí é quem vota por mim. Eu pensei que o Jaceguai desta vez se apresentaria. Ele, porém, achou mais fácil passar Humaitá do que as baterias encobertas do nosso reduto. Quais são essas baterias? A do Garnier lhe daria uma salva de... quantos tiros? Onde estão as outras? Eu nada sei, mas se ele for candidato, meu voto é dele, pela razão que fui eu quem lhe sugeri o ano passado a idéia. Você terá uma carta minha dizendo que ele não se apresentaria contra o Quintino. Não sei por que o Quintino não foi membro fundador. Eu seguramente estranhei essa anomalia na *Revista*, anomalia tanto maior quanto o nosso criador era grande entusiasta do Quintino. Agora a entrada do Quintino não tem mais razão de ser, porque pareceria que ele adquiriu título depois da fundação, quando o tinha antes de quase todos os fundadores. A exclusão dele é pois um fato consumado, como seria a do Ferreira de Araújo, se vivesse, como é a do Ramiz,

a do Capistrano, que não quiseram. Se o Quintino não recusou, supõe-se que recusou, fica assentado que recusou. Podemos declará-lo; não podemos confessar que o esquecemos. Se entretanto, ele se apresentar, julgo melhor esperar outra vaga para a combinação e eleger dois ao mesmo tempo. Eu acho bom dilatar sempre o prazo das eleições, porque no intervalo ou morre algum dos candidatos mais difíceis de preterir, ou há outra vaga. A minha teoria já lhe disse, devemos fazer entrar para a Academia as superioridades do país. A Academia formou-se de homens na maior parte novos, é preciso agora graduar o acesso. Os novos podem esperar, ganham em esperar, entrarão depois por aclamação, em vez de entrarem agora por simpatias pessoais ou por serem de alguma *coterie*. A Marinha não está representada no nosso grêmio, nem o Exército, nem o clero, nem as artes, é preciso introduzir as notabilidades dessas vocações que também cultivem as letras. E as grandes individualidades também. Assim o J. C. Rodrigues, o redator do *Novo Mundo*, o chefe do *Jornal do Commercio*, que neste momento está colecionando uma grande livraria relativa ao Brasil, e o nosso Carvalho Monteiro, de Lisboa? A este, o mecenas, você poderia dar o voto de Horácio. É verdade que você é Horácio, mas que ele nada lhe deu, ainda assim você consagrava o tipo de mecenas. Etc. etc. etc. Com o Jaceguai entrava a glória para a Academia. É verdade que ele nenhuma afinidade tinha com o Martins Júnior, mas a cadeira ainda está vaga – é a cadeira de Taunay, e patrono Otaviano, e desses dois o Jaceguai seria o substituto indicado por eles mesmos.

Nas minhas cartas você achará o compromisso que tomei para a eleição do Assis Brasil. Não sei se este será candidato. Não o será sem o seu concurso, você então decida por mim sem prejuízo do Jaceguai. Em uma palavra, você é o guarda da minha consciência literária, ausente do prélio como me acho.

Você compreenderá agora por que tardei tanto em responder-lhe, era-me preciso escrever uma nova memória, e tenho horror hoje às memórias. Estou nos últimos dias do Graça Aranha conosco. Por maior que seja o vazio que ele vai deixar, não quisera prolongar a ansiedade de vocês todos aí depois de uma separação de mais de cinco anos. Vai haver lágrimas de alegria aí; eu estou cá e lá. Trouxe-o desconhecido do país, restituo-o glorioso, esperando que todos terão o mesmo orgulho dele aí que eu tenho, a mesma



certeza que de ora em diante ele é quem mais pode fazer pelo brilho e nome das nossas letras. Ele o apresentará a um grande amigo que eu novamente tenho aí, o ministro Russo, conde Prozor, tradutor de Ibsen. A condessa Prozor é também uma intelectual da primeira ordem.

Adeus, meu caro amigo, muitas saudades a todos, da nossa pequena roda e um afetuosíssimo abraço do todo seu

Joaquim Nabuco¹²⁷

(De Capistrano de Abreu para seu compadre)

Rio, 30 de novembro de 1904.

Meu caro compadre,

Esta carta de hoje não passa de um rol de encomendas.

A Biblioteca Nacional fica com a cópia de Mem de Sá, que para o ano será publicado.

Portanto, peço-lhe mande extrair da Torre do Tombo todos os documentos relativos ao Brasil de 1570 a 1608. Um ou outro haverá aqui, mas não fazem mal duplicatas, porque não podem ser em grande número.

Peço-lhe me adquira as seguintes obras:

Aires (creio), monografia sobre Fernão Mendes Pinto, publicada em junho ou julho do corrente ano;

Gabriel Pereira, *Roteiros* etc...;

João de Lisboa, *Livro de marinharia* etc...; editado por Libânio.

Desejo saber se a edição do Esmeraldo, *De Situ Orbis*, dada por Epifânio no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* será tirada em volume. Se for, desejo um.

Por aqui continuamos sem grande novidade.

¹²⁷ NABUCO, Joaquim. *Op. cit.*, v. 2, pp. 143-147.

O governo pediu prorrogação do estado de sítio, creio que para poder exportar os desordeiros e cáftens para o Acre, e prender o Varela, até agora inatingível.

Seabra tem tomado por assessor Rui Barbosa, que pratica a poligamia das opiniões e agora, ao contrário do que, não digo, pensou, mas pelo menos escreveu sempre, julga que a sedição deve ser julgada pelos tribunais militares. O resultado final será fiasco completo.

Um amigo, chegado ontem da Bahia, conta a história da Bahia de modo muito diverso do que contam os jornais. Toda a guarnição estava disposta a aderir ao movimento daqui. Sotero de Meneses, que burlou a tentativa do turbulento alferes Teodomiro, devia assumir o governo. Toda a dissidência consistiu no seguinte: Teodomiro pensava que se devia prosseguir no movimento a todo o transe. Pensavam outros que não tinha mais objeto, depois do fracasso da Escola Militar. E o caso das pedras, que ainda dura? Diz-se que o Dídimo e cúmplices serão condenados pelo Supremo Tribunal.

Antes de terminar: conquanto Sousa Viterbo não seja especialista da História do Brasil, provavelmente poderá informar sobre os documentos da Torre do Tombo, relativos à nossa terra.

Junto uma nota dos documentos citados por Varnhagen para o período que me interessa.

Sua afilhada continua bem e lhe manda saudades.

Do trabalho de Calógeras já está publicado o primeiro volume. Não o mando porque tenho de fazer um artigo e meu exemplar está aparado.

Quando torna?

Saudades do

Compadre e amigo obrigado

*João Capistrano de Abreu*¹²⁸

¹²⁸ ABREU, Capistrano de. *Op. cit.*, v. 1, pp. 16-17.



(De Joaquim Nabuco para Hilário de Gouveia)

Londres, 12 de dezembro de 1904.

Meu querido Gouveia,

Como você vê assim perspicazmente de tão longe! Que olho de águia! Com efeito o Huet de Bacelar me escreve: “Já deve saber da maquiavélica revolta projetada pelo doutor Lauro Sodré. As escolas militares com o Exército pretendiam na revista do dia 15 sair municidadas para liquidarem com a Marinha e implantar a ditadura. A Providência livrou-nos e também a mim que devia ir comandando a brigada de Marinha, pois certamente seria o primeiro liquidado.” Quanto à sua conjectura sobre o João A., não creio que ele tenha tão grande influência sobre os elementos ostensivos do pronunciamento militar, e quanto à ebulição popular, suponho-a, como a do vintém, um caso de “anarquia espontânea” bem caracterizado. Esses ajuntamentos até de quinhentas pessoas, dispersas num ponto, refazendo-se imediatamente em outro, não parecem conspiração, mas verdadeiramente motim popular, que foi criando forças pela fraqueza da polícia, ou melhor, do nosso sistema policial, pois a autoridade fez quanto possível aos seus poucos elementos de ação.

Não me parece que o Rodrigues Alves ganhasse com o incidente, mas você vê melhor. Por muito tempo o povo se há de lembrar do perigo a que o Palácio esteve exposto, a julgar pela necessidade de se construírem trincheiras nas ruas laterais.

O efeito da anarquia na cidade deve ter impressionado muito a população. Infelizmente em épocas de descontentamento, como você pode aí ver em França, o partido da ordem, quando em ostracismo, tem a maior simpatia pela desordem. Imagine que eu estou novamente lendo as cartas de Cícero, e que vejo nelas dia por dia, como em nossos jornais, a fisionomia das quadras de guerra civil, aberta ou latente, em que ninguém sabe que partido tomar e as facções acham todos os meios bons, isto é, são todas igualmente desordeiras. O que acontece é o que está acontecendo em Venezuela, só se quer de parte a parte a política da violência, a

que produz essa torpe embriaguez de sangue, tirania e corrupção, a mesma hoje na América do Sul que na República Romana no tempo que estou lendo. A política dessas épocas, a que do ponto de vista da manutenção do Estado parece até racional, está expressa da frase de Célius, um correspondente de Cícero: “Não ignorais que nas dissensões domésticas deve-se seguir o partido mais honesto, enquanto se disputa pelos meios legais, e os mais fortes, se a luta passa para os acampamentos e campos de batalha. Neste caso o melhor partido a tomar é o mais seguro. Nesta discórdia eu vejo que Pompeu terá por si o Estado e a gente de bom senso. César porém arrastará todos os que têm razões para temer ou para esperar criminosamente. Esperemos que pelo menos se nos dê tempo de avaliar quais serão as forças de cada um deles para escolhermos com discernimento o nosso partido.” E ele fugiu para o lado de César.

Entre nós, os contentes estão para os descontentes na razão de um para mil, e os descontentes *una voce* responsabilizam o governo pela sua sorte. Quando não melhoram com as revoluções, têm grande consolo com a queda dos que invejam ou culpam, e o espetáculo os distrai e ocupa-lhes o espírito, aliviando-lhes assim o sofrimento. Longe de uma desordem como a de novembro inspirar-lhes o amor da ordem, só lhes inspira pelo contrário a ardente esperança de que esses interregnos se sucedam repetidamente, porque a incerteza do resultado é já para eles um meio triunfo. E as conseqüências do conflito, ou pelo menos do antagonismo revelado entre Exército e Marinha e entre corpo de polícia? Depois de uma surpresa dessas o Rodrigues Alves viverá até o fim nesse estado de desconfiança e expectativa em que o terror se torna habitual e contagioso, e do qual os governos nunca acharam meio de sair senão com a prescrição e a tirania. Você me achará pessimista e eu espero que o seu diagnóstico seja exato. Com o tempo talvez venha a desvanecer a impressão que me deixou a leitura dos últimos jornais do Rio.

Agora nada me admirará. Quando os descontentamentos se acentuarem e, em vez do governo, atacarem a própria instituição republicana, é possível que se levante nas ruas a antiga bandeira imperial. Nesse dia porém o povo e a tropa compreenderiam a revolução, o que não compreenderam nem por ocasião da revolta



de Melo nem agora. Mas o Império assim feito não seria a solução definitiva do nosso problema, seria um episódio mais da anarquia reinante. Não há dúvida, porém, que seria um intervalo de repouso, seguido provavelmente de uma catástrofe nacional.

Eis aí por que deixei a propaganda monárquica e me rendi ao apelo do doutor Campos Sales. Não quero responsabilidades de iniciativa. Eu tinha visto a alusão do Rui, mas hoje liquido tais coisas do passado.

O Rodolfo também andou mal com ele. Se ele atravessou perigos para entrar na república, eu não podia entrar pelo mesmo caminho, porque nunca a desejei. Mas esses pontos pertencem à história.

Muito me aflige o que você me diz do Eugênio. Ele porém está bem relacionado e de um momento para outro pode ter uma colocação.

Muitas recomendações nossas e um abraço apertado do irmão muito amigo

*Joaquim Nabuco*¹²⁹

(De Joaquim Nabuco para barão do Rio Branco)

19 de dezembro de 1905.

Meu caro Paranhos,

Você telegrafou que desmentira aí que me tivesse encarregado de ir ao Departamento de Estado e estou sem atinar com a razão desse desmentido. Decerto não fui lá da sua parte, mas que pode ter havido tão desagradável na falsa notícia para você a esmaçar publicamente e dar-me aviso de que o fizera? Receio que

¹²⁹ NABUCO, Joaquim. *Op. cit.*, v. 2, pp. 187-189.

aí a tenham querido explorar contra você ou contra mim. O fato é que depois disso você não respondeu mais a nenhum telegrama meu sobre o incidente e não me falou mais do Congresso.

O seu silêncio me faz esperar alguma de estrondo.

O meu interesse está todo concentrado no Congresso. Tenho medo que no seu espírito a ida de Mr. Root não tenha tomado a importância que tem perante o mundo todo. Você parece ter dado maior à reunião do Congresso, que será um acontecimento mínimo para o mundo e miníssimo para nós ao lado daquele. Estou tremendo, por pensar que você não aproveitará a ocasião maior, única, de sua vida. Eu acredito estar chocando para você e o presidente (nós diplomatas nunca passamos de simples agentes) um ovo de águia, mas tenho medo de que levado para aí ele saia gordo por falta de calor monroísta no governo e no país. Veja em que você me meteu. Você dirá que não me encarregou disso, é certo, mas a simples criação da embaixada criou aqui esperanças e expectativas, que a escolha de um monroísta (declarado em cartas a você) como eu ainda aumentou e que a minha linguagem nunca desaprovada levou ao auge. Como se trata, porém, somente de simpatia, de expressão de confiança e amizade, eu nunca podia ter feito mal. A questão para mim é se trabalhei em vão, se preparei um *acontecimento* que, por falta de inteligência prévia com você, não chegará a sê-lo. Como lhe disse, tremo ao pensar em um repúdio tácito, não quero imaginá-lo expresso, do sonho que levei quase à realização. Não creio que você leia pela *Ilusão americana*, paradoxo do nosso querido Eduardo, que vivo, estava hoje indicado para escrever uma “Apologia contra a *Ilusão americana*”, e que decerto o faria. Nunca, em minha opinião, um brasileiro teve tanta responsabilidade nos destinos do nosso país como você ante os dois caminhos que se lhe deparam: o americano e o outro, a que não sei como chamar, se de latino-americano, se de independente, se de solitário. Eu, pela minha parte, sou francamente monroísta, e é uma pena estar fazendo tanto aqui, se estou trabalhando em vão, para nada. Eu não quisera enganar, mas talvez me engane, ou esteja enganado. Note você que eu não acompanho as idéias de Mr. Roosevelt sobre ocupação norte-americana, ou outra, de alfândegas etc., de países sul-americanos. O meu



monroísmo é mais largo e não me prende a esses expedientes que ele imagina para “justificar” (é a expressão de Mr. Root, “expedientes” é a minha) a doutrina de Monroe perante a Europa, a qual o aperta todos os dias por causa dessa “doutrina”, e sempre em torno de Venezuela. Para mim o que eu quero é uma espécie de aliança tácita, subentendida, entre os nossos dois países; que vamos nesse caminho tão longe e quanto nos seja possível, e que fiquemos desde já certos um do outro. Eu quisera pois receber quanto antes uma palavra sua, destacando a ida de Mr. Root da reunião do Congresso e mostrando que você se prepara para tirar daquele acontecimento todo o partido a que se presta, para dar-lhe todo o realce a que tem direito. Tire-me quanto antes dessa ansiedade, que é politicamente cruel, como nos tempos da Abolição o receio de ver o imperador chamar um ministério escravocrata, quando o fim me parecia já à vista. Minha preocupação é que Mr. Root, fiado no que lhe tenho dito, não vá ao encontro de uma decepção, de um acolhimento sem perspectiva alguma de completa reciprocidade da nossa parte. A presença dele é que é o *acontecimento*, não a dos delegados. Estou tão interessado nisso que escrevo também ao presidente. Ele lhe mostrará a minha carta e você lhe mostrará esta. Não estou trabalhando para mim. Será uma fatalidade se nós não concordarmos em encarar o futuro do nosso país do mesmo modo, porque da concordância podia nascer um grande acontecimento; uma nova era nacional.

Não me convém ser delegado, convém-me estar aí quando Mr. Root chegar para servir de mediador plástico entre os dois governos, pois ele tem muita confiança em mim e considera uma circunstância feliz nos havermos encontrado aqui em nossas respectivas posições. Ele leva a senhora. Os Fontouras partem a 5 de janeiro. Você abrirá e encerrará o Congresso, como presidente honorário (também Mr. Root o será, como foi Mr. Hay, ausente, no do México). O importante é você escolher um primeiro delegado que nos faça honra e dirija de modo superior os trabalhos do Congresso. O inglês será língua corrente no Congresso, por isso o presidente efetivo do Congresso deve sabê-lo para dispensar intérpretes, mas não tendo nós quem, ao mesmo tempo, o fale e

seja uma cabeça de presidente, é melhor atender à cabeça do que à língua. Eu quisera ser encarregado das relações entre Mr. Root e o nosso governo, ser o seu intermediário. Aqui vão escolher como delegados homens dos mais notáveis do país. Que falta faz o Carlos de Carvalho e como foi prematura a morte dele.

Nos Congressos anteriores, passando a coisas pequenas, cada delegado levou de presente a secretária e cadeira que tinha ocupado. É um presente que você também terá que lhes fazer e eu proponho que lhes ajunte o do encaixotamento. Estou pronto a encomendar para Paris ou Londres o papel marcado, objetos de escritório, bandeiras, de todos os países e tamanhos etc. etc. O Tropé pode ser encarregado dos mapas. Uma idéia que tenho seria a de um grande mapa mural colorido, de madeira ou outro material, e que à noite se iluminasse com as cores das diferentes repúblicas. Etc. etc.

Você vê que o quero secundar. Tenho grande empenho em que você daí provoque para o Chile a escolha do Walker Martinez e que me autorize a manifestar ao Calvo, de Costa Rica, o prazer de o termos lá. Eles dois trabalham juntos e podem ser muito úteis no Congresso entre os amigos de Washington, que forem mandados pelas outras repúblicas.

Como você verá do boletim do Bureau, estou na comissão do programa. (P.S.: Ontem, 20, fui escolhido para vice-presidente dela, sendo Mr. Root presidente.) Vamos solicitar sugestões, instruções, dos nossos diferentes governos sobre o que querem e o que não querem nele. Quanto ao Amazonas, lembra-me agora que pela sentença de Roma também a Inglaterra teria interesse na questão da navegabilidade dos afluentes, o que era estender muito a área de influência inglesa na Guiana, e isso é contrário de alguma forma ao monroísmo.

Paro aqui, meu caro Paranhos, desejando-lhe e aos seus um feliz Ano-novo. Não lhe posso desejar nele nada comparável ao sucesso da ida de Mr. Root ao Brasil, isto é, voltar ele contente com o movimento espontâneo que o levou a prometer que iria ao Brasil. A minha parte em tudo isso foi somente preparar a disposição da qual nasceu espontaneamente aquele impulso. Isso me basta.

Do seu velho camarada e amigo



Joaquim Nabuco¹³⁰

(De Euclides da Cunha para Domício da Gama)

Rio, 15 de agosto de 1907.

Domício da Gama,

Somente hoje posso responder à tua prezadíssima carta, cheia do misterioso encanto que as distâncias dão às palavras carinhosas dos amigos. Andei e ando muito doente de *mapite* aguda, porque certo há um micróbio sinistro emparceirado às traças vingadoras das velhas cartas geográficas feitas há trezentos anos para maior tormento dos que hoje as deletreiam. Quer isto dizer que muito pouco te poderei contar do que vai por aqui. Ando nos séculos XVII e XVIII. Poderia dar-te notícias de D. Gaspar de Munine Leon Garabito Tello y Espinosa, ou dos marqueses de Grimaldi e Floriblanca; mas não sei por onde anda Pires Ferreira, ou o que é feito de Glicério. É um encanto este exílio no tempo. O próprio barão, com a sua estranha e majestosa gentileza, recorda-me uma idade de ouro, muito antiga, ou acabada. Continuo a aproximar-me dele sempre tolhido, e contrafeito pelo mesmo culto respeitoso. Conversamos; discutimos; ele franqueia-me a máxima intimidade – e não há meio de poder eu considerá-lo sem as proporções anormais de homem superior à sua época. Felizmente ele não saberá nunca este juízo, que não é somente meu – senão que se vai generalizando extraordinariamente. De fato, é o caso virgem de um grande homem justamente apreciado pelos contemporâneos. A sua influência moral, hoje, irradia triunfalmente pelo Brasil inteiro. Os efeitos da conferência de Haia – onde Rui Barbosa teve o bom

¹³⁰ *Idem*, v. 2, pp. 236-240.

senso de reproduzir-lhe o pensar – consagraram-lhe definitivamente o prestígio. E este fato reconcilia-me com a nossa gente, demonstrando sobretudo a persistência de uma veneração antiga e já agora de todo sobranceira à volubilidade de uma opinião pública tão instável, como a nossa.

Não sei se já aí chegaram notícias da *Reforma Orthográfica...* (Aí deixo, nestes maiúsculos e nestes *h h*, o meu espanto e a minha intransigência etimológica!). Realmente, depois de tantos anos de alarmante silêncio, a Academia fez uma coisa assombrosa: trabalhou! Trabalhou deveras durante umas três dúzias de quintas-feiras agitadas – e ao cabo expeliu a sua obra estranhamente mutilada, e penso que abortícia. Há ali coisas inviáveis: a exclusão sistemática do *y*, tão expressivo na sua forma de âncora a ligar-nos com a civilização antiga e a eliminação completa do *k*, o hierático *k* (kapa como dizemos cabalisticamente na álgebra)...

Como poderei eu, rude engenheiro, entender o *quilômetro* sem o *k*, o empertigado *k*, com as suas duas pernas de infatigável caminhante, a dominar distâncias? *Quilômetro*, recorda-me *kilometro* singularmente esmagado ou reduzido; alguma coisa como um relíssimo decímetro, ou grosseira polegada. Mas decretou a enormidade; e terei, doravante, de submeter-me aos ditames dos mestres.

Mas a discussão foi vantajosa. A importância da Academia cresceu. As suas resoluções estenderam-se ao país inteiro – da rua do Ouvidor à Amazônia, da porta do Garnier ao último seringal do Acre.

A próxima eleição, a quem concorrem Jaceguai, João do Rio e Virgílio Várzea, anuncia-se renhida... e o achatado palacete do cais da Lapa fez-se definitivamente a kaaba (caba, deveria escrever-se pela nova ortografia!!) de todos os neófitos, ou *neófitos*, literários.

O Rio continua melhorando, aformoseando-se. A concorrência de estrangeiros, extraordinária. Os bondes e automóveis apinham-se de rubros saxões espantadíssimos e deslumbrados. Ressoam, nestes ares, *ohs!* em todas as línguas. Até em castelhano... Há dias vinham no meu inaturável bonde da Gávea nada menos de seis argentinos (seis argentinos, *es una legión!*), e quando voltamos à rua Voluntários, penetrando na avenida Beira-Mar, o mais trêfego deles, precisamente o que me vinha a envenenar a bÍlis patriótica com uns instantes *mira! mira!* todas as vezes que depa-



rava uma negra de trunfa escandalosa, – precisamente este gringo irrequieto não se pôde conter: “*Pero és hermosa, caramba!!*” – rugiu e abalou do bonde, acompanhado dos companheiros eletrizados. Foi um encanto. Quero hoje um bem extraordinário ao anônimo gringo, que nem sei mais por onde anda, mas que é, com certeza, um artista inteligente e entusiasta.

Assim nos rodeiam, cada vez mais velas, as nossas opulências naturais. Pena é o que na ordem moral não se notem idênticos primores. Mas não enveredarei por aí. Seria imperdoável o atirar-te tão longe os respingos amargos do meu pessimismo e desta melancolia irremediável. Além disto, há na tua carta profundos traços de tristeza, que não devo agravar. Ali se desenha nas entrelinhas a saudade da terra; e fora impiedade apontar o que esta tem de ruim.

Com esta carta mando um volume dos *Sertões* para a biblioteca de Lima; e ulteriormente irão os livros de outros autores. Se não te causar muito trabalho, peço-te que me mandes o que aí houver acerca das modernas indagações históricas e geográficas do Peru; folhetos, ou livros.

Ando a pensar num livro, essencialmente sul-americano, e preciso estudar muito; e estou estudando muito. Mas a nossa pobreza de livros correspondentes é absoluta. Não preciso dizer-te que o teu nome de quando em vez ressalta nas nossas palestras: o Machado, o Veríssimo, o Gastão e muitos outros, não te esquecem nunca, e harmonizam-se todos na mesma estima e nas mesmas saudades.

Águardo mais amplas impressões sobre essa encantadora Lima de los Reyes, que imagino deslumbrante sob um céu eternamente límpido.

Até breve, saudades, saudades e saudades do teu

Euclides da Cunha

P.S.:

A breve escala de quatro horas, que aqui fez Guillermo Ferrero, na sua passagem para Buenos Aires, foi magnífica. O barão recebeu-o

gentilmente. No Itamarati, antes e depois do jantar, que lhe foi oferecido, o extraordinário evocador da velha Roma lendária foi verdadeiramente cativante. É impressionadora a sua modéstia. O gênio tem ares tímidos e perturbados de mestre-escola da roça. E a sua senhora é a mulher mais feia e mais encantadora que ainda viram estes meus olhos selvagens.

Chegaram aí uns artigos, “Peru *versus* Bolívia”, que publiquei no *Jornal do Commercio*? É uma das minhas quixotadas. Constituiu-me, por satisfazer à índole romântica, um cavaleiro andante da Bolívia, contra o Peru. Por quê? Talvez porque a Bolívia... é mulher. De qualquer modo, manda-me dizer a tua impressão sobre o lance.¹³¹

(De Epitácio Pessoa¹³² para João)

Petrópolis, 13 de março de 1909.

225

João,

Ontem recebi, enviado daí por teu primo Francisco, um número do *Diário* de 2 deste mês. Li a descompostura que me passa, com a epígrafe do teu nome, “um paraibano”. Acredito que não terás tido a má idéia de responder ao anônimo. Se o autor da catilinária é o J. Gonçalves, ele é um miserável, porque, tendo dado por finda a discussão a pedido do teu sogro (hesito em acreditar nesse pedido), não tem qualificação o seu procedimento voltando a continuá-la encapotado; e se é um outro inimigo teu, e meu, a gratuidade da agressão e a sua covardia o tornam indigno de uma resposta. Mas, como é possível que a balela de Antônio Silvino volte à baila com a responsabilidade de um ente menos

¹³¹ In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GALLOTTI, Oswaldo (orgs.). *Op. cit.*, pp. 334-337.

¹³² Epitácio da Silva Pessoa (1865-1942) – político paraibano.

desprezível, preciso fornecer-te alguns esclarecimentos sobre esse caso. Não preciso dizer-te que nunca, direta ou indiretamente, favoreci ou pensei sequer em favorecer a ação de Antônio Silvino. Quem me conhece sabe que não sou homem para transigir nesse terreno. Da existência de Antônio Silvino, a *primeira vez* que tive conhecimento foi por carta de teu tio Tonho, *pedindo-me providências contra ele!* Não há notícia de que um só amigo meu tenha protegido o bandido; mas há notícias de que muitos dos meus melhores amigos foram por ele perseguidos e prejudicados. Haja vista João Barbosa, meu compadre, meu amigo dedicado, proprietário abastado, que teve os seus campos talados, o seu gado destruído e se viu afinal forçado, com a sua extensa família, a mudar-se de Aroeiras com prejuízos incalculáveis. Umbuzeiro, onde nasci, onde tinha amigos de infância e o núcleo mais compacto dos meus correligionários, era o campo preferido por Antônio Silvino para as suas depredações: que o digam Aroeiras, Matinadas, Oratório, Mata Virgem etc. Pois não é curioso que o bandido perseguisse os amigos e o município do seu protetor e deixasse em paz os dos seus adversários? Como o tenente-coronel João Barbosa, poderia citar-te outros amigos meus de Cuité, Picuí e do sertão. Mas a verdade é que todos conhecem os motivos que levaram Silvino ao crime e sabem que ele campeava desassombrado na Paraíba à sombra da proteção, não dos meus amigos, e sim das autoridades e amigos da situação, proteção espontânea ou forçada pelas ameaças do salteador apoiado na fraqueza ou na impotência do governo. O teu agressor que até me dá como chefiado pelo Álvaro Machado no tempo em que eu era deputado, afirma que o meu plano era tomar o governo da Paraíba por intermédio de Silvino, plano que fracassou porque, tendo assumido a Presidência da República o Rosa e Silva, eu “não tive o desplante de solicitar do Rosa e Silva a prática de um ato que vinha ferir a Constituição e a autonomia dos Estados”. Antes de passar adiante, convém recordar aqui que os amigos do Rosa e Silva na Câmara me acusaram justamente de haver tido esse desplante, patranha que eu pulverizei de modo tão completo que eles se não animaram a voltar à carga. Agora só me fazem a concessão de reconhecer que não sugeri a idéia... Mas eu possuo felizmente no

meu arquivo documentos esmagadores contra essa miséria. Quando estava mais acesa a luta entre mim e a situação da Paraíba, quando, portanto, me poderiam ser mais úteis os serviços de Antônio Silvino, eu, ministro da Justiça, telegrafava ao governador de Pernambuco, Gonçalves Ferreira, pedindo que mandasse uma força à Mata Virgem para prender o bandido, de combinação com o governo da Paraíba, a quem eu solicitava idêntica providência. Pois não é realmente singular que eu, protetor de Silvino, justamente no momento em que mais precisava dele, estivesse promovendo a sua captura por intermédio precisamente do governo da Paraíba, contra quem eu armara o miserável? Do Gonçalves Ferreira não tive sequer uma resposta! E não é também estranho que eu, o protetor, persiga o protegido, e o governo de Pernambuco, aceso em tão santas iras contra o bandido, não se digna sequer responder a quem pede a sua prisão?! A teu tio Tonho remeti há quatro ou cinco anos uma cópia do telegrama que dirigi ao Gonçalves Ferreira. Não sei se ele ainda a possuirá; deve, porém, ter no meu arquivo, no Rio, a cópia autêntica que me foi fornecida pela repartição dos Telégrafos. Devo ainda dizer-te que há dois ou três anos um deputado de Pernambuco reeditou essa infâmia na Câmara. Só passado muito tempo, tive conhecimento disto. Soube então que a agressão do tal deputado provocara da parte do Castro Pinto os mais indignados protestos. Ora, Castro Pinto, como sabes, desde 1892 que se tornou meu adversário e meu adversário se conservou até que me retirei da política. Não é significativa essa indignação de um adversário?! E fica sabendo mais o seguinte: o tal deputado, que é o Estácio Coimbra, para me deixar sem defesa, eliminou do discurso vários *aportes* do Castro Pinto, modificou outros, e foi depois pedir-lhe que não reclamasse etc. etc. Quem me contou isto foi o próprio Castro Pinto. E são desse jaez os miseráveis que me agridem! Aí ficam esses fatos, de que talvez não tivesses conhecimento. Aliás, na Paraíba como em Pernambuco, é sabido por todos que Antônio Silvino só tem sido perseguido por um homem, com risco de vida e de propriedade, e esse homem é irmão e irmão muito amigo do doutor Epitácio Pessoa. Lembra-nos à tua senhora e abraça-o



Tio amigo,

Epitácio

P.S.:

O meu telegrama ao Gonçalves Ferreira, se não me falha a memória, é dos primeiros dias de outubro; a passagem do governo da Paraíba devia efetuar-se a 22.¹³³

(De Capistrano de Abreu para Mário de Alencar)

Paraíso, 2 de março de 1910.

Meu caro Mário,

Parabéns pelo quilo conquistado em três semanas. Preferiria que os quilos fossem três, e isto, creio, em grande parte esteve em suas mãos.

Por que não deixou as reservas mentais em Botafogo? Quem vai para outro lugar não confia só no ambiente, colabora também com ele, mudando de vida. O aperto dos cômodos, as dificuldades de trabalho mental devem ser acolhidos como benefício. Se não, para que sair do Marquês de Olinda? Lá mesmo você podia embevecer-se na sua macacoa e desvanecer-se de ser neurastênico.

Você podia ter ajudado a melhora, se, abstraindo de si, vivesse só para a menina. Não há passeios, diz você. Que quer dizer isto? Não há pontos pitorescos? Haveria sempre lugares para levar a rapaziada, e ensiná-la a ver, ouvir, cheirar, gostar e apalpar.

Continuo arrastando minha grilheta, entre acessos de esperança e de desânimo.

Não estou satisfeito com a pronúncia figurada, porque há um *i* verdadeiramente galatécico. Há também um dos *th* ingleses; no meio das palavras, percebo-o e poderia figurá-lo – é o *th* de *think*,

¹³³ PESSOA, Epitácio. *Miscelânea*. Obras completas de Epitácio Pessoa, v. 20. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965, pp. 5-7.

que os fonetistas grafam por q mas não haverá inicial? E confundo muitas vezes e por t e por x. A rigor não há um só som do caxinauá igual aos nossos.

Na tradução vou melhor. Não se trata apenas de entender o que está escrito, mas de interpretá-lo gramaticalmente. A distinção entre ativos e reflexivos me tem ajudado bastante, mas em suma a gramática é particular, e mesmo se conhecesse outras línguas sul-americanas, daí tiraria poucos ensinamentos.

Continuo porque já estou muito adiantado para recuar. Além disto, já tendo pago minha dívida ao solo com a divulgação do Wappoeus, ao elemento ocidental com o que pude perceber de sua história, o mesmo faço ao elemento indígena.

Como terão corrido as eleições? Virgílio lá foi anteontem, para votar no Hermes. O trem chega pouco depois do meio-dia e só para as duas ou três horas teremos aqui jornais. O resultado não me interessa muito. Qualquer que seja o presidente eleito, não endireitará o Brasil, nem o perderá. Se ao menos pudesse dar um pouco de vergonha ao povo e aos políticos! Se ele próprio tiver vergonha!

Como se engana você, considerando-se livre da politicagem! Rui insulta seus adversários em todos os tons, declara em Juiz de Fora desalmados aos que não votaram nele, chama o governo mineiro de desonesto, e você se indigna porque Augusto de Lima apara o golpe, estigmatizando-o como aventureiro!

Juscelino Barbosa, com todas as responsabilidades do cargo, declara que tem os balanços terminados até novembro, que dentro em pouco apresentá-los-á, até o fim do ano, que não houve esbanjamentos nem despesas ilegais, e você considera-o cínico, porque as murmurações de aldeia dizem o contrário, fixam os contos e talvez os vinténs por que se realizou a grande mercância!

No dia 6, aniversário do Werneck, estarei no Rio; espero ficar lá definitivamente depois da Semana Santa. Mesmo porque Calógeras precisa de mim, para ajudá-lo na revisão das provas de um trabalho em que está empenhado.

Saudades e saudação a todos.

*Capistrano*¹³⁴

¹³⁴ ABREU, Capistrano de. *Op. cit.*, v. 1, pp. 222-224.



(De Epitácio Pessoa para marechal Hermes)

Petrópolis, 24 de fevereiro de 1912.

Meu caro marechal Hermes,

Íntima

Ao Pessoa comuniquei o meu modo de ver sobre os assuntos de que me tratou. Agora permita-me que eu lhe diga, na confiança da amizade e movido tão-somente pelo interesse que me inspira a sua administração, alguma coisa acerca de certos atos do seu governo. Releve-me a franqueza: é mister falar-lhe uma linguagem a que o senhor não estará habituado, mas que é a linguagem da amizade verdadeira e desinteressada.

No caso da Bahia o governo tem sido muito mal aconselhado e parece estar deixando levar-se pelas informações parciais e pouco verdadeiras do doutor Seabra, a quem o marechal devia conhecer bem, alvo que foi de tantas das suas perfídias. Foi ele que com a sua ambição, as suas falsidades, com a desmoralização e o suborno de todos os serviços públicos do Estado, criou o *Caso da Bahia*, impopularizando e comprometendo gravemente o governo. Ele diz que tem a maioria no Congresso do Estado. Não é verdade: da Bahia foi remetido ao Supremo Tribunal *documento judicial* provando que a maioria está do lado oposto. Diz que o governador não pode convocar o Congresso para fora da capital. Não é verdade: há disposição *expressa* da Constituição dando-lhe essa faculdade. Diz que o Congresso não pode fixar dia para a eleição do governador. Não é verdade: lá está essa atribuição no artigo 26, parágrafo 2º da Constituição; o artigo 55, que ele cita de má-fé, rege espécie diversa. Como estes, outros pontos de direito e de fato eu poderia aqui recordar; mas bastam estes para mostrar a falta de lisura com que nesse negócio se tem conduzido o doutor Seabra.

Como quer que seja, porém, o que é certo é que o marechal se comprometeu formalmente a repor o governo legal da Bahia, reconhecendo que o doutor Aurélio Viana *fora coagido* a renunciar.

Estávamos, pois, em frente dum compromisso do chefe do Estado, chefe do Estado que é ao mesmo tempo um marechal do Exército.

Que é o que se poderia esperar dessa promessa, feita ao Supremo Tribunal em documento solene, feita mais tarde à própria nação no expressivo e eloqüente telegrama que o senhor passou ao general Vespasiano? Que o presidente da República a faria efetiva, sem ambigüidade nem tergiversações, contra tudo e *contra todos*, tal qual afirmava o Supremo Tribunal para recusar o primeiro *habeas corpus*. Ao invés disto, que foi o que se viu? O presidente manteve na Bahia todos os elementos de coação e incumbiu da reposição do governo o mesmo general que, segundo declarações do próprio presidente ao Supremo Tribunal, *excedera às suas ordens e coagira* o doutor Aurélio Viana a abandonar o governo, o mesmíssimo general contra quem, a não ser alguns camaradas ou interessados, a nação em peso se levantara num grito unísono de condenação pela escusada barbaridade do bombardeio! Não estou declamando. Eu que vivo no meio de todos, oposicionistas e governistas, posso dar o meu testemunho não só da indignação que provocou o procedimento do general Sotero, como da estranheza que produziu, entre os melhores amigos do marechal, o fato de ser aquele general o incumbido de restabelecer no governo o doutor Aurélio Viana. Mas não é só isto. Vimos mais tarde o coronel Ferreira Neto discutindo ordens terminantes do presidente da República e passando-lhe telegramas de insinuações e de conselhos; vimos simples tenentes e empregados públicos virem para a praça pública opor-se pela violência à execução daquelas ordens, e o governo conservar-se indiferente a tudo isto, deixar que as suas ordens fossem impunemente ludibriadas pelos seus subalternos e que estes reduzissem a nada a sua palavra e os seus compromissos! Ainda não é tudo. Vimos o presidente da República mandar receber por um ajudante de ordens e em carro de Palácio o mesmo general a quem ele imputara o crime de, excedendo às suas ordens, coagir um governador de Estado a renunciar o governo; vimos mais tarde esse general ser convidado a jantar com o presidente e por fim ser enviado a reassumir o comando da mesma força com que praticara aquela coação e no mesmo Estado em que a exercera!



Tudo isto parece incrível! De que processos, de que argumentos, de que enleios se têm lançado mão, meu amigo, para desviar o seu espírito, sempre tão ponderado e criterioso, da incongruência e contradição desses atos, e não lhe deixar perceber o desprestígio que daí resulta para o seu governo? Como é que entre os amigos que o rodeiam não há um só que lhe transmita a impressão produzida cá fora por esses fatos, não entre os adversários, mas entre as pessoas imparciais e até entre os amigos, que não sabem como defender o governo, acusado ou de estar procedendo com perfídia ou de não ter vontade diante do capricho interessado de certos amigos?!

É pena que a minha qualidade de juiz e uma certa desconfiança que pressinto contra mim, oriunda de intrigas do doutor Seabra, não me permitam freqüentar o marechal. Eu que sou seu amigo sincero e sempre desejei os melhores triunfos ao seu governo, ter-lhe-ia talvez poupado algumas dificuldades.

Não se iluda, meu amigo. O governo está caindo numa grande impopularidade e desprestígio. Para isto dois fatos principalmente têm contribuído: o caso da Bahia e as candidaturas militares ao governo dos Estados.

Quanto ao primeiro, eu compreendo perfeitamente o seu constrangimento, tendo de arrancar o governo das mãos de correligionários dedicados para entregá-lo a inimigos rancorosos, faltos de honestidade e de patriotismo, que agora mesmo promovem essa agitação em torno do caso da Bahia, menos por amor à autonomia do Estado do que por ódio ao marechal e despeito pela sua vitória. Mas aqui é o caso em que o presidente da República age como chefe de Estado e não como chefe de partido. A normalidade constitucional dos Estados não pode ser abandonada ao capricho dos corrilhos políticos. Demais a verdade é que o senhor se comprometeu a restabelecer a normalidade constitucional da Bahia, e um homem de honra, sobretudo quando este homem é um militar e um chefe de Estado, não olha sacrifícios nem vê embaraços ao cumprimento de sua palavra. As razões de conveniência e de espírito de partido poderiam influir antes; agora não, é a palavra do marechal HERMES, do presidente da República, que está em causa.

Acompanhei a última fase da questão da Bahia. A impressão que tive é que o padre Galvão não assumiu o governo por medo ou por obediência ao arcebispo. Mas acho também que o general Vespasiano não cumpriu todo o seu dever, do mesmo modo que o governo não fez tudo quanto devia para cumprir a sua promessa. Desde que o general oferecia àquele sacerdote todas as garantias, e o padre, por motivos ou intenções que não convém agora esmerilhar, pedia a especificação de algumas, devia o Vespasiano responder que sim, porque ou Galvão viria ao governo, e o marechal teria honrado a sua palavra, ou não viria, e neste caso ficava patente o seu ardid. Foi talvez um movimento de altivez e de melindre do governo que o levou a dar por findas as negociações: não tinha que receber determinações ou especificações do padre Galvão, inspiradas por uma desconfiança infundada e ofensiva. Compreendo. Mas desde que o cônego não havia renunciado expressamente, como é mister, o seu cargo de primeiro vice-governador, o presidente da República não podia reconhecer o governo do Bráulio senão *si et in quantum*, isto é, senão enquanto Galvão não se resolvesse a assumir o governo com as garantias oferecidas pelo presidente. Desde que ele se resolvera a isto, o presidente é obrigado a prestigiá-lo e garanti-lo, pois que o cônego Galvão continua, para todos os efeitos, a ser o primeiro vice-governador legítimo do Estado.

233

Assim, eu compreendo e justifico o movimento de impaciência do governo e sua deliberação entrando em relações oficiais com Bráulio. É humano. Mas essa deliberação não pode ser definitiva. É preciso que o governo se resolva, e o declare, a repor o Galvão, desde que este queira voltar ao governo, embora a repô-lo com as garantias que ele – governo – entender necessárias e suficientes e não com as que aprouver a Galvão ditar e especificar.

Este é o meu modo de ver sobre o caso da Bahia, e creia que é também o dos seus verdadeiros amigos, como o daqueles que, não o sendo, se interessam, todavia, sinceramente pela paz e pela ordem legal da República.

Quanto às candidaturas militares, meu caro amigo, creia que urge por cobro a isto quanto antes, e uma palavra sua é bastante para nos poupar a essa vergonha, que, segundo cartas que recebo



da Europa, já está ali servindo de tema a comédias e *vaudevilles*. Livre-nos desse grave perigo que ameaça a República e cujas conseqüências ninguém pode prever.

Compreende-se que um Lauro Sodré, um Lauro Müller, e outros militares que têm elementos políticos, se façam candidatos ao governo dos Estados; mas que significa quererem à força ser governadores, oficiais que nunca militaram em política, que não têm valor nenhum nos Estados ambicionados, que neles não são conhecidos ou nem sequer nasceram, que são apresentados por meia dúzia de especuladores só porque são militares e podem, nesse caráter, à custa de violências materiais e por meio da tropa federal, que é destinada a fins bem diversos, arrebatam o governo dos Estados das mãos dos seus atuais detentores?

Que significa, por exemplo, as candidaturas de Alexandre Leal, no Maranhão; de Areias, no Piauí; de Noronha, na Paraíba? Como é que o marechal não chama esses oficiais, que nada valem politicamente, e não manda que eles se abstenham dessas aventuras?! Eles são cidadãos e como tais têm o direito de pretender os cargos eletivos. Sofisma! Esse direito não lhes dá o de perturbar criminosamente a ordem da República e o de levar a nação a oferecer ao mundo esse triste espetáculo de indisciplina, de retrogradação e de anarquia! Se eles não têm elementos políticos, eles não querem na verdade pleitear nas urnas um cargo eletivo, mas conquistá-lo pela força com a tropa que a nação paga para lhe garantir a paz interna. E o chefe supremo dessa tropa, e o presidente dessa nação, primeiro responsável por essa paz, há de consentir nisso?!

Procure ouvir a voz da opinião pública, meu amigo. Veja o movimento de simpatia que despertou em todo o país a sua primeira ordem mandando repor o Aurélio Viana, logo que soube que ele fora coagido. Quanto à militarização do governo, atenda à grita que se está levantando em toda a República e a impressão deplorável que isso está produzindo no estrangeiro.

Eis as impressões que, por um dever de amizade e de patriotismo, entendi conveniente transmitir-lhe.

Releve-me a possível vivacidade exagerada de algumas expressões, mas não esqueça que, escrita ao correr da pena, esta carta é

além disto ditada pela franqueza devida a uma amizade já bem antiga e não é destinada a ser conhecida senão pelo seu destinatário.
 Cria-me sempre o amigo afetuoso obrigado

*Epitácio Pessoa*¹³⁵

(De Rui Barbosa para Maria Augusta)

Rio, 7 de maio de 1914.

Minha querida e santa mulherzinha,

São seis horas da manhã, e acaba apenas de se abrir a casa, quando me sento, para conversar contigo (com que prazer, minha amiga!), no gabinete gótico, a esta cadeira, testemunha de tantos trabalhos, onde tanto te agrada ver-me sentado.

235

Nunca esperei, minha Maria Augusta, cara companheira minha a quem devo tudo, que eu fosse capaz de passar três dias, três! sem te escrever. Mas vais ver que não o fiz, porque absolutamente o não pude. Dia por dia, porém, te tenho buscado tranqüilizar com os meus telegramas, que mais longos teriam sido, se eu não receasse do telégrafo alguma das suas, nesta ocasião.

Não te quero falar nas saudades, que trouxe. Melhor é não tocar em feridas abertas. Nesta viagem empreguei toda a minha força de vontade; porque o dever, que me trazia, era grande, e Deus me mandava que viesse.

Separei-me de Joãozinho, amargurado, e acompanhei, enquanto pudemos vê-lo, o automóvel, em que ele nos seguia ao longo da praia, até à Escola de Aprendizés, acenando-nos com o lenço branco, a que o meu respondia. Durante quase toda a tarde foi-me companheiro de conversa o Osvaldo Cruz e, de vez em quando,

¹³⁵ PESSOA, Epitácio. *Op. cit.*, pp. 10-14.



um ou outro dos conhecidos. Às sete da noite, porém, quando as cornetas alemãs deram o sinal de jantar, fechei-me no meu camarote, refletindo que mais valia perder o magnífico banquete de bordo, extraordinário nestes vapores, do que amanhecer indisposto ao outro dia, quando tinha de dar conta de uma tarefa inadiável, em que precisava da minha cabeça leve e fresca.

Assim foi. Acordei bem. A manhã nevoenta não impediu que o cais estivesse cheio de nossos filhos, dos nossos amigos mais íntimos, bem como dos políticos, entre os quais o Franco Rabelo, que eu não conhecia, e que me foi abraçar, declarando-se um dos mais humildes e dedicados. Encontrei tudo bem, na casa triste pela tua falta e pela dos outros ausentes queridos. Eram nove e meia, quando cheguei, e ao meio-dia em ponto seguia, de carro, com as nossas bestinhas pretas, para o Senado, onde queria chegar muito antes da hora, para que alguém se não inscrevesse antes de mim. Graças a isso, à 1:15h da tarde estava na tribuna, proferindo o meu discurso, que ninguém esperava.

Bem longo já era ele. Mas ainda o alongou um acidente imprevisto. A rainha-mãe atirou-se a mim como gato a bofes, bradando que eu era useiro em faltar à verdade, que eu *lhe bulira com a filha*, e declarando em guinchos: “Saiba o senhor que o estado de sítio foi declarado *unicamente* por sua causa, porque o senhor foi o chefe do *complot*.” O escândalo era indescritível. Os próprios senadores da maioria acudiram com *ohs! ohs!* gerais às tolices do idiota. Não me foi difícil, pois, deixar, como deixei, a rainha-mãe em panos de água e vinagre. Mas o Pinheiro mandou-me pedir licença, para omitir, na publicação oficial dos debates, a cena vergonhosa. Concordei.

Eram perto de quatro horas, quando saí do Senado, e, precisando ainda de ir à cidade, orçava já pelas seis da tarde, quando cheguei a casa exausto. À noite, como durante o jantar, encheu-se a casa, e só perto das 11 horas me recolhi, já se vê, sem te ter escrito.

Mas nesse dia ocorrera um fato, que me ia meter em novos trabalhos. Querendo *O Imparcial* estampar o meu discurso, a polícia *lhe* declarou *que proibia a publicação dos debates parlamentares nos jornais*. Ciente logo dessa estúpida insolência, resolvi requerer, imediatamente, *habeas corpus*, para exercer,

como senador, o meu direito constitucional de publicação dos meus discursos.

No dia subsequente, pois, às cinco da manhã, estava eu sentado aqui a esta mesa, redigindo a petição, que devia estar pronta, ao meio-dia, para nessa mesma tarde ser despachada, e entrar em julgamento ontem, como entrou. Feito isto, almocei uma canja, e corri para o Senado, onde proferi outro discurso de cerca de duas horas, que impressionou profundamente o Senado, e a muitos comoveu até às lágrimas. Aí liquidei as minhas últimas contas com a rainha-mãe, que os seus próprios amigos, hoje, consideram o escândalo do Senado, e sobre o qual começam a chover as mais engraçadas anedotas com que o espírito dos oprimidos vai tirando a sua desforra dos histriões e salteadores desta época.

Só pelas seis horas da tarde, nesse dia, tomei casa; e, sem me poder deitar um momento, como o corpo me pedia, sentei-me à mesa do jantar às sete, e tive, de noite, o mesmo concurso de gente.

Ontem amanheci, escrevendo o discurso, que devia ler no tribunal, cuja sessão começou às 11:30h, estando eu já presente. Trabalhei, correndo, até às 11, a essa hora tomei, de pé, dois ovos quentes, sem um bocado, sequer, de pão, e, com dois goles de chá tomados já no automóvel, parti para a minha obrigação, de que só quase às cinco horas me vi livre. Mas o gosto foi grande, pelo imenso triunfo que obtivemos. Excedeu a toda a expectativa.

Votando *onze* juízes, concedeu-me o tribunal o *habeas corpus* por *dez*, com discrepância apenas de um: o Godofredo, que creio estará arrendidíssimo deste ato de miseranda fraqueza. A decisão foi além do que eu pedia; porque, pedindo-o eu só para mim, o tribunal o estendeu a todos os membros do Congresso e aos jornalistas.

Mas o governo está varridamente doido. Munido com essa decisão, *O Imparcial*, submetendo-se aliás à censura policial quanto ao mais, não a aceitou quanto aos meus discursos, dos quais compôs uma edição completa para o seu número de hoje. Esta madrugada, porém, a polícia apreendeu-a quase toda, escapando poucos exemplares, dos quais me caíram nas mãos dois, que guardo.

Já eu pretendia requerer, na sessão de sábado, um *habeas corpus* geral em favor da liberdade de imprensa. Mas com este ato



de revolta declarada contra o aresto do Tribunal, que o governo acaba de cometer, sou, também, obrigado a requerer, juntamente, outro em favor dos jornalistas de *O Imparcial*, ameaçados, outra vez, agora, de prisão, não obstante a ordem do Supremo Tribunal.

Ao mesmo tempo, devo comparecer hoje, bem cedo, ao Senado, para, na hora do expediente, pronunciar terceiro discurso, ocupando-me com este novo atentado.

Naturalmente não chegarei cedo a casa. Mas, a qualquer hora que chegue, terei de ocupar esta tarde com a redação das duas petições de *habeas corpus*, que me devem absorver, igualmente, a manhã de amanhã. Depois de amanhã (sábado), enfim, me tomará toda a manhã o trabalho de escrever o discurso, que, nesse dia, devo ler no tribunal, onde, provavelmente, se me empregará toda a tarde.

Eis, minha filhinha, a minha vida. Estou satisfeito de cumprir o meu dever até ao fim. Com estes dois últimos *habeas corpus* e o meu discurso de hoje no Senado creio que o terei concluído, na parte que de mim dependa. O que resta é o projeto de suspensão do sítio, que deve vir da Câmara. Mas parece que os mineiros não se envolverão neste assunto, enquanto se não apurar a eleição do Brás. Nesse caso, como ela absorverá, pelo menos, uns vinte dias, irei passá-los contigo na fazenda; o que me é quase absolutamente indispensável, pois a surra é excessiva, e só um quase milagre da bondade de Deus pode explicar as forças, que ainda me restam, para agüentar esta enfiada agitadíssima de combates e trabalhos numa luta tão desigual.

Sendo assim, no começo da semana que vem, aí estarei, como ardentemente desejo. As coisas, então, se acharão melhor definidas, para o bem, ou para o mal. Estamos num manicômio, arcando com loucos. Mas tu podes estar tranqüila. Deus está conosco. Nada me sucederá; e, lá ou aqui, breve devemos estar juntos.

Tenho os olhos, longos longos, no rio das Pedras, onde te vejo com os nossos bons e caros primos, nessa hospitalidade, com que a velha casa da fazenda se abre aos seus amigos. Abraça-os, por mim, estreita e afetuosamente.

Estou fatigado. Não posso escrever nem uma linha a João, a quem agradeço as duas cartas, assim como a ti as três, com que tanto prazer me tens dado.

Muitas saudades a Baby e a Dedélia, bem como ao Batista. Carinhos aos netos, especialmente a Delita.

Tia Elisa não vai bem. Ainda não pude conversar com os médicos. Mas me parece que dali dificilmente se levantará.

O Barbosa aqui veio. Mas não lhe pude falar. Imagina! O Cândido de Andrade visitou-me, logo que cheguei.

Adeus, minha Maria Augusta. Abraços e beijos, beijos e abraços do teu

Rui

P.S.:

Agora te escreverei todos os dias, breve, mas regularmente, espero em Deus.

A casa está em ordem. Chiquita dá boa conta do seu cargo de dona de casa, e me trata com muito carinho. O Raul faz-me boa companhia, não me deixa, e tem-me ajudado, com muita diligência, na cópia datilográfica dos meus trabalhos.¹³⁶

239

(De Capistrano de Abreu para Domingos Jaguaribe)

Rio, 15 de setembro de 1915.

Caro Dominginhos,

Acabo de receber sua cartinha.

Andava com saudades e ia escrever-lhe a pedido de nosso patrício Medeiros que foi ao Ceará buscar a família.

Ele deseja que lhe sejam reservados três ou quatro lotes em Itanhaém.

Causou-me surpresa muito pouco agradável saber que você ainda continua com dores reumáticas. Como a medicina é falha e

¹³⁶ BARBOSA, Rui. *Cartas à noiva*. *Op. cit.*, pp. 271-275.



impotente! Por minha parte, este ano tenho sido poupado, exceto logo à chegada de Mato Grosso, mas por um ou dois dias.

Acho que você deve abrir mão da idéia de capital nos Campos do Jordão. No planalto central está com certeza ser assim, dentro da letra da Constituição; dentro do espírito não está, porque a Constituição exige um ponto central, de fáceis comunicações para o país inteiro, e este só pode ser encontrado em Mato Grosso e Goiás, na divisora das águas entre o Amazonas e o Prata.

Mas isto é o menos; a verdadeira questão é financeira.

Você não pode imaginar a que ponto ficamos reduzidos, porque nunca freqüentou república de estudantes quebrados e caloteiros.

Com a guerra piorou tudo, e quem sabe quando acabará isto? Depois da guerra a coisa será pior, porque a reconstrução européia será a maior empresa que jamais se iniciou e de lá não podemos esperar nem dinheiro, nem capitais.

A Inglaterra, acostumada a ver touros de palanque, e confiar seus destinos a mercenários pagos com seu ouro inesgotável, está vendo que a era nova não tem paralelo possível com a Revolução Francesa, em que ela trouxe a espada desembainhada durante 25 anos, em todas as partes do mundo.

Para nós só poderia haver lucros se ficássemos indiferentes quanto ao trigo e quanto ao carvão. Quanto ao carvão as coisas vão-se encaminhando. Disse-me arrojado que com o sistema de pulverização e injeção agora aplicado nos Estados Unidos, poderemos arranjar-nos com a prata da casa. De trigo é que não vejo esperanças.

Tenho muita vontade de voltar aos Campos. Quando você for, me avise, porque tomarei, podendo, o noturno de luxo e assim subiremos juntos de Pindamonhangaba.

Vou saber notícias de Assis Brasil. Ele comprou grande quantidade de gado, e creio que por ter de ocupar-se com isto, ainda não veio. Talvez não venha, porque é no inverno que gosta de sair da estância.

Não tenho visto ultimamente Clotilde. Sei que Rolinha chegou e ouvi falar vagamente que poderiam morar em São Domingos, numa casa sua. A questão é se o terrível João Nogueira dará licença.

Recebi carta de Aprígio, há dias. Parece que por ora pouco tem feito. Calógeras anda tão ocupado e afastado que quase não se pode falar com ele. Desde que entrou para a Fazenda, só duas vezes pudemos conversar: da última achei-o muito abatido.

Beijo as mãos da boa dona Mariquinhas.
Saudades às filhas, genros e netos.

Um abraço do amigo velho

João¹³⁷

(De Capistrano de Abreu para Domício da Gama)

Santos, 11 de novembro de 1916.

Domício amigo,

241

Você chega, eu parto. Recordo-me com veemência de nosso idílio de 1900, com o nosso convívio quase diário, e as duas velhinhas, desigualmente caras, mas tão boas, tão santas ambas.

Você encontra a situação muito melhor que um mês antes; não temos de mandar soldados, felizmente.

Em diplomacia somos associados, não somos aliados; temos de formar ao lado dos Estados Unidos, entregar nosso voto a Wilson.

Não creio na amizade dos Estados Unidos, filho espúrio de Salvador de Mendonça, criado e chocado pelo barão, pelo Nabuco, por você, talvez por Assis Brasil, que já tem a visão menos turva.

O que vocês querem é colocar o Brasil relativamente aos Estados Unidos na relação de Portugal para com a Inglaterra.

Imagino e desejo ambições menos modestas.

O manual do Itamarati deve ser a *Ilusão americana*. Tem um? Deve ter, mas é o livro de um homem.

¹³⁷ ABREU, Capistrano de. *Op. cit.*, v. 1, pp. 41-42.

Ficarei em Pedras Altas até Páscoa ou São João, conforme circunstâncias que só em parte dependem de mim.

Até a volta.

*Capistrano*¹³⁸

(De Oliveira Lima¹³⁹ para Lima Barreto)

Parnamirim. Pernambuco, 9 de julho de 1919.

Meu caro patrício e amigo senhor Lima Barreto,

Respondo à sua carta de 29 de junho e muito estimo que me tenha escrito formulando sua pergunta, porque bem sabe o apreço em que o tenho. Penso que me faz a justiça de crer que não tenho preconceitos estúpidos de cor, que aliás não são brasileiros. Nas minhas conferências nos Estados Unidos em 1912 (que por aí andam publicadas em português, inglês e espanhol) disse nas universidades americanas que a solução portuguesa dada ao problema das raças era a verdadeira e não a americana.

No artigo a que o senhor se refere, coloco-me simplesmente “no ponto de vista deles”, e ajunto que, sabendo nós disso, o não deveríamos estranhar. Nem me parece que seja isto razão para afastamento político. O mundo já anda bastante cheio de separações. À sua pergunta se uma pessoa de cor deve em tais condições, porém, favorecer a amizade dos Estados Unidos ou com os Estados Unidos – a qual “nos convém”, como nos convinha a alemã, porque as duas se faziam contrapeso – responderei que não há o menor perigo de que esse prejuízo entre jamais na nossa psicologia. Não entrou nos piores, quanto mais agora.

O Brasil foi sempre, socialmente, uma democracia, que a política quer converter em oligarquia, mas não o logrará porque a

¹³⁸ *Idem*, v. 1, pp. 262-263.

¹³⁹ Manuel de Oliveira Lima (1867-1928) – historiador e diplomata pernambucano.

resistência é por assim dizer automática, e aí temos, e ainda bem, para fortalecê-la, a inundação maximalista. As idéias têm poder contagioso, é verdade o que o senhor diz, mas não quando vão de encontro aos nossos sentimentos mais íntimos e arraigados, diria ao nosso subconsciente (todo-poderoso segundo o doutor Miguel Couto) se não quisesse parecer pedante. Não quer isto dizer, repare bem, que eu seja pelo predomínio americano no Brasil: predomínio do nosso, da nossa raça caldeada. Sempre fui infenso ao pan-americanismo nesse sentido, e sempre fui partidário de uma *entente cordiale* de igual para igual. Terá notado que o meu artigo é simpático, sem ser sabujo: bem longe disso. Nos Estados Unidos mesmo tenho dito o que penso sobre o assunto, e, valha a verdade, nunca lá mo levaram a mal. Basta-lhe a explicação?

Desejo-lhe a melhor saúde e todas as felicidades. Creia-me sempre seu admirador confrade obrigado

*Manuel de Oliveira Lima*¹⁴⁰

(De Francisco Braga para Vilaça)

Rio, março de 1921.

Prezadíssimo Vilaça

Saudações.

De há muito tenciono responder às cartas e cartões que tens tido a gentileza de me enviar; infelizmente vou adiando de um dia para outro e o tempo vai passando e nada... Hoje, um pouco mais folgado e por ter sido lembrado por um cartão de Monte Carlo, envio-te este bilhete lacônico, todavia, suficiente para dar-te notícias minhas e os meus sinceros e quentes agradecimentos pela inalterável amizade que demonstras sempre, incluindo em teus programas alguma coisa deste teu imprestável amigo.

¹⁴⁰ In: BARRETO, Lima. *Correspondência*. São Paulo: Brasiliense, 1956, t. 2, pp. 39-41.

Creio que o nosso negócio está furado, pois não podemos, nesses cinco anos, dispor do Theatro Municipal, arrendado à empresa Mocchi, com cláusulas magníficas em seu favor: é o dono das coisas de arte cênica no Brasil! *Il faut trouver autre chose, mon vieux!* O programa para os festejos do centenário, no próximo ano, está mais ou menos delineado: fala-se em exposição, inauguração de avenidas e novos edifícios públicos mas, a respeito de música, nada! É verdade que acentou-se a idéia de fazer cantar *O Guarani*, ao ar livre. Como porém, os italianos não ligam e já temos tido óperas de Carlos Gomes assassinadas miseravelmente no Municipal, como sucedeu na presença dos reis da Bélgica que se retiraram no final do segundo ato!! tal era a porcaria, dando-nos a preços elevados um Salvador Rosa abaixo da crítica. Imagina tu o que não vai ser a parte que se reserva à música na comemoração do nosso primeiro centenário? Música no Brasil só o maxixe e a dos ranchos de carnaval.

Eu continuo dando concertos com a Sociedade de Concertos Sinfônicos e trabalhando a minha Anita Garibaldi a ver se a dou pronta para o centenário, pois o senador Lauro Müller muito se interessa. Sem outro motivo, comunico-te que, por aqui, todos os nossos amigos vão bem. Lembranças do Guerra e muitas recomendações a madame Vilaça.

Com um abraço do teu amigo grato e certo

Braga¹⁴¹

(De Epiácio Pessoa para Clóvis)

Rio, 22 de outubro de 1921.

Meu caro Clóvis,

Respondo à sua carta de ontem. O ministro da Guerra ainda não me falou do incidente com o capitão Dias de Freitas, mas

¹⁴¹ In: HORA, Mário. *Op. cit.*, pp. 78-79.

devo dizer-lhe desde já que o caso não pode ser como este conta. O governo teve conhecimento de que, por ocasião da chegada do doutor Artur Bernardes, alguns oficiais do Exército – como isto é contristador! – se associaram a desordeiros e assalariados para vaiarem aquele cidadão. Quando a polícia os queria conter, eles, que estavam à paisana, faziam não obstante valer a sua qualidade de oficiais. À vista disto resolveu o governo, no dia do jantar, que oficiais *fardados* fossem ao Passeio Público para evitar não só a reprodução daquela vergonha como possíveis conflitos com a polícia, que tinha ordem de prender todo arruaiceiro, qualquer que fosse a sua categoria. Não pode, pois, ser verdade que o general Fontoura mandasse o capitão Dias de Freitas à paisana tomar os nomes dos oficiais que se envolvessem nas arruaças para denunciá-los à autoridade superior. Conheço o general Fontoura desde capitão e posso assegurar-lhe que ele não pede lições de brio militar ao capitão Freitas ou a qualquer outro oficial: jamais o general Fontoura exigiria de um seu subordinado que se convertesse em secreta e delatassem companheiros. Por outro lado, o referido general não é um indisciplinado nem um imbecil, e, sendo assim, nem modificaria as ordens do governo, que exigia a presença de oficiais *fardados* no local, nem adotaria a providência idiota de procurar apenas conhecer, *post factum*, os nomes dos culpados, quando o que se queria era evitar que eles se tornassem tais e pudessem provocar atritos com a polícia. Aqui em palácio estiveram à noite dois dos oficiais que desempenharam aquela incumbência, um coronel e um capitão, ambos *fardados*, e, afirmo-lhe, tão briosos pelo menos quanto o capitão Dias de Freitas. O próprio general Fontoura, comandante da Região, foi em pessoa verificar se eram militares três indivíduos retidos pela polícia e que se diziam oficiais. Parece, à vista do exposto, que o capitão Dias de Freitas deve procurar outra explicação à sua atitude. Como quer que seja, e conforme disse em começo, ainda não estive com o ministro. Lembranças muito afetuosas a todos os seus e para você um abraço cordial do

245

*Epitácio*¹⁴²

¹⁴² PESSOA, Epitácio. *Op. cit.*, pp. 49-50.



(De Epitácio Pessoa para Clóvis)

Rio, 23 de outubro de 1921.

Meu caro Clóvis,

A sua carta não me aborreceu. Você nunca me aborrece. O que me magoou foi a injustiça feita pelo seu amigo ao general Fontoura e ao governo. Um minuto de reflexão basta para mostrar a impropriedade da imputação. Que adiantaria ao governo conhecer os nomes dos oficiais *depois da desordem*? O que se tinha em vista era *evitar a desordem*. Para isto era essencial que a ação da autoridade se fizesse sentir *antes*. Daí a necessidade da presença de oficiais *fardados*, que não se limitassem a tomar nomes, mas que afastassem ou prendessem os culpados e não consentissem atritos com a polícia. Aqui mesmo, como lhe disse em minha primeira carta, estiveram oficiais *fardados*. Essa história de oficiais *à paisana* para delatar companheiros, já explorada pelos jornais, não passa, pois, de fantasia. Como quer que seja, você não me aborreceu. Nunca me aborrece. E mais um abraço do velho amigo afetuoso

*Epitácio*¹⁴³

(De Rui Barbosa para Barbosa Lima)

Petrópolis, 4 de fevereiro de 1922.

Ex.^{mo} amigo doutor Barbosa Lima,

Releve-me a demora da resposta à sua carta de 15 de janeiro próximo passado. Só a minha amizade a V. Ex.^a me faria entrar de

¹⁴³ *Idem*, p. 50.

novo num assunto, em que fui o primeiro ouvido, e, declarando categoricamente a minha convicção, recusei o lugar a que me convidavam, de juiz ou árbitro.

Os diferentes trabalhos feitos sobre o célebre caso das cartas, submetidos ao meu conhecimento no copioso arquivo que tenho a honra de lhe restituir com esta, apenas vieram confirmar a minha opinião de que as referidas cartas são falsas. A preliminar indeclinável da questão, para quem de boa-fé quisesse esclarecê-la, não podia deixar de ser esta:

“Onde foram achadas as cartas, por que e de que maneira?”

Ora esta preliminar nem sequer foi estabelecida nos referidos trabalhos.

Era o ponto de partida do inquérito. Era a base da questão. Era o fundamento da pesquisa. Devia ser apurada minudente e meridianamente em todos os pormenores e circunstâncias, compromettesse a quem compromettesse.

Não haveria episódio do caso, por irregular ou censurável, sobre que se tivesse o direito de calar, prejudicasse a quem prejudicasse, desde que a sua divulgação era indispensável à prova. Ao em vez disso, porém, foi posta de lado essa preliminar, que era tudo, cingindo-se o exame à análise dos documentos, como se não fosse profundo menoscabo ao bom senso e prova de parcialidade abafar o ponto principal do problema, – claro e circunscrito – para só estudá-lo num aspecto inferior – falível, precário e opinativo.

Se as cartas fossem verdadeiras, os seus descobridores lhes teriam logo e logo revelado a origem, esmagando as dúvidas e denegações com a irrecusável prova da autenticidade.

Se fossem falsas, porém, não haveria outro caminho senão escondê-las, a fim de que a designação da sua fonte suspeita não lhes definisse instantaneamente a natureza.

Foi escolhido este caminho. Não se disse donde vinham. Só há uma conclusão: é porque são falsas.

Nada, na história das falsificações célebres, nada há mais grosseiramente amanhado que o ponto de partida deste caso.

Todo o documento falsificado, para impôr de verdadeiro, deve ter, pelo menos, procedência aceitável. Assim o *bordereau* atribuído a Dreyfus teria sido achado no lixo da embaixada da Alemanha,



por uma certa Bastian, há muitos anos sua serviçal, mas também a soldo do serviço de contra-espionagem da França. Assim as sete cartas de Washington teriam sido achadas em poder do seu fâmulo Billy, capturado pelo inimigo num dos incidentes da Guerra da Independência. Tais pormenores davam, quer num quer noutro caso, aparências de verdade à fábula. No de que nos ocupamos, porém, nem essas tinturas de verossimilhança se aparentam. É o regímen do crê ou morre.

“As caligrafias se assemelham, logo as cartas são verdadeiras”, – eis o raciocínio que por aí estadeia com fumos do irretorquível, cheio de raios para fulminar os que o ousam encarar rosto a rosto. Mas, para denunciar-lhe o sofisma, basta atentar-se em que, se este silogismo fosse verdadeiro, ninguém lhe escaparia. Toda a vítima duma falsidade estaria irremissivelmente condenada pelo primor da obra, que não admitiria prova em contrário.

Chegaríamos por essa teoria ao absurdo de que o perfeito da falsificação basta para prova da autenticidade.

Graças a Deus, porém, não é assim. Quem exhibe um papel argüido de falso, que não podia ter caído do céu por descuido, tem de mostrar como o obteve. Se não o faz, sob qualquer pretexto que seja, não é preciso mais nada: a confissão da falsidade ressalta, clara, precisa e manifesta da própria indeclarabilidade da origem, que, se fosse verdadeira, não precisaria ser ocultada.

Não se prossegue num inquérito, que tem por ponto de partida uma falsidade. Foi o que se deu com as cartas de Washington, a que já me referi. Provado o embuste da preliminar, isto é, provado que Billy nunca fora feito prisioneiro pelos adversários, – e muito menos no lugar e circunstâncias alegadas, – patente ficou logo que as cartas eram apócrifas. E, malgrado a assombrosa habilidade do falsário, que, aliás, nunca foi descoberto, o povo americano, com o seu admirável bom senso, deu-lhes, daí por diante, o crédito que mereciam, e não perdeu tempo em investigações posteriores.

É o que, na minha opinião, e pelas razões acima declaradas, já devia ter acontecido, há muito, no Brasil, com este caso, em torno do qual estamos vendo girar, com tão inconcebível gravidade, a política nacional.

Se o não satisfaz a minha resposta, queira perdoá-lo ao seu amigo

*Rui Barbosa*¹⁴⁴

(De Capistrano de Abreu para amigo)

Rio, 12 de julho de 1922.

Amigo,

Pus no correio, apenas as recebi, as folhas do *Marquês de Pombal* 10/16.

Parece-me faltar a nona; Pinto disse que não, mas iria arranjarla e mandaria com as novas provas. Acaba de telefonar-me Mário de Alencar, pai de um empregado do almirante Laemmert, que estão na biblioteca da Câmara. Irei buscá-las ao meio-dia.

Sobre a revolta nada tenho a dizer: os telegramas bastam para a orientação. Se vierem relatórios mais completos à luz, irão ter às suas mãos. Calógeras e Epitácio tomaram todas as cautelas, mas sobretudo foram felizes. Falhou o golpe do Supremo Tribunal, deu-se a conciliação em Pernambuco: sargentos espontaneamente inutilizaram os aviões que deviam aterrar e dizimar a população, porque aquela gente não tem coração; a Vila Militar transformou-se inesperadamente em centro de resistência contra o qual se esborondou a escola do Realengo, mentiram fogo os chefes, a Marinha não teve tempo de se mover.

Ficou demonstrado que não é tão fácil mover um exército de sorteados como o de tarimbeiros profissionais. Escrevi *é*; devia antes escrever *foi*, porque no Brasil nada há de definitivo e o resultado pode ser outro na próxima tentativa.

¹⁴⁴ BARBOSA, Rui. *Correspondência*. São Paulo: Acadêmica, 1932, pp. 430-432.



Estava preparando um artigo sobre a independência para *O Estado de São Paulo*. Desisti porque meus olhos não vão bem e não posso tomar compromisso a prazo fixo. Não deixarei, porém, o assunto de parte, e mais cedo ou mais tarde pretendo fazer algo.

Muito obrigado pelo retrato.

Ergebenst,

Capistrano¹⁴⁵

(De Capistrano de Abreu para amigo)

Domingo, 23 de julho de 1922.

Amigo,

Não tenho recebido mais provas do *Marquês de Pombal*.

A situação política tende à normalidade.

Na Escola Militar quase todos declararam-se complicados na bernarda. Não sem dificuldade foram divididos em três turmas: os mais culpados, depois de um mês de prisão, serão expulsos do Exército; os seguintes, depois de servirem um ano nas fileiras poderão prosseguir nos estudos; continuarão desde já os ilibados por diversas coisas – uns, em menor número, porque tiveram bastante caráter para não entrar em conluio, outros por ausência, doença ou qualquer acaso feliz.

Dos generais, dois dos mais roncadores, Barbedo e Cardoso de Aguiar, recuaram a tempo e estão imunes; Hermes e Joaquim Inácio tomam o céu por testemunha de que estão inocentes. Silvado, da Marinha, assume a responsabilidade de seus atos, aliás limitados a pensamentos e palavras. Espero não renegará Clodoaldo

¹⁴⁵ ABREU, Capistrano de. *Op. cit.*, v. 2, p. 256.

da Fonseca, apanhado de armas na mão, quando vinha de Mato Grosso, certo da vitória.

O inquérito continua com grande reserva: pelo menos por onde ando nada transpira.

Como há muitos civis implicados, os debates devem correr perante tribunais civis e não militares. Pelo menos há anos Rui defendeu esta tese, que não deve desagradar ao presidente, antigo jurista e magistrado.

A bicha devia estourar em outubro e suas probabilidades de vitória eram grandes. Estava tudo minado. Na Marinha a exacerbação era maior do que no Exército, se isto é possível. Tudo por umas cartas cuja falsidade trescala a distância!

Ganhou com isto o presidente eleito?

Não é certo. De bernarda militar está livre, a menos que a Marinha não queira intervir – coisa não impossível, mas pouco provável. Falaram, porém, tanto em bomba, em morte...

Para o mês devem começar os congressos. O dos americanistas deve ser fiasco, porque Instituto Histórico, Biblioteca Nacional, Museu puseram-se de fora. É o tal caso das lojas aonde se lê: *On parle français, man spricht deutsch*, mas a realidade limita a permitir que o freguês fale a língua que quiser, sem lhe garantir turgimão.

Para não assistir a estas coisas, estou preparando as minhas malas com sentimentos comparáveis aos de Adamastor, a buscar outro mundo aonde não visse...

Ergebenst,

*Capistrano*¹⁴⁶

¹⁴⁶ *Idem*, v. 2, pp. 257-258.

(De Capistrano de Abreu para Xarapim)

Rio, segunda-feira gorda, 1923.

Xarapim amigo,

A carta em que sondava sobre a possibilidade de você editar a correspondência de Vieira em São Paulo, cruzou-se com a sua noticiando que aí lhe deram a mesma incumbência. Tanto melhor.

Não sei a que cartas da *Corografia* você se refere. Se é às ânuas, posso dizer-lhe por ora que a Biblioteca Nacional possui uma cópia antiga, de que se serviu, e convém compará-la com a *Corografia*. Ignoro se a Biblioteca Nacional publicou também a ânuia dos *Mares verdes* etc.: não custa verificá-lo.

Fica de pé meu pedido de artigos sobre os correspondentes de Vieira para a *Revista do Brasil*.

Já lhe falei nos planos de Afrânio.

Estou tratando do volume anterior às donatarias, que deve começar com a carta de Caminha e terminar com o roteiro de Pero Lopes. Um documento me seria útil, se chegar a tempo: vem citado pelo Andrade Corvo no *Roteiro de D. João de Castro*, creio que página 100: refere-se a portugueses que vão aos domínios espanhóis além de Castela de Ouro, é uma carta régia e pouco extensa. Se for possível, mande-me com urgência.

Para ajudar-me no trabalho tenho Rodolfo Garcia, pernambucano, inteligente, instruído, mas que não dispensa censor, porque às vezes dispara.

O volume das *Denúncias* estaria adiantado, se eu não tivesse querido ajudar uns amigos. Bem razão tem a sabedoria das nações: negócios, negócios, amigos à parte.

A estas horas estará o amigo José lembrando-se das loucuras do carnaval. Se ele as tivesse visto nos 80 ou mesmo nos 90!

Ergebenst,

*Capistrano de Abreu*¹⁴⁷

¹⁴⁷ *Idem*, v. 2, pp. 268-269.



3ª Geração: nascida entre 1870 e 1900

Esta geração nasce em um período de aceleração do processo de mudanças no país. Ainda jovem, assiste a importantes conquistas de seus pais, destacadas no bloco anterior. Mal entrada na fase adulta, participa dos movimentos iniciais da também jovem república.

Impregna-se de idéias modernizadoras da sociedade, que têm como laboratório a capital federal, aliás cidade-emblema do encontro de gerações. As transformações por que o Rio de Janeiro passa no período são devidas tanto ao crescimento econômico-administrativo quanto à mentalidade das elites dirigentes. Problemas e perspectivas são colocados igualmente no horizonte de Machado de Assis, que fecha a geração nascida antes de 1840 e está em seus derradeiros momentos, e Lima Barreto, então na plenitude dos vinte anos.

255

A bordo de aviões e automóveis recém-incorporados à vida do país, esta geração constrói a atitude modernista e revoluciona vários campos da sociedade, das artes aos costumes. É ela, ainda, que promove a recepção de idéias, geradas na Europa, que propõem novas formas de compreensão do indivíduo e do meio social, como a psicanálise e a antropologia estrutural.

Nas cartas, ela faz o balanço da experiência republicana. A disputa pela direção dos ajustes considerados necessários envolve portadores de visões de mundo opostas por importantes ingredientes ideológicos: socialistas, comunistas, democratas autoritários, liberais conservadores etc., inclusive uma expressiva variante católica. As alternativas vitoriosas conduzem a caminhos pouco tranquilos. As circunstâncias externas tornam a situação mais complexa. O período se fecha com as indagações e angústias de um educador em face da guerra mundial e da ditadura no Brasil.

(De Lima Barreto¹⁴⁸ para Monteiro Lobato)

Rio, 4 de janeiro de 1919.

Meu caro Lobato,

Recebi as primeiras provas impressas. Fi-las ler por um amigo, aquele a quem o livro é dedicado. Julgo não ser necessário mais revisão da minha parte, podendo ela ser feita aí por você mesmo. O indispensável é atender bem às emendas que fiz nas provas, digo, na cópia datilografada, o que só pode ser feito por quem se disponha de paciência e carinho. Você está nos casos. Muito obrigado pelas referências aos meus broquéis; e, embora o João do Rio se diga literato, eu me honro muito com o título e dediquei toda a minha vida para merecê-lo.

Por falar em semelhante paquiderme... Eu tenho notícias de que ele já não se tem na conta de homem de letras, senão para arranjar propinas com os ministros e presidentes de Estado ou senão para receber sorrisos das moças brancas botafoganas daqui – muitas das quais, como ele, escondem a mãe ou o pai. É por causa dessa covardia idiota que “essa coisa” não acaba...

Digo as daqui, porque são as que eu conheço, na montra da rua do Ouvidor, e nos cochichos dos cafés, chopes e confeitarias.

Lendo unicamente jornais, como a gente inteligente do Rio, elas só conhecem a literatura do seu tempo por aquilo que, como tal, neles é publicado: João do Rio etc.etc.

Com a formidável venda que o livro de você tem tido aí, parece que lá a coisa é diferente. Nunca supus assim São Paulo. Penitencio-me!

O meu *Policarpo* do qual tirei 2.000, há dois anos, está longe de esgotar-se, apesar de tê-lo vendido (a edição) quase pelo preço da impressão.

A dona Albertina Berta foi mais feliz e a dona Gilca Machado, com os seus livros de versos, a cinco mil-réis a plaquete, ainda mais.

¹⁴⁸ Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) – escritor carioca.

Isto dá a medida da inteligência do leitor do Rio. Há uma coisa que ele pede ao autor: posição. Austregésilo pode escrever a maior tolice, seja sobre Mecânica Celeste, ou sobre a cura da bouba nas galinhas, que se venderá fatalmente. Haja vista o sucesso do Nilo com as suas *Impressões*. Além disso, uma outra coisa influi poderosamente no sucesso do livro: a tendência erótica, com uma falta total de pensamento próprio sobre as coisas e homens do meio. O leitor carioca não quer julgamento...

O leitor comum do Rio, ou a leitora, não sabe ver amor senão no livro em que ele aparece em fraldas de camisa. Incapaz disso, pois respeito e tenho muito medo de semelhante Deus, procurei empregar a violência, a análise cruel e corajosa, para ser veículo de minhas emoções e pensamentos, despertando a curiosidade, de forma a não morrerem meus livros nas livrarias. É defeito que neles eu reconheço, mas era preciso. Estou falando muito de mim.

Adeus.

Lima Barreto

258

N.B.:

Nasci no Rio de Janeiro e meus pais também.¹⁴⁹

(De Lima Barreto para Monteiro Lobato)

8 de março de 1919.

Meu caro Lobato,

Recebi os vinte exemplares, na casa do Schettino. Tenciono não te amolar mais com pedidos de mais. Não foi aí só que o

¹⁴⁹ BARRETO, Lima. *Op. cit.*, t. 2, pp. 56-58.

Carnaval absorveu todas as atividades. Aqui, também, mas isto quase um mês antes; e, depois, ainda temos os comentários, as discussões sobre o “vencedor” etc. etc. O meu Rio é essencialmente carnavalesco e, ao que parece, vai pegando a moléstia em todo o Brasil.

Mando-te ainda a *Revista Contemporânea*. O Godói que é teu coestaduano, disse-me que te pedisse mandar a *do Brasil* para a dele ou a que dirige – a *Contemporânea*. Ele dará notícia circunstanciada. Se te convier, manda-lhe.

Outra coisa: ponho com esta no correio o conto de que te falei. Mudei-lhe o nome. Não sei se fui feliz. Se não o entenderes bem, é sinal que preciso ver provas.

Poderás, então, mandá-las. Sem mais, adeus.

Lima Barreto¹⁵⁰

(De Gilberto Freire¹⁵¹ para Oliveira Lima)

259

New York City, 18 de janeiro de 1921.

Meu prezado amigo,

Recebi, da casa editora, o exemplar da *História da civilização*, com que me honrou sua lembrança. Em vésperas de exames, falta-me tempo para ler o livro com vagar e cuidado, o que farei nos primeiros dias de fevereiro. Do que tenho lido minha impressão é esta: que está escrito num estilo que prende a atenção – qualidade essencial às histórias; que, em geral, foi o material organizado e resumido (como requeria a índole do livro) de acordo com excelente senso de proporção – excetuo aqui a pouca importância à Idade Média; que não foi esquecido o lado social da história, nem

¹⁵⁰ *Idem*, t. 2, p. 61.

¹⁵¹ Gilberto de Melo Freire (1900-1987) – antropólogo e escritor pernambucano.



a expressão literária e artística dos povos, porém mui pouca atenção – na verdade quase nenhuma – foi paga ao econômico. Advirto-lhe de que não aceito, exclusivamente, a interpretação econômica de Marx e escola; porém como esquecer, quase, o fator econômico ao traçar um quadro de civilização? Gostei muito das boas ilustrações e mapas. Objeto à seleção de “Os grandes historiadores”. Como incluir, por exemplo, um historiador de segunda mão, como Fiske, em vez de Mc Master? E como esquecer Gibbon? Lamento, também, a falta dum índice. A estes reparos todos, darei melhor expressão, depois de me familiarizar inteiramente com o livro. Não há dúvida de que seu livro vem – vou usar uma frase usadíssima – “preencher uma lacuna” na nossa literatura didática. Ainda há pouco – antes de receber a “História” – escrevi para o Brasil, que lá, o ensino da história é, em geral... uma história. E é. Imagine o senhor: que compêndios! E que mestres – Oswaldo Machado & Cia.! Nos Estados Unidos se vem reduzindo (em alguns lugares eliminando, o que é de lamentar) o estudo do grego e latim; porém, por outro lado, mais interesse se vem prestando ao estudo da história, das civilizações. No Brasil, o estudo dos helênicos é mero literalismo, e o da história, o aprender de datas, nomes, batalhas etc. Seu livro, nas mãos de guia competente, poderá causar verdadeira revolução – e, ao contrário dos políticos, para melhor. Eu o felicito pelo trabalho, que é excelente.

Estive com Miss James, que estava ainda toda encantada do senhor e de dona Flora. Lamentou não poder ter passado aí, de regresso. Também o lamentei eu, pois fiquei sem os meus cobichados retratos.

Já voltou para Boston o senhor Goldberg. Gosto dele. Somos tão parecidos, nos gostos, nas simpatias, nas antipatias, nos interesses! Por intermédio dele vou conhecer o David Punski, o grande intelectual judeu, cuja casa é *rendez-vous* de gente de letras ou aliteratada. A propósito: como se diz *Yiddish* em português?

Desculpe, meu ilustre amigo, esta carta demasiado longa e receba, com a Ex.^{ma} família, as lembranças afetuosas do admirador

Gilberto Freire

P.S.:

Fui ontem com o senhor Helio Lobo à última aula (Direito Internacional) que deu o J. B. Moore. Parte hoje para a Europa, o Moore. O senhor Helio está tomando comigo um curso de Direito Internacional, na Universidade.¹⁵²

(De Lima Barreto para Lucilo Varejão)

Rio, 26 de setembro de 1922.

Meu caro Lucilo Varejão,

Recebi a tua carta de 5, na qual me deste o prazer de participar que já tinhas tirado 5.000 exemplares do teu último trabalho. Quando escrevi aquelas linhas na *Tribuna*, não imaginei tanto. Sabendo, como agora sei, o elevado número da tiragem, fico mais contente e dou parabéns a vocês daí que encontram leitores prestimosos. O Rio não dá nada. O *football* veio matar o pequeno interesse que ele tinha pelas coisas nobres do espírito humano. É pegares um jornal daqui ou uma revista e verás que a maior parte dele e dela é tomada com coisas de *sport*, sobretudo de *football*, mesmo no que toca ao noticiário policial. A pouca literatura que sai em jornais daqui é lida por alguns e aborrecida por quase todos. *Football for ever!* Convenceram a todos esses panurgianos daqui que essa história de dar pontapés em bolas, quebrar canelas e braços, é grego ou coisa que valha, e eles levam a vida toda a cogitar nela, não tendo tempo para pensar em outra qualquer coisa.

As bibliotecas vivem às moscas; os museus, os concertos, as exposições de pintura, os arrabaldes pitorescos não têm nenhuma frequência; mas, nos domingos e dias feriados, não há campo de

261

¹⁵² FREIRE, Gilberto. *Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro*. Seleção, organização e introdução de Sílvio Rabelo. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1978, pp. 173-174. As cartas de autoria de Gilberto Freire foram cedidas para publicação neste livro pela Fundação Gilberto Freyre.

football, por mais vagabundo que seja, onde não se encontre uma multidão para ver homens possuidores de grandes habilidades nos pés. Depois, à tarde, vêm os “rolos”.

Terei muito prazer em travar conhecimento com o Araújo Filho, e logo que sair o *Feiras e Mafuás* hei de lhe oferecer um exemplar.

Recebi daí dois livros de mérito. Um é um romance – *Os irmãos Marçal*, de Olívio de Figueiredo; e outro é do senhor Estêvão Pinto – *Pernambuco no século XIX*. De ambos, queria tratar largamente; mas estou disposto a retirar-me aos poucos da imprensa, quer diária, quer periódica. Dá muito trabalho, provoca aborrecimentos e nenhum proveito se tira. Por isso, não escreverei os artigos.

Quanto aos teus livros, tanto o que está com o Monteiro como o que está com o Schettino, nada sei de positivo.

No que toca à última parte da tua carta, hás de me permitir que não te diga nada. Contudo, devo lembrar-te que a nossa revolta só é legítima quando em nome de um ideal, ou contra alguma injustiça; e ela deve ser sempre literária e nunca tomar o tom de difamação à Apulcro de Castro, nem a feição injuriosa de debate entre articulistas políticos.

Recomenda-me aos amigos e sou sempre um teu admirador e amigo

Lima Barreto¹⁵³

¹⁵³ BARRETO, Lima. *Op. cit.*, t. 2, pp. 228-229.

(De Alceu de Amoroso Lima¹⁵⁴ para Jackson de Figueiredo)

Petrópolis, 2 de fevereiro de 1923.

Meu querido Jackson,

Esperava a tua visita. Não a recebendo, esperava a tua carta. E esta, se veio atrasada, chegou afinal e chegou com as palavras que eu esperava do teu impenitente conservadorismo literário. E aqui está o que julgo o teu erro: confundes o espírito conservador político e espírito conservador literário, autoridade social e autoridade estética, e pensas que quem quer bem às letras só pode escrever de acordo com o modelo imemorial do que já se tem feito e refeito em séculos de literatura. Sou, como você, um espírito conservador em política, embora julgue que essas minhas idéias precisem de uma certa atenuação, em virtude da situação que tenho. Sou suspeito de defender, embora com certas restrições (admitindo as reformas necessárias como fruto de evolução natural), uma sociedade que podem alegar que defendo por interesse ou coisa parecida. Só homens como você, a quem a nossa sociedade não recompensa nem com um milésimo do valor que possuem, podem defendê-la de cabeça erguida, pois nada tem a perder com a sua queda. Mas que é que tem uma coisa com outra? Defender a volta a uma política de bom senso equivale a exigir da arte uma negação de sua modernidade, de sua renovação, de sua mocidade necessária? Devemos estar fartos, no Brasil, de coisinhas medidas e acadêmicas, por moldes feitos em França, para uso de meninas de colégio. Sofremos de não ter a coragem de ser novos, de procurarmos uma expressão nossa, embora bebidos os princípios renovadores em literaturas estranhas.

É possível que haja muita *blague* no que escrevem esses novos de São Paulo. Nem algum deles nega isso, como o Mário de Andrade. Mas é uma *blague* de combate, um pouco ingênua, sem dúvida, mas necessária para agitar esse mar morto em que andam geralmente

¹⁵⁴ Alceu de Amoroso Lima (1893-1983) – escritor e pensador fluminense.



as nossas letras. Tive mesmo todo o cuidado em acentuar, a cada passo, que o livro dele era mais um livro de combate do que um livro de poesia.

Quanto ao que você diz sobre medida, moderação etc., estou farto de ler isto nos críticos franceses. Vou mesmo além: sou adversário do romantismo e você bem sabe quanto estou ligado às idéias, mesmo estéticas, da *Action Française*. Apenas, há duas coisas a pensar nesse ponto: primeiramente, que é preciso entender *classicismo* (classicismo, que não venha repetir Antônio Ferreira etc.) inteligentemente, como *disciplina interior*, domínio da própria sensibilidade e força de vontade literária de forma a dar o máximo de intensidade à expressão do mundo interior de intuições, de idéias, de imagens. E depois, que nós, brasileiros, estamos perante um novo problema literário que não é o mesmo que tinham a resolver os franceses, que são os mestres em que todos nós bebemos a nossa cultura, mas a quem por vezes vemos demais como autoridades incontestáveis e como modelos a seguir com servilidade.

A arte de Mário de Andrade, que você acha puro fruto de uma imaginação demente e de um espírito insincero e carnavalesco, procura evidentemente (através da preocupação combativa de *épater le bourgeois*) essa expressão de um momento de civilização, cheio de esgares, de incertezas, de exageros, de abusos, de forças novas magníficas, de abusos intoleráveis, de anarquia mental e de progresso material. Acha você que para exprimir esse Brasil que se levanta (com todos os seus evidentes defeitos e esgares insuportáveis) basta a pena de Bernardim Ribeiro? Se acha, não vale a pena discutirmos mais.

Compreendo, aliás, que tudo isso irrite profundamente você, mas não vejo por que não te irritava o sensualismo de Olavo Bilac e outras coisas mais do parnasianismo. Ou você procura na arte simples ensinamento moral, como se depreende do seu artigo sobre o Osvald de Andrade, e nesse caso Henry Bordeaux a seu ver vale mais que Anatole France (esse *patife*), ou procura também uma expressão sempre nova e viva de beleza e de personalidade, e nesse caso não pode fechar a sua inteligência e o seu gosto a novas formas de arte.

Você me acusa de ter pervertido o meu gosto e de não ler Sainte-Beuve. Leio-o sempre com o mesmo encanto, não sem

reconhecer que não teve para a literatura sua contemporânea a mesma intensidade e justeza de visão que para a desse século XVIII que ele tão bem exprimiu. Agora, eu por minha parte, devo dizer que você não procurou seguir a mancha dessa literatura francesa, para só falarmos dessa, por ser a que mais nos influencia e cujo modelo de medida e moderação você tanto encarece, com relativa razão.

Acaso você já leu a obra de Marcel Proust, de Paul Morand, de Joan Giraudoux, de Tristan Derême? Limito-me a citar nomes de escritores (um dos quais já morto, como Proust) que pertencem à extrema direita, intimamente ligados, senão filiados, à *Action Française*. Pois bem, em cada um desses escritores, há uma nova forma de expressão artística, *revolucionária* talvez para os que pensam como você em matéria de estética, mas que não os impede de pertencerem à geração e ao partido que prega a contra-revolução. Há um movimento considerável de renovação literária, em França e no mundo, movimento que parte daqueles que se consideram espíritos *conservadores*, no bom sentido em que nós tomamos a expressão, mas que não se julgam obrigados, com isso, a não pertencerem a seu tempo e a repetirem indefinidamente o que já disseram os nossos avós.

Eu vou além. Não quero admitir, como originalidade, apenas o que seja expressão (original) nova, exclusivamente moderna. Deixei bem claro, nesses artigos que você com tanta coerência atacou, que o que me interessa na via literária é a variedade das tendências, a diferenciação individual marcada. Pouco me importa louvar, ao mesmo tempo, um tradicionalista e um modernista, se em ambos reconhecer talento, originalidade e sinceridade. E essa é mesmo a razão principal por que chamei de *expressionista* a crítica que procuro fazer: quero o jogo das expressões individuais e respeito a variedade delas, estimulando-as, enquanto me pareçam conter uma força nova, uma vitalidade própria. Esse é talvez o ponto vital da nossa discordância: você louva e prega a crítica dogmática, que submete as obras a certos critérios fixos, julgando-as de acordo com esses modelos inflexíveis. A minha crítica é o oposto disso: ela procura buscar a *vida* onde a encontre, e como um dos males maiores da nossa literatura é o academicismo, e o ar confinado da classicomania, é lógico que pode chocar por



vezes os espíritos tímidos ou dogmáticos, louvando certas inovações que parecem, à primeira vista, páginas de hospício.

É possível que, nos artigos a que você se refere, eu tenha forçado um pouco a nota do louvor. Foi muito de propósito, para agitar um pouco esse nosso meio e despertar as contraditas vibrantes de indignação sincera, como a sua. De minha parte não temo que esses constantes atritos de idéias que temos tido atenuem em nada a nossa amizade.

Assim como dizem que as guerras aproximam os povos, as discordâncias de idéias aproximam os amigos. Isso de minha parte, e ousou julgar que o mesmo se dá com você, apesar do calor e da indignação com que você ataca os erros, ou as discordâncias, dos seus amigos. Onde você se engana é na importância que atribui às minhas críticas. Pouco valem e menos valerão de agora em diante, quando se afastam de mim todos os que tomam as letras a sério. Vou continuar mais do que nunca, como até hoje: só. Pois recusarei qualquer adesão a velhos ou novos, especialmente a estes, a quem nada devo e que menos me devem. Sou e serei um franco atirador. Já estou me rindo, com antecedência, da indignação de um desses novos sem talento, que me julgará na obrigação de louvar algum seu mau livro, e se surpreenderá com a minha crítica discordante. Terá o mesmo gesto de repulsa a esse *gagaísta*, como você teve para esse absurdo *neo-futurista*, que tanto chocou o seu bom gosto. É a minha sina: a de descontentar no dia seguinte, aqueles a quem na véspera tinha tão plenamente satisfeito.

Mas basta de gestos espanholados de inteligência e orgulho bobo. Só quero uma coisa: é que você creia que existe em mim, cada vez mais viva, uma grande, uma profunda, uma indelével amizade.

Teu

Alceu¹⁵⁵

¹⁵⁵ LIMA, Alceu Amoroso e FIGUEIREDO, Jackson de. *Correspondência. Harmonia dos contrastes (1919-1928)*. Organização geral de João Etienne Filho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1991, t. 1, pp. 63-67.

(De Mário de Andrade¹⁵⁶ para Anita Malfatti)

São Paulo, 25 de agosto.

Anitinha,

Enquanto o banho que me preparam não fica pronto aqui te escrevo. Imagina! É fim de agosto e faz um frio... senegalesco. Um horror! Bateu desde anteontem uma invernina repentina que não permite nem a gente andar. Pasmoso este Brasil! Invernos sem motivo, revoluções, caruncho destruindo totalmente as plantações de café, seca geral (há perto de cinco meses que não chove direito!) um pavor! Está mesmo perdida esta pátria querida. Caiu sobre nós uma profunda e eficaz maldição. Comecei a carta sorrindo e já fiquei triste. Como é ruim isto da gente ter coração! Quanto ao que houve por aqui não descrevo nada. Tua gente naturalmente já te inteirou de tudo. Foi uma coisa que não deixou de ter os seus lados belos e não acabou ainda. Até quando irá não se sabe. O povo está dividido e como sempre injusto. Os que são revoltosos acham que todas as infâmias foram feitas pelos governistas. Os que são governistas dizem o contrário. A verdade é que houve infâmias de parte a parte, mas o procedimento dos revoltosos, apesar de tudo, foi muito mais nobre que o dos governistas. Isso é que não há dúvida, porque os próprios governistas corretos o afirmam. Tu estás na obrigação de puxares pelo governo... Fazes muito bem. Congratula-te com o Freitas Vale e com o presidente do Estado. Creio que isso te fará bem. Aliás não precisava aconselhar-te nesse sentido, já deves ter feito isso.

Mando esta carta para Paris. Si não estiveres ainda lá, esperará por ti. Não me abandones no teu pensamento nem nos teus escritos. Manda-me sempre cartas e conta de ti. Sou insaciável a respeito de notícias tuas. Quero saber o que fazes, o que pensam de ti. Quando algum jornal escrever qualquer coisa sobre a tua arte, não te esqueças de que faço questão de ler. Manda-o. Pretendo agora

¹⁵⁶ Mário Raul de Morais Andrade (1893-1945) – escritor paulista.



lançar um artigo sobre Tarsila que dia a dia cresce na minha admiração. É engraçado! A pintura brasileira hoje está dependendo das mulheres e nas mãos delas! Tu, Tarsila e Zina sempre caminhando, enquanto os homens decaem. Si por acaso tirares fotografia dalgum quadro teu, manda-a também. Estou roxo para ver qualquer coisa tua. E muito, muito obrigado pelos instantâneos de Veneza.

Um grande abraço do sempre

Mário¹⁵⁷

(De Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo)

São Paulo, 6 de setembro de 1925.

Luís do coração,

Como você é tão bom pra mim! Cada carta de você é um carinho descansante pra mim, fico feliz. Deus lhe pague. Hoje é aniversário da minha prima Zilda. Pois ela tem de me esperar si quiser que tome chá junto com os outros. Hei de responder primeiro a tudo de você que tenho aqui. Vamos a ver: Primeiro me diga uma coisa, qual a sílaba tônica de requififi? Palavra aguda ou grave, requífife ou requififi? Outra coisa: é bem substantivo ou serve às vezes de adjetivo qualificativo também? Outra coisa do mesmo gênero: me diga si você já escutou por aí a palavra *pratita*, adjetivo qualificativo, querendo significar pessoa cheia de enjoamento, de não-me-toques. “Fulana é muito pratita” se fala por aqui.

Quem é esse Jorge Fernandes, hein? A apresentação de você está engraçadíssima. E o tal de Jorge Fernandes me deixou com

¹⁵⁷ ANDRADE, Mário de. *Cartas a Anita Malfatti*. Organizada por Marta Rossetti Batista. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1989, pp. 83-84.

água no bico. É bom mesmo. Sensibilidade e inteligência, me pareceu. “Contrição” um pouco mal realizado desde o “Andou feliz *sentida alma* (sentida alma é horrível. É só pra rimar com calma! Diga pra ele que mande à merda essa rima e escreva “alma sentida” que é muito bonito). Até “Aos pés”. Essa partinha é um pouco corriqueira por demais. Resto bom. “Remanescente” estupendo inteirinho e o último verso é colossal. “Talvez na guerra contra o Paraguai”... que mundo está nesse verso! Que achado formidável. Dê um abraço no Jorge Fernandes. Puxa, que nome feio o dele, não?

Recebi os índices. Também me puseram água no bico. Confesso que o livro *Lendas e tradições* me interessa mais porque me afeta nos meus assuntos e preocupações mais que os outros. Porém que venham estes e os devorarei. Não tenho nenhuma autoridade nem sabença em nenhum dos assuntos pra dar parecer. Digo só que são interessantíssimos. Buda santo católico me parece francamente mais *boutade* que outra coisa. O nome do livro é atívisimo, faz cócegas na gente. Terá extração certa. O sobre Lopes me ajudará na minha sabença de história pátria, tão pouco aprofundada.

Tenho inda por responder uma carta assú (no sentido de beleza) que a gripe fez você escrever... Conte com minha colaboração pra sua revista e si quiser a de mais alguém escolha e diga. Tratarei de arranjar. Não sei como vai ser a revista e fiquei indeciso sobre o tamanho das coisas, principalmente prosa a mandar. Por isso só mando versos agora. Si revista for tamanho da *Revista do Brasil* podem sair todos num número só, se for menor escolha o que quiser. Mandarei a prosa depois que conhecer o tamanho da revista. E ainda si você quer prosa pro primeiro número avise com tempo que mandarei. Estou você pra você, isto é, mande o que quiser. É como si fosse você mesmo fazendo. Também fiquei entinado com a coimbrada romântica, puxa que gente espiritualmente tuberculosa! Não fui na cantoria deles (e parece que é o melhor que eles trazem!), porém em tudo quanto era reunião a que ia, pronto: lá estavam os corvos. Que túmulos nesta vida tão cheia de vida do nosso Brasil! *Requiescat in pace!*

O tal de Congresso Regionalista me deixou besta de entusiasmo. Em tese sou contrário ao regionalismo. Acho desintegrante



da idéia da nação e sobre este ponto muito prejudicial pro Brasil, já tão saparado. Além disso, fatalmente o regionalismo insiste sobre as diferenciações e as curiosidades, salientando não propriamente o caráter individual, psicológico duma raça, porém os seus dados exóticos. Pode-se dizer que exóticos até dentro do próprio país, não acha? É certo no entanto que regionalismo bem entendido traz benefício grande sobre o ponto de vista da própria discriminação dos caracteres gerais psicológicos e outros dum povo. Si a minha adesão vale de alguma coisa, aí vai sincera com uma enorme sodade mandada pra esse Nordeste que amo como eu mesmo, que sou eu. Que pena eu não poder ir até aí! Si tivesse cobres e descobrisse tempo, ia de deveras. Como não vou, mando estas rabugens pra você. Acho o programa um pouco acanhado e além de regionalista regionalizante, o que é um perigo. Entre as teses dos “Problemas econômicos e sociais” vocês se esqueceram inteiramente do Brasil, o que acho positivamente um erro. A primeira de todas as teses devia de ser: “Contribuição do Nordeste para a constituição da brasileiridade psicológica, econômico-social, lingüística e artística”. Prás pessoas que vêem muito largo ou vêem amorosamente, como é o meu caso, isso está implícito no programa geral. O mal-entendido nasceu de haverem mais 99 pessoas que se ajustaram à primeira. Noventa-e-nove mal entendidos quasi sempre é a porcentagem. Veja si corrige isso com tempo. Si eu pudesse estudar mais, seria essa a tese que escolheria ou então furava o programa falando sobre o “Conceito de regionalismo”. “Vida artística e intelectual” quase com a mesma intenção nacionalizante em oposição à regionalizante das teses teria incluído: Caracteres gerais psicológicos dos brasileiros refletidos ou organizados tradicionalmente nas artes nordestinas. II: Contribuições lingüísticas do Nordeste para a língua geral do Brasil (lexiologia, fraseologia sintática, modismos expressionais). III. Folclore nordestino. Não vejo bem aonde a gente poderia tratar disso nas teses do congresso, a não ser de folclore no tratar de festas e jogos tradicionais. E assim mesmo...

Aliás, reconheço que nessa parte de vida artística e intelectual vocês se preocuparam mais com lados práticos que propriamente ideológicos. Em todo caso, tudo é prático em última análise entre os temas que apontei. Porém, de qualquer maneira que seja, o congresso é interessantíssimo e desejaria estar aí. E a sua casa que

você não se cansa de me oferecer em Natal... Como você é bom pra mim! Si fosse possível não imagine que eu esperaria repetição e convite não. Iria mesmo. Aliás o convite está aceito. Quem sabe o que virá um dia! Si arranjar jeito irei na certa passar uns dias com você. Seria só engrandecer esta felicidade de quem como eu já é monstruosamente feliz. E você faz parte da minha felicidade, Luís.

Te abraço

Mário

P.S.:

Mandarei *Paulicea*. Briguei definitivamente com Ariel. Vou ver se dou um jeito de arranjar os números dela. Vou ver si arranjo também um exemplar do *Pau Brasil*, um delicioso livro de poesia do Osvaldo, que não é meu parente. “Si arranjo”, porque quero com a dedicatória dele e é o sujeito mais atabalhoado do mundo. Promete tudo de coração, se esquece e tem dez milhões de negócios complicadíssimos, vai-se embora pra Europa sem a gente saber. Duma das últimas vezes, eu o tinha numa fazenda, quando recebi carta dele de Paris! Chegou ontem mesmo de Paris. Viaja hoje não sei pra onde. Estará no Rio na semana que vem, está em véspera de nova viagem pra Europa. É fantástico. *Pau Brasil*, que já conhecia e reli hoje de manhãzinha, é pra mim o melhor livro dele. Poesia genuína no sentido de lirismo. É lógico: a feição dele é o lirismo meio cômico, às vezes cômico por inteiro, divertido, alegre, de sujeito que come como você não imagina, passa bem, é feliz dentro de todas as vicissitudes macotas que lhe têm enriquecido a vida. Porque também ele é um pouco malabarista das vicissitudes. Brinca com elas e se diverte. A primeira parte são frases de cronistas e arranjadas juntas. É um dos achados líricos mais soberbos e ricos que nunca se fez. Que coisas lindas conseguiu construir com frases de Gandavo, de Fernão Dias, de Frei Vicente... Você verá. *Ciao*.

E mandarei uns exemplares da *Escrava*. Distribua si quiser.¹⁵⁸

¹⁵⁸ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991, pp. 38-41.

(De Mário de Andrade para Luís da Câmara Cascudo)

São Paulo, 4 de junho de 1926.

Luís,

Si quiser volte a escrever à mão, porém não mande carta tão curtinha como a última. Inojosa vem pra cá? E você também em janeiro? Taratá! Toca a banda do Fieramosca! Tara-ta-tchim! Toca a banda da Polícia! Pa-pa-pa-pum! Estou contentíssimo com a vinda de você. Avise com antecedência, hein, porque quero arranjar as minhas coisas e não nos desencontraremos. Não sei como será então, si terei muito trabalho, porém quero que minha vida seja de você e por isso faço questã (conhece o questã?) do aviso bem antecipado. Mas olhe, Luís, não deixe de vir, ouviu! Isto aqui anda digno de se ver e eu também ando digno de ser abraçado por você. Minha viagem por aí, em junho do ano que vem, está mais que certa. Até já pedi licença pro diretor do Conservatório e a obtive. Venha ver a gente e eu pagar a visita, é uma idéia colossal!

O Marinetti esteve aqui e no Rio, fazendo conferências e cabotinando numa conta. Os jornais falaram que fui no Rio esperá-lo. É mentira, não fui não. Pretendi ir, depois desisti e estou convencido que fiz bem. Aqui em São Paulo só estive duas vezes com ele e a desilusão foi grande. Nunca me interessei pela obra dele, que acho pau e besta, porém esperava um sujeito vivo e mais interessante. Me deu a impressão dum sujeito que fala de cor, tudo o que me falou já está nos manifestos de 1909. O sujeito está marcando passo ridiculamente. A segunda vez que o vi foi num chá no salão moderno de dona Olívia Penteado. Esteve absolutamente chato. Não o procurei mais e meio que banquei o indiferente. Me contaram que foi-se embora indignado conosco. É melhor assim. No Rio foi apreciadíssimo dos modernos e teve as honras, não me parece merecidas, de ser apresentado no teatro pelo Graça e na conferência do rádio pelo Ronald. Não posso compreender o entusiasmo que tiveram por ele, principalmente o Manuel Bandeira. As três conferências daqui não assisti. Estava avisado que si aparecesse no teatro teria uma manifestação toda especial pra mim e não vejo necessidade dum sujeito se expor a toda uma série de

desacatos de estudentada manejada pelo ódio de três ou quatro, a não ser que queira bancar o mártir. E na primeira noite foi de fato um horror vergonhoso. Mal o pano subiu e Marinetti apareceu, foi bombardeado por todas as espécies de projéteis, ovos, batatas cenouras e até bombas de parede. E isso durou por espaço de duas horas até que ele saiu sem poder sequer principiar a conferência. E apedrejaram o hotel em que ele estava, fizeram toda casta de provincianismo. Ele foi espantoso de calma e firmeza de si, as bombas arrebentavam aos grupos em torno dele sem que se mexesse sequer pra olhá-las. Também essa é a vida dele desde quase vinte anos e já deve estar acostumado. Na segunda conferência inda houve vaia e aplausos. Na terceira... havia no teatro umas cincoentas pessoas que o aplaudiram. O Rio se portou muito mais espertamente e civilizadamente; houve muita vaia, mas em geral levaram o homem de caçoadá, e só a história ficou meio séria quando ele quis fazer o elogio do fascismo. Depois dele estar já três dias em São Paulo é que fui visitá-lo. Não podia deixar de ir, embora esse fosse o meu desejo, porque ele desde a Itália e desde muito que tem sido gentil pra comigo. Fui e a primeira coisa que falei pra ele é que tinha deixado de ir à conferência porque discordava dos *meios de propaganda* que estava usando. Ficou sem se desapontar e pôs a culpa no empresário. E falou falou, dizendo coisas que eu já sabia e me cansando. Me despedi e espero que se tenha desiludido de Mário, que ele imaginava futurista, e espero também que as nossas relações terminem pra sempre.

273

Agora nós. Acho que você é injusto pra com o Guilherme. Gosto muito de *Raça* e embora a observação de você quanto à racialidade de *Raça* seja justa, não se esqueça que o problema era ingente por demais e que si o poema não resolve o problema da raça e não a sintetiza com exatidão, nem por isso deixa de ser um poema muito bonito. Aliás, me parece que o defeito principal de certos livros modernistas ultimamente aparecidos *Raça*, *Toda a América* e agora o *Estrangeiro* de Plínio Salgado, é que os seus autores estão se dando problemas grandes por demais pra resolver num momento em que nada está artisticamente fixado ainda e não sendo eles gênios com a visão do futuro tão firme e segura como a de Whitman. D'aí os livros deles prometerem mais do que dão e a gente ter, depois de lê-los, essa impressão desagradável do



desiludido. Afora isso, acho que tanto *Raça* como *Toda a América* são admiráveis. Nisso acho que ando mais acertado que eles: me dou problemas mais modestos ou nenhum problema e os nomes dos meus poemas e livros não prometem mundos e fundos, não acha?

Bem, agora vou na estação me despedir dum amigo que passa de Santos pro interior, sofrendo. Escreva e conte coisas. Não foi pra você que mandei o *Extraçeiro*? Agora já me esqueci si foi pra você ou pro Manuel. Por mim acho o livro inferior porém tem sido apreciado e posso estar errado. Si não mandei mando. Abraço grande do

Mário¹⁵⁹

(De Alceu Amoroso Lima para Jackson de Figueiredo)

274

Petrópolis, 24 de abril de 1927.

Meu caro Jackson,

Sua carta é admirável. E eu, como incorrigível crente no espírito, lamentei, mais uma vez, que essa sua terrível vida de luta, com as lesmas do nosso jornalismo dissolvente, não lhe permita escrever a obra longa, continuada, meditada, que você tem a obrigação de nos dar. Entretanto, poderá você dizer, e com razão, que essa sua fase de luta viva talvez venha a servir melhor à sua obra futura, do que, por exemplo, um relativo retiro semelhante ao meu. E eu concordaria com você. Você está vivendo, em carne e osso, as suas idéias. E só assim elas terão, mais tarde, quando coordenadas em doutrina, o *sangue* indispensável a uma obra que será menos de filosofia pura do que de filosofia de vida. E será então a recompensa do seu longo sacrifício.

¹⁵⁹ *Idem*, pp. 63-65.

Se Deus lhe poupar na luta, a obra virá e mais perfeita. É o meu consolo.

Passo a explicar o que entendi escrever, ao falar no seu romantismo da autoridade.

Acho, também, com você, que toda vida social, ainda a mais rudimentar, é fundada num princípio de hierarquia. E sendo assim, a autoridade é um princípio, um elemento vital, o próprio cimento de todo edifício social.

E o que entendo por política é justamente a arte de curar e defender a estrutura social. A política é, no mundo moral, o que a arquitetura é no mundo das artes. A arte que pode reunir as demais, ou pelo menos algumas delas se quisermos ser estritos na sua aplicação, – e ao mesmo tempo a arte fundamental que fornece as condições iniciais de outra qualquer arte.

Há, portanto, na política, um elemento básico de construção, de permanência, de cálculo seguro, de solidez de materiais, de subordinação de partes etc., que torna o princípio de autoridade tão fundamental em política quanto o cálculo da resistência dos materiais na arquitetura.

Agora, da mesma forma que só se consegue uma solidez definitiva em arquitetura, pela sábia e precisa distribuição de pesos e proporções, só se poderá conseguir a permanência do sentido social e a solidez da estrutura de organização de um povo, se o princípio de autoridade for *justo*. A justiça é inseparável do princípio de autoridade. Só pela justiça se consegue fazer desse princípio, não uma simples fórmula de força, mas uma convicção mais ou menos aceita pela maioria da comunidade social. E um governo que não conseguir essa relativa *fusion* do sentimento social não pode ser um bom governo. Tudo que faz de um povo uma personalidade coletiva, – imensa, diversificada, maleável, capaz de mil formas de disseminação, – mas no fundo uma personalidade, – é justamente o que liga, o que une, o que funde. Todo governo tem portanto a necessidade primária de criar no ambiente social, sentimentos de aproximação, ideais comuns, uma base de comunhão sobre a qual poderão pairar, inocuamente, as variedades de partidos etc. Ora, esse sentimento de difusão do princípio de autoridade só pode ser o princípio de justiça. E foi isso, a meu ver, que faltou no início do governo Bernardes e que arrastou consigo, como



uma engrenagem já então inevitável, todas as conseqüências ruinosas que assistimos. Bernardes não se limitou a receber um doente grave e a tentar, para salvar-lhe as últimas esperanças de vida, uma medicina heróica, embora rude. *Bernardes agravou, de início, o mal*, justamente por vir possuído do romantismo do princípio de autoridade, e não de uma concepção realista e prática desse princípio.

O que chamo concepção realista do princípio de autoridade, em face da concepção romântica, é justamente considerar esse princípio, não em abstrato, como puro conceito, mas em ação, no meio e nos fatos e nos homens, que ele vai ter como função coordenar, hierarquizar, para permitir a eles durar e realizar a sua expressão própria. Mussolini, com todo o seu cabotinismo de arrivista, com todo o seu bonapartismo que Maurras nunca cessou de atacar (em Napoleão), com todo o seu imperialismo romano perigoso, não só para o mundo, mas sobretudo para a Itália, pois pode jogá-la em aventuras para as quais ela não está economicamente, militarmente nem moralmente preparada. Mussolini, a despeito de tudo isso, representa de certo modo o princípio de autoridade em sua forma realista. Afirmando-se categoricamente como revolucionário, entrando em contato com a multidão, agitando paixões simples, e fundamentais ainda, como o patriotismo, para difundir a sua nova concepção de autoridade, vindo de um movimento popular irresistível, tendo tido o cuidado de criar de antemão, em torno de si, não só uma ideologia política, mas, também, e sobretudo, um partido de mocidade, vibrante, novo, entusiasta, decidido a afirmar a sua ação renovadora, Mussolini com tudo isso foi e é um autoritário realista. Ao passo que o nosso Mussolini de Viçosa, sem querer depreciar o muito que fez como *defesa*, nem negar as suas boas intenções de que estou plenamente convencido, não teve a penetração bastante para avaliar a diferença que vai do realismo da autoridade para o romantismo da autoridade. E daí a ter chegado ao que eu chamei – o falso romantismo da autoridade.

Penso, por isto, que não basta defender o princípio da autoridade. É preciso atender a que seja um princípio de autoridade justo, para que se consiga uma certa difusão, um certo assentimento, condição indispensável de toda vida social normal. Penso

que esse é o pensamento profundo do autoritarismo de Maurras, contra o qual, apesar disto, veio a igreja lembrar a necessidade fundamental de sobrepor a moral à política. Quando Maurras combate Napoleão e defende a *royauté*, por que o faz? Simplesmente em defesa do princípio de autoridade? Não senhor. Se o fosse, qualquer dos dois lhe fora indiferente, e Napoleão que acabou com a anarquia revolucionária seria um representante tão perfeito da hierarquia necessária, quanto o *roi*. Se Maurras defende o princípio do rei e ataca o princípio do imperador, é porque este representa o simples princípio de autoridade, em sua forma, romântica, e aquele, o mesmo princípio de autoridade, em forma realista e prática. É o sentido do *legitimismo*. O legitimismo não é apenas o sentimentalismo banal por uma família, mas o reconhecimento de um fio tradicional, de uma aliança histórica, de uma fusão indissolúvel entre os *formadores de cima*, de uma nação, a família real, – e os *formadores de baixo*, o povo. E nisso está o princípio de justiça que converte o princípio de autoridade, de chicote em cetro.

Agora, qual é o nosso caso, praticamente? Não temos uma tradição monárquica, não temos uma ligação qualquer, histórica, entre uma família e a formação do povo. E mesmo que a tenhamos tido no passado, hoje está totalmente extinta. A monarquia foi uma condição indispensável da nossa unidade no século XIX, e foi incontestavelmente um dos fatores da *superioridade* que então mantivemos no *continente* e que hoje está definitivamente (?) relegada ao passado. Nesse ponto, a instabilidade, a vaga ideologia republicana, cortada de tiranias periódicas e sem raízes na nação, a crescente cisão entre governo e povo, a decadência moral, o retrocesso da instrução, e finalmente a oligarquia política na qual vive assente essa vaga esperança de estabilidade e continuidade que ainda temos (e que é a mais instável das bases, pois uma oligarquia é, por definição, uma aristocracia sem raízes e sem respeito público), – tudo isso faz com que a república autocrática (em princípio) fosse um retrocesso sobre o império, cheio de fumaças liberais e democráticas artificiais, mas, ainda assim, coerente, permanente, coordenador, em seu moderantismo, em seu rotativismo periódico de partidos.

Desde que não temos, portanto, nem uma coisa humana como uma família, nem mesmo uma tradição histórica continuada de



princípios políticos, como seja um idealismo parlamentar, ou comunista, ou lá o que seja, só nos resta por ora, como elemento de *justiça*, o pouco que temos de *Lei*, de lei constitucional, de lei jurídica prática (aplicação dos princípios legislativos e respeito a essa aplicação) e de lei moral.

Em torno desse frágil núcleo de coisas impalpáveis é que o nosso princípio de autoridade pode receber o prestígio necessário para difundir-se e penetrar o espírito público, por mais corrompido que esteja pelo invencível libertarismo do palavreado sonoro da demagogia.

E não haverá, afinal de contas, mesmo na massa do nosso povo das cidades – o mais corrompido dos nossos componentes nacionais – não haverá, já relativamente difundido, o sentimento dessa subordinação à lei, à *Lei*?

Qual foi o maior elemento da esmagadora impopularidade de Bernardes?

Parece ter sido a prolongação indefinida do estado de sítio, isto é, a privação da lei, ou pelo menos, o arbítrio e a instabilidade da *Lei*.

Não haverá, portanto, nesse relativo respeito à lei, que ainda se encontra em nossos meios mais corrompidos, a esperança de uma certa estabilidade social, um obstáculo à dissolução?

Se reconhecermos que sim, teremos de concluir que o respeito à lei, e portanto à *justiça*, constitui um elemento primordial, para nós, de qualquer esperança de volta à sanidade. E que portanto não basta defender o princípio da autoridade, mas sim o princípio de autoridade baseado na justiça, para que qualquer ação política seja útil em nosso meio e não apenas uma aventura heróica e sem base.

E quando Bernardes deixou de cumprir um *habeas corpus* do Supremo Tribunal no caso do Estado do Rio, quando deixou que no Banco do Brasil se fizessem inúmeras transações ilegítimas, como se tem descoberto recentemente, e outras muitas ações suas, como governo, que demonstram a cisão em que andava o princípio de autoridade da Justiça, tudo isso demonstra que não fui exagerado em dizer do Bernardes que teve (apesar do muito que fez de acertado, sobretudo *em defesa*, pois como construção, ou não teve tempo ou não se deixaram fazer ou não soube bem o

que fazer, apesar do acerto de certos dispositivos da Reforma Constitucional), que Bernardes teve, digo, o falso romantismo da autoridade.

Sucedeu o mesmo que há dias, acabou-se a tinta do *stylo* e agora só o enchendo no Rio.

Tentei explicar, até aqui, a distinção que faço entre romantismo da autoridade e realismo da autoridade. Você dirá em resposta o que pensa a respeito. Embora, por sua última carta, eu já possa ver que você coloca o problema em outros termos, encarando apenas os que defendem o princípio de autoridade e os que negam o princípio de autoridade. Se assim fosse, nada teríamos que debater, pois aceito também a autoridade como condição de estabilidade e portanto de felicidade social. O que discuto, porém, é o *meio* de alcançar o *objetivo* da autoridade. Pois não considero esse princípio de autoridade como *um fim* e apenas como *um meio* para chegar a um fim.

Na segunda parte de sua carta, fala você no que entendo por “pequena democracia”. É exatamente o assentamento da sociedade em núcleos *conscientes* de população. Uma das considerações primordiais, a meu ver, para quem encara o problema político de um povo, hoje em dia, é considerar a difusão da instrução pública. O sentido *imperial* do governo, o sentido romano, era aplicado especialmente no domínio do império sobre populações mais atrasadas e bárbaras. O mesmo se dá no início de uma nacionalidade. Hoje, porém, a evolução do Brasil no sentido de seu engrandecimento e fortalecimento, não só como nação, mas especialmente como nacionalidade, marca uma intensificação da consciência do poder local, das liberdades locais, da autonomia local, de modo a tornar a vida social cada vez mais assente nessas bases de justa independência.

Contrariar essa evolução é deixar de reconhecer mesmo o que você muito justamente apontou como nossa tradição nacional mais pura: a tradição colonial independente ou contra o poder da metrópole.¹⁶⁰

¹⁶⁰ LIMA, Alceu Amoroso e FIGUEIREDO, Jackson de. *Op. cit.*, t.1, pp. 104-110.

(De Alceu Amoroso Lima para Jackson Figueiredo)

Rio, 28 de julho de 1927.

Jackson,

Esta vai apenas para pedir-lhe que me mande as *notas* a que se refere sua carta. Você é um homem *enorme*. Eu não sei se me explico bem, mas o que sinto diante dos problemas políticos do Brasil é curioso: teoricamente, quando leio o que você escreve e mesmo quando medito, longe de qualquer recordação de suas palavras, estou de acordo com você; e no entanto, quando vejo a *realidade* cotidiana, as necessidades imediatas, a *prática* dessas mesmas idéias, vejo tudo confuso e tão diferente e mesmo, custamente confessar mas devo dizê-lo, parece-me que está tudo errado o que penso e o que admiro em tese, e que de fato o de que o Brasil precisa para sustentar-se é da mediocridade banal de um liberalismo desses *primários* bem-intencionados, mas prodigiosamente superficiais, do Partido Democrático.

Será fraqueza minha. Quero crer. Indecisão por falta de solidez de princípios, por falta dessa *rocha* tomista em que você assenta suas construções, ou desse *teto* sobrenatural (permita a expressão) a que você prende, sem receio de queda, suas deduções.

Para você ver como, em tese, nossas idéias concordam, basta dizer que a fórmula política brasileira a que eu há muito tempo cheguei é a seguinte, que procuro sempre tomar como critério ao julgar de livros etc: *centralismo político, federalismo administrativo e localismo econômico*. Isto é, uma autoridade política central forte, constituindo a chave da abóbada; uma administração descentralizada e portanto permitindo à vida da nação uma amplitude de movimentos autônomos, que a centralização administrativa do tempo do império dificultava. E finalmente uma vida econômica dominada sobretudo pela satisfação das necessidades locais, de modo a multiplicar a pequena propriedade, as pequenas fábricas etc., isto é, o próprio mecanismo distributista de Chesterton.

Ágora, basta passar à realidade, ao fato, ao concreto, para sentir uma verdadeira vertigem, como se a realização de tudo

isso viesse a degenerar em males piores do que os que procura atender. E nesse ponto, eu desejaria que você estudasse mais de perto o caso da América do Norte. Acabo de ler seu admirável artigo-programa da *Ordem*, onde há uma observação luminosa, genial. É onde você se refere à tendência dos povos latinos a simplificar os seus problemas vitais. Isso é a verdade perfeita. Estamos sempre prontos a resolver no espaço, no abstrato, os nossos problemas. E temo que o mal de nossas idéias políticas seja o mesmo. Não será preciso que sejamos um pouco banais? E que procuremos no plano rasteiro o que vai ter que se realizar também no plano rasteiro?

Daí o meu desejo de que você pense mais detidamente no caso dos Estados Unidos, da Argentina ou do Uruguai.

Vejo, por exemplo, que no Chile se está dando o que você quisera para o Brasil: uma nova experiência Balmaceda, com o coronel Ibáñez. Como no México a ditadura bestial do Calles se vê justificada com os mesmos argumentos (acabo de receber a esse respeito um livro de um cubano, *La biología de la democracia*, que só percorri por alto, mas que faz a apologia da ditadura Calles, com argumentos de autoridade, disciplina etc.).

Mas não será, com isso, perpetuar o caudilhismo? A minha infeliz frase sobre “caudilhismo e cesarismo” já serviu a um deputado do Partido Democrático para justificar o meio-termo que eles vêm tentar, – mas será possível aqui uma contra-revolução que não caia fatalmente no cesarismo? Ou que dure mais do que a heróica aventura de Garcia Moreno? E teremos o direito de implantar a aventura como norma de vida política?

Eu também sou monarquista, teoricamente. Acho que a tendência anarquizadora dos latinos só se pode realizar, nacionalmente, com toda a sua força coletiva, por meio dessa arquitetura de solidez e permanência que é a estrutura política monárquica. Mas neste nosso mundo em que o movimento essencial do momento é realmente a ascensão de novas classes sociais ao poder, a elevação das massas cada vez mais conscientes do seu poder, será possível nesse mundo pensar no poder permanente de uma *família*? E no Brasil então? Não será isso uma utopia, pelo menos inútil? E não será melhor sacrificarmos o nosso gosto ou as nossas deduções, com o fito de fazer um bem mais imediato a essa realidade



concreta e realmente amada que é o Brasil, – a nossa terra afinal, – seja democracia, seja oligarquia, seja monarquia? Qual o limite da pura abstração teórica e do bom senso? E sobretudo, será possível viver muito tempo um governo que se apóia sobre o ódio e, na melhor das hipóteses, sobre a indiferença? Até que ponto é possível essa cisão crescente entre governados e governantes?

A frase é banalíssima, bem o sei. Vive repetida por todos os demagogos. Vive explorada em todos os comícios populares. Mas será, por isso só, falsa? Será realmente desejável, ou mesmo *possível*, que um governo de hoje em dia dure muito tempo escudado apenas numa oligarquia política *desmoralizada* (desmoralizada não só perante o leitor da *Nação* ou da *Manhã*, mas desmoralizada perante você ou eu, é ou não exato?) e na fidelidade mais que hipotética deste nosso Exército, que tanto irá à direita como à esquerda?

Tudo isso me deixa perplexo e desolado. Se você pensa que a minha serenidade é felicidade, e que a minha abstenção é indiferença... Sei que você não o pensa, mas os outros pensam. E que engano!

Enfim, o meu sofrimento interior não se pode comparar com o seu, alma de fogo, como você a tem, balançada sempre entre infinitos e vivendo tudo em carne viva. Algum dia, porém, talvez venha a dizer-lhe tudo que sofro. E como aquela sua frase final ecoou longamente em mim. Se você soubesse como eu *procuro*? Mas sinto um frio interior, como de morte ou de, pior que a morte, inércia, dissolução, apagamento, mediocridade.

Vou dizer-lhe uma coisa, que deveria calar. Que hesito mesmo em dizer. Mas enfim, só a você, meu querido amigo. Todas as noites me ajoelho, *escondido*. Sim, escondido até de minha mulher. Como um criminoso, ou antes, mais banalmente, como uma criança que vai fazer uma travessura. Ela pensa que eu vivo sereno na minha descrença, ou mesmo na minha dúvida. E, no entanto, todas as noites, esse orgulhoso Tristão se ajoelha profundamente humilhado e balbucia o que lhe resta de preces, para pedir... pedir o que, se a gente só obtém quando dá, e eu nada tenho a dar, ou antes, não consigo achar o que dar, pois sinto que quanto mais compreendo racionalmente a possibilidade, a inteligência da fé,

mais vazio me sinto, quando deixo de pensar e espero pela onda interior, pela iluminação, pela convicção íntima, que deve ser *a fé*.

Mas tudo isso, por amor de Deus, que fique sepultado em sua alma, como na alma de um confessor. Tenho vergonha de ter ousado dizê-lo.

Seu

*Alceu*¹⁶¹

(De Jackson Figueiredo¹⁶² para Alceu Amoroso Lima)

Rio, 9 de agosto de 1927.

Meu querido Alceu,

O privilégio da alegria, que tem sido de alguns santos, não será talvez o maior dos privilégios de que gozam, em cada ordem, as almas mais vivas e, portanto, mais amadas de Deus. Eu, por exemplo, meu amigo (e talvez seja o amor de mim próprio o que me leve a falar assim), eu, por exemplo, nem antes nem depois de ter entrado os umbrais da Igreja, jamais deixei de sofrer, e sofrer tremendamente, sobretudo da luta comigo mesmo, inclusive com a minha miserável capacidade de criar e matar entusiasmos. Sou um homem, já lhe disse, em quem a consciência só procede bem quando procede tiranicamente, quando traz sob o guante das mais rudes indignações ou surtos líricos do espírito, os vôos passionais do coração, as nuances poéticas da sensibilidade. E você sabe que não há jugos tirânicos sem interrupções, o que quer dizer: sem lutas temíveis. Sim, meu caro Alceu, jamais foi a fé, para mim, essa iluminação, ou essa voz do alto, ou esse toque misterioso, ou

283

¹⁶¹ *Idem*, t. 1, pp. 125-128.

¹⁶² Jackson Figueiredo (1891-1928) – escritor e pensador sergipano.

mesmo essa plenitude de paz que você, em luta com os segredos da sua alma, parece julgar característicos da existência de quem encontrou a verdade. Não e não. Principalmente para nós, os filhos da revolução e da anarquia, não da revolução e da anarquia na ordem política somente, mas desta, bem mais larga e mais profunda, da intimidade das consciências e dos corações.

Note que esta revolução já se verificava antes do cristianismo. Ela já era, como é hoje, a tendência do homem para substituir à hierarquia que Deus imprimiu às coisas do mundo, o vago ou o tumultuoso domínio das paixões, de que a mais forte é, justamente, a liberdade: expressão puramente natural de um favor divino e que jamais devera mover-se senão em perfectibilidade, isto é, em busca da sua perfeição, que só está em Deus. Daí não haver contradição quando certos filósofos ousaram dizer que não há nem pode haver liberdade para o mal.

É evidente que só o mistério da queda aclara tudo isto. E a sugestiva imagem de Chesterton – a única luz que não podemos fitar é a luz pela qual tudo vemos – mais uma vez acha aplicação no mundo moral.

Mas seja como for, após a revelação de Jesus Cristo, isto é, após ter-se tornado, e para sempre, possível a reconciliação, em base de sacrifício, do homem com a sua primitiva ou verdadeira natureza – se a liberdade ganhou em força para o bem, a sua “figura” instintiva, a sua contrafação pelo orgulho e a sensualidade se fez, ao mesmo tempo, mais violenta e imperiosa.

Esta hora é a dos resultados fatais de uma sublevação geral dessas forças negativas, no império do homem. E ante o número dos males, perturba-se-nos a consciência, pois que também é quase fatal em nós o esquecermos que um só ato bom tem mais significação e valia que todos os maus, pois que, para os lados de Deus, é o infinito da vida, e para os lados do mal, tudo se resolve em nada. Mas, realmente, se é assim possível fazer frente filosoficamente a tantas agonias do espírito, não é possível deixar de senti-las, de temê-las, e lastimar a cada passo, a cada momento da vida vivida, que se vai vivendo...

E não é você só, meu caro Alceu, quem sofre destas oposições entre a consciência, que lhe impõe o valor da fé, e a sensibilidade,

cansada ou demasiado trepidante, que a distância dessa sensação de conforto, que devera corresponder à posse da verdade.

Mas basta imaginar que só intuitivamente limitamos ou sentimos o geral, ao passo que o particular (e o erro, e a dor estão sempre neste caso), esse, nos toca diretamente. Não é a vida normal aquela de que melhor temos consciência. É das moléstias, das falhas, do que externa e internamente nos perturba.

Ah! meu caro Alceu, se eu lhe contasse minha vida, mas a contasse em seus detalhes – com você entrasse os meus subterrâneos, descesse às minhas furnas, contornasse as minhas geleiras, atravessasse as minhas dunas espirituais, pudesse dar-lhe uma representação mais viva da minha paisagem interior – certo você veria que tenho bem mais do que você o que esconder e sepultar, e que o meu orgulho tem tido mais vezes do que o seu, ocasiões de curvar-se em atitudes bem menos dignas que a da prece.

Mas nada disto invalida a força da fé, a força da verdade na consciência. Não é verdade que Jesus Cristo tivesse prometido a felicidade aos povos e aos indivíduos. A salvação é coisa muito diversa do que geralmente ideamos como felicidade. Não, Ele, o que veio atestar foi o valor das almas no espantoso horror deste mundo decaído. Ele, o que veio atestar foi a existência de uma saída para a luz, de dentro destes muros de trevas. Ele, o que veio foi mostrar que o difícil caminho da humildade e do sacrifício é o caminho certo para a glória da ressurreição na vida real. Não; não é preciso ser feliz para sentir o valor da fé, isto é, o valor da existência como coisa que tem sentido, é conforme à nossa limitada razão.

A hora em que vivemos ambos é, além disto, uma hora terrível, ainda mais desorientadora que as horas em que o mal parecia dominar tudo. O que vemos é como uma cheia, uma inundação, cobrindo, aplanando, confundindo tudo, límpidos rios de doutrina e córregos de infâmia, amazonas de hipocrisias e sofismas, caudalosos rios da dúvida e puros mananciais da verdade.

Uma criatura viva, que vivamente deseje a verdade, como você, não poderia deixar de sofrer muito.

Mas, se eu pudesse, refaria com você umas incríveis leituras a que me tenho entregue de um certo tempo para cá: as viagens de Livingstone, de Stanley, de Serpa Pinto, Delargorgue, Casati etc., ao centro da África, e mais livros, antigos e modernos, sobre os



costumes, o complexíssimo estado social e político que, ao contrário do que geralmente se pensa, se verifica naquelas regiões. Tem sido um dos tormentos da minha vida o pensar no drama africano. “Mas eu, Senhor, eu, triste e abandonada.” Lembra-se? Que significa aquele grande inferno humano? No último diário de Livingstone há uma breve palavra que comove mais que tudo o mais que ele revela. É a do homem cristão fazendo esta mesma pergunta: que significa este espantoso castigo? Por que teriam sido condenados estes povos a uma tal degradação, a esta matança perpétua, a esta escravidão que se renova sempre, sob as formas mais cruéis? Pois bem: o que se passou há milhares de anos (pois que em matéria de cronologia podemos *imaginar* com toda a liberdade), o que se passou na África – e os mais preconceituosos, “progressistas”, como Stanley, não negam que há ali degradação – quem sabe se não se passará, mais dia menos dia, entre os povos ocidentais? Não estão eles perdendo o senso da universalidade cultural por exagero de cosmopolitismo material? Não é fato que à hora em que o mundo todo se sente ligado pelo ferro e a eletricidade, todos nós somos mais ou menos vítimas da exacerbação nacionalista? E, no momento de generalização democrático-socialista, não é que estão a surgir poderosas expressões do poder pessoal? Não virá aí uma nova Idade Média antes de Carlos Magno (onde houver um homem forte, aí está a lei)? E não se levantará amanhã burgo contra burgo, e família contra família, na decadência cada vez maior do sentido social? A quem crê na Igreja, afora pensar que tudo isto pode anunciar o fim do mundo, ainda resta a hipótese de uma crise final, antecipando melhores dias, e a outra de que, como já se tem visto, um deslocamento no eixo moral da terra, a civilização que avança para outro lado, deixará, mais uma vez, a Europa e vizinhanças na treva e na ruína. Terá chegado, pois, o momento em que a salvação individual unicamente se impõe? Os povos não têm alma que sobreviva. Cada indivíduo é, no seio da alma efêmera dos povos, uma eternidade. Será isto um pensamento consolador? Não sei. O que quero é lhe dizer que, dentro do círculo da minha inabalável certeza de que Jesus Cristo nos deu o sentido da vida e a forma perfeita da sociedade, eu não tenho menos do que você motivos de aflição no próprio terreno das idéias, afora o que me cabe de sofrimento pelo caráter e a sensibilidade.

Ainda há dias, ao acabar a leitura de um capítulo da recente obra de Bellessort sobre Sainte-Beuve, a que amargas águas não me socorri na ânsia de matar um pouco a sede de ilusão? Passei um resto de noite em que, de momento a momento, me surpreendia repetindo como estribilho, às longas divagações da tristeza, os versos de Antero:

*E as torrentes da dor, que nunca param,
em mim, como num mar, desaparecem.*

Sim, a morte, eis o que afinal acaba por não fazer medo, quando se pensa em tudo quanto a vida tem de temeroso. Nem o homem de gênio, isto é, nem o homem que é mais capaz de apreender a verdade, pode subtrair-se se, às vezes, ao erro que repugnaria ao selvagem mais bronco... Ora, que é isto? Que terreno de maldição é este que pisamos? Mas volte-se a pensar em Jesus Cristo, na significação da Cruz, no misterioso encanto do seu aterrorizador exemplo, e tudo de novo se faz calmo nas regiões superiores do espírito. E é quanto basta. A vida tem um sentido e, deste, se não sabemos o que é, sabemos, pelo menos, que existe, e garantido o valor da sua escolha pelo sangue do mais irresistível dos seres que já tomaram forma humana.

Você, meu querido Alceu, tem, pois, que contentar-se da sua dor, que satisfazer-se da sua ansiedade: ela prova somente que você não está morto do lado justamente que dá para o Calvário, o que quer dizer, para o ponto em que a vida teve a sua máxima expressão.

Cada um de nós é, na realidade, após a passagem de Jesus Cristo, uma “figura” desse infinito moral, e o dogma da reversibilidade, tanto quanto o de Jesus na Eucaristia, tem em cada consciência uma perfeita afirmação do que é.

Mande-me dizer se há tempos lhe enviei um livro de Buathier: *Le sacrifice*. Desejo que você como eu, tão às voltas sempre com os tormentos carnis das letras contemporâneas, contemple algum tempo esse painel de espiritualidade cristã. Mande-me dizer isto sem falta. Mande-me dizer também se tem, por acaso, a *História da filosofia medieval* de Wulf, pois, apesar de jamais lhe ter



devolvido o livro de Dimier, preciso tomar-lhe este emprestado também, se bem que por pouco tempo.

Não lhe mando as minhas notas porque não tenho coragem de as copiar, e não posso lhe dar as folhas como estão. Você não avalia como ando adoentado e incapaz. Só para esta correspondência com você que me sinto com coragem, pois cada vez lhe quero mais bem, e a consciência, não menos que o coração, me diz que você tem sido, desde que o encontrei, uma das mais altas provas da bondade de Deus para comigo. Pois é raro, meu caro Alceu, é raro, no acidentado terreno da vida, uma sobra tão larga e tão carinhosa de confiança e amizade.

Seu

*Jackson*¹⁶³

(De Alceu Amoroso Lima para Jackson Figueiredo)

Rio, 6 de fevereiro de 1928.

Querido Jackson,

Resposta pronta e rápida, já que se trata de confirmar a sua subida.

Serve-lhe quarta-feira, depois de amanhã? Você subiria pelo trem que sai daqui às 8:30h. Saltaria no Meio da Serra, recomendando que mande parar o trem ao chefe que vier receber o bilhete. (Eu salto andando, mas é que já tenho prática, e se ficar embaixo do trem, pouco se perde...) Eu virei de cima, e lá no meio nos encontraremos, como as virtudes... Temos lá um pequeno Ford

¹⁶³ *Idem*, t. 1, pp. 129-135.

(pleonasma) e subiremos juntos, você para a sua catequese e eu para meu lado.

Muitíssimo obrigado pela *História dos papas*. Nesse andar, a gratidão da gente cresce, mas o acervo da livraria decresce...

Vou ver o que tenho sobre Dostoievski. De cabeça, só lembro o livro do André Gide. Tenho outro, em inglês, do Middleton Murry. E outro, esse admirável e que deve ser traduzido quanto antes, pois é uma obra capital, e a mais recente, pois é de 1927, do Nicolau Berdiaeff, o homem do *Nouveau Moyen-Âge*, mas infelizmente é em alemão.

Quer que lhe mande algum a primeira vez que for à casa?

Também pensei em tempo em escrever sobre Nabuco, figura que me encanta inteiramente. Mas soube que o seu admirável arquivo ia ser aproveitado pela filha, que está justamente agora com a obra pronta. Obra em três volumes e esgotando tudo que há sobre a sua vida. Nessas condições, não havia nada mais a fazer.

Eduardo Prado me parece interessantíssimo como *homem* e como pensador político também. Ele não foi um liberal, no mau sentido. Mesmo como monarquista, pertencia ao partido conservador, ou dizia-se tal. Tanto assim que nunca teve relações com o Laet e nem com o Ouro Preto no exílio, creio eu.

Eu acho aliás que o ser monarquista só se justifica para permitir, com maior segurança, o desenvolvimento das liberdades. E nesse ponto é que eu acho que o Eduardo era monarquista.

E hoje em dia o mundo está marchando, não para a anarquia, longe disso, mas para uma regularização feroz da vida. Uma socialização absoluta, um domínio absoluto do Estado, político como na Rússia, ou econômico, como nos Estados Unidos. E brevemente o homem vai precisar justamente de um neoliberalismo, de uma garantia de sua liberdade de pensar e de educar seus filhos, e de defender sua família, contra a *onipotência do Estado*. E a campanha política toda de Chesterton e Belloc na Inglaterra é toda ela baseada nessa evolução.

Pode ser que o Brasil ainda tenha problemas diversos. E que passe antes pela ditadura, como todo povo latino que não sabe governar-se. Mas a tendência do mundo é para reduzir o indivíduo a uma cifra, pelo comunismo ou pelo capitalismo anglo-americano.



Eu, aliás, vejo Eduardo Prado, não como reacionário ou liberal, mas como batalhador em prol de um Brasil sadio, independente e com personalidade própria. E isso é o que me seduz nas suas idéias, independente do *homem*.

Enfim, diga-me se lhe convém o projeto de quarta-feira.

Do teu

Alceu¹⁶⁴

(De Mário de Andrade para Alceu Amoroso Lima)

São Paulo, 25 de março de 1928.

Alceu Amoroso Lima,

Estou lhe devendo uma carta faz muito tempo e, então, depois desta última semana, o desleixo vai virando impertinência, me desculpe. Recebi sim o dinheiro que você mandou pras vítimas do monte Serrate, meio que hesitei no que havia de fazer e afinal resolvi dar pra contribuição angariada pelo *Diário Nacional* e que foi entregue pra Santa Casa de Santos, que, estando mesmo no lugar, provavelmente distribuirá com eficiência o que arranjamos. Junto sem ofensa a notícia do *Diário Nacional*, questão apenas de amigos amigos, negócios à parte.

Eu já tinha lido os artigos de você sobre os Andrades porque já é costume: no domingo de noite dou uma chegada até a praça Verdi comprar *O Jornal* e ler Tristão o que diz. Mas muito obrigado pelo envio. É mesmo só o que posso agradecer, porque agradecer um elogio ou apenas a deferência de ler me parece que era rebaixar a liberdade duma crítica como a de você, a ambientes de camaradagem, política ou diplomacia, as quais por mais elevadas

¹⁶⁴ *Idem*, t. 1, pp. 321-323.

que sejam na afeição ou na sociedade, intelectualmente falando, não entram em linha de conta, são baixeiras. Fora disso o que posso falar é que a crítica de você me alegrou muito. Além da força que dá pra gente a palavra escrita de Tristão de Ataíde, o que eu gosto mesmo, quando falam de mim, é que me digam coisas esclarecedoras sobre mim mesmo. Acho mesmo que é difícil encontrar um fulano escrevendo e que esteja mais seguro das suas intenções do que eu agora. Às vezes isso até me enquizila, uma consciência do ato sem cochilo. Me enquizila porque isso atrasa em vez de adiantar. Minha obra às vezes me parece um teorema, de tão nítidas que tenho as minhas intenções. Porém está reconhecido que por mais que um artista queira fazer uma coisa, tem o X da incógnita que esse artista não consegue saber qual é. E me parece que será ótimo pra ele saber pelo menos uma perninha do X, se repor melhor dentro de si mesmo, porque por mais que o artista esteja socializado, como é o meu caso, carece não esquecer que até nos caçadores de renas das cavernas paleolíticas são fáceis de se perceber os traços individualistas. Você é dos que me têm demonstrado um pouco a perninha do X.

291

Agora estou me lembrando de uma coisa. Falei em artista socializado e por isso me lembrei. Me pareceu entender no artigo de você que você imagina que eu ainda não tinha reparado nas minhas tendências sobretudo sociais. Isso tinha sim.

Creio, também, que não me expressei bem no artigo sobre a crítica ao *Amar*, verbo *intransitivo*. Porque você afirma no artigo sobre o *Clã* que nas minhas intenções que construíram *Amar*, verbo *intransitivo*, estava também fazer uma sátira a Freud. Não é bem isso. Admiro profundamente Freud e, tirando a generalização sexualista, mais dos seguidores dele do que dele próprio (Freud que nem Darwin está sendo vítima dos que não o leram, ou o tresleram, você já reparou?), é incontestável que ele deu um passo imenso na psicologia. Ele cientificou o sherlockismo, foi o Sherlock da alma, e não me lembro bem das datas agora, mas seria engraçado a gente fazer um estudo sobre a influência de Conan Doyle sobre Freud...

De Freud acho que me utilizei sempre que se trate de psicologia. O que reconheço é que a influência de Freud foi muito grande nas especulações do *Amar*, falei disso mesmo no livro, e caçoei



um bocado. Caçoar é mais uma autodefesa do que um abandono de veneração.

Bom, me avisam que o barbeiro chegou pra me dar cara de domingo e me despeço de você. Ando afogado nos trabalhos agora e reganhando o tempo de vadiagem que perdi o ano passado.

Até logo com o abraço mais sincero do

Mário¹⁶⁵

(De Alceu Amoroso Lima para Jackson Figueiredo)

Rio, 28 de março de 1928.

Jackson,

Gostei de uma resposta ao Plínio. Não estará tão demolidora como os artigos contra o Laert, mas está muito boa. Firme e com dois ou três pontos de doutrina muito bons. E se não está tão boa, como a resposta ao Laet, a razão está no que eu já dizia sobre a *Ordem*. Um pouco de falta de objetivismo. Penso que você pode adotar, sem temor de errar, essa norma em suas polêmicas: atraque-se ao inimigo o mais perto que possa e reproduza a sua obra minuciosamente. Basta isso. O grande mal aqui é a ignorância. Mas a ignorância que se *adorna* e que *parece* ter razão. Sofismas, portanto. Ora, quando se discute com quem tem pouco fundo, só há uma arma invencível: o espelho. O que faz a força da maioria dos nossos sofistas é que a gente se afasta deles, combate de longe. Estou convencido de que a grande arma é o contrário: aproximar-se e moldar-se à obra. Estudar o tecido com lente. Só as obras muito fortes, muito fundas, muito meditadas, podem resistir a um ataque desses. E como aqui é o oposto que triunfa, o meio é

¹⁶⁵ ANDRADE, Mário. *71 cartas de Mário de Andrade*. Coligidas e anotadas por Lígia Fernandes. Rio de Janeiro: São José, [196?], pp. 23-25.

entrar no jogo do adversário e fazer mais do que ele, indo ao extremo do que ele próprio esboçou.

Quanto à sua resposta às minhas interrogações, deixaram-me inteiramente tranqüilo. Você disse tudo quanto um homem pode dizer. Laménais, Tertuliano etc., são casos meta-humanos, possivelmente demoníacos. Você respondeu do *homem* que há em você. Não podia responder do demônio. Mas eu tive receio era mesmo do homem. Do demônio, esse não está em nossas forças ajuizar. Como não está da *graça*. No plano humano é que eu tinha certo receio (orgulho, impulso etc.). Agora não tenho mais. Sua resposta não foi arrebatada. Foi serena. E eu vi aquele arco-íris de que falei no meu artigo. E o *arco da velha* me tranqüilizou. Se você falasse arrebatadamente eu teria medo. Assim não. Tenho a certeza de que só forças não humanas arrancarão você de um caminho, que por ser mediano (o da Igreja) exige por isso mesmo, no Brasil mais que em qualquer parte, criaturas que raíam pelo gênio, como você.

Tranqüilize-se quanto à carta. Aí vai. Digo-lhe por que não mandei. Eu costumo mostrar à minha mulher – com quem não tenho segredos e que felizmente é discreta absolutamente, por temperamento, – mesmo os documentos mais íntimos. E como ela também fizera a mesma acusação de *literatura* que eu, não quis deixar de mostrar-lhe essa também, para desfazer a impressão.

Das perguntas que me faz, respondo. Conheço o Tonio Kröger. Não conheço nem o conto da Selma, nem o de Turgeniev, nem o Jack London.

Conheço mal a obra de Luís Guimarães. Apenas o que todo mundo conhece. Indaço apenas se desencavar um *parnasiano*, por melhor que ele fosse, não será hoje um pouco inoportuno. Não é muito mais injusto o esquecimento em que está Álvares de Azevedo? Esse sim, é um gênio que está à espera de quem o revele. Acho que os românticos foram os nossos grandes poetas e muito superiores aos parnasianos. Passei a minha adolescência impregnado pelos parnasianos. Talvez seja por isso que agora não me dizem mais nada. Mas Varela, como é brasileiro, como há uma alma de nossa gente, e de nossa terra em todo ele! O que a poesia moderna está procurando no que tem de realmente original é um pouco do que os românticos procuraram. Uma expressão nossa, lírica e social há um tempo.



Se o autor da *Bagaceira* (José Américo de Almeida) tem um livro sobre a Paraíba, interessa-me muito lê-lo. Disseram que ele não publicara nada até hoje, a não ser uma novela sem importância. Quanto ao romance, mandá-lo-ei a você provavelmente sexta-feira. Tenho recebido tantos pedidos que já escrevi ao homem dizendo que não seja idiota, e mande vender o livro aqui. E do romance do Afrânio já se venderam 7.000 exemplares. É da gente desesperar definitivamente de dar um pouco de senso literário a esses beócios.

Não estive com ele, desde que você mandou a carta. É uma criatura na qual o ceticismo absoluto arrancou toda a possibilidade de se magoar com os amigos. A não ser que fosse em *público*. Aí ele seria feroz no revide. Partiu ontem para a Bahia, assistir à posse do Vital Soares.

Queria que você me indicasse quem é aquele autor de que você fala no artigo de hoje. Lembro-me também de responder que não conheço nem tenho um livro de Choissnard, a que você se referia há dias sobre são Tomás e os astros.

Quanto ao Menezes de que você fala com tanta implicância pelo nome (Augusto Menezes é um poeta baiano, que em moço fazia versos em francês e andou em correspondência com Sully Prudhomme, que muito o elogiava, que passou a vida como oficial da Secretaria da Viação, sempre isolado, neurastênico, sem publicar mais nada, e que ultimamente deu para espírita), não se chama Menezes e sim Meyer. Augusto Meyer. É descendente de alemão, como bom gaúcho. Bom poeta (dei dois sonetos dele ao Perillo para o próximo número do *Excelsior*). Confio muito nas suas instituições. Tenho-as visto confirmadas bastantes vezes. Mas creio que há nele muito que pode disciplinar-se.

Como você não me proíbe, vou mandar-lhe a carta. Sinto-me irritado quando um amigo meu não compreende sua alma. E são tantos os que não compreendem. Você é tão diferente da maioria dos melhores mesmo. E muita gente tem *medo* de você. Como aliás *eu* tenho. E você é o primeiro a ter também. Aqui ainda vivemos na suposição de que a vida pode ser um idílio. Que basta um pouco de mansidão para que a vida seja um paraíso. Vivemos na convicção de que os que falam em luta é que trazem a luta. Isso é muito bárbaro ainda. Bárbaro, no sentido indígena. O ideal da

taba ainda é o de muito pajé nosso. Vivemos na convicção de que os homens é que criam equívocos, e que a vida, essa, é um cordeirinho inocente. Daí a incompreensão com que uma figura de *sol* e *sombra*, como você, há de sempre encontrar aqui. O Plínio Barreto é um desses. Aquele tópico que você *finje* não entender, você bem sabe que é isso mesmo. A *democracia*, as *urnas*, o *voto secreto*, a república *deveras*, será o seio de Abraão, se os homens arrebatados como você não vierem atrapalhar o jogo. Sabe de onde vem o mal? Da falta de umas revoluções bem *sangrentas*. Se o espírito Aristides Lobo tivesse triunfado no 15 de novembro, em vez de ter prevalecido o espírito Benjamin Constant, a coisa seria outra. Teríamos uma vida política definida, entre *partidos* e não entre *particulares*. E os homens como o Plínio estariam possivelmente a seu lado. Embora o *liberalismo* seja também tipicamente europeu, como o *reacionarismo* ou o revolucionarismo. Apenas haveria menos *hipocrisia*, como você diz, num termo porventura um pouco ágreste demais, que ferirá possivelmente o Plínio, embora sua intenção não fosse talvez aplicá-lo ao artigo do Plínio e sim a *qualquer* artigo de redação em geral.

295

Em outra carta talvez, passe a explicar o que entendi por espírito cristão e espírito católico. Penso que não estou de todo em erro. Mas esta já está longa demais.

Então, as coisas marcham. Para onde, santo Deus??

Não tenho o tal livro do Moisés Marcondes sobre o Paraná.

Gostei de ver a sua referência àquele nosso primeiro encontro no largo da Carioca. Tenho-a na mente como se fosse ontem. Como naquele momento se preparava tanto do meu futuro! Porque você me tem salvo do *deserto* inevitável, ou pior, do *wildismo*. A você e a Chesterton devo as pedras que vou pisando. E que começo a compreender. Primeiro passo para amar!

Seu

Alceu

P.S.:

Junto uma carta do Viatte e um artigo do Murias para você ler.



P.S.:

A tal carta deixa de seguir ainda hoje. Não tenha o mínimo medo. Está guardada à chave, na minha gaveta de Petrópolis. Esqueci-me de tirá-la hoje de manhã. Mandarei sexta-feira, pois amanhã fico nas fábricas. Fique tranqüilo a esse respeito.¹⁶⁶

(De Alceu Amoroso Lima para Jackson Figueiredo)

Rio, 10 de maio de 1928.

Jackson,

Se você soubesse qual das frases de sua carta me fez mais meditar! Garanto que não adivinha sozinho!...

É aquela em que você fala em *ter um automóvel*.

Confesso que pensei, e estou ainda pensando, e provavelmente ainda não tirei da frase tudo que há nela. À primeira vista uma coisa banal. Quem, de fora, lesse, não diria nada. Hoje em dia ter um Ford é tão fácil quase como ter uma bengala. E talvez mais econômico do que não ter etc.

À segunda vista, fica-se dizendo: Mas para que é que o Jackson quer um automóvel? Ou, como eu diria: “O Jackson faz bem em ter um automóvel. Vai fazer-lhe um bem imenso, andar um pouco à noite, pelas praias desertas, refrescando-se com o ar do mar e apaziguando a cabeça tão esquentada da vida de luta cotidiana contra tanta coisa. O automóvel vai ser um pouco de evasão, de repouso, de contato com as coisas elementares de que gosta tanto: o vento, o mar, o movimento. E depois, sempre que a gente guia tem o sentimento, a sensação, de *chefe*. E é um prazer também. E uma educação, mínima, mas real, da responsabilidade etc.”

Mas o meu caso vai além. E é aí que começa o meu pensamento. É a repercussão *moral* que tem um fato desses em mim. E cuja

¹⁶⁶ LIMA, Alceu Amoroso e FIGUEIREDO, Jackson de. *Op. cit.*, v. 2, pp. 45-50.

conclusão é mais uma vez esta: uma admiração sem limites pela *sua coragem*. Pode parecer estranha essa frase. Mas vou explicar.

Eu nunca tive coragem de ter um automóvel. Não digo coragem de guiar, não. Você bem sabe, pois me viu guiar. Mas coragem *moral*. Coragem diante do mundo. Fiz uma garagem em casa... e está cheia... de livros. Gastaria menos, por mês, em sustentar um automóvel do que em táxis. Mas não consigo decidir-me. Tenho a impressão de que diminuiria a meus próprios olhos, se tivesse um automóvel. Sei que é uma imbecilidade, pois *posso uma casa* em que moro, *posso* títulos que me dão uma “rendinha” e *posso* um lugar que me rende três contos por mês e uma gratificação quando há lucros. Posso tudo isso e sou considerado *homem rico*. Mas tenho uma *vergonha horrível* de tudo isso. E quando me chamam de *homem rico* (que sou, embora infinitamente menos que qualquer paredro republicano ou mesmo muitos dos que me acusam de o ser), confesso que perco a cabeça. É uma fraqueza *que só você conhece* e de que aliás já lhe falei. Já escrevi mesmo, a esse respeito, ao padre Madureira, e voltarei sobre o assunto com ele. Não compreendo como se possa, *moralmente*, ser rico de bens materiais (como sou, não há que fugir) e ao mesmo tempo ser um soldado de Cristo, seguir a lei de Cristo. Considero *insolúvel* a questão, a não ser por um *sofisma pragmatista*. Será mais útil à Igreja que eu não dê os meus bens aos pobres e vá servi-la como são Francisco, já que não tenho nem a santidade nem o gênio de são Francisco ou mesmo de um simples frade franciscano, ou outro qualquer que tem a coragem de largar *tudo* para seguir o apelo de Deus. Já que eu sou um homem medíocre, solicitado pelas coisas do mundo e incapaz de viver contra as coisas do mundo, isolado delas, renunciando a elas, devo ou deverei continuar a carregá-la *crux da minha riqueza*.

Em público seria ridículo dizer isso. Em um confessionário seria vaidoso. Mas aqui, entre nós, sem nada que nos ouça, e ninguém senão Deus, eu posso dizer: eu carregó a riqueza, o bem-estar, o luxo que me cerca, a minha casa, tudo o que não é essencial à vida, *como uma cruz*. Juro a você, por minhas filhas, que isso é a expressão da verdade. E se não arranco tudo isso de mim é, em primeiro lugar, porque gosto de tudo isso, pelo conforto que me dá, egoisticamente; em segundo lugar, porque aqueles que

me cercam vivem nisso, sem pensar que haja mal algum nisso, e me classificariam naturalmente de louco varrido se eu ousasse dizer o que penso a respeito; e, finalmente, porque sinto que um gesto desses seria ridículo em mim, tão ridículo como aquela tentativa de ser santo, do Salavin de Georges Duhamel, sem ter a vocação do martírio, nem mesmo a fé.

Tudo isso faz com que continue serenamente a receber os meus ordenados, a viver na minha casa, a comprar vestidos de luxo para minha mulher e para minhas filhas, enfim, em ter a vida de um homem rico.

Mas há, hoje em dia, a não ser para os homens sem consciência, a possibilidade de viver *sem miséria e sem remorso?*

É preciso optar por uma das duas alternativas, e eu covardemente opto pelo *remorso*.

Mas, voltando à frase que me levou a tudo isso, tudo não será mais do que fraqueza de caráter? Respeito humano?

Eu confesso, por exemplo, que um dos motivos de minha longa hesitação em voltar à Igreja foi essa minha condição.

Com que cara posso eu disputar um *socialista?*

Com que direito lançar-lhe em face o seu erro social?

Como responder à sua acusação de *explorador de meus operários?*

Ah! Jackson, há dez anos que vivo em luta com esse lugar que ocupo! Nunca lhe falei nisso, ou só de passagem. Mas o fundo de minha vida, desde novembro de 1917, isto é, desde que pus os pés neste meu posto, é que vivo: *roído de remorsos. Fui socialista por cinco anos*, mais ou menos.

E o absurdo da contradição entre a minha posição na vida e as minhas idéias, me forçou sempre a calar isso, a *jogar-me na literatura*, como dizem os franceses, por um *pis aller*.

Eu, diretor de mil operários, pensando como pensavam os revolucionários contra os quais eu *diretor* era forçado a tomar medidas de repressão! Minha vida interior, nesses cinco anos, foi um martírio constante.

Lembro-me bem de uma discussão terrível que tive, um dia, *com meu pai*, em janeiro de 1919 ou 20. Penso que foi 19.

Eu estava na companhia, exclusivamente, porque ele forçara a minha entrada, contra a pretensão de outros acionistas. E temia

que eu não me adaptasse. Via mesmo, com maus olhos, tudo que demonstrava, de minha parte, desinteresse pela indústria, pelos negócios, pela companhia.

Nesse dia, falou-me enfim, claramente, que deplorava que eu não demonstrasse bastante gosto pelo que ocupava. Isso tudo não em conversa amigável. Não. Em forma de luta. Que eu não reproduzo aqui para não alongar a narrativa.

Disse-me várias coisas a respeito. E eu, afinal, repliquei (é preciso notar que tinha havido um longo período de greves sucessivas. Foi logo depois da Revolução Russa, e o operariado estava exaltadíssimo... e eu, o meu eu socialista de então, também. Lembro-me de um operário, preso no meio da Serra e gritando: “Viva a Nova Rússia!”).

Bem. Como ia dizendo, no meio da discussão, eu lhe disse afinal: “Pois bem, vou lhe dizer a verdade, papai: *eu penso como eles!*” (Referia-me aos operários em greve). E ele deu-me essa ducha gelada que me roeu as entranhas, *por longos anos*: “Pois se pensa como eles, vá trabalhar por eles e não continue no seu lugar.”

Foi uma frase apenas de bom senso. Mas ouvida naquele momento, você nem pode imaginar que horrível repercussão teve dentro de mim. Eu gaguejei qualquer coisa. Mas senti que estava irremediavelmente vencido e vencido *por mim mesmo*.

Eu era a própria anulação, por absurdo, de tudo aquilo que eu dissera. Dando-me ares de paladino libertário, invocando contra o velho burguês conservador (meu pai) os direitos e o espírito da nova gente, das novas idéias que surgiam da guerra e que eram a expressão da Revolução Social, dando-me ali, vitoriosamente, como apóstolo da Idéia Nova, eu não era mais do que um burguesinho excitado por leituras libertárias, mas que comia os cobres do velho industrial, valia-me de sua proteção para viver à custa dessa fábrica, dessa companhia, que as minhas veleidades de socialista acusavam de exploradora de operários, cuja causa eu fingia, ou antes, eu *ardentemente não fingia não*, mas *de fato* abraçava!

Cena tremendamente dramática! Uma das cenas culminantes da minha vida! E que eu porei no romance que escrever mais tarde, quando chegar a minha vez de contar o itinerário da nossa geração e da nossa época *em meu coração sempre dilacerado por*



dois ideais contraditórios! Porque eu sempre vivi sob o signo de uma estrela dupla!

Pois bem, a frase do meu pai me deixou achatado, humilhado. Tanto mais que ele, passada a cólera, voltada a serenidade, vendo em mim o que ele fora outrora (como tudo isso adquire uma luz profunda quando revejo de novo a cena, com a minha mentalidade de agora, com os meus 34 anos, a minha experiência e a minha fé, isto é, a volta à *compreensão da importância dos detalhes!*) – ele me disse que também pensara como eu em moço, e que no fundo do seu coração ele estava também com os operários, mas que havia um dever a cumprir e que era necessário ser coerente com a vida que levamos etc.

E eu senti desde esse dia o absurdo de minha fé socialista e comecei a lutar por arrancá-la do coração.

Lentamente o consegui e cheguei a considerar-me (voltei nesse tempo à atitude da *Action Française*, mais ou menos) justificado em minha posição de industrial. Lancei-me no movimento modernista, e tive orgulho de ser industrial, chefe de mil homens, transformador da água do riozinho que você viu, em energia, e não um reles funcionário público, ou um pobre professor da roça. Um chefe de indústria. Um criador do Brasil moderno. Um homem forte, criador, ativo, dinâmico, americano, senhor da vida, prático sem abandonar os direitos da inteligência, jornalista e portanto em contato com a opinião pública, conseguindo um certo prestígio literário, edificando o meu lar, aliado a uma família de posição, de tradições no Império etc. etc. Um homem, enfim, na vanguarda. E todo o sonho socialista se desfazia, como névoa numa manhã de sol.

Vejo que insensivelmente fui contando a minha vida nesses dez anos de luta. Mas não tenho espaço nem tempo, e já estou com a mão cansada, e penso que você já deve estar amoladíssimo de ouvir eternamente o meu estribilho, eu, eu, eu, eu...

Uma palavra apenas. Quando cessou a minha fé socialista e consegui chegar ao equilíbrio do homem que vê no *homem* o fim da vida e que se sente orgulhoso por ser *um dos guias de sua geração*, um homem em contato com todas as realidades mais vivas da vida do Brasil: indústria, vida social, vida literária, vida familiar, todas as realidades que levam um povo para frente –

quando cheguei a esse planalto, começou sutilmente um trabalho interior que hoje reconheço que era talvez o primeiro contato inconsciente com a Graça.

E contar como o *socialista* de 1919, convertido no *dinamista* de 1921, chegou hoje ao *cristão* de 1928, seria obra de todo um livro, que devo um dia escrever, se Deus quiser que eu conte como cheguei dolorosamente a Ele! Será para os setenta anos! Quando achar na vida o encanto de reviver o passado!

Hoje, que estou no pátio de uma nova vida, e que vejo com deslumbramento e com angústia, sobretudo com angústia, que estou nascendo de novo, e que sinto mil coisas a me solicitarem ao mesmo tempo, mil deveres, – vejo com horror voltar aquela perplexidade em que me jogou a frase de meu pai. E é uma frase também (a sua!), ainda mais banal que aquela, que faz voltar em mim, como uma gólfada de tísico, como uma verdadeira hemoptise sangrenta (de *sangue*, de *sangue*, Jackson!) – todo o absurdo de minha posição.

Pois, não é tão absurdo um *socialista industrial*, como um *cristão industrial*? Não poderia, já não mais meu pai, coitado, a quem Deus levou há cinco anos, mas um amigo *comunista*, como os tenho tantos, dizer-me, como meu pai me dizia: “Pois se você pensa como os cristãos, vá viver, vá trabalhar, como eles! Jesus ama os pequeninos e não os poderosos. Jesus veio salvar os infelizes e não os venturosos. Jesus veio dar consolo aos pobres e amaldiçoar os ricos.”

Pese cada uma dessas palavras, meu amigo! E veja se eu não tenho razão de ter o coração triste, de ver a minha aurora cristã sombreada por uma nuvem intransponível, que forma no meu céu um imenso ponto de interrogação.

Como responderia você, o mais querido dos amigos, a quem devo em tão grande parte a nova vida que vou viver, – como responde você a essa minha grande angústia?

Leia esse capítulo final da vida de Racine. Tinha-o separado para consultar a você também, sobre a frase que está marcada a lápis azul.



Não acha você que devo fazer isso? Como você está fazendo agora? Retirar-me, estudar, enfronhar-me naquela iniciação cristã a que você aludiu em uma de suas últimas cartas?

Mas há um grande perigo também: a minha tendência natural à inércia, à cristalização. Sem a obrigação do contato semanal com a literatura *efêmera mas viva*, não correrei o perigo de ficar apenas um... *filho de Racine* (veja que horror, essa figura seca, fechada, quarenta anos entre livros, morta pelos conselhos bons do pai!)?

Tudo é uma grande angústia. E volto aos dias do meu socialismo interior, inconfessável, de que só meu pai ouviu a confissão naquela tarde triste e chuvosa de Petrópolis, que evoco hoje como se tivesse sido ontem!

Teu

Alceu

P.S.:

Depois responderei sobre a coleção Eduardo Prado.

P.S.:

Explique-me melhor o que se passou entre você e o Afrânio e o que quer dizer a sua frase “como ele me falou... da sua própria vida”. Eu estou desconfiado de que há alguma coisa também se processando no Afrânio. Há dias a mulher dele me dizia: “Você não imagina como Afrânio anda preocupado com santa Teresinha de Lisieux! É uma verdadeira obsessão! Será possível que santa Teresinha faça mais esse milagre? Vêm-me as lágrimas aos olhos!” Tenho grande esperança de que o nascimento e a vida precária do filho do Afrânio representem alguma coisa de sério, de muito sério, na vida dele. Diga-me com mais detalhe o que houve entre vocês e o que lhe parece de um possível *coup de barre à droite* do nosso amigo.

Passo a dar a tradução de Rivarol, que me parece ter exatamente o sentido *interior*, como você pensa, e não exterior: – “Somos profundamente infelizes quando gostamos de coisas diversas daquilo que nossa natureza exige. Eu, por exemplo, amo o repouso, mas tenho necessidade de movimento.”¹⁶⁷

¹⁶⁷ *Idem*, t. 2, pp. 97-105.

(De Alceu Amoroso Lima para Jackson Figueiredo)

Rio, 23 de julho de 1928.

Querido Jackson,

Não lhe tenho escrito, um pouco por falta de ânimo, e um pouco de propósito. De propósito, pois sei que já lhe bastam os seus aborrecimentos próprios e que eu mesmo já estou cansado de queixar-me de mim mesmo, uma das moléstias da mocidade burguesa, como dizia Lênin. Por falta de ânimo, também, pois tenho passado uns bons bocados esses últimos dias. De um lado dificuldades profissionais. Pela primeira vez, nos dez anos que estou na companhia, fechamos balanço com prejuízo. Situação futura *negra*. Acionistas descontentes (“ou bem se é literato, ou bem industrial” etc.); comissões de operários *famintos*, *sem nenhuma revolta*, mas pedindo pra não morrerem à míngua, com o trabalho reduzido, os preços da comida elevados, o comércio que não fia mais etc. etc.

De outro lado, dificuldades interiores. Diante de todo esse espetáculo de uma economia e de uma sociedade cristã incapazes de salvar da miséria os homens do trabalho, sinto despertar o velho instinto revolucionário. Sedução pelo comunismo, que ao menos *organiza* a economia pública, se por outro lado é intolerável como tirania privada. Mas convicção absoluta de que é pura *sedução* e que as mesmas dificuldades que sinto na ação católica apareceriam decuplicadas na ação comunista. Há momentos em que eu vejo o comunismo no mundo de hoje, não como o instinto revolucionário de 1789, mas como o cristianismo nos últimos séculos de Roma. Veja como é sensível a semelhança. De um lado uma sociedade gasta de vícios, velha de tradições gloriosas, mas não mais à altura delas, cristalizada em classes egoístas, adorando toda espécie de deuses e de modas intelectuais, morrendo de decadência e exaustão; de outro lado, os homens que trabalham para sustentar essa sociedade moribunda, como os antigos cristãos, roendo surdamente toda a estrutura social. *Sofrendo realmente*. Humildes e maltrapilhos. Morrendo em proporção infinitamente



maior que a burguesia. As crianças pobres morrem diariamente. Para uma criança tuberculosa que morre em Passy (Paris), bairro rico, há 24 que morrem em Clignancourt, bairro operário! Essa pequena estatística é apavorante. Anuncia positivamente o fim do mundo. O fim merecido de um mundo. Como pode Deus permitir isso. E como posso eu, católico, ser cúmplice disto, eu, senhor de escravos-operários em 1928, como o negreiro de 1828, senhor de escravos-agrícolas. Isso é que é *realismo*, verdade nua.

Ímpetos de suicídio. Mas Deus! Deus, que eu achei de novo, realmente, *ou* que recriei para adormecer os meus remorsos de homem rico, de homem farto, de escravagista? (Não tenha dúvida, Jackson, o século XX vai ver uma campanha *abolicionista* idêntica à do século XIX, e nós somos os escravagistas de hoje!)

É uma covardia tratar de literatura, num momento desses do mundo, – e no entanto, se eu não o fizer, sinto que enlouqueço. É uma covardia ler filosofia ou teologia ou arte ou tudo, tudo, que não seja alívio à miséria desses homens famintos que me vieram implorar pão para os filhos. Só sendo um santo, é possível ser católico sem ser desgraçado hoje. Um santo ou um revolucionário, – são os únicos homens justos de consciência e dignos de respeito nos dias de hoje.

Isso tudo é apenas a milésima parte do vulcão que me *rói* as entranhas, as entranhas de um pobre burguês covarde, que sente em si o peso de uma hereditariedade invencível e de vinte anos de sibaritismo intelectual, sem falar no mais grave de tudo que é o emburguesamento próprio, a corrupção de todos os ímpetos pelo peso da inércia, da incapacidade de agir, de saber, de ter o seu dever lúcido diante de si. Por que Deus não me mata? E eu, que só vejo felicidade no sono ou na morte, sou forçado a agradecer a Deus, em minhas orações, a vida que Ele me conserva!

Pois toda essa miséria é cortada de momentos intensos de fé.

Não é só a morte e o sono que me consolam. Também certos momentos rápidos de prece. Ontem, por exemplo, na Igreja, no momento da bênção da hóstia, depois da missa, quando o padre levantou o sacrário sobre os fiéis, e a música se calou, e a campanha retiniu longamente, senti um imenso consolo em Deus, uma perda em Deus, uma volta à tona.

Recebo, neste momento, sua carta. Vai esta já pelo portador. Logo mais mandarei o resto.

*Alceu*¹⁶⁸

(De Mário de Andrade para Carlos Drummond de Andrade)

São Paulo, 18 de agosto de 1929.

Carlos,

Estou aqui com duas cartas de você pra responder. Uma, desauspiciosa, em que você comenta o tom triste duma carta minha e outra aspiciosa contando a venda aí dos *Macunaímas*. Pois sim: mando mais dez exemplares. Ponha à venda quantos quiser, faça dos outros o que quiser. O que me sarapantaria formidavelmente se já não me estivesse provada a mineirice integérrima (no bom sentido) de você, é você ter comprado um livro meu. Parece impossível porém é mesmo gesto tão “do Carlos”, e mais a mineirice tradicional funcionando por trás, que só digo o meu “paciência!”. Eu tinha logo escrito pra você: me mande outro *Macunaíma* que roubaram o meu. Ou coisa assim. Jogue fora o exemplar comprado que isso fede na fita de cetim (bonito!) desta nossa amizade. Vai outro com dedicatória, no nosso caso muito mais preciosa que o livro.

Achei graça e gozei com o seu entusiasmo pela candidatura Getúlio Vargas–João Pessoa. É. Mas veja como estamos... trocados. Esse entusiasmo devia ser meu e sou eu que conservo o ceticismo que deveria ser de você. Estou gozando, te contemplando e nos sentindo bem. Antes dos conchavos políticos estarem definitivamente esclarecidos, muitas vezes imaginei desejoso

¹⁶⁸ *Idem*, t. 2, pp. 198-200.



na possibilidade então inimaginável do Getúlio Vargas. Sei que ele está fazendo uma gestão possivelmente boa no Rio Grande. Depois o conchavo me deu não digo náuseas mas pelo menos um afastamento dessa candidatura. Compreendo que pra vocês, mineiros sinceros e mais livres, a desistência do Antônio Carlos foi uma salvação moral. Pelo menos agora o conchavo *pro-domo*, um boçado muito repugnante, foi dum vez acabado. Não virá talvez disso uma parte enorme do entusiasmo de você?...

Eu... eu contemplo numa torcida apenas simpática a candidatura Getúlio Vargas, que antes desejava tanto. Mas pra mim, presentemente, essa candidatura (única aceitável, está claro) fica manchada por essas pazes fráguas de governistas mineiros, gaúchos, paraibanos (numerosamente traidores do Vazingtão), com democráticos paulistas (que pararam de atacar o Bernardes) e oposicionistas cariocas e gaúchos. Tudo isso não me entristece, continuo reconhecendo a existência de males necessários, porém me afasta do meu país e da candidatura Getúlio Vargas. Repito: única aceitável. Fico contemplando ela de longe, apenas num semidesejo fatigado de que ela vença. O que aliás me parece impossível.

É certo que fico sem poder muito me analisar, porque, no momento, até esta minha tão firme, tão vivida, tão independente libertação de pátria, me parece que, possivelmente, será uma covardia pessoal com que me libertei de antemão dos sofrimentos que provocarão em nós medonhas misérias futuras. Talvez próximas... Meu Deus! Como tudo isso é triste!...

Bom, Carlos do coração, te abraço. Me recomende sempre em sua casa e pense às vezes neste sempre

Mário

P.S.:

Que fim levou o Nava neste mundo?¹⁶⁹

¹⁶⁹ ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo. Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, pp. 141-142.

(De Alcântara Machado¹⁷⁰ para Alceu Amoroso Lima)

São Paulo, 26 de maio de 1930.

Recebi – Alceu amigo – sua carta e seu livro. Muito obrigado. Ainda não li mas vou ler o *Esboço*. A idéia de inscrever-se no concurso é ótima por vários motivos. Primeiro porque o título de professor é talvez o único que ainda não se desmoralizou no Brasil. Segundo porque ensinar é agir e o campo é ótimo para uma ação como a sua. Ainda não li o *Esboço* mas já li sua crítica sobre o livro do Graça e comecei a devorar os números da *Ordem* que aqui encontrei. O de setembro já está no papo. Sua crítica sobre o livro do malogrado modernista maranhense é na minha opinião a melhor que você até agora escreveu. Neste sentido, acho que crítica em jornal deve ser informativa. O crítico diz o que é o livro, sua significação, seus propósitos, e esclarece o leitor, recomendando ou não a leitura, dando as razões. Foi o que você fez. Considerou e condenou o livro sob todos os aspectos, sem sair dele. Destruiu o romance com o romance (que aliás não conheço). Quanto ao número de setembro da *Ordem*, está excelente. O artigo de Leonel Franca me encheu as medidas: inteligência e clareza. Sempre me pareceu que são Tomás precisava ser libertado dos comentadores, dos glosadores, e entregue aos expositores. O artigo de Francisco Azzi também é bom e podia ser melhor se expurgado da preocupação erudita e da linguagem difícil. Luís Delgado é talento que conta e eu espero muito dele. Enfim você está fazendo obra necessária e atual, animando com a autoridade e bondade conhecidas uma colocação de pontos nos nossos *is* intelectuais, oportuna e sã.

Sua sugestão de um estudo sobre o meu avô é carinhosa. Vou meditar sobre ela. De qualquer forma desejo colaborar na *Ordem* e você pode contar com um artigo para breve.

Meu pai se acha na sua fazenda da Cantareira e portanto só daqui a dias insistirei com ele para que colabore também.

¹⁷⁰ Antônio Castilho de Alcântara Machado D'Oliveira (1900-1935) – escritor paulistano.



Uma revolução “que recolque os valores nossos em função de uma filosofia do espírito” tem minha adesão entusiástica, embora de simples espectador. Quer dizer que eu não sou nem indiferente nem combatente. Minha posição diante da neo-escolástica é parecida com a de Carlos Drummond de Andrade diante de Jackson de Figueiredo no bonito poema do número de dezembro. Diante da neo-escolástica e dos esforços que entre nós se baseiam nela para uma revisão de nossas atitudes sociais, filosóficas e intelectuais, eu fico triste por falta de conhecimento para ajudar a revolução, sentindo que estou preso a ela por “indefiníveis” de complicada origem. A coisa é obscura, e só explicada de viva voz poderá ser percebida. Convenha-se em que sou um torcedor que sabe perfeitamente como é que o extrema deve passar a bola para o centro-avante, emendá-la e empurrá-la dentro do gol, sente que esse gol é a satisfação de tendências e sentimentos profundos dele torcedor, mas se entrar em campo será incapaz de dar um chute.

No Brasil tudo acaba em futebol. Inclusive esta carta.

Abrace Alceu o seu

*Alcântara*¹⁷¹

(De Anísio Teixeira¹⁷² para Monteiro Lobato)

Bahia, 26 de novembro de 1930.

Meu querido Lobato,

A sua carta chegou-me aqui já em plena revolução. Não se admire, pois, que venha com atraso lhe responder. Faltava liberdade de espírito e “liberdade de escrita” para escrever cartas. Hoje,

¹⁷¹ In: BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Correspondência de Alceu Amoroso Lima e Antônio de Alcântara Machado (1927-1933)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001, pp. 87-88.

¹⁷² Anísio Spínola Teixeira (1900-1971) – educador baiano.

segundo dizem, continua a faltar liberdade de escrita – há censura no correio para o estrangeiro –, mas já tenho liberdade de espírito bastante para lhe escrever toda uma página sobre um *bath-tub* americano enquanto fiquem a amadurecer os frutos da revolução brasileira, e os senhores ditadores julguem que podemos dizer se os achamos ou não gostosos.

Notícias, aliás, não precisa porque o *New York Times* lhas deve estar servindo todos os dias, ao café, com a honesta seriedade de um criado grave.

E comentários, só de viva voz. Estamos em cheio na atmosfera que devia dominar a Europa em 1848. À busca ainda de liberdades políticas e liberdades civis! Quando veremos que o problema de *organização*, e não o problema político, é o que realmente importa? Preparem-se os homens. Criem-se os técnicos. Eles *organizarão*. Da organização virá a riqueza. E tudo mais – política sã, liberdades etc. etc. – virá de acréscimo.

Parece, porém, que temos de sofrer a nossa fase histórica. Os problemas que ainda falam à inteligência e ao coração brasileiro são problemas políticos: representação e justiça, na frase de Assis Brasil. Alistei-me, entretanto, com o pouquinho de calor que ainda me resta para tais problemas, no partido que chamo da “boa vontade”. E vou-me procurando deixar embalar pela expectativa dos eternos “dias melhores” que vêm permitindo dormir essa lenta e vã humanidade brasileira.

No entanto, bem sabe você como é robusta a minha convicção de que o problema brasileiro, o problema da riqueza brasileira é um problema de solução perfeitamente possível. Se a ciência e a indústria habilitam, hoje, o homem a olhar para a China, com aquele espantoso problema da população, com tranqüilo e seguro otimismo, o que se dizer do Brasil, onde as dificuldades são incomparavelmente menores?

O que não posso conter, porém, é minha impaciência ao ver os homens se perderem em *dead-alleys*, quando podiam todos ganhar a “estrada real” que aí está aberta aos olhos de todos.

Escrevo-lhe da Bahia, de onde, como você sabe, tenho um dos piores ângulos para ver o fenômeno brasileiro. A revolução aqui trouxe-nos o Seabra. No Sul, talvez as coisas sejam outras. Em São Paulo, tenho visto os melhores nomes no governo. Gente inteligente e idealista. Possam eles fazer o reajustamento democrático



e ganharem definitivamente o belo ímpeto de progresso que todos já estamos cansados de esperar.

Tenho lido o *New York Times* de domingo. Namoro por essa janela com vocês aí. E de minha longa conversa recolho energias que me põem *buoyant* e otimista por toda uma semana. E como facilmente, por um imperativo de temperamento, faço meu tudo que é do homem; quando termino a leitura, estou tão contente com o que fizeram os americanos, como se fosse eu mesmo e minha terra que fizéssemos tudo aquilo.

Homo sum! Valha-me essa ilusão universalista!

Adeus. Os meus votos de coração por todos os sucessos em 1931, para você, para dona Purezinha, para a Rute e para todos os seus.

O Nelson se recomenda à sua lembrança.

Muito seu

Anísio¹⁷³

(De Osvaldo Goeldi¹⁷⁴ para Alfred Kubin)

Rio, 16 de dezembro de 1930.

Caro e venerado mestre,

Caro senhor Kubin,

O lindo livro com as suas maravilhosas ilustrações está bem guardado e me dá muita alegria. Eu moro aqui, ao lado do mar, na baía mais afastada do Rio “Praia-Ipanema-Leblon”. Das poucas casas que de vez em quando aparecem neste deserto de areia pode-se ver quase que só os telhados. Ventos fortíssimos, chegando do

¹⁷³ VIANNA, Aurélio e FRAIZ, Priscila (orgs.). *Conversa entre amigos*. Correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986, pp. 56-57.

¹⁷⁴ Osvaldo Goeldi (1895-1961) – gravador e desenhista carioca.

mar, varrem estes desertos enormes e vazios, uivando e empurrando com força enormes nuvens de areia. Lanternas dependuradas no alto dos postes são jogadas, pra lá e pra cá, rangendo, e os fios da rede elétrica, tensos até arrebentar, fazem um ruído ameaçador – o tilintar de vidros quebrados aumenta assustadoramente esta bulharaça diabólica.

As gaivotas lutam com toda a força de suas asas tão fortes contra estes ventos ferozes de tempestade – apesar do forte bater das asas não conseguem avançar nem um centímetro. Pegas pelo vento, numa evolução lateral, são atiradas como flexas por cima da superfície do mar revolto – as pontas das asas quase tocando a espuma das ondas.

Um lugar assim, caro senhor Kubin, certamente iria lhe agradecer. O mar é tão lindo na luz do sol, tão cristalino, que a gente sente o coração mais puro.

O quarto que aluguei tem uma porta e uma janela – a largura dele é a largura da casa – de noite, deixando tudo aberto tenho a sensação de estar deitado debaixo de céu aberto.

Espero, depois de felizmente passada a revolução (foi bastante brava), poder fazer uma outra viagem à Europa – primavera de 1931. Eu gostaria de passar dois a três dias perto do senhor naquela hospedaria tão agradável em Wernstein, pode-se ficar muito bem alojado. O senhor não pode imaginar como me alegre de antemão em superar enormes distâncias para visitá-lo em Wernstein.

Desta vez eu gostaria de levar uma pequena lembrança do Brasil (nenhuma cobra gigante, naturalmente).

Desejo tudo de bom para o senhor e sua cara senhora para o próximo ano – 1931.

Espero revê-lo em breve.

Carinhosamente,

*Oswaldo Goeldi*¹⁷⁵

¹⁷⁵ In: RIBEIRO, Noemi Silva (org.). *Oswaldo Goeldi: um auto-retrato*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1995, pp. 166-167. As cartas de Goeldi foram pesquisadas por Noemi Ribeiro no *Kubin-Archiv* da *Städtische Galerie im Lenbachhaus*, Munique, Alemanha.



(De Gilberto Freire para Manuel Bandeira)

5 de janeiro de 1931.

Dear Baby Flag,

Recebi sua carta de 24 (por avião) a 3, de manhã. Já tinha lhe escrito respondendo, quando o telefone toca e fico sabendo que a República Nova já permite que os seus *untouchables* voltem quando quiserem. Rompi a carta e vai agora esta. Porque na outra eu lhe dizia que não era favor, que pedia a ninguém, nada de especial para mim, apenas queria saber qual o critério de emigrados, adaptado pela República Nova. Porque até anteontem, 3, à tarde, era inútil querer regressar: os consulados tinham ordem para *não usar* passaporte. Só a 3 veio telegrama suspendendo essa ordem. De modo que eu ficara admirado da sua ingenuidade e da de Rodrigo dizendo que *quem quisesse* podia voltar, porque o doutor Aranha assim declarara. Parece que na República Nova a mão direita não sabe o que faz a esquerda. Agora com relação a *A Província*. Deve ter havido em tudo isso mal-entendido. Segundo você me escreve, resumindo o que Sérgio lhe mandou dizer pelo Prudente, parece que eu ofereci *A Província* ao Chateaubriand. Eu concluía de sua anterior e de cartas de Pernambuco que Chateaubriand queria ficar com *A Província*. Ora, nós aceitáramos a oferta, mas para uma *combinação*, não para passarmos *A Província* ao consórcio, desfazendo-nos de todos os nossos direitos. As condições eram aquelas. Quero que fique bem claro, e peço-lhe tornar bem claro ao Chateaubriand, que nada pedi a ele. Nada, absolutamente. Nem mesmo para colaborar nas suas folhas, ficando muito agradecido à oferta que me fez por intermédio do Sérgio e lamentando não poder aceitar tamanha honra. Não deixe de tornar isto bem claro. E você meu caro Baby, como vai? Espero que a gripe tenha passado de banda por você, indo se regalar nos gordos, que é aliás a gente mais do gosto dela. Eu andei mole uns dias mas já estou bom, menos dos nervos, que só faltam ranger. Mas acho que ainda desta vez não fico doído. Vou agora à Espanha. Retardei minha viagem até lá por causa do frio. Já conheço o Norte: quero conhecer o

Sul, isto é, Andaluzia. Depois conto seguir para a República Nova. Meu irmão me escreve que não volte para o Recife, como se não fosse meu dever voltar ao Recife. Quanto a ficarmos, hei de me arranjar de qualquer modo. Ensinando inglês, por exemplo, passando uns dias por aí, já que as conveniências de vapor são maiores pelo Rio. Aqui fico. Escreva-me. O endereço continua Lisboa. Lembranças ao Blanck, Prudente, Sérgio, Rodrigo, Dodô, Ovalle.

Um abraço do

*Gilberto*¹⁷⁶

(De Mário de Andrade para Carlos Drummond de Andrade)

São Paulo, 6 de novembro de 1932.

Meu querido Carlos,

Que coisa cruelmente difícil lhe escrever agora... Não creia porém que essa dificuldade possa vir de qualquer receio de o molestar nos seus melindres e verdades estaduais e brasileiras. Eu também raivei contra Minas, ora me esqueço dela, ora raivo outra vez, ora não raivo mais. Não posso melindrar você que me conhece como um ser apaixonado. Sua carta, maravilhosamente perfeita de amizade e compreensão carinhosa, me faz inteira justiça. Dos telegramas, cartas, cartões que recebi dos amigos do Brasil, foi a que me comoveu mais e se internou em mim, sou eu.

Você diz muito bem que um ser humano que nem eu havia de se integrar no movimento mas que o meu espírito implacável devia estar verificando as coisas com outra verdade. Meu Deus! Tudo isso é tão perfeitamente exato, talvez eu não devesse acrescentar mais nada...

¹⁷⁶ FREIRE, Gilberto. *Op. cit.*, pp. 155-156.

A revolução foi um crime hediondo. Que era crime eu vi perfeitamente desde a manhã de 10 de julho, quando me levantei e soube de mais uma revolução em São Paulo. Contra São Paulo. Mas que essa revolução fosse tão hediondamente criminosa como foi, só depois aos poucos pude saber, e inda vou sabendo. Inicialmente eu a julgava crime porque detesto qualquer militarismo, renego qualquer guerra. No caso particular de São Paulo o crime era duplo: porque havia a vadiação desses militares estranhos à terra, mas que a sabendo pela sua importância o coração mais sensível do Brasil, a escolhiam pela terceira vez pra campo de guerra, por ser econômica e internacionalmente o golpe direto no governo central. E desta vez, mancomunados com a disponibilidade militar, eu via políticos despeitados de antigo regime e do espantinho democrático, ou seres de velhice inócua como esse coitado de Pedro de Toledo. E no tumulto alguns homens bons e válidos. Mas que a inépcia desses mandatários fosse tamanha como foi, no início eu não podia imaginar. Quanto a constitucionalismo, constitucionalização do país, não tenho fé em constituição. É verdade que os sorrateiros movimentos tenentistas provocavam qualquer afirmação imediata da nossa liberdade estadual, mas essa afirmação pra mim seria quando muito o terrorismo individualista e não a guerra. A guerra era um crime.

Assim eu imaginava no domingo de abertura da revolução, e essas coisas falei pros poucos amigos do dia. Estava triste e vim pra casa com minhas sombras.

Depois, foi mais terrível ainda. Era um povo inteiro que se levantava numa unanimidade pânica, numa energia assombrosa, absolutamente inesperada. Impossível até de imaginar, pra mim que tinha da raça paulista a mais cética das opiniões. Mas tanto bastaram dois anos de abatimento, a nojenta ocupação gaúcha de 30 e a não menos nojenta avança nordestina em seguida, pra tornar um povo que se vendera à ambição do ganho e aos prazeres da sua civilização, numa raça homogênea, dotada de coragem coletiva, capaz de guerra e sacrifício. Não estou exagerando patrioticamente a verdade, acredite. Não esqueço que o voluntariado podia ser maior, que a classe proletária, tanto rural como urbana, deu pouco de contribuição militarista. Dos quase 200 mil operários-de-fábrica paulistas, muitos trabalhados pelo comunismo, a contribuição de

voluntários pra guerrear não foi mínima, foi nula. Mas toda a gente aceitava fabricar engenhos de guerra. Os comunistas partidários que querem fazer da guerra paulista um movimento exclusivamente burguês, mentem por pragmatismo, no seu já famoso pragmatismo que no Brasil se transformou notoriamente em licença pra todas as safadezas. A pequena burguesia, assimilável ao proletariado, com a única diferença de ganhar por mês o pão que o proletário ganha por dia, a pequena burguesia que tem seus ideais um pouco acima de pão e dormida, entrou com violência sentida na guerra. E de certas modalidades do proletariado a contribuição foi formidável. Sitiantes, *chauffeurs*, criados, empregados, todos amaram sublimemente, não a Constituição, mas a guerra de São Paulo. Quanto aos abstencionistas: o medo, a indecisão, o apego ao lar, o indiferentismo às causas da coletividade, a guerra, os faz em todas as pátrias do mundo, mesmo quando é entre nações. Se aparecem menos nas guerras internacionais; mesmo num caso como o de Alemanha e França, alimentado por ódio secular, nós sabemos que é a chamada obrigatória que lhes diminui o número. Só nos clãs primitivos, só nas tribos selvagens, é possível a unanimidade absoluta, mandada pelo deus-pajé-rei ou que nome se lhe dê.

315

Assim, eu via desde as primeiras horas da segunda-feira, esgotado o dia de surpresa coletiva, a unanimidade paulista se lançar apaixonadamente na guerra. Passei uns três dias ainda de puro amesquinamento. Numa revolta interior danadíssima, incapaz de tomar parte ativa, revoltado, chocado, indignado. Todas as liberdades proibidas, todas as independências castigadas. Entre constitucionalismo e ditadura, principalmente esta ditadura do Brasil, era fácil torcer. Em tese. Mas não era mais possível a São Paulo permitir qualquer independência de opinião. Quem não era constitucionalista, e era comunista, era miguelista, era ditatorial: pra São Paulo era mais um traidor infame, um covarde etc. e isso me revoltava. Se tantas vezes tenho sido friamente pragmático na vida e praticado injustiças conscientes em proveito de alguma verdade utilitária, d'alguma "verdade viva", era a primeira vez que tomava contato direto com o pragmatismo irracional da guerra. Tinha todos os impulsos finais, me erguer contra essa monstruosidade que eu reconhecia sublime mas que reconhecia monstruosidade



também, e ser linchado e acabar, ou acabar ainda, mas do outro lado, indo sacrificar minha vida de paz, tomando alguma bala de trincheira por aí. Também esses impulsos caíam logo, respondidos por outros de igual... lógica. Na verdade eu perdera completamente a felicidade de ser.

Eu nunca amei São Paulo nem o Brasil mais do que a Cochinchina. Quando Tristão de Ataíde uma feita escreveu que me faltava totalmente o “senso político da pátria”, me ri. A verdade é que não me faltara em menino estudante esse sentido político, exclusivista, proprietário, de pátria. Mas, nem foram só as leituras e o amadurecimento de mim, foi a própria entidade minha em seus impulsos que logo me livraram desses conceitos antiquados, imperialistas, sentimentais. Não me faltara o senso político de pátria, mas já o ultrapassara. Meu amo já partia prá trincheiras. Minha casa eu mesmo incitara, desde a segunda-feira, aos trabalhos femininos de retaguarda. Meus amigos todos abdicando de qualquer diletantismo, imersos nos vários trabalhos de guerra. Eu só. Eu fugindo. Eu martirizado por tanto sacrifício ao horrendo. No fim duns cinco dias já não podia mais. Tomei a resolução desesperadamente cínica: me vender. Por mim, com o meu nome, mesmo agora que amo consangüineamente minha terra e meus paulistas, e o Brasil é pra mim apenas um fantasma indesejável que quase me repugna, de que tenho às vezes rancor, mesmo agora, um certo equilíbrio do ser, uma certa humanidade remanescente (e que espero me salvará...), jamais eu me permitiria dar o meu nome e minha personalidade em proveito de guerra, de crime. Tanto assim que a única coisa publicada com meu nome durante a revolução foi um “Folelore da Constituição”, ajuntando coisa que... os outros é que faziam ou falavam. Pois eu vendia a São Paulo a parte objetiva, a parte prática de mim. Pois que a minha gente se lançava numa unanimidade, eu entregava o meu trabalho a essa unanimidade que me dera dinheiro cotidiano, dormida, comida, amor, sofrimento, alegrias. Tudo o que essa unanimidade me dera eu lhe dava. Ergui o Conservatório que, como entidade paulista, eu julgava impossibilitado de neutralidade. Organizei, na ausência do diretor, a reunião da Congregação. Propus a entrega de dez contos ao governo, fez-se a entrega do prédio à Cruz Vermelha, e as alunas trabalharam sempre na confecção de

coisas pra hospital ou pra soldados. O acaso e os projetos de viagem me tinham feito ajuntar uns bons cobres, quase dez contos, dei tudo. Ouro dei tudo. Bronzes, metais, só não demos o indispensável da casa e os meus três Brecherets. Roupa, inda estou me refazendo do desfalque. Livros, revistas pra hospitais, inda terei que comprar muita coisa pra equilibrar a biblioteca, desfalçada da língua da terra. Os amigos me chamavam pra Liga de Defesa Paulista, me entreguei a eles. Mandassem que eu fazia. Mandaram e eu fiz. Banzei por todos os trabalhos da Liga e o que mandaram eu fiz. Alistamento, censura de correio militar, serviço informativo, folhetos de propaganda, comunicados do S.E.O., escritos pro *Jornal das Trincheiras*, o que mandaram eu fiz. De manhã escrevia em casa. Depois do almoço até 22 horas eram os trabalhos da Liga. Às vezes eu falhava lá pra ir no Conservatório dar lições. Principalmente lições coletivas de História da Música convertidas em estudos da situação. Aí sim eu me transfigurava e era maior. Aquela filharada duns cinqüenta moços e moças amando e sofrendo por uma terra, e à medida que o tempo passava martirizados pela inquietação, como fui bom! Eloqüente, convincente, poderoso, ginasta, professor, herói, pintor de olhares. Aquela genticinha inquieta vinha buscar felicidade na aula e eu dava uma espécie de felicidade. Aí não me importava mentir, violentar, ofender, doando paz de espírito. Os que uma vez apareciam na aula nunca mais deixavam de vir.

Mas tanto esforço, tanta vontade de iludir, tanta raiva a princípio fingida, tanta verdade duríssima não ficou sem seu castigo. Aos poucos eu mesmo me convertia num patriota e num patrioteiro. Se em nenhum tempo eu me recusei a essa coisa incompreensível que é querer bem à terra em que se nasce e à gente de que se é nascido, até que ponto isso admite o ser que sou agora, nem posso julgar. Talvez tudo passe, não sei. Mas agora tenho um orgulho contundente de São Paulo. E a verdade me ajuda nesse orgulho! A verdade do que fomos e do que fizemos, a verdade do que ficamos historicamente simbolizando, a verdade da derrota, tão mais cômoda. Agora eu sou paulista. Não sinto o Brasil mais, e ainda não readquiri a minha internacionalidade. Retrogradei vinte anos na minha vida. Voltei ao menino estudante que inda tinha senso político de pátria. E minha pátria é São Paulo. E isso não me desagrada!...



Assim como eu me vendi friamente ao crime triste com que a nossa unanimidade pactuara, agora me entrego fatigadamente a essa espécie de masoquismo lírico de isolamento nacional paulista, a que toda a colaboração havida nos outros Estados não é suficiente nem pra diminuir. Não sinto o imenso Brasil, não sinto a minha Paraíba, não sinto Minas, nem nada. E as amarguras da ocupação, as brigas diárias, os tiroteios contínuos, auxiliam, definem talvez! a permanência dessa paixão. Outro dia três soldados brasileiros passavam por uma porta onde estava um italiano visivelmente italiano. Eu vinha atrás deles. E um, na talvez mais inocente das brincadeiras, se pôs imitando língua italiana que será curiosa e inabitual na terra dele. Sofri um insulto mas tão na cara! Mataria esses três inimigos. Como me sinto igual, afirmo àquele italiano. Esse é meu irmão. Como aqueles três seres são estranhos pra mim, pior, são ladrões. Perdi completamente a minha humanidade.

Você, Carlos, perdoe um ser descalibrado. Este é o castigo de viver sempre apaixonadamente a toda hora e em qualquer minuto, que é o sentido da minha vida. No momento, eu faria tudo, daria tudo pra São Paulo se separar do Brasil. Não meço conseqüências, não tenho doutrinas, apenas continuo entregue à unanimidade, apaixonadamente entregue. E a nossa unanimidade está por completo ausente do Brasil. E a História, o passado, o presente, ajuda bem essa desilusão e esse esclarecimento da unanimidade. O próprio espírito meu se derrete no fulgor em que vivemos. Me desinteressei por completo de mim. Às vezes, quando estou sozinho, me dói fundo o abandono das liberdades passadas e do equilíbrio. Mas isso é raro, e nem tenho vontade de lastimar o que atualmente sou. Jamais me faltou o instinto de solidariedade. Agora falta, abatido por uma solidariedade mais precária. Porém mais imediata: a solidariedade paulista, que compensa tudo, me desfaz numa unanimidade vermelha e inventa a raça. Dá uma satisfação, dá uma separação tamanha na gente se sentir paulista, não, você não pode imaginar, é um egoísmo fulgurante.

Você perceberá fácil que ainda estou desarrazoado. Por mim não sei se estou. Você, nacionalmente falando, é um inimigo meu agora. Você talvez não sinta isso, eu sinto. Por isso mesmo há uma prova perfeita de amizade no abandono destas confissões que me convertem a tamanha pequenez intelectual. Intelectual, ou talvez

do inteiro ser... Mas pros amigos perfeitos ainda considero uma ignomínia eu me enfeitar. Estou nu. Mas sorrio, verificando que pelo menos este nu é apaixonado.

Carinhosamente o sempre,

Mário¹⁷⁷

(De Osvaldo Goeldi para Kubin)

Rio, 22 de março de 1934.

Caro senhor Kubin,

Sua última carta infelizmente extraviou-se. A firma Bally S.A. deixou de existir há muito tempo e apesar de todos os meus esforços a sua carta não chegou às minhas mãos. Coloquei o bonito desenho, que o senhor me mandou, há tempo, sob um *passepartout* e vidro e mandei fazer uma moldura bonitinha, assim ele não vai estragar e alegrar-me-á por muito tempo. Há mais ou menos dois meses encomendei do Cassirer Verlag o seu álbum *Folhas sobre a morte*. Encontrei também aqui no Rio um exemplar do seu *Animais selvagens* que pretendo adquirir também. Um destes álbuns *Animais selvagens* me foi mandado por uma pintora húngara amiga minha, (faz mais ou menos 12 anos) – ela sabia que aprecio muito os seus desenhos –, infelizmente a encomenda se perdeu no correio. Eu vi, na minha última visita ao senhor, uma pasta com desenhos de bico-de-pena muito expressivos (cheios de clima), finamente executados – se não me engano foi uma edição nova. Por favor, me dê o título, editora e preço, assim posso mandar vir pela livraria alemã daqui. Acredito que foi em formato retangular.

319

¹⁷⁷ ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo*. Op. cit., pp. 175-180.

Eu vou indo mais ou menos bem. Talvez não tenhamos tantas dificuldades financeiras como na pobre Europa, porém sofre-se tanto mais pelo peso do americanismo. Nós não temos tradição aqui no Brasil e acatamos sem restrições todos os maus costumes da América. Com paciência e trabalho espero que o meu esforço pessoal acabe vencendo. O “pseudomoderno” encontrou muitos adeptos – Cubismo, uma arte nacional vazia, ou uma assim chamada arte proletária –, tudo vazio e sem conteúdo – a maioria dos artistas plásticos ainda está mergulhada num impressionismo sem talento. Uma exposição coletiva de arte argentina, mostrada aqui no Rio, foi uma prova para mim que os artistas em Buenos Aires estão mais adiantados e trabalham mais seriamente do que os daqui.

Provavelmente viajarei dentro de um mês para São Paulo – onde pretendo ficar por algum tempo.

São Paulo não é uma cidade marítima e provavelmente sentirei muita falta da querida proximidade do mar durante esta temporada. Bem, que é que se pode fazer.

Querido senhor Kubin, perdoe o meu longo silêncio. Espero que o senhor e sua senhora estejam bem. Brevemente virá a primavera para vocês.

Nunca o esqueço e mando meus cumprimentos para o senhor e para sua cara esposa.

Carinhosamente,

Oswaldo Goeldi

P.S.:

Junto mando-lhe um desenho, espero que ele não se extravie.¹⁷⁸

¹⁷⁸ In: RIBEIRO, Noemi Silva (org.). *Op. cit.*, pp. 172-173.

(De Luís Carlos Prestes¹⁷⁹ para sua mãe)

Rio, 1º de fevereiro de 1940.

Minha querida mamãe,

Respondo hoje tua boa carta de 19 de janeiro, que veio acompanhada de mais um lindo retrato da pequerrucha, ou antes, do seu bolo... Alegrou-me saber que recebeste, afinal, minha carta de 14 de dezembro e espero que já tenhas em teu poder todas as que se seguiram semanalmente. Infelizmente a demora aqui na censura é ainda muito grande e nunca inferior a sete dias. Esta semana entregaram-me os registros do correio e por eles pude então verificar o tempo que ficam as cartas na censura. Felizmente agora, nos fins de janeiro, o ritmo melhorou um pouco, pelo menos das que te são dirigidas, porque, quanto às que mando para a Olga, a coisa é muito pior. Uma carta que lhe escrevi em outubro só foi posta no correio, juntamente com outra de 11 de dezembro, no dia 4 de janeiro! Que fazer? Esmagar as últimas pontinhas dos nervos e considerar-me ainda feliz e agradecido por haverem, afinal, seguido as minhas pobres cartas. Mas das três que já lhe escrevi por via aérea, só a primeira de 29 de dezembro, foi posta no correio no dia 20 de janeiro e, portanto, só poderá ter seguido pelo avião de 25. Tu bem podes imaginar a ansiedade com que aguardo, por todo este mês, sua resposta. Naturalmente o que me contas da devolução dos documentos enviados à Gestapo encheu-me de tristeza, mas eu confio sempre na tua energia e persistência e tenho a certeza de que não poupas esforços para minorar os sofrimentos da nossa querida. E do dinheiro que lhe tens remetido, que sabes? Nem por intermédio do banco sabes se lhe tem sido entregue? Enfim, a solução é esperar com paciência, mesmo porque tudo parece nos indicar que ainda teremos de passar momentos bem mais sérios, ou dificuldades ainda maiores com a correspondência para a Europa.

321

¹⁷⁹ Luís Carlos Prestes (1898-1990) – comunista gaúcho.



Imagino o quanto sofres com tudo isto e do quanto sentes a falta de notícias das manas. Precisas cada vez mais cuidar da saúde e principalmente não dar grande valor às notícias das agências telegráficas. Não esquecer o ditado das mentiras em tempo de guerra, que são como terra; não é verdade? Felizmente tens a Lyginha aí ao teu lado. Muito apreciei na última carta que ela me escreveu as palavras otimistas com que a encerra e que traduzem bem o seu entusiasmo juvenil – essa força de que tanto necessitamos à medida que, com os anos, vamos sentindo o peso da vida. Mas como vai ela com o frio? Quando responderá minha carta de fins de dezembro? Tu me dizes que ela já me escreveu “minuciosamente” sobre a pequerrucha, mas eu creio que sobre isto ela te enganou... ou mistificou, para empregar uma palavra mais gentil. A mim, porém, ela não consegue mistificar. Gostei muito de todas as notícias que me mandou em sua carta de dezembro, mas no que diz respeito à pequerrucha, ela ficou no “pretendia”...

Que te posso dizer da impressão que me causou a fotografia que veio com a tua carta? Escrevendo à Olga, eu já lhe disse, ao referir-me à maneira por que tem sido mimada a nossa filha, que parece que os amigos se esforçam por acentuar as contradições da vida desse pequenino ser; não é verdade? Tu já me disseste uma vez que ela tem muitos “papais” e “mamães”, e é isto que se verifica. Naturalmente o que mais apreciei foi o lindo bolo, que me trouxe saudades de outros tempos o de um célebre doce de coco... Qual a idade das duas pequerruchas espertas que estão com a Anita Leocádia nessa fotografia? Quero um termo de comparação para melhor avaliar o seu desenvolvimento.

Agora algumas notícias aqui do meu mundo. Recebi ultimamente mais duas remessas de revistas de Porto Alegre: três números do *Observador Econômico*, que há muito tempo não recebia e cuja leitura sempre me causa grande prazer, e um número da revista *Diretrizes*, dedicado ao cinquentenário da proclamação da República. Junto com esta vieram dois suplementos literários muito interessantes. Num deles há um magnífico artigo sobre Castro Alves com a transcrição de diversas das suas poesias, dessas poesias que se lê sempre com admiração e que acabam por nos transmitir o entusiasmo, cheio de generosidade e bravura do poeta. A poesia de Castro Alves é, como ele mesmo diz em carta a

um amigo, um canto do futuro, e acrescenta: “O canto da esperança. E nós não devemos esperar? Sim, e muito e sempre...” Tive, como vês, graças à vovó, uma semana relativamente movimentada. Quanto à saúde, continua sem novidade. O grande calor já passou e agora só deve voltar, como despedida, lá para a segunda quinzena deste mês. Não te mando ainda hoje um pedido de livros, como sugeres, porque prefiro antes ainda obter por aqui algumas informações, a fim mesmo de decidir a respeito dos assuntos a escolher.

Bem, minha mãe, eu vou aqui terminar por hoje. Transmite às manas minhas saudades e votos de muita saúde. Um grande abraço para a Lygíinha e ela que beije por mim a pequerrucha.

Com os melhores votos pela tua saúde, abraça-te com imensas saudades e beija-te com carinho o filho que muito te quer

*Luís Carlos*¹⁸⁰

(De Mário de Andrade para Oneida Alvarenga)

Rio, 27 de fevereiro de 1940.

Oneida,

Vamos iniciar o nosso trabalho de colaboração pros seus estudos iniciais relativos à sua futura *História social da música*. Antes de mais nada está claro que você precisa estudar um bocado de sociologia fundamental, cujos princípios você aplicará para exposição dos fatos históricos musicais e sua crítica. Saiu recentemente o livro *Fundamentos de sociologia*, de A. Carneiro Leão, publicado nas oficinas do *Jornal do Commercio*, Rio, 1940, que é uma

¹⁸⁰ PRESTES, Anita Leocádia e PRESTES, Lygia (apresentação, seleção e notas). *Anos tormentosos. Luís Carlos Prestes: correspondência da prisão*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2002, v. 1, pp. 313-315.

exposição bastante clara da sociologia de visão e métodos norteamericanos. Como base é útil, mesmo porque a visão prática da sociologia ianque me parece útil pra evitar no seu livro muitas filosofices. Ainda não li o livro, só o examinei. Me parece bom, bem metodizado, com excelente bibliografia. E pelos trechos que li o achei claro. Lê-se como um romance.

Talvez seja “em geral” demais para o assunto tão particularizado como o da música que vai ser o seu. Mas primeiro será necessário como base (e pela bibliografia você poderá pedir outros livros e lê-los por compra, empréstimo, biblioteca pública etc.). Só depois desta base é que convirá a você ler livros mais... venenosos, como interpretação dos fenômenos sociais, especialmente os marxistas. Evidentemente não se trata de dar a seu livro um caráter, uma visão marxista, e muito menos fazer um livro de combate. Você sabe que pessoalmente não admito integralmente o marxismo e sinto na vida humana uma porção de causas e de imponderáveis que produziram os efeitos. Mas, incontestavelmente, o marxismo contém uma enorme parte da verdade que hoje nem é marxística mais porque incorporada ao conhecimento normal, à verdade geral humana. Coisas que ninguém discute mais. E é nisso que a leitura de certos marxistas auxiliará enormemente você na interpretação sociológica dos fatos musicais.

Com esses livros marxistas também lhe nomearei então alguns de estética sociológica geral e outros sobre o fenômeno musical em particular que lhe serão muito úteis.

E resta falar no plano do seu livro. Sobre isto, antes de mais nada, pediria a você que relesse meditadamente os três artigos que publiquei no *Estado*, sobre música social no Brasil. Saíram em três domingos consecutivos, e se você não os tem, me mande dizer. Não esclareço mais, nesta carta, porque estou lhe escrevendo do Instituto do Livro e não tenho os artigos à mão. O assunto está meio misturado e exposto sem muito método, mas uma meditação séria sobre os artigos poderá lhe dar uma noção mais íntima de como você conceberá o livro e o planejará.

O seu livro será “cronológico”, expondo os fatos musicais na ordem da evolução do tempo? É o método comum das Histórias, mas si você quer fazer um livro sociológico, me parece que o fator cronológico, si respeitado o mais possível, sempre deverá passar

em segundo lugar. Mais importante será o elemento comparativo, formando o livro em capítulos cíclicos. Por exemplo: um capítulo “Do religioso para o profano”, mostrando comparativamente nas civilizações históricas a evolução tendenciosa da música como serviço da religião, inicialmente indo aos poucos com os progressos de ordem econômica, material, urbanística etc., abandonando Deus e se tornando até ateística. Falo ateística no sentido em que depois de profanizada a música certos indivíduos muito musicais continuaram apreciando a música religiosa, não funcional, mas contemplativamente. E formam-se assim núcleos sociais, Sociedade Bach etc., de gente que escuta a *Missa em si menor*, e as *Cantatas* de igreja, e Palestrina, e os flamengos, dando à música deles uma exclusiva funcionalidade de prazer, de beleza. Outras manifestações ateísticas existem: como o compositor que não crê e faz música religiosa como base de inspiração. O *Sacre du printemps* de Strawinski e a sua *Sinfonia dos salmos*, uma com elementos bíblicos e outra com os ritos místicos da Rússia arcaica, são puros fenômenos ateísticos de criação musical, só possíveis no estado atual de civilização material e materialismo disseminado no proletariado. Tais fenômenos seriam impossíveis na música do século XVI, pois muito embora qualquer compositor de música religiosa de então pudesse ser ateu, a sociedade o não era, e a música criada o era *em sentido religioso*. Não só o autor não tinha liberdade (daí os cânones mais estreitos da música religiosa) como a música era funcional: nenhuma missa ou motete foi executado no salão de festas dos príncipes e sempre e exclusivamente em sua capela e durante a cerimônia religiosa. Fenômenos idênticos de ateísmo você encontra na história da música grega, na romana, na chinesa. Ainda há que estudar os quistos de música religiosa, permanecendo através dos tempos, mas sem grande importância social, como o da escola de César Franck etc.

Outro capítulo interessantíssimo seria o da música rural e música urbana, mostrando a diferenciação radical de atitude sociológica dentro dos eternos elementos constitutivos da música (ritmo, melodia, polifonia, harmonia, canto, instrumento etc.), da música folclórica (rural) e da erudita (urbana). E estudar, dando-lhe importância nunca dada nas Histórias da música, o elemento intermediário, a música popularesca, fixando-lhe os elementos



psicológicos, econômicos etc. Aqui (se ajude de meu estudo sobre “A linguagem radiofônica” que vai sair no *Estado*) mostrar como, na sociedade contemporânea, com a ascensão do proletariado e da pequena burguesia a ele adesiva, os dois grandes instrumentos musicais do nosso tempo, vitrola e rádio, são especificamente popularescos, mostram a definitiva derrota da vida rural como sociedade específica, mostram a derrota da vida familiar (substituição do piano = família pelo rádio = coletividade popularesca) como princípio básico da sociedade. (Aliás acho esta minha idéia tão gostosa, assim exposta à primeira vista, que decerto escreverei um artigo sobre.) Haverá similares nas outras civilizações antigas ou orientais? Não lembro. Mas estudar o fato em si é de importância capital e dará grande saliência ao seu livro.

E noutras cartas, escritas como esta com velocidade incrível e apenas metade dos assuntos, irei comentando o que me vier na cabeça. Você Oneida é um pouco covarde e deve estar assustada com estas linhas. Mas sei bem o que requer um livro tão absolutamente novo assim em música, de estudos novos, leitura enorme, reflexão e principalmente audácia. Audácia intelectual que é coisa que muito falta a você quando se trata de criar pra seu nome só. Porque não lhe falta audácia intelectual pra criar em nome de uma entidade, como o prova a Discoteca. Mas ninguém vive só, nem mesmo na minha idade. Estou ideando um livro que será escrito em dez anos de vida sua. E a gente está aqui pra se ajudar mutuamente. Nós já formamos mesmo uma espécie de comunidade espiritual, você, o Saia, eu. A gente se intercomunicando seus problemas e dúvidas ainda milhorará a felicidade de viver e terá as muletas dos outros. Toque o livro pra frente pra ver no que dá.

Lembrança pros amigos, Saia, Maria da Glória. Um abraço amigo pra você com o Silvio.

Mário¹⁸¹

¹⁸¹ ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade-Oneida Alvarenga: cartas*. São Paulo: Duas Cidades, 1983, pp. 212-214.

(De Leocádia Prestes¹⁸² para Luís Carlos Prestes)

México, 9 de setembro de 1942.

Meu querido filho,

Desde o dia 6 tenho em meu poder tua semanal de 25 do mês passado, que, como sempre acontece, serviu ainda uma vez para me dar coragem e novas forças para enfrentar as vicissitudes da hora presente.

Imagino, meu querido filho, tudo quanto terás sofrido com as tristes notícias de que falas, mormente pela desagradável situação em que te achas! É verdade que soube dos horrores do golpe selvagem que nos foi assestado e recebi mesmo uma impressionante descrição sobre o torpedeamento de vários navios brasileiros nas costas da Bahia; se não te falei neste fato, é porque receio sempre que a censura retenha a minha pobre carta, como já aconteceu uma vez. Aqui nada se sabe do que está se passando por aí, os jornais brasileiros são seqüestrados no correio e a imprensa daqui cifrou-se a dar notícias insignificantes e sem interesse. Não compreendo o que se passa e por que tanto sigilo. Somente com a leitura da carta que recebemos nos foi possível fazer uma idéia clara do que se passou e, como bem imaginas, sofremos com o nosso grande povo que sabe sentir e manifestar toda a indignação que o caso despertou em seu coração. Aqui o horrível crime passou quase despercebido e até hoje muita gente ignorava o número exato das vítimas.

A nossa Anitinha participa intensamente de todos os nossos sofrimentos e já vai compreendendo perfeitamente todo o horror da hora que estamos vivendo. Muitas vezes assusta-me com as suas reflexões e procuro desviar o seu pensamento para outras idéias mais próprias de sua idade, mas volta sempre à sua idéia fixa: quando virá meu pai e a minha Olga...

327

¹⁸² Leocádia Felizardo Prestes (1874-1943) – professora gaúcha.



Continuo esperando as informações prometidas pelo Comitê de Auxílio aos Prisioneiros da Cruz Vermelha Internacional. Também não recebi mais carta de tuas irmãs e suponho que não receberei tão cedo, porque parece que as cartas são remetidas todas juntas num momento dado. Vários amigos receberam, como acontece conosco, cartas de parentes que estão por lá, de várias datas e todas juntas. Esperemos com confiança e otimismo.

Espero que continues a receber as revistas com a regularidade possível, pois não creio que fossem por barcos brasileiros. Imagino a falta que terás sentido da visita semanal do teu ilustre advogado. Nesta terra nada se sabe do tal Congresso. Quanto a mim, continuo alimentando a esperança de conhecer pessoalmente o doutor Sobral, o que seria muito útil para todos. O livro do Jorge Amado já apareceu por aqui e já se esgotou. Espero que me fales com clareza quais os livros que desejas, mas bem posso imaginar, pela lentidão, que os acontecimentos esperados tardam muito em realizar-se. A ciência está em compreender e saber esperar.

De saúde vamos bem atualmente, apesar das chuvas torrenciais que caem todas as tardes. As gripes já passaram e estou muito melhor das câimbras. Quanto à serenidade para tudo suportar, que te posso dizer? Às vezes, parece-me que a paciência já se esgotou e que o tempo custa muito a passar, porém isto dura somente um instante e, olhando para trás, vejo que não tenho razão para impacientar-me. O caminho andado foi árduo e cheio de espinhos, mas avançamos sempre e com força de vontade e calma chegaremos ao fim. Quando fico nervosa, penso em ti e na nossa querida e sinto vergonha, porque os meus sofrimentos nada são, comparados com os que tu e ela tiveram que suportar e com serenidade. Estou forte de corpo e alma, podes ficar tranqüilo.

A Lyginha, sempre equilibrada, de saúde vai bem e está mesmo mais gorda. Quanto à tua filhinha, continua crescendo e, sempre linda, é de uma simpatia extraordinária. É o encanto de todos que a vêem. Em breve mandar-te-ei novas fotos a fim de que possas avaliar o quanto cresceu nestes últimos meses. Bem, querido filho, por hoje fico aqui, esperando a tua nova carta que deve ser de 1º do corrente mês. Faço ardentes votos pela tua saúde e espero que respondas às perguntas que te faço em uma de minhas

cartas. Recebe muitos abraços da Lygíinha e muitos beijos carinhosos da Anita, que pensa muito em seu querido papai. Com imensas saudades abraça-te e beija-te a mãe que muito te quer

*Leocádia*¹⁸³

(De Gilberto Freire para Olívio Montenegro)

Querido Olívio,

Recebi sua carta. E ela me fez pensar com saudade em você e nos nossos amigos daí e no nosso Recife. Também trabalhei para sua vinda ao Rio, para a biblioteca. Mas como disse ao seu primo da Paraíba – e ele e Lauro parecem concordar – um erro inicial foi feito quando os seus patronos se pegaram com o Agamenon. Eu aliás ignorava isso e soube de tudo pelo José Olympio. Foi um erro. Era uma recomendação pelo avesso. Aqui se prepara a convenção da UDN. O José Américo tomará parte saliente. Fizemos um programa que em alguns pontos vai mais longe que o da Esquerda Democrática, que continua assim a agir dentro de uma organização grande. E não à parte, como querem alguns ingênuos. E como querem principalmente os comunistas que correndo a pontapés os intelectuais dos postos de responsabilidade do seu partido, desejam-nos um subpartidozinho que seria – segundo seus desejos – a Esquerda Democrática. Tudo indica que a UDN se desenvolverá como organização democrática. É ao lado e à margem dele, o nosso *estudantismo*. Gostei do artigo de Sílvio sobre a posição da UDN – movimento. Em ação política, não podemos nos orientar só pelo desejável: também pelo possível. Contra nós, temos que esperar a fúria dos fanáticos do prestismo e do quererismo. Mas é natural. Como vamos de tradução? O Álvaro

329

¹⁸³ PRESTES, Anita Leocádia e PRESTES, Lygia (apresentação, seleção e notas). *Op. cit.*, v. 2, pp. 382-384.



ainda não me procurou. Tenho estado sempre com o nosso Lins. Nossos abraços – meus e de Magda – para Lucíola. As crianças vão bem.

Abraços para Anti, Aníbal, Sílvio, Cedro, Duarte, J. Osório, Odilon Nestor, Paulo, Murilo, Gonçalves, Altamiro, Benício – todos os amigos, e Tuca também.

Gilberto

P.S.:

Tem graça: o Aníbal me chama, segundo me dizem, um dos “mais ilustres intelectuais pernambucanos”. Diga-lhe que muito obrigado.¹⁸⁴

(De Gilberto Freire para Antiógenes)

330

Tambaú, 17 de fevereiro de 1945.

Meu caro Anti,

Um abraço. Vai esta por portador de confiança. Devido à doença grave em Sônia Maria e Fernando Alfredo, não posso estar aí na reunião das oposições como desejava. Daí, escrever-lhe. Em primeiro lugar para dizer-lhe que caso fosse ouvido, o nome de minha preferência para o governo de nosso Pernambuco seria o seu, o que não importa em qualquer objeção de minha parte ao nome de João Cleofas ou ao doutor Joaquim Bandeira, ao de Eurico ou ao de Geraldo ou Soriano ou Mariz ou a outro daqueles em que se têm fixado atenções ou preferências. São eles todos dignos daquele cargo pela experiência, pela capacidade ou por serviços prestados ao Estado ou à causa oposicionista que é a causa da

¹⁸⁴ FREIRE, Gilberto. *Op. cit.*, pp. 237-238.

libertação de Pernambuco do jugo de um bando de aventureiros e exploradores. Estou informado do choque entre nomes – choque que não devemos de modo nenhum deixar extremar-se em prejuízo para a causa oposicionista. Por outro lado, como representante que tenho a honra de ser no Comitê Oposicionista de um dos grupos das chamadas esquerdas, representação que como você sabe me foi confiada sem que eu a procurasse, desejo chamar a atenção de todos vocês para o inconveniente de ordem psicológica da escolha de um nome, para candidato das oposições, ao governo de Pernambuco, demasiadamente ligado ao grupo dos usineiros ou aos seus interesses. Ficariam então os situacionistas com o direito de se apresentarem, é claro que por simples exploração, como os verdadeiros “amigos”, “defensores”, “campeões” etc. do povo, da gente do trabalho etc., contra os “ricos”, os “opulentos” etc. Sua demagogia verbal teria pano para as mangas.

É diante disso que, por seu intermédio, venho juntar-me aos que pensam que, no caso daquele inconveniente de ordem psicológica ser considerado tão grave pelos demais membros do Comitê quanto o consideramos eu e outros oposicionistas, – graves para o momento, é claro – ou se não se chegar a cordial acordo em torno de um dos nomes citados, devemos voltar para outra personalidade de brasileiro igualmente digno da confiança dos pernambucanos – não só dos elementos chamados conservadores, como de gente do povo, da gente do trabalho, da mocidade, dos estudantes, dos intelectuais. Estão nesse caso, ao meu ver, isto é, estão no caso de inspirar essa confiança e até de despertar entusiasmos que possam dar vibração e sentido novos a essa quase *Marselhesa* pernambucana que é a *Vassourinha* – três brasileiros ilustres que não sendo pernambucanos estão, entretanto, identificados com Pernambuco (e creio poder também dizer com a essência da nossa causa de oposicionistas) como qualquer de nós. Refiro-me a Juraci Magalhães – cuja ação de administrador e qualidades de homem público o Brasil inteiro conhece – o Nelson Melo e o Jurandir Mamede. O mesmo é certo de outros patrícios nossos, este pernambucano e tão notável como os três citados, por sua integridade e capacidade de organização – Maurício Nabuco, herdeiro de um dos maiores nomes de Pernambuco e do Brasil. Caso, entretanto, Juraci Magalhães aceite a indicação do



seu nome, creio que será a solução ideal para Pernambuco, aí fica a sugestão, caro Anti. Peço transmiti-la aos companheiros do Comitê de causa oposicionista.

Outro abraço do velho amigo e compadre

*Gilberto Freire*¹⁸⁵

(De Anísio Teixeira para Monteiro Lobato)

Bahia, 6 de junho de 1945.

Lobato,

Se algum convite já me pôs água na boca, este foi o seu... E olha que já não tenho apetite para coisa alguma! E a lembrança de também escrever a Emilinha foi das mais eficazes. Tenho, temos uma velha briga por causa de um cachorro – Rupee – cachorro que eu acho uma flor e ela... a pior das *nuisances*... Com a sua carta, logo decidi matar o cachorro e obter a rutura definitiva. Chegou a redigir a resposta telegráfica ao seu cartão: “Matei cachorro segue o Anísio”. Mas nem a morte do meu Rupee me poderá levar agora a São Paulo. De modo que tratei de dissuadir Emilinha do seu torvo propósito.

Ninguém melhor do que você pode julgar minha situação. Muito pouca coisa funciona no Brasil e no Norte não funciona coisa nenhuma. De comerciante – horrorizado com essa história de comprar aqui por menos e vender ali por mais – meti-me a industrial e afundei-me em uma série de minas de manganês. A minha experiência foi 100% baiana. O problema tinha seus elementos muito claros: tinha que existir minério, depois tinha que extraí-lo, transportá-lo à

¹⁸⁵ *Idem*, pp. 83-84.

gasolina até a estrada, aí ter transporte até o porto e, uma vez no porto, ter compradores e vapores. Tudo simplicíssimo: minério, gasolina, transporte ferroviário, porto, comprador, navio... Pois em cinco anos, só raramente esses elementos coincidiram. Quando tinha minério, não tinha transporte. Quando tinha transporte, não tinha navio. E algumas vezes, quando tinha transporte e navio, não tinha minério... Foi um gângorrear sem fim. E agora – porque resolvi os problemas que me competiam – sou um homem que tem minério, tem preço e tem comprador, mas que não tem transporte... Como sou muito Sancho não devo a ninguém, mas estou com um pesadíssimo negócio nas mãos sem saber como sair... Sou hoje um homem amarrado a mais de 30 mil toneladas de pedras espalhadas por minas, estações ferroviárias e dois portos baianos. Como gostaria de “liquidar” tudo isto e ir ajudar vocês a fazer livros – coisa, pelo menos, muito mais leve que mangânês. No Brasil tudo é tão tênue que só se deve tentar o leve. Isto do pesado é o diabo...

E logo agora que o Getúlio pôs o “faz-de-conta” a funcionar e nos deu essa “liberdade” tão “país-das-maravilhas”. A gente sabe que isso vai desaparecer de uma hora para outra, que basta, como faria a Emília, fechar os olhos com força, mas que delícia seria conversar um pouco entre essas fadas: liberdade de pensamento, liberdade de crítica, democracia, independência individual...

A sua carta, Lobato, ficará aqui a me espetar as saudades. *Racionalmente*, não posso sair agora da Bahia. Mas quem disse que somos racionais? E com todos esses pós de pirlimpimpins getulianos, não é mesmo que se tem o direito a algumas maluquices?

Serriamente, precisava de acertar o pensamento com você. Ando tremendamente *gloomy*. Leu, por acaso, um telegrama de Gandhi a Mrs. Roosevelt por ocasião da morte de seu marido? Era uma coisa assim: “Condolências pela morte de seu marido. Parabéns porque esse homem de paz não assistirá o assassinato da paz.” *The murder of peace*... Será mesmo que os homens a assassinarão pela segunda vez em cinquenta anos? Este o meu medo, Lobato, medo tão grande que me anda tirando o gosto de viver. Todas as vitórias militares da terra só valem, só valeriam se fosse para que a paz vivesse. Todos nós que vimos e sentimos a catástrofe chegar, imaginamos que os homens aprenderiam afinal ao tremendo preço



dessa catástrofe a “enxergar”. E enxergando, evitassem mais singelamente e mais humanamente o perigo de nova catástrofe. Pois não é que continuam tão cegos, tão estúpidos, tão estouvados quanto antes! Estará você vendo melhor as coisas? Precisava muitíssimo de ir a São Paulo para conversar, para examinar com você tudo isto. Não será já o começo de uma *racionalização* para poder viajar?

Lembre-me à dona Purezinha, à Rute, ao Jurandir e Marta e Joice e creia-me seu muito saudoso

*Anísio*¹⁸⁶

¹⁸⁶ VIANNA, Aurélio e FRAIZ, Priscila (orgs.). *Op. cit.*, pp. 97-98.



4ª Geração: nascida entre 1900 e 1930

Cartas escritas, basicamente, entre 1930 e 1968 não poderiam senão traduzir as maneiras como esta geração vive a ebulição social e política que marca a definição e a crise das estruturas do Brasil contemporâneo.

O fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, se combina com a transição de regime político no país. Em ambiente democrático, são liberadas energias políticas represadas durante a ditadura do Estado Novo (1937-1945). No curso do desenvolvimento econômico alcançado, aprofundam-se os conflitos entre classes sociais, configurando-se uma situação bifronte: de um lado, a presença do movimento comunista, como fato e como ameaça potencial aos grupos privilegiados; de outro, a reação conservadora, que não hesita em praticar a perseguição política – geradora das “cartas do cárcere” –, especialmente durante os períodos ditatoriais.

337

A posição hegemônica dos Estados Unidos da América, centro do mundo capitalista de pós-guerra, é mais do que um dado externo à realidade nacional. Vivendo em uma nação periférica e dependente, esta geração lida com o poderio estadunidense tanto em escala internacional, onde defende a autoridade da ONU, quanto internamente, por meio da elaboração de projetos de capitalismo nacional autônomo, na esteira do desenvolvimentismo que tem como símbolo a nova capital federal – Brasília. Expressões simbólicas desse dinamismo são os registros da arte abstrata, da cultura negra, da dimensão política da literatura etc.

Na década de 1960, a grande crise. Impasses sociais, econômicos e políticos criam condições para que intenções golpistas – uma continuidade do período anterior – vinguem. A vivência da ditadura militar instalada no país em 1964 é a experiência radical que une esta geração e a seguinte.

(De Heitor Ferreira Lima¹⁸⁷ para Astrojildo Pereira)

1º de junho de 1930.

Caro Astrojildo,

Recebi a sua carta e falei com os camaradas aqui sobre a *Correspondence Internationale* e eles prometeram providenciar sobre o assunto. Sobre a falta de notícias na nossa parte não tem razão de queixa, pelo contrário, somos nós que nas nossas cartas temos nos queixado repetidas vezes. Exceto a sua carta e a resolução do Presidium sobre o telegrama daqui, nada mais recebemos. Mesmo jornais não temos recebido. Os camaradas daqui têm se queixado que foi para lá e emudeceu e nem dá sinal de vida. Em que ficou o sério trabalho que você tinha de fazer aí? Eu estou autorizado em nome do Secretariado a pedir-lhe que mande materiais, que mande informações sobre o que se passa aí, sobre a vida e o trabalho do Partido. Pelo visto, o *tournant* não se fez ainda, apesar de que a situação o requer e o exige. Que fez o Partido para estudar e corrigir os defeitos e insuficiências da nossa pesada derrota nas eleições de 1º de março? Nada, ou pelo menos a Internacional Comunista nada sabe. Que fez o Partido para a preparação do 1º de Maio? Deve ter sido muito pouco, pois, pelas poucas notícias que temos, o Partido deixou fracassá-la, por falta de preparação, pela falta de preocupação. Onde estão os grupos de autodefesa que deveríamos ter organizado? No domínio sindical, que fez o Partido para reconquistar as posições perdidas? O trabalho no campo, que se fez nesse domínio, apesar da magnífica situação objetiva que há? Tais são as perguntas que nos fazemos um ao outro sem (que) ninguém nos possa responder. Você deve, com urgência mandar informações sobre estes assuntos.

Outra coisa sobre a qual eu volto a insistir é o envio de estudantes para aqui. Se você tiver ocasião de falar com o portador desta carta, ele lhe poderá explicar em detalhes a situação daqui.

339

¹⁸⁷ Heitor Ferreira Lima (1905-1989) – comunista mato-grossense.

Recomendações aos camaradas.

Abraços

Heitor¹⁸⁸

(De Heitor Ferreira Lima para Astrojildo Pereira)

Moscou, 20 de julho de 1930.

Caro Astrojildo,

Recebi há dias a sua segunda carta de Buenos Aires. Respondo-a somente agora porque então acabava de lhe escrever e nada de novo tinha a comunicar-lhe. Acaba de chegar-nos o número 91 da *A Classe*, alguns jornais burgueses e (imagina a nossa surpresa) o número 2 da *A Luta de Classes*. É verdade, após a exterminação do trotskismo nos outros países, anos depois, é que ele aparece no Brasil! O Brasil é decididamente o país mais atrasado do mundo! As coisas por aí marcham a passo de tortuga! E o mais bonito é que eles já passaram com seus ataques (como bons êmulos de Trotski) da escala nacional, o PCB, para a escala internacional, a IC. E as incoerências que dizem? Vê-se muito bem nas colunas do *A Luta* o intelectual lambuzado de Marx e Lênin. Nota-se a mão de “mestre” Coutinho bancando “teórico”. É preciso porém que o Partido aproveite esta oportunidade para explicar às massas o que é o trotskismo, discutir seriamente vários problemas que nos interessam e que não estão ainda suficientemente claros, corrigir definitivamente nossos erros e faltas, e desse modo pôr os nossos Trotski-mirim em *knockout*. É preciso raspar-lhes (em certos momentos causando-lhes mal à pele macia) esse verniz marxista-leninista que ostentam e mostrá-los às massas em sua pobre

¹⁸⁸ In: PINHEIRO, Paulo Sérgio e DEL ROIO, Marcos. *Combates na história. A trajetória de Heitor Ferreira Lima*. São Paulo: FAPESP/Paz e Terra, 1990, pp. 95-96.

nudez trotskista. Tal deve ser, a meu ver, nossa tarefa frente a eles. Vocês porém não devem deixar de mandar aqui todos esses materiais, que só nos chegam aqui por bondade de terceiros, por amigos.

Aqui, continua-se como sempre, faltos de notícias.

Os delegados até agora ainda não chegaram. Espero-os para saber novidade daí. A propósito. Falei com Maurício que acaba de chegar daí e já ele me deu algumas informações. Com os rapazes que vierem, far-se-á uma reunião para discutir nossas questões aqui. Reina aqui grande interesse pelas questões do Brasil e ao mesmo tempo ansiedade, pois não são conhecidas as opiniões do Partido frente ao presidente Há uma série de questões sobre as quais aqui querem esclarecimentos e que serão ventiladas na reunião.

Sobre o caso do Vargas. Nós aqui divergimos da sua opinião. Mesmo para que ele possa aproveitar com vantagem a sua estadia no Kim, é-lhe necessário uma base teórica séria que ele não possui. Na melhor das hipóteses o que ele poderá ser no Kim é um prático. Nada mais. E você viu no que dão os práticos *à la* Droz e Stiner. Além disso, a única oportunidade que se lhe apresenta para adquirir uma forte base teórica é agora, com sua estadia aqui, que não se deve deixar passar. Eu vou insistir para que ele vá à escola L. e você deve tratar de mandar-lhe os papéis necessários.

Os materiais de Buenos Aires ainda não chegaram. Há aqui muita falta de materiais. Nada, absolutamente nada nos chega aqui. Trate disso urgentemente.

Recebeu carta minha levada por Lóris? Receberam também um artigo meu para a discussão? Pelo que vejo, a discussão parece fraquíssima, o que denota mau sintoma.

Que há de novo por aí, depois do Plenun?

Tenho mandado materiais sobre o Congresso do PC russo, tem recebido?

Quanto ao resto não há novidades. A colônia vai toda bem, sem novidades.

Recomendações a todos aí.

Abraços do

Heitor¹⁸⁹

¹⁸⁹ *Idem*, pp. 97-98.



(De Oneida Alvarenga¹⁹⁰ para Mário de Andrade)

Varginha, 31 de dezembro de 1932.

Seu Mário,

Estou ensaiando pra lhe escrever há muitos dias e fui adiando sempre, pensando que a carta não o encontraria ainda em São Paulo. Depois, comecei a não encontrar o que lhe escrever e foi isso que me continuou segurando até hoje, embora ainda esteja agora na mesma miséria do que falar. Como hoje é o último dia de 1932, quis, não fazendo caso do resto, lhe desejar muita felicidade em 1933, votos que ficam aqui como expressão dos desejos amigos de minha família e meus.

Acho que não é preciso confessar que tenho vadiado muito, porque o senhor poderá ficar com vontade de me passar uns pitos. Mas o caso é que encontrei o meu piano horrivelmente ruim (aliás ele nunca prestou), que perdi totalmente a coragem que trouxe de São Paulo. Quase fico com vontade de experimentar o que produz um fósforo aceso em madeira embebida de gasolina. Não é exagero: o piano desafia a paciência de qualquer criatura, embora tenha nervos muito equilibrados. Como sempre acontece comigo num caso assim em que não posso modificar as coisas e reconheço a inutilidade do meu desgosto, fico irritada e com vontade de brigar com todo o mundo. Pra evitar essas conseqüências é que tenho vadiado regularmente. Entretanto, resolvi agora fazer exclusivamente técnica (pianística) e cuidar só de preparar o que é novo, abandonando tudo o que exija aperfeiçoamento.

Não tenho cuidado de escrever. Parece que a poesia brigou outra vez comigo e estou com medo de não achar a perna de mosca que o senhor encomendou. A minha veia poética sempre foi de fases, como a lua. Deve andar agora pelo quarto minguante, ou é mesmo possível que tenha sumido e por enquanto a noite anda mesmo negra.

¹⁹⁰ Oneida Paoliello Alvarenga (1911-1984) – folclorista mineira.

Os últimos versos que lhe dei deviam estar horrorosos. Não digo isso levada pela minha velha mania. Entre todos foram os que menos me satisfizeram. Custou a querer olhá-los com boa cara. Com os outros sempre tenho feito as pazes, com maior ou menor facilidade. Duvido muito que faça com esses.

Estou terminando agora a *Introdução à psicanálise*. O livro me prendeu completamente e talvez que ele também tenha um bocadinho de culpa no abandono do meu piano-tacho.

Espero que o senhor esteja se sentindo melhor de saúde e desejo que me dê boas notícias suas.

Todos os meus lhe enviam lembranças, e eu, minha amizade.

Oneida¹⁹¹

(De Édison Carneiro¹⁹² para Artur Ramos)

343

Mar Grande (Bahia), 27 de janeiro de 1936.

Artur Ramos,

Estou lhe respondendo em um taco de papel – porque não tenho melhor – para responder à sua carta.

Dei uma escapada até à Bahia, na segunda-feira do Bonfim. E foi uma escapada fecunda. Tirei umas fotografias da capoeira, que mandarei pra você depois. E colhi mais de vinte canções de capoeira. Só não cavei um samba *legítimo* para fotografar.

No artigo sobre o “folk-lore” disse que o berimbau (*humbo*) se chamava *mucaxixi*. Agora remendo. O *mucaxixi* é um pequeno cesto fechado com sementes de bananeira do mato dentro, que o tocador sacode na mesma mão que empunha a vareta. O berimbau

¹⁹¹ ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade-Oneyda Alkarença: cartas*. Op. cit., pp. 36-37.

¹⁹² Édison de Sousa Carneiro (1912-1972) – folclorista e jornalista baiano.

se chama também *gungá*. Você se lembra do *rucumbo*? Nina Rodrigues fala dele (páginas 240-241 dos *Africanos*), mas é o mesmo berimbau da Bahia. Não posso garantir, mas suponho que o *rucumbo*, aqui na Bahia, se chama *berimbau-de-barriga*. Vou investigar. Nos cânticos de capoeira, identifiquei coisas muito interessantes: a) totemismo (a cobra); b) heróis dahomeizados (Antonio Pequeninno, Desiderio de Sauípe); lembranças da África (Aruandê – Luanda): sincretismo (“joelhos no pé da cruz...”); presença do mar (*dona Maria*) etc. A capoeira, aqui, se chama também *capoeira de Angola*. Penso encontrar uma remota origem da capoeira na *cufuinha* da Lunda que você cita no “folk-lore”.

Quanto ao “Sapo saramuqueca” (página 182 do “folk-lore”), parece-me a palavra onomatopéia – ou, pelo menos, recurso verbal para encobrir a pobreza de imaginação. Igual a outra que se conta por aqui, da “Velha Saramicutelha de Funfurrunfelha, casada com um Velho Saramicutelho” etc. etc.

Na página 150 do “folk-lore”, você transcreve um cântico de *Ogum de malê*. Não estará aí a explicação de *Ogum de lê*? Simples aférese... Aqui na Bahia, colhi o seguinte cântico, de Iemanjá:

*Eu me chamo Ogum de lê.
Não nego meu naturá.
Sou filha das águas claras,
Sou neta de Iemanjá.*

Filha, neta... – talvez seja a filha-de-santo. E *Ogum neto* de Iemanjá... Não entendo muito bem. Variante baiana do cântico que você transcreve no *Negro* (página 120):

*Santa Bárbara e Xangô
Desceram pra perguntar
O que foi que aconteceu
No reinado de Iemanjá.*

Que barafunda, boy!

Você prestou atenção na figura 8 dos *Africanos*? Veja o que o velho Nina diz às páginas 343-344, e veja se o *mero pires* não é um monstro em dar aquilo como “bastão de régulo africano”.

A biblioteca vai dar o segundo volume dos *Estudos afro-brasileiros*? E por que você não tenta a segunda edição do livro do Manuel Querino?

Os herdeiros vivem aqui, e é fácil encontrá-los... O livro é mal escrito, mas serve.

Vamos resolver, discricionariamente, que o 2º Concurso Afro-brasileiro deverá se realizar aqui em setembro? Os candomblés estão funcionando... Não acha?

Por que você não me manda os livros que vão aparecendo na biblioteca? Além dos que você me mandou, os seus e o do Nina, não tenho nenhum.

O *fetichismo* está quase pronto. Falta um capítulo que farei por estes dias. Já estou, até, passando a limpo alguma coisa, porque estava uma macafusada incrível. Mas reduzi o bicho. Tirei o capítulo já feito, sobre o *testamento* do boi, e resolvi deixar pro Congresso a *Criminalidade negra*. Mesmo assim, dará um volume regular. Em fevereiro você o terá aí.

Mal acabo de escrever este, já penso noutro livro. Estou interessado, agora, em encontrar traços negros bantos na Bahia. Vou comer, pro Congresso, uma longa monografia sobre, tocando os seguintes pontos: a) os cucumbis; b) o *testamento* do boi; c) Samba; d) Capoeira de Angola; e) Batuque f) os contos populares; g) os instrumentos musicais. E aqui chega a ocasião de lhe aborrecer. Eu sou um *limpo*... Para poder comer um troço sério sobre os negros bantus, preciso de livros sobre. Os mais *descritivos*. Você não poderia me emprestar os que tivesse sobre o Congo, sobre Angola, sobre Moçambique, principalmente os de Dias de Carvalho, Ladislau Batalha etc.? Apenas por um mês, no máximo, mas só depois de “liberto” do *fetichismo*. Por agora, não. Pode?

Estou recolhendo um material formidável sobre samba, capoeira e batuque. E seria uma pena perder tudo...

Vou ver se lhe mando as *Tradições bahianas*, livro de J. da Silva Campos, onde está tudo aquilo que você cita. E, assim que chegar na Bahia (dia 5), mandarei o livro em mussulmí.

Mandei buscar, na Bahia, uma fotografia do *quebra-pote* aqui no Mar Grande. Se vier a tempo, irá com esta.

No dia 2, vou bater mais chapas na Amoreira (Mar Grande), onde há um formidável presente à mãe-d'água.



Espero os *Estudos de folclore* e os livros da biblioteca. E a sua resposta.

Abraços do velho amigo

Édison

P.S.:

O endereço continua o mesmo, – *rua dos Barris, 68 – Bahia*.

Já ia esquecendo. Se você tiver, veja se me manda um exemplar da sua *Educação e psicanálise*. Estou tentando uns estudos na matéria...¹⁹³

(De Édison Carneiro para Artur Ramos)

Bahia, 23 de abril de 1936.

Artur Ramos,

Suponho que você se lembra que me deve, no mínimo, duas cartas. Numa dizia uma porção de coisas sobre negros, ia mais umas fotografias de quebra-pote e estava datada do Mar Grande. A outra, falava na colocação de clichês nas *Religiões negras* e acompanhava dois retratos pro mesmo. Não sei se você recebeu. A sua última carta não fala nelas.

Mas vamos a esta. Vão aqui algumas fotografias pro livro e pra você. Os dois retratos de negros (reduzidos, darão uma página) devem ser colocados na *introdução*, com a seguinte legenda – *Negros da Bahia*. Os outros dois – o “assento” de Iroco e o interior da Igreja do Bonfim – têm no verso as legendas e os capítulos em que devem ser intercalados. Vou ver se, para a semana, lhe mando

¹⁹³ In: OLIVEIRA, Waldir Freitas e LIMA, Vivaldo da Costa. *Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos*: de 4 de janeiro de 1936 a 6 de dezembro de 1938. São Paulo: Corrupio, 1987, pp. 89-91.

mais duas fotografias, o Caboclo Ogum da Pedra Preta e uma cena de candomblé. As outras fotografias são pra você. Estão escuras, mas você sabe que o pessoal não pode dançar fora do barracão...

Vão também mais uns trechos a aumentar no livro, da seguinte maneira:

Páginas 41-42 – riscar o cântico do santo-da-cobra e substituir pelo que vai aqui, com a explicação;

Página 53 – acrescentar, logo após o padê, a variante;

Página 74 – intercalar, antes do período que começa por “Em 1882, nas maiores províncias...” etc., a estatística de 1804;

Página 7 – notas (*estatísticas*) – intercalar a chamada terceira, de Capistrano.

Diga-me como vai o livro. E responda se recebeu ou não as cartas de que falo acima.

O Congresso Afro-brasileiro vai ser mesmo aqui, em setembro. Você poderá vir? De qualquer maneira, estou lhe convidando a colaborar com o bicho, do qual sou secretário.

Não lhe mandei ainda o livro em mussulmí porque ele está com o professor Martiniano do Bonfim (companheiro do Nina, o “rapaz de Lagos” a que ele se refere sempre), que estava doente. A coisa irá qualquer dia.

Estou reunindo enorme material pros *Negros bantos*. E brevemente mandarei explicações mais detalhadas sobre capoeira (por falar, recebeu as fotografias da capoeira que mandei?) e sobre samba.

E sobre a bibliografia banto que lhe pedi?

Abraços do

Édison

P.S.:

Jorge me escreveu que você quer intercalar no livro o artigo sobre o boi. Não faça isso. Aquilo já é material pros *Negros bantos*. Vai assim em artigo devido à insegurança da minha vida, atualmente. Apenas para não se perder a documentação. Sei lá se vou morrer ou, pelo menos, apodrecer numa prisão! Além disso, não há motivo para pô-lo no livro. Que tem o boi com as religiões negras? Até nisso ele sofre...



Não se espante, por isso mesmo, com outros artigos sobre negros que vou cometer daqui por diante. Por exemplo, nos *Negros bantos* pretendo dedicar capítulos aos candomblés de caboclo e às sessões de caboclo. Arranjei um ótimo campo de observação – o candomblé da Goméa (Angola). Já tenho observações notáveis, que vão espantar a turma. E talvez cometa um artigo sobre... Material pro livro, não para *Religiões negras*.

Escreva. E abrace novamente o seu velho amigo.¹⁹⁴

(De Oneida Alvarenga para Mário de Andrade)

Varginha, 8 de setembro de 1936.

Mário,

Parece que a viagem vai ser frutífera. Acaba de sair daqui de casa o presidente da Liga Operária. Acho que vai dar um excelente e permanente auxiliar. O cateretê não pôde se realizar ontem, mas será no domingo que vem, sem falta.

Me informaram que se realizam aqui na zona rural, em janeiro, excelentes festas de mutirão e folias de Reis. Em São Gonçalo do Sapucaí, lugarejo distante de Varginha umas cinco horas (de trem), dançam-se sempre em outubro pomposíssimas congadas. Vá desde já pensando nisso. Quem sabe poderemos filmar, embora em Pathé-Baby? Perto de Poços de Caldas há também, igualmente em janeiro, mutirões famosos. Para isso tudo o colaborador que arranjei promete, todo contente, auxílio dado com o maior orgulho e satisfação, porque, diz ele, quer muito bem o Brasil e não deseja que morram as coisas do povo... Este presidente da Liga Operária é uma pérola.

Sei que temos pela zona um caboclo contador de casos, tido e havido por engraçadíssimo. Ainda não o vi nem ouvi, mas domingo terei ocasião. Pensei nele para os nossos estudos de lingüística, os

¹⁹⁴ *Idem*, pp. 108-109.

nossos Arquivos da Palavra. Se você acha que há interesse, avise imediatamente por telegrama que levá-lo-ei comigo, caso eu veja que vale a pena.

Para você mesmo levarei uma porção de desenhos infantis. Se se encontrar com Lavínia, comunique-lhe que não me esqueci do prometido e que ela terá um número regular de modos de contar nos brinquedos.

Encontrei meu pessoal bem. Mamãe ainda anda escorada em bengala e muito devagar, mas sempre vai indo. Todos lhe mandam lembranças carinhosas.

Não escrevo mais porque quero ver se mando a carta expressa ainda hoje. Creio que o correio fecha às nove e já são oito da noite.

Esqueci de contar que terei aqui cantadores de uma porção de lugares vizinhos.

Pretendo voltar terça ou quarta-feira da semana que vem. Avisarei por telegrama, por causa do pessoal que for comigo.

Guarde muitas saudades para você, passe outras tantas para os amigos, Fernando, Sérgio, Paulo e família, Paulo Leitner, e para todos os seus.

349

Um abraço profundamente afetuoso da

*Oneida*¹⁹⁵

(De Édison Carneiro para Artur Ramos)

Bahia, 15 de julho de 1937.

Meu caro Artur Ramos,

Recebi a sua colaboração para *Flamma*, e, depois de publicada na revista, farei publicá-la noutros jornais daqui. Está ótima e

¹⁹⁵ In: ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade-Oneida Alvarenga: cartas. Op. cit.*, 129-130.



oportuniíssima. Só não lhe dou os parabéns porque isso não é eventual em você.

O material do Congresso, só levado por portador. Por isso não foi ainda. Parece que o Ghignone vai aí este mês. Vamos ver. Escrevi pro Mário de Andrade dando o prazo máximo pra o Departamento de Cultura mandar a colaboração, *com* ou *sem* exemplos musicais.

Alegrou-me muito a notícia de já estar no prelo o meu livro. Há apenas uma coisa. Nos originais falta um capítulo, o *terceiro* da segunda parte, sobre o batuque. Mandarei o tal até os primeiros dias da próxima semana. E tenho mais uma série de fotografias para clichê, que mando hoje pelo correio comum.

Estou organizando um Conselho Africano da Bahia, que ficará encarregado de dirigir a religião negra, tirando à polícia essas atribuições. Vamos mandar um memorial ao governo, pedindo a liberdade de religião, não só esse Conselho, onde haverá representantes de todos os candomblés, mas, também, o Instituto Afro-brasileiro da Bahia, já em organização, e a Comissão Executiva do Congresso.

Uma notícia possivelmente importante. Mudei-me para Poeira, 41, para onde você deverá endereçar as cartas que escrever. Aliás, o velho endereço ainda serve, por ser lá a casa de minha tia Adília.

Bem, seu mestre, pegue um grande abraço do

Édison

P.S.:

Vou mandar também dois clichês já prontos pro livro.¹⁹⁶

¹⁹⁶ In: OLIVEIRA, Waldir Freitas e LIMA, Vivaldo da Costa. *Op. cit.*, pp. 150-151.

(De Édison Carneiro para Artur Ramos)

Bahia, 19 de julho de 1937.

Meu caro Artur Ramos,

Acho que já lhe escrevi que estou vendo se consigo a liberdade religiosa dos negros. No dia 3 de agosto, vários ogans, pais-de-santo e gente de candomblé, convocados por mim, vão fundar o Conselho Africano da Bahia (um representante de cada candomblé), que se proporá a substituir a polícia na direção das seitas africanas. No mesmo dia, todos assinaremos um memorial ao governador, pedindo a liberdade religiosa e o reconhecimento do Conselho como a autoridade suprema dos candomblés. Já fiz o memorial e vou fazer os estatutos do Conselho. Acho que conseguiremos tudo, pois o governador tem uma bruta admiração por você e por Nina (que eu, aliás, invoco no memorial), e, como você sabe, prestigiou eficientemente o Congresso.

351


Não sei as suas relações com o governador, mas calculo que você poderia, *no dia 3 de agosto*, escrever algo para ele, reforçando o pedido dos negros. Isso seria excelente para todos nós, principalmente porque a comissão encarregada de organizar o Instituto Afro-brasileiro da Bahia (idéia que se fará realidade depois de conseguida a liberdade religiosa) também reforçará o memorial do Conselho, enviando um outro no mesmo sentido. Assim, atacando por todos os lados, podemos ficar certos de que a boa vontade do governador entregará aos negros essa coisa por que eles tanto lutam – a liberdade religiosa.

Tal a questão. Como sei que você não fará objeções, posso parar por aqui.

Pegue os abraços do velho amigo

Édison¹⁹⁷

¹⁹⁷ *Idem*, p. 152.



(De Olga Benário Prestes¹⁹⁸ para Luís Carlos Prestes)

Berlim, 9 de agosto de 1937.

Carlos, meu querido,

Conforme o prometido, quero escrever-te. Inicialmente, desejo falar-te da permissão que obtive para conversar com a madame Ewert. Por fim as administrações cederam às mesmas solicitações repetidas e, assim, pude revê-la pela primeira vez após dez meses e mostrar-lhe nossa filhinha. Compreenderás que, após todos os sofrimentos comuns, eu a quero como a uma irmã. Naturalmente os longos meses de prisão numa cela isolada deixaram suas marcas – ela tem atualmente os cabelos totalmente brancos e está muito nervosa. Mostra-se muito inquieta com a falta de notícias de seu marido. Algumas linhas do seu próprio punho seriam, sem dúvida, um grande conforto para ela. A pequena Anita Leocadia reagiu com gritos terríveis à recepção um tanto violenta. Mas acalmou-se rapidamente e, depois de tudo, ficou sentada pacificamente no colo da tia Sabo, puxando-lhe o nariz e os cabelos. Permitiram-me também lhe dar o romance *O guarani*, o que vai constituir motivo de alegria para ela em sua solidão...

Agora quero falar-te da nossa pequenina. É admirável como se desenvolve a cada dia. É interessante ver que esse desenvolvimento não se faz em linha reta. Observo isso por muitas coisas. Por exemplo. Houve dias em que ela ia muito bem ao “trono”, mas agora nada se consegue nesse sentido. Ela fica crispada, não quer ficar sentada e chora. O mesmo acontece com a colher para comer. Durante algum tempo tudo ia muito bem, mas depois tornou-se tão impaciente que quase saltava de meus braços, e agora tudo vai novamente bem. Como em outros domínios da vida humana, não há progresso nem regressão...

O que mais provoca o interesse da pequenina no momento são as fitas e os botões. Ela não pode ver um nó sem desatá-lo e

¹⁹⁸ Olga Benário Prestes (1908-1942) – comunista alemã.

metê-lo na boca e um botão sem mordê-lo. Como seus sapatinhos de lã em geral são amarrados por fitas enfeitadas com pompons, acontece o seguinte: não obstante os múltiplos nós, ela desata o nó e tira o sapato. A fita do outro sapato é esticada também o máximo possível, passando por cima do dedo grande do outro pé (naturalmente os dois pés estão no ar) e depois ela morde com o maior entusiasmo o pompom que fica na ponta da fita. Às vezes, um pompom é arrancado e tenho a maior dificuldade para tirá-lo da sua boca. Sua preferência por essa brincadeira levou-me a apelidá-la de “Pom-Pom”, de brincadeira. Com seus dois indicadores ela está fazendo uma coisa inteiramente nova. Quando quer alguma coisa, estende a mão para obtê-la. Se, então, sua mão está bem próxima do objeto desejado, ela faz um gancho com os indicadores, tenta com prudência e somente então pega o objeto. Isso é muito engraçado.

À noite, às seis horas, quando ela já tomou seu leite, temos uma hora de bate-papo. Posso então baixar minha cama, que durante o dia deve estar contra a parede; estendo uma coberta com a pequenina em cima e me sento na cama. Ela se aproxima de mim bem depressa e, então, brinca comigo. Devo permanecer totalmente imóvel, e ela passa suas mãos suaves e quentes no meu rosto. Se isto me incomoda e eu faço uma careta, ela acha tal coisa ainda muito melhor e ri muito alto. Com muita frequência, ela ajuizadamente faz apenas “bravo-bravo” com as mãos. Ela sabe muito bem que tem direito a esta hora de brincadeira e se eu tenho alguma coisa ainda a fazer, ela reclama e seus olhos me seguem a cada passo, revelando sua atitude de espera. Estou tricotando-lhe umas calças para o inverno. Ela absolutamente não gosta, se os olhos de sua mãe estão voltados o tempo todo para o trabalho. Então me faz lembrar alguém que, em ocasiões semelhantes, reagia de maneira parecida...

Atualmente ela já está tão grande que é difícil abraçá-la com força. Ela põe, então, seus dois braços em torno do meu pescoço, se aperta contra mim e grita de alegria. Diante das outras pessoas, ela ficou muito mais reservada. Olha-as com curiosidade e depois me olha de maneira interrogativa, como se quisesse saber minha opinião sobre a pessoa. Para rir amistosamente, ela já deve conhecer a pessoa. Com isto, chega por hoje da pequena Anita Leocádia.



Como fiquei feliz ao saber pela Lygia que não te encontras mais na Polícia Especial. Conheço a Casa de Correção. Estás na capela? E podes ler quatro jornais! Sei que os jornais são para ti como o ar para viver. Como gostaria de estar sentada ao teu lado, ouvindo teus comentários! Espero que ainda exista, como no meu tempo, a rádio da ANL que ia ao ar todas as noites. Penso nas belas canções que uniam os operários, camponeses, soldados, marinheiros, intelectuais, oficiais, negros, brancos, mulatos, homens e mulheres e expressavam o grande sonho do povo brasileiro. Que lástima que não estou mais lá! Diz-me, pois, todos os detalhes da tua vida atual. Será mais fácil então acompanhar-te ao menos pelo pensamento.

Mas, meu querido, devo terminar. Posso dizer-te apenas que captei inteiramente o significado da bela palavra brasileira “saudades” e que às vezes as tenho tantas que não sei onde metê-las.

Karli, gostaria de tomar tuas mãos e contemplar teu querido rosto.

Tua filhinha e a Olga te abraçam afetuosamente.¹⁹⁹

(De Oneida Alvarenga para Mário de Andrade)

São Paulo, 18 de abril de 1938.

Mário,

Vão aqui duas linhas apressadas, só para lhe contar que o material colhido pela missão em Pernambuco já chegou. A coleção é enorme e notável. Enquanto abria os caixotes lamentei demais você não estar vendo também as *descobertas sucessivas*, porque juro que você faria a cara mais gostosa deste mundo. O casal Lévi-Strauss ficou de queixo caído.

¹⁹⁹ PRESTES, Anita Leocádia e PRESTES, Lygia (apresentação, seleção e notas). *Op. cit.*, v. 3, pp. 393-396.

Deixei o material todo na sala da Sociedade de Etnografia, por não ter outro lugar onde guardá-lo. Está lá por cima das mesas. Tive o cuidado de fechar portas e janelas a sete chaves.

O mais, tudo bem. Ainda não tive tempo de ver como ficou o filme que chegou no dia do seu regresso ao Rio.

Continuo trabalhando nos concertos, que me custam um bocado de tempo e esforço. Imagine que fiz a sonata duas vezes e estou ainda perfeitamente consciente de que não presta. Vou fazer de novo e então, ou eu acabo com a minha maldita *secura*, ou ela acaba comigo de uma vez. Parece que a segunda hipótese é mais exata.

Quando você se encontrar com o Manuel, isto é, quando ele lhe entregá esta carta, dê-lhe um abraço por mim.

Recebo esta semana as primeiras provas de *A menina boba*. Aumentei a edição para duzentos exemplares: 1.200\$. Coitadinha da menina boba!

Saudades.

355

*Oneida*²⁰⁰

(De Oneida Alvarenga para Mário de Andrade)

São Paulo, 13 de agosto de 1938.

Mário,

Sua carta de domingo passado aqui chegou terça-feira. Não lhe escrevi antes por absoluta falta de tempo.

A visita que lhe relatei não teve, até agora, conseqüência desastrosa nenhuma. Ontem, até, o escrevedor de tópicos mandou

²⁰⁰ In: ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade-Oneida Alvarenga: cartas*. Op. cit., p. 135.



um repórter da *Folha da Noite*, para que eu desse uma entrevista sobre a missão. Entenda-se! Continua-se, pois, na marcha anterior: ele e o Gui servindo apenas de peninha pra tapear, e eu fazendo o mais que posso, apesar deles.

Estou também mais serena. Aprendi a me repetir sempre um conselho do qual, diz o pessoal da Missão, os nordestinos usam e abusam: “Não se avêxe, véxame é doença.” Deixe-se o barco correr, pois não há outro remédio.

Foi-se a Pirapora (SP), mas nada se conseguiu fazer. Os padres arranjaram com o interventor uma proibição de samba! Conta o Saia que a negrada estava louca de raiva. Nem alegando caráter de estudo ele pôde fazer a pesquisa. Como os sambadores vêm dançar aqui no Jabaquara ainda este mês, consegui autorização para o trabalho.

O Gui contou confidencialmente a Maria da Glória (olhe o destino das confidências!) que o parente espiritual do Benedito não está contente com o homem da rua Libero. A causa principal é o entra-e-sai de diretores nos serviços jurídicos. Parece até que foi gente ao Rio tratar de apeiar o cidadão. Veremos o que há de verdade nessa história. Como piorar mais não é possível...

Andei pensando e cheguei à conclusão de que, embora não amando nem compreendendo os nossos trabalhos, a proposta de compra da discoteca não será aceita, por pirraça ou para não se darem mau atestado de cultura. De qualquer jeito, eu considero uma falação nesse sentido bastante útil para nós: é provável que valorize a seção diante da burrice oficial.

O resto do departamento não sei como vai indo. Não tenho visto ninguém há muitos dias.

O (...) Nicanor foi eleito, por razões diplomáticas, presidente da Sociedade de Etnografia (e Folclore). Como estamos certos de que trabalhos folclóricos ele não fará mesmo e irá sufocar a gente, nas sessões, com artigos do estatuto, pusemos o Mario Wagner no lugar de primeiro secretário, como contrapeso. Lhe parece acertado esse arranjo?

Por falar na Sociedade de Etnografia: você sabe que Mme. Lévi-Strauss está quase cega e talvez venha mesmo a perder totalmente a vista? Apanhou em Mato Grosso uma conjuntivite purulenta, de que o marido escapou, me informaram, por usar óculos.

(O que me parece besteira.) Não sei outros detalhes. Ela está aqui, devendo voltar logo para a França. O Lévi-Strauss continua atrás de índios. Vi anteontem um telegrama dele endereçado à diretoria, referindo que os trabalhos vão bem.

Pensei que o assunto departamento tinha acabado mas não acabou não. Temos outra *bola* do topiquista. Imagine você que ele organizou uma série de conferências, a serem realizadas por nomes ilustres no salão do “cabaré”. As conferências, feitas a título de *expansão cultural* (!!!), não têm plano preestabelecido: um fulano vem, fala sobre engenharia, outro sobre literatura, outro sobre medicina etc. etc. A primeira, que eu não assisti, foi do Fidelino de Figueiredo, sobre a influência portuguesa na obra de Lope de Vega. A segunda, a cargo de um fulano qualquer da Faculdade de Medicina, versará sobre “A psicologia do vestuário”. A terceira será: A arte de fabricar palitos em Portugal no século XVIII... Sim senhor! A gente vê cada uma neste mundo! Parece incrível que um indivíduo não perceba que o nosso mal são as ideinhas superficiais sobre tudo e bote um Departamento de Cultura a concorrer para a bagunça geral.

357

Para falar verdade, estou achando que é um pecado andar lhe contando as coisas desagradáveis daqui. Você precisa de descanso. Afinal de contas, que se há de fazer? Há três anos que não temos outro assunto!

A sua falta continua sendo imensamente sentida. Sem você a gente caminha mal na vida, meu amigo. Quando eu entro agora naquela sala que foi sua, sinto um frio doído no coração. Aquilo hoje parece um cemitério.

Guarde um grande abraço meu e outro do Sílvio.

Oneida

P.S.:

Aí vai para você a minha careta, tirada por causa do *Boletim Latino-Americano de Música*. Remoçada e enfeitada. Dispensio desde já o protesto amável.²⁰¹

²⁰¹ *Idem*, pp. 143-144.

(De Carlos Drummond de Andrade²⁰² para João Cabral de Melo Neto)

Rio, 17 de janeiro de 1942.

Meu caro João Cabral,

A falta de resposta deve implicar consentimento, não desaprovação. Como você pensa de outro modo, quero manifestar-lhe expressamente minha opinião sobre a inclusão do seu livro na coletânea de Vicente do Rego Monteiro. Acho que você deve publicar. Sou de opinião que tudo deve ser publicado, uma vez que foi escrito. Escrever para si mesmo é narcisismo, ou medo disfarçado em timidez. Sem dúvida, todo sujeito honesto escreve por necessidade, mas nessa necessidade está latente a idéia de comunicação. Os outros que gostem ou não gostem. A reação do público evidentemente interessa, mas não deve impressionar muito o autor. Daqui a vinte, trinta anos que ficará dos nossos atuais pontos de vista e juízos críticos? As obras terão que ser examinadas de novo. E então haverá uma importância maior no julgamento, ao qual, provavelmente, não estaremos presentes. Como você vê, eu acho que se deve publicar tudo, menos pelo valor da experiência do que pela operação de extravasamento da personalidade, de outro modo cativa, e pela tomada de contato com o mundo exterior, que é fértil em sugestões e excitações para o autor. Se lhe desagradar a opinião dos jornais e revistas, não publique para eles; publique para o povo. Mas o povo não lê poesia... Quem disse? Não dão ao povo poesia. Ele, por sua vez, ignora os poetas. É certo que sua poesia tem muito hermetismo para o leitor comum, mas se você a faz assim hermética porque não pode fazê-la de outro jeito, se você é hermético, que se ofereça assim mesmo ao povo. Ele tem um instinto vigoroso, quase virgem, e ficará perturbado com as suas associações de coisas e estados de espírito, que excedem a lógica rotineira. Já meditou na fascinante experiência que seria fazer livros de custo ínfimo, com páginas sugestivas, levando a

²⁰² Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) – poeta mineiro.

poesia moderna aos operários, aos pequenos funcionários públicos, a toda essa gente atualmente condenada a absorver uma literatura de quarta classe porque se convencionou reservar certos gêneros e tendências para o pessoal dos salões e das universidades? Eu acredito de certo que sua fase poética atual é fase de transição que você, com métodos, inclusive os mais velhos, está procurando caminho, e que há muita coisa ainda a fazer antes de chegarmos a uma poesia integrada ao nosso tempo, que o exprima limpidamente e que ao mesmo tempo o supere. Não devemos nos desanimar com isso. Desde que estejamos vivos, as experiências se realizarão dentro e fora de nós, e haverá possibilidade de progredir na aventura poética. O essencial mesmo é viver e acreditar na força formidável da vida, que é nosso alimento e nosso material de trabalho.

Estou sentindo um prazer tão grande em escrever-lhe esta carta. Não a reli e acredito que esteja muito desordenada e cheia de afirmações insignificantes, mas o prazer vem da conversa com você, sobre temas que me são caros, e na certeza de que há em você bastante simpatia humana para aceitar este lero-lero.

359

Ainda não escrevi ao Otávio de Freitas Júnior. Que vergonha! Mas farei isso qualquer desses próximos dias.

Afinal você não passou pelo Rio. Ou passou e não me procurou? Mande notícias.

Um abraço do

Carlos Drummond

P.S.:

Obrigado pela dedicatória! Ia-me esquecendo.²⁰³

²⁰³ In: MELO NETO, João Cabral de. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Organização, apresentação e notas de Flora Sussekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001, pp. 174-175. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond.



(De Afrânio Coutinho²⁰⁴ para José Honório Rodrigues)

Nova York, 5 de maio de 1945.

Meu caro José Honório,

Aqui sua ótima carta, com excelente noticiário, que me pôs a par de minúcias até então por mim desconhecidas. Acompanho tudo daqui com entusiasmo, e, como se fora diante de uma curva termométrica, procuro interpretar a situação pelo noticiário particular e o que aparece nos jornais. O que há de novo aqui é a propaganda desencadeada a favor do continuador pelos elementos comunistas daqui, dando a entender que há qualquer palavra de ordem de apoio, o que parece confirmar as declarações e atitudes do Prestes depois de solto. Não sei o que isto significa, ou antes, fico a especular ou caraminholar sobre o seu significado. Em todo caso, não deixa de ser estranho, pois tudo isto é fazer o jogo do homem, velho pescador em águas turvas, confusão e bagunça. Espero que uma direção mais eficiente ao movimento lhe imprima rumos decisivos. Por outro lado, espero também que os acontecimentos europeus tenham influência definitiva. Quem havia de dizer que Mussolini seria pendurado como boi no açougue? Terrível. Aliás, nestes últimos dois meses temos assistido a acontecimentos tremendos, que deixam longe aqueles que nos espantavam, em crianças, quando estudávamos a história. E a força do destino tem sido espetacular. Em primeiro lugar, o Truman, que há dez anos era, numa cidade do Missouri, candidato a um cargo de coletor, e acabou presidente dos Estados Unidos da América do Norte! Fantástico! Depois, Mussolini e o seu bando, Hitler e o seu bando. Sem falar em casos anteriores de força do destino, como os de Churchill e De Gaulle. E que série de acontecimentos! A pilhéria aqui é ligar o rádio para saber qual foi o último suicídio, morte ou prisão. Tem-se sucedido com tal rapidez que já quase nem podemos tomar pé. Momentos verdadeiramente emocionantes e tétricos.

²⁰⁴ Afrânio Coutinho (1911-2000) – professor, crítico literário e ensaísta baiano.

Tenho me lembrado muito dos dias de junho de 1940, quando, na Bahia, eu sustentava nos jornais a causa aliada e era ridicularizado pelos fascistas e germanófilos. Passei maus momentos, e até para duelo fui desafiado. Vivia macambúzio, chamado à polícia, e tendo os meus artigos constantemente cortados pela censura policial do senhor Lourival Nery Fontes Dipiano, um sujeito que é hoje embaixador do Brasil... no México! Também agora não queria estar na pele dessa gente, e avalio os arrepios que não terão ao olhar para a fotografia do Mussolini. Que mudança! Que transformação! E pelo que sei, aí está em vias de se organizar uma procissão dos arrependidos, os cristãos-novos da democracia... Estou muito satisfeito que comecem a passar filmes russos, e que breve passem aqueles da Atkino, para ensinar o povo como é que se trata essa gente...

Já li a primeira entrevista do Brigadeiro, que me encheu as medidas, digna de um candidato à regeneração nacional. Realmente isso está requerendo remédios heróicos, e só heróis estão à altura da tarefa, homens de bem, caráter e virtude, e homens fortes. Do contrário, o Brasil vira América Central, uma série de republiquetas – de fala portuguesa.

Vi o noticiário sobre o Congresso dos Escritores, que realmente realizou um bom trabalho, há uma fotografia em que você apareceu, numa reportagem publicada pela *Revista do Globo*. O Chico foi um bamba, pelo que li. Será verdade?

Interessantes as notícias dos intelectuais candidatos ao Congresso. Este Brasil é um número, e nunca põe um termo ao diletantismo. Parece incrível que, após tanto tempo, nada se tenha lucrado, nem melhorado. E ainda por muito tempo continue a ser a terra dos críticos literários que são encarregados de escrever livros de biografia histórica, e de historiadores que escrevem romances e tratados de química. E em três anos, um crítico literário, entre os seus outros numerosos afazeres, se enfronta na metodologia da pesquisa histórica, faz o exame, a colheita e a interpretação dos documentos; aprende a pesquisar em arquivo; tem que estudar metodologia da historiografia, cuja especialização é tarefa para uma vida; e tudo isto para dedicar-se ao estudo de uma figura que enche grande período da história política brasileira, invadindo os terrenos da geografia, diplomática, direito



internacional... Que leviandade, que falta de consciência! Neste caminho nunca teremos cultura no Brasil. É possível que eu esteja enganado, e esteja julgando segundo padrões estrangeiros, mas o fato é que isto é sumamente desanimador, quando há entre nós quem se esteja especializando em história. Esqueci de dizer que no prazo de três anos ainda inclui o trabalho de escrever o livro!

Tenho me encontrado às vezes com o Canabrava, que está estudando muito. Em breve vai deixar Nova York. Com o Donatelo às vezes me encontro no caminho do escritório. Esteve em vias de transferir-se para Chicago, mas parece que conseguiu breca a ordem, e vai ficar por aqui. Está acumulando vitaminas para sustentar a prole que aumenta assustadoramente.

Agora, sobre a sua encomenda. Providenciei imediatamente, e infelizmente você não terá tudo o que pediu, como verá pela relação seguinte: a) Paguei os cinco dólares da *Am. Hist. Review*. Você enganou-se, aliás, pois se tratava de renovação de *membership* à Am. Hist. Association em Washington, e não somente assinatura. Foi o que me informou a MacMillan. Por isso mandei para Washington os cinco dólares, correspondentes à *membership* que inclui a assinatura da revista. b) Paguei a assinatura (renovação) da *Social Research*, \$3,50. Em ambas dei o seu novo endereço. c) Comprei os livros seguintes: Salvemini, *Historian and Scientist* (\$1,75), e Clark, *Historical Scholarship* (\$0,50). Estas compras perfazem um total de \$10,75. Basta que você entregue lá em casa a quantia correspondente aos dez dólares, isto é, duzentos mil-réis. O resto é poeira. Estou escrevendo para casa comunicando-lhe a entrega que você fará, ficando eles portanto a par da nossa combinação.

Quanto aos outros livros, estão todos esgotados. Você viu o Croce não foi na Columbia mas aqui em casa. É muito raro, e eu levei muito tempo procurando. O mesmo se dá com o Johnson, que comprei há tempos. Perguntei no Scribners, e está esgotado. Sobre o Tawney, fui ao Kramer, e ele já o havia vendido. De fato, no novo catálogo já não figura.

Agora peça-lhe que me arranje um exemplar do livro do Astrogildo, e me mande.

Creio que o Astrogildo me mandará, se você lhe comunicar o meu pedido. Sabe você quanto o aprecio.

Estou remetendo os seus livros sob registro, e junto os recibos para seu governo.

Acabo de ouvir no rádio que Praga se levantou contra os dominadores. Pouco resta para terminar a rendição da Alemanha. Creio que não há exemplo histórico de semelhante catástrofe, de semelhante desmoronamento de uma nação total. Que reverso de medalha! Que paga para a ambição de domínio mundial!

Não sei se será possível estando longe, mas gostaria que meu nome figurasse como membro da UTI (Unidade de Trabalhadores Intelectuais).

Espero que você me escreva assim que tiver outra folga. Sabe quanto ansiamos por notícias, e você sabe dá-las, e justamente as que me interessam mais.

O Apolo continua, e nós sempre fã.

Lembranças a Leda e receba um grande abraço do

*Afrânio*²⁰⁵

363

(De José Honório Rodrigues²⁰⁶ para Afrânio Coutinho)

Rio, 19 de dezembro de 1945.

Meu caro Afrânio,

A vitória das eleições foi a vitória do Getúlio. Em primeiro lugar, o fato de não ter o movimento de 29 de outubro ido até o fim. Parou no meio. Não cassou os direitos políticos do Getúlio, dos interventores e prefeitos, permitindo, assim, que a máquina do interior continuasse intacta. Seria legal a cassação desde que a própria lei eleitoral exigia um prazo de desincompatibilização.

²⁰⁵ In: RODRIGUES, José Honório. *Correspondência de José Honório Rodrigues*. Organização, prefácio, notas e traduções de Leda Boechat Rodrigues. Academia Brasileira de Letras, 2000, pp. 56-60.

²⁰⁶ José Honório Rodrigues (1913-1987) – historiador carioca.



Na cidade o fenômeno não se explica do mesmo modo. Houve nelas a tremenda influência da demagogia de 15 anos. Você sabe que esta eleição revelou o comparecimento de grande massa proletária, alistada *ex officio*. Esta massa preferiu, acostumada como estava à mistificação do Getúlio, a demagogia à democracia. Isto em grande parte porque a campanha da UDN não apelou ao proletariado, ou melhor, não procurou desfazer a mistificação do Getúlio. O principal é fazer a análise dos erros cometidos e procurar evitá-los. Se a UDN tivesse procurado descer ao trabalhador, certas campanhas de última hora não teriam todo o resultado que tiveram. Não sei se você sabe do caso do *marmiteiro*. Os elementos do Partido Trabalhista acusaram o brigadeiro de ter declarado não precisar do voto dos marmiteiros. Você não sabe como rapidamente a coisa se avolumou. Ora, nunca o brigadeiro dissera tal. A única declaração do brigadeiro que poderia ser maldosamente explorada foi a do Teatro Municipal, quando da homenagem dos advogados. Ele se referira aos queremistas como malta de desocupados. Na verdade, a substância do quererismo era o *lumpen proletariat*. Aqui mesmo no Distrito Federal o brigadeiro estava ontem no final da apuração com somente 14 mil votos e o PTB ganhando em legendas partidárias. O Getúlio provavelmente dominará a Assembléia com os trabalhadores e facções do PSD. Dizem que o Dutra vai procurar o apoio da UDN, de vez que os trabalhistas são excessivamente getulistas e os comunistas não toleram. A lição do pleito é a de que 15 anos de mistificação não terminam sem o desmonte da máquina e o retardamento das eleições. A verdade é que o povo não quis o político profissional, aquele a quem Getúlio atacou duramente tanto tempo. Tanto é assim que Hermes Lima é o candidato mais votado da UDN e o terceiro de todos os partidos, estando o Getúlio em primeiro e Maurício Grabois, do PCB, em segundo lugar. Segue Hermes o coronel Euclides de Figueiredo, pai do Guilherme, um homem de bem e decente. Tudo isto é contrastador. Somem-se seis anos de Dutra aos 15 de Getúlio e temos 21 anos de vida proscrita. Provavelmente Dutra se cercará do que há de pior do ponto de vista intelectual. Teremos os Afonso de Carvalho, Lima Figueiredo, Heitor Moniz, e (toque na madeira) o Carlos Maul. Será também o domínio da mediocridade da Academia.

Não há novidades literárias. Tudo está na expectativa e eu muitas vezes tenho pensado em fazer uma nova viagem. Vi seu artigo sobre Gilberto, bem como a crítica de *The Nation*. Não recebi o artigo da *Commonwealth* sobre o Brasil. Quanto às revistas, tenho um pequeno esclarecimento a pedir-lhe: logo depois que mandei a carta, recebi o terceiro número do *Social Research*, com o que ficou certa a remessa, e também o número de *July*. Acho que se você já falou, não deve fazer as retificações, a fim de evitar qualquer encrenca. Afóra o Teggart, que não me disse quanto custou, peço-lhe ver se é possível comprar: *The Use of Personal Documents in History, Anthropology and Sociology, Bulletin n. 3, New York, Social Science Research Council 1945, US\$1.50*. Gostaria também que você me dissesse quanto custa o Toynbee. *A Study of History*.

Esqueci-me de contar-lhe um fato que está sendo muito discutido. O apoio de última hora dos padres ao Dutra. A coisa tem sido tão discutida que anteontem Tristão escreveu um artigo no *O Jornal* declarando-se brigadeiro e reprovando atitudes de alguns padres.

Até outro dia, e lembranças para a Vanda. Abraços meus e de Leda.

365

José Honório²⁰⁷

(De Fernando Sabino²⁰⁸ para Clarice Lispector)

New York, 10 de junho de 1946.

Clarice,

Esta é a quarta carta que inicio para responder a sua. A primeira eu deixei no Brasil, só trouxe a primeira página, que vai

²⁰⁷ *Idem*, pp. 68-70.

²⁰⁸ Fernando Tavares Sabino (1923-2004) – escritor mineiro.



junto. A segunda eu rasguei. A terceira eu não acabei, vai junto também. Hoje recebi uma carta do Paulo, dizendo que não tinha mandado até agora a resposta dele. Positivamente somos uns cachorros irremediáveis. Você por favor não ligue para isso não. Pode ter certeza de que não te esquecemos. Ainda ontem me lembrei muito de você porque um americano me perguntou se o meu relógio era suíço. A Suíça existe mesmo? Serão daí mesmo os queijos suíços? Me escreva, Clarice, sou tão cínico que te peço para me escrever, me responder com a pontualidade e a presteza que não tenho, contando tudo, suas aventuras e desventuras nessa poética Seminarstrasse. Do Brasil não posso te contar nada, senão o que o Paulo me contou hoje na carta dele: que o Pagé tem tomado aos domingos porres gigantescos, colossais. Que a sensação de um libertino ao acordar na segunda-feira é a pior coisa do mundo. Que houve um comício no largo da Carioca onde choveu bala sobre os comunistas, mataram um estudante. Que o Rubem Braga vai indo bem. Que num chá que os acadêmicos ofereceram a outros acadêmicos ninguém perguntou por você.

Daqui de Nova York não posso te contar nada além do que você calcula. Outro dia abri um livro do Érico Veríssimo sobre literatura brasileira escrito aqui, mesmo na página em que ele fazia uma referência a você. Tenho sentido muita falta de seu livro que deixei no Brasil, para plágio quando vou escrever o meu. Tenho tido muitas dores de cabeça, tenho ouvido histórias de espantar. Uma: o homem mais gordo do mundo fez um regime para emagrecer, emagreceu 50 quilos e morreu. Tenho dado muitas gafes aqui com o meu pobre inglês. Uma: entrei num Drugstore para comprar remédio para dor de cabeça e acabei levando uma loção para cabelos. Tenho tido muitas surpresas. Uma: todo mundo aqui em Nova York é brasileiro, é preciso muito trabalho para ir a algum lugar e encontrar um americano. Tenho tido muitos pesadelos. Um: ontem sonhei com um rato encravado na parede, guinchando de dor. Tenho reformado muitos conceitos, por exemplo: o Jayme Ovalle não é tão chato como eu imaginava. Tenho imitado Otávio de Faria em tudo o que ele não faz. Tenho feito descobertas importantes, por exemplo: o pecado é simplesmente tudo o que Cristo não fez. Tenho conhecido sujeitos famosos, por exemplo: Duke Ellington. Tenho tido muita saudade da minha filha. Tenho tido muito pouco dinheiro. Tenho tido muitas oportunidades

de ficar calado. Tenho tido muita decepção com os Correios. Tenho tido cansaço, saudade e calma. Tenho bebido muito, muito, muito. Tenho lido os suplementos dominicais. Tenho tido vontade de voltar. Tenho escrito muitas cartas para você. Tenho dormido muito pouco. Tenho xingado muito o Getúlio. Tenho tido muito medo de morrer. Tenho faltado muita missa aos domingos. Tenho tido muita pena de Helena ter se casado comigo. Tenho tido dor de dente. Tenho certeza que não volto mais. Tenho contado muito nos dedos. Tenho franzido muito o sobrolho. Tenho falado muito com os meus botões. Tenho tido muita vontade de brincar. Tenho feito muitas manifestações de apreço ao senhor diretor. Clarice, estou perdido no meio de tantos particípios passados. Estou com vontade de fumar e o meu cigarro acabou, estou com vontade de namorar de tarde numa pracinha cheia de árvores, estou com muitas saudades de mamãe. Aqui na minha frente, na minha mesa do escritório, tem uma pilha de 1.834 fichas me esperando para serem conferidas. São tão simpáticas, as fichinhas. Me esperam e sorriem burocraticamente: conhecem o meu triste fim. Sorrio também para elas, digo que esperem: agora estou indo para Seminarstrasse.

367

Só de pensar que você estará lendo esta carta muitos dias depois de ter sido escrita me dá vontade de não mandar. Mas mando, isso é uma desonestidade. Você nos escreveu há um mês. Juro que não faço mais isso, foi só da primeira vez, agora não faço mais. Me escreva que responderei imediatamente. Como vai indo o seu livro? O que é que você faz às três horas da tarde? Quero saber tudo, tudo. Você tem recebido notícias do Brasil? Alguém mais escreveu sobre o seu livro? É verdade que a Suíça é muito branca? Você mora numa casa de dois andares ou de um só? Tem cortina na janela? Ou ainda está num hotel? Oh, meu Deus, Seminarstrasse será simplesmente um hotel? Qual é o cigarro que você está fumando agora? Pipocas, Fernando!

Clarice, em Belém eu procurei no hotel uma carta do Mário para você, não encontrei. Eu delirava se pudesse te dar essa alegria. Tinha certeza de encontrar e não encontrei.

Manuel Bandeira é um sujeito muito triste, Clarice. Também não me despedi de muita gente. Também me esqueci de muitas coisas no Brasil. Quando eu era menino chupei uma vez tanta manga verde que fiquei doente de cama por mais de três dias, faltei ao grupo, só vendo. Eu tinha um coelhinho chamado Pastoff. Um dia



meu pai pegou o coelho e deu para um amigo, fiquei triste mesmo, chorei muito, papai foi muito mau. A coisa que mais gostava era no tempo de frio sair fumacinha da minha boca. Pipocas, Fernando! Clarice Lispector é uma coisa riscadinha sozinha num canto, esperando, esperando. Clarice Lispector só toma café com leite. Clarice Lispector saiu correndo correndo no vento na chuva, molhou o vestido, perdeu o chapéu. Clarice Lispector sabe rir e chorar ao mesmo tempo, vocês já viram? Clarice Lispector é engraçada! Ela parece uma árvore. Todas as vezes que ela atravessa a rua bate uma ventania, um automóvel vem, passa por cima dela e ela morre. Me escreva uma carta de sete páginas, Clarice.

*Fernando*²⁰⁹

(De Fernando Sabino para Clarice Lispector)

368

New York, 27 de junho de 1947.

Clarice,

Ainda não escrevi a você porque não escrevi a você. O que parecer possa uma explicação mal-educada é a pura expressão da verdade, que afinal de contas acaba redundando mesmo em má educação: quando recebi sua carta eu estava no Brasil. Bem, pensei logo em responder, mas achei que seria melhor mandar notícias mais detalhadas das coisas por lá, e portanto era preciso primeiro vivê-las. Fui fazer meus exames na escola para terminar o curso. Tanta trapalhada, o tempo passando, as coisas se complicando, a carta para Clarice mudando de tom e ganhando mais uma página a cada acontecimento novo. Só que tem que escrevê-la mesmo eu não escrevia, embora diariamente pensasse em você.

²⁰⁹ SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração: dois jovens escritores unidos ante o mistério da criação* – Fernando Sabino, Clarice Lispector. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, pp. 16-19.

E o fato de não ter escrito crescia como uma ameaça, se fazia esse sentimento de culpa tão cacete, comum nos que têm fraqueza de caráter ou como eu não têm caráter nenhum. O que estará pensando Clarice a respeito dela, ou melhor, de sua falta? Eu me perguntava, perguntava à Helena, perguntava às paredes, mas só o eco me respondia: nhãam... Toda manhã me prometia que naquele mesmo dia escreveria, e à noite ia dormir com mais culpa no cartório, para fazer mais dura a pena de quem é tabelião. Agora, aqui estou. Sentado diante desta máquina do consulado, numa posição nem tanto diplomática que alguém aqui já reputou de engraçada (porque estou quase dentro de uma gaveta), escrevendo a você. Quanto às explicações pelo meu longo silêncio, para resumir, ele tem a mesma causa que teve aquele de justamente um ano atrás: falta de disposição para escrever cartas, falta de tempo, falta de espaço, falta de tudo, inclusive a já referida de caráter. Espero que você me desculpe.

Mas eu estava no Brasil quando recebi sua carta, que o Araújo me mandou. Minha viagem ao Brasil foi assim: consegui um lugar num avião de carga, logo então consegui dois, e aí fomos nós três, isto é, Helena, Eliana no colo e eu. Passei três meses com o Oto e o Paulo, conversei muito, discuti, briguei, aprendi. Sobretudo matei as saudades, por fora. Estive muito com o Lúcio, de cuja conversa ressurgiram velhas mágoas e velhos mal-entendidos, que tentamos explicar, mas que ficaram mais mal-entendidos ainda.

Gostaria de te pintar um quadro exato da situação que encontrei no Brasil. Mas não adianta: você ficaria na mesma. As coisas lá também acabam ficando na mesma.

De vez em quando um acontecimentozinho para sacudir o tédio, como o eclipse (ou a eclipse?) de Bocaiúva e o desastre no qual o Oto quase (desculpe) eclipsou-se. Ele voltava de Bocaiúva num avião do Exército americano: o avião foi descer, vinha outro descendo, então não desceu, mas com o baque todos os passageiros foram ao chão. O mais ferido, como é natural, foi mesmo o Oto, que usou durante algum tempo a cabeça enfaixada (quase ia escrevendo embaixada – você veja como é essa história de escrever em consulados) e ficou mais trágico ainda e dizem mais simpático. Do Paulo não posso dar notícias por escrito para não fazer corar a posteridade. De política, tudo mau, o que quer dizer tudo



na mesma, com o fechamento do partido que se pensava ser uma revolução e afinal ficou nisso mesmo. Há um movimento cada vez mais forte do grupo católico, com Fernando Carneiro, Gustavo Corção, Sobral Pinto, Carlos Lacerda que aderiu e o Tristão escrevendo coisas fulminantes contra o fascismo na América, de esquerdismo avançadíssimo, para o imenso pasmo dos padres do lugar. Não, não é verdade que escrevi sobre política: apenas tudo o que se escreve para jornal tem de acabar saindo uma politicazinha no meio, a gente queira ou não queira.

Gostei muito do seu artigo “*Children’s corner*”, depois te escrevo com ele na mão para dizer o que achei, pois não o tenho aqui. Mas digo já que minha impressão foi ótima e não seria nada mau que você continuasse publicando de vez em quando o que está escrevendo, para não perder o jeito e não adicionar mais um mistério ao mistério que você já é. Ando muito curioso por saber o que você está escrevendo. Por favor, não deixe de contar.

Tive notícias suas pelo Schmidt que foi lá em casa, refestelou-se numa poltrona e me contou o livro que o Mauriac vai escrever por sua sugestão (dele). Voltou de Paris abismado com o Claudel, que diz está velhinho rezando terço debaixo da toalha na hora do jantar; com o comunismo que “varre como uma onda de fogo a França de alto a baixo”, conforme declarou numa entrevista contra os mesmos e que a *Tribuna Popular* aproveitou transcrevendo só esta frase; com a política imigratória do Brasil. De vez em quando também o Araújo me dá notícias suas e do Mauri.

Não tenho feito nada de aproveitável, por enquanto. Ontem comprei um carro e hoje já estou pensando em vender. Escrevo semanalmente uma crônica para o Brasil, talvez te mande alguma – mas são tão diferentes do que você poderia imaginar que talvez não mande não. “O espelho do general” decididamente não te mando mesmo, pois estamos dando importância ao que não tem e eu nem sei onde anda o conto, que por isso mesmo deve ser ruim. Acabei uma novela, maior do que esperava, sobre uma cleptomaniaca e seu marido, chamada *O bom ladrão*, que depois de pronta para grande surpresa minha todos se declararam incondicionalmente contra (Oto, Paulo etc.). Ando pensando em juntar mais duas que tenho prontas e publicar um livro para me livrar delas. É pau publicar um livro que a gente já sabe que ninguém vai gostar.

Enquanto isso meu romance está parado, embora me atormente e ando com medo de estar escrevendo apenas um *Irmãos Karamazov* avacalhado. Assisti aqui a uma peça de Sartre, *Les Mouches*, não gostei. Há um edifício aqui que, anunciam, vai cair, e o mundo, embora ninguém anuncie, também vai cair.

Tenho pensado muito no mundo atualmente, mas infelizmente não sai nem um pensamento aproveitável. Gostei que você gostasse daquele pedaço do *Journal* de Julien Green, que também me impressionou. Já viu o terceiro volume? Tem também alguma coisa boa. Ando pensando em te mandar uns livros daqui, como o da Djuna Barnes, que na certa você vai gostar. Vi outro dia uns filmes antigos muito engraçados, alguns tristes, no Museu de Arte Moderna, e assisti aos bailados de Ana Pavlova. E é só.

De casa tenho a contar que a Elianinha já sabe de cor a história de dona Baratinha que tinha dinheiro na caixinha mas nem assim ninguém queria casar com ela. Helena se lembra sempre de você com saudade. Por sinal que a família promete aumentar, talvez ainda este ano. Recebemos carta do Rubem contando que ia embarcar, na certa já embarcou, para Lisboa e de lá para Paris. Com certeza aparecerá por aí a qualquer momento. Do Brasil, o que tenho para contar daria para encher cinqüenta páginas. Passei a Semana Santa indo diariamente ao Mosteiro de São Bento, mas a despeito disso continuo um incorrigível pecador.

Então as coisas que te digo em carta te inspiram muito? É mau sinal. Não se preocupe com a carta sobre o Kafka escrita ao Araújo: li-a, e achei excelente, como inteligência, o que você diz, que é exatamente o que eu nunca tinha pensado e se pensasse não acharia jeito de me exprimir. A sua velhinha no trem também achei admirável, você está escrevendo muito bem. Com a diferença que não é uma velha alegre, é de uma tristeza de fazer pena.

Você me pergunta se estamos contentes de viver em Nova York. Não estou nem contente nem triste. Para dizer a verdade, só voltei para cá porque não queria fazer de minha viagem ao Brasil, a título de férias, um movimento simulado. Mas há qualquer coisa que me prende aqui. Em outra carta te contarei coisas, descreverei paisagens, darei detalhes sobre o meu apartamento num lugar chamado Elmhurst, falarei de pessoas que conheço, de minha vontade nem de ficar nem de voltar. E você julgue por si mesma.



Por ora preciso que você me escreva, preciso que você mande notícias suas, que você diga que não ficou zangada comigo por causa do meu silêncio e conte bastante coisas daí. Para que eu saiba afinal se você continua vivendo, se continuamos vivendo, porque viver é de graça, de favor, ninguém pediu licença para nascer nem pagou entrada no mundo, e já que não temos a quem agradecer tanta gentileza, agradeçamos mutuamente. Muito obrigado, Clarice.

Me escreva logo, porque quem inicia correspondência fica sempre com ar de que se esqueceu de endereçar o envelope ou não pregou o selo direito. E também tenho sentido falta de suas cartas (embora seja caradurismo dizer isso, pois eu é que te devia essa parte). Recomende-me ao Mauri. Abraço para vocês.

Fernando

P.S.:

Recuso-me a aprender a escrever o nome de sua rua – se você mudar de novo, exijo envelope endereçado para resposta.²¹⁰

(De Bluma Wainer²¹¹ para Clarice Lispector)

Rio, 18 de julho de 1947.

Clarice,

Há tanto tempo não conversamos. Nossa última conversa – sua – foi tão linda. você arrumava seu jardim para receber a primavera. Aqui, estamos no inverno, faz um calor danado, há lindo sol todos os dias e as noites são cheias de estrelas. Mas a gente

²¹⁰ SABINO, Fernando. *Op. cit.*, pp. 85-90.

²¹¹ Bluma Chafir Wainer (1914-1951) – jornalista e fotógrafa.

não consegue sentir essas coisas, pois a atmosfera reinante é pesada, opressora. Cheguei no dia 1º e até hoje estou com a sensação estranha de estar mas não estar. Tristemente, confesso a você que aquela ressurreição de que falamos no princípio desta primavera – bem tinha medo –, ficou em Paris. Aqui, sinto voltar mais uma vez aquela apatia, aquela não vontade de nada. No meio de tudo isso, encontrei minha mãe muito mal e por esta razão, ainda não vi sua irmã Tania, que gentilmente me telefonou. Fiquei de lhe telefonar para batermos-um-papo, porém tenho passado quase que todo o tempo fazendo companhia à minha mãe. Vocês, pelo boletim, devem ter tido notícias do que vai por aqui – nada de bom. Além dos problemas políticos propriamente ditos, há as “conseqüências”, como por exemplo, assaltos diários, de dia e de noite, em todos os pontos da cidade. Assaltos, sim senhora, de mão armada e tudo. Roubam, matam, dão pancada, e quando não são chamados assaltantes, é a própria polícia, como noutra dia que mataram (a polícia) um comerciante de tanta pancada. Continua e piora o problema de habitação – nem para alugar nem para comprar – isto é, há ambas as coisas porém por preços de tal exorbitância que parece mentira. Estamos no Luxor Hotel, mas *stás a ver* que não agüentaremos muito tempo, embora não seja caro, é a velha questão de muito dinheiro. Samuel deixou *Diretrizes* (não mandei contar ainda em Paris?) e no momento está como *free lance*, escrevendo sobre petróleo que é um dos grandes problemas. Deverá resolver dentro destes próximos oito dias se aceita ou não a proposta do Chatô para trabalhar para os Associados. É danado, mas não há o que escolher. Toda a nossa imprensa é bem uma “imprensa sadia”, a gente tem que viver e o Chatô, que há anos vem com o olho no Sam, lhe oferece um belíssimo ordenado. Se o homem concordar com os pontos do Sam, é bem provável que ele aceite. Havia também uma probabilidade de uma nova revista, mas parece que não pode ser. Aí tem, dentro do panorama brasileiro, o panorama Wainer. No meio disso tudo, resolvi esperar, para ver o que farei depois. Se tenho alguma idéia? Não. Tenho apenas recusado alguns convites como sejam: conferência, entrevista (que não sei como puxar de todo o corpo fora), trabalhar para um novo jornal de mulheres (*O Momento Feminino*) que



vai sair, homenagens e *otros*. Sobre o porquê de tudo isso (não ter resolvido nem pensado ainda o que irei fazer) teria milhões para dizer a você, mas não é bem conversa por escrito, sabe? Seria uma daquelas conversas que na maior parte a gente não diz nada e faz careta (como dizem que eu faço). Além destas pequeninas coisas e mais as que vocês sabem: fechamento do PC, extinção dos representantes do PC (agora não é mais cassação dos mandatos, é extinção), reforma do nosso Código de Minas para poder entregar o petróleo aos EUA, há tubarões que vêm comer gente que pacatamente toma seu banho de mar em Copacabana (nunca houve isso, agora, houve). Temos um ônibus que custa mais caro e é melhor, apenas porque é novo e, por isso mesmo, as molas são macias – seu nome popular é “gostosão”. Já fica sabendo, se alguém aqui chamar você de “103”, é um elogio (é o número do “gostosão”). Muita gente já foi para Paris e muita gente está pra ir (o casal Braga deve partir no fim deste mês), porém a quantidade de gente que quer ir é muito maior. Você foi a Paris ou vai? Que bom, se eu pudesse ir esperar você na estação. Clarice, queria que você visse como o Sam tem saudades de Paris. O rapaz está doente e a doença é “parisite”. Que eu tenho também, é verdade. Não quero nem pensar que não voltarei lá. Ao contrário, penso sempre que voltarei e não muito tarde. Não sorria pensando que deixei de gostar do Brasil, não. Mas está acontecendo o que aconteceu quando cheguei dos EUA – tudo e todos me aborreciam e eu não queria de jeito nenhum viver nos EUA e, naquele período, encontrei um grande trabalho político que me tomava todo o tempo. E hoje, encontro todo mundo pessimista, sem elã para nada.

Desculpe Clarice, sei bem como você desejaria voltar, porém creia – e você sabe como queria voltar eu mesma – a gente nem imagina o quanto aprende e quanto de bem nos faz estar um pouco fora. Sei, bichinha, que você já está cansada de “ver coisas”. Mas lhe diz aqui essa sua irmã-postiça, não fique triste por não voltar agora para o Brasil. O lado sentimental, pessoal, essa tristeza gostosa talvez seja até melhor do que sentir essa tristeza que a gente não pode remediar, que é o Brasil de hoje. Eu sabia disso. É verdade, mas é que a gente, de longe, não pode impedir que nossa imaginação funcione, e aqui verifica-se que os homens pioram em

vez de melhorarem e que a realidade é bem outra e tudo isso, mesmo para você que não se mete nestas coisas de política, tenho certeza, ficaria triste mesmo sem sentir. Sua sensibilidade sentiria talvez mesmo antes de dona Clarice. Bom, vamos parar senão ficaremos em considerações que, assim escritas, sem que você veja minhas caretas, não tenham nenhuma significação. Gostaria muito de poder dizer a você que o sol que ilumina e aquece esse inverno carioca me enche de alegria, porém não posso, porque não é verdade. Sinto o seu calor, vejo a sua luz, o mar lá embaixo bate e está verde, a areia clarinha para ressaltar o colorido da água, porém olho, não sinto. Mande contar coisas suas, de Mauri, de Berna, de Noia (a minha vai bem, obrigada, e seus garotos estão uns amores. A menina nunca foi a Paris porém aprendeu uma porção de nomes feios), de Rosa, de tudo. Não guarde muito minha carta, nem a que você escrever, pois estou doida por ouvir você. Samuel manda para você e Mauri uma porção de beijos, abraços e saudades (com licença do Mauri para os beijos e pedirei a você para ele). Eu também. Lembre-me à ministra e “o”. Abraço para Rosa. Ah, estive com o Alceu e matamos saudades falando do simpático casal Valente. Taí, se eu pudesse, bem que ia visitar você.

Outro beijo. Té logo.

Bluma

P.S.:

Quer mandar aquele seu retrato do “morro dos ventos uivantes”?

*Merci.*²¹²

²¹² In: LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Organização de Teresa Monteiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, pp. 140-143.



(De Bluma Wainer para Clarice Lispector)

Rio, 21 de outubro de 1947.

Querida Clarice,

É tão bom receber carta de você e essa sua última deixou-me encantada (no sentido francês). Encantada com sua alegria, com seu descobrimento de novas portas, sua curiosidade de atravessá-las. Isso é vida meu bem, e vida é tudo que se necessita. Faz bem. Que pena não ter recebido sua carta da Espanha. Quanto ao que você diz que eu esteja “fechando meu coração, indo contra mim mesmo... esse dom de achar coisinhas e maravilhas... pulinhos de dançarina e ver coisas antes de dormir” – é triste, bem o sei, mas é a realidade e não sei explicá-lo a mim, quanto mais a você. Acontece apenas que não vejo novas portas, nenhuma porta, nem de entrada nem de saída. Tudo opaco, mesmo sem curiosidade de olhar. Às vezes tenho a impressão que sou uma zumbi que anda por aí e aquela Bluma que existia, desapareceu. Mas não vamos falar nisso mais. É um assunto sem solução e sem fim de discussão. Encheria milhares de folhas de papel e no fim, estaríamos como no princípio. Gostei muito da Dolores – bem que gostaria de ter ido com você. Será que ela diria novamente a mesma coisa para nós duas? Estas senhoras às vezes não têm imaginação. Não li ainda o livro de Zé Lins que disse vai mandar um exemplar “que não comprasse”, por isto não posso dizer nada pessoal. Sei apenas que é um livro inteiramente diferente do seu gênero. Deixou Pernambuco e entrou em romance psicológico. Há quem ache muito bom e outros que preferem os seus antigos livros. Sam está no momento em Quitandinha onde se realiza um Congresso de Produção e Comércio. Ainda há poucos instantes recebi uma carta de Ceschiatti que me fez rir sozinha. Bendito seja ele por isso. Ele é bem engraçado. Imagine que no meio de várias considerações as mais variadas, ele diz o seguinte: “Gostei muito da morte de dona Santinha.” Foi de tal imprevisto que não pude deixar de soltar uma enorme gargalhada. O rádio repete e torna a repetir que o Brasil rompeu relações com a Rússia. Xingam a mais não

poder esse país e seus habitantes. Hoje durante a tarde, invadiram a oficina da *Tribuna Popular*, quebraram tudo, jogaram as roupas dos operários na rua e naturalmente a polícia não interveio. O Brasil melhora sempre. Fui assistir ao II Congresso de Escritores em Belo Horizonte. Que pena você não ter ido. Não pelo que representou o Congresso que foi frouxo, mas para estar no meio de toda essa gente antiga e nova que veio de todos os pontos do Brasil. Como disse, o Congresso em si não teve grande importância – não houve uma só tese de grande valor. Houve apenas um dia de agitação – um grupo da Comissão Política entre os quais estavam Rodrigo de Melo Fraco [sic], Carlos Drummond de Andrade e outros, pediram demissão por causa de uma moção apresentada diretamente à mesa e lida e aprovada por aclamação pelo plenário (quem apresentou foi Aires da Mata Machado – mineiro). Eles acharam que, sendo a moção de fundo político – falava em fechamento de partido, cassação de mandatos etc., deveria a mesa ter enviado à Comissão e não ler diretamente em plenário. Não estavam com a razão, uma vez que outras moções, como as de solidariedade aos espanhóis, portugueses e argentinos, foram lidas e aprovadas em plenário. Embora o autor da moção seja católico apostólico romano, nada tendo a ver com os comunistas, houve esse barulhinho. Saíram, foram buscá-lo, o autor retirou a moção e foi redigido o documento final do Congresso–Declaração de Princípios. Vou arranjar e mandar para você. Mandarei em separado, também, uma revista que a gente moça de Minas fez. Só saiu esse número e não sabem se sairão outros. Fora o trabalho do Congresso, gostei porque fiquei conhecendo gente como Antônio Cândido de São Paulo, revi gente como Paulo Mendes de Almeida e fiquei com um grande carinho pelo Ivan Pedro Martins, vendo como é amigo e carinhoso com sua mulher que está muito doente (tuberculosa), internada num sanatório. Fui visitá-la e vim cheia de carinho pelo Ivan, com o que vi dele. Imagine que ele está morando com ela no sanatório e é só carinho com ela. Talvez não seja nada de mais, sei lá, mas não sei também se muita gente o faria. Passei dez dias no meio de toda essa gente, ouvindo e rindo das histórias do barão e Álvaro Moreira, e fiquei contente também por ver que toda essa gente se lembrava de mim com carinho. Foi um sonho bom. Agora voltei e encontro tudo como é na realidade.



O Congresso, foi como se estivesse vendo coisas antes de dormir. Agora acordei. Minha mãe continua doente, eu, parece que também não estou muito bem, rompimento de relações que ninguém sabe quais serão as conseqüências. A vida que é difícilíssima, minha vida pessoal que não tenho nenhum plano nem entusiasmo para traçar. Nem o tempo ajuda. Está tudo cinzento, úmido, triste. Há uma tristeza no ar que vai tomando conta da gente. Não há primavera, nem outono, nem verão, nem inverno. Há tristeza transformada em tempo. A rigor, deveríamos estar na primavera. Mas a primavera parece que sofreu muito e chegou sem se lembrar de se vestir, de acender a luz, esqueceu tudo. Veio sem nem o saber que chegou.

Recebi carta de Célia que esteve muito doente – todo mundo foi muito gentil com ela, menos Isadora, é sempre assim. Dizia que deveria embarcar para Nova York no dia 11 – já deve ter ido. Seliar está cheio de exposições e concertos. Transbordando de vida – nem vou escrever para ele hoje. Ele ficaria impressionadíssimo e não compreenderia nada. Só me atrevo a escrever para você estando assim. Desculpe. Lembranças a Rosa. Abraços para Mauri. Sam está escrevendo sobre economia, por enquanto vai indo. Ele não está, mas sei que abraçaria vocês dois, com carinho.

Um beijo triste de saudade, de

Bluma

P.S.:

Conheci Paulo Mendes Campos, de quem gostei também.²¹³

²¹³ *Idem*, pp. 157-160. Intervenção da publicação original.

(De João Cabral de Melo Neto²¹⁴ para Manuel Bandeira)

11 de dezembro de 1951.

Meu caro Manuel,

Você não tem o que me agradecer. O prazer que eu tive de encontrar a Dulce foi grande. Não só pela pessoa que ela é como pelas pessoas que ela conhece e de quem falamos muito. Não preciso dizer que nessas conversas você ocupou a maior parte do tempo.

Você manda para minha mãe o que você escreveu sobre meu avô, Virgínio Marques. Ao tio Manuel, de que você fala, nunca conheci. Nem sabia que ele tinha essa fama. Sabia sim de fama semelhante de um outro irmão de meu avô, Pedro Augusto Carneiro Leão, o mais moço da família e o único que até o fim da vida foi diretor de colégio (meu avô, como você deve saber, vendeu o colégio e se dedicou à política e à Faculdade de Direito): esse Pedro Augusto era tremendo, dizem. Sabia *Os lusíadas* de cor e durante anos atormentou gerações de pernambucanos com a análise lógica do texto do poeta.

Se você acha que está ficando velho por não compreender a arte abstrata creio que está enganado. Em primeiro lugar não há o que compreender. Acho que você quer dizer “aceitar” em lugar de compreender. Pois quanto à “aceitação”, devo dizer que estou com 31 anos e não a aceito. E que na Europa, hoje, cada dia mais ela está sendo menos aceita. O que acontece é que no Brasil as coisas chegam com bastante atraso. E esse entusiasmo pela arte abstrata chegou atrasadíssimo.

Por que você não toma a frente de um movimento contra essa arte abstrata? Você vai responder que está cansado e desinteressado. Acredito também que no Brasil não há clima político para isso, pois a carta do maestro Camargo Guarnieri caiu dentro de um medo geral. Mas você, com sua autoridade, podia muito bem

²¹⁴ João Cabral de Melo Neto (1920-1999) – poeta pernambucano.



tomar a frente de um movimento de denúncia do abstracionismo em pintura, de seu equivalente atonalismo da música e do neoparnasianismo-esteticismo da geração de 1945. Eu namorei essas coisas quando estive no Brasil. E quando vim para a Europa compreendi o que havia por debaixo de tudo isso, e o trágico que é, para nós brasileiros, nos entregarmos a todos esses requintes intelectuais. Porque da Europa é que pude descobrir como o Brasil é pobre e miserável. Isto é: depois de ver o que é a miséria européia – enorme na Espanha, Portugal, dura na França, na Inglaterra –, acho que é preciso inventar outra palavra para a nossa, cem vezes mais forte.

Por tudo isso ser abstrato é trágico e ridículo para um brasileiro. E dizer isso claramente vale qualquer incômodo. Você, com o seu prestígio, devia iniciar essa campanha contra o cosmopolitismo de nossos intelectuais. Tenho a certeza de que o que nós temos de melhor: Gilberto Freire, Vila-Lobos, José Lins do Rego, Portinari etc., seguirão o apelo. E deixaremos aos Otávio de Faria, Adonias Filho e outros profundos, o seu charco particular, místico-integralista.

Hoje eu compreendo melhor como para qualquer artista brasileiro deixar de ser brasileiro para ser “universal” significa empobrecimento. Depois de alguns anos na Europa pude verificar o desinteresse que o europeu – isto é, o leitor universal – experimenta diante de nossos autores universais: Lúcio Cardoso, Cecília Meireles, Schmidt etc. (estou dizendo isso em segredo). E ao mesmo tempo o entusiasmo que certos autores mais brasileiros (Manuel Bandeira, Mário de Andrade etc.), apesar de difíceis, despertam. Essa foi uma experiência que nos ajudou muito a compreender muitas coisas. E posso garantir que não era o gosto do exótico que determinava o interesse de que estou falando.

Se eu tivesse algum prestígio escreveria alguma coisa sobre tudo isso. Mas a um autor já firmado é que deve caber a iniciativa. E além de tudo há o trabalho aqui no consulado e há a distância do Brasil para atrapalhar. Pensei em tratar desses assuntos num prefácio a uma edição de meus livrinhos de poesia já publicados, que, por iniciativa do Lêdo Ivo, vão ser reeditados num só volume por *Orfeu*. Mas desisti de prefácios. Podia parecer vontade de atrair a atenção sobre mim mesmo pela discussão e, com o Atlântico no

meio, é impossível manter discussão. Por isso saem os livros sem mais explicações.

Bom, meu caro Manuel. Desculpe tanta conversa fiada. Será que você não manda nada para Londres? Conhece um poeta inglês chamado Wilfred Owen, morto na guerra de 1914–1918? Gostaria de lhe mandar as poesias dele, grande poesia. Que diferença da poesia conformista de Rupert Brooke.

Um grande abraço no Vinícius, quando o encontrar. E lembranças afetuosas à Dulce. E com tudo isso um abraço afetuosos do seu

João Cabral

P.S.:

Quando o tenha terminado mandarei um poema que estou acabando a respeito da Espanha. Poema que não poderia publicar com o meu nome dada a atual amizade hispano-brasileira. Mas a greve de Barcelona me forçou a escrevê-lo e, formalmente, inspirado no “Bicho”, procurei uma expressão direta e dura a respeito da qual gostaria de ouvi-lo.

Grande abraço.²¹⁵

381

(De Hermes Lima²¹⁶ para Lourival)

Nova York, 5 de novembro de 1952.

Lourival,

Estava esperando as eleições para lhe dar uma boa notícia, mas a notícia não é a que desejávamos: o general está eleito.

²¹⁵ MELO NETO, João Cabral. *Op. cit.*, pp. 145-147. Esta carta foi autorizada para publicação pelos herdeiros de João Cabral de Melo Neto, representados pela Copyrights Consultoria Ltda.

²¹⁶ Hermes Lima (1902-1978) – magistrado e escritor baiano.



Foi uma lavagem. Eu esperava esse resultado, porque o desejo de mudar formou um desses estados psicológicos avassaladores, que o general explorou com habilidade. Um candidato republicano saído das entranhas do partido teria, com certeza, perdido. Mas os republicanos foram buscar fora do partido um grande nome nacional – e o povo votou no general como quem vota em alguém desligado de interesses políticos personalistas e de quem ele espera que acabe com a guerra, que reduza os impostos, que elimine a angústia que permeia e envenena a prosperidade atual, embora fantástica do país.

Mas a realidade tem direitos que a esperança desconhece. Essa realidade é que o general não poderá governar sem base política, e essa política está no Partido Republicano. Mas o Partido Republicano, como sabemos, é menos esclarecido, menos adiantado seu pensamento social e político. A parte liberal do partido é pequena. A velha-guarda o domina. E a velha-guarda, embora saiba que o mundo hoje é diferente do mundo do tempo de Hoover, não está convencida que seus princípios individualistas e capitalistas não sejam os melhores. *Do ponto de vista internacional, na melhor das hipóteses, o que se pode dizer do novo governo é uma incógnita.* A política para com a América Latina, especialmente para com o Brasil, conservará o mesmo tom atual? Ou essa política assumirá um certo ar patronal, uma certa posição de voltar a considerar os países da América Latina como fontes de matérias-primas? Que será do Ponto IV, da assistência técnica, dos empréstimos para empreendimentos de base? Nesse sentido, pois, acho que devemos esperar os novos sons do sino que, de janeiro em diante, começará a badalar em Washington. Por isto, *lembro a conveniência de não apressar a ratificação pelo Congresso do tratado de assistência militar recíproca com os Estados Unidos.* Penso que seria do nosso mais alto interesse ir devagar agora com esse tratado, a ver em que as modas param. Guardá-lo nas mãos como um trunfo, conhecido trunfo, sem dúvida, mas carta de certo valor em nosso jogo com os Estados Unidos. É a sugestão que lhe faço e que você pesará antes a fim de saber se vale a pena ser transmitida ao presidente. Nossa política com os Estados Unidos deve ser leal e agressiva. A agressividade está na firmeza com que devemos fazer sentir aos Estados Unidos que é exatamente pela

sua grandeza e pelo papel que estão chamados a desempenhar no mundo, que eles mais precisam de nós.

Um abraço amigo

*Hermes*²¹⁷

(De Hermes Lima para Lourival)

Nova Iorque, 10 de novembro de 1952.

Lourival,

Penso que recebeu carta recente que lhe enviei e na qual dava minhas impressões do pleito. Hoje foi dia cheio na ONU. O secretário-geral demitiu-se. Pelas razões que ele alegou e parece também porque se sentiu desprestigiado pela delegação americana, que reclamou dos automóveis das Nações Unidas e, particularmente, do próprio automóvel do secretário-geral. É de admitir-se também que os americanos vinham fazendo pressão para que o Trygve Lie demitisse da organização os funcionários nacionais deste país e que Washington aponta como tendo sido comunistas ou sobre cuja conduta pairam suspeitas e dúvidas discriminatórias. Sei de fonte limpa que a cotação do Trygve Lie baixou muito entre os funcionários. Perdeu todo prestígio moral. Acabou mal com todo mundo. A substituição vai ser difícil.

Ou muito me engano, ou as Nações Unidas vão entrar numa fase crítica. Minha impressão é que as grandes potências, a começar pelos Estados Unidos, começam a achar a ONU mais uma amolação do que outra coisa. Realmente, as Nações Unidas cada ano que passa mais acentuam o seu caráter de um grande fórum

²¹⁷ LIMA, Hermes. *Travessia (memórias)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974, pp. 228-229.



internacional, em que os povos se criticam, se examinam; em que as linhas mestras da política externa se expõem a nu e, contraditoriamente, aos olhos do mundo todo. Ora, isto não serve às grandes potências. Todos têm interesses mais ou menos inconfessáveis. Veja isto: a ONU é um lugar, uma assembléia em que os pequenos países, os países insuficientemente desenvolvidos, os países explorados – o proletariado das nações – se reúne para críticas, para reivindicar, para agitar idéias, para fazer pressão sobre os grandes. Os grandes não estão gostando disto. Além disto, há o bloco soviético que possui na ONU esplêndido campo para aparecer e fazer propaganda. Hoje, por exemplo, Schuman, num discurso politicamente cínico, pôs em dúvida se a ONU está fazendo bem ou mal. Negou à Assembléia qualquer direito de tratar da Tunísia ou de Marrocos, de fazer qualquer recomendação no que concerne a esses dois protetorados. O discurso foi cínico porque apresentou a atual situação entre a França de um lado e Marrocos e Tunísia de outro, como resultante de tratados livremente negociados entre povos livres e soberanos. Pouco adiante dizia, porém, louvando o esforço francês, que quando a França chegou lá, tudo aquilo eram tribos nômades e miseráveis. Depois que desceu da tribuna, subiu o holandês que também indagou se a ONU estava ajudando ou atrapalhando. Descubro nisso tudo sinais de que os grandes, os países industrialmente desenvolvidos, os países possuidores de territórios, colônias e interesses na exploração de outros povos gostariam de eliminar da cena internacional a ONU. Será difícil fazê-lo, sem que a guerra apareça no meio disso tudo. Mas, enfraquecer a ONU, reduzir a nada a eficiência dos seus serviços, é possível se os países pequenos e insuficientemente desenvolvidos não reagirem a tempo e com inteligência.

Agora a Coréia. O embaixador Muniz contou-me hoje que, conversando ontem com o general Dannovan, que foi ajudante de Eisenhower e é tido como homem de sua intimidade, lhe disse o general que, já agora, os Estados Unidos não teriam muita razão, nem muita pressa de acabar com a luta. Porque, terminada esta, a China ficaria muito livre para se consolidar e se organizar e é isto que importa impedir, ou atrasar. Uma China forte e comunista era o diabo solto na Ásia.

Desse modo, a Guerra da Coréia não cessa e as razões para que um país, como o Brasil, participe dela são na verdade cada dia

menos aceitáveis. Na Coréia, jogam-se todos os jogos, menos o da própria e pobre Coréia. Essa história de defesa da vontade dos prisioneiros, que não quiserem ser repatriados, deve esconder muita coisa atrás dela. Ouvi dizer que esconde sobretudo isto: firmado o princípio de que não serão devolvidos aos seus países de origem, se assim o desejarem, os prisioneiros chineses e norte-coreanos, o princípio poderá estimular a deserção nas fileiras dos exércitos dos países da cortina de ferro, em caso de guerra. Contaram-me que, no início da última conflagração, houve deserção em massa de unidades russas para os alemães. Repatriados depois da guerra, foram todos fuzilados.

Mas um dos trunfos do general Eisenhower na campanha foi sua promessa de ir à Coréia pôr fim à guerra. Você já imaginou tropas brasileiras na Coréia, e um candidato à futura presidência declarando que mandaria essa tropa regressar, se fosse eleito?

Bem, Lourival, já conversei muito. Já lhe escrevi duas cartas tão longas que agora acho que só quando voltar lhe darei impressões. Não quero abusar. Mas veja nisso exclusivamente meu interesse de servir a você, ao presidente e, acima de tudo, ao país.

Abraço amigo do

*Hermes*²¹⁸

(De Iberê Camargo²¹⁹ para Mário Carneiro)

Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1953.

Meu caro Mário,

Espero que estejas guapo e rijo para a peleja que vais travar com os mestres do Louvre. Nós estamos bem. aguardo a resposta

²¹⁸ *Idem*, pp. 229-230.

²¹⁹ Iberê Camargo (1914-1984) – pintor e gravador gaúcho.



da longuíssima carta, que te escrevi quando estavas na Suíça. Hoje, venho só para te pedir mais um favor. Estou te remetendo pelo Banco Moreira Sales 8.500 francos, a fim de que compres e remetas o mais breve possível o material que consta da lista anexa. Junto também vai um papel que é a licença de importação concedida pela Cexim. Deves usar este papel para fazer o despacho das coisas. Este material é para a Prefeitura, para o curso de gravura que depende da chegada destas coisas para começar.

E por ser dinheiro da Prefeitura, peço não misturares com as minhas encomendas, e que me mandes o recibo de compra selado, pois tenho que fazer uma prestação de contas. Como não sei o preço dos vernizes etc., não posso estabelecer as quantidades de cada coisa (não leves em consideração a discriminação e as quantidades que constam no papel da Cexim) e, por isso, recomendo que compres maior quantidade do que está assinalado com vermelho, por serem coisas que se gastam mais. A goma d'amar, por exemplo, podes cortar para meio quilo ou menos ainda, se for cara. Se não encontrares esta resina, então compra mais cera negra, pois sem este ingrediente não posso fabricar o verniz. Hoje vou telefonar para a tua tia Emília, desfazendo a transação que eu lhe havia proposto para a compra deste material. Como se trata de coisa para a Prefeitura, é melhor seguir o caminho oficial, embora me custe muita chateação.

Noutra ocasião, isto é, quando receber a tua resposta, te escrevo uma carta no verdadeiro sentido da palavra. Muito grato, um grande abraço do

Iberê²²⁰

²²⁰ CAMARGO, Iberê. CARNEIRO, Mário. *Correspondência*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Centro de Arte Hélio Oiticica/RioArte, 1999, pp. 51-52.

(De Iberê Camargo para Mário Carneiro)

Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1953.

Meu caro Mário,

Aguardo com impaciência a resposta das minhas duas últimas cartas, principalmente daquela que mandei registrada. Acabo de receber o pacote de coisas que mandaste para a Prefeitura. Tudo chegou em perfeito estado. Lamento que tenhas esquecido de comprar o *verniss au rouleau*, que é de grande importância para nós. Está em falta? Se for possível encontrá-lo avisa-me, que te remeterei o dinheiro (dinheiro da Prefeitura) para que mandes uma meia dúzia de potes. Com a chegada dos dois vernizes líquidos *fluide pour la gravure*, branco, e *fluide pour la gravure*, escuro, ambas marca Duroziez, fiquei em dúvida sobre o verdadeiro emprego destes dois vernizes, visto que não mandaste o prospecto que explica o emprego dos produtos Duroziez, conforme o fabricante aconselha consultar. Suponho que estes dois vernizes não sejam para coberturas, como o *verniss à recouvrir* Lefranc, mas para serem usados a pincel em substituição à cera negra ou à cera branca, segundo o caso, no enceramento e no reenvernizamento da chapa. Digo isto porque estou quase certo de que são destes dois vernizes de que fala Alan E. Bersier, no seu livro *La gravure*, página 43, e o manual Hœpli os indica para as remorsuras. Bersier manda estendê-los a pincel sobre a chapa morna e enfumaçá-los (exceto o verniz branco, é claro), mas não esclarece se devemos ou não enfumaçá-los em seguida, como no caso da cera negra, ou se depois que a camada de verniz estiver completamente seca. Quanto ao manual Hœpli, tratando do mesmo caso, não diz se a chapa deve ou não estar aquecida quando recebe o verniz (e ele cita o verniz Duroziez), parecendo mais incluí-lo na classe dos vernizes a pincel usados a frio. Peço que me esclareças isto, que é da máxima importância.

E já que estamos tratando dos diversos processos de encerar uma chapa, também gostaria de esclarecer o caso em que se usa o rolo para aplicar um certo verniz negro ou branco, em pasta (vendido em



tubo?), ou uma mistura dos dois que, ainda segundo o senhor Bersier (página 43), precisa que se deixe secar durante alguns dias antes de se poder trabalhar sobre a chapa. Pela descrição deste verniz, ele se parece muito com o meu conhecido *verniss au rouleau*, que por também se chamar *à remordre*, leva-me a crer que se trate de uma mesma coisa usada para fins diversos, isto é, para reenvernizar a chapa cuja morsura foi insuficiente e também para substituir a cera negra com uma vantagem duvidosa. Afinal, meu caro amigo, de que merda de vernizes realmente se tratam e para que servem e como se aplicam? O impreciso senhor Bersier também diz que os tais vernizes líquidos podem ser espalhados, o que vem confirmar que a chapa precisa estar realmente morna, ou melhor, direi, quente. Outra coisa: no caso de envernizar a chapa com um destes dois vernizes a pincel, pode-se usar os mesmos vernizes para fazer as coberturas em lugar do *verniss à recouvrir*? Pergunto isto porque andei fazendo umas experiências apressadas e me pareceu que o *verniss à recouvrir* não adere bem sobre estes vernizes a pincel. Como vês, meu caro, eu te mando um novo punhado de dúvidas e destas dúvidas de merda que um simples caixaieiro parisiense poderia dissipar. E tudo isto por viver na cidade infeliz e falar uma língua morta. A nossa situação é a pior possível, digo a nossa abrangendo uns poucos sujeitos, porque o resto parece bem adaptado à merda.

Com a nova modalidade do câmbio, as tintas ficaram sem classificação, o que quer dizer que o dólar para importação custa mais de cem cruzeiros! E ninguém até hoje, salvo eu, levantou a voz para defender o artista. Mas haverá mesmo artistas nesta terra? Pelo silêncio, parece que não. Deve estar em Paris a senhora Noêmia Guerra (Hotel l'Aiglon – Boulevard Raspail), que talvez te procure em meu nome. Acho que ela seria uma ótima portadora para me mandares o mastique em lágrimas e dois ou três vidros de *verniss à recouvrir*. O meu primo Raul te pede por meu intermédio que indagues o preço de um dicionário *Medical Larousse* ilustrado e de uma meia que se usa para combater as varizes das pernas. Sabedor do preço, ele providenciará a remessa do dinheiro e tu lhe farias, então, o favor de remeter as coisas oportunamente, isto é, quando aparecesse um portador fácil. Peço que tenhas paciência, Mário, com estes nossos irmãos, mas ele, como eu, vive no país infeliz. Mande notícias do que estás fazendo. E me

responde o mais breve possível, pois vivo como um semilouco ou talvez louco inteiro.

Um afetuoso abraço para ti e para os teus

Iberê²²¹

(De Iberê Camargo para Mário Carneiro)

Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1954.

Caro professor general comandante,

Aqui estou novamente com um outro problema para resolveres, se possível, com o mestre Friedlaender. Procurei fazer um verniz a pincel baseado numa fórmula do Hœpli, fórmula esta que escolhi por palpite (palpite errado) entre uma infinidade de outras fórmulas mais ou menos semelhantes. A fórmula em questão é a seguinte: aguarrás – 100 gramas, cera virgem – 12 gramas, mastique – 12 gramas, asfalto – 12 gramas. A preparação foi feita com grande justeza. Mas acontece que o referido verniz aplicado sobre a chapa fria não seca, isto é, seca tão lentamente que se precisa esperar um dia. O mesmo acontece quando ele é empregado para coberturas. E sobre uma chapa preparada com este verniz; o *verniz à recouvrir* também não seca ou seca muitíssimo lentamente. O único verniz que seca sobre este maldito verniz é o *verniz à l'alcool (noir japonais)* Lefranc. Experimentei depois passá-lo sobre a chapa quente e o resultado foi magnífico. Magnífico mas inútil, uma vez que eu desejava fabricar um verniz para coberturas e retoques, como o Duroziez. E como isto será possível, uma vez que ele só, seca e adere bem sobre uma chapa quente? Ainda não pude descobrir qual é o ingrediente que impede a secagem. Desconfio

389

²²¹ *Idem*, pp. 76-78.



que seja a cera, porque fabriquei com êxito um *verniz à recouvrir* com betume e terebintina e que seca normalmente. Eu sei que a temperatura (ontem estávamos a 30°C à sombra) tem uma grande importância no caso dos vernizes, mas todos os outros que comprei são estrangeiros e os que preparei foram feitos segundo fórmulas européias. A única alteração que fiz foi substituir a aguarrás por essência de terebintina, que é um produto mais puro. Seria formidável se conseguisses com o Friedlaender uma fórmula de verniz a pincel branco e escuro. Isto seria de grande vantagem para nós que estamos proibidos de importar estas coisas. Eu sei que os gravadores não gostam de mostrar os seus segredos, mas como professor a coisa muda. É difícil a gente conseguir fazer um produto que tenha as mesmas qualidades dos feitos nas fábricas. Mas para nós, pobres sul-americanos, não resta outro caminho senão tentar. Imagino como deves estar aí nesta paisagem de neve, que deve ser de uma monotonia que mata. Nós estamos nos derretendo de calor. Hoje apareceram algumas nuvens no céu com promessas de chuva. Até a natureza está contra nós, como se a falta de vergonha dos que nos governam não bastasse. A vida está insuportável, o dinheiro não vale nada. Meu caro amigo, vou parar por aqui pois está ficando tarde e eu preciso tomar um pouco de ar e olhar um pouco para o céu, pois da terra só vem merda.

Desejo-te um restabelecimento rápido e bom trabalho no Louvre.

Mesmo quando não se consegue fazer uma cópia que satisfaça, a gente aprende. O progresso é coisa lenta, ele não vem de uma vez.

Nós te abraçamos afetuosamente

Iberê

P.S.:

O verniz mole 2:1, isto é, 2 de cera negra por 1 de sebo de boi, é ótimo.

Relação em peso.²²²

²²² *Idem*, pp. 109-110.

(De Iberê Camargo para Mário Carneiro)

Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1957.

Caríssimo general,

Ontem terminei um quadro que me custou muito trabalho. Trata-se de uma tela grande. Mede 1,50 m x 0,53 m – retângulo áureo – onde alinhei uma porção de latas, garrafas, laranjas, enfim, os meus brinquedos de sempre. Trabalhei nesse quadro mais de um mês, gastei uma pequena fortuna em tintas. Mais de uma vez, voltei tarde para casa, depois de me extenuar horas a fio, em botar e tirar uma cor que não se ajustava. Tu sabes, isso me acontece freqüentemente. O final dos meus quadros é sempre dramático. Fico refletindo no que disse na *Para Todos* o pintor tcheco Arnost Paderlik, que veio para a Bienal, referindo-se à minha pintura. Entre outras coisas, comentou: “(...) colorista respeitável, que chegou à maturidade no domínio dos segredos do seu *métier* (...)”. Segredos do *métier*, aqui está uma coisa que não compreendo. Quando encontro uma dificuldade, e isso acontece freqüentemente, procuro valer-me do disco das cores. Vejo, então, que esse não me serve para nada. Aí apelo para outros conhecimentos e também não acho nada que sirva. Sinto-me só e ignorante diante da tela, como um estudante de belas-artes. Só o instinto me guia. Fui procurado por um jovem que me pediu conselhos. Pediu-me também para que lhe deixasse ver como trabalho. Consenti. O resultado foi que ele viu um homem que se desesperava, inutilmente, a procurar uma cor para o fundo do quadro, ou melhor, para uma pequena parte do fundo. Grande lição! Mas eu creio que lhe disse uma coisa certa. Foi isso: o esforço é o mesmo, para quem sabe, como para quem não sabe. Há só essa pequena diferença: aquele que sabe termina acertando, e aquele que não sabe, jamais. Meu caro general, seria também absurdo concluir como certos pintores, que dizem que a criação é um salto no escuro. A verdade está no meio. Não me lembro desse Veronese que estás copiando. Recordo outros, belíssimos de cor, que vi na Itália; Predomina neles um ocre verdoso, quente, às vezes chapado. Aproveita essa gente o mais que puderes. O caso da tua gravura é estranho, vou pedir



explicações ao Raul, que é mestre em causas do outro mundo. Falei com Beatriz. Ela me entregou o livro e o verniz. Eu te agradeço muito essas coisas. Depois que fostes para Paris, eu não fiz mais gravura. Tu tens me feito muita falta. Eu escrevi, aconselhado pelo Érico, ao *Lire*, diretor da seção de artes visuais da União Pan-americana, pedindo-lhe que fixe uma data certa para a minha exposição, em 1958. Eu já estou cheio com tudo isso. A asiática andou por aqui, também me pegou; mas foi fraca, felizmente. A grande novidade são os satélites russos. Eu estou muito satisfeito com isso. Os americanos estão apavorados, levaram um bruto cagaço. E tudo por terem a mania de serem os maiores e únicos. O Pena Boto ou melhor, o apenas boto, anda alucinado com o perigo comunista. Isso aqui continua uma desgraça, tudo se agrava. Nada tem solução, acontecem as coisas mais absurdas. Respira com força esse ar da Europa e te regozijes por poderes estar aí. Junto vai “O colchão” que foi traduzido e publicado ontem na *Para Todos*. Quando voltares, poderemos pensar no filme. Demorei um pouco em responder-te porque estava todo metido no quadro que acabei, e numa outra história que estava escrevendo. Vou parar por aqui, a letra já está ficando que não se entende. Manda notícias.

Maria e eu te abraçamos afetuosamente

*Iberê*²²³

²²³ *Idem*, pp. 127-129.

(De Francisco de Assis Barbosa²²⁴ para José Honório Rodrigues)

Rio, 2 de dezembro de 1963.

Aniversário de D. Pedro II.

Zezé: este meu silêncio não é esquecimento, nem falta de vontade de conversar com você e Leda, sempre lembrados. É falta de tempo, Zezé, pois ando trabalhando com uma gana de dinheiro ainda maior que a do Magalhães Júnior. Recebi da Enciclopédia Britânica uma tarefa enorme: a de organizar os guias de leitura, para o lançamento da edição brasileira, programada para março. Tirei férias da Procuradoria, e trabalho como um mouro. Outras coisas avulsas têm aparecido, inclusive colaboração na *Visão*. Tudo isso por quê? Porque a sua amiga Ieda – que por sinal escreveu dois artigos excelentes no último número do *Tempo Brasileiro* – não deu a menor bola, relegando-me ao mais completo abandono. Pronto, estas são as minhas notícias: trabalho. Yolanda ótima. Ana Maria idem, toda a meninada idem, idem, idem. E as suas? Ao saber da morte do Kennedy pensamos em você. A princípio, dizia-se apenas que tinha sido no Texas. Mas o Texas para mim se concentrava geograficamente em Austin, mais ainda na Universidade do Texas, mais ainda no Hotel Driskill. Depois, vieram as conjeturas: será que o Honório foi para Dallas assistir à recepção a Kennedy? É claro que tudo isso passa pela cabeça, sem que a gente se dê ao trabalho de verificar se Austin é próximo de Dallas etc. etc. Em todo caso, o impacto produzido pela notícia foi estarrecedor. Imagine você que rádio e televisão estavam em greve (aumento de salários: radialistas reivindicavam 50% a mais no salário, ficaram seis dias parados e ganharam), de modo que só a Rádio Roquete-Pinto (Murilo) dava notícias, sem falar numa “rádio de grande importância”: o Madureira tinha feito o primeiro gol no jogo contra o Vasco. De qualquer modo a Ieda brilhou. Brilhou não só no

393

²²⁴ Francisco de Assis Barbosa (1914-1991) – escritor e historiador paulista.



noticiário sobre Dallas, como no noticiário sobre a greve, uma vez que só no final publicou dois artigos de primeira página (aqueles famosos artigos de primeira página), estranhando que a Rádio Ministério da Educação, emissora oficial, se constituísse em porta-voz dos grevistas fora da lei etc. e tal. A coisa mais extraordinária porém é a insistência da *Tribuna da Imprensa*, do *Globo* e do *Estadão*, no caso da suposta tentativa de atentado contra o Lacerda. A fofoca cresce, com a intrigalhada visando à incompatibilidade do general Jair com Jango. Outro que está na alça da mira da reação é o Carvalho Pinto, que vem sendo apresentado como homem de tendência esquerdista, imagine você. Coisa mais ou menos parecida que aconteceu com o Santiago. Coisa mais ou menos parecida que tem os seus interesses nas barras do Ministério da Fazenda. O Lacerda publicou no *Cruzeiro* um artigo gozadíssimo sobre a entrevista que teve com o Kennedy, em que o tratava de governador Lacerda a todo o momento. Era governador Lacerda pra cá, governador Lacerda pra lá. Mas na hora de autografar a edição brasileira de um livro de Kennedy, que o governador lhe apresentara, acabou dedicando ao caro governador CL. O Ademar já anunciou que é candidato irreversível. Por outro lado, o Magalhães Pinto não desiste. E o Nei Braga hoje apresentou a sua candidatura à Presidência da República, limpando todas as áreas. Aí você vê um dos aspectos mais curiosos do pleito de 65. Sem falar na rebelião das massas, partidárias da divisão possível: se eles não obedecerem chegam mesmo as ordens de cima. Vai ser um Deus nos acuda. E Carlos Lacerda, com a língua solta, cada vez mais insolente, a provocar o máximo de divisão possível, para ver se ele chega em primeiro lugar. O lacerdismo é uma doença terrível. E a campanha em torno do homem está na base do corvo, com figurinhas do corvo pregadas nos automóveis dos grã-finos, e coisas deste tipo: Lacerda é tudo aquilo que você pensou que Jânio fosse; o que o homem da vassoura não fez, o homem de Vassouras vai fazer... É este um retrospecto muito sintético (e meio doido) da situação, que é a mais doida que você pode imaginar. Recebi livros do México e da Suécia, convites de Londres etc. O que me pedem é um trabalho imenso (que vou fazer), e não sei se será ou não do seu interesse particular. Trata-se de uma bibliografia sobre o movimento da independência no Brasil, a partir de 1950. Você já pensou na

trabalheira que isso vai dar? Tive que contratar uma pessoa para me ajudar, pesquisando os artigos das revistas especializadas. Farei ainda uma pequena introdução, em torno da compreensão do problema nas suas conexões com a situação brasileira e internacional. Penso aproveitar esse trabalho para o volume do Edgard Cerqueira Falcão. Para mim, será penoso ter que escrever um artigo especial para ele, mesmo porque, dentre os meus compromissos, tenho que completar um estudinho sobre a imprensa no Império para a *História do Brasil* do Sérgio. Caso você não concorde, você fará sozinho a introdução do Edgard Cerqueira Falcão. É esta, com toda a sinceridade, a melhor solução, segundo o meu ponto de vista. Acabou o papel, e eu tenho que fazer ainda uma porção de coisas nesta manhã de névoa rala e cheia de calor.

Abraços do

Chico²²⁵

395

(De Carlos Lacerda²²⁶ para Bilac Pinto)

Rio, 21 de julho de 1964.

Bilac,

Antes que cesse esta absurda correspondência entre nós, pedi ao secretário Raul Brunini que leve este bilhete como um derradeiro apelo ao bom senso, que não lhe falta, e à inteligência, que lhe sobra.

Na verdade, Bilac, fui posto à margem da UDN. Dê-se a isso o nome triste de traição ou o nome mais ameno da distração. Na prática foi o que se deu. Ainda mais depois do que se passou com o senador Daniel Krieger na sua casa.

²²⁵ In: RODRIGUES, José Honório. *Op. cit.*, pp. 37-40.

²²⁶ Carlos Frederico Werneck de Lacerda (1914-1977) – político fluminense.



Mas o que importa é o fato de estar a UDN sendo levada a tomar uma posição que significa um passaporte para o desconhecido. Na verdade, se se tratasse de preservar uma obra revolucionária, o que devia fazer era encurtar e não prorrogar o mandato do presidente Castelo Branco.

Sem que isto represente qualquer juízo de ordem pessoal, o fato é que bem pouco há de revolucionário neste governo. Agora, com a prorrogação combinada com a maioria absoluta, torna-se bem difícil para nós preservarmos, ao mesmo tempo, o apoio do povo e a obra da revolução.

Existe uma última esperança ainda: a de que, uma vez vitoriosa a tese da prorrogação, os prorrogados resolvam convergir num princípio para formar um governo verdadeiramente revolucionário, isto é, de transformação nacional. Os indícios não são esses, mas, ao contrário, os de que haverá mera repetição “tatibitate” das teses do doutor João Goulart, traduzidas em língua de virtudes morais e cívicas que não passam do terreno da estrita honestidade doméstica.

Confesso a minha impaciência, mais que a minha revolta. Estou farto, meu caro amigo, e um pouco cansado de ver antes, a impressão de ver demais. Mesmo que não cesse a saraivada de insultos que estou recebendo por ter dito o que penso, sem visar pessoas, mas situações a que essas pessoas nos arrastaram.

Brasília não somente afasta presidente, como já agora também candidatos à Presidência. Pensei em ir aí, e não terei dúvidas em fazê-lo, se isso pudesse realmente adiantar. Cumpro um dever, Bilac, e não apenas na UDN, mas um dever patriótico, advertindo, mais uma vez, que a votação da prorrogação e da maioria absoluta entrega o destino da revolução aos nossos adversários, atende ao que há de mais imediato na vontade dos militares, mas não atende aos objetivos finais de todos nós. O que se está preparando é, na realidade, a volta dos decaídos ao poder.

Vai-se perder o direito de apelar para o povo, o povo que fez a revolução, o povo que compeliu as Forças Armadas a agirem, e agora é tratado como se fosse ele o irresponsável e até o indesejável.

Estamos marchando rapidamente para um “nasserismo” obscuro e indefinido. Votando a prorrogação e a maioria absoluta, o Congresso está votando pela ditadura militar, que fatalmente se estabelecerá no país, faltando apenas saber quem será o ditador,

pois certamente não será o marechal Castelo Branco. Este poderia salvar-nos e salvar-se com o país, se tivesse o rasgo difícil de formar um governo de união revolucionária para a transformação democrática do país. Mas, à medida pela qual o Congresso lhe está dando o supérfluo e capitulando no essencial, não facilita a compreensão da necessidade de um gesto de grandeza.

A última vez que o meu amigo Cordeiro de Farias interferiu junto ao Congresso foi para apoiar a emenda parlamentarista. Lembra-se?

Não tenho, como você talvez pensasse, a pretensão de acertar. Quem sabe se estou errado. Não sei mais como me esforçar para abrir os olhos dos companheiros, para alertar vocês todos, cujo patriotismo e cujos sentimentos cívicos eu bem conheço e não ponho em dúvida, mas cujos horizontes estão fechados pelo céu baixo desta perplexidade que desceu sobre o país.

Derrotado amanhã, é possível que me recolha à minha insignificância de prefeito municipal metido a governador. Mas, Bilac, se fosse atender aos meus temores, mudaria a sede do governo para um abrigo antiaéreo mergulhado num subterrâneo qualquer para não ver nem ouvir o que vem por aí. E o que me entristece é ver tanta gente boa e séria empenhada, pelas mais diversas razões, até pela simples raiva, nesta insensatez.

Na carta do presidente ao senador Krieger, ele considera ilegítima a prorrogação e declara que ela afeta até o crédito internacional do Brasil. Tem cabimento sonegar essa carta do conhecimento da bancada e do partido? Como sairá disto o chefe do Executivo brasileiro, comandante de uma revolução, comprometido em dar posse ao seu sucessor na data marcada pela lei?

Eu sei que excelentes elementos militares da revolução estão empenhados em obter a prorrogação. Mas por razões opostas àquelas que levam a maioria do Congresso a votar por ela.

Bilac, numa palavra: votada a prorrogação, não haverá eleição nem em 66 nem tão cedo. Isto é o 10 de novembro com aprovação do Congresso.

Existe ainda uma difícil possibilidade de transformar esta derrota em vitória e esta vitória do inimigo em derrota. Mas, para se concretizar, ela exige uma compreensão e uma grandeza que, infelizmente, estão mais escassas do que feijão e arroz.



Quis endereçar-lhe estas linhas, desta vez por mãos próprias do nosso caro companheiro Raul Brunini, porque não sei mais o que fazer para ver se ainda somos capazes de uma decisão objetiva, sem emocionalismo nem preconceitos pessoais ou outros. Provavelmente você me dirá que é tarde. Acredito, embora haja sempre a esperança de que não seja tarde para um ato de lucidez.

Com as minhas recomendações a sua mulher, um abraço do

Carlos²²⁷

(De Francisco de Assis Barbosa para José Honório Rodrigues)

Madison, 8 de maio de 1968.

José do meu coração,

Não quero demorar mais para escrever a você e a Leda. (Como vai essa minha querida amiga? Um abraço carinhoso para ela.) A gente fica esperando um dia mais livre de compromissos, vai adiando, adiando, e, de repente, verifica que a distância se alonga de um modo irreparável. Você disse que não me despedi de você, *como devia*. Como devia? Perdão, meu girassol da madrugada, você é que não compareceu ao jantar de despedidas, para o qual foi convocado, e nem se deu ao trabalho de me telefonar justificando a ausência. Eu sei, eu sei. Era o dia do aniversário do nosso bem-amado Edgardo de Castro Rebelo. Mas eu lá estive com o velho professor, das seis às oito, indo depois para a Maison Suisse, onde alguns amigos me aguardavam. Bem, deixemos de besteiras. Você é um chorão, que sabe muito bem o quanto o seu amigo Chico Barbosa gosta de você, tanto assim que não resistiu em

²²⁷ In: Daniel Krieger. *Desde as missões... Saudades, lutas, esperanças*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, pp. 185-187.

dirigir-lhe uma mensagem de afeto quando teve a alegria de ver editado (e muito bem editado e muito bem traduzido) o *Aspirações* em inglês.

Soube aqui da sua candidatura à Academia. Fiquei contentíssimo, e acho que você tem toda a chance. Pouco antes, tinha recebido uma carta de Ivan Lins, dizendo que essa era a minha vez. Gesto carinhoso de amigo. Mas eu logo retruquei que, sendo você o candidato, não me apresentaria agora. Que transferisse o voto para você. De qualquer modo, ausente do país, nem penso na Academia, apesar do chorrilho de vagas. Para a do Macedo Soares, você. Para a do Chatô, o João Cabral. Dois nomes excelentes que se vão juntar ao do Palmério, o último imortal, aliás uma grande praça. Foi o que eu disse ao Barbosa Lima, a quem escrevi recentemente e de quem aguardo esclarecimentos para que possa localizar e tirar cópias xerográficas de discursos de Wilson que ele pediu.

E a vaga do Afonso Pena? Quais são os candidatos? (Leda: se o José Honório tiver preguiça de me escrever, escreva você mesma, contando as fofocas pré-acadêmicas.)

Bem, meu José, estou começando a me sentir cansado, depois de uma longa e monótona temporada. Os estudantes são muito simpáticos. O curso e o seminário, interessantes. Mas o *American way* é de matar os cristãos. Enche. As notícias do Brasil me têm deixado num grande abatimento. Ontem por sinal tivemos na televisão um programa excelente sobre integração racial no Brasil, com a participação do Jorge Amado e Gilberto Freire. Não pelas besteiras que o Gilberto Freire disse, num inglês nordestino, mas pelas cenas filmadas capazes de convencer a São Tomé sobre a nossa integração. Segregação existe ainda no Brasil, é claro, mas segregação social, que separa também os brancos pobres. Um popular, brasileiro de cor parda, não sei se baiano ou carioca, ouvido pelo repórter da CBS, declarou em português, logo traduzido integralmente: “É uma vergonha o que acontece nos Estados Unidos com os nossos irmãos de cor”...

Estou escrevendo ao Afonso Arinos: votemos em José Honório e João Cabral.

Temos muito para conversar, ainda. Mas quero aproveitar a hora da coleta na caixa postal defronte ao meu escritório.



Abraços mil, para você e Leda, boa sorte na eleição acadêmica, e muitas, muitas saudades do

Chico

P.S.: Segue junto cópia da resenha do Thomas Skidmore para a *Revista Interamericana* sobre o seu livro. Como vai demorar a sair, você terá as primícias da leitura.²²⁸

²²⁸ In: RODRIGUES, José Honório. *Op. cit.*, pp. 47-49.



5ª Geração: nascida a partir de 1930

Nascida a partir de 1930, a geração mais recente ainda não publicou as cartas que deverá estar escrevendo, poucas, se for verdadeira a apontada tendência ao declínio da produção epistolar. Por isso, nosso último bloco de cartas, iniciado com a data de 1953, tem seu balizamento final no ano de 1996.

A ligação entre as gerações se faz, no período, de maneira dramaticamente complementar e contraditória. Unida pelos grandes avanços da ciência, acompanha a corrida espacial. Atingida indistintamente pela grande tragédia de fim de século no campo da saúde, sofre e combate a AIDS, adequando-se à reversão da liberdade sexual viabilizada pela massificação da pílula anticoncepcional na década de 1960. Década que, aliás, assiste ao paroxismo do conflito entre gerações, não só em torno dos hábitos sexuais, mas dos valores em geral: contracultura, tropicalismo, cinema político e drogas alçam a juventude à condição de elemento divisório de dois campos, mais do que diferentes, opostos.

A questão política, simbolizada pela Revolução Cubana – o furacão que atravessou a ilha caribenha, na expressão do filósofo francês Jean-Paul Sartre – perpassa, no entanto, todas as faixas etárias. Mas o resultado não é homogêneo. Esperança e medo, esquerdismo e anticomunismo polarizam posições sem pedir vista das certidões de nascimento. Advém daí a ditadura militar implantada em 1964, tema que se desdobra nos assuntos mais presentes nas cartas: atos institucionais, censura, resistência, exílio etc. A redemocratização, já no fim do bloco, libera o foco de atenção da questão política imediata para os mais profundos contrastes do país.

Nas cartas destes quarenta anos, o Brasil surge, portanto, com os traços fundamentais da sua identidade atual, sempre riscados em linhas grossas, proporcionais às dimensões de seus problemas e conquistas. Infernalmente urbano nos grandes centros. Fecundamente ativo nas manifestações culturais. Verticalmente cindido entre humanistas e tecnocratas. Enfim, irrecorrivelmente fadado a construir-se na periferia de um mundo em perpétua voragem, diante do qual o dilema é encontrar seu moto próprio ou ser tragado.

(De Mário Carneiro²²⁹ para Iberê Camargo)

Paris, 19 de setembro de 1953.

Meu caro professor,

Estou acabando de receber tuas duas cartas de 14 e 15. Na primeira, me assustei com medo do correio ter posto fora minha última carta para você; com a greve geral que houve aqui, o desarranjo de correios anda de morte. Felizmente, está tudo em ordem. Dentro em breve, receberás o enorme embrulho com todas as tuas encomendas. Acabei encontrando os cabos universais e tudo o mais que faltava. E com inspiração, completei o dinheiro exatamente com *vernix à recouvrir* e cera branca. Mas não sabes a confusão que deu para conseguir remeter estas coisas. A agência de *colis postaux* negou-se a remeter durante vários dias, alegando que era material inflamável. Por fim, seguiu tudo como tendo sido remetido pelo consulado. Estou porém afobado porque esqueci completamente de pedir os recibos selados. Já conheces minha terrível distração. Se for preciso, porém, posso tentar obter um recibo selado quando fizer compras para mim.

405

Aliás, as compras todas completaram quase exatamente os 8.500 francos. Mas é que a remessa também custa dinheiro. Acrescentei então de meu bolso o necessário, que aliás é uma bagatela. Se porventura houver algum atraso aí quanto à entrega, me avisa que estou de posse do recibo para possíveis reclamações.

Tua saúde é que me aborreceu muito. Estas chateações de barriga são realmente de amargar. Quando a isto se ajunta um rabo quente, então a coisa fica de fato aborrecida, eu que o diga! Logo que te sintas melhor, te peço notícias de tua pintura.

O curso de gravura começa afinal terça-feira que vem. Fui ontem conversar com o Friedlaender, o professor, e simpatizei muito com o dito. Me parece honesto e sério, e suas gravuras

²²⁹ Mário Carneiro (1930) – fotógrafo, arquiteto, pintor e gravador.

têm realmente uma boa fatura. Ele aliás, falando pela minha boca, disse logo de cara que iríamos aprender a técnica clássica de gravura, com toda a solidez. Que no ateliê dele não havia lugar para os truques do acaso.

Inscreveram-se comigo o Flávio Tanaka e o Jorge Móri, dois japonês-são-paulinos que estão muito comigo. O horário das aulas é bastante prático: terça-feira de nove da manhã às seis da tarde, e quarta e quinta de nove ao meio-dia. Estou assim com minhas manhãs completas. Os dias em que não tenho gravura, irei para o Louvre. E de tarde estou pretendendo freqüentar um pouco as academias de desenho, coisa que nunca fiz, e que embora com todos os defeitos que nós sabemos, é útil para se conhecer a figura humana.

Espero portanto em breve poder começar a te mandar os resumos de todas as aulas. Anotarei tudo, e vou mandando semanalmente para você as novidades.

Aliás, neste momento, o Friedlaender está expondo no Museu de Arte de São Paulo. Se vires alguma notícia sobre esta exposição nos jornais, peço que me mande.

Estou agora procurando um portador para tuas tintas. Até agora não apareceu nenhum conhecido que pudesse levar, mas não deve tardar.

A vida parisiense continua indo bastante bem. Tenho visto algum teatro, muito cinema, e muito museu.

Ontem almoçou conosco o famoso Max Bill. Achei simpática a figura, com aquela cara de palhaço inteligente. Falou-nos muito do Brasil, das complicações causadas pelos jornalistas que mudavam sempre os sentidos das palavras que ele dizia.

Elogiou certos arquitetos, avacalhou com o Oscar Niemeyer, enfim, tivemos de uma vez o resumo do que ele disse por aí. Me espantou muito os elogios que ele fez à escultora Mary Vieira, que está trabalhando com ele. Chegou mesmo a afirmar que gostaria muito de ter feito várias das esculturas que ela está fazendo.

Nas horas vagas tenho pintado um pouco por conta própria, mas o resultado ainda está de dar cólicas. Enfim, Roma não se fez num dia.

Bem, meu caro professor, espero que tua saúde já ande muito melhor. Abraços a todos os teus.

Muitas saudades

Mário²³⁰

(De José Guilherme Merquior²³¹ para Glauber Rocha)

Paris, 13 de março de 1968.

Meu caro Glauber,

Desculpe a demora da minha resposta. Em compensação, escrevo a você no aniversário (quatro anos!) da heróica e efficacíssima tomada da Central pelo povo, em comício como Roma não via desde o tempo dos Gracos... Mais *où sont les neiges d'antan?*

Olhe, adiei esta carta, mas não deixei absolutamente de apertar o preclaro Dorizon pra ver se ele arrancava o dinheiro de *conciérge*. Há mês e meio atrás, sempre protestando não ter largado o assunto, aquela conspícua figura consular me disse que era preciso aguardar uns tempos, dado que a pressão a exercer sobre o monstro gaulês teria como apoio as faturas de gás e luz (que, como você sabe, vêm de dois em dois meses). Há uma semana, tendo eu telefonado, me respondeu que as contas estavam quase chegando, que ele não saía de cima, que eu sossegasse etc.

Passando à realidade: continue a contar comigo, que não deixarei de chatear, mas tenha por improvável a recuperação da prata. Assim, quando e se ela vier, você será agradável e surpreendido em vez de previsivelmente decepcionado...

²³⁰ In: CAMARGO, Iberê. CARNEIRO, Mário. *Op. cit.*, pp. 63-65.

²³¹ José Guilherme Alves Merquior (1941-1991) – escritor e diplomata carioca.



Veja só o Carlos Nelson. “Irracionalismo” é uma xingação muito fácil mesmo... Você diz muito bem, é a “nostalgia da razão absoluta” – e, ela sim, é *irracional*. A razão fora de seus limites, como diria Kant. (Mas o Carlos Nelson acha Kant superado...) Enfim, é um grande sujeito, e se você o vir, depois de me fazer o obséquio de anunciar-lhe que eu “voltei” a Heidegger (ele rilhará os dentes!), dê-lhe um forte abraço meu.

Depositei hoje nas mãos do velho Lévi-Strauss o ensaio cujo índice mando em anexo. É a tal tese sobre a radicalidade (revolucionaridade total) do estruturalismo – naturalmente o do velho e não os ramos postiços, como Foucault, por exemplo, gostaria imensamente de que você lesse a última seção da quarta parte – *Vers l’anarchisme scientifique* –, que conclui o trabalho com uma caracterização (em cinquenta páginas) da visão social e até da perspectiva política a meu ver dedutíveis da obra do Lévi-Strauss, especialmente se vista: a) contra o fundo da inspiração rousseuniana; e b) em comparação com a filosofia antimetáfrica de Heidegger, onde a crítica do imperialismo da técnica, de toda atitude positivista e de toda concepção “fechada” do homem atinge a maior intensidade. Se for possível, vou mandar para você essa parte. Imagine que, através do conceito de transocial (do homem *além* de todo dado social: mas além, e não aquém), cheguei a propor uma revalorização em profundidade da idéia de *anarquismo*! Acho que a experiência e a reflexão teórica da nossa época reuniram vários elementos para que se comece a falar a sério de “anarquismo científico”, do mesmo modo que o século XIX, ao superar o socialismo utópico, passou a falar de socialismo científico. Que tal?... Os nossos queridos marxianos, desconfio eu, vão pular... No fundo, eles estão pela Ordem, nós pela Abertura e pela Explosão.

Glauber, quero propor (em tese) a você uma idéia em que o mestre Lévi, em conversa recente, procurou me interessar. Trata-se da possibilidade de se fazer um filme sobre a aventura de Villegaignon no Rio. O mestre acha que é realizável, inclusive com a colaboração de órgãos de estudo no que se refere à presença dos índios. Histórica e esteticamente, ele pensa que é um dos episódios mais interessantes – e dramaticamente mais ricos – da nossa história colonial. Nisso concordo plenamente com ele. Será que você

por acaso já “parou” diante do tema? Estou só esperando; o Lévi andou há pouco em contato com os realizadores de *Les pères du désordre* (Papatakis), que o Samuel Wainer financiou. Daí deu um acesso triste-tropíquico nele e ele cismou com a vida do calvinista-do-Pão-de-Açúcar... Como eu acho a idéia fértil, deixo-a com você.

Em tela, por aqui o Bertolucci: *Prima della Rivoluzione*, que me deixou bem contente sob vários pontos de vista. Livro, os franceses continuam a descobrir sistematicamente o que alemães, ingleses, americanos, italianos etc. escreveram em 1910, 20, 30; antes tarde do que nunca. O chanceler Magalhães parece que me confirma por aqui por mais um ano. O chanceler sabe o que faz. Vamos meter a Grécia em maio/junho e, naturalmente, voltar à Itália.

Só com o tempo poderei discutir com você sobre *Terra em transe*, mas desde logo anoto duas idéias geniais: o aproveitamento do Faustino e o “clima” operístico. Quanto à cena “lírica” Glauce–Jardel, acho ainda melhor do que a correspondente no *Deus e o Diabo*. Mas paro por aqui, porque a unidade do filme e o problema do estilo alegórico exigem conversa muito mais longa, para o mal e para o bem. Quanto à crítica e ao público locais, consagração absoluta, como você deve saber.

O que reclama apenas a sua volta breve!

Estou inteiramente a teu dispor pra qualquer coisa que você queira daqui. Hilda manda beijos a Rosinha. Transmita minhas enormes saudades a Marcílio e sua gente. Beije a insubstituível terra da Bahia, acaricie este Rio, esculhambe essa senzala (visualmente: você é o dono da imagem!), bombardeie a nossa esquerda à Pedro II, reze pela queda de Khe Sanh, e fique com abraço do seu constante amigo

José Guilherme Merquior²³²

²³² In: ROCHA, Glauber. *Cartas ao mundo*. Organização de Ivana Bentes. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.



(De Hélio Oiticica²³³ para Lígia Clark)

Rio, 15 de outubro de 1968.

Lígia querida,

Recebi sua carta e adorei, até que enfim! Naquele dia fui lá mas cheguei como sempre atrasado (não sei o que não faço com atraso hoje em dia, a não ser meu próprio trabalho, mesmo assim quando aparece todo mundo já passou por cima, se é que isso seja possível). E Veneza, já julgaram? Estou torcendo muito por você.

Hoje resolvi escrever pois estou livre: deitado e lendo depois de embalar semana passada 18 caixotões e 22 volumes para Londres, para uma exposição que é eternamente adiada e creio que nem vai sair – em todo caso as coisas vão e eu também: se não arranjar com o Itamaraty a passagem, vou de cargueiro (cem dólares só!) sem um tostão. Mário estará em novembro (minha exposição ia ser em novembro, mas o Bryan Robertson ficou meio chocado com o ambiente que mandei planejado). Mary ia comigo de cargueiro, mas a irmã dela está com câncer e ela não vai. O grande mal foi eu ter sempre lidado com Bryan (o dono da galeria) através de Guy Brett, logo o que aconteceu foi o seguinte: ele se sente sempre [obrigado] a dar satisfações ao Guy e nunca a mim, deixando tudo vago – Guy Brett está furioso com os adiamentos. Os planos ficaram geniais: a galeria era enorme e eu não acredito mais na “obra figurada”, por isso incorporei tudo num planejamento ambiental, inclusive coisas que seriam construídas lá. Não modificarei um centímetro do planejado – ou tudo ou nada. Imagine você que ficamos noite e dia, em junho e julho, eu e Rogério Duarte, aqui, planejando, fazendo desenhos de precisão do que seria construído e do ambiente geral com a colocação, é claro, das coisas maiores, mesmo assim demarquei elevações no chão de diversas alturas para colocar *Bólides* (são 50 ao todo), ainda mais o seguinte: *Capas* (26), grandes *Cabines* já prontas (5), os grandes

²³³ Hélio Oiticica (1937-1980) – pintor e escultor carioca.

Núcleos, peças suspensas, projeto *Cães de caça* etc. De obras que “figuram” lá está cheio! O que será que o cara quer mais? Creio que ele não entendeu bem as coisas e vou escrever-lhe energeticamente sem agressão, mas botando os pontos nos ii; Mário vai dar explicações também quando chegar lá. A verdade é que pra mim foi bom ele ter ficado espantado, pois se ficam aqui não é milagre, mas lá, numa galeria “pra frente”, na cidade mais “pra frente” do mundo, é uma honra. Creio que a crise é aqui e é lá também. Guy o considera um “espectador distante”, aliás, parece que muito pouca gente não o seja, a não ser quem se entrega às experiências puramente. Estou louco para me mandar pra lá: quero ver como é a barra por lá, pois cada pessoa me descreve tudo superficialmente para que possa medir. Rogério irá pra Paris e depois, pra lá; Gerchman também, depois de passar por Nova York. Tem um amigo meu, Torquato Neto (o maior letrista a meu ver, que trabalha com Caetano e Gil), que quer ir comigo no navio: vai ser ótimo! Queria muito que você estivesse em Londres, pois sei que para nós dois será genial – o que faço questão é de não encontrar brasileiros chatos como sempre acontece quando se está numa terra estranha. Disse-me Eduardo (ele esteve aqui semana passada com a namorada, linda aliás!) que o Medalla é genial, como já previa: estou louco para saber como são os outros de quem você e Mário falam. Quanto à promiscuidade em que vivem, não me incomoda em nada: hoje não tenho preconceitos de espécie alguma em relação a nada, não creio que a barra deles seja mais pesada que a minha, onde vejo todo dia de tudo o que se possa imaginar. Deverei conhecer os Beatles, principalmente o John Lennon que é o maior deles, inclusive a atividade dele se aparenta com a minha, apesar de eu não ser músico; Caetano vai me dar o endereço de um grande amigo deles que me introduzirá na barra: tomara que dê certo.

Estou escrevendo muito, com certas influências: de Rogério, no início, do Ginsberg etc., mas creio que há coisas no que escrevo: são textos poéticos mesmo quando tratando de arte: não gosto mais de teses ou descrições filosóficas: construo o que quero com a imagem poética na máxima intensidade segundo o caso. Lígia, vou relatar um grupo de acontecimentos e experiências aqui, sucintamente, que me transformaram muito nesses últimos meses e que, de certo, modo são resultado de tudo o que queria nesse



tempo todo: creio que amadureci muito e de certo modo “fundi a cuca”. Não sei bem quando tudo começou a ferver: creio que foi em abril – minha amizade com o Rogério foi decisiva para nós dois e tinha que dar resultados: Rogério estruturou muito do que pensava e eu consegui me lançar menos timidamente numa série de experiências realmente vitais: larguei aquela bosta de emprego, único laço real que possuía com a sociedade “normal” que é a nossa: entrei em crise que me foi ultraprodutiva – de certo modo descobri que não existo só eu, mas muitas pessoas inteligentes que pensam e fazem, que querem comunicar, construir. Isso foi bom para quebrar o cerco burguês ou pequeno-burguês em que me encontrava, não por mim, mas por uma série de condicionamentos: agora, lendo *Eros e civilização* de Marcuse, vejo que tinha razão (aliás você deve ler isso, pois tem muito a ver com seu pensamento – no princípio fica-se um pouco desconcertado, mas é bom). Hoje, recuso-me a qualquer prejuízo de ordem condicionante: faço o que quero e minha tolerância vai a todos os limites, a não ser o da ameaça física direta: manter-se integral é difícil, ainda mais sendo-se marginal: hoje sou marginal ao marginal, não marginal aspirando à pequena burguesia ou ao conformismo, o que acontece com a maioria, mas marginal mesmo: à margem de tudo, o que me dá surpreendente liberdade de ação – e para isso preciso ser apenas eu mesmo, segundo meu princípio de prazer: mesmo para ganhar a vida faço o que me agrada no momento: paginei uma revista de arquitetura e escrevo artigos pagos para a revista *GAM*. Agora me surgem muitas propostas: José Celso (*Rei da vela* e *Roda viva*), que é grande amigo meu e de uma criatividade impressionante, convidou-me para fazer cenários sensoriais para uma peça de Renato Borghi (aquele ator do *Rei da vela*) chamada *Os vampiros*, e talvez eu fizesse um dos vampiros. Mas o que há é que o terrorismo de direita aqui não está mole, principalmente em relação às produções de José Celso: massacraram os atores de *Roda viva*, primeiro em São Paulo, depois em Porto Alegre: destruíram tudo, inclusive atiraram uma das atrizes nua no meio da rua; um dia desses matam alguém. Conclusão: José Celso parou os ensaios de *Galileu* do Brecht e nem sei se fará *Os vampiros*. É um país de merda! Assim, creio, farei experiências criativas que me poderão dar dinheiro sem

precisar me sujeitar à repressão de um emprego morto, ou quase isso, ou seja, ao trabalho alienante. De certo modo os adiamentos da exposição de Londres me levaram a criar muita coisa, com uma intensidade impressionante, sendo que tudo aconteceu aqui: desde que conheci Caetano as coisas vêm vindo num crescendo impressionante. Primeiro uma conferência que fizemos em São Paulo, depois as conversas infinitas pelas noites adentro. Rogério ficou morando aqui de maio a agosto. Tudo aconteceu: Glauber filmou cenas do seu filme experimental *Naquele dia alucinante a paisagem era um câncer fascinante*, no qual as pessoas improvisam *in loco* cada cena: eu apareço com uma pistola falando nem me lembro o quê; Tineca fez uma cena de amor com o Pitanga que Glauber chegou a chorar. Nessa mesma época Marisa inventou reunir todo mundo aqui para uma foto antológica e não conseguiu fazê-la: optou pela foto individual, pois quando conseguiu reunir toda a loucura choveu – a reportagem até hoje não saiu, mas deve ser paginada esta semana. O material é bom: eu estou pendurado numa árvore, vestido de Mangueira, segurando a bandeira de Guevara, do Tozzi, tudo isso de cabeça para baixo. Caetano fotografou vestido com aquela capa de *Parangolé* vermelha, a primeira, nas pedras do Arpoador, e deverá sair na capa da revista, mas, o melhor da reportagem são os depoimentos incríveis, inclusive o meu que está no fim desta carta. Pensei que fosse meio impublicável, mas não o foi e vai sair: diga-me se gostou – acho-o terrível pela carga subjetiva poética que possui; cada vez que o leio fico arrepiado. (Neste momento Marisa telefona-me dizendo que foi cortado na totalidade no *O Cruzeiro* e não vai sair. Pedeme outro que não farei, ou então será: nada posso dizer; fui censurado). Aliás pensei agora em algo melhor, a palavra *BLANK* no espaço branco, que em inglês é usada quando algo é censurado ou cortado e quer dizer que o branco é branco no texto e não um “buraco” na paginação; morou? Assim mostro que fui censurado. Mas, como eu ia contando, isso foi o começo e introdução para a loucura que se sucederia sobre mim. Estava armando uma enorme cabine que aprontei um mês depois e ficou linda: cabine-lazer, com colchões para deitar etc., creio que já lhe falei sobre isto e só então a realizei. Enquanto isso mil pessoas chegavam, saíam, uns ficavam atrapalhando, mas sempre houve aproveitamento criador



em toda a aparente bagunça daqui. O cara mais bacana foi Luís Carlos Saldanha, com quem Glauber estava filmando: Saldanha é o mais integral sujeito e por isso mesmo o mais marginalizado: realmente ele é de certo modo louco (quem não é?) mas profundamente criador, o que notei logo ao vê-lo filmando as cenas com Glauber – ele faz uns cadernos onde escreve vivências, as letras muitas vezes se desintegram em desenhos minúsculos. Ele me deu um desses cadernos: é genial pela riqueza das observações vivenciadas. (...) Fiz amizade com Maria Bethânia, a quem adoro, e ia sempre à boate assistir ao show genial que ela estava fazendo e que foi gravado num disco que vale a pena possuir: é a maior cantora de todos os tempos no Brasil, assim como a Billie Holliday nos EUA, de quem ela sofre certa influência longínqua mas positiva. Enquanto isso inventaram uns debates no MAM: no primeiro fui convidado para a mesa (substituindo você, imagine!), mas foi meio chato pois o Houaiss é muito “quadrado” para mediador: mesmo assim, eu e o Rogério pusemos fogo ao debate e saíram até ofensas pessoais no meio de tudo. Por incrível que pareça o Maurício Roberto gostou, talvez pela propaganda que fez do MAM, e nos pediu, a mim e Rogério, que organizássemos outro, o que fizemos e foi um blablá que não acabava mais pelos jornais; título do debate: “Amostragem da cultura (loucura) brasileira”, e convidamos para a mesa: mediador, Frederico Moraes (que foi ótimo); participantes: eu, Rogério, o sociólogo Sérgio Lemos (ele estuda a “sociologia do cotidiano”), Lígia Pape, Nuno Veloso (ele foi amigo do Rudy Deutschke na Alemanha e era da Mangueira, morava com o Cartola e foi-me apresentado há tempos pela Rose, não sei se você o conheceu), Caetano Veloso, Gerchman, Chacrinha (que acabou não indo por estar sem voz, gripado, mas que foi o centro das discussões). A platéia estava horrível: todos nos atacavam violentamente, principalmente a Caetano, inclusive pessoas que são a nosso favor. Mary taquígrafou tudo, e os jornais berraram durante mais de uma semana sobre o assunto. Foi bom mas confesso que não tenho saúde para agüentar outro: todos nos atacavam por pura mesquinharia, a julgar pelos argumentos, sempre horríveis, pequenos. Neste debate haviam faltado Chacrinha e Glauber, por isso Rogério chamou para a mesa o Saldanha de que lhe falei, como uma “síntese de Glauber e Chacrinha” e aí é que

foi o barulho: Saldanha mandou a Miriam (aquela amiga da Vera que estava em Paris, casada com o Júlio, que estava chatíssimo) parar de encher o saco, disse coisas fortíssimas e retirou-se da mesa. A meu ver, Caetano foi o melhor do debate: absolutamente genial. Mary gostou mais de Rogério, mas o achei meio aturdido com tudo. Eu fiquei chateado, irritado, disse umas merdas e quase me retirei no meio. Enfim, parecia uma análise coletiva, o que é simpático mas chato ao mesmo tempo. Logo em seguida, semanas depois, veio a confusão total: ao mesmo tempo que aprontava as obras para Londres, a Rosa, do Jackson, me ajudava a fazer novas capas de *Parangolé*, que ficaram lindas, para uma manifestação no Aterro, financiada pelo *Diário de Notícias*, através do Frederico. Rosa separara-se do Jackson e estava aqui (depois se mudou para casa da Lígia, pois quase nos atracamos um dia) e foi bom pois me ajudou bastante; Saldanha, uma noite, enlouqueceu e botou fogo nos desenhos dele, depois de destruir um livro de Marcuse, enfim, parecia mais um Vietnã do que uma casa, isto aqui. Mesmo assim conseguimos acabar capas, projetos, cabine, não sei como, e como foi adiada a exposição (daquela vez para novembro), resolvi iniciar outras coisas. Mas o que quero lhe contar é a manifestação do Aterro; foi a melhor com o público que já fiz: desta, creio que posso tirar um novo sentido para tudo. Chamou-se *Apocalipopótese*, termo inventado por Rogério, como um novo conceito desse tipo de objeto mediador “para a participação” ou que se constrói por ela: eu com as capas, Lígia com os “ovos”, Antônio Manuel com as “urnas quentes”, que eram caixas fechadas para serem destruídas ou abertas, sempre com algo escrito ou pintado dentro, Rogério levou cães amestrados, que a meu ver foi o mais importante (serviam para defendê-lo também contra o Roberto Paulino, que compareceu, pois o Rogério estava de “caso” com a Rose), e o Raimundo Amado filmou tudo, e parece, que o filme fica pronto esta semana: não é genial? Mário acha que houve aí algo mais importante do que o sentido de *happening*, pelo sentido realmente aberto das experiências: um livro está sendo feito no sentido da imagem sobre isto. Compareceu nesta manifestação o músico americano John Cage, um dos inventores pioneiros da música *pop* ou “acidental”. Como sempre os jornais nem uma entrevista fizeram com ele, veja só. Agora, antes de viajar, o



que pretendo fazer logo, estou pensando em fazer algo se possível – Torquato está muito entusiasmado desde a *Apocalipopótese* e deve vir aqui hoje para planejarmos algo. Enquanto isso as confusões continuam: é um inferno viver aqui, estou cheio! Agora, enquanto escrevo esta carta, estamos no dia 17, explodiu novo escândalo: resolveram interditar o show que Caetano, Gil e Os Mutantes (geniais) estavam fazendo na Sucata, por causa daquela minha bandeira “Seja marginal, seja herói” que o David Zingg resolveu colocar no cenário perto da bateria no show, um imbecil do DOPS interditou e Caetano, no meio do show, ao cantar *É proibido proibir* interrompeu para relatar o fato, no que foi aplaudido pelas pessoas que lotavam a boate. Conclusão, não me deixam nem dormir: telefone, imprensa, uma fofoca louca nos jornais, principalmente mentiras. Um lance bem chato, mas que já previa: o empresário do Caetano, Guilherme Araújo, telefonou para o Glauco Rodrigues pedindo adesão ou solidariedade a mim, e a Norma disse a ele que Glauco não podia atender e não queria se meter no assunto pois tem exposição em Porto Alegre, o que poderia prejudicá-lo. Veja como são nossos amiguinhos artistas. Lígia, estamos acima de tudo isso, sempre estivemos, estamos em “outra”, como se diz na gíria, em outro “plá” e não adianta: o negócio é nem tomar conhecimento de fofocas tão mesquinhas: por isso o que disserem por aí também, nem ligue: é inveja e nada mais. Creio que nossas idéias poderão frutificar mais ainda se não tomarmos conhecimento disso. Não somos comerciantes de arte para termos competição, nem ideólogos. Hoje isso é acadêmico, superado: eu sou eu, você é você, e esse troço de influência linear, um roubar o que é do outro, funcionava em outra era, que já superamos há muito – para mim, cada pessoa tem ou não o que dizer e fazer e não há possibilidade de que sejam coisas “iguais”, idênticas, pois cada um possui sua estrutura particular que se quer manifestar. Diga ao Jean Clay para deixar de ser fofoqueiro: mandei material às pampas pra ele. Que fez de tudo? Vou providenciar mais, mas acho meio chato mandar tanta coisa e nada acontecer. Inclusive o texto sobre “Aparecimento do supra-sensorial”, traduzido pela Mary, foi enviado. Melhor então, talvez, esperar um pouco que eu chegue com outras traduções que talvez expressem mais meu pensamento. Tenho fotos lindas dentro da cama: Eduardo, seu filho, adorou a idéia da cama, e quer fazer experiência de

cinema com ela, mas é que seguiu para Londres e talvez eu construa outra para filmagem, se der tempo e chance. Vou fazer novas cópias e te mando. Enquanto isso, preparo novos textos. Ok? Liginha, estou louco para conversarmos pessoalmente: creio que poderemos botar fogo nesse continente. Tenho tido vivências incríveis justamente pelo não-compromisso mais com a “obra” mas com a sucessão de momentos em que o *agradável* e o *desagradável* é que contam, crio daí objetos ou não; por exemplo, estou agora sem nada aqui e pego o que há de mais essencial, que é nada, por exemplo, uma esteira de palha e coloco no chão para que se deite nela: chamo a isso “projetessência” (derivado do conceito de “projeto” inventado por Rogério um dia, depois de horas de conversa: “projeto” seriam os objetos “sem formulação” como obras acabadas, mas estruturas abertas ou criadas na hora pela participação). Agora não sinto necessidade de construir objetos, mas uma lata cúbica vazia me deu vontade de colocar água nela e pronto: é para que se olhe aquela lata com água, olhe-se como num espelho, o que já não é apropriação como antes, mas o objeto aberto essencial, que funcionará conforme o contexto e a participação de cada um; a esteira estendida no chão também. Creio que aquele *Plástico* seu, lembra-se, sem nada, para desenhar com a mão, ou o *Respire comigo* tinham esse sentido, que adoro e considero atualíssimo. Mas não quero mesmo o objeto, que contradição! Quero a descoberta como se sob efeito de maconha: a descoberta do dentro, sei lá de quê, o gosto de viver, amargo ou doce, talvez o objeto-essência no sentido de uma casa total com lugares privilegiados para se sentir o “lazer vivido”; cantar-se ou não e é isso que me atrai nas experiências: a vida, o achar. Adorei a sua idéia de catar coisas, o que você faz é heróico para mim: do nada, para o nada, mas que já é o “plá”: sabe o que me lembra, é o Pasolini, que das mínimas coisas faz ou diz o global. Revi ontem *Édipo rei* pela segunda vez e senti que tudo aquilo é como o nascer da sensibilidade, a descoberta e a síntese de tudo: quando Silvana Mangano olha para a câmera, num *close* que considero o mais genial do cinema depois da Falconetti em *Joana d’Arc*, amamentando o filho que seria seu futuro amante, sente-se que ela é tudo, a amante e a mãe de todos nós: que maravilha. Tudo no filme nasce de algo “aberto”, do nada, como o Terceiro Mundo, e o que você diz sobre os países subdesenvolvidos é certo,



e creio que as pedras, o pouco como o resto que você cata nas ruas de Paris para fazer algo, é a expressão exata do Terceiro Mundo. Não a pobreza demagógica e panfletária, ridícula, mas, como uma criança que vê tudo pela primeira vez e é essencial para a descoberta do “senso”, sentir e crer na existência dos sentidos: a procura do prazer no imediato que é o momento; como Mário diz, o “momento do acaso” (bacana o termo!) – e é sempre síntese porque é real, mais que tudo, mais ainda que a solidão que pode oprimir mas que nasce-renasce no vir-a-ser. Creio que você está mesmo é perto de nós: não acreditar na ilusão de uma civilização que se autodestrói, mas que existe e não se volta contra ela mas a modifica pelo achar e redescobrir, como no amor, como no sonho do novo mundo. Isso é a grande diferença para a expressão européia e americana do Norte; a tal *povera arte* italiana é feita com os meios mais avançados; é a sublimação da pobreza, mas de modo anedótico, visual, propositalmente pobre mas na verdade bem rica; é a assimilação dos restos de uma civilização opressiva e sua transformação em consumo, a capitalização da idéia de pobreza. Para nós não, parece que a economia de elementos está diretamente ligada à idéia de estrutura, à formação desde o início, à não-técnica como disciplina, à liberdade de criação como a supra-economia onde o elemento rudimentar já libera estruturas abertas. Lígia, vou transcrever aqui o tal texto do *Cruzeiro*, que não vai sair. Segunda, dia 21, irei com Torquato para São Paulo apanhar a matriz da tal bandeira que agora, com a proibição de ser exposta, todo mundo quer comprar. Vou ficar na casa dele. Espero que esta carta pegue você ainda aí. Enquanto isso vou providenciar o material. Quero ver se o Schemberg compra algo meu, pois estou precisando de dinheiro.

Mil beijos e escreva logo antes de viajar. Estou louco para ouvi-la.

Beeijos

Hélio²³⁴

²³⁴ In: FIGUEIREDO, Luciano (org.). *Lygia Clark. Hélio Oiticica: Cartas, 1964-74*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998, pp. 41-54. Intervenções da publicação original.

(De Hélio Oiticica para Lígia Clark)

Rio, 8 de novembro de 1968.

Lígia querida,

Recebi sua carta e adorei. No mesmo dia várias coisas agradáveis aconteceram: o Itamaraty resolveu me dar ou a passagem de avião para Londres ou o dinheiro correspondente à mesma quando eu chegue lá. Optei pela segunda: são mais ou menos setecentos dólares, e já que vou ficar na casa da tia da Iara, uma amiga minha de São Paulo que você não conhece, creio que este dinheiro dará para muita coisa em Londres, isto é, supondo-se que não venda eu qualquer coisa por lá, o que não creio. Estou certo de que venderei qualquer coisa, e aliás, pretendo ficar em Londres algum tempo, fazendo um trabalho qualquer e também criando coisas que aqui não tenho ambiente para tal. Resta, agora, arranjar um navio cargueiro para ir, por isso que preferi o dinheiro lá: Nilza, uma amiga de César e Roberta, que foi mulher do Gelli, e agora é mulher do Gilberto Macedo, um cineasta ótimo do novíssimo cinema brasileiro, apresentou-me à companhia de cargueiro pela qual ela viajou para a Europa por apenas cem dólares. O diretor, um holandês, pediu-me uma carta que fiz e ele gostou muito; pedi passagem para mim e para Torquato Neto, que irá comigo; não há problema porque a cabine é mesmo para dois e, se eu fosse só, iria desperdiçar um lugar. O tal holandês enviou a carta para Gênova, na Itália, para obter ou não a aprovação: os navios são italianos, por isso eles é que opinam. A carta é para explicar quem nós somos e o que vamos fazer na Europa. O cara gostou muito pois viu que somos artistas e disse que teremos toda sua recomendação; daqui a 15 dias saberei se aprovaram ou não. Enquanto isso, estou pensando em todas as outras possibilidades aqui e tentando vender desenhos de dez anos atrás, que redescobri guardados e resistem muito: são excelentes, secos e muito atuais. Estive ontem em São Paulo, durante um dia apenas, e deixei alguns com o Ralph Camargo, dono da galeria Art Art, que gostou e vai ver se os vende nesses próximos dias. Como você vê, tenho



que, pensar em tudo ao mesmo tempo. Espero, daqui a um mês, embarcar, se arranjar tudo legal. Vai ser genial. Foi ótima idéia Torquato querer ir, pois ele também está meio sufocado aqui e está fazendo novas experiências com poesia e música: Gil vai transformar em música uma nova poesia de Torquato, totalmente diferente do que vinha fazendo, onde palavras e sinais se desintegram. Estou enviando aqui a *Geléia geral*, sobre a qual Gil fez música, magnífica, gravada no LP *Tropicália ou Panis et circensis*: creio que você já ouviu aí, ou não? Essa letra é magnífica no sentido da imagem, ou imagens que se acumulam e se fundem, de modo aberto, como uma condensação de vivências – já na nova experiência, as palavras e os sinais começam a se desintegrar numa estrutura totalmente aberta; o negócio vai ser transformá-la em música, já que os espaços funcionam como sinais etc. Torquato está cheio de idéias mas é que aqui a barra está pesada: sabotam tudo, principalmente o pessoal de música: muita gente mal cumprimenta o pessoal da Tropicália, inclusive os antigos amigos, o que faz lembrar o que havia conosco na época neoconcreta. O fato é que quando há real inovação, a sabotagem sempre impera: nunca vi tanta gente mesquinha e idiota por aqui – é merda política, artística, humana! Em São Paulo há tremenda tensão: estive com Gil e, na casa dele (apartamento), cada vez que tocam a campainha, tem-se que olhar de uma vigia pela outra porta para ver quem é, pois ele tem recebido telefonemas chatíssimos e a ameaça paira permanentemente. É um inferno. Uma coisa engraçada: Torquato gosta, em geral, de coisas que ninguém gosta: aquelas minhas estruturas suspensas brancas e os quadros branco com branco daquela época, e ficou vidrado com aquele teu quadro, superfície, branco com quadrado amarelo que ele viu na casa do Mário, além de adorar o preto de linha branca que está aqui – uma semana depois ele ainda falava nisso, isto é, no quadro do Mário. Creio que está havendo uma espécie de síntese, em todos os campos, aqui, e certos valores e a reposição do que realmente vale estão sendo checados: as obras como que se revitalizam, ou, como dizia Rogério outro dia, não se limitam ao tempo em que foram criadas, como essas que a gente olha e diz: já sei, foi “daquela época”, e as identifica com o ranço, no lugar e no tempo. Com a redescoberta desses meus desenhos, senti exatamente isto: não que eu queira

hoje fazê-los ou teria querido que isso acontecesse, mas sim ver, sentir e achar coisas no que pensei já estivesse morto e enterrado. É bacana ver que não se perdeu afinal tempo algum, que as vivências se refazem e, ao aprofundarem-se, renascem umas das outras e com as outras, numa totalidade também aí.

Lígia, vou preparar o material para o Jean Clay, fotos, esta semana. Há um texto do debate que, creio, interessará, mas não está traduzido. Será que seria melhor mandá-lo já traduzido ou não há problema? E devo mandar para você ou direto para ele? Diga-me precisamente até quando você estará em Paris e qual o seu calendário para os próximos meses. Você irá quando à Alemanha? Espero que ainda esteja aí quando chegar esta carta.

Esta semana houve uma exposição relâmpago do Gerchman, que deverá viajar domingo, dia 10, para Nova York, de navio cargueiro que ele arranhou em troca de uma obra. Pena que esta companhia, Netumar, só vá até Nova York e não possua linhas européias. A exposição estava belíssima, e um texto que eu havia escrito, pesado e louco, muito bom, sobre ele, saiu hoje no *Correio da Manhã* numa página inteira: agora vou ver quanto pagam pois não estou para dar presentes para o *Correio da Manhã*, ainda mais um texto tão bom. Gerchman é muito bacana e me tem ajudado muito a arranjar coisas; aliás sempre foi assim e o considero um grande amigo meu. A sua obra está em ponto de bala, muito mais densa e creio que ele ainda dará surpresas, inclusive aos sabotadores de sempre que diziam que ele era plágio da *Pop Art* e outras asnicas. Gosto muito da piscina escrita ÁGUA dentro em acrílico: o acrílico fica no meio pegando toda a área e as letras formando a palavra são cavadas deixando que a água brote de dentro delas. E no TERRA, as letras são negativos, de fôrma, numa caixa vermelha de madeira, e a terra cobre até a borda das mesmas, de modo que o cavado vem da superfície da terra para dentro. A meu ver o mais denso é uma estrutura pequena em L, que tem em cada face silhuetas de cabeça: a mesma silhueta aparece numa face e depois na outra, como um desdobramento. Aí a imagem tem a força semântica da palavra. Chama-se EU OU VOCÊ, QUAL DOS DOIS?, mas nada está escrito, é claro, sendo que a diversidade dos materiais, fórmica preta, alumínio preto pintado e as bordas luminosas, dão uma densidade incrível à peça. É como se cada face



fosse o espelho dela mesma, distorcido dialeticamente, o que talvez lhe dê o sentido dramático que possui.

Sua carta, como sempre, genial. Esse problema de ser deflorado pelo espectador é o mais dramático: todos são, aliás, pois além da ação há a consciência-momento de cada ação, mesmo que esta consciência se modifique depois, ou incorpore novas vivências. Esse negócio de participação realmente é terrível, pois é o próprio imponderável que se revela em cada pessoa, a cada momento, como uma posse: também senti, como você, várias vezes essa necessidade de matar o espectador ou participador, o que é bom pois dinamiza interiormente a relação, a participação, e mostra que não há, como vem acontecendo muito por aí, uma esteticização da participação: a maioria criou um academicismo dessa relação ou da idéia de participação do espectador, a ponto de me deixar em dúvida sobre a própria idéia. Discuti esse problema muito um dia aqui com o Schemberg: ele acha que inclusive não existe participação ou o problema, talvez pela exagerada generalização dele em relação a isso. O que acho é que o lado formal do problema foi superado, há muito, pelo lado da “relação nela mesma”, dinâmica, pela incorporação de todas as vivências do precário, do não-formulado, e às vezes o que parece participação é apenas um detalhe dela, porque na verdade o artista não pode medir essa participação, já que cada pessoa a vivencia de um modo. Por isso há a tal vivência, insuportável, de defloramento, de posse, como se ele, espectador, dissesse: “Quem é você, que me importa que você tenha criado isso ou não, pois estou aqui para modificar tudo, esta merda insuportável que me dá vivências chatas, ou boas, libidinosas, foda-se você com tudo isso pois o devoro, o cago depois, e o que interessa só eu posso vivenciar e você nunca poderá avaliar o que sinto e penso, a tesão que me devora.” E sai o artista estraçalhado da coisa. Mas é bom. Não se reduz a um masoquismo, como se poderia pensar, mas é a verdadeira natureza do negócio. Engraçado, algo que vivenciei um dia, que, de certo modo, possui uma relação com isso, não sei se você achará: o ídolo, a pessoa-artista que se usa para expressar. Caetano, por exemplo, quando canta e faz tudo aquilo, é devoradíssimo, no sentido quase que físico: uma vez na saída do Chacrinha, nos corretores, vi milhões de estudantes, adolescentes, numa fúria incrível,

agarrá-lo para pedir autógrafos, mas na verdade não era só para isso. O sentido verdadeiro, profundo, era o de uma verdadeira curra – Caetano reagia passivamente, *relax* como diz você, mas a coisa me apavorou tal a fúria coletiva em oposição às nobres e delicadas intenções de Caetano: um poeta, sensibíllissimo, de repente é jogado como numa arena de feras, mas feras, não animais dos quais você tem que se defender mais física do que psiquicamente, mas feras-gente, como eu e você, crianças quase, cada um a projetar sua carga psíquica de modo terrível. Coisa pior ainda aconteceu: na droga do festival da canção, nas eliminatórias em São Paulo, que assisti pela televisão, a fúria das torcidas organizadas, na platéia funcionou como a aclamação, de modo igual, só que no reverso da moeda, mas no fundo vaia e aplauso se identificam como devoração. A platéia gritava, vaiava como nunca vi acontecer aqui, a ponto de não conseguir cantar. Quando a música foi classificada, aí foi pior: a intenção intelectual de destruição como que tomou consciência de si mesma. Se Caetano estivesse ao alcance das pessoas teria sido destruído de modo horrível: todos gritavam bicha, bicha, bicha, e jogavam objetos, pedaços de madeira nele e nos Mutantes e viravam-se de costas para o palco. Aí os Mutantes também se viraram de costas para a platéia e Caetano parou de cantar e disse as coisas mais dramáticas e profundas que já vi, não pelas palavras em si, mas pelo sentido que elas encerravam e o que representava ele ali naquele momento. Foi incrível e sabe o que me lembrou? A cena de *Napoleão* do Abel Gance diante do tribunal, com aquele *travelling* que o Gance fez imitando o movimento do mar, se lembra? Isso é que é terrível: a decalagem entre a intenção do artista, sempre nobre etc., e a fúria da relação participativa. Creio que aquele momento me revelou muita coisa, principalmente pela aparência “bem nutrida” das pessoas, da fúria destrutiva, como se aquele momento de desrepressão fosse uma chance para a destruição, o que sempre é, em certo sentido. Mas é um bom teste para a validade da proposição: a não-aceitação passiva é mais importante do que aceitar tudo, e nessa dinâmica da relação crescem novas possibilidades, mesmo que dolorosas, mas essenciais. Creio que talvez em Veneza você tenha sentido isto em relação à obra-espectador-criador, e essa vontade de matá-lo, de afastar a tesão insuportável das pessoas, é muito



importante na dialética do problema: porque *dar* não afasta o *tomar*, pelo contrário o estimula, de modo erótico também. Como diria Marcuse, libera o Eros reprimido por atividades repressivas: o *relax* da participação é uma atividade não repressiva, o que desconcerta e libera forças realmente imprevisíveis, e nisso, creio, você calca muito a sua experiência, o que é também altamente revolucionário, é o grande problema da atualidade.

Creio que a grande inovação nossa é exatamente na forma de participação, ou melhor, no sentido dela, no que diferimos do que se propõe na Europa supercivilizada ou nos EUA: há uma “barra mais pesada” aqui, talvez porque os problemas tenham sido checados de modo mais violento. Por exemplo, a sua fase preta de linha branca, ou mesmo a anterior, ou mesmo a quebra da moldura, contém uma dramaticidade *sui generis* nesse tipo de pintura, que na Argentina também não se deu, pois o povo argentino, em certo sentido, é mais civilizado, mais europeu, que o nosso: o Brasil é uma espécie de síntese de povos, raças, costumes, onde o europeu fala, mas não fala tão alto, a não ser nos meios universalistas acadêmicos, que não são “criação cultural”, mas sim arremedo. A criação, já mesmo em Tarsila e principalmente Osvald de Andrade, possui uma carga subjetiva que muito difere do racionalismo europeu, é o nosso “plá”, que Guy Brett soube muito bem entender e que os europeus vão ter que engolir, aliás com gosto porque estão cheios de tudo e parece que a civilização saturada está secando a imaginação deles. Nessa forma e desse ponto de vista, explica-se a liderança de vanguarda que é exercida aqui no sentido universal: o Brasil está destinado a ser uma espécie de líder do Terceiro Mundo, ou a sua face mais sintetizada, principalmente no decorrer do tempo, quando se livrar dos prejuízos universalistas, do ensino e da cultura caducas, imitação européia etc., e também política e socialmente. Mas, bote-se tempo nisso. Talvez se torne um novo país imperialista, tão terrível quanto os EUA, dominador e diabólico: tem toda a pinta para isso. Politicamente, a meu ver, é ter-se a consciência disso mas não aceitá-la como uma fatalidade e sim de modo crítico, ao menos tentar a modificação dessa estrutura pré-imperialista, pensando numa outra que não tenha que ser fatalmente capitalista-imperialista. Para mim, não basta essa constatação, mas também o sonho de um

novo mundo para que o futuro não seja a repetição deste ou pior que este. Para Marcuse, os artistas, filósofos etc. são os que têm consciência disso ou “agem marginalmente”, pois não possuem “classe” social definida, mas são o que ele chama de “desclassificados”, e é nisso que se identificam com o marginal, isto é, com aqueles que exercem atividades marginais ao trabalho produtivo alienante: o trabalho do artista é produtivo, mas no sentido real da produção-produção, criativo, e não alienante como os que existem em geral numa sociedade capitalista. Quando digo “posição à margem” quero algo semelhante a esse conceito marcuseano: não se trata da gratuidade marginal ou de querer ser marginal à força, mas sim colocar no sentido social bem claro a posição do criador, que não só denuncia uma sociedade alienada de si mesma mas propõe, por uma posição permanentemente crítica, a desmistificação dos mitos da classe dominante, das forças da repressão natural, individual, inerente à psique de cada um, são a “mais-repressão” e tudo o que envolve a necessidade da manutenção dessa mais-repressão. Além de Marcuse, leia algo muito bom: Frantz Fanon, um negro marroquino, revolucionário, que, segundo Rogério, é tão violento que Marcuse se torna um “metafísico”. Há vários livros dele, sendo que o mais famoso é *Les damnés de la Terre*, com prefácio de Sartre e que deve haver aí aos montes. Rogério está totalmente vidrado nele, como ficou Jackson quando o leu em Paris. Ainda não o li mas já está na boca de espera. Leia e diga o que achou. Rogério acha que o que Marcuse constata como filósofo, de certo modo ainda muito idealista, Fanon vivencia como um revolucionário, pela experiência mesmo: ele participou da Guerra da Argélia e foi assassinado posteriormente não sei bem onde, creio que no EUA. Confesso que tudo que sei sobre ele veio através de Jackson e Rogério, mas sei que ele influenciou muito, pelos livros que escreveu, a afluência do “poder negro” nos EUA, em todos os sentidos. Marcuse influencia mais o movimento estudantil, principalmente aí em Paris. Fanon começa a influenciar em grande escala a juventude parisiense, segundo contou o Jean-Pierre Léaud, um ator genial do Godard, sabe qual? Ele foi o ator principal de *Masculin-féminin*, *Weekend* e *La chinoise*, e, quando era menino, apareceu naquele filme do Truffaut, *Le quatre cents coups*, se lembra? Imagine que ele veio aqui em casa,



e eu ia mandar uma carta para você por ele, mas me atrasei e, quando vi, ele já estava embarcando para a França para fazer um filme com o Pasolini. O cara tem uma personalidade incrível. Ele veio fazer um filme com o Cacá Diegues (*O brado retumbante*) e contracenou com Rogério e Caetano. Ele adorou Rogério e disse que ele poderá se tornar um grande ator, o que entusiasmou Rogério que já deve estar para ir para Paris, a qualquer momento. Que loucura, hein? Você adoraria conhecê-lo pois ele é muito seco, inteligentíssimo, e, confesso, me lembrou muito você. Falei com ele sobre você, pois ele gostou do quadro preto de linha branca – esse quadro é um verdadeiro teste de inteligência: quando alguém o nota e gosta, aí penso: bom, esse é porreta! Lígia, estou enviando também um poema, dos que estou fazendo, diga-me se gosta. Este é dos melhores – sinto necessidade da palavra, palavra-espaco-tempo, e objeto-palavra, tudo no fundo se reduz à mesma expressão, só que por formas diferentes – mando também outro, que resolvi agora.

Fui ao programa do Chacrinha, servir de júri, com Nina Chaves, imagine. Parece que ela é que exigiu que fosse ou eu ou Rogério, por quê, não me pergunte, pois detesto a coluna de fofocas dela. Mas, a experiência foi genial. Chacrinha é realmente incrível, e, pela primeira vez, senti que o “público”, na platéia, é tão ator-participante quanto os que estão no palco. Há um calor comunicativo que me lembra o papel do coro na tragédia grega, que era o representante do povo, ou da coletividade, para os gregos, mas só que aqui a sublimação deles é outra coisa: é o deslanchamento da ação sem sublimação, ultra-improvisada, contando com o imponderável mesmo. O cenário é estranhíssimo, pois parte da platéia entra pelo fundo do palco, além das ações de todo mundo do programa. Até eu entrei para escolher o melhor calouro do dia e a Nina também, mas o dela ganhou por aplausos. Foi bacana à beça. Outra coisa louca que vi ontem: a rainha Elizabeth, da Inglaterra, passou a poucos metros de mim, na rua, num enorme carrão Rolls Royce, pintada feito uma vedete ou *miss*. Batom carmin, a cara branca carnuda, pareceu-me sabe o quê? *A grande bicheira* desfilando de carrão, como se estivesse dizendo: “Eu é que sou a boa, ouviu, seus merdas”, pois a malandragem dela é bem como a de um bicheiro – viver bem, ser admirado, e diante

deles todo mundo é otário. Fiquei gostando da rainha: é como a *miss*, a vedete etc. Velhas corocas, crianças, mães, todo mundo corria loucamente, excitadíssimo para ver a supermãe, “a mulher”, que passava. Verdadeira loucura coletiva. O pessoal da Mangueira desfilou para ela na embaixada, e devem ter-se sentido realizadíssimos, pois se vestem todo ano de nobres, mesmo de reis e rainhas, e de repente aparece “a rainha”, imagine só que análise grupal genial! Isso é que é bacana hoje: a rainha, Chacrinha, Elizabeth Taylor, todo mundo é a mesma coisa, como se num gigantesco teatro onde tudo acontece – o consumo-teatro ou a própria geléia geral (atenção: este termo foi criado pelo Décio Pignatari, e é muito bom, não acha?). Só não acho graça é quando aparece um chato feito Nixon na geléia – Jacqueline, ex-Kennedy, Onassis, esta é bacana: é a supermalandra. Aliás, Onassis é o rei da malandragem de classe dominante: a barra dele é pesadíssima, confesso que não agüento (vide Maria Callas). Liginha, vou encerrando por aqui. Escreva logo dizendo pra onde mando o material e vou logo preparando tudo aqui. Ok? Calendário também. Mary ficou de datilografar o texto do Mário que saiu na *GAM*, mas o problema é que não há meio de arranjar-se essa *GAM* que foi a primeira. Eu pensei que estava aqui um número, mas é justamente o primeiro que eu não possuía. Estou indagando a todo mundo para ver o que se resolve, pois na sede da revista só há, parece, um. Em último caso vou lá e copio lá mesmo. Vamos ver. Até logo com mil beijos. Raimundo disse que vai escrever, o que não fez porque não teve tempo: está disposto a se dedicar às atividades de cinema e prepara novo roteiro. Que ótimo, não?

427

Beeeeijos

*Hélio*²³⁵

²³⁵ *Idem*, pp. 65-78.



(De Hélio Oiticica para Lígia Clark)

Londres, 24 de dezembro de 1968.

Lígia querida,

Estou para lhe escrever há dias, mas a loucura predomina e só agora consigo. Falei com Mário e Sérgio pelo telefone. Que loucura no Brasil, hein! Imagine que não recebo nada de lá e já cansei de escrever pedindo notícias e nada. Estou preocupado com Rogério, pois ele vem em janeiro num navio, que arranjei de cortesia, que deverá apanhá-lo em Salvador. Será que ele foi preso na tal *blitz* fascista? Torquato está agoniado pois a mulher dele até agora não deu sinal de vida, e como ele é fichado pelo Exército, desde 64, talvez a tenham pegado pra dar conta dele. É uma merda, e tive sorte em sair quatro dias antes disso, ainda mais que, na semana do negócio, saiu uma reportagem da Marisa, a cores, no *Cruzeiro*, chamada “Marginália, arte e cultura na idade da pedra”, onde apareço pendurado pelos pés numa árvore, vestido de sambista, com a bandeira do Guevara (feita pelo Tozzi). Só espero que não estejam a telefonar lá pra casa, pois minha mãe anda nervosíssima com uns telefonemas que já estavam acontecendo antes; imagine agora, que estão com mais poder ainda! Merda e merda, naquele país só uma revolução violenta!

Estive com o pessoal da Exploding Galaxy, e conheci o Edward Pope; achei-o genial, lembra muito o Saldanha, aquele meu amigo de que lhe falei. O Pope tem uma grande admiração por você e por seu trabalho, o que muito me alegrou; até que enfim aparece gente que nos respeita e admira! O Guy é genial, gentilíssimo, e a Carol também. Hospedou-nos aqui, mas estou meio *gauche* em relação a isto e doido pra mudar, pois é demais o trabalho que já dei a ele e continuo a dar. A exposição será a 18 de fevereiro. Queria muito que você estivesse aqui. Será que vai dar pé? Afinal estamos tão perto, agora, e aqui tudo é mais fácil. Achei a comida baratíssima em Londres, nunca vi tanto assim. Vamos ver agora os aluguéis. Mas alugarei o mais mixa que houver. Se você vier até aqui, é claro que ficará onde estiver; vamos ver. Mário disse que

pretende vir, mas havia problema de dinheiro. Estou escrevendo artigos para o jornal *O País*, pelos quais receberei sessenta dólares. A Embaixada deu-me 410. Com mais oitenta que tinha trazido, creio que dá pra agüentar dois meses, sei lá. Há um sujeito querendo comprar coisas minhas; aí, sim. Estamos arranjando dinheiro para construir novas coisas, ainda pra exposição. Tenho muito que fazer aqui, inclusive consertar coisas estragadas, o que me enche o saco. Fui a um espetáculo onde uma mulher tirou toda a roupa na platéia, e não foi presa, apesar de haver polícia. Depois apareceram o John Lennon e a Yoko Ono, que entraram num saco branco, germinante, e lá ficaram muito tempo, fazendo alguns movimentos que refletiam na estrutura por fora. Achei bonito, como um ovo-útero. Gostei também do disco que eles fizeram juntos e onde aparecem inteiramente nus na capa: Torquato comprou-o aqui embaixo na livraria Indica, que é a única a vender o disco tal como foi feito. Um crítico, Paul Overy, que já escreveu a nosso respeito (o Guy me mostrou), aliás coisas ótimas, pondo-nos acima de Le Parc e cia., conhece a Yoko e vai nos apresentar a eles. Estou louco pra conhecê-los, pois o Lennon tem muito a ver com muitos dos problemas que procuro erguer. Gilberto Gil virá a Londres bem na época da minha exposição, isto é, se não estiver preso (disseram que Caetano está, será verdade?, pois nos jornais que li na Varig nada consigo saber, estão censurados!). Mas Gil vai a Cannes para o festival da Midem, representando a Philips, e então daí virá pra cá. Creio que ele fará uns shows em Paris, aliás era o que estava planejando quando saí do Rio. Gerchman viria, mas a Ana Emília Beltrão me disse que ele escreveu dizendo que pretende ficar em Nova York. Lígia, mande-me o endereço da Sônia, sua irmã, pois quero mandar um cartão pra ela. Ela me ajudou muito nas vésperas de partir, pois a peste da Vera Sauer queria trancar o dinheiro que a embaixada me daria, argumentando que eu estava querendo vir pra cá antes da hora e que só mandaria o tutu uma semana antes da exposição; telefonei pra Sônia e ela logo falou com a irmã do Magalhães e o Donatello me atendeu prontamente, e mandou a ordem relativa a uma passagem de ida de avião; o resto vai mandar quando estiver marcada a data da exposição, o que já está. Em todo caso foi melhor do que nada, mas imagine você o meu nervosismo com tudo isso, pois já estava



com a passagem de navio comprada. Foi o José Lima que fez intriguinha com aquela vaca malhada, aliás bem informado que estava por Jackson e Rosa, que nada têm a fazer a não ser falar demais o dia todo e atrapalhar toda coisa que se tenta fazer. São uns chatos e não escreverei uma linha pra eles. Amigos assim, passo. Estou mandando um cartão do Ucello, pois sei que você o adora, mas na Galeria de Arte de Londres há aquele outro genial das lanças: incrível o sentido de espaço; lembrei-me o tempo todo de você; pena é que só tivessem cartão deste outro e não daquele; mas este também é bellissimo, pois tudo possui uma virtualidade espacial impressionante, com muita ambivalência, o que supera de muito a própria época em que foi feito. Soube do seu sucesso na Alemanha, pelo Mário, o que adorei: vi aqui o catálogo com aquela foto fantástica: você é considerada hoje uma das maiores do mundo, pelo menos aqui em Londres, por todo mundo – e é mesmo, isto já sabia eu há muito. Valeu a pena todo o sacrifício, enfim. Eu, confesso, estou cansado de quebrar pedras – realmente só vou fazer esta exposição como uma nova experiência em si, mas dizer que acredito em arte, exposições etc. seria negar-me, pois não acredito mesmo –, estou farto, dá muito trabalho e a vida é muito curta. Adoro fazer coisas que nem pretendo que sejam nada, mas detesto promovê-las, impor-me aqui, acolá etc. Não tenho saco pra isso, apesar de sentir certo prazer quando vejo alguém gostar do que fiz, como o Guy ou você, ou Medalla. Creio que realmente só pode gostar ou sentir quem pensar do mesmo modo; o mais é conversa. Estou interessado é em descobrir a marginalia londrina. Aliás, no navio, a loucura foi total, pois eu, Torquato, Gina (uma belga filha de embaixadores), os marinheiros e alguns oficiais subversivos queimamos muito fumo, e eu trouxe uma mutucona do Rio. Na hora de desembarcar morri de medo de que me revistassem, mas nem malas abriram – a mutuca estava nos culhões e eu mal conseguia andar. Deprimente, mas genial, pois não precisarei gastar dinheiro aqui com isso: aqui parece que é caro. Estou planejando uma festa louca de Ano-novo, com os marinheiros do navio, a Lilian Lijn (estive na casa dela no aniversário dela, achei-a ótima!) e quem mais aderir à loucura. Ha! Ha! Ha! Imagine que a tal galeria é no lugar onde o Jack Estripador fez aqueles crimes geniais, misteriosíssimo à noite, o próprio *bas-fonds*

de Londres. Gostei muito da casa da Exploding Galaxy; é do Paul Keeler. Pena é que o Medalla tenha viajado para a Índia; não há meio de conseguir encontrá-lo pessoalmente. Ele deixou recado pra que eu vá pra lá: mas, com que roupa, eu vou, ao samba que você me convidou? Com que roupa? eu vou, ao samba que você me convidou? Keeler telefonou, disse que daqui a pouco vem aqui, pois acaba de chegar de Paris: este é o próprio Dr. Jekyll e Mr. Hyde, mas em matéria de malandragem sou mais do que ele, com vampirismos inglês e tudo. Hahahahahahahahahahaha aaaaaaaaaaaaaaaaaa iiiiiiiiiiiiiii ooooooooooôôôô uuuuuuuuuuuuuuu.

Queridíssima Lígia, minha única paixão, desejo-lhe maravilhoso Natal, Ano-novo e todo esse babado, e quero que você continue cada vez mais botando pra quebrar – chega de otários nessa Europa infecta. Agora é que eles estão vendo o peso da sua barra, que é ultratropicália e não é conversa pra intelectual ou boboca *aficionado d'art*: é culhão e barriga. Vou terminando pois o Torquato vai agora ao correio, e está impaciente, depois de dormir mil horas.

Beeeeeeiiiiijos mis mis mis (não *van der roe*) mas beijos reais, hahahahahaha.

431

Hélio²³⁶

(De Hélio Oiticica para Lígia Clark)

Londres, 18 de abril de 1969.

Lígia,

Raquel, louca, perdeu tudo quando foi e não entregou a carta, por isso reescrevo aqui; há pessoas que se oferecem para levar

²³⁶ *Idem*, pp. 88-93.



coisas e atrapalham tudo, pois agora estou mais atrasado e mando expresso.

Como lhe disse, o Clay telefonou, vaguíssimo como sempre, e não sabe de nada, inclusive pensava que o Mário ainda estivesse aí quando há três semanas está no Rio. Diga a ele que seria preciso a minha presença aí, pois os textos estão todos datilografados em inglês, mas tenho certeza de que farão mil asneiras ao traduzirem, e é imprescindível que se faça uma supervisão na tradução. Aproveitei alguns de informação geral que havia escrito para o *International Times* (IT) e acrescento outros ineditíssimos e sensacionais, inclusive o da *Hermaphroditopotesis* (que Mário leu e adora) – os não inéditos são informações sobre Tropicália. Há também sobre *Apocalipopótese*. Isto, eu quero que você explique a ele o interesse e a urgência de publicar tudo sobre o fenômeno Tropicália, sobre o movimento em si, como se deu no Brasil, com informações sobre tudo, fotos etc., incluindo música, teatro (Caetano-Gil-José Celso-Glauber), artes plásticas e *Apocalipopótese* (Lígia Pape, Rogério e o conceito de projeto, Lanari, Antônio Manuel, Gerchman), filme de Raimundo (vou escrever pedindo fotos do filme urgente, mas se não chegarem tenho *slides* do acontecimento onde Raimundo filmou e faço preto-e-branco etc.). Não tenho interesse em aparecer desligado disso – prefiro nada fazer, se for o caso. Na verdade ele deveria fazer uma edição inteira chamada Tropicália, a nova imagem. Que é o título do tópico de informação. São informações preciosas para ele. Inclusive diga que estou reservando uma série de fotos impressionantes para ele, que ampliei com o Guy. Tenho convite do *Studio International* para escrever artigos, mas quero reservar prioridades para o Clay, mas ele tem que andar depressa senão não dá pé. O problema como sempre é questão de dinheiro, passagem – irei de carro com o Guy (ele comprou um novo e quer ir comigo) –, lugar pra ficar: talvez Ceres, ou Peter Goldman (um cineasta *underground*), e ainda me lembrei do Jean-Pierre Léaud (aquele ator do Godard em *Weekend, Masculin-féminin, La chinoise* etc.), que esteve em minha casa no Rio – portanto apenas uma ajuda de custo para me movimentar, pois afinal o *Rhobo* é vendido e não posso badalar em Paris gastando meu tutu, que é pouco, a não ser que César mande mais como prometeu (ofereceu, aliás) – pois aqui, confesso, há dias em que

mal como para economizar. Há a possibilidade de eu ficar numa universidade inglesa onde pagam e ainda dão *studio* por seis meses, pois tenho muito trabalho a fazer ainda por aqui. Mas, este assunto de Paris ou decido agora ou nunca. Joelenbech não telefonou. Tenho planos ótimos que estão nascendo para ele. Será que ele é papo-furado, ou não? Vou pedir ao Charles Spencer para mandar um *Art & Artists* para você, pois saiu meu artigo, “A descoberta do crelazer”, com muitas fotos e tudo, e ainda um editorial dele comparando-me com o Caro (que é mito aqui) e colocando-me como algo novo em relação à posição do Caro, que ele considera velha, representante da arte “ocidental” burguesa etc. Veja que loucura. O artigo tem coisas interessantes, mas ele peca no lado filosófico, quando mistura tudo, e identifica impermanência da obra-objeto com não-burguês, e vice-versa, o que não é absolutamente certo, pois há mil exceções e contradições para tal. Mas, com isto, me deu um cartaz definitivo, que é comentado por toda a Inglaterra. O meu artigo saiu bem, mas com um erro, pois em vez de *licit* escreveu *illicit*, em relação à “recuperação dos sentidos”, o que é uma burrice e um erro grave; mas vão corrigi-lo no próximo número.

433

Lígia, mil beijos e vou colocar isto rápido no correio – escreva rápido com o Clay, pois até domingo tenho que decidir para onde vou: ou para o campo, ou para Oxford ou para Paris. Estou de cama esses dias com uma terrível inflamação nas glândulas de caxumba (mas não é caxumba que tenho, e sim uma infecção louca, e tenho que tomar quilos de antibióticos).

Beijos, beijos

Hélio²³⁷

²³⁷ *Idem*, pp. 97-99.



(De Caio Fernando Abreu²³⁸ para Hilda Hilst)

Porto Alegre, 4 de março.²³⁹

Hildinha, acabo de receber a tua carta. A demora não me surpreendeu; eu sabia que devias estar muito abatida com a morte de Lupe. Eu próprio fiquei muito chocado, não sabia que ela estava doente. Aliás, aconteceu uma coisa mais ou menos estranha antes de eu saber que ela havia morrido: uma noite, conversando com um amigo meu, sem motivo aparente, comecei a falar sobre ela, que era muito amiga tua e de Lígia, boa poeta, muito bonita etc. Fiquei horas falando, quando voltava para casa comprei o jornal e lá estava a notícia. Senti como nunca a precariedade da existência humana. Ela estava aí, escrevendo, ganhando prêmios – e de repente já não está mais. Não consigo aceitar nem compreender isso; não consigo sobretudo deixar de pensar que a mesma coisa pode acontecer daqui a pouco comigo ou contigo.

As coisas realmente não andam boas. Parece que quando tudo começa a degradingolar não há o que segure. Primeiro no plano político: a portaria do Ministério sobre censura de livros me deixou besta. Não pensei que chegássemos a tanto, é a degradação completa, o medievalismo e a inquisição reinstaurados. A seguir, a perseguição dos hippies, como se fossem criminosos ou cães hidrófobos. Cada dia, quando abro o jornal, tenho um novo choque e uma revolta que se acumula e, logo após, uma terrível sensação de inutilidade. A. K. está preso em São Paulo: invadiram o Gígetto e o levaram, por tráfico e consumo de LSD. O grotesco da história é que nas chamadas “leis” não existe *nada* sobre LSD. Porto Alegre sempre foi uma cidade nazista, cheia de grupos de defesa familiar e coisas no gênero: tudo isso repercute aqui da maneira mais alvissareira (do ponto de vista *deles*) possível. Os lugares onde eu costumo ir, bares onde se reúne gente de teatro e outros desgraçados, estão cheios de espões – não se tem a menor segurança para falar sobre qualquer assunto menos “familiar”.

²³⁸ Caio Fernando Abreu (1948-1996) – escritor gaúcho.

²³⁹ Carta de 1970. Nota da publicação original.

Outras notícias igualmente más: logo depois que meu primo foi embora, o pai adoeceu gravemente. Veio o médico e deu aquele susto em todo mundo: tuberculose ou câncer no pulmão. A mãe ficou baratinadíssima, chorando pelos cantos. Ele está em observação, parece que a hipótese do câncer está afastada – resta a outra.

Eu também estou doente, desde sábado. Passei um dia inteiro com febre de quase quarenta graus, delírios e coisas assim. O médico achou que fosse pneumonia, mas como os remédios que tomei fizeram efeito, acho que não passa de uma gripe muito forte. A dor nas costas foi insuportável. Agora passou um pouco, estou meio sobre o deprimido, sem vontade de nada, perdi dois quilos nesses dias.

Quanto ao livro, não soube nada. Creio que vou ter mesmo que pagar a edição – mas me revolta a idéia de ter que submeter os originais à censura, obviamente grossa e sem condições para julgar sequer J. G. de Araújo Jorge. Para aproveitar os dias de cama, tenho lido bastante. Comprei o livro de contos daquela moça da *Folha*, Alcione T. Silva, *Flashback dimensão de memória* – um lixo total; o que ela chama, muito máriodeandrademente, de contos, não passa de um amontoado de frases pseudo-intelectuais, tudo sem a menor unidade, sem sequer dimensão ficcional. Li também *Ninguém escreve ao coronel*, do García Cem Anos de Solidão Márquez, pareceu-me não ir além de um negócio de consumo, raso, gostoso de ler. Mas só. Falta *linguagem*. Agora estou relendo os contos da Mansfield, *Felicidade (Bliss)* – e descobrindo mais coisas. A mulher foi sem dúvida uma grande contista, seu único defeito é um certo feminismo. Mas adoro. E me identifico tanto com ela.

Sofri a morte da Preta. Mas tu podes estar certa que, no que depender da minha lembrança, ela ficará para sempre naquele limbo gostoso para onde os animais vão. Deve ser bom para ela, lá. Mais do que aqui. Agora já não tenho filha, estou de novo sozinho.

Recebi uma cartinha da Myriam Campello, escrita em Teresópolis, da casa da Nélida. Estão ambas revoltadas com a censura, embora eu ache que a Nélida não tem nada a temer. Pergunta por ti na carta, gosta muito de ti.

Acho que o casamento da Maria com o Apolinário foi um negócio acertado. Tenho certeza que ela vai ficar menos neurótica,



menos insegura. É muito provável que já tenha descoberto que existem coisas mais sérias e mais problemáticas do que lecionar história. O que me contas da Ana também é ótimo, esse negócio de viajar vai lhe proporcionar coisas maravilhosas. Fico feliz por ela, só espero que não pretenda largar o teatro.

Obrigado por teres feito a minha propaganda para o Thomaz Souto Correia, é ele quem manda e desmanda na *Cláudia*. Eu o conheci por intermédio da Carmem da Silva, já tinha certos preconceitos contra o cujo por causa de certos contos monstruosos que ele andou publicando, e pareceu-me um pouco sobre o mau-caráter, como todos os “por cima” da Abril.

Ainda não li o *Fundador* da Nélida, só olhei por cima na casa do Carlos Jorge Apell, que estava irritadíssimo com o que chama de “falta de espaço” das coisas de *la Piñon*. Segundo ele, as personagens dela parecem fantasmas se movimentando num lugar todo branco e sem forma. Aliás, no prefácio do *Tempo das frutas* a Maria Alice Barroso aponta isso como uma qualidade – mas todos nós sabemos que a Maria Alice é uma boa besta, talvez por isso mesmo esteja na presidência do Instituto Nacional do Livro. Gozado é que olhando o livro lembrei que a Nélida havia se referido com desprezo às capas sem desenho, somente com letras, falando também que prefácio não dava mais pé. Pois bem, o *Fundador* tem uma capa só de letras e um prefácio enorme da Eliane Zagury, tradutora dos *Cem anos*.

Sabe, não quero te desanimar nem nada, mas acho que as tuas novelas não passarão na censura – pelo menos o *Osmo*. Nas outras novelas, as coisas todas são menos evidentes e a censura-teresinha não é inteligente ao ponto de descobrir essa dimensão. No *Osmo* as intenções agressivas e desmistificadoras se expressam a partir da própria linguagem, isto é, qualquer um percebe. Até a censura. Se isso que estou prevendo acontecer, por favor, Hildinha, não te abaixa, não faz correções no texto, não corta os palavrões. Espera que tudo mude, ainda que isso não aconteça antes de vinte anos. Eu estou confuso, achando que submeter originais à censura é compactuar com ela. Fico pensando se não seria melhor todo mundo desistir de publicar coisas, guardar os seus calhamaçoelhos nas gavetas. Acho que qualquer publicação “liberada pela censura” será, *a priori*, considerada como *a favor do regime*. Horrível,

não? Não seria esta a hora exata dos escritores se reunirem e tomarem uma posição rígida e irreversível? O problema é que não existe classe mais calhorda, mais desunida – desse ponto de vista, o pessoal do teatro é bem melhor, talvez porque o próprio teatro seja coisa de equipe, não sei. A nossa antologia, que sairia em março, não sei como está: será doloroso se for trancada, pois a gráfica está quase concluindo o serviço; por outro lado, será igualmente horrendo se for liberada – o que pressupõe que será inócua e não-pervertedora dos costumes e da moral da tradicional família. Por aí tu vês como estou confuso, o meu consolo (nem tanto) é que suponho que todo mundo deve estar na mesma.

Felizes são os que estão fora daqui: recebi do Maciel uma carta enorme contando maravilhas da Europa. Ele está muito bem, com dois convites para exposições, uma em Londres, outra em Paris, preparando trabalhos para a Bienal de Veneza. Mas não quer mais nada com a Espanha, pensa em se mandar muito brevemente para Londres, Paris ou Roma. Outra coisa interessante que ele conta é a respeito dos convites de homossexuais ricos e velhos a turistas americanas igualmente velhas e ricas para viver com os cujos. São vidrados nos *latin-lovers*. Os nomes europeus que ele cita na carta, os lugares, as perspectivas – tudo isso mexe com a minha imaginação, com o meu “ser nômade”. Morro de vontade de escapar mas, pelo visto, isso jamais será possível. Não tenho e nunca terei dinheiro, bolsas de estudo são coisas que acontecem somente aos outros, nunca a mim. Turistas americanas não existem em Porto Alegre, no máximo umas uruguaias e argentinas muito rastaquieras. Mesmo a São Paulo ou ao Rio creio que não terei oportunidade de ir durante muito tempo. Isso aqui é uma espécie de exílio.

Com essa maré toda contra, não tenho escrito absolutamente nada. É terrível. Tu sabes como é, a gente fica pensando aquela porção de coisas destrutivas, que nunca mais vai conseguir, que secou completamente etc. Tenho algumas idéias, várias anotações, tudo meio caótico e superdesorganizado – mas acho tudo pálido, tudo insuficiente e inútil nesse momento que a gente está vivendo. Ando me sentindo ex-escritor, ex-amigo de qualquer pessoa, ex-gente – me lembro sempre de teus versos (teu livro está sempre na minha cabeceira, sempre leio coisas antes de dormir, às vezes grave, outro dia eu e um amigo fizemos um recital inteiro



dos teus poemas, a boneca terminou em prantos): “Iniciei mil vezes o diálogo. Não há jeito. Tenho me fatigado tanto todos os dias, vestindo, despindo e arrastando amor, infância, sóis e sombras”. A verdade é que não me sinto capaz de nada. Não é fossa. Fossa dá idéia de uma coisa subjetiva e narcisista. São motivos bem concretos, que inclusive transcendem o plano pessoal. E tudo tão insolúvel que a gente só pode fugir, porque ficar não adianta nada. A minha maneira de fugir, tu sabes, é dormindo. Andei dormindo até 15 horas por dia, durante quase duas semanas. Nos contatos que tenho com gente da minha geração, ou de outras, mas unidos pela mesma lucidez, percebo de maneira intensa a mesma sensação de abandono e de inutilidade. Sobretudo de impotência. O consumo de drogas como meio (ótimo) de alienação e como meio (falso) de libertação é uma coisa incrível, assustadora mesmo. A maconha rola em Porto Alegre, as “picadas” também, agora descobriram mescalina em Santa Catarina e uns conhecidos meus, pintores, estão fazendo tráfico e vendendo para toda a “classe artística” de Porto Alegre. E o mais assustador nessa estória de drogas é que são consumidas justamente pela parte mais esclarecida da população, pelos que poderiam fazer alguma coisa. Os outros, as camadas mais baixas, têm a televisão, as novelas, as revistinhas de amor. Eu tenho o sono, talvez a fuga mais saudável, se bem que igualmente desesperadora.

Sei que vais te preocupar com esta carta, mas eu não poderia escrevê-la de outra maneira. Se essas coisas não são boas de serem lidas, não são também boas de serem escritas. A verdade é que tudo está muito duro para todos nós. E a verdade ainda mais insuportável é que somos justamente nós os culpados: a situação não teria ficado assim se esse rebotalho humano oficialmente conhecido como “povo brasileiro” não tivesse permitido, desde o início. Sabes qual é a imagem que me vem à mente quando penso nisso tudo? É assim o Fascismo, um sujeito enorme, peludão, gênero estivador, botando na bunda do Povo Brasileiro, um sujeitão magro, pálido, subdesenvolvido e preguiçoso como Macunaíma. No começo o Povo Brasileiro deixa, por preguiça, só um pouquinho não faz mal, por medo de levar porrada e, mesmo, no começo não dói muito. Mas acontece que o Fascismo tem um SENHOR pau, e não se contenta em botar um pouquinho, quer empurrar tudo.

E vai empurrando cada vez mais. O Povo Brasileiro começa a se sentir incomodado, pensa vagamente em reclamar, mas conclui que, afinal, homossexualismo é uma coisa válida, e se tantos suportam (pensa rapidamente no seu amigo Povo Espanhol, que virou bicha louca) ele pode também suportar. Aí, de repente, o Fascismo empurrou tanto que não é mais possível tirar. Ficou entalado. E goza trezentas e quarenta e cinco vezes seguidas enquanto o Povo Brasileiro morre de hemorragia anal. *The end.*

É só, Hildinha, não sei quando mandarei a carta porque não posso sair de casa. Carinhos mil para o Dante, para Edina e *A casa*, para todos os cachorrelhos, Papéti, Maria Preta e demais dependentes.

Todo o carinho do sempre teu

Caio

P.S.:

Escreve para o endereço da minha avó, ainda não nos mudamos: Bento Gonçalves, 315 casa 4. Vibrei com a estória do tradutor alemão. Li uma matéria no *JB* sobre o cara, parece que é bom paca. Tomara que dê certo. Logo que Zama devolver a cópia, manda. Quero demais ler. Vou providenciar cópias das minhas últimas coiselas.

439

P.S.:

Quando vires a Lígia, diz que mando um grande abraço. Gosto demais dela.²⁴⁰

²⁴⁰ In: MORICONI, Ítalo. *Caio Fernando Abreu: cartas*. (org.). Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002, pp. 396-402.



(De Caio Fernando Abreu para Hilda Hilst)

Porto Alegre, 14 de junho de 1970.

Hildinha querida,

Recebi seu bilhete magoado com as fotografias (lindas: meu eunarciso teve orgasmo). Escrevi há pouco tempo uma longa carta, comentando o *Fluxo-Floema*, creio que não recebeste – caso isso tenha acontecido, repito que gostei muito. A estória do desastre com o Dante me preocupou bastante – não entendo por que ele não pediu a alguém que passasse um telegrama para cá, avisando, eu teria ido de ônibus até Caxias. Deve ter sido tristíssimo ficar simplesmente sozinho numa cidade estranha e, o que é pior, num hospital. Mas o importante é que ele já se recuperou bem. Diga a ele que os meus pais gostaram muito dele, até mesmo o meu pai, que é a própria ostra de tão fechado, chegou a dizer que era o primeiro amigo meu que ele gostava. Minha tia e minha mãe acharam ele o homem mais bonito que elas já viram; e meu irmãozinho gostou porque “ele parece o Bufalo Bill”. Elogios aos potes.

Ana Lúcia está aqui, com *Medéia*. Conversei rapidamente com ela depois do espetáculo, depois não tive mais tempo de aparecer: ela não está muito bem, meio de fossa, falando em largar o teatro. Não gostei do espetáculo – foi todo feito em função de Cleide Yáconis, que é muito boa, embora não excepcional. O coro é fraquíssimo, os atores homens idem. Soube pela Ana da morte de dona Bedecilda: outro golpe para você.

Não tenho escrito com mais frequência porque não tenho tempo: passo a manhã inteira na faculdade, à noite no curso de arte dramática, à tarde preciso estudar (estamos em exames), escrevo, filmar, fazer montes e montes de coisas. Ando muito esgotado, durmo só umas cinco horas por noite (logo eu, que se pudesse dormia umas vinte), andei também ruim do coração, meu ritmo cardíaco estava a mais de duzentas pulsações por minuto, precisei fazer um tratamento, não posso fazer esforço, nem tomar álcool, estou proibido de fumar mas não ligo. Algumas brigas terríveis em casa: andei fazendo umas experiências com mesalina, meus

pais descobriram, foi aquele forró. Ando deprimido, agressivo, cansado – perdi uns cinco quilos: pareço um fantasma, tenho insônia e pesadelos horrendos, idéias negras durante a noite. Hildinha, se você soubesse como ando escuro, como ando perdido, como me distanciei de mim e das coisas em que acreditava: tenho participado de festas louquíssimas, na base da maconha, da nudez, jogo da verdade, bacanais, surubas. Por favor, queria tanto que me compreendesses. Ando muito sozinho, nessas festas se reúnem artistas plásticos, atores, atrizes, escritores – todos jovens, perdidos, desesperados – é uma coisa terrível. Chega a ser comovente a maneira errada como eles buscam a pureza, como eles tentam se convencer que os bacanais são a forma mais absoluta de comunicação: finjo o tempo todo, rio, sou alegre, dispersivo, com aquele brilho superficial e ridículo. E em cada fim de noite me sinto um lixo. Há tempos estou vivendo uma estória-de-amor-impossível que rebenta a saúde: sei que não dá pé de jeito nenhum e não consigo me libertar, esquecer – estou completamente fixado nessa pessoa, vivo todas as horas do dia em função de encontrá-la, à noite. É insuportável. Sei que estou me autodestruindo, mas isso já não me assusta: penso se não será melhor afundar, afundar, até acabar numa clínica. A juventude de Porto Alegre é uma coisa terrível: 90% de viciados em tóxicos, todos fugindo de si, das máquinas, do fazer-alguma-coisa. Acho que quem está de fora não pode condenar, condenar simplesmente é desprezível – é preciso compreender. Existe uma sede de amor impressionante. Estou sendo muito honesto ao te contar essas coisas, poderia facilmente escondê-las: sei que me arrisco a te chocar, te ferir, te agredir. Mas eu nunca quis ser gostado por aquilo que não sou ou aparento ser. Não vejo saída, Hildinha, sinto que cada vez mais tudo se fecha. Também não adianta pedir ajuda a ninguém, ninguém pode dar. Talvez isso passe, não sei quando, talvez seja só uma fase, das mais difíceis que atravessei, mas até passar estarei me desgastando, me consumindo. Tenho chegado a extremos que não me julgava capaz. E como isso dói.

A antologia de contos foi lançada (estou mandando um exemplar) com muita badalação. Está vendendo bem. Vivi a experiência de uma tarde de autógrafos: me senti tolhido, constrangido, inibido. A imprensa anda me badalando muito. Mas descobri finalmente



como tudo isso quer dizer pouco: o bom no escrever é o momento da criação, da vibração, da comunicação com o incognoscível que nos dita as coisas a serem escritas – o resto é lixo. A inveja é um fato: certas pessoas têm me agredido muito, na faculdade, na rua, geralmente intelectuais no mau sentido, frustrados e medíocres. Tenho horror desses rebucetes, rodinhas e frescuras literárias: procuro ficar na minha, sempre. Digo a todos os repórteres que não me sinto um escritor: que sou só um ser humano procurando um jeito de viver. E que talvez esse jeito seja escrever, sei lá. Meu livro está quase pronto, deverá ser lançado em breve. Queria tanto que alguém me amasse por alguma coisa que eu escrevi.

Não sei mais o que te escrever, estou muito confuso, muito distraído. Pressinto muito próximo o fim de alguma coisa que não sei especificar qual seja. Mas não se preocupe muito comigo, não vale a pena. Acho que sou bastante forte para sair de todas as situações em que entrei, embora tenha sido suficientemente fraco para entrar. Não faço planos, não sei o que vai acontecer amanhã. É só Hildinha.

Um beijo enorme do seu,

Caio Fernando Abreu

P.S.:

Depois de reler, não é tão grave assim. Foi muito dramático. Faça boas vibrações por mim. Por favor, compreenda tudo. E escreva logo. Abraços no Dante.²⁴¹

²⁴¹ *Idem*, pp. 406-409.

(De Joel Rufino dos Santos²⁴² para Nelson Garbayo dos Santos)

Nelsinho, meu querido,

Estou com muita saudade de você. Recebi as fotografias que você me mandou. Gostei mais daquela em que você aparece dirigindo, junto com o Marquinho. Puxa! como você está grande. Vejo, pela foto, que seus pés quase já chegam ao acelerador!

Esta carta é para lhe contar o que está acontecendo comigo.

Eu viajei logo depois do Natal. Se lembra? Fui ao Norte do Brasil, trabalhar.

Quando eu voltei, tive uma surpresa. Fui convidado pelo governo a contar algumas coisas que eu fiz. Por exemplo: eu dei algumas aulas sobre coisas que o nosso governo não gosta; contei algumas histórias que o nosso governo não gosta que se conte; e, finalmente, escrevi alguns livros que o nosso governo também não gostou. Aí, o governo me pediu que esclarecesse todas estas coisas. Bom, você já sabe que as pessoas têm de esclarecer coisas deste tipo é com o juiz. Eu te expliquei uma vez o que era um juiz – e acho que você mesmo já viu um na televisão. O juiz do governo faz a mesma coisa que o juiz de futebol: ele decide quem tem razão.

Eu acho que tenho razão. As aulas que eu dei, as histórias que eu contei e as coisas que eu escrevi nos meus livros e nos jornais – eu acho que são coisas certas. O governo não acha. O juiz é quem vai decidir. Agora, eu estou esperando ele me chamar para decidir. Isto demora um pouco, infelizmente. Tenho certeza que o juiz vai dizer: “Seu Joel, não tem mal algum o senhor ter as suas opiniões. Pode ir embora.” Ou então: “Seu Joel, o senhor já esperou muito tempo pela minha decisão. Pode ir embora.”

Nelsinho. Eu queria, agora, estar aí com você. Mas, aqui, onde estou esperando a decisão do juiz não é muito ruim. Vou te contar como é.

Tem quarenta pessoas, que também não concordam com o governo. Tem um médico; três engenheiros; oito professores; dez

²⁴² Joel Rufino dos Santos (1941) – historiador e romancista carioca.

estudantes; três marinheiros; dez operários (de trem e de fábrica) e cinco camponeses. Estes, são todos homens. Do outro lado, ficam as mulheres. Elas são quase trinta. E algumas são professoras, outras são estudantes, uma é enfermeira, uma é arquiteta, uma é artista de televisão.

Nós mesmos fazemos nossa comida. Eu sei cozinhar, como você sabe, embora não tenha muita experiência. Jogamos bola na terça-feira, na quarta-feira e na sexta. Eu estou com as canelas cheias de calombos, porque sempre que vou fazer um gol, aparece um “grosso” para me chutar. De dia, a gente lê, estuda e trabalha. Estou aprendendo a fazer uma porção de coisas bacanas: bolsas, colares, canetas encapadas, chinelos etc. Agora, estou fazendo dois presentes para você. Não digo o que é. Será surpresa!!!

De noite, cantamos e assistimos à televisão. Eu estou gostando muito da novela *O bem-amado*. Vejo também *Cavalo de aço* e *Uma rosa com amor*. Você assiste também? O que mais gosto, porém, é dos desenhos animados! Nós aqui moramos em quartos – em cada quarto moram seis ou nove pessoas. O meu quarto é número 31 e só dois moradores não têm filhos. Nós, os outros, que temos filhos, falamos muito deles – cada um conta um caso do seu filho. Eu contei a eles que você é escoteiro e aquele acampamento que eu e você fizemos na Barra da Tijuca. Aí, para enfeitar um pouquinho, eu contei a eles que nós tivemos de enfrentar, de noite, um lobisomem. Falei que o tal lobisomem botou o acampamento todo pra correr, menos nós dois. Aí, um morador do meu quarto, que estava escutando, ficou com tanto medo que pediu:

“Pára! Pára!” Os meus companheiros de quarto são muito bons e amigos.

Meu filho lindo e querido. Nós podemos receber visitas. Aos sábados, de 9 às 11 horas. As visitas ficam no pátio, crianças à beça. Eu quero que você venha me visitar, assim que puder. Estou louco para conversar com você. Quando você vier, eu te explicarei melhor como é aqui. É um prédio de quatro andares, muito movimentado de gente; pelas janelas, nós vemos a cidade de São Paulo e um grande pedaço de céu. Me lembro que você gostava muito de adivinhar as figuras que as nuvens iam formando no céu, com o vento.

Agora, vou pedir uma porção de coisas a você:

1º) Escreva para mim uma carta grande, contando muita coisa de você. Eu quero saber de tudo o que você faz e pensa.

2º) Nesta carta, mande os nomes dos seus principais amigos, pois tenho um presente para eles; mas preciso dos nomes deles.

3º) Mande todas as fotografias que você puder. No meu quarto tem um lugar para cada pessoa colar seus retratos. Eu quero ter o maior número.

4º) Mande alguns cadernos velhos seus, para eu ler e guardar.

5º) Mande alguns desenhos seus, para eu decorar o nosso quarto aqui. Fiquei alegre de saber que você é poliglota. Eu também estou estudando inglês. Ouça este diálogo.

– *Who are you?*

– *I am Mister Nelson.*

– *Who is Mister Nelson's father?*

– *Mister Joel.*

– *Mister Joel. Do you like Mr. Nelson?*

– *Oh! Yes. I love much Mr. Nelson. He is my son, my lovely son.*

*Do you understand, Mr. Nelson?*²⁴³

(De Frei Betto²⁴⁴ para pais e irmãos)

Presídio Tiradentes, cela 17, 8 de março de 1972.

Queridos pais e manos,

Nosso abraço mais amigo ao papai pelo aniversário. Desejo sobretudo saúde e alegria a você. Acho que se a gente tiver essas duas coisas, o resto vem por acréscimo. No dia 19 estaremos pedindo a Deus que lhe dê aquela bênção (sem contar as que Ele já tem dado ao longo desses anos). Embora um pouco atrasado, vai

²⁴³ SANTOS, Joel Rufino dos. *Quando eu voltei, tive uma surpresa* (cartas para Nelson). Rio de Janeiro: Rocco, 2000, pp. 9-13.

²⁴⁴ Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo) (1944) – religioso mineiro.

meu abraço ao Henrique. Agora é hora de gravar os aniversários dos sobrinhos. Os do Nando eu sei que nasce – mas quando, quando certinho, não sei não. E olhe que eu andava por aí, quando nasceu o primeiro...

Agradecemos a tia Ninita e Tabé o leite em pó, o azeite (muito bom!); à I. Y., mais leite em pó e outros produtos Nestlé e o queijo; a vocês, a goiabada, os doces de abóbora, enfim, todo esse material de fácil e agradável consumo que nos tem sido enviado.

Aqui as coisas não vão bem. Mudaram todos os presos do pavilhão 1 para o 2. As celas daqui estão superlotadas (na nossa não puseram ninguém). Suspenderam a visita por 15 dias e o banho de sol por 8. Imaginem esse calor, as celas lotadas e sem o pessoal poder sair ao menos um pouco para o banho de sol. A razão de toda essa mudança, segundo dizem, é que vão entregar o presídio ao Exército. Não creio nisso, não há nenhum presídio do país nas mãos do Exército, que, apesar de tudo, procura evitar uma imagem policial. Acho que isso eles dizem para nos intimidar, já que temos protestado contra as péssimas condições carcerárias. Em qualquer penitenciária os presos passam boa parte do dia fora das celas, há campos de esporte, salas de estudo e oficinas. Aqui tudo é na cela. Isso depois de dois ou três anos torna-se insuportável. É fácil saber o que significa, basta você trancar-se num quarto, pôr um fogão e um sanitário lá dentro e deixar passar o tempo.

Às vezes ocorrem pequenas coisas que a gente só pode entender como provocação. Fizemos nossa grande cruz de couro para dar de presente ao padre Heitor (que foi proibido de entrar aqui e ameaçado de ser preso). Escrevemos nela: “Heitor, as grades que nos separam não diminuem nossa amizade nem reduzem nosso amor à justiça”. Ontem o diretor apreendeu essa cruz. O motivo? É o que quero saber e por isso desde ontem tento descer, para falar com ele. Mas tudo isso, pessoal, é um pequeno reflexo da situação do país.

Se isso ocorre conosco, imaginem o sofrimento dos presos comuns. O que se passa nas penitenciárias, nas delegacias, são coisas que nem mesmo um dramaturgo é capaz de imaginar, a menos que ele não seja normal e descreva seus personagens com requintes de perversidade.

Se vocês soubessem a vidinha tranqüila que têm, cantariam hinos de louvor diariamente. Em nossa família nunca nem ao menos soubemos o que é sofrimento humano, a humilhação, a miséria moral, o desespero – coisas que vim aprender aqui na cadeia, quando havia presos comuns e correcionais.

Em tudo isso, cada vez mais, apreendo o mistério redentor de Jesus Cristo. Era preciso um Deus que se fizesse o último dos homens; nascido num estábulo, perseguido pelos fariseus, dormindo à beira das estradas, cuspidos no rosto, coroado de espinhos e pregado numa cruz. Eu jamais poderia crer num Deus que não tivesse, ele próprio, sido o mais oprimido dos homens. Nem poderia ter uma fé que não tivesse como centro a Páscoa.

O Leo e a irmã Marguerite receberam as cartas que mandei?

A todos aí aquele abraço, especialmente ao papai, por quem rezo todos os dias.

Do filho e amigo.

447

Pois é Breno todos nós gostamos da sua letra contando os badados da viagem que acabou naquele bode e eu pensei que ainda bem que o anjo da guarda da família é forte e não desses anjos loque que ficam marcando por aí dando de banda por seus protegidos porque senão você se tinha estrebuchado naquela treta de viagem que perigou o Tadeu pois não é que nas agruras do tempo o Nando quase vispou na Barra da Tijuca num Citröen que capotou e virou folha e depois fui eu na porta do Minas com Toninho da Mata que acertamos um Chevro legal que tombou na hora e o nosso Hamer que era agüentado do pai dele mesmo ficou que nem massa de pastel na carretilha e mais tarde foi o Digo na porta do Sion que entrou de pirueta e só não cascou a nuca porque milagre também acontece quando a gente num pede e agora você quase marca essa e eu daqui rezo e peço pro Léo e o Tunico não entrem nessa fria pois hoje todo mundo anda muito louco que é aquele negócio de tirar um barato daqui e dali e o cara acha que bonito é disparar o carango e ter aquelas emoções todas e um dia acontece e é a caixa de osso toda partida e o cara apagado roxo que nem casca de cará e a mãe pondo a culpa no pai que emprestou a

máquina e o pai dizendo que foi a mãe que deixou ele ir mas o fato é que o Serviço Nacional do Trânsito não devia fundir a cuca com taxa de acidentes e índices de mortes pois afinal vivemos num país tropical cujo herói nacional de cara estampada em tudo quanto é jornal é o Emerson Fittipaldi e o babado é esse mesmo que a garotada aprende sem ter consciência porque se amanhã a massa glorificar um que todo dia bate na mãe o país inteiro entra na dele e ainda vão dizer que é uma curtição legal e é por isso que não dá pra entender eu preso aqui acusado de defender a violência enquanto o herói nacional é um loque que estimula a garotada a arriscar a vida toda hora ao som do ronco de um motor e o outro canta a trezentos por hora na estrada de Santos e quando na dobra da intimidade da casa da gente a televisão acende é só tiro que voa e soco e pontapé tudo regado a sangue que fertiliza a morte e se dois caras decidem esmurrar um a cara do outro em Nova York o fato é presenciado por todo o país via Embratel e depois quando a onda pega e os agentes funerários começam a faturar então é aquele desespero dos pais e das autoridades e dos psicólogos e sociólogos que vão analisar o fenômeno da delinquência juvenil ou da geração *pop* mas ninguém vai às causas porque suprimi-las é reduzir o lucro dos bancos que usam Fittipaldi e das casas de peças e acessórios para automóveis e dos lubrificantes que garantem ao consumidor tornar-se campeão da Fórmula 1 e outros babados berlinques e berloques porque quando dá dinheiro eles fabricam até bomba de napalm e revistas e objetos pornográficos e mais tarde choram porque a filha caçula não sabe explicar qual dos garotos da patota é o pai do bebê que vem aí ou por que o outro passou do cigarro pra erva e já vai estreando no pico mas a televisão continua e as corridas e o boxe e o cinema que mostram o quanto um homem pode ser tão animal e essa é a onda a chamar o cara de bicho e a mulher de pantera ou gata e todos acham tudo um sarro e não deixa de ser mesmo numa terra onde todo ano os bacanas e poderosos reúnem-se num hipódromo pra ver um bando de cavalos fazer voltas numa pista em busca do Grande Prêmio Brasil.

Breno, meu mano, você tem razão, a gente tem muito a dizer um ao outro. Graças a Deus (e isto não é uma mera expressão!) eu escapei, mas quantos da sua geração vão escapar? Escapei até

demais, tanto que agora estou aqui na cela 42 do 1º raio da penitenciária regional de Presidente Venceslau, em 24 de novembro de 1972, matriculado com o número 25.044 afixado em todas as minhas roupas de cama e no uniforme que uso. Não fumo, não bebo, não jogo, não tenho conta no banco, não possuo nada, nunca matei, nunca roubei, nunca quis mal a ninguém e nem fiz inimigos e no entanto estou encarcerado. Qual a razão então de tudo isso? É que num mundo de ódio e injustiças, desconfianças, medos e fingimentos, eles têm medo de quem é livre para amar. Eles me temem e eu acho graça nisso.

Dê o meu abraço aos teus companheiros de viagem. Aqui prosigo a minha, a caminho de uma libertação sempre maior que o Senhor me concede.

Afetuosamente²⁴⁵

(De Frei Betto para familiares)

449

Sábado, 13 de maio – dia da libertação dos escravos brasileiros.

Dormi muito bem esta noite. Apenas um pouco de frio, pois não nos deram agasalhos. Enviei uma reclamação ao diretor.

Não tenho fome. Bebo água pura continuamente. Vieram oferecer café e recusamos. Estamos dispostos a vencer esta luta ou morrer. Nunca encarei a morte com tanta tranqüilidade, como quem aguarda um passeio na eternidade. Sei que eles não nos deixarão morrer – não há condições políticas para “pagarem para ver”. Seria um preço muito alto, sobretudo devido à repercussão no exterior.

Nas mãos da repressão, encoraja-me pensar em muitos exemplos. Quem me vem à cabeça agora é o alemão Harro Schulze Boysen.

²⁴⁵ BETTO, Frei. *Cartas da prisão*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, pp. 31-33.



Às seis horas da manhã o carcereiro bate de porta em porta, até que o preso responda. Creio que é para certificar-se de que não morreu durante a noite.

Belo sol de maio pela manhã. Há tempos eu não olhava o céu como faço aqui. Ouvi um carcereiro dizer que vamos ficar tranca-dos na cela durante noventa dias. Até lá será outra vida... Geralmente, quando um preso chega à cadeia, fica na “prova”, ou seja, no isolamento, em cela forte, durante o mínimo de um mês. Aqui as celas fortes são fechadas, quase não entra luz do sol, não tem água, apenas um colchão no chão. Quando é trancado lá dentro, o preso fica nu e de cabeça raspada. Aos poucos ele vai tendo o direito de usar roupas. No fim da “prova” ele passa a integrar-se no sistema geral dos demais prisioneiros.

No alto-falante do pátio tocaram músicas modernas. Falei com Fernando e Ivo pela grade; ocupam celas contíguas à minha. Estão bem, conseguiram dormir e permanecem firmes na luta. Apenas Fernando ressentido a falta de cigarros.

A oração tem ocupado quase todo o meu tempo. Alegra-me viver na carne essa solidariedade aos famintos da terra. Pego ao Senhor que nos dê força e bastante coragem.

Se a vida terminasse aqui, a vida teria valido a pena.

Como todas as outras, esta penitenciária é apenas um depósito de presos. À guisa de reeducação há trabalhos manuais, escolas, SENAI, onde o preso tem condições de alfabetizar-se e adquirir uma qualificação profissional. Mas a filosofia que dirige tudo isso é aquela que predomina em nossa sociedade: a exacerbação do egoísmo. Como ensinar um homem a viver em sociedade se ele cumpre a sua pena fechado numa cela individual, tendo poucos contatos com os demais? Que tipo de honestidade ensinam a esses homens, senão aquela que se baseia na concorrência, no lucro, na venda de sua força de trabalho ou na compra do trabalho alheio? Embora a prisão devesse educar para a liberdade, o que se vê aqui, a cada passo, são grades, fechaduras e regulamentos restritivos. Tudo concorre para que o preso seja tratado como uma fera encerrada numa jaula.

À tarde, um funcionário passou de cela em cela lendo uma portaria do diretor-geral. Por infringirmos o regulamento da casa com nossa greve de fome (considerada sedição), ficaremos dez

dias trancados nas celas, sem direito a nada. O termo é “sem direito a nenhuma regalia”. Consideram “regalia” o mínimo de que o ser humano necessita para sobreviver com alguma dignidade: sol, banho, poder andar um pouco, ter livros etc. Acrescenta ainda que a pena “é leve”, levando em conta que não conhecíamos o regulamento carcerário.

A reclamação de agasalhos surtiu efeito, entregaram dois cobertores para cada um de nós. Recebemos cigarros, pasta dental, escova e sabonetes, que Frei Domingos deixou na portaria. Teresa também enviou cigarros. Como não fumo, mandei para o Mané Porfírio.

Vieram avisar que a advogada Eni Moreira esteve aqui e não pôde falar conosco, devido o adiantado da hora. Deve voltar na segunda-feira.

Soubemos que no Tiradentes os companheiros não tiveram visitas de seus familiares. Só oito companheiros receberam visitas. Os demais estão em greve de fome.

Cada um na janela de sua cela, cantamos em conjunto e proclamamos nome e número das celas ocupadas pelos 18 presos políticos que aqui se encontram. Outra notícia, que pode ser puro boato: segunda-feira, vêm mais nove.

O alto-falante fez a troca do dia pela noite, irradiando jogo de futebol. No fim da tarde tive um pouco de dor de cabeça. Fome, nenhuma. Rezei o terço.²⁴⁶

451

(De Frei Betto para pais e irmãos)

23 de julho de 1972.

Queridos pais e manos,

Ontem tivemos um dia movimentado. Visita dos pais do Ivo, das irmãs do Fernando (com quem hoje celebramos o sacrifício

²⁴⁶ *Idem*, pp. 43-45.



do Senhor, na cela 19), do pai do Politi, da mãe do Caixe e do Simas e da Eni.

Estavam todos apreensivos com a notícia de que vamos passar para o regime de presos comuns. Os advogados conversaram com o diretor, que lhes mostrou o ofício do diretor-geral do DIPE, que, em acordo com o juiz-militar, determina esta nova medida. Creio que já nesta semana seremos integrados como presos comuns, perdendo os direitos de “prisão especial” que a lei concede ao prisioneiro político. Passaremos a conviver com cerca de quatrocentos homens condenados pelos mais diversos delitos.

De um lado recebo com profundo espírito de fé esta oportunidade que terei de solidarizar-me na carne aos “condenados da terra”, tornando-me um deles, partilhando de seus problemas, desprovido de qualquer direito que me impeça de ser pobre com eles. Por outro lado, porém, sei da responsabilidade histórica que pesa sobre os nossos ombros, pois a conquista do direito de prisão especial para o preso político foi fruto de muita luta e de incontáveis sacrifícios. O futuro indagará quem foram os primeiros obrigados, no Brasil, a anular essa conquista consagrada hoje pelo direito internacional. Por isso, não será passivamente que aceitarei a aplicação dessa medida. No que estiver ao nosso alcance, tudo faremos para recuperar de fato os direitos que a lei e o costume nos garantem.

Papai gosta de fundamentar-se nos fatos da história e creio que este é altamente significativo. No dia 25 de julho de 1924 o advogado Justo Mendes de Moraes impetrou ordem de *habeas corpus* ao Supremo Tribunal Federal, pleiteando que fosse assegurada ao cidadão Eduardo Gomes a prisão especial a que tinha direito como militar e como acusado de crime político. O ministro Muniz Barreto votou contra, declarando que a respeito do réu “não se pode compreender maior temibilidade, maior perversidade, maior atuação criminosa. Este homem não há de ser glorificado”. O ministro Pedro Mibielli concedeu o *habeas corpus*, considerando que como preso político Eduardo Gomes não podia estar recolhido à casa de Correção. Foi aparteadado pelo ministro Muniz Barreto, que se dispunha a modificar seu voto, se houvesse prova de que Eduardo Gomes estava em cubículo destinado a réus de crimes comuns. Viveiros de Castro e Godofredo Cunha consideraram

insuficientes as provas de que o acusado estava misturado com presos comuns (Cf. Hélio Silva, *Sangue na areia de Copacabana*, Civilização Brasileira).

O Simas e a Eni ficaram de repetir a história, impetrando *habeas-corpus* ou outra medida cabível, junto ao STM. Não poderiam eles recorrer diretamente ao STF?

De qualquer maneira, a convivência com os presos comuns é um novo capítulo na movimentada história de nossa prisão.

Aproveitando uma ocasião em que estávamos todos desprevenidos, o STM votou o nosso recurso, confirmando as penas. Não tivemos oportunidade de defesa, assim como no julgamento em 1ª instância o juiz-militar não permitiu que fossem apresentadas nossas testemunhas de defesa, alegando “escassez de tempo”. Tudo isso reforça minha convicção de que só o julgamento de Deus e da História nos interessam, pois confio que esses nos absolverão.

Sei que no momento de integrar-me ao cárcere comum raspam os meus cabelos. Jamais, porém, cortarão minha cabeça.

A visita de mamãe aqui foi excelente. Todos gostaram demais de você, e eu fiquei gostando mais ainda. Faço votos que da próxima vez você não tenha que viajar tanto. Escrevi ao frei Domingos pedindo para ser ordenado diácono a 25 de agosto. Se for possível, quero cerimônia bem simples.

Foi rápida nossa recuperação do jejum. O Mané Porfírio é que ainda apresenta problemas, como inchação nas pernas e dificuldades de absorver certos alimentos. Vamos lutar para que seja concedida a ele dieta especial. Eu já passei ao “picadão”, excessivamente oleoso, como era a nossa comida na Casa de Detenção. Os companheiros têm ressentido muito o fato de aqui não servirem leite aos presos.

Hoje fui assistir ao culto batista. Não me apresentei ao pastor, de modo que fiquei perdido entre a centena de presos comuns que lá estavam. A orientação pastoral dele não coincide com a minha, embora anunciemos o mesmo Cristo, a mesma fé e o mesmo batismo. A certa altura ele disse que aqui dentro nós presos podemos estar melhor que lá fora. Jamais eu pediria a alguém para resignar-se com a falta de liberdade. Ela é um dom de Deus e a sua privação não pode ser consentida. Resignação no meu entender é lutar corajosamente contra o sofrimento, que é fruto do



pecado. É assumir o sofrimento para transfigurá-lo, nunca para suportá-lo como um bem em si. Todo sofrimento deve ser redentor, libertador, como o de Jesus Cristo.

Por isso, eu jamais pediria a um homem para conformar-se com a prisão.

Estou enviando esta carta por “via aérea – entrega rápida” para testar quanto tempo ela leva para chegar aí. Não se esqueçam de comunicar-me.

Hoje quero enviar um abraço muito especial a todas as pessoas amigas que têm freqüentado a nossa casa, apoiando minha família nesses momentos difíceis. A esses “anjos da guarda” meu muito obrigado e a certeza de minhas orações.

Para vocês de casa, um abraço na paz.²⁴⁷

(De Ana Cristina César²⁴⁸ para Cecília)

454

14 de maio de 1976.

Cecília, muito querida,

Ando com a tua foto, já rodou pelas mãos de Helô, Cacaso, Patrícia, Marilda, e até já falei com a tua mãe (com que casaco ela está? Com um comprido?). Me manda mais, e diz pra tua vizinha pra ela focar a tua cara linda. Dessa vez “atrasei minha correspondência”, deixei acumular; enquanto isso, chegava carta da Clara, de Brasília. Não escrevi logo porque me deu um enjôo do meu excesso de verbalização, das minhas tortuosidades – eu queria escrever claro, puro, sem circunlóquios, sem metalinguagens, sem arrepios & desvios. O que te soa galopante & solto (ou você está sendo eufemística?), pra mim é tortuoso & preso. Como “escrever puro” não se faz por programa, estou de volta à pena, praticando

²⁴⁷ *Idem*, pp. 82-84.

²⁴⁸ Ana Cristina César (1952-1983) – poetisa carioca.

correspondência outra vez. Sabe que eu ainda sinto como muito novo você falando de você, de dentro de você? Tem horas que não acredito que você esteja falando assim comigo, me vêm imagens do distanciamento dos tempos de monitoria, de Juan Guitart, e depois a aproximação tortuosa (ora! Não é uma questão de estilo!) e agora da distância real. No dia 29 de abril você estava me respondendo no teu *backyard*, gatinho em volta (eu adoro gatos). Hoje estou escrevendo noite adentro, ruídos de sexta-feira em Copacabana, apartamento silencioso. Eu sinto nostalgia de outra linguagem (já te disse isso) – queria escrever poemas longos, com versos longos e fluentes, como quem escreve carta – como o Pessoa, ou o Capinan de Anima (você conhece? Vai sair na antologia). Mas só consigo raros ritmos curtos, entrecortados, pontos e vírgulas a cada esquina. Queria te escrever com longos versos, ritmo fluente.

O meu medo me paralisa, sim. E tensiona os ombros e os pulmões. Verbalizo de pura paralisia.

Minha lente pula e fica brilhando sobre a mesa.

Acho difícil fazer ioga porque vai direto ao encontro das minhas dificuldades – não sei respirar, não sei relaxar. Se estou ansiosa perco a respiração e fico dura e torta. Às vezes em pleno relaxamento tenho medo de morrer. O Orlando é ótimo, paciente e carinhoso. Gosto de não haver absolutamente nenhuma competição: cada um faz no seu ritmo, no seu tempo, os seus exercícios. Ele me deu exercícios especiais para aumentar a capacidade respiratória. Que diferença do *ballet*! O *ballet* é muito mais interessante & vistoso mas lá eu já ia virando boa aluna & seduzindo a mestra. A oposição é bem oriental/ocidental, ascético, natural/competitivo, virtuosista. Mas nem me sinto nada dentro do espírito da ioga. Também não fui às reuniões e palestras que ele dá de vez em quando.

Meu pai chega, fala, transita pela casa, pigarreia (tem pigarro crônico), fica mexendo em jornais. Gostaria de estar mais completamente só.

Notícias noticiosas: meu pai foi convidado (e aceitou) para um posto de direção no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, por seis meses. Vai já e volta dentro de um mês para combinar quem vai, se pode ir etc. Nem penso no assunto. Não há dados



concretos ainda. Só se sabe que ele vai. Seria bom que minha mãe pudesse ir. Ela quer e já andou sondando licença do Estado. Não dá para especular mais.

Assinei o contrato com o Estado. Na hora de escolher escola, quem estava na minha frente pegou as duas únicas vagas na zona sul. Desisti na mesma hora. Saí me sentindo meio covarde – então não tenho peito de ir para Cascadura? – mas depois o bom senso prevaleceu. Mas não a determinação. Frente à minha ambigüidade minha mãe descolou um pistolão, que conseguiu anular minha desistência e parece que vai me colocar na zona sul. Aguardo preocupada com o possível excesso no horário e grilada com a *guidance* firme (sob capa vacilante – ou é o contrário?) de mamãe.

Ao mesmo tempo aparece um outro lado do ganhar dinheiro: Bráulio Pedroso me recomendou e agora estou dando aula para um galã de telenovela, o Marcos Paulo. É precário mas paga bem. Aí entram os conflitos: segurança menos remunerada x insegurança mais remunerada; profissionalização x amadorismo; estabilidade x bicos. Gostaria de poder transar o que Helô sugeriu ontem, na nossa reunião do grupo de estudos: ganhar dinheiro numa atividade completamente desligada da minha transa. O exemplo teórico dela: treinar cachorros de raça num canil de manhã e à tarde estudar, ler, escrever, essas coisas que a gente vive sonhando fazer. Quem sabe eu não viro tutora de astros da Globo pela manhã? Realmente não tem sentido trabalhar loucamente em colégios e faculdades para se sustentar, com a ilusão de estar trabalhando na sua própria paixão! Eu digo isso mas acho que não teria muito peito de ser *say* recepcionista ou telefonista ou maquiadora ou cabeleireira (mesmo sabendo que os cabeleireiros estão ganhando muito bem) ou treinadora de cães ou locutora (talvez locutora sim; mas não ganha bem). Como essa história é chata!

O grupo de estudos continua, muito devagar, com interrupções para viagens, festejos, doenças. Aconteceu que ligou mais a gente, tenho transado bastante com Helô. Estamos até pensando em passar na casa da tua mãe amanhã para ver se achamos *A origem do drama barroco alemão*, do Benjamin, que Helô precisa e nós resolvemos estudar as duas. Consta na cidade que você é a única pessoa que tem em italiano (o Costa Lima tem em alemão). Ou está contigo aí? Dona Estela procurou e não achou.

Semana passada não nos reunimos porque era lançamento de outro livro do Charles no Parque Lage, junto com “recital” de poemas, porra-louquice, uivos e até *stript-tease*. O grupo de poetas porra-loucas se esparrama pela cidade. Já conseguiram atrair carroções, que impediram o recital em Niterói. Na PUC agrediram o Affonso. Hoje vem no jornal que o *Almanaque Biotônico*, publicação deles (o grupo se chama Nuvem Cigana, e no carro-chefe vem Charles, Chacal e Bernardo), foi apreendido por ordem do ministro da Justiça. Outro dia teve um encontro (pacato) de poetas na Casa do Estudante; onde esse pessoal foi imprensado pelos poetas fudidos, mulatos, do subúrbio, que esses sim se consideram verdadeiros opositores do regime, tanto no verso quanto na posição de classe. Criou-se desconfortável contradição: poetas de Ipanema x poetas do subúrbio. Quem não se incluía tentava segurar a discussão, que se perdia em agressões. Chico Alvim estava, e falou, e depois fomos para os bares do Leblon. Cacaso não abriu a boca, mas ouvia de olhos bem abertos. É engraçado estar participando ao vivo da “história literária” (pretensão?). Helô está com medo que a antologia seja também apreendida. O bobo do Juan já devia ter publicado há muito tempo. Enquanto isso vamos lendo Antônio Cândido.

Devem-te soar distantes estas fofocas!

Me conta como foi o TOEFL. Sei que é um teste misterioso, do qual nunca se sabe nada até o momento. Já quase fui fazer, quando pensei em manchar *applicattions* para universidades daí. As dificuldades com a língua acho que sempre passam pela nossa cabeça perfeccionista. Aposto que os americanos acham que você fala otimamente.

Acho que estou fazendo uma tentativa de aterrizar (dúvida ortográfica), de abdicar da minha obsessão de falar sempre dos conteúdos latentes, do que está por trás – é um desejo bobo, um jeito de afastar as pessoas. Substituo a interpretação pelo envolvimento (não é verdade – eu tento fazer isso). Reparei ultimamente na minha obsessão em “questionar” Cacaso, “questionar” Helô, falar “verdades”, “desmascarar” situações. Na última sessão do grupo (!) de estudo eu de repente parei e comecei a desfiar esse tipo de denúncia. Mas desbundeiquei quase que imediatamente. Percebo que não tem sentido essa atitude apriorística de



melancólica “radicalidade”. Vou me acalmando. Imagine só que até de porre eu, em vez de brincar e dizer bobagem, me sinto impelida a “Dizer”. Essa história é antiga, mas agora é que me dou conta. Antes eu ainda me dizia que era importante falar certas coisas para as pessoas. Não nego isso, mas agora sei que eu me coloco isso como “programa”, como obsessivo projeto – psicanalizar o mundo...

Ana Cândida me escreve sempre e está muito nova, está irreconhecível, não parece em nada com a velha imagem de virgem e menininha. Às vezes fica difícil escrever porque o dado novo tem de ser incorporado por intermédio de correspondência. E a tendência é se fixar no antigo relacionamento, referir-se sempre à antiga transa. Também sinto que ela está sofrendo um processo violento de mudança (embora sem “Sofrer”, parece, ao contrário, muito bem e feliz), e que com isso fica impaciente com as velhas ligações, as repetições, os esquemas conhecidos. Tenho medo da volta dela para o Brasil – me lembro da minha volta, marcada por um contraste incrível: euforia européia/depressão brasileira.

458

Vilma está para parir a qualquer momento. Nos vemos pouco. A última vez foi no aniversário da Patrícia, comemorando com muita bulha e rebuliço. Fazia um ano da nossa transa e da prisão do Fausto. As coisas entre nós parece que se quebraram, foram se rompendo discretamente desde o lance todo com o Fausto. Tenho vontade de ir lá, levar presentes para o neném, e ao mesmo tempo uma certa timidez, um sentimento de que não tenho muito direito. Queria muito te ver, falar contigo, olhar pra tua cara! Tua mãe diz que vocês adiam sempre uma vinda. Eu entendo esse adiamento – deve ser chata a perspectiva de rever as pessoas com suas solicitações & carências & velados pedidos. Ou não é isso? Talvez não, porque se você viesse ao Brasil, era uma outra história. Estou especulando sem muito propósito. Mas tenho saudade sim senhora. Reli esta página e achei engraçada a passagem do neném para as saudades. Bastaria um deslize e eu estaria escorregando para o interpretismo. Estou agora ligeiramente irritada com a família em volta, borboleteando e solicitando. Vovó quer saber se eu vou lá almoçar. Vovó é forte, onipresente, todo-poderosa. Novamente a vontade de estar tranqüilamente só. A família é muito aflita. São relações muito aflitas demais. Acho que na especulação sobre a

tua vinda eu estava falando mais era sobre mim. Me irritam os passos no corredor, o banheiro se trancando, a hora do almoço, as viscosidades. Marilda alugou um conjugado, vai se mudar um dia desses.

Cecília, gosto muito de você, você sabe, não é? Muitos beijos, muitas saudades. Esperando fotos da primavera (sei que o outono em Washington é incrivelmente vermelho), incluindo os gatinhos no quintal.²⁴⁹

(De Ana Cristina César para Cecília)

Domingo, 22 de agosto de 1976.

Cecil, querida,

Fui acordada ontem pela tua carta, que minha mãe atirou em cima dos meus desfeitos e preguiçosos lençóis. Também já andava *wondering* com a demora. Já não me lembro mais qual era a minha preocupação estilística que você por sorte *dismissed*, mas não importa. Engraçado que na véspera liguei para dona Estela e pedi notícias tuas, disse que estava às voltas com o silêncio. Ela, acho que gosta de mim, me convida pra ir lá, cheguei a ir umas duas vezes e foi legal, *there is something very trustworthy about her; I like her* (não corresponde à imagem que eu tinha).

459

Ela me disse que vocês fazem trinta juntos! E também que a volta é via Europa, achei ótimo. Não sei se você tem acompanhado o noticiário sobre o Brasil, mas tudo indica que estamos por pouco de uma virada para a extrema-direita – pronunciamentos fascitóides de José Bonifácio, bombas na ABI e na OAB (sem vítimas), véspera de eleições municipais onde o MDB não pode ganhar.

²⁴⁹ CÉSAR, Ana Cristina. *Correspondência incompleta*. Organização de Armando Freitas Filho e Heloísa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, pp. 95-100.



São só indícios e rumores, mas dá a impressão que o Geisel está sem poder nenhum. Resta ver. Por tudo isso acho imprescindível vocês se demorarem o máximo que puderem (ou o Gelson tem data certa para Brasília?). Sem querer te aumentar os conflitos quanto à volta, as incertezas e tal... Mas porra, está uma barra este continente daqui, nunca se viu a direita tão por cima por toda a parte. Atualmente faz até sentido você apoiar o Geisel (como faz o Carlos Castelo Branco), porque há uma linha muito mais dura com o pé em cima. As bombas foram distribuídas juntamente com panfletos de organização anticomunista, mas Zé Bonifácio as atribuiu aos comunistas. Ele parece um idiota, mas como o Castelo disse, não se trata do bobo da corte mas do porta-voz de grupos poderosos.

Essa ameaça de radicalização, no cenário político, e a iminente guerra entre índios e posseiros que tomam suas terras, sei lá em quantos outros cenários, são lances terríveis, dá um engulho ler o jornal e se sentir inútil. Fausto teve sua última audiência de defesa, onde Prudente de Moraes Neto falou, mas o julgamento parece que só vai sair depois das eleições, o que é uma *bad*, porque será então que a coisa vai se definir. Vilma está louca pra sair. Sem possibilidades. Afonso Romano saiu da direção de letras e entregou a Lilian. Os *vernissages* florescem à sombra dos bolinhos de bacalhau. Aí chega o teu recorte (que circulou aqui) dando a sensação que talvez se possa fazer mais pelo país fora dele, ou então que dentro da Igreja há mais suporte. O que não é lá muito verdadeiro, porque os padres e bispos também têm sido perseguidos. Impossível deixar de respeitar católicos como dom Hélder e Tristão, ou jornalistas “moderados” como o Castelo, que não esmorecem, não param.

Estou traçando um retrato pessimista? É que eu tenho a impressão que você deve ter dado uma boa respirada aí, talvez até uma desligada saudável, e eu tenho horror do “desbunde da volta”, *if you see what I mean*. Por outra estou me abrindo de uma maneira diferente (e não como em 68) para as questões políticas. É impossível não pensar nelas, fico emocionada sempre que leio o nosso cocô jornal, e é também um antídoto importante contra a “vida literária”, que é a coisa mais chata e perigosa que existe: os encontros em noites de autógrafos, “o que que você tem escrito, já publicou?”, as intermináveis polêmicas sobre a antologia, a

inclusão num grupo de “escritores” (boto entre aspas para dar a entender que se trata daquela aura que o artista se atribui, é tão fácil cair nisto).

O meu tom saturado vem direto de uma noite de autógrafos recente, no Caiçaras, onde encontrei Affonso (puxando o meu saco e o do Eudoro porque soube da repercussão negativa do artigo dele na *Veja*), Silviano (com discursos teóricos), Wilson (“vamos lançar um movimento literário de base materialista”), Pedro Paulo, editor da *Imago*, Vilaça *et caterva*. Eu acho bom eu perder o saco. Fico dura e querendo preservar minha imagem de incluída, meu corpo dói. Aliás não tem melhor teste: quando o ar está irrespirável, o corpo dói, ou fica enrijecido, ou sem jeito, ou ressentido. É uma coisa tão física, tão material, e que eu tenho agüentado durante muito tempo, que violência. Com a Heloísa pinta também essa rigidez nos nervos, mas aí é muito mais complicado, não consigo reagir direito, me comporto um pouco como uma espécie de súdita que agüenta deleitada as patranhas da sua rainha – fica claro que aí o grilo é muito mais meu, se bem que a Heloísa tenha um jeito indiferente muito chato.

461

Também fiquei impressionadíssima com a reportagem sobre o Black Rio, achei muito bem-feita e me despertou pra uma coisa que eu desconhecia totalmente.

Para quando é a vinda pra capital? Concordo que é difícil, mas talvez no grilante campo profissional as coisas sejam muito melhores do que no Rio. Clara está trabalhando num projeto sobre modernismo com verbas e ótimo salário. Você poderia transar com ela, o que poderia significar uma opção para a vida acadêmica. Mas mesmo essa parece interessante: a UNB paga muitíssimo bem. Há uma semana ofereceram cadeira de literatura pro Eudoro (que já trabalhou lá, mas acabou desistindo de universidade por problemas políticos). O pai dele, catedrático, tira 40 mil por mês. Calculo que um professor (e você poderia transar de dar aula na pós-graduação) possa tirar no mínimo 8 ou 10 mil com poucas horas de aula e muitas horas de estudo. Estou escrevendo um pouco na base de informações vagas, mas acho que é mais ou menos por aí. E é claro, os “conhecimentos” são fundamentais.

Puxei pro lado objetivo questões muito subjetivas sobre a tua ida pra lá, mas eu também senti que o arranjo profissional vai ser



da maior importância pra você, que já aqui no Rio estava preocupada com o assunto. Mas eu também sinto que a ida pro interior do país é uma boa – o Rio está inabitável, fora as outras (Drummond publicou recentemente um poema contra Belo Horizonte, jurando nunca mais voltar lá, que tem provocado as maiores confusões, foi até distribuído nas ruas de lá) – nestes sete meses, então, eu acho que piorou mais que nunca. Estou decidida a ir pra Campinas mesmo, mas infelizmente as inscrições só abrem mais pro fim do ano, o que me deixa incerta e insegura e puta com esta cidade e os esquemas de trabalho e aulas sem o menor sentido no Estado (*I am a girl and you are a boy*, vinte, trinta vezes, e 1.900,00 no fim do mês).

Antologia (vou tentar deixar de lado a minha meio neurótica meio saudável irritação com a vida literária): tem feito furor, artigos por toda a parte, entrevistas, fotos. Estou guardando o que posso, depois te mostro que há coisas engraçadas.

Não fica mais esquisito ainda? “Arpejos” é um dos poucos textos meus que eu gosto, não abro mão. É tudo “estritamente real”, *Antonia* são poemas de Bandeira citados, e você sabe a história. Aliás ando fascinada com o “estritamente real” – diários, cartas, biografias, Sussekind –, queria, se eu pudesse, trabalhar neste sentido. Leio com fascínio a biografia de Virgínia Woolf que Ana Cândida me mandou, escrita por um sobrinho dela, Quentin Bell – é um livro belíssimo e interessantíssimo, vale a pena, e tem essa qualidade que eu ando desejando, contra minhas garras formalistas – a despreensão literária (que pode acabar dando em literatura). Descobri também o gênero biográfico, que eu nunca tinha lido. Na casa nova da Marilda (um apartamentinho conjugado muito bem transadinho) descobri um livro que estou a desejar, vê se você encontra: *Revelations: Diaries of Women*, ed. Mary Jane Moffat e Charlotte Painter, Vintage Books, Randhom House, *New York*.

Estou meio sem saber o que pensar nem o que sentir: E. deu um sumiço de quatro dias sem a menor notícia, telefonei e não achei, cheguei até a ligar para amigos dele. Ontem soube por Helô que ele tinha ido ao jogo no Maracanã, e resolvi não procurar mais. Acho que perdi um namoradinho. Como diz a Patrícia, “não acredito muito em namoros em cima de separação” – ele era casado há oito anos e quando começou a sair comigo ainda não tinha

consumado a separação. Fim de semana passado estive em Brasília onde comemorou o 33º aniversário com a família, a filha, e, é claro, viu a mulher. Falou pouco, tive que espremer qualquer palavra. Cito um poema dele, retrato perfeito:

*Trinta anos presumíveis
Nervos e roupas fora do lugar. Tosse,
cabelo ainda farto, um tanto avesso
à fala: os gestos pouco circulam,
e as palavras, um risco no ar.*

Minto: não é um “retrato” perfeito, é a atmosfera perfeita. Porra, peguei o livro dele para copiar o poema e fui olhar o retratinho, senti uma tristezazinha... Talvez ele pinte. Não é esquisito que os meus três últimos namorados todos tenham de repente sumido? (ele, Lui, Adrian). Deve ter qualquer coisa como uma impaciência, uma exigência, uma discreta falta de tato minha que afugenta. Ou não é isso? Tenho que reconhecer que o E. está passando por uma barra pesada. E que eu entrei a princípio levemente, mas é impossível (você não acha, Cecília?) ir levando levemente para sempre, às vezes é necessário pesar (nos dois sentidos – medir e fazer peso). Nossa última noite juntos eu “pesei”: mencionei que me gritava ele acabar de transar comigo e imediatamente sair pra outra, acender o cigarro, rodar pela casa, comer chocolate, tomar remédio, enfim, dar um corte após a própria satisfação. Eu estava protestando um pouco contra aquela velha história de que o que importa é a satisfação do homem, a da mulher realmente é secundária – se acontecer, aconteceu. Não digo que ele estava nessa, provavelmente ele estava é com muita dificuldade de transar com uma outra mulher. Eu levantei a discussão e ele ficou acuado, impaciente, avesso, triste – talvez tenha sido uma falta de sensibilidade minha em relação a ele: exigir a minha satisfação sexual quando ele mal podia... O quê? Meu analista foi por esse caminho. Patrícia perguntou: “Mas afinal, você está fazendo política ou namorando?” A política do namoro?

Meu desejo era por um tempo pelo menos conseguir transar levemente, vários homens até, ou um de vez em quando, sem envolvimento. Gostaria que a necessidade de aprofundamento fosse



pintando naturalmente, imperceptivelmente, sem que eu exigisse nada *a priori*. Como não questionar? Há momentos em que questionar é um desastre, sem dúvida, mas como saber? Ai, ai.

A passagem por Búzios foi jóia, tempo lindíssimo, exploramos várias praias e caminhos lindos. Por trás a discreta figura do triângulo; fui com o E. e um amigo dele. Depois o E. reclamou que eu joguei charme pro amigo. Neguei na hora mas depois vi que foi covardia minha ter negado. Que complicação. A casa da Helô tinha sido assaltada. Vi uma banda passar, o som veio vindo, melancólico, meio fúnebre, entre a gente e o mar onde o sol se punha. Foi passando, atrás de uma procissão da padroeira local. Sant'Ana. Fiquei arrepiada. "Mas as coisas findas..." Ai, Cecília, tem que dar tempo de você ficar um pouquinho no Rio, vamos a Búzios também, podemos ficar *chez* Helô e comer lagostas para comemorar (tanta coisa!). Esta carta vai chegar perto dos teus trinta, que parece um número mágico, *let me know if you will be at home at night on the 7th*. Beijos pro Gelson também no 6. Porra! Essa tinha que ser uma festa de arromba, e eu queria estar também... Esse ano não vou só de cachecol, vou inteira com as tuas cores. Me conta como vocês celebraram. E a caixinha de surpresas?

Abri por acaso o livro do E. e eis que pinta um poema que ele fez pra mim (*so he says*). Ai, ai.

Cecília, minha querida, saudades muitas.

Beijos da tua

Ana

25 de maio de 1976.

Dia seguinte.

Na ida pra análise comprei uma edição Penguin de *Death in Venice*, com foto do filme na capa. Vontade de ficar lendo e desistir desta quarta-feira, dia ininterrupto com análise-ioga-PUC-Estado, tudo engatilhado. Preciso cortar o cabelo, que se esfiapa, não agüenta longos comprimentos. A vizinha deixou um passarinho aqui porque dedetizava. Ai que carinho pelos bichinhos. Volto a pedir o texto da Clara – o curso chega ao fim, é hora de redigir coisas. Pretendo

plagiar muito a Clara. Não vou escrever mais, quero mandar logo. A Julieta (a de dez meses) derramou queijo em creme na minha tradução durante a viagem, que foi turbulenta no final. Nem sei como está. Acho que endureceu tudo. Que porcaria.

Venha ao Rio outra vez urgente! Gelson, um beijo. Bem que você podia *drop me a line one day*.

Beijos, querida.

Ana²⁵⁰

(De Ana Cristina César para Cecil)

8 de dezembro de 1976.

Acordei às 6:30h com acesso de tosse e fui ler o jornal. A foto de primeira página é um caixão de Jango coberto com a palavra ANISTIA. O governo proibiu que o enterro fosse no Rio ou em Porto Alegre, mas 30 mil pessoas se juntaram em São Borja, cidade dele e do Getúlio, e manifestaram – carregaram o caixão, levantaram faixas e gritaram liberdade. O governo proibiu qualquer detalhe sobre a vida dele no rádio e TV. O *Jornal nacional* foi vergonhoso: cinco minutos para o Corinthians e uma frase seca sobre o sepultamento, dando local e hora. Jango era um dos grandes proprietários de terra do país. Taí um “momento de mobilização” em que vale tudo, vale apoiar, eu acho que nem é calculismo, chega à emoção. Li ávida as cronologias e retrospectos do período 61-64; me lembro da revolução e do período anterior que também transformou a família e o colégio. Fotos do comício da Central. O que não pode funcionar é esse populismo diário, programa para as artes e as ciências, ou as alianças com os simpatizantes em manobras de silêncio – todos jogos num vazio, numa suposição, num espectro de mobilização. A suposta frente ampla vira um suporte autoritário para calar a crítica. O difícil é saber quando a

465

²⁵⁰ *Idem*, pp. 121-127.

frente ampla faz sentido. Criticar o populismo do grande proprietário pode ser um furo agora. Acho que é. É um zelo ridículo, um purismo religioso. Mas acreditar que o populismo ainda tem futuro, acreditar nele e batalhar por ele já são outros quinhentos. Quero estudar história do Brasil urgentemente. Vou fazer um grupo de estudo sobre ideologia e queria agitar outro de história (república).

A participação política é emocionante. Te arranca da mortalidade individual e das mesquinhas depressões e medos de abandono. (Penso aqui numa indispensável emoção na política, e não no moralismo esquerdista que já ouvi muito: você está desfechando tiros no peito porque não está participando politicamente de nada. Ora essa.) Realmente, o povo em *Gota d'água* é “massa de manobra”. Você vai ver em janeiro.

Acho que pra gente irremediavelmente intelectual, só resta a decência de estudar essas coisas. Mesmo que seja um estudo disperso, vadio, meio intuitivo (pois “intuo” que o populismo não tem a ver agora, e que o nacionalismo é uma falácia) (mas não me agrada ficar na intuição).

Estou na sala de espera do meu velho médico homeopata. Acabo de voltar do *JB*, onde fui tentar receber (não consegui, só pagam às sextas) e falar com o editor do “Suplemento do livro”. Ele acabou por me devolver o artigo que fiz sobre o Abel Silva, depois de muito papo e muita relutância em mostrar o artigo todo “corrigido”. Que eu refizesse o texto eliminando o tom pessoal. Não há um tom pessoal, argumentei e provei. Me senti tranqüila com ele, achei que não valia a pena criar caso. Talvez eu refaça. Vou guardar o texto corrigido (que quase tive de arrancar dele) como documento. O prédio do *JB* parece uma fortaleza moderna. (Em cada andar é preciso apresentar papeleta assinadíssima por todos que te vêem, com hora da chegada e da saída.) Voltei de carona com um ex-jornalista (Nilo...) que era de esquerda e agora virou industrial, importa e exporta, vende armas. “Entrei pro PC... Partido dos Cínicos. Mas vocês jovens não devem falar com gente como eu. Conserve suas ilusões, minha cara!...” (Eu não tinha dito nada.)

Vivendo e aprendendo.

Homeopaticamente.²⁵¹

²⁵¹ *Idem*, pp. 247-248.

(De Ana Cristina César)

Pedra Sonora, 21 de maio de 77.

Fiquei mortificada com o extravio da carta de 15 páginas, ainda mais que a demora me desanimou, chegou o bilhete do meu pai e não pra mim, ora bolas. Vê se faz um olé por cima desse branco, se não eu fico presumindo, ora que merda de correio. Estava talvez gorda demais para o envelope? Parece implicância conosco. A insinuação da dedicatória no artiguinho do *JB* veio nesse clima, como que pedindo carta, realmente não tem nada a ver. Já a sinceridade me interessa, aliás, é velho interesse que ficou forte com a biografia da Virgínia Woolf, e agora tem um curso do Silviano sobre memorialismo. Lemos interessantes memórias de Osvald e José Lins do Rego, mas realmente não consigo suportar bem *la université*, tenho vontade de falar de gripe e moda e bebês e TV e *Dois vidas* (muito emocionante e folhetinesca) no meio da aula, quando ele diz que tem sentido um problema muito grave, nós não estamos formalizando bem as nossas questões. Não é que ele não tenha razão. É que já não consigo que me digam: formalize isto aí e exiba pra platéia, sem nenhuma perspectiva pragmática, dentro de todo o purismo carreirista que está implícito muito especialmente na pós-graduação, lugar não de pesquisa empenhada como deveria ser, mas de reprodução de discursos de carreira. Contudo, não tenho mais um desespero frontal. As questões objetivas não foram ainda resolvidas. Mandamos abaixo-assinado de Letras e Psicologia para Brasília, Capes, CNPq, sei lá que mais. Até segunda ordem não se paga. Em última instância vou chorar junto ao vice-reitor por uma gratuidade individual (a gratuidade coletiva foi descartada, embora ele concordasse em adiar a cobrança). Aguardemos.

Quanto às dúvidas da transparência do eu: não tem a menor importância *as far as relationship, friendship go*. É ridículo pressupor a existência do inconsciente *partout*. Há que transá-lo pra depois esquecer a sua existência teórica, *if you see what I mean*. *Your dancing – wonderful*. Pela carta parece que você não faz outra coisa. Tenho vontade, a ioga não dá nenhuma emoção, pelo contrário, mas a experiência com a Moema ainda incomoda um



pouco – a *professorzisse* dela, com fixação em certas atitudes de aluno. Minto, não me incomoda mais não, estou inventando. Eu e Tânia fazemos planos constantes de ir ver como é o Dezneq (?). Você afinal transou alguma coisa definitiva em relação ao mestrado? (Pergunta da carta perdida.)

Estou em Pedra Sonora com Nieta e Cláudia e filhinha da Cláudia, Julieta, de dez meses. As duas colegas, você chegou a conhecer.

Está calmo, muito gelado. Cláudia não pára o dia inteiro com a Julieta, é uma exigência constante, gosto muito de fazer de mamãe assim assim, mas essa constância é absorvente demais. Vim pra cá depois de uma fase (acho que ainda estou e que é violenta) de falta de homem, e falta de certa gana objetiva. Patinho e Montenegro cruzam na minha frente, tenho saído com os dois aqui e ali. Houve uma transa eventual e não muito animadora (ele passou mal no meio, com bode de fumo) com o Júlio, e depois era como se não tivéssemos transado, recomeçou o clima de paquera-recuo. Fomos juntos às manifestações na PUC. Você sabe que o país está começando a se sacudir, há manifestações pelo menos estudantis nas capitais, apoio escrito de professores, MDB, mães de presos... A princípio foi o reencontro com a novidade – imagine os pilotis com cinco vezes mais gente do que na assembléia que você viu, faixas liberais por toda parte, palavras de ordem, liturgia pelos presos. Mas logo fica repetido e sem saída. Quinta houve outra assembléia regional onde por cinco horas se discutiu se era pra sair às ruas ou não. Aparato policial numeroso, mas estacionado. Decidiu-se por não sair, enquanto todas as outras capitais estavam já nas ruas. Houve denúncias que o movimento estava se burocratizando, afloraram as contradições que os mais inflamados tentavam calar: não é hora de divisões! Não votei: não sentia clareza em relação ao alcance desse movimento, só sei que é sintoma de abertura, o governo vem à TV fazer ameaças ou apelos aos filhinhos universitários. Impressão de que estudante não aprende, grita o povo unido jamais será vencido, pressupõe como auto-evidente a identidade entre estudante e operário, é automática, basta pronunciá-la para produzi-la. Mal ou bem estou lá, me cagando de medo da hora que se for pra rua, há uma tal de bomba de efeito moral que ao explodir descontrola os nervos, o

aparelho urinário e o digestivo, é um Deus nos acuda. Sentar junto do Montenegro é engraçado, ele goza muito, assume as posições mais radicais sem seriedades, e eu ainda desejo que ali no chão as pernas se encostem, me esquivo porque ele se esquiva, ora faço charme ora fico acabrunhada e tão mais importante era agora me deitar aqui do que levantar os punhos com olhos flamejantes.

Verdade óbvia: a falta de homem é, nas circunstâncias, perfeitamente natural. Tenho tido melancolias que cegam, gênero: nada mais me importa, *tout ce que je veux c'est un homme*. Desejo disperso, que não concentro bem em ninguém. Acho o Montenegro frio.

Fui ver *Katharina Blum* com P. O caricatural é o mais interessante mesmo. Não gostei tanto porque achei que descambou no final (podia perfeitamente ter terminado com ela chegando à casa de campo-esconderijo) para Claude Lelouch, aquele encontro na prisão é lamentável. Lembra *A noiva estava de preto*, do Truffaut? Há um encontro assim na prisão, mas a noiva mata quem encontra – é o desfecho da história policial, surpreendente, golpe de mestre. Também achei pena estar dublado em inglês – eu detesto dublagem. O mais legal são mesmo os personagens, as interpretações em detalhe. Eu fico de olho no P., mas nossos contatos prosseguem assexuados. Fomos ver ainda o show do Macalé – porra, é incrível a decadência dele. Está repetido, chato, mas especialmente babaca. Comanda a platéia urrando palavrões, “pra medir o nível de desrepressão de cada estado”. Fiquei desapontada. Vou me lembrar com mais carinho ainda do primeiro Macalé. Ele ainda canta muito bem.

Fui ver com o M. um filme polonês gênero alegoria violenta, sangue demais, sério demais. Eu tremia de tesão quando a gente se roçava no cinema. Mas fiquei esperando a iniciativa reduplicada, com pudor, sentindo a frieza dele. Escrevi um texto erótico. O filme se apagava da minha frente, *all I need...*

Te pedia pra repetir as traduções do Hite Report, mais:

- 1) “*I like to scratch my hair to get the kinks out*”
- 2) “*Flat of hand sideways across the entire mons area*”
- 3) “*I usually have a dildo at hand*”

Continua a ser bom traduzir, estou batendo depressa e sem literalismos. Mas haja masturbação! Siririca que não acaba mais (é o maior capítulo do livro).

C. se recuperou bem do aborto, mas desbundou bastante. Nos telefonamos e nos escrevemos muito em cima do lance. O G. me parece muito legal, sólido, ali perto, junto. Cláudia aqui diz que está louca para arranjar um namorado *for the sake of her relationship with her husband*. Há que variar para perdurar, pondera. Julieta continua absorvendo. Não há grandes emoções nem curiosidades nem hilaridades entre nós, apenas uma cálida simpatia e a solidariedade caseira de três mulheres viajando juntas. Ontem nos divertimos bebendo vinho *rosé* e falando de homens variados. Julieta, como todo bebê que se preza, é o centro absoluto.

Meu pai, cioso de informalidade, manda resposta. Ele começa com catarata, em marcha pros 60.

Fausto Cupertino foi julgado e está cumprindo pena de seis meses, que, descontados os que já estive lá, se reduzem para quatro. Vilma aliviada vai comemorar um ano do filho na prisão. Já te contei isso, acho. Tua resenha sobre o livro dela deve sair em junho, na próxima *José*, que só agora soltou outro número, que te mando com meu conto e desenho da Tânia. Cheguei à conclusão que a paginação, a cara toda da revista, é tão careta que enfraquece o material. Veja como as poesias estão aboletadas. Achei que a minha página era a única que prestava, era a única visualmente interessante, e que se perdia um pouco ali. A revista que estamos transando pretende ter uma parte gráfica tão forte e crítica quanto a parte de texto, ou pelo menos uma integrada com a outra, sem repetir mas atuando também. Como disse o Waltércio Caldas, um cara muito legal e engraçado, nada que é publicado passa imune e direto para o leitor, mas é modificado pela forma e cara de circulação. Recebi a *Colóquio* de Lisboa com o meu artigo, exemplarmente limpo e chique. Julieta, ai meu saco, pára de CHORAR!

*Love*²⁵²

²⁵² *Idem*, pp. 249-253.

(De Caio Fernando Abreu para Maria Adelaide Amaral)

Rio, 21 de setembro 1983.

Levinha,

Parece mentira, mas só hoje, mais de duas semanas chegado aqui, encontro uma folguinha pra te escrever, quase onze da manhã de um dia cinza & molhado (não existe cidade pior no Brasil que o Rio de Janeiro sem sol). Estou irritado e dispersivo, uma quadratura Sol/Urano, que sempre me pega de jeito, mas nada de grave.

Fiquei espantado com a tua carta. Deus, eu não podia imaginar que você tinha passado por isso – um seqüestro! Tipo filme B americano, assustador e ruim. Já passou, já passou – toda vez que repito isso lembro daquele final do *Last picture show*, do Bodganovich, a mulher passando a mão na cabeça do rapaz, o vento soprando, a cidade deserta, ela repetindo “*it’s all right now, it’s all right now*”. O que posso dizer é que também não entendo. E que estou aqui, agora ou seqüência, quando você precisar.

Minha vida tá em compasso de espera: espera do livro novo, saindo dentro de um mês, no máximo – deve ser mais ou menos o que você sente antes de uma estréia. Penso sempre que as *strip-teasers* devem sentir algo semelhante antes de arrancar a primeira peça. Meu medo ficou mais forte agora e corri a colocar *O grande circo místico*, sempre me acalma. Qualquer forma, minha parte já está feita. Levinha, é o melhor deles. Custou tanto, foi tão difícil escrevê-lo. Houve uma época, na altura do Carnaval, em que fiquei tão tomado por uma personagem (Pérsio), que tomei três caixas de barbitúricos de Jacqueline. Dormi três dias, e não me lembro sequer de tê-las tomado. Eu fazia o possível para não escrever, aí começava e não conseguia parar. Foi um processo louco, ainda estou em recuperação.

Aqui tá esquisito. Na verdade, não gosto do Rio. Este canto é bom: pela janela aberta, agora, vejo a poucos metros uma mangueira enorme, carregadinha, depois um pequeno abismo e um mar de telhados, uma selvinha cheia de bananeiras e coqueiros,



supertrópico, muito ao fundo a silhueta das montanhas de Niterói. Pombas, passarinhas, borboletinhas. Samambaias. Isso me vitaliza muito. Ando lendo montes de astrologia, ontem ainda lia outro livro do Stephen Arroyo (aquele mesmo que você me trouxe de Portugal), onde ele diz que você se vitaliza exatamente com o elemento do signo onde está o teu Sol. Para mim é a Terra. Super Scarlet O'Hara.

Mas a cidade, ah a cidade, que miséria. Um favelão. Detestei São Paulo também nos dias que passei aí. Achei pobre e barulhenta, todas as pessoas que cruzei só falavam em cocaína. E como falam. Dirigem a mil por esse trânsito infernal e falam falam falam. Invivível. Aqui em cima do morro fico em retiro quase absoluto. Quando vou à cidade, volto irritado. Silêncio, ando obcecado por silêncio. Um silêncio que te permita ouvir o ruído do vento. E o bater do coração. E se possível isso que chamamos de Deus, existindo devagarinho em cada coisa. Existe sim.

Aconteceu uma coisa linda: ganhei um sobrinho. É o primeiro, filho da minha irmã mais nova, Cláudia. Chama-se Rodrigo. Estranho: a noite antes dele nascer (dia 16 de setembro, sou do dia 12), sonhei que eu dava a ela uma pequena rosa vermelha. Ela guardava com cuidado num copo com água. Bem, fiz o mapa dele ontem e é praticamente igual ao meu. Virgem ascendente Escorpião com Lua em Capricórnio, com Vênus em Leão, no Meio-do-Céu, vários planetas em Casa XII. Tem diferenças, claro. Mas é fantasticamente parecido. Assim como se fosse uma continuação carmática minha? O mapa dele é mais leve: ao invés, por exemplo, da quadratura Vênus/Marte que eu tenho, ele tem a conjunção. Ao invés da conjunção Mercúrio/Netuno que eu tenho, ele tem a quadratura.

Ainda não o conheço. Estou à espera de umas granas (as batallas financeiras, sempre – não trabalho mais, vivo de biscates culturais, vai dando, reduzi tudo ao mínimo indispensável, luxo só discos e muito vezenquandamente, livros, sobretudo astrologia, caros, porque importados) para ir. Também porque aconteceu outra coisa que, como Deus, eu pensava que não existia. Imagino que isso que chamamos de *amor*. Algu assim. Porque tudo que vivi e senti antes me parece agora bobagem, brincadeira. Ele chama-se I. Touro, Ascendente Capricórnio, Lua em Leão. É ator, também poeta. Tem uns olhos que mudam de cor e um jeito inteiramente

sábio. Quieto, fundo. E leve. Tão difícil estar longe. Primeiros dias, pirei um pouco. Ele pirou lá, ficamos ambos doentes, à distância. Não pode vir agora, só no fim de outubro, tem contrato para terminar um espetáculo.

Eu pensava que não existia. À beira dos 35 anos, eu estava certo que não existia. Ou que, se existia, não era para mim. Meus trânsitos, minhas premonições anunciavam. Como se eu me preparasse, tão nítido. Tudo que escrevi nos últimos tempos – o *Triângulo das águas* inteiro – anunciava. O trecho final de *Pela noite*, a última das três novelas do *Triângulo* (águas porque é uma de Peixes, outra de Câncer, outra de Escorpião; mar, chuva, rio; Iemanjá, Iansã, Oxum; água: a emoção mais funda, a paixão – mas nada disso aparece no texto), é inteiramente premonitório.

Vou me iniciando, sem me espantar mais. Bruxíssimo. Às vezes perco os poderes. A ausência de I. me desvitaliza muito. Questão de tempo. Necessário aprender a paciência. Me passa à cabeça o título do livro de Barry Stevens, um provérbio zen, uma velhinha que virou terapeuta gestalista espontânea: *Não apresse o rio, ele corre sozinho*. Isso.

Pena não poder falar melhor contigo após *Chiquinha*. Eu estava muito cansado depois de três [dias] de São Paulo, vindo da tranqüilidade do Menino Deus, em Porto Alegre, ou de dias em Alegrete, no pampa, terra de Mário Quintana, ou Gramado. Ao mesmo tempo, não era ali, não era daquele jeito. Mas você estava linda. Gostei imensamente do texto, embora o prefira quando fica mais íntimo – como naquele diálogo de *Chiquinha* com a filha baixo-astral, quase no fim. Faria “reparos” (*reparo* é muito bom, superSábado) aos figurinos (odiei as botinhas cinza com fecho ecler e os *colants de lycra*), à jovem Regina e ao Caça & Pesca, como diria o Vicente Adorno. Mas todo o *Chiquinha* me deixou foi com saudade daquela noite em Cingapura, cadê? E Tessy Marinho? Continuo achando que Iara Amaral faria magnificamente.

Quase meio-dia. Preciso trabalhar, tenho que entregar até o dia 30 o roteiro para cinema (um longa 35 mm) de *Aqueles dois*, conto dos *Morangos* – contrato assinado e tudo. Hoje à noite vou assistir a um ensaio de *Morangos mofados*, eles adaptaram alguns textos, estréia em outubro ou começo de novembro, no Cacilda Becker: as tuas *Fotografias* são das melhores coisas, vou ajudar na trilha sonora, pensamos numa trilha de boleros para Gladys.



Me escreve assim que puderes. Dê um abraço no Murilo e nos gúris. Fica bem, fica em paz. Te quero um bem enorme. Gal começa a cantar *Lily Braun* ao fundo, acabo sempre rindo e dançando um pouco. Muito carinho.

Um beijo grande do seu velho

Caio Fernando (o primo careta de Cristiane)

P.S.:

Você já deu uma conferida na série *Canopus em Argos: arquivos*, de Doris Lessing? Tá tudo lá.²⁵³

(De Caio Fernando Abreu para Luiz Arthur Nunes)

Sampa, 20 de julho de 1984.

Luizar, querido,

Tua carta me deixou meio confuso – você não recebeu uma que mandei há mais ou menos um mês, CHEIA de notícias? Pelo visto, não. Tô aqui, de volta, faz uns três meses. Sampa é carma gostoso, vezenquando *heavy karma* (não é um bom nome para um grupo *after-punk*, com a influência *hare-krishna*?). Mas adorei e vai-se levando. Tô numa casa de quatro quartos, sozinho, e portanto inteiramente às ordens quando você vier, por curto ou longo tempo. Trabalho, trabalho & trabalho: mal dá para o aluguel, o telefone, umas comidinhas – pouco mais. Roupas? Nem pensar. É a tal crise. O Brasil semimorto, confusão generalizada e um travesti, Roberta Close, eleito como máximo símbolo sexual do país. Não é *funny*? *C'est pas un pays serieux*, não é?

(...) Sinto sua falta e gostaria imensamente de voltar a trabalhar com você, podemos agitar isso na sua volta – tenho sempre

²⁵³ In: MORICONI, Ítalo (org.). *Op. cit.*, pp. 65-69. Intervenção da publicação original.

na cabeça o *Carmilla* (ou Millarca, ou Mircalla). *Ôtra côsa*: Suzana, *la* exuberante Saldaña, me pede que eu re-curta o *Sarcou* para que seja montada no Rio (contatou uns diretores, entre eles Domingos Oliveira e Wolf Maya). Eu ainda não tive tempo de mexer no texto (estou mergulhado numa tradução de – paixão – John Fante, *Dreams from Bunker Hill*; na revisão de *O ovo apunhalado* – sairá uma nova, chiquíssima, aguarde; num roteiro para La Duarte – tudo com prazo), mas penso em manter o melodrama, mexer na primeira cena, manter os bonecos chineses, enfim, ainda não sei ao certo. Como é um trabalho que fizemos, eu e você, juntos, e para que não aconteçam rolos *cadianos* posteriores, acho que seria necessário, antes de mais nada, uma autorização sua. Pense nisso e veja se você tá a fim – o crédito de autores seria nosso, claro. Luizar, andei tão china, trepei como nunca na vida, de ficar ardido. Não sei ao certo o que aconteceu, me encostaram umas frangas fortes. Agora tô mais calmo. Ando louco de vontade de escrever minhas próprias *côsas*, e não tenho tempo – é batalha demais. Tão rolando *côsas* legais, e eu suponho que breve até me sobrem umas granas quem sabe para passar um mês em Nova York no final do ano. Preciso muito. Tá fazendo dez anos que voltei, é Brasil demais na cabeça de qualquer um. Às vezes me sufoco. Tive que parar com a dança, não tenho \$\$\$\$. Ninguém tem \$\$\$\$. Você vai fazendo exercícios franciscanos exaustivos, reduzindo tudo ao mínimo essencial, e o resultado, claro, numa sociedade ca-pi-ta-lis-ta, é pura falta de prazer. Como anda a história da AIDS por aí? Aqui acalmou, mas correm uns horrores vezenquando, há duas semanas foi um amigo-de-um-amigo, quer dizer, foi-se. Vezenquando faço fantasias paranóica-depressivas, andei promiscuo demais. Ah que ânsia de pureza, e meeeeeeeedo da marca de Caim. Ontem fui ver o *Ensaio de orquestra*, de Fellini, e voltei encantado, o filme podia ter uma epígrafe de Caetano: “Como é bom poder tocar um instrumento.” Não é? Venha, venha & venha. Tento te introduzir nos meios televisivos, mas por enquanto o que vi é abobrinha pura – as histórias de John Fante escrevendo roteiros em Hollywood perdem. Bobajol. Vale talvez pela grana. Mas é uma *côsa* procê usar e cair fora. Hoje à noite vou ver show de Nara Leão cantando só bossa nova, depois tenho um jantar com uma produtora da TV Cultura, Paula Dip, (...) um programa semanal



sobre literatura, ela precisando de um assessor. Mas tudo neste país rola demais nas coxas, não há *penetração*, entende? Como diz John Fante: “*Please God, please Knut Hamsun, don’t desert me now.*” Estou apaixonado por ele. Dos americanos, é a coisa mais apaixonante que li desde Salinger (imbatível). Procure *Ask the dust*, e preste atenção nos sapatos de Camila. Manhã de sexta-feira, meio-dia em ponto, pela janela aquele céu semi-azul de Sampa e uma enorme rosa cor-de-rosa brotada ontem. Tenho que sair, pagar a conta telefônica, ir ao correio, depois me *vuelvo* para trabalhar. Sei que Paulo Renato está no Rio, só não sei como achá-lo, e fico à espera que ele me ache. Lamentei não ter visto Rosinha Marcovici, mas adorei cruzar Clarissa (como ela é linda, tchê: é uma *petite* Gretá Garbô, não?). Beije Guto por mim, e diga a ele para ter cuidado com AIDS e overdose – são meus maiores meeeeeeeedos (esse tipo de medo – gravíssimo – você só consegue tapando o nariz com o polegar-e-o-indicador). Graça, *la* Medeiros, diz que vai até aí em setembro. Me espanto com a facilidade com que as pessoas conseguem dólares. Não tenho, definitivamente, a menor capacidade para tal coisa. Mas me dá notícias, cuide-se bem. Beijo grande & *mucho cariño* do

Caio Fernando (the Cristiane’s brother)

P.S.:

Toque bem alto e forte seu instrumento.²⁵⁴

²⁵⁴ *Idem*, pp. 88-90.

Agradecimentos

Este livro não poderia existir sem a generosidade de autores, herdeiros e editoras que graciosamente nos cederam os direitos para a publicação das cartas que o compõem. Infelizmente, não foi possível que todos os detentores de direitos autorais permitissem a publicação das cartas. Aos primeiros, nossos mais sinceros agradecimentos.

Algumas instituições, pela qualidade do seu acervo, foram fundamentais para a realização da pesquisa que coletou material para a organização deste livro: Academia Brasileira de Letras, Biblioteca Euclides da Cunha, Biblioteca Nacional e Fundação Casa de Rui Barbosa. No dia-a-dia da pesquisa, foi o trabalho dos funcionários destas e de outras instituições que concretizaram o apoio por nós solicitado. A alguns destes devemos um reconhecimento especial pela presteza e paciência, superando muitas vezes o simples cumprimento de seus deveres: André Saman, Luís Antônio de Souza (Academia Brasileira de Letras) e Patrícia (Biblioteca Euclides da Cunha).

Este livro foi produzido pela Bom Texto Editora na primavera de 2004. Foram utilizadas as tipologias Futura e Caslon 224.

Impresso em São Paulo pela Lis Gráfica em papel pólen soft 80 g/m², da Suzano Papel.